

**MARANHÃO, PROVÍNCIA TRADUTORA:  
livros e tradutores em São Luís do séc. XIX**

**Roberto Sousa Carvalho**

**Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses:  
especialidade em História do Livro e Crítica Textual**

**Abril, 2021**



Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Estudos Portugueses, especialidade em História do Livro e Crítica Textual, realizada sob a orientação científica do Doutor João Luís da Costa Campos Vieira Lisboa.

(Versão final corrigida)

Apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), solicitação: BD-07821/17, Edital nº 046/2017 – Doutorado no País e no Exterior.



*Aos meus filhos, Mariana e Miguel,  
presentes que «abrandam» meu coração.*



## AGRADECIMENTOS

Ao Doutor João Luís Lisboa, meu orientador, que me acolheu com a atenção e a sabedoria de legítimo *scholar*, desde que cruzei, pela primeira vez, os umbrais da Universidade Nova de Lisboa. Nossos encontros de orientação e no grupo de pesquisa «Leitura e formas de escrita», assim como nossas conversas nos cafés, são momentos em que se mistura a satisfação do convívio com a excelência da partilha do conhecimento.

Ao Doutor Silvano Bezerra, professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), amigo de longas datas, parceiro em várias edições e investigações, que, ainda em São Luís, acreditou em meu projeto de doutoramento e me fez enxergar o material precioso que tinha em mãos. Meu grande amigo, grato pelas suas atenciosas revisões e sugestões.

À Doutora Valéria Augusti, professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), pelos arquivos digitais dos frontispícios de alguns títulos traduzidos por maranhenses, constantes no acervo da Biblioteca Fran Paxeco (Grêmio Literário Português), sediada na capital paraense.

Ao Doutor Natalino Salgado Filho, pelo convívio alegre, inteligente e enriquecedor, assim como pelo apoio constante às labutas.

À Carolina de Fátima Sopas Rocha, que, gentilmente, traduziu o Resumo.

Ao Museu Imperial (de Petrópolis), pela digitalização dos manuscritos da *Iliada*, de Homero, traduzida por Odorico Mendes.

Às bibliotecas nacionais de Portugal e do Brasil, ao Teatro Nacional d. Maria II e o Museu Nacional do Teatro e da Dança, em Lisboa, por permitirem o acesso a obras essenciais ao desenvolvimento de minhas investigações.

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA), por acolher o meu pedido de doutoramento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), pela concessão de bolsa, que me permitiu estudar, percorrer instituições e produzir textos, durante essa longa e árdua jornada. Sem o apoio da FAPEMA, seria difícil concluir o doutoramento.



*Il n'y a pas de plus éminent service à rendre à la littérature, que de transporter d'une langue à l'autre les chefs-d'œuvre de l'esprit humain (Staël, 1821, p. 387).*



# **MARANHÃO, PROVÍNCIA TRADUTORA: LIVROS E TRADUTORES EM SÃO LUÍS DO SÉC. XIX**

**ROBERTO SOUSA CARVALHO**

## **RESUMO**

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradutores maranhenses; tradução no Maranhão do século XIX; história das mentalidades; história do livro.

A significativa quantidade de obras estrangeiras convertidas para a língua portuguesa em circulação na capital do Maranhão, no séc. XIX, indica que a tradução era uma área destacada em meio às práticas editoriais. A atividade especializada da tradução sinaliza, também, para a existência de uma arena em que se articulavam diversas forças culturais e políticas em função de um projeto de construção e celebração de valores nacionais. Entre as atividades a sinalizar que o país alcançara razoável avanço civilizacional, porque demonstrava inventividade e sofisticação intelectual, figura, certamente, a tradução de livros europeus e sua publicação. No Maranhão, a produção de títulos traduzidos destacou-se, rivalizando apenas com o que apresentou o Rio de Janeiro nesse período. O trabalho de tradução, encarado, no âmbito desta tese, como resultante de uma orientação de caráter grupal – mais ou menos aos moldes de um movimento organizado – tamanha a quantidade de especialistas que labutaram nesta seara, será flagrado sob as coordenadas das mentalidades. Duas frentes de ideias foram responsáveis para que os tradutores maranhenses se lançassem a essa empresa – traduzir obras estrangeiras e veiculá-las em São Luís: as decorrentes do movimento iluminista e as advindas do romantismo brasileiro. Esses ideários fundiram-se, com inesperado vigor, em solo maranhense, porque assentados em claras preocupações formativo-civilizatórias, em um país que trazia os rescaldos da herança colonial e ensaiava os primeiros passos de sua autonomia política. 45 tradutores foram identificados. Entretanto, apenas três são conhecidos nessa seara: Odorico Mendes, Gonçalves Dias e Artur Azevedo. São muitos os hiatos referentes a esta importante esfera da vida intelectual da Província – abertos pela falta de estudos literários e, principalmente, de história do livro. Esta investigação, portanto, traça um panorama da vitalidade deste domínio específico da atividade intelectual e da vida editorial ludovicenses, na segunda metade da centúria oitocentista, na intenção de restituir a seu devido lugar o papel civilizador que o trabalho de tradução desempenhou naquele quadrante de sua história.



**MARANHÃO, TRANSLATOR PROVINCE:  
BOOKS AND TRANSLATORS IN 19<sup>th</sup> CENTURY'S SÃO LUÍS**

**ROBERTO SOUSA CARVALHO**

**ABSTRACT**

**KEYWORDS:** Translators from Maranhão; translation in 19<sup>th</sup> century's Maranhão; history of mentalities; history of books.

The significant amount of foreign works converted to the Portuguese language in distribution in Maranhão's capital in the 19<sup>th</sup> century indicates that translation was a highlighted area in editing practices. The specialized activity of translating signals to the existence of a circle in which various cultural and political forces were articulated to serve a project of construction and celebration of national values. In between the activities to signal the country had reached reasonable civilizational advances because of its demonstrations of inventiveness and intellectual sophistication, it certainly features the translation of European books and its publication. In Maranhão the production of translated titles stood out, competing only with the Rio de Janeiro production in the period. The translation labor featured in this thesis as a result of a group guidance – somewhat to the molds of an organized movement –, such the quantity of specialists that toiled in this field, will be spotted under the coordinates of the mentalities. Two fronts of ideas were responsible so that maranhenses translators launched to this company – to translate foreign works and serve them to São Luís: the ones due to the illuminist movement and the ones coming from the Brazilian romanticism. These ideas merged with unexpected force on the territory of Maranhão because of the clear formative-civilizing worries in a country still full of its colonial inheritance and rehearsing its first steps to political autonomy. Forty-five translators were identified. However, only three of them are known to this area: Odorico Mendes, Gonçalves Dias, and Artur Azevedo. The gaps referring to this important sphere of intellectual life in the province are many – opened by the lack of literary and mainly history of the book studies. This investigation, therefore, traces a panorama of the vitality of this specific domain of intellectual activities and editorial life in São Luís on the second half of the XIX century, intending to refund to the translation labor its proper place in the civilizing role it performed in that quadrant of history.



# ÍNDICE

ÍNDICE DE ANEXOS .....	iii
ÍNDICE DE QUADROS .....	v
ÍNDICE DE FIGURAS .....	vii
SIGLAS E ABREVIATURAS .....	xi
INTRODUZINDO O OBJETO .....	1
Estado da arte .....	7
Questão central e derivadas da investigação .....	10
Objetivos .....	12
<i>Geral</i> .....	12
<i>Específicos</i> .....	12
Justificativa .....	13
Hipóteses .....	14
Coordenadas metodológicas .....	15
Organização da tese .....	19
1 O PROSCÊNIO DAS MENTALIDADES .....	25
1.1 Os livros se espalham .....	30
2 CENÁRIO HISTÓRICO, ECONÔMICO E CULTURAL MARANHENSE: «PANO DE FUNDO» PARA OS TRADUTORES .....	41
2.1 Epítome histórica e econômica do Maranhão .....	41
2.2 Aspectos culturais da Ilha de São Luís .....	45
2.3 Incipiente formação escolar .....	50
2.4 Os espaços de leitura .....	54
2.5 As sociedades literárias .....	58
3 A IMPRENSA, ENFIM, CHEGA AO MARANHÃO .....	61
3.1 A Colônia se agita .....	61
3.2 Dificuldades técnicas e bloqueios ideológicos à produção do livro .....	71
3.2.1 <i>Dificuldades técnicas</i> .....	71
3.2.2 <i>Bloqueios ideológicos à produção do livro</i> .....	73
3.3 Mercadores de conhecimento: venda e circulação de livros no Maranhão oitocentista .....	79
4 OFÍCIOS DE TRADUTOR .....	97
4.1 Manuel Odorico Mendes .....	105
4.2 António Rego .....	116

4.3 António Gonçalves Dias .....	121
4.4 José Ricardo Jauffret .....	126
4.5 António Henriques Leal .....	128
4.6 Artur Azevedo .....	133
<b>5 TRADUÇÕES E SEUS TRADUTORES.....</b>	<b>139</b>
5.1 Abriram-se as cortinas aos modismos literários franceses .....	140
5.2 Títulos franceses dominam o território de obras traduzidas.....	177
5.3 A «Bibliotheca Dramatica» de António Rego .....	182
5.3.1 <i>As peças</i> .....	184
5.3.2 <i>Fecham-se as cortinas</i> .....	189
5.4 ‘Um maranhense em França’: a influência romanesca e a conversão <i>sui generis</i> do episódio do Adamastor, de <i>Os Lusíadas</i> , na Ilha de São Luís .....	191
5.4.1 <i>O Gigante Adamastor: algumas aparições em língua francesa</i> .....	192
5.4.2 <i>Ressonância da atividade de José Jauffret</i> .....	197
5.4.3 <i>Declínio de um ciclo</i> .....	198
<b>6 QUEM, AFINAL, É O TRADUTOR? O PESO DO ANONIMATO.....</b>	<b>201</b>
6.1 Os tradutores incógnitos também se inclinam à literatura francesa .....	217
6.2 Hugolatria luso-brasileira: traduções de <i>Os Miseráveis</i> em terras d’Aquém e d’Além-mar.....	219
6.2.1 <i>Os Miseráveis, um romance «colossal»</i> .....	219
6.2.2 <i>O autor e o seu magnum opus</i> .....	223
6.2.3 <i>Traços biográficos dos tradutores</i> .....	230
6.2.4 <i>A edição francesa e as traduções</i> .....	239
6.2.5 <i>Síntese das obras e um breve aparato crítico</i> .....	258
6.2.6 <i>Os Miseráveis, uma obra imperecível</i> .....	260
<b>7 PEÇAS NO TABULEIRO DE AFIRMAÇÃO DE UMA MENTALIDADE.....</b>	<b>263</b>
7.2 Os tradutores maranhenses: entre a lucidez e as fantasias cognitivas.....	277
<b>NAVEGAR É PRECISO; CONCLUIR A VIAGEM TAMBÉM .....</b>	<b>289</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>297</b>
<i>Periódicos examinados</i> .....	309
<i>Sites consultados</i> .....	311
<b>ANEXOS .....</b>	<b>313</b>

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1:	Requerimento do impressor Francisco António da Silva ao rei D. João VI, solicitando passaporte para se deslocar ao Maranhão .....	315
ANEXO 2:	Requerimento do compositor de letras Francisco José Nunes Corte Real ao rei D. João VI, solicitando passaporte para se deslocar ao Maranhão .....	317
ANEXO 3:	Ofício do governador e capitão-general do Maranhão, Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Joaquim José Monteiro Torres, sobre ser útil a criação de uma imprensa e tipografia no Maranhão .....	319
ANEXO 4:	Portaria n.º 384, de 31 de Outubro de 1821 .....	320
ANEXO 5:	Portaria n.º 405, de 13 de Novembro de 1821.....	321
ANEXO 6:	Jornais maranhenses catalogados por José Ribeiro do Amaral (1821-1899) .....	322
ANEXO 7:	Estudantes maranhenses na Universidade de Coimbra (1726-1898) .....	335
ANEXO 8:	Requerimento de Manuel Odorico Mendes ao rei D. João VI, solicitando passaporte para se deslocar ao Maranhão .....	353
ANEXO 9:	Carta de António Ribeiro Saraiva publicada na tradução da Iliada de Homero em verso português (1874, pp. XXXII-XXXVII).....	355
ANEXO 10:	Anúncios de encenação de peças traduzidas por maranhenses em teatros do Rio de Janeiro e de São Luís do Maranhão .....	359
ANEXO 11:	<i>Florilegio Camoniano</i> (1888, vol. IV) – Frontispício, abertura, «Advertencia» e «Episódio de Adamastor», por José Ricardo Jauffret (pp. 15-21) .....	367



## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1:	Ensino Primário no Maranhão (1857-1870) .....	53
QUADRO 2:	Ensino Secundário no Maranhão (1857-1870) .....	54
QUADRO 3:	Início das ocupações em áreas coloniais nas Américas Espanhola, Inglesa e Portuguesa e a data da introdução da imprensa .....	64
QUADRO 4:	Relação de tradutores maranhenses: formação, instituição e ocupação .....	99
QUADRO 5:	Relação de tradutores residentes no Maranhão: formação, instituição e ocupação ....	103
QUADRO 6:	Relação de tradutores não-maranhenses, residentes em outras partes: formação, instituição e ocupação .....	104
QUADRO 7:	Tradutores maranhenses distribuídos por instituição de ensino superior .....	104
QUADRO 8:	Tradutores maranhenses e respectivas traduções.....	146
QUADRO 9:	Tradutores residentes no Maranhão.....	175
QUADRO 10:	Tradutores não-maranhenses e não-residentes na Província.....	176
QUADRO 11:	Traduções classificadas por idioma .....	178
QUADRO 12:	Traduções por praça (composta, impressa ou encenada) .....	178
QUADRO 13:	Traduções por década (composta, impressa, encenada).....	180
QUADRO 14:	Traduções por gênero.....	180
QUADRO 15:	Traduções que contêm sinal ou vestígio do tradutor.....	208
QUADRO 16:	Traduções sem qualquer vestígio de autoria da tradução .....	214
QUADRO 17:	Traduções classificadas por idioma .....	218
QUADRO 18:	Traduções por década (composta, impressa, encenada).....	218
QUADRO 19:	Traduções por gênero.....	218
QUADRO 20:	Quantidade de exemplares das edições originais em francês de <i>Os Miseráveis</i> e das traduções em outros idiomas.....	225



## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: Escravos transportam aristocrata em uma padiola pelas ruas de São Luís .....	44
FIGURA 2: Propaganda da «Chapellaria Allemã dos irmãos Bluhm» .....	48
FIGURA 3: <i>Columbian</i> , primeiro equipamento tipográfico em terras maranhenses .....	66
FIGURA 4: O tipógrafo Belarmino de Mattos .....	67
FIGURA 5: O tipógrafo J. M. C. de Frias .....	67
FIGURA 6: Texto em que se percebe improvisos nas acentuações e o «ç» dá lugar ao número 5 invertido e de cabeça para baixo .....	72
FIGURA 7: Anúncio da tradução feita por Felipe Correia (1864), em que ainda se vê o número 5 invertido e de cabeça para baixo ocupando o lugar do «ç» .....	73
FIGURA 8: Frontispício das <i>Cartas a Lamartine. O mundo marcha</i> .....	77
FIGURA 9: Frontispício de <i>O mundo marcha: refutação á E. Pelletan</i> .....	77
FIGURA 10: Primeiro anúncio de venda de livros encontrado em jornal local .....	81
FIGURA 11: Venda de livros na «Typographia Nacional Maranhense» e na botica de Daniel Joaquim Ribeiro.....	82
FIGURA 12: Venda do primeiro livro traduzido e impresso no Maranhão.....	82
FIGURA 13: Aviso de venda de livros em uma loja particular e na loja do <i>Conciliador</i> (segunda tradução impressa em terras maranhenses) .....	82
FIGURA 14: Frontispício de <i>Os últimos adeoses do Epaminondas americano</i> ao despotismo e anúncio de venda do livro em uma botica e em uma loja particular .....	83
FIGURA 15: Venda de livro na «Typographia Liberal».....	84
FIGURA 16: Aviso de publicação do <i>Sortilegio astrologico-nigromantico-physiologico</i> , escrito pelo padre José António da Cruz Ferreira Tezinho .....	84
FIGURAS 17 e 18: Anúncios de vendas na loja de livros de José António Gonçalves de Magalhães.....	85
FIGURA 19: Primeiro anúncio de venda de livros de Francisco Fructuoso Ferreira .....	86
FIGURA 20: Mercadores e lojas de livros na década de 1850 .....	87
FIGURA 21: Anúncio da Livraria de Monteiro & Irmão .....	88
FIGURA 22: Propaganda da Livraria do Frias .....	88
FIGURA 23: Divulgação de publicações da Typ. do Frias, com destaque para <i>O livro do povo</i> .....	90
FIGURA 24: Anúncio de venda do livro <i>Simão de Nantua</i> , pela Livraria Universal .....	91
FIGURA 25: Anúncio da Livraria Popular de Magalhães & C. <sup>a</sup> .....	92
FIGURA 26: Publicidades da «Livraria Universal», de António Pereira Ramos d’Almeida e da «Livraria Popular», de Magalhães e C. <sup>a</sup> .....	93

FIGURA 27: Anúncio da «Livraria Economica», de Gonçalves & Pinto .....	94
FIGURA 28: Anúncio da livraria de João d’Aguiar Almeida & C. ....	94
FIGURA 29: Publicidade da livraria de Corrêa Rodrigues & C. <sup>a</sup> .....	95
FIGURA 30: Propaganda da Livraria Popular de Luiz Magalhães & C. <sup>a</sup> .....	95
FIGURA 31: Praça Odorico Mendes, Centro de São Luís .....	98
FIGURA 32: O tradutor Manuel Odorico Mendes.....	106
FIGURA 33: Frontispício da primeira edição da <i>Eneida brasileira</i> (1854).....	111
FIGURA 34: À esquerda, o comandante Magalhães de Almeida, ao lado do túmulo de Manuel Odorico Mendes, no cemitério de <i>Kensal Green</i> .....	114
FIGURA 35: Anúncio de venda do opúsculo <i>Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora</i> .....	120
FIGURA 36: O poeta maranhense Ant3nio Gonalves Dias.....	122
FIGURA 37: Ant3nio Henriques leal .....	128
FIGURA 38: O teatr3logo Artur Azevedo .....	134
FIGURA 39: Rampa de desembarque, S3o Lu3s.....	138
FIGURA 40: Maranh3o, <i>Place du Palais e entr3e du port</i> .....	141
FIGURA 41: In3cio da publica3o de <i>Quitanga 3 meia-noite</i> (p. 1 e 4), em <i>O Progresso</i> .....	142
FIGURA 42: In3cio da publica3o de <i>Quitanga 3 meia-noite</i> (p. 2 e 3), em <i>O Progresso</i> .....	143
FIGURA 43: Torre da Catedral da Notre-Dame de Paris .....	177
FIGURA 44: Mapa das tradu3es por praa (composta, impressa ou encenada) .....	179
FIGURA 45: Publicidade de <i>Os orph3os da Ponte de Nossa Senhora</i> , primeiro n3mero da «Bibliotheca Dramatica» .....	185
FIGURA 46: Propaganda da «Bibliotheca Dramatica» .....	187
FIGURA 47: Frontisp3cios e p3ginas iniciais de peas que comp3em a «Bibliotheca Dramatica».....	188
FIGURA 48: Gigante Adamastor .....	193
FIGURA 49: P3gina de abertura do «Episode d’Adamastor», convertido por Jauffret.....	194
FIGURA 50: Trecho do «Episode d’Adamastor», convertido por Fournier e Desaulles .....	195
FIGURA 51: Trechos – original e traduzido – do «Episode d’Adamastor», convertido por Escodeca de Boisse.....	196
FIGURA 52: Avenida Maranhense, S3o Lu3s .....	200
FIGURAS 53 e 54: Frontisp3cios de duas obras integrantes da «Bibliotheca Litteraria» .....	207
FIGURA 55: Folha de rosto de <i>O pr3ncipe C3o d’Agua</i> .....	212
FIGURA 56: In3cio da publica3o de <i>Os infortunios de um inglez</i> , em <i>O Progresso</i> .....	213

FIGURA 57: O escritor e político Victor Hugo .....	220
FIGURA 58: Funeral de Victor Hugo .....	224
FIGURA 59: Folha de rosto da edição francesa de <i>Os Miseráveis</i> , 1862.....	234
FIGURA 60: Folha de rosto da edição de Lisboa de <i>Os Miseráveis</i> , 1862 .....	235
FIGURA 61: Folha de rosto da edição do Porto de <i>Os Miseráveis</i> , 1862 .....	236
FIGURA 62: Folha de rosto da edição de maranhense de <i>Os Miseráveis</i> , vol. I, 1862.....	237
FIGURA 63: Folha de rosto da edição de maranhense de <i>Os Miseráveis</i> , vol. II, 1862.....	238
FIGURAS 64 e 65: Frontispícios das obras <i>Merope</i> e <i>Tancredo</i> , traduzidas por Odorico Mendes.....	265
FIGURA 66: Anúncio da impressão do <i>Virgílio brasileiro</i> .....	266
FIGURAS 67 e 68: Anúncios de venda do <i>Virgílio brasileiro</i> , no Rio de Janeiro .....	267
FIGURA 69: Anúncio de publicação e venda d' <i>O livro do povo</i> , no Maranhão .....	268
FIGURA 70: Divulgação de venda d' <i>O livro do povo</i> , na Paraíba.....	269
FIGURA 71: Anúncio de venda d' <i>O livro do povo</i> , em Pernambuco .....	271
FIGURA 72: Anúncio de venda d' <i>O livro do povo</i> na Província de São Paulo.....	271
FIGURA 73: Divulgação de venda d' <i>O livro do povo</i> , em Minas Gerais.....	272
FIGURA 74: Divulgação de venda de <i>Joãosinho</i> , em Recife .....	273
FIGURA 75: Folha de rosto da 2ª edição de <i>O Partido Liberal</i> , de Laboulaye.....	275



## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

AML – Academia Maranhense de Letras

BN – Biblioteca Nacional do Brasil

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

BPBL – Biblioteca Pública Benedito Leite

G – Gênero

IEL – Instituto de Estudos da Linguagem

MNTD – Museu Nacional do Teatro e da Dança

Pe – Poesia épica

Pf – Prosa de ficção

Pl – Poesia lírica

Pn – Prosa de não-ficção

T – Teatro

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

Maragnon, por Frans Post, 1647.  
Fonte: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>



## INTRODUZINDO O OBJETO

Avec le progrès croissant de la civilisation et l'étendue qu'ont prise nos connaissances, il s'est établi un tel lien de fraternité entre les nations, qu'il n'y a plus personne qui puisse se contenter de la littérature de son propre pays, et qui, en franchissant les limites physiques du lieu qui l'a vu naître, ne s'efforce de cueillir dans d'autres climats et sous d'autres cieux, ces fleurs et ces fruits de l'arbre de la science que l'esprit humain a parsemés partout sur la terre comme traces de son origine divine (Souza, 1859, p. VII).

A epígrafe, extraída do prefácio da *Anthologie universelle choix des meilleures poésies lyriques de diverses nations dans les langues originales*, obra coligida e anotada por Joaquim Gomes de Souza<sup>1</sup>, manifesta juízos convergentes entre intelectuais do recém-criado Estado brasileiro sobre a necessidade de transpassar as limitações do meio, para permitir o acesso a literaturas estrangeiras.

O trecho reflete, com fidelidade, o espírito que prevaleceu, em meados do oitocentos brasileiro, nos meios cultos da pequena e agitada capital dos ludovicenses. São Luís do Maranhão viu surgir e tomar corpo uma série de atividades de natureza artística e intelectual que iriam destacá-la no cenário nacional. E entre tais manifestações uma guarda especial distinção: a considerável quantidade de obras que foram traduzidas por eruditos maranhenses e publicadas naquela quadra de nossa história.

É esse o tempo em que a cidade passa a ser nominada de *Atenas Brasileira*<sup>2</sup>. O honroso epíteto deveu-se ao número e à qualidade de escritores lá reunidos em um mesmo

---

<sup>1</sup> Joaquim Gomes de Souza (\* Itapecuru-Mirim, Maranhão, 15 Fev. 1829 – † Londres, 1º Jun. 1863) formou-se em Ciências Matemáticas e Físicas, no Rio de Janeiro, e em Medicina, na capital francesa. Em língua estrangeira, além da *Anthologie universelle* (1859), ele produziu: (1857). *Recueil de Memoires d'Analyse Mathematiques*; e (1882). *Mélanges de calcul intégral* (Ouvrage posthume, augmenté d'un mémoire de l'auteur sur le son et d'un avant-propos par M. Charles Henry), todas publicadas pela F. A. Brockhaus, de Leipzig.

<sup>2</sup> Ainda são imprecisas a origem e a data em que a denominação passou a ser utilizada. Sabe-se, porém, que desde há muito tempo sempre que se empregou o termo *Atenas*, como referência para alguma localidade ou instituição, pretendeu-se nobilitá-la, por óbvios vínculos com a respeitável herança helênica, para obtenção de distinção social e de relevância cultural. Em uma rápida inspeção nos jornais brasileiros do oitocentos, verificaremos que aparecem o qualificativo *Atenas Brasileira* para outras cidades/províncias. Este é o caso, por exemplo, de São Paulo e da Bahia. Ao que se percebe, o título é uma referência genérica, emprestado a algumas localidades por alusão aos intelectuais e às suas produções, assim como por que sediaram instituições científicas-educacionais de destaque. A menção mais antiga sobre *Atenas Brasileira* vem de São Paulo, no periódico *O Acayaba*, seção «Chronica Academica»: «Abrirão-se de novo as portas do nosso Tabernaculo da Sciencia, ao sagrado recinto da Athenas Brasileira inda uma vez correrão pressurosos os filhos do Cruzeiro do Sul; para ahi d'onde os conhecimentos devem-se despenhar em catadupas de luz, procurarem uma centelha que lhes illumine a frente» (1853, p. 109). O jornal curitibano *Dezenove de Dezembro*, ao referenciar a cidade de São Paulo, noticia: «Tambem nos consta que se tracta de prover as cadeiras de philosophia, rhetórica, francez e inglez, e latim, do lyceu. Não sabemos porque nos alegrámos tanto com essa noticia! Parece-nos que esta

período, a exemplo de Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, João Lisboa, César Marques, Sousândrade, António Henriques Leal, todos com destacado papel na vida literária nacional. E muitos que integraram a plêiade de escritores maranhenses em meados do século XIX dedicaram-se ao trabalho de verter para o idioma pátrio peças literárias e dramáticas de autores estrangeiros, em especial aquelas obras que haviam alcançado notoriedade em outros países.

Fizeram parte desse cenário algumas dezenas de pensadores, como António Henriques Leal, António Rego, Artur Azevedo, Augusto Frederico Colin, Cândido Mendes de Almeida, César Marques, Gonçalves Dias, Gentil Braga, Joaquim Serra, José Ricardo Jauffret, Odorico Mendes, Pedro Nunes Leal, Raimundo Correia, Raimundo Teixeira Mendes, Roberto Augusto Colin e Sotero dos Reis. Alguns dedicaram-se mais ao trabalho de tradução que outros; há também os que verteram para o português apenas um título, ou, ainda, trechos e poemas para composição de obras individuais e coletivas. Diversas traduções feitas por maranhenses foram estampadas em outras praças: Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Cidade da Paraíba (hoje João Pessoa), Lisboa, Leipzig, Paris.

O tradutor maranhense mais festejado, em função da qualidade e criatividade de suas conversões linguísticas, foi, sem dúvida, Manuel Odorico Mendes, que verteu para o português os clássicos: *Merope* e *Tancredo*, de Voltaire, a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero; e as *Geórgicas*, as *Bucólicas* e a *Eneida*, de Virgílio.

---

capital, logo que tiver um estabelecimento científico em regra, avultará de modo, a tornar-se bem digna filha da Athenas brasileira, a encantadôra Paulicéa» (1856, p. 1). Da cidade de Santos, litoral paulista, A. P. S. informa: «Vierão-nos ultimamente ás mãos, remetidos de S. Paulo, essa Athenas brasileira, o n. 4º das «Memorias da Associação «Culto á Sciencia,» os ns. 1.º e 2.º dos «Exercicios Litterarios do Club Scientifico,» [...]» (1859, p. 10). Após bom número de leitores paulistas tentar obter exemplares de *Os Miseráveis*, o *Correio Paulistano*, divulga que «O grande numero de subscrições obtidas antes da publicação deste annuncio faz crer com justa razão que este appello será ouvido por toda a classe intelligente, e que a cidade de S. Paulo provará de novo que ella é verdadeiramente a Athenas Brasileira» (1862, p. 4).

Também a Província da Bahia recebeu tal qualificativo. Segue trecho da carta de José de Alencar, de 18 de Fevereiro de 1868, endereçada a Machado de Assis, em que escreve a respeito do poeta Castro Alves: «Nasceu na Bahia, a patria de tão bellos talentos: a Athenas brasileira que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros» (1868, p. 2). Da mesma Província, agora na revista *A Roseira*, vem esta passagem de autoria anônima: «Seria injuriar a Bahia, cujo mais honroso titulo é o nome de Athenas brasileira, acreditar que os membros de sua familia vivem na inacção moral, no entorpecimento intellectual, sem impulso no coração, sem ardores no espirito» (1868, p. 8). Do Sul do país, França Junior, na revista *Club Curitybano*, afirma que: «A Bahia gosa, com justas rasões, do titulo de Athenas Brasileira» (1891, p. 7).

Não obstante, o termo, com o passar do tempo, perde força nas demais províncias e ganha potência e fixa-se definitivamente como referência-mor da cidade de São Luís. Segundo Henrique Borralho, «[...] a expressão Athenas Brasileira aparece recorrentemente na segunda metade e mais vivamente em fins do século XIX. [...]» (2009, p. 31).

Ao lado de Odorico Mendes, há um grupo considerável de escritores que dedicaram boa parte de suas energias ao difícil trabalho de traduzir do francês, do inglês, do espanhol, do alemão, do grego e do latim, diferentes obras, em geral a soldo de casas editoriais.

Artur Azevedo, o maranhense mais prolífico desse período, «[...] foi um infatigável tradutor e adaptador de peças sobretudo francesas, que exerciam grande atração no público de então [...]» (Coutinho & Sousa, 2001, p. 297). Além de composições originais, ele traduziu mais de 80 obras. A habilidade na conversão idiomática revelou-se aos dezessete anos de idade<sup>3</sup>, quando, ainda em São Luís, redigindo o jornal *O Domingo*, traduziu a novela inglesa *A casa do diabo* (*The devil's house*), de Charles Brockden Brown<sup>4</sup>. Ele consagrou-se como dramaturgo, contista, poeta e jornalista, e deixou obras de diversos gêneros.

Mas não somente escritores da afastada Província do Maranhão, que conquistaram prestígio durante o Segundo Império brasileiro, empenharam-se em traduções e puseram seus nomes entre os mais habilidosos na difícil tarefa da conversão linguística. Alguns intelectuais, reconhecidos nos limites da Província, verteram para a língua pátria obras de teor diverso. Exemplo disso são as primeiras edições de obras traduzidas, na capital são-luisense, pela Typographia Nacional Maranhense, os opúsculos: *Tratado de moral para o genero humano, tirado da Philosophia*, de Jean Baptiste Claude Delisle de Sales, 1821 [tradução de Manuel Rodrigues de Oliveira<sup>5</sup>] (*O Conciliador do Maranhão*, n. 46, 19 de Dezembro de 1821, p. 5); *Modo de curar a diarrheia de sangue, para uso dos Lavradores, e mais pessoas, que vivem longe da Cidade*, de James Hall, 1822 [tradutor não identificado] (*O Conciliador do Maranhão*, n. 72, 20 de Março de 1822, p. 4).

<sup>3</sup> É possível que ele tenha iniciado antes dos dezessete, uma vez que sua primeira tradução encontrada estava em andamento no jornal *O Domingo*, dias depois do aniversário dele. Também é admissível que a tradução tenha sido executada a partir de uma versão francesa, em razão do predomínio exercido pela literatura francófila e da quase totalidade de títulos traduzidos por Artur Azevedo ter sido efetuada nesse idioma.

<sup>4</sup> Nos números seguintes, há outras traduções do dramaturgo maranhense. Artur Azevedo e seus colaboradores podem ter traduzido ainda outras obras, mas, lamentavelmente, não há como verificar, dado que, no acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL), faltam vários números do periódico: 1-23, 25-29 (1872); 13, 33, 42, 44, 46-48 (1873); e 1-4, 6, 8-10 (1874). Além dessa lacuna, não tenho como afirmar se o jornal continuou a ser impresso. O último exemplar constante no acervo é o de n. 11 (1874), que alude à continuidade das edições.

<sup>5</sup> Nascido em Portugal, naturalizou-se brasileiro, após a Independência. O dr. Tijuco, alcunha que ganhou na cidade, por ter aterrado um extenso lamaçal, formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, a 24 de Outubro de 1799. No Maranhão, exerceu «os cargos de commissario delegado do physico-mór e o de cirurgia-mór do reino» (Marques, 1870, p. 391). Chegou à Província, pelo que tudo indica, em Janeiro de 1806. Digo isso porque em «Requerimento» encaminhado ao príncipe regente d. João, datado de 11 de Novembro de 1805, solicita ajuda de custo para se deslocar ao Maranhão (AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 144, D. 10422). Em 18 de Janeiro de 1806, já em São Luís, o governador e capitão-general do Maranhão, D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, envia «Ofício» para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, João Rodrigues de Sá e Melo Souto Maior, visconde de Anadia, sobre Manuel Rodrigues de Oliveira exercer o lugar de médico do Hospital Militar da cidade de São Luís do Maranhão (AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 145, D. 10479).

Os eruditos maranhenses cuidaram de entregar ao público importantes obras que sacudiam o cenário literário europeu. Títulos de gêneros variados, principalmente teatral, poético e romanesco, circularam em língua portuguesa por diversas províncias. Mais de uma centena de peças teatrais foram traduzidas, destacando-se às de autores consagrados como Alexandre Dumas, Friedrich Schiller, Eugène Sue, Frédéric Soulié e Voltaire; poéticas, como as de Virgílio e as de Homero: e, por fim, as dos romancistas Victor Hugo, Victor de Féréal, Paul Féval, Alfred de Vigny, Alfred de Musset e Jules Sandeau. No espaço de cerca de meio século, mais de 300 títulos foram traduzidos, impressos e comercializados, dentro e fora do Maranhão. A venda de livros, de início, ocorreu em boticas e nas próprias tipografias que cuidavam da impressão e acabamento das obras. A atividade editorial ludovicense vivida nesse período só se equiparava, e, não raro, superava a do Rio de Janeiro, conforme assinala Hallewell (2005, p. 170):

[...]. Durante esses anos, São Luís foi não só o mais importante centro editorial das províncias, e o único de importância nacional, como também o lugar em que a qualidade do trabalho dos melhores impressores ultrapassava toda e qualquer realização da corte nessa época.

Nos cinquenta anos que marcam a intensa atividade editorial no Maranhão, a população de São Luís sofre aumento expressivo: em 1855, contavam-se 9.000 almas<sup>6</sup>; no censo de 1872 – o primeiro realizado no Brasil –, o número sobe para 24.578; e, na década de 1890, última do século, chega a 29.308<sup>7</sup>. Estes dados são bastante relevantes se considerarmos que o grande número de publicações vertidas para língua portuguesa, produzidos por maranhenses, tinha pela frente uma sociedade majoritariamente ágrafa. As condições educacionais do país, conforme revelado pelo censo de 1872, pode ser, sem exagero, classificado como antípoda à vida ilustrada. Os dados mostraram que «[...] entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais de 86% quando consideramos só as mulheres» (Fausto, 1995, p. 237).

Embora fosse gigantesco o fosso que separava a pequena comunidade de letrados da ampla massa de analfabetos, a cidade de São Luís viveu, em meados do século XIX, um período considerado áureo de agitação cultural, e que projetaria a Província do Maranhão na vida literária nacional. Ali, firmam-se as estacas de uma espécie de movimento que viria renovar

<sup>6</sup> Cf. o livro n. 1701, *Primeiro quaderno do recenseamento da população da cidade de S. Luiz do Maranhão*, 1855.

<sup>7</sup> Dado apurado no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>

práticas culturais não só regionais, como também nacionais, produzindo impulsos que seriam percebidos décadas depois.

É para o espaço social e cultural de uma cidade que se via revolvida pela ação renovadora de um grupo de intelectuais, em um preciso momento de sua história, que se voltam as minhas atenções interessadas. Esta tese, assim, debruça-se sobre um espaço que articula o trabalho especializado de tradução de obras estrangeiras com a atividade editorial praticada em terras maranhenses e em outras praças.

A participação de tradutores na vida editorial da cidade de São Luís, durante o século XIX, é forte indicativo de que o especializado trabalho que realizaram ia muito além da simples necessidade de títulos estrangeiros ditada pelo mercado editorial – negócio livreiro, aliás, que apenas se iniciava no Brasil. Daí a assunção: o trabalho de tradução, em solo maranhense, permite que se o encare como resultante de uma orientação de caráter coletivo, tamanha a quantidade de especialistas que labutaram nesta seara.

Tal vitalidade cultural é comprovada pela rapidez com que grandes obras da literatura de outros países eram traduzidas e impressas em tipografias locais. Assim, por exemplo, em 1862, ano de lançamento de *Os Miseráveis*<sup>8</sup>, de Victor Hugo, em Paris, uma edição foi produzida em São Luís, por meio de parceria entre as tipografias de Belarmino de Mattos<sup>9</sup> e de Corrêa de Frias<sup>10</sup>.

Apesar de encontrar-se integrado ao estado de efervescência cultural vivido pela Província do Maranhão naquele tempo, nem a quantidade de obras traduzidas, nem o prestígio que cercou alguns dos tradutores foram suficientes para dar primazia à tradução. Embora considerável a produção bibliográfica de títulos traduzidos por intelectuais maranhenses, ela foi absolutamente desconsiderada no universo das publicações, à exceção

---

<sup>8</sup> Em Portugal, onde a obra encontrou grande público, há também algumas edições de *Os Miseráveis*, como as traduzidas por F. F. da Silva Vieira (Lisboa) e António Rodrigues de Sousa e Silva (Porto), em 1862.

<sup>9</sup> Designado como o «Didot maranhense» (\* Axixá, 24 Maio 1830 – † São Luís, 27 Fev. 1870), Belarmino foi o principal idealizador da «Associação Typographica Maranhense», instituída a 11 de Maio de 1857. A criação da Associação surgiu como resposta às perseguições sofridas pelos operários das tipografias, sobretudo durante o governo de António da Cruz Machado, do Partido Conservador, que geriu a Província entre 10 de Dezembro de 1855 e 24 de Fevereiro de 1857.

<sup>10</sup> José Maria Corrêa de Frias (\* Lisboa, 2 Nov. 1828 – † São Luís, 29 Jan. 1903), editor, escritor e jornalista, criador do *Diário do Maranhão*, benemérito e fundador do Hospital Português e, ainda, presidente da Assembleia Geral da Real Sociedade Humanitária 1.º de Dezembro, ambos no Maranhão.

das obras de Odorico Mendes<sup>11</sup> e Gonçalves Dias<sup>12</sup>, já analisadas por alguns especialistas, mas nada que abranja a ideia de um número elevado de tradutores, muito menos que viesse integrar um esforço coletivo de transladação, numa espécie de movimento intelectual e editorial articulado.

Para maior precisão de meu objeto de investigação, algumas considerações se fazem necessárias. Ao tomar o movimento de ideias que impulsionaram a atividade de tradução ocorrida no Maranhão, o objeto da pesquisa não se limitou apenas a revelar tradutores da terra. E isso, em função das peculiares características da matéria aqui estudada. Considere-se, para começar, que ideias são composições que se espalham, conforme a sua força persuasiva. A quantidade e a qualidade das traduções encontradas em São Luís do Maranhão, ao longo do século XIX, mostram, sim, que lá se conformou um ambiente mental (e assim formativo e performativo) que levou muito a sério a publicação de obras convertidas para a língua pátria. O espaço territorial, sob este viés, é também espaço privilegiado de manutenção e propagação de certa mentalidade – como, aliás, muitas vezes a atividade histórica deixou demonstrado.

Assim, e na composição desse cenário, levei em consideração três situações: 1) traduções produzidas por maranhenses nos limites da Província e em outras praças; 2) tradutores não-maranhenses, que viviam no Estado e que, portanto, compartilharam da mesma mentalidade; 3) e tradutores nacionais e/ou estrangeiros, não-residentes no Maranhão, que apenas tiveram seus trabalhos editados em tipografias são-luisenses, sem necessariamente ter permitido as publicações.

---

<sup>11</sup> A tradução das *Bucólicas* e das *Geórgicas*, de Virgílio, realizada por Odorico Mendes, foi publicada pela primeira vez em 1858, sob o título *Virgílio brasileiro* ou tradução do poeta latino, pela Typ. de W. Remquet e C<sup>a</sup>, em Paris. Em 1995, a Editora da UFMA republicou o *Virgílio brasileiro* ou tradução do poeta latino, em edição anotada e comentada por Sebastião Moreira Duarte. Em 2008, produziu-se uma nova edição das *Bucólicas*, impressa pelo Ateliê Editorial, anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp. Ele traduziu, ainda, as tragédias de Voltaire – *Merope* (1831) e *Tancredo* (1839) –; e obras de Virgílio – *Eneida brasileira* ou tradução poética (1854) –, e de Homero (edições póstumas) – *Iliada* (1874) e *Odyssea* (1928). Os livros foram reeditados diversas vezes e por diferentes editoras, das quais destaco a Ática, Martin Claret, Scipione e a EdUSP. No *site* da *Amazon*, também se encontram edições digitais das traduções de Odorico Mendes. A Academia Maranhense de Letras (AML) reeditou *Merope* e *Tancredo*, em um volume, intitulado *Traduções de Voltaire* (1999), em alusão ao bicentenário de nascimento de Odorico, com introdução e notas de Sebastião Moreira Duarte.

<sup>12</sup> Gonçalves Dias traduziu *A noiva de Messina ou os irmãos inimigos*, de Schiller, impressa na tipografia de Belarmino de Mattos, em São Luís, MA, em 1867 (edição póstuma), e ganhou nova edição pela Cosac & Naify, em 2004.

## Estado da arte

Antônio Lopes (1959, p. 15), estudioso do campo editorial maranhense, afirmou que «Escrever um livro sobre a história da imprensa no Maranhão seria difícil tarefa, porque escasseiam fontes onde o pesquisador possa abeberar-se para oferecer trabalho firmado em segura documentação [...]» A consideração pode, por algumas boas razões, assumir a posição de epítome do que se conseguirá encontrar nos títulos que estudam o exercício da tradução no Brasil.

Nas investigações recentes sobre tradução e história do livro no Brasil, percebe-se que se privilegia dois recortes, e que, juntos e articulados, terminam por fornecer quadros limitados acerca deste enorme continente que é a tradução de obras. Tais publicações tanto se fixam em estreita faixa temporal, assim como restringem a área geográfica, alguns dos quais contemplam, apenas, os núcleos editoriais mais representativos do país atualmente (as regiões Sul e Sudeste, em especial o Rio de Janeiro). Exemplo disso é a publicação, em 2018, de *A fantástica história (ainda não contada) da tradução no Brasil*, por Damiana Rosa de Oliveira e Andreia de Jesus Cintas Vazquez. O livro, cujo título parece mais atender a interesses publicitários, apresenta um pequeno quadro que pouco responde à pretensão das autoras, que é a de exibir a «fantástica» história dos tradutores em terras brasileiras. Elas expuseram, sim, personagens que fixaram seus nomes neste campo: Diogo Gomes Carneiro (1618?-1676), Nísia Floresta (1810-1885)<sup>13</sup>, o imperador Pedro II (1825-1891), Machado de Assis (1839-1908)<sup>14</sup>, Rui Barbosa (1849-1923)<sup>15</sup>, Justiniano José da Rocha (1812-1862) entre outros; e alguns mais próximos no tempo, como Monteiro Lobato (1882-1948), Érico Veríssimo (1905-1975) e Carlos Lacerda (1914-1977), até o período hodierno, com o uso de tecnologias.

A obra, por outro lado, deixou de fora um vasto grupo de eruditos que firmaram seus nomes entre os virtuosos na história da tradução nacional, e legaram extensa galeria de obras traduzidas, em tempos e lugares diferentes. Verifique-se, na obra em apreciação, que não se

---

<sup>13</sup> Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta, nasceu na Província do Rio Grande do Norte; publicou *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1ª ed., Recife, 1832; 2ª ed., Porto Alegre, 1833). Ela verteu para o italiano *Conselhos a minha filha* (*Consigli a mia figlia*, Firenze, Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858), de sua autoria. Lívia Augusta, filha de Nísia Floresta, foi também tradutora.

<sup>14</sup> José Galante de Sousa (1955) sustenta que Machado de Assis empreendeu 44 traduções. Por sua vez Jean-Michel Massa (2008) afirma que foram 46.

<sup>15</sup> Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923) traduziu *O papa e o concílio*, de Janus. Rio de Janeiro, 1877; e as *Primeiras lições de cousas: manual de ensino elementar para uso dos paes e professores*, de N. A. de Calkins. Rio de Janeiro, 1886.

encontra qualquer referência ao baiano Lopes de Moura<sup>16</sup>; ao paraense João Cândido<sup>17</sup>; aos maranhenses Odorico Mendes – tido como o patrono dos tradutores brasileiros –, Gonçalves Dias e Artur Azevedo, ou ao alagoano Graciliano Ramos, para ficarmos apenas nestes. O panorama que aí se desenha, portanto, é insuficiente e limitado.

O livro *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*, ganhador do prêmio Jabuti de 2010, organizado por Aníbal Bragança e Márcia Abreu, composto por ensaios de pesquisadores de vários pontos do País, versa sobre a imprensa de estados como Pernambuco, Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Integrado por 35 artigos, o volumoso trabalho não dedicou qualquer linha à atividade editorial maranhense, reconhecida como uma das mais pujantes do século XIX.

Em *O livro no Brasil: sua história*, por sua vez, o britânico Laurence Hallewell (2005, pp. 165-181) consagra o «Capítulo 6» a dois renomados tipógrafos da *Cidade dos Pequenos Palácios* – o maranhense Belarmino de Mattos e o português José Maria Corrêa de Frias. Além disso, a obra traz informações relevantes sobre a cidade, o início das atividades de impressão entre os maranhenses, o progresso técnico e um pequeno número de títulos editados nesses estabelecimentos. Nele, o autor, além de interessantes análises, lista algumas traduções impressas pelos dois mestres tipográficos aludidos.

Dos prelos do português radicado no Maranhão, ele assinala que «[...] A impressão de Frias, feita em 1866, da *História de Gil Braz de Santilhana* (576 páginas in-quarto), obra de Lesage, parece ter sido a sexta edição em português; quatro edições anteriores foram feitas em

---

<sup>16</sup> Caetano Lopes de Moura (1780-1860) traduziu do francês, do inglês e do alemão. De um expressivo número de títulos vertidos para o português, destaco: *Os Natchez*, de Chateaubriand. Paris, 1837, 4 vols.; *O derradeiro mohicano*, de Fenimore Cooper. Paris, 1838, 4 vols.; e as obras de Walter Scott: *O talismã, ou Ricardo na Palestina*, Paris, 1837, 3 vols.; *Os puritanos na Escóssia*. Paris, 1837, 4 vols.; *Quintino Doward, ou o escossez na corte de Luiz XI*. Paris, 1838, 4 vols.; *O misanthropo ou o anão das pedras negras*. Paris, 1836; *Waverley ou ha dezoito annos*. Paris, 1844, 4 vols.; *A prisão de Edimburgo*. Paris. 1844, 4 vols.; *Obras selectas de sir Walter Scott*. Paris, Guillard, Aillaud & C.<sup>o</sup>, 24 vols.

<sup>17</sup> João Cândido de Deus e Silva (1787-1860), formado em Direito pela Universidade de Coimbra, desembargador, membro honorário da «Associação Litteraria Maranhense», foi outro brasileiro a verter uma boa quantidade de obras para o português. Ele traduziu pelo menos 27 títulos, dos quais ressalto: *Aplicações da moral á politica*, de Joseph Droz. Rio de Janeiro, 1835; *Philosophia moral ou differentes systemas sobre a sciencia da vida*, de Joseph Droz. Rio de Janeiro, 1835; *Ensaio sobre a arte de ser feliz*, de Joseph Droz. Rio de Janeiro, 1837; *Considerações sobre as causas da grandeza e decadencia dos romanos*, de Montesquieu. Rio de Janeiro, 1837; e *Curso de philosophia, escripto conforme o programma para o bacharelado*, de E. Geruzez. Niterói, 1845.

Lisboa – a primeira em 1799 – e uma em Paris» (Hallewell, 2005, pp. 173-174). Ainda de acordo com Hallewell (2005, p. 174), Frias<sup>18</sup>

[...]. Editou igualmente uma dúzia de romances traduzidos do francês, entre eles, cinco de Paul de Kock (*Casa Branca*, 1842; *Coitadinho*, 1842-1843; *Meu Vizinho Raymundo*, 1843; *Mulher, Marido e Amante*, 1844; e *Um Gaucho [Galucho]*, 1849) e uma tradução de *Mysterios de Paris*, de Eugène Sue, feita em 1843, dois anos antes da edição do Rio de Janeiro (cf. §62). Contam-se ainda duas gramáticas inglesas: *Compilação de Extratos de Grammatica Ingleza*, de Alfredo Bandeira Hall, e *Resumo da Grammatica da Lingua Ingleza*, de Pedro de Souza Guimarães, ambas de 1865, e uma versão da *Histoire de Charles XII*, de Voltaire.

Conforme o autor inglês, Belarmino de Mattos, concorrente e amigo de Corrêa de Frias, imprimiu

[...] pouco mais de dez romances traduzidos, a maioria em grande in-oitavo francês ou em in-quarto português, entre eles *Os Miseráveis* e *O Homem Que Ri*, de Victor Hugo. Imprimiu [...] uma tradução de *Eloá*, de Alfred de Vigny, feita por Gentil Homem de Almeida Braga [...] (Hallewell, 2005, p. 180).

Embora parcas as informações sobre o quadro de traduções impressas no Maranhão, o apanhado realizado por Laurence Hallewell contribuiu para a composição desta tese, ao confirmar alguns dados sobre a temática aqui explorada.

Dois outros trabalhos também merecem relativa atenção, embora seus objetos de pesquisa sejam de outra ordem. Primeiro, «A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista», tese de doutoramento de Antonia Pereira de Souza (2017), que investiga a circulação e a divulgação da prosa de ficção em periódicos das duas principais cidades da Província – São Luís e Caxias –, entre 1832 e 1868, período que passou à história literária pela expressiva performance do Grupo Maranhense<sup>19</sup>. Naquele tempo, o jornal se firmou como importante suporte de circulação de obras literárias de diversos gêneros, principalmente romances.

<sup>18</sup> Se as obras impressas na década de 1840 saíram dos prelos dessa tipografia, ela pertencia a J. A. G. de Magalhães. Por volta de 1852, foi adquirida por Joaquim Corrêa Marques da Cunha Torres. Corrêa de Frias era funcionário da empresa e ocupou o cargo de gerente. Após a morte de J. C. M. da Cunha Torres, seu conterrâneo e patrão, em 1857, Frias passou a ser proprietário da empresa.

<sup>19</sup> Conforme Jomar Moraes (1976, p. 90), «[...] o Grupo Maranhense não é uma escola literária ou estilo de época. A designação considera tão somente a contemporaneidade do[s] maranhenses literariamente importantes, não atentando para as diversas filiações estéticas de cada um.» Sobre o assunto, Sílvio Romero (1888a, p. 460) reitera que «[...] O laço que os prende é terem nascido na mesma terra e vivido quasi todos no mesmo tempo.» E completa: «[...] O que incontestavelmente todos partilharam foi a affectação do *purissimo* na linguagem» (Id. *ibid.*, p. 460).

Antonia Souza reúne uma significativa relação de prosas impressas nos rodapés de jornais, chamados de folhetins<sup>20</sup>. As listas são compostas por obras originais e traduzidas. E essas traduções vêm somar ao que se discute nesta tese – algumas são assinadas; várias não trazem a autoria; e outras vêm com pequenas informações, insuficientes para identificar seus autores.

O objeto de estudo da autora – prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista –, entretanto, atende apenas à pequena parte de minha investigação, que não se prende exclusivamente a traduções publicadas em periódicos.

O segundo trabalho, a dissertação «Transferências culturais via tradução nas revistas *O Archivo* (1846) e *Revista Americana* (1847-1848)», de Camyle de Araújo Silva (2016), avalia duas revistas, sendo que uma delas – *O Archivo* – integra o conjunto de obras que compõem minha investigação. Valeu-me, neste caso, o cotejamento das traduções inseridas em sua pesquisa com as que eu havia coletado, e o acréscimo de outras que ainda faltava conferir.

Os trabalhos de Antonia Souza e de Camyle Silva, apesar de contemplarem apenas um tipo de suporte – os periódicos –, contribuíram para me certificar das traduções realizadas por literatos maranhenses.

Por aquilo que aqui se observou, as obras, no conjunto, pouco trouxeram de relevante para se dimensionar este domínio especializado de trabalho que foi a tradução no oitocentos maranhense e brasileiro.

### **Questão central e derivadas da investigação**

É deveras curioso o fato de que a quantidade de obras traduzidas por maranhenses e publicadas – em São Luís e fora dela – não tenha deixado qualquer compêndio que se inclinasse sobre esse fenômeno editorial – e isso numa cidade que se ufana de ser o celeiro de grandes nomes das artes literárias.

Entendo que este fato não se deve à falta de talento dos escritores locais (o que levaria, nesse caso, à óbvia ausência de reconhecimento social e ao inevitável esquecimento), pois a produção literária maranhense do séc. XIX era tão admirável que Sílvio Romero<sup>21</sup>, em *Historia da litteratura brasileira* (1888), dedica páginas do livro aos autores maranhenses, com destaque

---

<sup>20</sup> Trata-se de espaço reservado, normalmente, na parte inferior dos periódicos – jornais e revistas –, em que se publicavam, de forma continuada, obras de gêneros variados, em especial prosas de ficção.

<sup>21</sup> Sílvio Romero (1851-1914), crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, professor e político brasileiro.

a Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Odorico Mendes, Joaquim Serra, Trajano Galvão, Gentil Braga e Sousândrade. José Veríssimo<sup>22</sup> também destina, em *Historia da literatura brasileira* (1916), sua mais importante obra, o «Capítulo XI – Gonçalves Dias e o grupo maranhense» aos escritores da *Terra das Palmeiras*.

Este olvidamento a que estão submetidos os tradutores maranhenses do século XIX é tão perturbador quanto o fato de que muitas obras traduzidas por eles não ostentam seus nomes. Algumas trazem apenas pequenas pistas, como X-Y, R., A. ou G., impondo um interessante enigma à atividade investigativa. Portanto, esta pesquisa vem, justamente, trazer respostas a essa e a outras questões que envolvem a *intelligentsia* maranhense do século XIX, que abraçou a atividade tradutora para fins editoriais dentro e fora da Ilha do Maranhão.

Dada a peculiaridade do objeto desta pesquisa caracterizar-se em termos de um movimento de natureza intelectual, que inclui diversos agentes num esforço coletivo em prol da edição de obras traduzidas, compreende-se que tais ações sejam respostas a precisas condições e cobranças de uma sociedade, num momento específico de sua história. Assim, o problema central desta investigação é:

- *Que ideias e valores são responsáveis pelo surgimento de uma plêiade de tradutores no Maranhão, estabelecendo um espaço único de viva atividade editorial com obras estrangeiras?*

Algumas indagações derivam da maior, as quais elenco a seguir:

- *De que modo e com que efeitos os condicionantes históricos e socioeconômicos da nação e do Maranhão do oitocentos promoveram o surgimento de obras traduzidas?*
- *O conjunto de livros traduzidos por escritores maranhenses do século XIX veio responder a que demandas sócio-históricas, especialmente àqueles aspectos da mentalidade epocal?*
- *É possível apreender características comuns entre a produção livreira em Portugal e no Brasil, mais propriamente no Maranhão, no período em questão, considerando-se que o boom editorial referido se deu após a chegada da Corte portuguesa e a mudanças que a transferência da administração d'Além-mar trouxe para o nosso convívio? E, em razão disso: qual a participação de mestres tipográficos*

---

<sup>22</sup> José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) – escritor, educador, jornalista, estudioso da literatura brasileira, membro e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras.

*portugueses na vida editorial maranhense, neste momento da história do livro em terras ludovicenses?*

- *Quais os tradutores maranhenses, afinal, que foram negligenciados pela história? Quais obras verteram para a língua portuguesa? Qual a sua formação?*
- *Qual era o fluxo livro-leitor na São Luís do século XIX? A que demandas a produção livreira maranhense atendia, considerando-se que, nesse período, os índices de escolaridade eram baixos, e apenas uma pequena parcela da população local podia beneficiar-se de livros?*

## **Objetivos**

Elegi os seguintes objetivos como capazes de concentrar as minhas atenções na ambição de trazer respostas satisfatórias ao grupo de questões que orientam esta pesquisa.

### *Geral*

- Analisar as condições histórico-econômicas e as demandas culturais que propiciaram o surgimento de tradutores maranhenses e inseriram os leitores locais numa rede de circulação de cultura literária transnacional.

### *Específicos*

- Delinear o quadro econômico e sociocultural do Maranhão do século XIX que permita verificar o papel desempenhado pelo livro nesse período;
- Dimensionar a constituição de um mercado de livros de âmbito transnacional em França e em Portugal, no século XIX, face à grande influência exercida por esses centros difusionais de cultura.
- Especificar o valor (ou valores) social(ais) atribuído(s) pelos são-luisenses a títulos literários estrangeiros, especialmente europeus, bem como a relevância social de obras originais e do trabalho de tradução que se lhes aplica.
- Identificar os tradutores maranhenses e suas formações, bem como as obras que verteram para a língua portuguesa.

- Caracterizar o mercado livreiro em São Luís do Maranhão por seu papel indispensável no processo de oferta e demanda de títulos traduzidos no período.
- Avaliar as linhas de conduta editorial e as estratégias de divulgação da produção livreira adotadas no espaço sociocultural no Maranhão nesse período;

### **Justificativa**

Se, de um lado, escritores maranhenses, durante o século XIX, projetaram a Província no campo das letras, por outro, pouco ou nada se sabe que dezenas deles dedicaram horas preciosas a verter para o português e publicar obras de autores que faziam sucesso na Europa. Apenas alguns tradutores maranhenses ganharam destaque neste domínio (como é o caso de Odorico Mendes (o mais festejado deles), Gonçalves Dias e Artur Azevedo). Sobre os demais eruditos da Província, que se especializaram na conversão linguística e ajudaram a construir um inesperado e dinâmico cenário editorial, no século XIX brasileiro, persiste inexplicável e completo silêncio.

E isso se reflete na falta de estudos sobre essa importante seara da vida cultural de São Luís, decorrente do apagamento da memória intelectual a que os tradutores e obras traduzidas foram submetidos. Por esta razão, este trabalho investigativo tem por fim resgatar, da poeira do passado, um momento pujante da vida da produção livreira em São Luís do Maranhão, em que se deu a público centenas de obras traduzidas da literatura universal, por onde se justifica este empreendimento intelectual. É minha pretensão deixar expostas as peças que compõem o mosaico de fatores responsáveis pela desconhecida pujança da tradução e sua transformação em milhares de livros, na pequena *Cidade dos Palacetes de Porcelana*. Quero pôr a descoberto, e analisar, o cenário histórico-social em que ocorre o *boom* editorial de obras estrangeiras traduzidas, as motivações ideológico-valorativas responsáveis pelo seu aparecimento e seu exercício prolongado; deixar expostos quem foram os tradutores maranhenses do século XIX, o que traduziram, e com que finalidades. Quer-se refletir sobre a presença deste ramo de atividade profissional, e suas realizações, na Província do Maranhão, durante o oitocentos.

Resulta daí que esta importante área de exercício profissional, em torrões maranhenses, as causas que lhe deram origem, as peculiares condições de seu efetivo exercício em meio livreiro incipiente e em uma sociedade marcada por profundas diferenças sociais ainda são pouco dimensionadas, e por isso clamam por respostas satisfatórias. Trazer explicações a essas

e outras questões impulsionaram a realização desta pesquisa, razão pela qual destaco a sua originalidade, e sua contribuição para a melhor percepção da conversão linguística no âmbito editorial em terras brasileiras.

## Hipóteses

Aqui, apresento as hipóteses que margearam a investigação, como espécies de limites necessários à especulação, cuja consistência foi testada, avaliando a sua força e capacidade responsiva para o fenômeno em questão (a tradução e os tradutores maranhenses do século XIX), e a indagações relacionadas. Ressalto que este é um setor do estudo deveras significativo, haja vista que o processo de testagem acompanha todo o trabalho investigativo, impondo atenção constante ao pesquisador.

Em perspectiva ampla, portanto como explicação de caráter geral:

- A quantidade de livros resultantes de conversão linguística indica que o trabalho de tradução era uma arena em que diversas forças culturais e políticas se articulavam em função de um conjunto de ideias e valores, em que prevaleceram coordenadas do universo iluminista e aspirações nacionalistas do romantismo brasileiro. Combinados e interagentes, esses dois ideários permearam as ações dos tradutores e dos editores maranhenses, num país às voltas com a superação de muitos obstáculos que travavam as suas aspirações de nação culta e soberana.

Já para domínios mais específicos do estudo, as pressuposições foram as seguintes:

- A produção livreira em São Luís do Maranhão acompanhou as práticas editoriais europeias, especialmente portuguesas, tanto em razão dos impulsos verificados com a transferência do poder português para o Brasil, quanto em função dos sólidos vínculos históricos entre a metrópole lusa e sua colônia tropical.
- As obras impressas em solo maranhense mantêm não só correspondências com processos fabris franceses e lusitanos, mas, também, quanto à seleção de títulos, porque alguns deles circulavam em Portugal e na sede do Império brasileiro.

- A tradução asseguraria aos literatos lugar no prestigiado «Pantheon Maranhense»<sup>23</sup>, pois, por meio dessa atividade, mostrar-se-iam proficientes em outras línguas, o que lhes garantiria lugar entre os intelectuais do país.
- O que se verificou em relação aos tradutores maranhenses do século XIX foi um curioso fenômeno de apagamento cultural, que se manteve pelos anos que se seguiram, até os nossos dias. Nem é necessário lembrar que tal obliteração, porque a tradução era tida como atividade de pouco valor intelectual, serviu para cobri-la com o véu do esquecimento. E isso fica evidenciado pela pouca quantidade de estudos voltados a este tema, o que impede a compreensão do que aconteceu nesta área da produção humana, nos idos do luminoso século XIX maranhense.

### Coordenadas metodológicas

O estudo tem por cenário histórico o século XIX em terras maranhenses, época em que os escritores locais se destacaram nacional e internacionalmente por suas produções literárias, e mais especificamente o que posso nominar de espaço de produção de obras traduzidas e de seus tradutores.

A realização desta investigação exigiu, nos moldes em que se a concebeu, a circunscrição de representações coletivas que deixaram visíveis modos de agir no cotidiano, as maneiras de pensar e de sentir próprios daquele tempo e espaço social que estimularam o surgimento desse seletivo grupo de tradutores, e deram balizas indispensáveis para que este fenômeno produzisse resultados editoriais tão significativos.

O trabalho de tradução, encarado, no âmbito desta tese, como resultante de uma orientação de caráter grupal, tamanha a quantidade de especialistas que labutaram nesta seara e sua notável performance atestada pelos livros, revistas, folhetins, poemas publicados em libretos, será flagrado sob as coordenadas da história das mentalidades. Entende-se que o esforço do coletivo maranhense em direção à tradução decorra de precisas orientações

---

<sup>23</sup> O Centro de São Luís abriga a «Praça do Patheon», espaço reservado a homenagear e a imortalizar a memória dos vultos que se destacaram na vida literária, política ou jornalística do Estado. No local, encontram-se, entre outros, os bustos – acompanhados de pequenas biografias – de Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), Antônio Henriques Leal (1828-1883), Raimundo da Motta de Azevedo Corrêa (1859-1911) e Raimundo Teixeira Mendes. Quando se fala no assunto, também vem à mente o livro *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já fallecidos* (4 tomos), de Henriques Leal, publicado em Lisboa, entre 1873 e 1875, que perpetua a memória de diversas personalidades. Entretanto, a obra incomodou – e ainda incomoda – algumas pessoas da cidade, a exemplo de Frederico José Corrêa (1817-1881), que, em *Um livro de crítica* (1878), ataca Henriques Leal e contesta alguns nomes por ele escolhidos.

ideológico-valorativas construídas em um tempo de nossa história. E para orientar os meus passos no recorte referente às mentalidades, serviram-me de base as reflexões teóricas – e metodológicas – esboçadas por Georges Duby, Philippe Ariès, Michel Vovelle, Edmund Burke. As mentalidades são dimensionadas por esses estudiosos como forças que estruturam a vida vivida em coletividade e, por isso, o que de mais profundo dá sentido e orienta a ação dos homens. A sistemática da história das mentalidades consiste em pôr a descoberto e analisar as ideias, valores e sentimentos que estão presentes na vida de pequenos grupos, ou de setores sociais que ficaram à margem das preocupações investigativas prevaletentes na pesquisa histórica. É essa massa de informações, eivada de cargas subjetivas, materializada nas experiências cotidianas através de documentos e diversos discursos produzidos no Maranhão do oitocentos, que constituem o centro de minhas atenções. Ou em termos técnicos de investigação, são o objeto da pesquisa.

A revelação dessas «correntes de transmissão», expressas através de discursos, não podem desprezar as condições históricas objetivas que situam os seres humanos no espaço e no tempo – sob o risco de se construir interpretações demasiado subjetivas e desconectadas da realidade.

Por suas características ínsitas, a investigação segue as perspectivas da história das mentalidades e da história do livro, haja vista que estarei às voltas com um conjunto de ideias-e-valores a que se atribui «mais destaque a atitudes coletivas do que a individuais» (Burke, 2002, p. 129), concentradas em torno da tradução de obras estrangeiras e sua transformação em livro. Como não ocorre por simples acaso um tão expressivo quantitativo de obras traduzidas no Maranhão do século XIX, era preciso situar em que momento da história se veem movimentos ostensivos, em diferentes domínios, em torno da valorização do livro como peça fundamental para a instrução, para a formação superior do homem. E tais movimentos vieram em decorrência de ideias e valores que alcançaram grande repercussão na vida europeia, o Iluminismo ou Ilustração. A mentalidade erguida pelos pensadores iluministas dimensionou a razão e o conhecimento armado em bases científicas como capazes de levar ao esclarecimento e à plenitude da realização humana, à harmonia e à felicidade coletivas. É nesse contexto que se exalta o papel dos livros como ferramentas capazes de instruir os homens, e se intensifica a produção e a difusão livreira na Europa, para, depois, se espalhar por outras regiões até chegar ao Brasil.

A escolha disso que posso chamar de *ambiência socioafetiva* de um preciso momento da vida do brasileiro, permitirá entender certas chaves para que surgissem e se consolidassem,

na capital do Maranhão, dois refinados e interatuantes domínios das modernas sociedades do século XIX: a tradução e a atividade editorial que a acompanha.

E como não se forjam mentalidades sem os esteios da vida vivida objetivamente, devo – por dever lógico e de sistemática – revelar dados do *ambiente*, macro e cotidiano, entendendo-se como tal a resultante da composição entre as condições objetivas de existência e os sistemas de valores e sentimentos das organizações grupais. É do ambiente social, em que sujeitos concretos vivem e agem, que ideias, princípios, valores de um tempo ganham espessura como fenômenos sociais. Para isso, a investigação também se alimenta de coordenadas teóricas provenientes de pesquisadores que se inclinam sobre a história do Brasil e do Maranhão, bem como dos que desenvolveram estudos sobre a atividade da produção livreira em terras brasileiras no oitocentos.

A análise utilizou como instrumento básico as seguintes categorias:

- As condições socioeconômicas e culturais da região;
- Os lastros históricos da atividade editorial maranhense;
- As práticas culturais cotidianas envolvendo o livro e seu papel no coletivo maranhense;
- A comercialização, os espaços de leitura e a divulgação do livro;
- A quantidade de obras traduzidas; e
- As ideias e concepções sobre o tradutor e títulos traduzidos.

Posso afirmar, também, que esta análise se ampara nos domínios histórico, bibliográfico e documental. O enfoque histórico, central na composição deste trabalho e sua organização metodológica, traz algumas coordenadas indispensáveis. De acordo com Vieira (2010, p. 34),

O método histórico consiste em investigar as causas históricas que conduziram a uma realidade presente, procurando entender como as instituições do passado moldaram a realidade, em cada estágio da história. Subdivide o objeto de estudo em partes, a fim de estudar sua interação com as bases materiais no qual ele se insere, bem como nas relações sociais, artísticas e culturais e em todas as suas inter-relações.

A pesquisa bibliográfica, aqui, consistiu, de forma majoritária, na consulta a títulos publicados no século XIX, tanto físico quanto em base de dados. Ela é, basicamente, «desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...]» (Gil, 1987, p. 71). Ademais, ainda para Antonio Gil, «[...]». A pesquisa

bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários» (id. *ibid.*, p. 72)

Embora as pesquisas bibliográfica e documental não estejam relacionadas diretamente a procedimentos metodológicos, elas ocupam parte considerável no esforço integral da pesquisa.

Para análise dos títulos, a princípio, efetuei a divisão em três grandes áreas: *Poesia*, *Prosa* e *Teatro*. Na *Poesia*, empreguei duas subdivisões: épica e lírica. O mesmo fiz para a prosa, classificando-a em «ficção» (novela, romance, conto, lenda, fantasia) e «não-ficção» (religiosa, crônica, comentário, conferência, didática, científica); e, finalmente, *Teatro*, que, diferente dos outros, utilizo o termo para as duas formas (tragédia e comédia).

Para fornecer respostas a essas coordenadas categoriais, vali-me de algumas boas abordagens. Foram significativas as diretrizes extraídas de Fran Paxeco (1922), Castro (2009) e de Amaral (1923), para dar conta das políticas desenvolvidas pela Província no âmbito da educação e da cultura.

Sobre a história da Província do Maranhão, imprescindíveis foram as obras do historiador Mário Meireles (2001), Dunshee de Abranches (1941) e Lourdes Lacroix (2002), que me permitiram recolher coordenadas-chave do quadro socioeconômico, das políticas imperiais relativas à vida cultural, bem como as específicas condições socioculturais da Ilha de São Luís, durante o século XIX.

No que se refere ao panorama geral das publicações (livros e periódicos) na cidade de São Luís no século XIX, utilizei alguns relevantes autores para a composição deste espaço, como Corrêa de Frias (1866), César Marques (1870, 1878), Joaquim Serra (1883), Meireles (1955), Lopes (1959) e Laurence Hallewell (2005). Somados a esses, o artigo de Márcia Abreu (2007), que traçam cenários das relações cotidianas referentes ao livro e à sua investidura no cenário cultural do Império brasileiro.

Já em relação à tradução e aos tradutores, a investigação se baliza nos trabalhos de Gama (1798), J. R. Ladmiral (1981), Travassos (1964), Jean Delisle e Judith Woodsworth (1998), Bassnet (2003), Haroldo de Campos (2006), Rónai (2012) e Lisboa (2016). Alguns autores se impuseram para a montagem de um perfil biobibliográfico – necessário para se colher algumas interrelações entre autores e meio sociopolítico e cultural – dos quais empreguei Inocêncio Francisco da Silva (1858-1923), António Henriques Leal (1873-1875), Augusto Blake (1883-1902), Sílvio Romero (1888)

Interessou apanhar, nos muitos discursos relativos a obras traduzidas e a tradutores, como as falas oficiais e não-oficiais, que dimensionam o trabalho do tradutor e o papel da obra num meio sócio-histórico tão pouco favorável ao desenvolvimento de atividades refinadas quanto essa. É do jogo das representações sociais acerca desse fenômeno que se estabelecerá os marcos de mentalidade, que constituem o pano de fundo sobre que se erguem os distintivos sociais sempre muito importantes em sociedades tão desiguais quanto essa para a qual minhas atenções estarão voltadas.

Além do *corpus* citado, para atingir os objetivos colimados, e testar as hipóteses, consultei fontes documentais, como artigos, jornais, revistas e catálogos – impressos e/ou digitais. Outras importantes fontes utilizadas foram as pesquisas *in loco* (São Luís: Biblioteca Pública Benedito Leite<sup>24</sup>; Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Museu Nacional do Teatro e da Dança (MNTD), biblioteca do Teatro de D. Maria II) e nos acervos digitais da Biblioteca Nacional do Brasil (BN), do Museu Imperial, da Biblioteca Nacional de Portugal, da British Library, da National Library of Australia, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP) e de bibliotecas norte-americanas.

Assim, um conjunto de fatores se compõem e se entrelaçam como responsáveis pelo aparecimento, num pequeno e distante pedaço de chão do Império brasileiro, de atividade editorial sofisticada, como é aquela voltada à produção de obras traduzidas.

## **Organização da tese**

Este trabalho investigativo está dividido em sete capítulos. O primeiro deles é destinado à exposição dos marcos conceituais e dos anelos metodológicos que são inerentes. Nele, exploro as balizas que dão sustentação epistêmica à história das mentalidades, às suas peculiares formas de recorte do mundo dos feitos históricos, o delineamento dos fenômenos e perfil avaliativo. E como nos referimos, no corpo desta tese, a um momento da história em que os livros e, em especial, os livros traduzidos, transformam-se em referências fundamentais para a vida esclarecida, articulamos uma discussão em torno do Iluminismo, ou Ilustração. Sob o embalo das ideias iluministas, a atividade livreira ganhou enorme impulso na França, para depois alcançar Portugal e, conseqüentemente a sua maior ex-colônia, o Brasil. As linhas que sustentam os valores iluministas estão na base disso que podemos chamar de movimento dos

---

<sup>24</sup> Fatores de diversas ordens danificaram o acervo desse estabelecimento de quase dois séculos. Muitos livros e jornais se perderam, outros estão em péssimo estado de conservação.

tradutores no Maranhão. O ideário iluminista, porém, não figurou intacto na ambiência tropical, pois se combinou com outra frente de ideias que traziam eufóricas aspirações nacionalistas: as que expressaram os intelectuais românticos. Essas frentes de ideias encontraram, no Brasil do século XIX, solo propício à expansão e à combinação de seus princípios nucleares, impulsionadas pelo sentimento pátrio de valorização da alma e das coisas nacionais, desencadeado após a Independência, em 7 de Setembro de 1822.

O segundo capítulo se detém sobre a realidade maranhense durante o Segundo Reinado<sup>25</sup>, em que considero as relações econômicas móveis dos demais setores da sociedade. Ali exponho as condições financeiras da Província, sustentada na atividade extrativista, mantida por levadas de braços fortes da escravaria, que obteve notáveis resultados monetários no século XVIII e que se estenderam a meados do XIX. Tal crescimento foi responsável por diversas melhorias na vida dos maranhenses, em especial no que se refere à formação superior dos filhos dos setores mais abastados, que recorreram a universidades europeias, especialmente portuguesas, fornecendo-lhes os insumos indispensáveis para que ocupassem cargos e posições de maior notabilidade na capital maranhense e em outros grandes centros.

O aumento populacional e a repercussão econômica favoreceram a implantação de escolas primárias e secundárias, com destaque à instalação do Liceu maranhense, no ano de 1838. O surgimento de escolas de formação regular e outras instituições culturais, como o Teatro União, a Biblioteca Pública do Estado, associações literárias e diversos jornais e tipografias construíram um ambiente favorável à expansão da atividade intelectual. O Maranhão se transformara na quarta economia do Império, e São Luís na mais importante cidade, que abrigava as famílias mais poderosas da Província.

No capítulo seguinte, discuto a posição específica da imprensa maranhense no âmbito da promoção de ideias e valores, que se integra, por diversos motivos, às pretensões da política imperial. Traço uma breve história da imprensa local, em que saliento o seu papel de instrumento de promoção dos ideais civilizacionais, sua condição privilegiada de disseminadora de políticas de interesse da sociedade imperial, seu papel educativo e ideológico. Fator importante para a disseminação das atividades de tradução em solo maranhense – pelo que trouxe de experiência bem-sucedida, exemplo e incentivo – foi a publicação de quatro obras famosas de Paul de Kock, entre 1842 e 1844, traduzidas pelo lusitano António Joaquim Nery. Este evento, somado ao conhecido trabalho desenvolvido por Odorico Mendes, não só serviram

---

<sup>25</sup> Abrange um período de 49 anos, iniciado a 23 de Julho de 1840, com a declaração da maioria de d. Pedro II, e finalizado a 15 de Novembro de 1889, data da proclamação da República.

de estímulo indispensável ao exercício de tradução em solo maranhense, como, a partir daí, dá-se início a um processo de integração da capital são-luisense ao circuito transnacional do livro. Este, de fato, marca um momento inaugural na vida editorial da Província, cujos efeitos se farão sentir pela quantidade de traduções operadas por maranhenses nos anos seguintes.

Procuro, também, situar os lastros da prática editorial com os componentes determinantes para a produção de obras e fomento à leitura. Identifico os mercadores de livros que, estabelecidos na *Cidade dos Azulejos*, foram responsáveis pela venda e circulação de títulos saídos das prensas regionais, nacionais e estrangeiras. Por fim, discorro, de um lado, sobre dificuldades de ordem técnica – determinadas pela falta de equipamentos gráficos, materiais e mão de obra qualificada – e, de outro, com relação às barreiras ideológicas, especialmente construídas e disseminadas por religiosos católicos, que trouxeram empecilhos e travas ao trabalho editorial naquele momento da história dos maranhenses.

No quarto capítulo, apresento o perfil de tradutores maranhenses, abastecido por informações que considero indispensáveis acerca de sua vida, com atenção especial às suas formações e às ocupações que tiveram. Para lustrar esse tópico, traço breve biografia dos literatos de maior relevo: Odorico Mendes, António Rego, Gonçalves Dias, José Ricardo Jauffret, António Henriques Leal e Artur Azevedo, que se dedicaram a verter para o português obras relevantes da cultura literária ocidental.

Um dos setores fundamentais da investigação, o quinto capítulo expõe o quadro das traduções, com respectivos tradutores e, quando constante nas obras, a imprensa (cidade, tipografia e ano de publicação). A fim de melhor apreender em que parte do Planeta as impressões foram realizadas, apresento um mapa desses lugares. Discorro, ainda, sobre duas singulares publicações: A primeira é uma coletânea de 12 peças teatrais francesas, traduzidas para o português por António Rego, e uma delas por António Henriques Leal. Trata-se da «Bibliotheca Dramatica: teatro moderno». A segunda, «O episódio do gigante Adamastor», Canto V, da clássica obra de Luís de Camões, *Os Lusíadas*, vertida para o francês, pelo médico e intelectual José Ricardo Jauffret.

No sexto capítulo desta investigação, mantive os princípios adotados no tópico anterior, ao trazer para o corpo deste estudo obras nas quais os nomes dos tradutores foram omitidos e outras que fornecem pequenas pistas da autoria da tradução. Trago para este espaço *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, publicado em São Luís, em 1862, poucos meses depois do lançamento oficial em Paris, o que comprova a pujança editorial da cidade. A edição maranhense da obra hugoniana, em cinco tomos (e cada tomo com dois volumes) não deixou

vestígios de quem executou a tradução, dando margem a diversas especulações ao longo do tempo – aspecto que mereceu atenção do investigador, no sentido de fornecer algumas respostas aos motivos que levaram às diversas omissões e abreviações, que dificultam/impedem a identificação da autoria.

Por último, o sétimo capítulo analisa a repercussão de alguns títulos traduzidos, em jornais de norte a sul do Império, direcionados à política e à educação dos brasileiros, que são importantes para o delineamento que se expõe a seguir, sobre os traços de mentalidade que impulsionaram a atividade dos tradutores e da performance editorial vivida naquele distante século XIX. São observadas as avaliações críticas feitas por «formadores de opinião, publicadas em jornais, na promoção dessas importantes obras na constituição de leitores. Tais matérias tiveram importância considerável na construção da receptividade social aos títulos traduzidos por maranhenses e na consolidação de um hábito de leitura que se consagrara na Europa e chegava às terras brasileiras. Em continuidade, ponho em evidência e analiso alguns componentes das ideias, ou os princípios, que deram «as motivações» necessárias e suficientes aos tradutores e editores maranhenses, ao longo da aventura de traduzir livros e publicá-los na cidade de São Luís. É neste ponto do estudo em que procuro realçar certos aspectos da mentalidade que vicejava entre os eruditos da distante Província do Maranhão sobre seu papel e responsabilidade na seara editorial.

O esforço investigativo procurou deixar visível que o fenômeno editorial de livros traduzidos em terras do Maranhão, ao longo do século XIX, apresenta características de uma espécie de movimento que reuniu, ao redor de propósitos e ideais comuns, um grupo de intelectuais. E como todo grupo mais ou menos organizado, cujas ações trouxeram resultados bastante significativos para a cena cultural são-luisense e nacional, buscamos identificar os fatores ideológicos e sócio-históricos responsáveis pelos eventos editoriais no Maranhão oitocentista. Cerca de 45 tradutores maranhenses verteram para a língua portuguesa 266 títulos, sem computar outras 96 traduções de não nascidos na Província e de anônimos, o que fez São Luís se equiparar ao Rio de Janeiro, porque foram as únicas províncias brasileiras a se destacar no campo da tradução, no século XIX. As obras traduzidas estimularam o exercício de leitura e deram à capital maranhense um lugar de destaque na lista das poucas cidades que levaram a sério as aspirações do cosmopolitismo, que ganhava intensidade na Europa.

Uma advertência se faz necessária: embora o título da tese possa chamar a atenção de estudiosos do campo da «tradução», não foi meu propósito aprofundar-me no assunto, e

tampouco avaliar a qualidade dos trabalhos de conversão idiomática. A pretensão, sim, foi analisar, entre outras coisas, o que provocou o surgimento dos tradutores em terras do Norte brasileiro, suas motivações, os tipos de obras traduzidas e a circulação dos títulos, a fim de lançar luzes sobre o feito realizado por ilustrados da região.

São muitos os hiatos referentes a esta importante esfera da vida intelectual da Província – abertos pela falta de investigações, principalmente, no âmbito da história do livro. Apresento, portanto, um panorama razoável da vitalidade alcançada por esse domínio especializado da vida editorial dos ludovicenses, principalmente a partir da segunda metade da centúria oitocentista, na intenção de restituir a seu devido lugar a grandeza de um momento histórico. Ali, em terras bem distantes da sede política e administrativa do Império tropical, um grupo de eruditos se lançou à aventura de traduzir e publicar obras literárias famosas e didáticas, num país iletrado e carente dos esteios que marcavam as sociedades mais avançadas de seu tempo. Creio que aí prevaleceu, um pouco acima de outros interesses urgentes (econômicos, especialmente), a convicção do papel civilizador do livro, do quanto a palavra escrita contribuiria para melhorar e aperfeiçoar a sociedade tropical – como, aliás, alguns desses tradutores deixaram registrado em seus discursos.

Antigo prédio da Biblioteca Pública.  
Fonte: Gaudêncio Cunha (1908).



## 1 O PROSCÊNIO DAS MENTALIDADES

Faire du livre traduit un instrument d'humanisme, de paix et de progrès  
— telle est notre noble tâche (Pierre-François Caillé).

Assegurei, no início desta investigação, que o fenômeno da tradução em São Luís, em meados do século XIX, seria colhido e interpretado sob as lentes da história das mentalidades, linha de estudos históricos desenvolvida por Lucien Lévy-Bruhl, seguidor de Émile Durkheim. Em razão disso, diz-se que a matriz que enerva a abordagem sob a batuta da história das mentalidades faz um reconhecimento durkheimiano de ideias, como, aliás, assinala Burke (2002, p. 129). De fato, não há como desconsiderar, na trama que embala a sistemática da história das mentalidades, a influência durkheimiana, ao tomar para si, como objetos suscetíveis de análise e interpretação, conjuntos de ideias, interesses, crenças, sentimentos variados compartilhados por indivíduos, em determinados momentos da História. A pesquisa assentada nos marcos da história das mentalidades revolve os registros para capturar e indagar acerca dos saberes e modos de sentir de diferentes segmentos sociais de uma sociedade em dada faixa temporal, na ambição de pôr a descoberto o que de mais fundo dá sentido à vida material das sociedades.

Como qualquer outra corrente intelectual que obtém triunfos, a história das mentalidades se propôs inscrever um caminho diferente no conjunto das investigações de natureza histórica. Nascida logo após a Primeira Guerra Mundial, pelas mãos de historiadores que integravam o grupo dos *Annales*, como Lucien Febvre, Marc Bloch, Henri Pirenne; de sociólogos como Lévy-Bruhl, M. Halbwachs, e de geógrafos como A. Demangeon, a história das mentalidades não era, certamente, a única a procurar novas possibilidades para o enfrentamento de questões que se impunham naquele preciso período. Mas ela, sim, atraiu as atenções de intelectuais um tanto fatigados com a lógica historiográfica prevalecente.

Em primeiro lugar, ela tomava direção distinta da enxurrada de estudos quantitativos que, entre os anos 1950-70, havia conquistado espaço na historiografia europeia e americana, preocupada em «medir, pesar, calcular o que as sociedades modernas e contemporâneas consumiam, perdiam ou produziam» (Duby, 1992, p. 66). A aridez quantitativa que surgia daí também expunha a ossatura do positivismo ingênuo, que se negava a analisar e interpretar os fenômenos históricos para ficar preso a tabelas e gráficos.

Depois, porque esta vertente historiográfica se afastou da perspectiva «historicizante» de interpretar os acontecimentos históricos tomando por base as grandes personalidades, autoridades e lideranças religiosas, ou, em certos casos, baseando-se num documento apenas, do qual se extraíam conclusões sobre vastas comunidades tendo em mãos apenas um depoimento. Assim, ora a história não mais fazia que expressar as ideias, a visão de mundo de setores dominantes; ora comunidades inteiras eram percebidas pelas «lentes distorcidas» de um registro isolado, conforme assinala Philippe Ariès (1990, p. 458):

A história tradicional interessava-se, quase exclusivamente, pelos indivíduos, pelas camadas superiores da sociedade, pelas elites (reis, homens de estados, grandes revolucionários), pelos acontecimentos (guerras, revoluções), ou pelas instituições (políticas, económicas, religiosas...), que aquelas dominavam. Ao invés, a história social interessava-se pelas massas que, afastadas do poder, se limitavam à submissão.

A sistemática da história das mentalidades desloca o foco e a forma de análise, para considerar conjuntos de relatos de grupos e pessoas comuns, anónimas, das massas populares de um tempo. A sua linha de condução consiste em revelar histórias até então desconsideradas pelo *habitus* científico, no sentido que lhe atribui Pierre Bourdieu, por serem tidas como irrelevantes para a percepção de certa época. Temáticas até então submetidas ao peso das coordenadas económicas ou simplesmente proscritas, como as relações familiares, a morte, a sexualidade, a religiosidade popular, a delinquência, a criminalidade, a prostituição, os *mass media* ingressaram no rol dos estudos de licenciatura e de doutoramentos. E não será exagero admitir-se – como advoga Philippe Ariès, um dos principais representantes desta corrente investigativa – que a intensificação dos estudos das histórias das mentalidades, além de introduzir novas perspectivas aos estudos históricos, transformou radicalmente a historiografia francesa. Um vasto território se abre, então, à investigação histórica, na busca por revelar as «chaves» das estratégias coletivas, dos sistemas de valores das organizações grupais, que são lidas e interpretadas como condutas, presentes nas culturas urbanas e rurais, populares ou das elites.

É ínsita à percepção da abordagem acerca das mentalidades que elas compõem um padrão de pensamento ou de sensibilidade grupal, e cuja mudança ocorreria de modo lento, conformando, assim, uma espécie de estrutura de mais longa duração. Para essa modalidade de investigação histórica, corpo de ideias e sensibilidades se integram, para, juntas, dar substância à vida material, às representações sociais que enervam o sentir e o dimensionar a própria existência. Por esse enquadramento, as ideias e os sentimentos, os juízos e percepções, as convicções e as paixões próprias de um determinado tempo, ou de um grupo, historicamente

situado, mantêm entre si estreitas relações, porque se articulam e se interpenetram. Tais vínculos, de estreita interrelação, constituem uma espécie de espesso pano de fundo da realidade histórica, e compõem-se com «as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem» (Vovelle, 1991, p. 24). A preocupação internalizada na abordagem das mentalidades é a de expor realidades temporais a partir da posição dos socialmente comuns, dos «marginalizados», dos «pequenos», trazendo à luz hábitos, costumes, crenças e paixões de certos segmentos sociais de períodos históricos.

Sobre os laços estreitos entre juízos e emoções, entre discernimento e paixões como suscetíveis de revelar traços ou caracteres das mentalidades, alguns ligeiros esclarecimentos se impõem, em razão de terem sido, eles, por séculos, considerados como domínios não articuláveis, antitéticos, em essência. Razão e emoção foram separadas, desde a Antiguidade Clássica, por inconciliáveis, e tal separação se manteve. E, para isso, recorro a algumas poucas lições de António Damásio, prestigiado cientista português da neurobiologia, que estuda o fenômeno da consciência e seus vínculos estreitos com as emoções e os sentimentos.

Respondendo à indagação a respeito do papel biológico das emoções na composição da consciência, o cientista luso esclarece que as emoções dão, automaticamente, aos organismos, comportamentos voltados para a sua preservação. Mas em organismos complexos a situação é um tanto diferente, porque há um outro nível de regulação:

A consciência permite que os sentimentos [que são as emoções racionalizadas] sejam conhecidos e, assim, promove internamente o impacto da emoção, permite que ela, por intermédio do sentimento permeie o processo de pensamento. Por fim, a consciência torna possível que qualquer objeto seja conhecido – o objeto “emoção” e qualquer outro objeto – e, com isso, aumenta a capacidade do organismo para reagir de maneira adaptativa, atento às necessidades do organismo em questão (Damásio, 2000, p. 80).

A emoção está ligada à sobrevivência do organismo, e isso se aplica à consciência. E à medida que os organismos se desenvolvem e interagem com o meio, eles ganham experiência factual e emocional, e por essa razão a consciência pode associar diversos objetos e situações que causam emoções. «Todos os objetos [assim como qualquer situação] podem se revestir de algum vínculo emocional, mas alguns muito mais do que outros» (Damásio, 2000, p. 82).

A possibilidade de se dar valor emocional a objetos e momentos não definidos biologicamente torna infinita a possibilidade de induzir emoções. Por isso mesmo, algum nível de emoção está presente nos pensamentos que uma pessoa tem sobre si mesmo ou sobre aquilo que a circunda. De uma ou de outra maneira, todo tipo de experiência pode conduzir a alguma reação emocional, que será forte ou fraca, intensa ou menos intensa, conforme processada no

trânsito do comportamento. Assinala, ainda Damásio, que quando a consciência age, os sentimentos têm seu máximo impacto, e por esse motivo as pessoas são também capazes de refletir e planejar (2000, p. 83). O modo como os homens percebem a realidade e reagem a ela, em momentos de paz ou de guerra, de fé e de intimidade etc. estão sempre, menos ou mais intensamente, associados a reações emocionais.

Assim, se como assinala Duby, o escopo da história das mentalidades está preso à necessidade de se apresentar explicações ao que traz sentido à vida material dos homens, aqueles juízos que dão substância às condições de vida e que «comandam de forma imperativa a organização e o destino dos grupos humanos» (Duby, 1992, pp. 69-70). Essas percepções, esses juízos estão impregnados de elementos de força que são os sentimentos e emoções. E isso se faz ainda mais verdadeiro quanto mais os sujeitos de um grupo, ou de uma sociedade, alimentados por convicções e sentimentos, promoverem alterações substanciais em determinada realidade, e tais modificações são valorizadas socialmente, como as que ocorreram no campo editorial maranhense do século XIX pelas ações dos tradutores.

Há que se ter em conta, ainda, que as investigações no âmbito da história das mentalidades serão, acima de tudo, imersões em quadros mentais de outrora, portanto não-atuais (Ariès, 1990, p. 476), o que implica considerar a mudança de postura do investigador moderno (e imbuído das coordenadas que alimentam a abordagem das mentalidades) em relação a certos aspectos interpretativos (também eles mentais). O historiador de outros tempos, como o positivista, por exemplo, percebia os descompassos tecnológicos e econômicos entre sociedades ou grupos em termos de desconhecimento, sem admitir diferenciações de percepção e de sensibilidade. Prevalcia, aí, a crença da superioridade do moderno, e o que não se lhe assemelhasse (ou não refletisse a própria imagem do progresso, tal qual o «espelho de Narciso») seria lido e interpretado como atraso (mental, civilizacional, institucional). Interessava ao historiador munido de «mentalidade» positivista, acima de tudo, encontrar as semelhanças, destacá-las, como um modelo universal.

Com a passagem do tempo, porém, cada vez mais a percepção das diferenças – muito mais do que das semelhanças – conquistou espaço na seara historiográfica, e o passado é percebido como uma cadeia de transferências de ideias e de sensibilidades que guarda força e dinâmica, e que compõe o tecido mais profundo de uma determinada sociedade. Entram, aí, em cena, portanto, as chamadas representações (representações sociais, para outra corrente de pensamento), as construções simbólicas que determinados grupos referenciam o seu estar no mundo e o modo através da qual reagem a ele. Daí porque chegar-se ao fluxo das mentalidades

presentes em determinada altura da história de uma civilização é tarefa historiográfica construída através da interação entre condições objetivas epocais e respectivas representações coletivas. Duby havia chamado a atenção para essa necessidade nas investigações da história das mentalidades, sob o risco de se estabelecer uma história autônoma do pensamento ou da «vida do espírito». Insistia, ele, que dois princípios se enunciavam daí:

Em primeiro lugar, afirmávamos que o estudo da “longue durée” desse sistema não deve de forma alguma ser isolado do estudo da materialidade, e era justamente para reforçar essa proposição primordial que nos prendíamos à palavra “mentalidade”. [...].

Não obstante — e este era nosso segundo princípio —, nosso interesse não se dirigia ao indivíduo. Claro, freqüentemente obrigados a obter o que desejávamos atingir através do caso de uma personalidade, esforçávamos-nos por abstrair o que seus pensamentos tinham de singular. Assim como não admitíamos separar esses pensamentos de seu corpo, não tolerávamos que esse indivíduo fosse isolado do corpo social onde se encontrava inserido. [...] (Duby, 1992, pp. 70-71).

O produto da investigação das mentalidades não será, certamente, o que cada um reteve acidentalmente em sua consciência, mas um magma de conjecturas socialmente partilhadas que, por sua vez, não estão inteiramente claras ao indivíduo, mas que a elas recorre com frequência. E essas ideias, frutos de relação dialética com as condições objetivas presentes em dada faixa temporal, são poderosos liames que tanto posicionam o sujeito em relação ao seu tempo, quanto os impulsionam à ação e à interação. Tornar claras, assim, as concepções que alimentaram e deram forte substância às ações de um grupo de intelectuais do Maranhão, que se lançaram à aventura de traduzir, num espaço social predominantemente ágrafo, é a tarefa deste estudo.

Também, daí, depreende-se que a *materialidade* da mentalidade que acompanha a tradução no Maranhão do século XIX não se dá de modo imediato, já que a sua natureza é coletiva e, por isso, se encontra dispersa em materiais diferentes. Além das obras impressas, páginas diárias dos jornais se tornaram indispensáveis para colher manifestações acerca da mentalidade tradutora, por serem o único veículo diário de massa, durante o século XIX. Ele foi peça importante para a montagem do quebra-cabeças do cenário em que vicejou a mentalidade tradutora: primeiro porque muitos intelectuais participaram, de uma maneira ou de outra, das atividades jornalísticas, publicando matérias ou traduzindo romances estrangeiros que eram impressos nos espaços destinados aos folhetins. Depois, pela veiculação dos apelos comerciais dos livros traduzidos, que vêm sempre acompanhados de adjetivações e superlativos, como ocorre com qualquer outro produto submetido a tratamento publicitário. E, por último, as gazetas estamparam matérias que documentaram as reações dos formadores de opinião sobre as obras traduzidas por maranhenses.

Se as manifestações dos intelectuais através dos hebdomadários do Maranhão traduzem um corpo ideológico, valorativo, impregnadas de rastros emocionais, que os alimentava e guiava, eles também são poderosos instrumentos de interação social e de formação. A esse propósito, assim declina Henri de Parville sobre o papel e a relevância do jornal, por sua mecânica facilitadora de acesso à informação, e na instrução das classes inferiores, já em:

[...]. Propagar e vulgarisar os conhecimentos uteis, proporcionar e facilitar ás classes inferiores os meios de instruirem-se e elevarem-se pela educação é, e todos o reconhecem, uma das necessidades mais palpitantes destes tempos. O livro, já pelo seu mais amplo desenvolvimento, já era consequencia do seu mais elevado preço — não pode satisfazer a estas condições. O jornal o substitue com vantagem n'este caso; e para prehencher tal fim não ha vehiculo mais commodo, rapido, e apropriado do que este, que, de um modo maravilhoso, desempenha as funcções de telegrapho no commercio das intelligencias (Parville, 1867, p. 2)<sup>26</sup>.

É sobre a matéria-prima advinda dos periódicos jornalísticos maranhenses de meados do século XIX, e que compõe a mor parte de nossos registros empíricos, em associação com dados específicos da História nacional e regional, que me ajudaram a extrair o escopo da mentalidade que comandou as ações dos tradutores de São Luís. Munidos de um corpo de concepções de caráter coletivo, os eruditos da Província do Maranhão inscreveram uma página surpreendente na seara editorial do século XIX.

### 1.1 Os livros se espalham

Há um momento da história ocidental em que os livros deixam de ser artefatos artesanais, confeccionados quase como objetos únicos, dadas as delicadezas que entravam em jogo na sua produção, e se transformaram em bens que alcançaram uma tal quantidade que alimentou uma extensa cadeia de comércio e de circulação. Os livros, antes restritos a leitores específicos – na maior parte das vezes, integrantes de setores privilegiados, nobres e eclesiásticos, principalmente – e portanto distantes do grosso da população, passam a circular de cidade em cidade nas malas e bagagens de comerciantes, abastecendo lojas que também vendiam livros e livreiros ambulantes, e ultrapassando as fronteiras das nações.

Por óbvio, o desenvolvimento das técnicas tipográficas, do melhor e mais racional aproveitamento do papel e da extração cada vez mais precisa da folha impressa, ao acabamento bem finalizado e sequenciado dos volumes exigiram tempo e muita dedicação dos mestres-livreiros. Mas, em se tratando do objeto de que aqui cuido, o livro, não existe busca pela

---

<sup>26</sup> Traduzido por R. C. (não identificado).

perfectibilidade técnica e nem expansão de seu acesso se não vierem, de um lado, como resposta a necessidades de um grupo extenso de operadores (tipógrafos, livreiros, mercadores, leitores, pensadores, artistas), e, de outro, a uma espécie de substrato que une a todos sob seu raio de influência e lhes infunde valores sociais e perspectivas de futuro: a mudança de mentalidade. Embora a consideração a seguir de Douglas C. McMurtrie faça referência a outro momento significativo da história do livro, ao aparecimento da tipografia no século XV, o princípio também se aplica com igual adequação aqui:

Dois grupos de condições prévias são necessários para que qualquer ideia criadora se transforme numa invenção útil: um deles é a existência de facilidades de materiais para dar à ideia uma forma real; o outro é a necessidade e a exigência social, ou pelo menos, agilidade mental para a descoberta (McMurtrie, 1982, p. 147).

Uma coisa e outra, em mútua estimulação, põem a correr o carro da história, ao introduzir novos mecanismos que substituem antigas práticas e alteram, às vezes para melhor, a experiência humana. E parece não haver qualquer discordância quando afirmamos que ideias não brotam por geração espontânea, nem que coisas e objetos, que surgem para facilitar a existência, independam de necessidades e do pensamento. Concepção e execução, prática e teoria, em sua inseparável simbiose praxiológica, forjam os homens, impulsionando-os à ação e à interação. Por isso mesmo, qualquer movimento de ideias historicamente vitorioso marca um tempo não tanto pelo brilhantismo das concepções consideradas em si mesmas, mas, principalmente, por sua capacidade de influenciar e modificar o existente, de imprimir caminhos diferentes à realidade. Assinala ainda McMurtrie, com muita propriedade, que seria necessário

[...] um volumoso livro para apresentar, mesmo em esboço, as repercussões desta invenção em todos os campos da iniciativa e experiência humanas, ou para descrever os seus resultados na libertação do espírito da humanidade, dos grilhões da ignorância e da superstição. O vigoroso poder de influência da palavra imprensa no pensamento e na ação do homem, para bem ou para mal, raras vezes se tem evidenciado mais claramente do que nos nossos dias, em que vemos os governos das grandes nações exercer rigorosa fiscalização e até supressão da imprensa, como meio necessário de comandar as opiniões e as atividades de seus povos (1982, p. 159).

Esta é uma verdade irrefutável. Mas interessa-nos, tomando por pano de fundo as considerações da extração acima, observar, em outra direção, que a percepção coletiva da «nobreza» do livro, em razão de seu papel na formação elevada do homem, é aspecto recente na história humana. Não direi que a valorização social de um bem como o livro tenha data de nascimento, mas afirmarei, em sintonia com outros estudiosos, que o reconhecimento social de sua relevância, e assim de sua dignificação como instrumento de cultura, forjaram-se ao longo das eras. Porém é pertinente se considerar que forças de um tempo de nossa história

(econômicas, filosóficas, políticas, sociais, tecnológicas, culturais) tenham sido mais vantajosas para a propagação da cultura escrita que as de outros períodos.

Assim considerado, uma faixa epocal foi particularmente relevante na fixação de marcos que deram aos compêndios o elevado valor para a existência humana com que hoje os classificamos. E esta etapa histórica só poderia ter sido aquela em que se exaltou a razão e o conhecimento forjado em bases científicas como ferramentas capazes de libertar o homem das pesadas correntes da ignorância, que o mantinham refém das meias-verdades e dos interesses obscuros da servidão. Refiro-me ao Iluminismo, conhecido, também, por Ilustração, movimento intelectual, filosófico e cultural cujo surgimento – ou momento de maior efervescência – deu-se na Europa no século XVIII, e que prevaleceu, fortemente, sobre a atividade indagadora europeia ao longo daquele período, expandindo-se para diversos outros domínios. Advirta-se, desde logo, que não é minha pretensão realizar uma abordagem ampla sobre este movimento intelectual, apenas apresentar linhas fundamentais que o estruturaram, bem como algumas destacadas consequências advindas deste cenário para a práxis livreira e, em especial, para o livro traduzido.

Embora os pesquisadores estejam longe de chegar a consenso acerca do aparecimento desta corrente de pensamento, há os que advogam ser ele caudatário e consequência direta das ideias surgidas no século XVI, durante o Renascimento, movimento intelectual e cultural hoje tido como o responsável pelo início da chamada Revolução Científica<sup>27</sup>. Tanto que há pensadores, como John Henri (1998), que entendem que as profundas transformações provocadas pela Revolução Científica do século XVI manteve fluxo, em razão da força de suas concepções e realizações, estendendo-se até o século XVIII<sup>28</sup>.

O Período Moderno, que se inicia com a Renascença, exhibe dois traços marcantes do ponto de vista intelectual, que serão acentuados e intensificados à medida que chegamos ao tempo da Ilustração: o abandono gradual dos modelos explicativos oriundos da Igreja e a crescente autoridade da ciência. O triunfo da ciência sobre a milenar autoridade eclesiástica produziu verdadeira revolução no comportamento humano. O novo tipo de disposição mental inaugurado pela ciência pode ser resumido nos seguintes aspectos: o poder da ciência é de natureza bem diversa daquele desempenhado pela Igreja, uma vez que seus vínculos e exigências são intelectuais, e não governamentais. As verdades científicas estão marcadas pela

---

<sup>27</sup> A expressão foi cunhada por Alexandre Koyré, em 1939, e também adotada pelo epistemólogo Thomas Khun (Khun, T. (2003). *A estrutura das revoluções científicas* (8ª ed.). São Paulo: Perspectiva).

<sup>28</sup> Também há os que defendam que os princípios iluministas são poderosos esteios da sociedade moderna, como é o caso de Steven Pinker (2018).

fragmentação e parcialidade, ao passo que a dogmática formula um sistema completo, que vai da aurora do cosmo aos destinos *post mortem* de todas as criaturas humanas.

Entre o grupo de ideias fundamentadas na razão preconizada pelos arautos do Iluminismo incluiu-se uma série baseada em princípios racionais, como fonte única da verdade e autoridade, em que figuram a liberdade, a igualdade, o progresso, a tolerância, o governo constitucional e a completa separação entre Estado e Igreja<sup>29</sup>. Ao citar trechos de um ensaio de Immanuel Kant escrito em 1784, com o título *O que é Iluminismo?*, Steven Pinker assim expõe:

[...] “a saída do ser humano da menoridade de que ele próprio é culpado”, de sua submissão “preguiçosa e covarde” aos “dogmas e fórmulas” da autoridade religiosa ou política. Seu lema, ele proclamou, é “ouse entender!”, e sua exigência fundamental é a liberdade de pensamento e expressão (Pinker, 2018, p. 25).

A França é tida por muitos como a nação que assumiu a liderança intelectual do Iluminismo na Europa, a primeira em que seus pensadores passam a defender e disseminar os princípios do movimento em agremiações acadêmicas, encontros literários, salões, lojas maçônicas, jornais, livros. Em terras francesas, os intelectuais iluministas deram ênfase, em suas doutrinas filosóficas e em embates intelectuais, à liberdade individual e à tolerância religiosa, em contraposição ao secular exercício de poder da monarquia absoluta e às verdades definitivas da Igreja Católica. O polímata alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1710) afirmou que «vivemos no melhor dos mundos possíveis», e a única condição para a plena consecução desse otimismo seria a necessidade de submeter-nos às forças racionais.

A vitoriosa concepção racionalista que se espalhou pela Europa a partir do final do século XVII, cujos fundamentos filosófico-políticos ficam evidentes *de per se*, abalaram profundamente os alicerces da monarquia e da Igreja, e pavimentaram os caminhos para as revoluções políticas dos séculos XVII e XVIII, das mais brandas, como a separação entre o Estado e a Igreja, às mais violentas, como a Revolução Francesa. O combustível que inflamava o cenário científico, político e cultural era as novas descobertas e invenções em todo Velho Continente, que serviam de modelos e inspiração às utopias iluministas (entre as quais as descobertas da astronomia, da circulação sanguínea, da lei de gravitação universal e o modelo explicativo do universo de Newton, na química, com Lavoisier etc.).

E assim se tentou fazer, tanto quanto possível: se aquela foi a época em que a teodiceia substituiu a teologia, e que se poderia aplicar a razão e a solidariedade para aprimorar o

---

<sup>29</sup> As provocações suscitadas pelos iluministas abriram caminho para que, tempos mais tarde, essa dissociação se concretizasse em diversos países.

desenvolvimento do homem, a concepção do poder temporal resultou numa organização jurídica baseada na «harmonia», no «equilíbrio» dos pesos governamentais, conforme expresso por Montesquieu em *O espírito das leis*. Concomitante e paradoxalmente, é esse o tempo do déspota esclarecido, o tirano que oprime com tanto mais gosto quanto maior é o pretexto de que impõe decisões racionais para seu povo obedecer sem liberdade. Distorções e contradições, inevitáveis em qualquer período da história da aventura humana à parte, os ideais fundamentais do emprego da razão e do humanismo – inerente ao escopo da Ilustração – provocou alterações significativas no corpo das sociedades europeias.

O impacto gerado, em diversos domínios da atividade humana, por ideias que proclamavam a libertação da ignorância e da superstição, teve, com o passar do tempo, efeitos irreversíveis sobre o comportamento social do homem europeu, assim como impeliu à revisão crítica das práticas adotadas pelos poderosos ao longo dos tempos. Os fundamentos humanísticos dos pensadores iluministas levaram-nos a

[...] condenar não só a violência religiosa, mas também as crueldades seculares de sua época, entre elas a escravidão, o despotismo, as execuções por ofensas triviais, como pequenos furtos e caça ilegal, e as punições sádicas, como o açoitamento, amputação, empalação, estripação, o despedaçamento na roda, a incineração na fogueira. O iluminismo às vezes é chamado de Revolução Humanitária por ter levado à abolição de práticas bárbaras que por milênios haviam sido comuns em várias civilizações (Pinker, 2018, p. 29).

Não foi à toa, portanto, que alguns historiadores denominaram a intensa disseminação de ideias ocorrida no período iluminista de *Era das Letras*. Autores como Voltaire, um dos símbolos da chamada revolução iluminista, produziu mais de setenta obras, entre ensaios, romances, peças de teatro e poemas. Também representativa desse tempo, e da mentalidade que presidiu sua execução, foi a *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, obra monumental, editada por Denis Diderot e Jean le Rond d’Alambert, e com a colaboração de um grupo de mais de 130 cientistas e filósofos. A *Encyclopédie*, publicada entre 1751 e 1772, em 35 volumes, desempenhou importante papel na disseminação das ideias do Iluminismo em toda a Europa e para além dela. Destacadas personalidades deste movimento, como Voltaire, Rousseau, Montesquieu, colaboraram na confecção da obra, cuja pretensão era expandir as vias do conhecimento.

Não há dúvidas que a atividade editorial cresceu exponencialmente sob o influxo da mentalidade da Ilustração, quando se deu a lume uma quantidade considerável de impressos de diversos gêneros. E contando com o acréscimo de novos recursos técnicos das máquinas tipográficas que melhoraram a performance da produção do impresso, tornando-a mais ágil e

eficiente. A conjunção de diversos fatores despertados pelos ideais das «Luzes», em sua ambição de «iluminar a sociedade europeia», afastando-a das pesadas trevas do misticismo e do despotismo absolutista, preparou o terreno para outras duas revoluções, ambas relacionadas à expansão da informação, ao acesso coletivo às ideias: «O século XIX, se é o século da explosão do mundo editorial, ele é também, de acordo com certo número de historiadores, o século do jornal ou da “civilização do jornal”» (Cooper-Richet, 2009, p. 548).

A influência cultural francesa no cenário europeu dos séculos XVIII e XIX deve ser dimensionada como significativo ponto de referência no corpo deste estudo, de onde despontaram ações que exerceriam papel decisivo naquilo que o mundo ocidental passou a experimentar: a atividade tradutora visando a produção de livros. A França era «o país mais poderoso, populoso e culto da Europa, [...] era uma nação em fermento, descontente com o seu *Ancien Régime* e pensando seriamente em mudar para melhor» (Baumer, 1990, p. 180). Não sem razão, Paris foi tida, nesse período, como a capital das artes, da beleza, da sofisticação e da elegância, do saber, e o que lá se praticava, em domínios diversos, atraiu muitos estrangeiros, tanto quanto exerceu incomparável força diretiva sobre muitas nações. A *Cidade das Luzes*, que já em fins da décima oitava centúria demonstrava intensa atividade editorial, publicando, comercializando e exportando livros de diversos gêneros, também se especializou na publicação de obras traduzidas. As então chamadas «livrarias estrangeiras»

na França dessa época, são um setor particular do mundo dos livros, onde editores-livreiros produziram e venderam materiais impressos em diversas línguas estrangeiras, das mais raras – conhecidas hoje como periféricas – às mais difundidas, indo do mongol ou persa ao inglês, passando pelo copta, o italiano, mas também o português, e isto, desde os primeiros anos após a Revolução (Cooper-Richet, 2009, p. 539).

A variabilidade da atividade editorial em França era um ramo de negócios que prosperou rapidamente, e diversificou a sua produção a níveis surpreendentes: ao lado das obras de autores franceses, de ficção ou não, figuraram outras tantas de renomados autores estrangeiros vertidas para o francês ou mantidas na língua original. Ou mesmo se editavam obras em idiomas raros, como o mongol, o persa. A edição de obras traduzidas, em França, era dirigida a clientes diversificados, dos mais exigentes, como eruditos e especialistas (que exigia dos editores empenho e atenção redobradas, assim como a contratação de articuladores bem formados), a leitores ocasionais, como visitantes, ou àqueles que residiam no país. Para atender às necessidades desse expandido mercado de leitores, a atividade editorial francesa se especializou a níveis até então imprevisíveis: gerou diversos postos de trabalho, formalizou rotinas de produção, criou uma rede de operadores com competências distintas e complexas, implicou (ao

mesmo tempo em que impulsionou) a indústria gráfica em projetos editoriais inesperados, estabeleceu uma rede de distribuição e de comercialização. Vivia-se a aurora do que hoje conhecemos, pela classificação dos alemães da Escola de Frankfurt, Adorno e Workheimer, de indústria cultural<sup>30</sup>. Estava em franco desenvolvimento o processo de racionalização de todas as etapas que acompanharam a transformação da indústria do impresso: dos procedimentos quase artesanais ao sistema industrial, pensado e calculado para atingir públicos distintos e distantes, que exigiu um sofisticado nível de organização de todas as etapas, assim como rigor administrativo, da produção à comercialização.

E há que se sublinhar, tal como destaca Cooper-Richet, a relevância de Paris na produção e circulação de impressos em português, transformando a capital num centro de disseminação da língua e da cultura lusa e brasileira (2009, p. 541). Tenha-se em vista, como testemunho disso que se acabou de afirmar, que entre 1797 e 1850, foram publicados em terras francesas cerca de 563 obras em língua portuguesa<sup>31</sup>. Apesar de, nesse tempo, estar-se no início de um mercado de dimensões internacionais, foi animadora a receptividade portuguesa às iniciativas da tradução e publicação de obras e impressos vindos da França, embaladas pela aragem do Reformismo ilustrado lusitano, herdeiro direto do Iluminismo.

O Iluminismo, em solo português, é encarado como resultado da prevalência do empirismo britânico, graças à assimilação de ideias expostas em livros que chegaram, especialmente, de Nápoles, de Roma e do sul da França, a partir de meados do século XVIII. Conforme assinala Israel,

O empirismo e as ideias britânicas foram, de fato, a alavanca que estilhaçou a dominação escolástica sobre a cultura ibérica e moldou o Iluminismo Ibérico e Ibero-Americano. Em Portugal, o último país na Europa em que o aristotelismo escolástico reinou supremo... [na década de 1750], nenhuma figura de ponta contestava ou duvidava que Bacon, Boyle, Locke e Neewton forneciam a melhor base intelectual para um Iluminismo moderado e viável (Israel apud DeNipoti, 2008, p. 432).

Parece ser consenso, entre os historiadores, que o ponto alto do utilitarismo esclarecido, ou iluminista, ocorreu durante a gerência do Marquês de Pombal, cujo exercício administrativo foi influenciado pela concepção de ciência e de seu emprego na resolução de questões sociais, princípios que foram mantidos até o fim do século XVIII, nos governos de D. Maria e de D. João VI. O reformismo português assimilou aspectos do iluminismo francês de estimular

---

<sup>30</sup> Cf. Adorno, T. W.; Horkheimer, M. (2006). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (Guido Antônio de Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>31</sup> A contagem, apresentada por Cooper-Richet (2009), constante na obra *A edição em França: 1800-1850*, repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico (Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972), foi realizada por Victor Ramos.

alterações nas relações sociais e impulsionar a circulação de obras e impressos. Como destaca DeNipoti, «acredita-se que os livros que transmitiam ideias iluministas e liberais tinham uma circulação ampla em Portugal durante a segunda metade do século XVIII e as décadas iniciais do século XIX» (2008, p. 433). As ligações comerciais portuguesas com as nações europeias favoreceram, por certo, a circulação de impressos, e é aí que a comercialização internacional do livro tem um de seus momentos grandiosos, «cabendo a Portugal uma parcela importante na procura do livro, sobretudo em língua francesa» (Curto apud DeNipoti, 2008, p. 433). Quando não vinham nos carregamentos dos livreiros que abasteciam lojas<sup>32</sup> e comerciantes de obras, os livros e impressos desembarcavam em Portugal nas malas de viajantes, diplomatas e dos que faziam contrabando de compêndios.

A história do livro e dos livreiros em Portugal está intrinsecamente ligada aos franceses, que chegaram em grande número por essas bandas, por volta dos primeiros anos do setecentos. Dentre eles, veio Pedro Faure, que, no ano de 1732, em Lisboa, abre a «Livraria Bertrand», a mais antiga do gênero, ainda em funcionamento.

As bases comerciais de bens culturais impressos em Portugal se sofisticavam, ao mesmo tempo em que geravam iniciativas internas semelhantes, provocando a indústria tipográfica a atender a um mercado que crescia e, aos poucos, se consolidava. Contribuiu, sobremaneira, para o incremento da produção de impressos quanto para a expansão de sua circulação em chão lusitano o nascimento das academias científicas e sociedades econômicas. Surgidas no final do século XVIII, elas tinham por metas prioritárias divulgar e aplicar os novos conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos, assim como promover meios para a felicidade coletiva através da expansão da instrução escolarizada. Então, neste cenário de rápidas transformações a divulgação científica assume especial relevância, visto que, por seu intermédio, a

ciência e a tecnologia passaram da esfera de um mundo restrito para o conjunto da sociedade, influenciando na cultura e mentalidade das populações e criando nos políticos, nos empresários e na opinião pública em geral [...] maior abertura à produção, transferência e aplicação de novas tecnologias (Matos, 2000, p. 3).

Os meios eruditos e os setores mais ilustrados da sociedade portuguesa responderam às convocações de um tempo que preconizava o conhecimento como instrumento fundamental para o desenvolvimento social. Os catálogos dos gabinetes portugueses de leitura no Brasil dão bem uma ideia da quantidade de títulos produzidos pelas casas editoriais lusitanas, nos séculos

---

<sup>32</sup> Caieiro (1980) destaca que era prática corrente, tanto em Portugal como no Brasil, sua venda (livros) em lojas nas quais se comercializavam artigos tão variados quanto mapas, relógios, telas, tecidos, meias e bonés.

XVIII e, sobretudo, no XIX. É extraordinário o número de publicações feitas em Portugal, durante o oitocentos. O jornalista, editor e escritor brasileiro Nelson Travassos revela que:

QUEM estudar a historia do livro em Portugal ficará profundamente admirado com a incrível produção de livros naquele país na segunda metade do seculo passado [XIX]. E isto somente foi possível porque todas as grandes obras da literatura e da ciencia universais lá foram então traduzidas e impressas (1964, p. 25).

A produção livreira lusitana, aliada a casas editoriais francesas muito pródigas na confecção de obras em língua portuguesa, tiveram papel acentuado não só na promoção de um *status mentis* que acolhe a palavra impressa como instrumento privilegiado do saber, do conhecimento científico, como também e especialmente, da obra traduzida. O livro, resultado da conversão linguística, se integrava ao ideário iluminista como peça indispensável de facilitação do acesso ao conhecimento e à riqueza expressiva elaborados por intelectuais estrangeiros.

Livreiros franceses, impulsionados tanto por interesses comerciais como por motivações intelectuais, decidiram implantar suas casas editoriais no Brasil, e fixaram-se no Rio de Janeiro, maior e mais importante cidade do país. Alguns deles, inclusive, como foi o caso de Louis Baptiste Garnier, manteve em funcionamento também a casa editorial em Paris. Para as terras cariocas vieram, ainda, como destaca Laurence Hallewell (2005), os editores/negociantes de livros Jean-Pierre Ailaud, Roland, Villeneuve<sup>33</sup>, Bossange, Plancher, Didot, de Mongie. Eles tiveram destacada participação no cenário nacional da produção e circulação de obras impressas. Em um país que apenas iniciava atividades nesse domínio, esses agentes introduziram no recém-implantado mercado catálogos desenvolvidos em França, com obras em francês, mas especialmente em português.

Na falta de editores-livreiros na principal cidade brasileira, nas primeiras décadas do século XIX, escritores publicavam suas obras em jornais, nas páginas destinadas aos folhetins. Razão pela qual os folhetins foram importantes disseminadores da ficção impressa, e portanto instrumentos de formação do público leitor. Há que se considerar que o folhetim foi o gênero preferido na Corte brasileira:

Portanto, a democratização do conhecimento, a ascensão da imprensa jornalística, a linguagem menos erudita, inclusive o número de páginas e ao valor cobrado pelos folhetins são elementos que auxiliaram na expansão desse novo gênero literário que implicava em certo realismo formal em evidência para a época (Ferreira, 2014, p. 13).

---

<sup>33</sup> Junius Villeneuve ganhou fama de maior impressor do Rio de Janeiro, além de dirigir a mais importante gazeta daquele período, o *Jornal do Commercio*, que estampou em suas páginas algumas centenas de títulos traduzidos.

José de Alencar, por exemplo, antes de assinar contrato para publicar seus romances com Garnier (Ferreira, 2014, p. 8), editou *A viuvinha*, *Cinco minutos*, *O Guarani* e *Til* em folhetins. Com a casa editorial do francês, José de Alencar firmou termo de publicação das obras: *O Guarany: episódios da história do Brasil nos primeiros tempos coloniais*, *Luciola: um perfil de mulher*, *Cinco minutos*, *Viuvinha*, *Diva: perfil de mulher*, *Minas de prata: romance histórico* e *Iracema: lenda do Ceará*. O contrato mais antigo que se tem conhecimento, todavia, ocorreu a 18 de Maio de 1858, celebrado entre B. L. Garnier e João Batista Calógeras, grego naturalizado brasileiro, para publicação da obra *Compêndio de história da Idade Média* (Lajolo & Zilberman, 2001, pp. 97-98).

O ambiente intelectual no Brasil se agitava com o avanço das iniciativas editoriais, que tanto vinham da Europa quanto da capital do país. Após retornarem de seus períodos de estudo em solo estrangeiro, jovens maranhenses procuraram replicar, em solo pátrio, os mesmos princípios que haviam colaborado para provocar mudanças aceleradas no Velho Continente, ao introduzir novas mentalidades que trouxeram na bagagem. Descendentes de famílias maranhenses mais abastadas, eles foram responsáveis pelo aparecimento das primeiras traduções efetuadas na Província.

Influenciados pela Cidade-Luz, esses jovens contribuíram para a transformação de uma minoria da sociedade maranhense e, conforme ironicamente diz João Lisboa, introduziram usos e costumes franceses, se fazendo notar por seus bons modos, refinamento, lendo no original a produção literária de França, enfim, assimilando o grande modelo cultural do mundo (Lacroix M. L., 2002, p. 88).

Diga-se, também, que o movimento pela tradução e publicação de obras estrangeiras, e que obteve adesão de considerável número de escritores e eruditos maranhenses do século XIX, não foi uma ocorrência isolada, originado entre as fronteiras da Província. Tratou-se, ao contrário, de um fenômeno que resultou da combinação, em sua trama interna, de rápidas transformações que agitavam, de um ponto a outro, os ambientes europeus, e que chegavam às ensolaradas praias brasileiras como insígnias de progresso e avanço civilizacional, com precisas condições do recém-criado Império tropical.

Teatro Arthur Azevedo.  
Fonte: Gaudêncio Cunha (1908).



## 2 CENÁRIO HISTÓRICO, ECONÔMICO E CULTURAL MARANHENSE: «PANO DE FUNDO» PARA OS TRADUTORES

### 2.1 Epítome histórica e econômica do Maranhão

Mesmo havendo os portugueses tomado posse da *terra brasilis* em 1500, ao fincar o pavilhão luso nas areias brancas da praia que, pouco depois, seria chamada de Baía Cabrália, a terra recém-descoberta não seria facilmente dominada. A gigantesca possessão territorial trouxe inúmeras dificuldades aos conquistadores. E a mais dramática, porque exigia urgência da Coroa portuguesa a que os meios humanos e financeiros não tinham como suprir, era a ocupação da terra, constantemente visitada por aventureiros e navegadores de outras bandeiras. Mais de uma centúria depois, os grupos indígenas ainda eram os senhores da Colônia, e ofereciam forte resistência aos invasores lusitanos. Ao longo do tempo, e à força do canhão, de arcabuzes, mosquetões e quinquilharias brilhantes e atrativas, os colonizadores portugueses dizimaram etnias e expulsaram levas de indígenas, obrigando-os a embrenhar-se nas matas, e cada vez mais longe do litoral.

Mas vastos domínios continuavam pouquíssimo habitados, como foi o caso do Norte da Colônia, o que facilitou a chegada de navegadores estrangeiros, interessados em pôr as mãos nas riquezas fáceis do *Eldorado*. Os franceses aportaram na Ilha do Maranhão, em 1612, época em que as coroas espanhola e lusitana encontravam-se unificadas (1580-1640). Eles permaneceram na região até 1615, quando foram expulsos pelos portugueses, e deixaram como testemunhos de sua passagem por aquele pedaço do Norte brasileiro algumas precárias construções, como a «fabrica do Forte da debil força de pao a pique» (Berredo, 1749, p. 80), citada pelo militar francês Du Pratz.

Desde aí preservou-se ao longo das eras a ideia – bastante conhecida, e controversa, em nossos dias – de terem sido os franceses os fundadores da capital maranhense<sup>34</sup>. Verifique-se,

---

<sup>34</sup> Durante muito tempo, a origem francesa de São Luís foi assunto que provocou poucos debates. A tese foi defendida por autores como José Ribeiro do Amaral (1896, 1912) e Mário Meireles (2001, 2015). No limiar deste século, porém, calorosas discussões sobre a criação da cidade reacenderam com a publicação de *A fundação francesa de São Luís e seus mitos* (2000), de Maria de Lourdes Lauande Lacroix. A historiadora afirma que uma das razões da invenção do mito prende-se à necessidade de os ludovicenses compensarem a decadência da outrora pujante Província, com a «ficcionalização» da gênese singular da cidade e da excepcional erudição dos seus habitantes.

Situada na Ilha Grande (Upaon-Açu, para os indígenas que habitavam o lugar), restou dos gauleses apenas o nome da capital maranhense, São Luís, emprestado, inicialmente, à fortaleza da cidade, em homenagem a Luís XIII, rei de França e Navarra. A Ilha abriga outros três municípios: Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar.

na extração a seguir, que é corrente, em meados do século XIX, a ideia de que instauração da cidade coube aos franceses, contrariando, inclusive, o que afirmam estudiosos contemporâneos da história local. Segundo eles, a implantação da pequenina povoação, liderada pelo «Lieutenant général Daniel de La Touche, seigneur de La Ravardière»<sup>35</sup>, seria uma presunção recente, que ganhou vulto a partir do século XX. Mas não é isso o que se depreende deste trecho de William Hadfield, viajante inglês que visitou o Maranhão: «The place, and some of its people, still retain slight traces of its French origin, having been founded by that nation [...]» (1854, p. 95).

O Estado<sup>36</sup> sofre outra invasão 29 anos depois da incursão francesa, desta vez por holandeses, que chegaram em 1641, e permaneceram até 1644, quando foram expulsos pelas forças do capitão-mor português Antonio Teixeira de Mello.

Em 1755, o Marquês de Pombal toma uma decisão que afetou a vida da Capitania: criou a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, para fortalecer as relações mercantilistas no Reino. Esse fato assinala um momento especial na história maranhense do século XVIII, porque impulsionou, pela primeira vez e de modo consistente, o crescimento econômico da região, alavancado pelos bons resultados extraídos da cultura do algodão. Raimundo José de Sousa Gaioso (1818, p. xxv) afirma que o «[...] estabelecimento da companhia geral do commercio em 1756, data o principio de sua prosperidade, na criação da sua riqueza territorial.» Nessa altura, o Maranhão ascende à posição de quarta capitania mais rica do Brasil, ganha projeção no cenário nacional e edifica as bases que, em momento posterior de sua história, garantiriam-lhe lugar de destaque na história econômica, política e cultural brasileira.

Desde o final do século XVIII, a economia do território maranhense deu lucros consideráveis à Coroa portuguesa, mantendo o ritmo de crescimento quando o país ingressa em nova ordem política, ao tornar-se Império, em 1822. O Maranhão continuou, assim, como uma das mais prósperas praças do Império. A vitalidade econômica é destacada pelo primeiro Almirante da Marinha brasileira, o Lorde Thomas Cochrane, ao assinalar motivos da resistência portuguesa, em São Luís, à Independência do Brasil: «[...] thus shewing the great importance

<sup>35</sup> Após a expulsão dos franceses, Daniel de La Touche foi levado a Lisboa, onde permaneceu preso por um tempo.

<sup>36</sup> Criado com a denominação de Estado do Maranhão por Carta Régia de 13 de Junho de 1621, por Filipe II de Portugal. «[...] No principio da historia do Brazil, as Províncias do Grão Pará, e Maranhão não são incluídas na denominação geral do Brazil, e são conhecidas pela denominação do Estado do Grão Pará, e Maranhão naturalmente em razão da sua maior proximidade á Europa. [...]» (Diario das Cortes Geraes, 1822, p. 677).

attached by Portugal to the preservation of the wealthy and influential province of Maranhão» (Cochrane, 1859, p. 60).

Conforme Henry Koster, «As a port of trade with Europe, St. Luiz may be accounted the fourth establishment upon the coast of Brazil in point of importance, giving precedence to Rio de Janeiro, Bahia, and Pernambuco» (1816, p. 172). Portugal, por óbvio, não queria abrir mão do Maranhão. Da mesma forma, os homens que controlavam política e economicamente o lugar não desejavam de forma alguma o rompimento com Portugal. Era grande o conjunto de ações comerciais praticadas na Região, assim como a quantidade de lusitanos influentes que se beneficiavam dos lucrativos negócios. Sitiada a Capital pelo Almirante Cochrane, ao fundear a nau *Pedro Primeiro*, a 26 de Julho de 1823, à pouca distância do Palácio do Governo e canhões apontados para lá, a Capitania foi obrigada a se render e aderir à Independência, o que ocorreu a 28 de Julho<sup>37</sup>.

A viçosa economia da Província girava em torno das lavouras de arroz, de açúcar e, principalmente, de algodão. Os «barões» dos campos agriculturáveis do interior ergueram suntuosos palacetes na Capital, casas de «cantaria fina», sobrados de mirante, no dizer de Garcia de Abranches<sup>38</sup>, embelezando as ruas estreitas dos núcleos nobres da cidade. Por esse tempo, aportaram em São Luís algumas levas de ingleses, que trouxeram na bagagem créditos da praça de Londres, suficientemente volumosos para fundarem casas comerciais. A colônia inglesa, em pouquíssimo tempo, tornou-se rica e poderosa, formando o primeiro cartel que o comércio maranhense conheceu, conforme relata Jerónimo de Viveiros, na seguinte passagem:

Escolhendo o algodão – o nosso principal produto de exportação, os ingleses monopolizaram-no de tal forma, que os negociantes de outras nacionalidades foram do seu comércio excluídos e tiveram de contentar-se com mercancias de somenos valor. Assim, nessa partilha de leão, para eles couberam a exportação de algodão e a importação de tecidos, louças e ferragens; para os portugueses, a exportação de arroz e couros; e para os franceses o comércio de jóias e *bijoux et toutes sortes de nouveautés* (1954a, p. 130).

A aristocracia maranhense, que ainda mantinha privilégios de classe mandante, enviava seus filhos à Europa para que retornassem formados em renomadas universidades, o que lhes garantiria ocupar postos de maior destaque, indispensáveis à manutenção de suas regalias. Para tudo isso, para que fossem mantidos o viço e resplendor dos salões das casas com belos mirantes, a escravaria tocava a produção agrícola, ao som do relho e das correntes. A isso se

<sup>37</sup> A declaração da Independência ocorreu a 7 de Setembro de 1822. A partir de então, organizou-se a monarquia, que teve d. Pedro I como imperador.

<sup>38</sup> Cf. *O Censor* (n. 2, Maranhão, 5 de Fevereiro de 1829, p. 29).

refere Dunshee de Abranches (1941, p. 125), ao salientar que «[...] O trabalho escravo dava para tudo isso: tornára o Maranhão uma das províncias mais fartas do Imperio pela sua riqueza economica e pela pujança intellectual dos seus filhos!»

FIGURA 1: Escravos transportam aristocrata em uma padiola pelas ruas de São Luís.



Fonte: Guillobel (1822).

O fim da Guerra de Secessão Americana (1861-1865), todavia, garantiu o retorno dos Estados Unidos ao mercado internacional do algodão, «quebrando as pernas», assim, do principal esteio econômico da Província. O crescimento da produção do chamado «ouro branco», somado aos modernos recursos tecnológicos utilizados pelos norte-americanos, acarretaram no aumento da produtividade e, por conseguinte, na queda do preço internacional do produto. O «golpe de misericórdia» na economia maranhense deu-se com a Abolição da Escravatura no Brasil, em 1888, o que pôs fim a esse período de efervescência financeira, já que a economia era, essencialmente, agrária e dependia da força escrava.

Mário Meireles (2001, p. 260) assegura que a economia maranhense «[...] viu-se condenada à morte, que o mal entrou a crescer sem que se lhe encontrasse remédio pronto e adequado. A Lei Áurea deu-lhe a “extrema unção”: “A abolição do elemento servil lançou de vez a província na mais sombria miséria econômica” [...]». As perdas para o Maranhão foram imensas, e o também historiador Jerónimo de Viveiros assinala que «Para logo, cêrca de 70% dos engenhos de cana e 30% das fazendas algodoeiras fecharam as portas» (1954a, p. 557).

Em declínio, quando proclamada a República no Brasil, a 15 de Novembro de 1889, o Maranhão ainda conservava alguns sinais de opulência, com a preservação de diversas fábricas, a maioria de fiação e de tecelagem de algodão, grande parte delas estabelecidas na Capital, São

Luís, e quatro no interior do Estado, sendo três em Caxias e uma em Codó. Com o passar do tempo, elas também desapareceram.

O Maranhão, dessa forma, encerraria a centúria oitocentista de forma melancólica, vivendo anos de escassez financeira.

## 2.2 Aspectos culturais da Ilha de São Luís

[...] La population blanche de Maranhão est vraiment remarquable par l'élégance de ses manières et par son exquise politesse. La richesse du pays, le désir d'imiter les mœurs européennes, dont une foule de maisons anglaises et françaises ont donné le goût, mais aussi et surtout la liberté, l'éducation parfaite, les manières polies et douces des femmes de Maranhão, ont contribué à faire de cette ville l'une des résidences les plus agréables du Brésil [...]. Quant aux jeunes gens, on les envoie presque tous dans les bons collèges de France et d'Angleterre (Orbigny, 1836, p. 144).

The place, and some of its people, still retain slight traces of its French origin, having been founded by that nation, as late as the end of the 17th century; and, it is said, that that language is better spoken in Maranhão than in any other part of Brazil, the capital itself not excepted<sup>39</sup> (Hadfield, 1854, p. 95).

Os textos que abrem este tópico, dos escritores e viajantes Alcide Orbigny e William Hadfield<sup>40</sup>, revelam aspectos da atmosfera nobre da Província maranhense, frequentada por gente educada e de boa posição social. É sintomático que dois deles, um francês e um britânico do século XIX, tenham feito referência à elegância e sofisticação dos costumes, bem como ao comportamento linguístico de habitantes de um país cuja língua não era o francês. Afinal, durante o oitocentos, a França serviu de inspiração para vários povos, nas ciências, na filosofia, nas artes, e alterou hábitos sociais e culturais. O francês era, naquele tempo, a língua da diplomacia, sinal de finesse e distinção.

<sup>39</sup> Esta afirmação traz especial interesse, em razão de um apontamento presente na *Continuação da história das coisas mais memoráveis havidas em Maranhão nos annos de 1613 a 1614* (segundo tratado), do padre Yves d'Évreux. A nota 3 (cf. «Notas Criticas e historicas sobre a viagem do padre Ivo de Evreux por mr. Ferdinand Diniz») traz a seguinte interpretação: «William Hadfield, um dos mais modernos viajantes, que tratou d'este paiz, observou que é na cidade de Sam Luiz, onde no Brasil se falla o portuguez com mais pureza [...]» (1874, p. 355). É admissível que o entendimento que se mantém hoje no Brasil, de que no Maranhão se fala o melhor português, tem origem neste equívoco de tradução.

<sup>40</sup> Além deles, outros viajantes passaram e deixaram apontamentos de suas excursões pelo Maranhão: Henry Koster (1811), Johann Emanuel Pohl (1819); Spix e Martius (1819); Daniel Parish Kidder e George Gardner (1841); Príncipe Adalberto da Prússia (1843); Auguste François Biard (1858); Robert Avé-Lallemant (1859); Elizabeth e Louis Agassiz (1865).

Nem todos os registros de itinerantes que estiveram pelo Brasil retrataram com riqueza de detalhes os costumes dos lugares e espaços por onde passaram, e poucos deles se referiram à parte maior da população, empobrecida e inculta, e suspeito que muito mais por aversão aos costumes populares do que por falta de curiosidade.

Há muito o brasileiro recebera de Portugal o sentimento venerativo pelos hábitos culturais franceses, e os cultivara com igual dedicação. Ao desembarcar em terras brasileiras, a enorme comitiva que acompanhou a Corte portuguesa havia há muito adotado os modelos franceses de convivência e ambiência cortesã, como insígnias fundamentais para o exercício de sua soberania e para a própria distinção de classe dirigente.

Os padrões culturais gauleses integraram-se ao comportamento da aristocracia brasileira, e iam redesenhando seu modelo de vida e seus horizontes de referências artísticas, sociais e científicas, adaptando-as, aqui e ali, conforme a força e o apelo que as acompanhasse. Digo assim para destacar que não se trata de simples e imediata absorção de padrões e modos de pensamento franceses; até porque, se assim fosse, esqueceríamos que interagir envolve sujeitos que vivem realidades distintas e distantes. E um modelo cultural absorvido pelas elites – ou por qualquer grupo – traz sempre algo de dinâmico, por tudo que reserva de adaptação, ao final da operação, e sempre trará como resultado uma nova composição da matéria original. As referências culturais francesas tinham, pelo valor que se lhes agregava, «fragrância superior» e, portanto, inseria os francófilos num circuito de distinção social e política.

Em chão maranhense, Portugal fincou profundas estacas de seu domínio territorial e cultural. Uma das faces mais visíveis do quanto o Maranhão fez-se solo português fora da Europa se encontra num dos mais requintados trabalhos sobre a língua, os tratados gramaticais. Ao longo do século XIX, foram publicadas diversas gramáticas da língua portuguesa, sendo que boa parte foi produzida por intelectuais maranhenses<sup>41</sup>. Ali, naquelas extensas terras banhadas pelo sol do Equador, um grupo de industriais lusitanos explorou, vantajosamente, e

---

<sup>41</sup> O padre António da Costa Duarte publicou a primeira gramática brasileira de língua portuguesa que se tem notícia: Duarte, A. C. (1829). *Compendio da grammatica portugueza para uso das escolas de primeiras letras, ordenado segundo a doutrina dos melhores grammaticos*. Maranhão: Typographia Nacional.

Outras gramáticas merecem menção:

Conduru, F. B. O. (1840). *Grammatica elementar da língua portuguesa*. Maranhão: Typographia de O Paiz. Sobre Filipe Benício de Oliveira Conduru, autor da gramática, diz o filólogo António Martins Araújo: «[...] era professor da Escola Normal do Maranhão e sua obra, que alcançou o elevado número de vinte edições, era adotada oficialmente também na província do Pará e na do Piauí» (2006-2007, p. 40);

Reis, F. S. (1866). *Grammatica Portugueza, accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica*. Maranhão: Typ. de B. de Mattos. Utilizada por alunos do *Instituto de Humanidades*, a obra ganhou mais duas edições (1871 e 1878). Araújo (2006-2007, p. 42) afirma que Francisco Sotero dos Reis foi o principal gramático maranhense oitocentista.

à custa do suor e sangue de uma massa de escravos, os seus recursos naturais, transformando a cidade de São Luís numa das mais prósperas capitais da Colônia e depois do Império.

A elite econômica são-luisense, como qualquer outro agrupamento moderno que se destaca pela riqueza acumulada, criou, incorporou e adaptou sinaléticas de ostentação e opulência, importando e reproduzindo comportamentos europeus refinados, como marcas de sua superioridade social. Não faltaram motivos para os setores ilustrados da terra, em geral membros da aristocracia, adotarem os requintes da terra de Montesquieu e Balzac. Os casarões da *Cidade de Porcelana* «[...] abrigaram salas sofisticadamente decoradas numa imitação aos salões da nobreza francesa. [...] Toda uma decoração compatível com os hábitos daquela elite afrancesada foi usual nos sobradões das poucas famílias de maior projeção» (Lacroix M. L., 2002, p. 66).

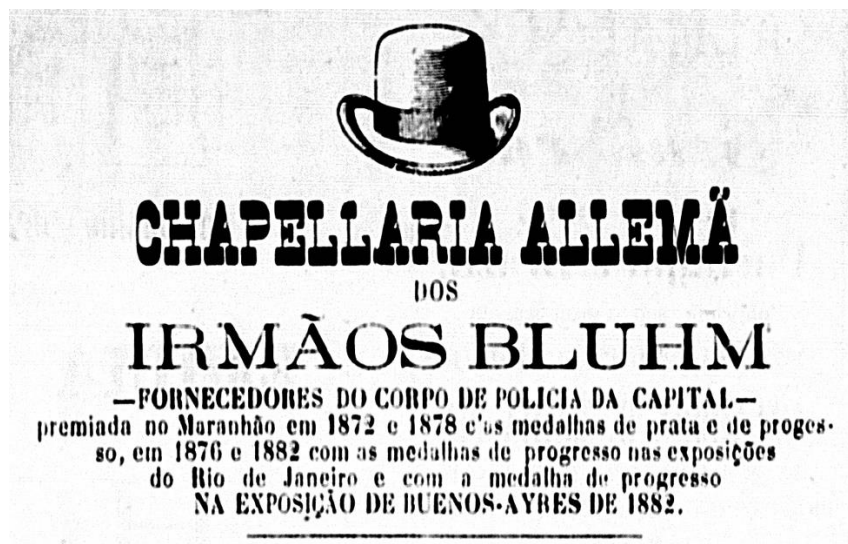
As fragrâncias de boas oportunidades de negócio que exalavam da pequena e próspera Capital cravada no Norte do território brasileiro atraíram as atenções de um sem-número de profissionais de outras nacionalidades, interessados em oferecer às famílias abastadas os adornos e penduricalhos que faziam sucesso na Europa. Os atrativos vindos do Velho Continente, embalados pela cantilena de que se tratava da última moda dos sofisticados salões parisienses, ajudaram a criar uma atmosfera de brilho e esplendor para os «senhores da terra», conforme se depreende das palavras de Dunshee de Abranches:

Grandes costureiras francezas ahi se tinham estabelecido. Madame Esmeralda, Madame Ory e sua formosa filha, mantinham a fama e todos os requintes da moda parisiense. Fortunato e Luiz Ory, cabellereiros de senhoras, tinham todas as horas ocupadas. A *Notre Dame de Paris* era o emporio das sedas mais caras e das mais finas perfumarias. Os irmãos Bluhm, filhos da Allemanha, mas educados na Inglaterra, fabricavam chapéus do mais alto estylo britanico para homens que se trajavam rigorosamente á moda londrina. As joalherias Chevance, Ferdinand Fouque, Thouverez e Krause vendiam annualmente milhares de contos em joias. [...] (1941, p. 125).

Enquanto os setores endinheirados da sociedade são-luisense regozijavam-se, aqui e acolá, de sua superior condição social, o mundo ao derredor em tudo contrastava. As «ilhas» de opulência, de finos artefatos e servidas à força por criadagem escrava, representavam uma realidade à parte para a grande maioria dos habitantes do Maranhão. Os setores médios da sociedade dividiam-se entre as atividades burocráticas da administração pública ou do comércio, enquanto um grupo muito maior tirava o sustento de tarefas variadas, e em geral de baixa remuneração (cf. Viveiros, 1954a, 1954b). O fosso social se agigantava ainda mais ao se considerar a enorme massa de analfabetos não só no Maranhão, como no país inteiro. A falta de investimentos da Coroa portuguesa na construção de escolas, assim como em suportes

indispensáveis à expansão da cultura letrada na enorme Colônia ultramarina – a exemplo da proibição da imprensa – acentuou, ainda mais, graves discrepâncias entre setores sociais.

FIGURA 2: Propaganda da «Chapellaria Allemã dos irmãos Bluhm».



Fonte: *Diario do Maranhão* (anno XV, n. 3389, Maranhão, 10 de Dezembro de 1884, p. 4).

Eram, em verdade, gritantes os contrastes sociais entre a riqueza dos poucos moradores dos casarões assobradados e a gente comum que, a custo, conseguia alçar-se acima da pobreza, mas se mantinha cativa da ignorância e de hábitos pouco civilizados. Um tanto sobre essas condições nos conta Bernardo José da Gama, ouvidor interino da Capitania, em relato ressentido sobre o povo simples da Província, que não poupa em substantivos e adjetivações ignominiosas:

*Timet timentes, metus in auctorem cadit.* Eis aqui o character dos individuos della: altivos e ao mesmo tempo sombrios e disconfiados, arrogantes e ao mesmo tempo timidos e baixos, aduladores ao mesmo tempo traidores: só temem, e nada respeitão. Por que sendo aquella Collonia povoada por gente degreda, homens criminozos, ou aventureiros, corridos de todas as Nações, cujos appellidos estrangeiros ainda hoje compoem ali todas as familias, era muito natural que os seus costumes não fossem, se não hum mixto de perversidades, e rancor contra as Justiças, que os haviaô reduzido aquelle estado de degredo (Gama B. J., 1872, p. 24).

Muitos outros europeus, à procura de lugar ao sol, estabeleceram-se na pequena Capital que ganhava, naquele quadrante de nossa história, ares de cosmopolita, e cuja fama chegava aos portos europeus. Entre esses que atravessaram o Atlântico em busca de boas oportunidades profissionais, figuram os *franceses* Jean Marie Lurine<sup>42</sup>, m.<sup>me</sup> Semé, Le Grand e Joseph Jauffret,

<sup>42</sup> Teve seu nome aportuguesado para João Maria Lurine. Desapareceu na Capital maranhense, a 4 de Abril de 1862. Ele é parente do dramaturgo, romancista e historiador Louis Lurine.

negociantes; Etienne Hoefler, alfaiate; Pedro Borel, ourives e cravador; Joaquim Chapiu, encadernador e tintureiro; m.<sup>me</sup> Thereza Vietti Balicco e m.<sup>me</sup> Valentina Saint-Amand, modistas; Carlos Cagnoli, cabeleireiro; Jean Baptiste Coland, arquiteto; e João Baptista Pichon, construtor naval; os *britânicos* John Charleton, Haddon Clark, Wilson e William Heskeths, Henry e John Moon, Alexandre Neilson, William Wellstood, Thomaz Ogilvie, Paterson Lillie, John Porter, Haddon Clark, William Wilson, Henry Season e Ely Hill, negociantes; Edmund Compton, engenheiro; James F. Tanton, cônsul interino e negociante; e James Hall, médico; O *dinamarquês* Martinus Hoyer, negociante; os *alemães* Guilherme Scharff, negociante; e Carlos Seidl, padre, professor, encadernador e livreiro; os *italianos* Giuseppe Leone Righini<sup>43</sup>, fotógrafo, artista plástico e cenógrafo; Domingos Tribuzy, retratista, professor de desenho (Liceu Maranhense) e de desenho linear, paisagens e figuras (Colégio de N. S. dos Remédios); João Venere e Luiz Monticelli, artistas plásticos e cenógrafos; e Carlos Carmini, professor de dança e de mágica.

Ainda na esteira da presença italiana, encontrava-se também estabelecida em São Luís Margarida Pinelli Sachero, *primadonna*, soprano da Companhia de Marinangeli, que, por vezes, apresentou-se em salões requintados e no teatro da cidade. Na Capital, ela foi professora de canto e de piano, e casou-se com o comediógrafo maranhense Francisco Gaudêncio Sabbas da Costa, autor de diversas peças teatrais e um dos produtores daquela que é tida como a primeira obra colaborativa publicada no Brasil, *A casca da canelleira (steepchase): por uma boa duzia de «esperanças»*.<sup>44</sup>

Também na seara artística, merece registro que a Província acolheu, em 1852, os “Ziegler”, tradicional família de músicos. João Pedro Ziegler, rabequista da Real Câmara de S. M. F. a rainha de Portugal, foi professor de piano e rabeça, diretor da Orquestra do Theatro S. Luiz e nomeado comandante do Corpo Policial da Província do Maranhão. Sua filha, Rachel Ziegler, reconhecida pianista, também se dedicou à nobre tarefa de ensinar a arte musical que a notabilizara a jovens e senhoras.

<sup>43</sup> Righni nasceu em Turim, por volta de 1820. Membro da companhia lírica de José Maria Ramonda, chegou ao Maranhão em 1856, e descreveu, por meio de suas telas, paisagens e cenas da cidade. Vítima de beribéri, o cultivador das Belas-Artes faleceu em Belém do Pará, na miséria e abandonado, nos primeiros dias de Maio de 1884.

<sup>44</sup> Escrita por 11 literatos maranhenses, ocultos sob pseudônimos, a obra foi publicada em São Luís pela Typ. de Belarmino de Mattos, em 1866. Sabbas da Costa assina o Capítulo IX, intitulado «Quase que se pegam...», e utiliza o criptônimo «Golodron de Bivac». Há outras duas edições: preparada por Jomar Moares, São Luís, SIOGE, 1980; e outra organizada por Carlos Augusto de Melo, Jundiá, SP, Paco Editorial, 2019.

### 2.3 Incipiente formação escolar

É sabido que, durante o século XIX, diversos maranhenses conquistaram distinção nos campos político, administrativo e cultural brasileiros. Contudo, nos primeiros anos do oitocentos, apesar do momento financeiro favorável, nota-se pouca preocupação por parte da administração pública em oferecer espaços de instrução, entretenimento e cultura aos habitantes. Gama, por exemplo, descreve que, no Maranhão, «Não ha hum Theatro, ou divertimento publico, que a sãa Politica recomenda, para entreter os homens em hua aplicação innocente, e que ali fazia-se mais necessario, do que em algua outra parte do Brazil. [...]» (1872, p. 14).

As primeiras tentativas de fixação de teatros na cidade de São Luís tiveram pouco tempo de vida. Somente em 1817, estabelece-se efetivamente o Teatro União<sup>45</sup>. Ele veio como um dos símbolos culturais que afirmaram a aspiração do maranhense pelas novidades artísticas recém-chegadas do Velho Continente, e, com o passar tempo, as produzidas pelas companhias nacionais.

Quando voltamos nossas atenções para a situação escolar da Capitania, damo-nos conta de sua enorme precariedade. Não havia escolas regulares, e aquilo que se pode chamar de formação sistemática ficava muito mais a cargo de clérigos do que de professores regulares. A melhor educação também era, neste período, objeto de luxo, a que só os filhos dos mais afortunados tinham acesso, contratando professores particulares para o ensino das matérias básicas, ou de língua estrangeira. Em Agosto de 1808, o viajante Romualdo António percorreu a capital maranhense e estampou detalhes de sua viagem no *Jornal de Coimbra*, seis anos após a aventura, da seguinte forma:

Os habitantes, geralmente fallando, são affaveis e pacatos; chegando ao artigo Educação *científica*, não pude vêr sem pasmo que as Aulas Públicas se-achassem despovoadas, e que o Pará tenha sido a Athenas de Maranhão. Ha com tudo muito habeis Professores, e um grande número de Bachareis Formados; mas, á excepção de poucos, que tem a generosidade de repartir suas luzes e de illustrar o Público com suas composições, todos os mais são semelhantes aos Sabios Egypcios, que occultavão sua Doutrina aos olhos do profano vulgo; e não se-lembrão d'aquella excellente maxima de um Philosopho

<sup>45</sup> No início da segunda metade do séc. XIX, a casa de espetáculos passou a se chamar S. Luiz, e, hoje, Arthur Azevedo, em homenagem ao dramaturgo, jornalista, tradutor e literato, que nasceu em São Luís, a 7 de Julho de 1855. Diversas companhias internacionais apresentaram-se no palco maranhense. Sobre a construção do Teatro União, o cidadão português Eleutério Varella foi favorecido com a concessão de exploração de jogos lotéricos, conforme Decisão N.º 41. – Reino. – em 13 de Setembro de 1817: Concede loterias a Eleutério da Silva Lopes Varella, para beneficio e auxilio de um theatro que se propõe edificar na capital do Maranhão. A peça encenada em sua inauguração foi *A concordia, drama heroico em um acto*. Eleutério Varella e Estêvão Gonçalves Braga, seu sócio, eram proprietário do estabelecimento. Para mais informações sobre o Teatro, consultar Lisboa (1865, pp. 591-619) e Marques (1870, pp. 520-522).

Pagão = Si cum hac exceptione detur Sapientia, ut illam inclusam teneam, nec enunciem, rejiciam. = D'este entorpecimento literario a consequencia infallivel he o pedantismo; fallar um pouco de Francez, dançar bem; e eis-aqui o que basta a um mancebo para entrar no Canon dos Sabios (Antônio, 1814, pp. 326-327).

Por um lado, e apesar da breve e imprecisa descrição do viajante, e de seu tom irônico, há menção à baixíssima frequência e descuido na ministração das aulas públicas. Por outro lado e em direção diferente a esse relato de viagem, alguns maranhenses – residentes ou não na capital –, e bem antes de aparecerem no cenário literário nacional, davam finos sinais de domínio das línguas pátria e francesa, esta última então em voga nos salões mais exigentes, grandes casas de comércio, diferentes repartições, consulados.

Ainda por esse tempo, um interessante e jocoso episódio foi protagonizado por moradora da Capitania, que dá bem ideia da ignorância de parte dos habitantes da Região. O caso, narrado por Henry Koster, ocorreu em 1811, que, abordado pela ingênua senhora, foi indagado sobre a chegada de um «inglês» na cidade de São Luís, que ela pensou se tratar de um bicho ou animal:

An English gentleman with whom I was acquainted, arrived at Maranham, a short time after the opening of the trade to British shipping; he was riding in the vicinity of the city one afternoon, when he was accosted by an old woman, who said that she had heard of the arrival of an Englishman, and wished to know if it was true, as she was going to St. Luiz, and much desired to see this *bicho* or animal. After some further conversation upon the subject, he told her that the *bicho* she was speaking to, was the Englishman himself. Of the truth of this, some difficulty was found in persuading her; but when she was confident that it was so, she cried out, “*Ai tam bonito,*” O, how handsome. She expected to have been shown some horridly ugly beast, which it was dangerous to approach, and was consequently agreeably surprised to find that she was mistaken, and to see flesh and blood in human form, handsomely put together (Koster, 1816, p. 177).

As precariedades educacionais e culturais da população são-luisense, nesta quadra de nossa história, são comentadas por Bernardo José da Gama, em 1813:

Tudo se acha ali dous ou trez Seculos atrasados ao resto do Brazil pela transcendente rusticidade de seus primeiros Collonos. As Artes e Sciencia ainda hoje são tão desconhecidas, que formão hum objecto de luxo dispensavel, e de ridicula superfluidade. Naô ha Escollas publicas, e nem algum estabelecimento para o progresso do Espirito humano. Ha hum Proffessor de Latinidade, e este com muito poucos Alumnos: havia mais dous Proffessores hum de Rethorica, e outro de Logica [...] <sup>46</sup> (1872, p. 21).

Uma medida do Governo maranhense, adotando políticas semelhantes a de outras capitánias/provínias, foi a de enviar jovens promissores para formarem-se na Europa, visando,

<sup>46</sup> Nota-se que as palavras que utilizam o sinal diacrítico ‘til’ aparecem com ‘circunflexo’, em decorrência da impressão ter sido feita em país que não se fala português (Áustria) e, por esta razão, não conter determinados acentos.

assim, suprir a carência de instituições de ensino superior no País<sup>47</sup>. De forma oficial, a primeira criada no Brasil foi a Escola de Cirurgia da Bahia (1808), após a chegada da família real portuguesa. Posteriormente, outras faculdades foram instaladas, como a de Medicina do Rio de Janeiro e as de Ciências Jurídicas e Sociais de Olinda<sup>48</sup> e de São Paulo, todas em 1827.

Segue lista de alguns documentos oficiais<sup>49</sup>, com medidas que atendem às finalidades de formação no exterior:

- A Carta Régia de 1º de Maio de 1800 concede a Corte ao Maranhão a graça de mandar estudar a Europa, a custa da Fazenda Pública, como era prática em outras capitanias, quatro escolares, sendo dois para frequentar matemática, um medicina e outro cirurgia.
- Lei n. 10, de 5 de Maio de 1835. Autorizar o governo a mandar três moços estudarem as ciências naturais na França;
- Lei n. 76, de 24 de Julho de 1838. Mandar em França aluno para aprender o método de Lancaster;
- Lei n. 219, de 11 de Setembro de 1846. Mandar a França Caetano da Rocha Pacova para aprender a ensaiar metais;
- Lei n. 229, de 17 de Junho de 1847. Mandar o jovem Raymundo Pereira Sanches Coqueiro estudar Botânica e Mineralogia na França;
- Lei n. 264, de 13 de Dezembro de 1849. Mandar para qualquer dos Estados da Europa o jovem José Martins Ferreira Corrêa, para estudar Escrita e Desenho;
- Lei n. 269, de 18 de Dezembro. Mandar o jovem Tito Jaime da Costa Nunes estudar Engenharia civil em França;
- Lei n. 599, de 12 de Setembro de 1861. Mandar o jovem Octaviano Pinheiro de Brito estudar agricultura na França no Instituto de Grignon;
- Lei n. 666, de 7 de Julho de 1863. Mandar estudar na Europa os jovens Horácio Tribuzy e Joaquim Belfort Sabino, aquele desenho e pintura na Itália e este na

---

<sup>47</sup> A primeira instituição de ensino superior do Estado – a Faculdade de Direito do Maranhão – surge somente em 1918, resultado do empenho de Fran Paxeco, cônsul português no Maranhão, e de Domingos de Castro Perdígão, diretor da Biblioteca Pública.

<sup>48</sup> A partir de 1854, passou a se chamar Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Recife, após transferência da sede para a capital da Província de Pernambuco.

<sup>49</sup> Extraído de Amaral (1923) e Castro (2009).

Inglaterra teórica e praticamente as artes mecânicas que dizem respeito à profissão de engenheiro;

- Lei n. 703, de 2 de Julho de 1864. Mandar estudar ciências teológicas na Europa João Tolentino Guedelha Mourão;
- Lei n. 769, de 27 de Junho de 1866. Mandar estudar desenho e pintura, na Europa, o cidadão Francisco Peixoto de Sá.

Outro passo imprescindível para a formação intelectual da população brasileira foi dado quando d. Pedro I decreta a *primeira lei geral de educação no Brasil*, a Lei de 15 de Outubro de 1827, pela qual manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império.<sup>50</sup>

Depois disso, várias escolas foram instaladas no Maranhão, como a primeira escola particular, pela Lei n. 47, de 4 de Agosto de 1837; o Liceu, pela Lei n. 77, de 24 de Julho de 1838, sancionadas, respectivamente, por Francisco Bibiano de Castro e Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, governadores da Província; a Casa dos Educandos Artífices, criada pela Lei n. 105, de 23 de Agosto de 1841, no governo de João António de Miranda; e a Escola Agrícola do Cutim, a 7 de Abril de 1859, na administração de João Lustosa Paranaguá. Estes fatos contribuíram para o incremento das atividades tipográficas, pois foram impressas cartilhas, gramáticas e livros de instrução, por exemplo, para utilização dos alunos de São Luís e de outras províncias.

Mas, infelizmente, como pode se ver a seguir, nos quadros de estudantes matriculados no ensino primário e no secundário, entre 1857 e 1870, os números não são animadores, levando-se em conta que a população da Província, em 1872, passava dos 336 mil habitantes, entre livres e escravos.

QUADRO 1: Ensino Primário no Maranhão (1857-1870)

	1857	1858	1859	1860	1861	1862	1863	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870
Rapazes	1.849	1.970	2.115	2.185	2.184	2.443	2.451	2.214	2.498	2.662	3.025	3.241	3.339	3.739
Meninas	347	387	433	432	457	545	636	705	730	870	983	995	1.038	1.349
Total	2.196	2.357	2.548	2.617	2.641	2.988	3.087	2.919	3.228	3.532	4.008	4.236	4.377	5.088

Fonte: Paxeco (1922, p. 607).

<sup>50</sup> No Rio de Janeiro, em finais de 1837, foi fundado o Colégio Pedro II, criado para servir de modelo a todo o Império. Esta escola funciona até os dias de hoje.

QUADRO 2: Ensino Secundário no Maranhão (1857-1870)

1857	1858	1859	1860	1861	1862	1863	1864	1865	1866	1867	1868	1869	1870
213	176	200	171	194	150	145	160	218	167	239	275	230	585

Fonte: Paxeco (1922, p. 607).

Em finais do século XIX, ainda de acordo com o cônsul português no Maranhão, Fran Paxeco, o panorama dos estabelecimentos de ensino no Maranhão era o seguinte:

Em 1896, [...] funcionavam 160 escolas primárias – 93 do sexo masculino, 61 do feminino, 4 mistas, 2 subvencionadas, com a frequência de 5.762 alunos, – 3.666 rapazes e 2.696 meninas. Ao todo, 5.762. A Escola Normal notava 5 alunos, no primeiro ano, e 3 no segundo. O Licêu, no curso das ciências e letras, 41 estudantes; avulsos, 45. Total 86 [...] (Paxeco, 1922, p. 608).

Lamentavelmente, apesar da adoção de leis para criação de escolas no Maranhão, e de a Província ser conhecida como terra de escritores, de intelectuais, percebe-se, nos quadros trazidos por Fran Paxeco, que a realidade da educação da população da época era bem diferente da que se alardeou, e de que, ainda hoje, se gabam os mais ufanistas.

## 2.4 Os espaços de leitura

- Dizem que a população do Brasil é de treze milhões.
- Mais ou menos.
- Pois bem: doze milhões e oitocentos mil não sabem ler. Dos duzentos mil restantes, cento e cinquenta lêem apenas jornais, cinquenta lêem livros franceses, trinta lêem tradução, quinze mil lêem a cartilha e livros espíritas, dois mil estudam Augusto Comte e mil procuram livros brasileiros.
- E os estrangeiros?
- Não lêem livros nacionais.
- Ora, não lêem...
- Não lêem! Isto é um país perdido (Coelho Neto, 1899).

O trecho do romance *A conquista* (1899), do escritor maranhense Coelho Neto, que abre este item, apresenta um painel pouco animador acerca da leitura no Brasil de finais do século XIX. Ao sobrepô-lo à realidade maranhense, esse quadro assume fisionomia dramática, levando-se em conta que, durante a primeira metade do século XIX, a Província possuía apenas um ambiente para leitura, e que funcionava precariamente, a Biblioteca Pública, inaugurada a

3 de Maio de 1831<sup>51</sup>. Somente a partir do terceiro quarto daquela centúria, aparecem outros recintos destinados a alimentar o espírito:

- Gabinete Português de Leitura, a 9 de Outubro de 1853;
- Bibliotheca Popular Maranhense, a 19 de Outubro de 1872<sup>52</sup>;
- Bibliotheca Militar, inaugurada a 21 de Outubro de 1873<sup>53</sup>;
- Recreação Litteraria, instalada em 1874<sup>54</sup>;
- Biblioteca do Centro Caixeiral, em 2 de Março de 1890.

Os locais de leitura são importantes, parece ocioso dizê-lo, celeiros para promoção de conhecimento. Com exceção da Biblioteca Pública do Estado, há débeis informações com relação a essas instituições instaladas em São Luís. O funcionamento dela, porém, foi bastante irregular, pois, por diversas vezes, permaneceu fechada e por longos períodos, devido, principalmente, à falta de sensibilidade dos administradores públicos. Somente em 1866, o presidente da Província, Franklin Américo de Menezes Dória, barão de Loreto, toma a importante medida de «emprestar» o acervo da «Bibliotheca Publica» ao «Instituto Litterario», sob cuidado dos médicos António Rego e António Henriques Leal:

Felizmente organisou-se a sociedade — Instituto Litterario — por ora só esperanças e flores; que ainda produzirão fructos, e a ella entregou em 23 de julho de 1866 o ultimo bibliothecario, que foi o cidadão Antonio José Quim, «mil e novecentos volumes a fóra diversos folhetos e brochuras não mencionados no cathalogo,» por determinação da presidencia da provincia, e em obediencia a uma disposição legislativa da assembléa provincial.

Esses livros fazem hoje parte da bibliotheca do mesmo Instituto, a qual infelizmente ainda está occupando a mesma sala, e terá poucos leitores pela má localidade em que se acha (Marques, 1870, p. 47).

O ato da entrega do acervo foi publicado do *Relatório do presidente da Província*, como se pode verificar nos trechos seguintes:

<sup>51</sup> Diversos autores apontam 24 de Setembro de 1829 como a data de fundação da Biblioteca. Contudo, Jomar Moraes, na nota n. 283 da reedição do *Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão*, afirma que «Tresleituras do que escreveu César Marques têm levado a confundir a data da fundação da Biblioteca com a da apresentação do projeto de sua criação. A data da fundação da Biblioteca é, inegavelmente, 3 de maio de 1831» (2004, p. 189). Hoje, a instituição tem o nome de Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL).

<sup>52</sup> O *Almanak Administrativo da Provincia do Maranhão*, quinto anno, 1873, p. 174, informa que o acervo continha 2900 volumes pouco mais ou menos. Ela foi criada por iniciativa de António Ennes de Souza e de António de Almeida Oliveira.

<sup>53</sup> O *Almanak Administrativo da Provincia do Maranhão* informa: «Installada por iniciativa particular do Sr. major Tavares no dia 21 de Outubro do anno passado, já conta esta bibliotheca 700 volumes, sendo as obras – de litteratura, sciencia. artes, legislação, industria e religião» (Rego J. C., 1874, p. 377).

<sup>54</sup> «E' regida esta sociedade pelos estatutos de 2 de setembro de 1874.»

Por acto d'esta presidencia de 10 de julho de 1866, foi entregue, na conformidade da lei provincial n. 752, de 1º de junho d'aquelle anno, à sociedade *Instituto Litterario Maranhense* a bibliotheca publica d'esta cidade, que constava de 454 volumes em soffrivel estado de conservação, 118 meio arruinados e 1,368, sendo uns inutilizados e outros, porém poucos, brochados.

[...].

Conta presentemente a bibliotheca do Instituto 2,230 volumes na sua quasi totalidade encadernados, sendo 986 da antiga bibliotheca, 950, alem de folhetos, do dr. Antonio Gonçalves Dias que foram offerecidos ao mesmo Instituto por sua viuva, e 300 entre os doados pela viuva do dr. Raymundo Teixeira Mendes, pelos irmãos do finado dr. Caetano Candido Cantanhede, e pelos Socios drs. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, Antonio Rego e Antonio Henriques Leal.

É a mesma bibliotheca na sua maioria composta de livros de grande merito e valor, quer litterario, quer scientifico (1867, p. 18).

Apesar da louvável medida, o acervo não foi imediatamente aberto ao público, e é o que registra César Marques:

Por ora ainda não foi aberta esta bibliotheca, sendo divida tal demora á grave moléstia, que surprehendeu o incansável sr. dr. Antonio Henriques Leal, quando conjuntamente com o sr. dr. Antonio Rego arrumavam as estantes e organisavam o catalogo.

A estes dous cidadãos se deve a creação d'este estabelecimento, e com prazer registamos aqui seus nomes, procedendo assim de conformidade com a justiça que sempre e muito principalmente perante a historia, a todos fazemos (1870, p. 48).

Outro recinto de consulta de livros e documentos a funcionar em terras maranhenses foi o Gabinete Português de Leitura. Trata-se de uma biblioteca particular criada por cidadãos portugueses residentes em São Luís. Tinha como finalidade promover instrução e recreio, contribuindo para introduzir o gosto da leitura na mocidade.

Localizei três catálogos dessa instituição e um deles, os *Annaes do Gabinete Portuguez de Leitura em Maranhão* (1859, pp. 21-22), traz, além da lista de impressos que compunham seu acervo, a relação de sócios honorários, em que se vê importantes nomes da literatura lusa:

1. Alexandre Herculano — Lisboa.
2. António Marques Rodrigues — Maranhão.
3. António Pedro Lopes de Mendonça — Lisboa.
4. António Rangel de Torres Bandeira — Pernambuco.
5. António Rego — Maranhão.
6. Camillo Castello-Branco — Lisboa.
7. Eduardo de Faria — Lisboa.
8. Francisco Gomes d'Amorim — Lisboa.
9. Francisco Gonsalves de Medeiros Branco — Pará.
10. Francisco Maria Bordalo — Lisboa.

11. Francisco Marques Rodrigues — Maranhão.
12. João d'Andrade Corvo — Lisboa.
13. João de Lemos Seixas Castello-Branco — Lisboa.
14. João Quirino d'Aguilar — Pernambuco.
15. Jorge Cezar de Figaniere — Lisboa.
16. José Freire de Serpa — Lisboa.
17. José Joaquim de Moraes Sarmiento — Pernambuco.
18. José da Silva Mendes Leal — Lisboa.
19. Julio Firmino Judice Dicker — Lisboa.
20. Luiz Augusto Palmeirim — Lisboa.
21. Luiz Augusto Rebello da Silva — Lisboa.
22. Manoel Maria da Silva Bruschy — Lisboa.
23. Pedro Camello Pessoa — Rio de Janeiro.

A lista exhibe 23 sócios honorários, distribuídos em quatro províncias brasileiras e a capital lusitana: Lisboa, 15; Maranhão, 3; Pernambuco, 3; Pará, 1; e Rio de Janeiro, 1. A maior parte das obras de seu acervo foi impressa em Portugal. De acordo com o catálogo de 1867, o acervo possuía 2.802 títulos, distribuídos em 4.892 volumes. Nas prateleiras, encontravam-se 1.209 prosas de ficção (romances, novelas, contos etc.), em 2.177 volumes. O último catálogo é de 1887.

Sobre a Biblioteca Popular, Artur Azevedo, em *O Domingo* (anno II, n. 4, Maranhão, 2 de Fevereiro de 1873, p. 4), assevera que «Jamais a Bibliotheca Popular terá mais frequentadores que a casa do Sr. José Alves. Entre a curta distancia da taberna á Bibliotheca, ergue-se uma barreira insuperavel, – o vicio!»

A mesma gazeta, *O Domingo* (anno II, n. 41, Maranhão, 26 de Outubro de 1873, p. 172), anuncia:

Inaugurou-se no dia 21 a bibliotheca militar, no quartel do Campo d'Ourique.

Si não resfriar tanto ardor em presença ou ausencia absoluta de algumas condecorações, folgamos em antever para a louvavel instituição um bonito futuro.

Essa biblioteca, «Installada por iniciativa particular do major João Luiz Tavares no dia 21 de outubro do anno passado, já conta [...] mais de 1000 volumes, sendo as obras de litteratura, sciencias, artes, legislação, industria e religião» (Rego J. C., 1874, p. 353).

Para se dar uma ideia de a quanto andava o descaso da população com a leitura e, principalmente, com as bibliotecas instaladas na cidade, *O Pensador* (ano II, n. 15, Maranhão, 30 de Janeiro de 1881, p. 4) apresenta em uma de suas seções o seguinte texto anônimo:

#### CHRONICA

[...]

A cidade boceja — parece estar na resaca de uma bebedeira, contudo á noute ha sempre um pequeno movimento — Abrio-se mais uma casa de jogo e crearam-se novos bailes publicos. Fechou-se por inutil a Bibliotheca Popular, e o Gabinete Portuguez de Leitura pede por amor de Deus uma esmola, que recusam.

Eram as unicas duas salas de leitura no Maranhão.

Em cada canto ha um salão de dança, em cada corpo uma molestia secreta.

De noute dansa-se, de dia — boceja-se!

Os habitantes e a administração pública do Maranhão foram negligentes com esses recintos de saber e cultura. Alguns deles tiveram vidas efêmeras. Outros se esforçaram para funcionar, mas foram vencidos pelo desânimo do público e desatenção das autoridades. A população crescia e a cidade se expandia em igual proporção, porém poucos maranhenses eram instruídos e nem manifestavam apreço pela cultura letrada.

## 2.5 As sociedades literárias

As sociedades literárias, como quaisquer outras sociedades, são formadas por grupos de pessoas que partilham dos mesmos interesses. São instituições que procuram aproximar os indivíduos ilustrados do público, por meio de encontros, eventos literários e científicos, assim como promovem publicações de obras individuais ou coletivas.

Na Província, a primeira agremiação de que se tem notícia é da «Associação Litteraria Maranhense», instalada em São Luís, a 1º de Janeiro de 1845. Lourdes Lacroix (2020, p. 362) diz que ela foi organizada por alunos do Liceu, em 1844. A Instituição tinha em seu quadro Luiz António Vieira da Silva (presidente), Augusto Frederico Colin (vice-presidente), António Henriques Leal, José Tell Ferrão, Roberto Augusto Colin, Augusto César dos Reis Raiol, Gonçalves Dias, António Rego, Frederico José Correa entre outros. O desembargador e tradutor paraense João de Cândido de Deus e Silva foi membro honorário da Associação.

A «Associação Litteraria Maranhense» editou o *Jornal de Instrução e Recreio*, para dar à luz produções dos seus sócios (originais e traduzidas). O periódico teve duração curta, de 15 de Fevereiro de 1845 a 20 de Janeiro de 1846. Para substituí-lo, os entusiastas da Associação lançaram, de imediato, *O Archivo: jornal scientifico e litterario*, iniciado a 26 de Fevereiro de

1846. A publicação, entretanto, foi interrompida no mês de Dezembro do mesmo ano, e não mais voltou a circular.

Em matéria publicada no *Jornal de Instrução e Recreio*, o presidente da «Associação Litteraria Maranhense», o futuro visconde de Vieira da Silva, fala do valor dos jornais literários:

A publicação de Journées litterarios, é de muita importancia; com ella vai se introduzindo o gosto da leitura, e o amor da instrucção. A fé que foi brilhante a invenção de jornées que se occupem com a instrucção e recreio, porque não só apparecem artigos instructivos como tambem outros destinados a preencher as horas vagas, e de aborrecimento. O Panorama, esse Jornal que por assim dizer desinvolveo o gosto da littetatura em Portugal, e que tantas sympathias mereceo, não se occupava só com a instrucção, sempre com a moral, porem também com o recreio. Em França o Museo das Familias, e a illustracção são de instrucção porem também de recreio (Silva L. A., 1845, p. 125).

Outra organização estabelecida em São Luís foi o «Atheneu Maranhense». Sobre ela, o *Almanak do Maranhão* dedica as seguintes linhas:

Esta sociedade litteraria foi installada a 15 d'outubro de 1858, e tem por fim a cultura do entendimento por meio de discussões scientificas e litterarias e promover o progresso das letras, tanto quanto fôr compativel com a força de seus membros.

Compõe-se de socios effectivos e honorarios, marcando os seus estatutos para aquelles o numero de 50 e sendo illimitado o destes (Mattos, 1863, pp. 102-103).

A 25 de Novembro de 1864, é instalado o «Instituto Litterario Maranhense», criado por António Rego e António Henriques Leal, conforme já aludido.

Além dessas sociedades literárias, surgiram outras na cidade:

- «Aurora Litteraria», instalada a 9 de Maio de 1875, também composta por jovens estudantes do Liceu Maranhense. Teve como primeiro presidente o cônego João Tolentino Guedelha Mourão;
- «União Litteraria», criada em 1º de Setembro de 1878, resultado da fusão entre o «Gremio» e o «Club Litterario». O primeiro a presidi-la foi Manuel A. S. Sá Vianna;
- «Arcadia Maranhense», em 188?. Foi presidida por Augusto Olympio Viveiro de Castro.

A situação financeira favorável vivida no Maranhão contribuiu para o surgimento de espaços de leituras e de sociedades literárias. A próspera cidade de São Luís ofereceu aos moradores atrações artísticas e culturais, durante grande parte do oitocentos. Foram muitas as companhias estrangeiras a se apresentar no palco do principal teatro da cidade.

No final do Segundo Reinado, combalido financeiro e culturalmente, o Maranhão não encontrou forças para impulsionar sua economia e passou a ser, já na República, um dos estados mais pobres do Brasil. O cenário causou danos irreparáveis para muito setores, pois «derrubou» quase todas as instituições que haviam feito a primazia literária da Capital, granjeada por escritores de boa cepa, por grandes vultos da literatura nacional.

Outra barreira foi o *deficit* educacional, porque, embora considerado polo de produção de livros e com um interessante sistema de distribuição e de divulgação, a julgar pelo alcance que os títulos atingiram, o Maranhão contava com poucas livrarias e com um número reduzido de leitores. Além disso, muitos escritores abandonaram o Estado, em busca de melhores oportunidades, partindo, principalmente, para o Rio de Janeiro. Aluísio Azevedo, pouco antes de retirar-se para a Corte, achincalhava sua cidade natal:

Já em *O mulato*, Aluísio Azevedo satirizara as pretensões culturais de São Luís, e quando o jovem Graça Aranha e seu contemporâneo Coelho Neto estavam produzindo, os dias da Atenas brasileira haviam passado há muito, tanto que seus trabalhos foram editados no Rio e na Europa [...] (Hallewell, 2005, p. 181).

Uma explicação atribuída a essa debandada prende-se ao fato de o Rio de Janeiro ser, em fins de 1890, de acordo com Boris Fausto (1995, p. 237), o único grande centro urbano do país, com uma população estimada em cerca de 522.000 habitantes, que concentrava a vida política, as diversões e uma série de investimentos em transportes, iluminação e embelezamento arquitetônico e paisagístico.

Essas derrocadas – de capital e de cérebros –, porém, não ofuscaram o legado deixado pelos escritores maranhenses à cidade de São Luís, lembrada, ainda hoje, por ser a *Atenas Brasileira*, mesmo que a maioria dos habitantes não compreenda o que o epíteto significa.

No capítulo a seguir, traço um curso histórico da implantação da imprensa no Maranhão, instrumento indispensável à promoção de ideias e valores, que se integra, por diversos motivos, às ambições das políticas imperiais, instalada, ainda, em um período de entusiasmo econômico.

### 3 A IMPRENSA, ENFIM, CHEGA AO MARANHÃO

[...] São Luís foi não só o mais importante centro editorial das províncias, e o único de importância nacional, como também o lugar em que a qualidade do trabalho dos melhores impressores ultrapassava toda e qualquer realização da corte nessa época [...]. (Hallewell, 2005, p. 170).

A arte de compor e imprimir, reproduzindo o texto por meio de caracteres (Faria & Pericão, 2008, p. 1193), em grande quantidade e em tempo curto, a tipografia ocasionou acentuadas transformações na História da Humanidade. Tanto que se pode afirmar que há um mundo antes da invenção de Johannes Gutenberg e outro, muito diferente, após ela. A reprodutibilidade, ocasionada pela tecnologia das tipologias móveis, expandiu, lenta e progressivamente, os horizontes humanos por meio de uma avalanche inexorável de informações. O novo meio de difusão foi modificando velhos saberes e praxes consolidadas, ao introduzir inusitadas ideias, crenças e convicções nessas que são uma espécie de mapa cognitivo de toda aventura humana, as mentalidades. A extensa e complexa revolução operada pela inserção dos processos tipográficos nas sociedades modernas haveria, também, de afetar os exercícios de poder, para os quais a imobilidade mental é a melhor solução.

Desde que ela surgiu e passou a exercer enorme força de intervenção social, a história passou a registrar uma série infindável de episódios a demonstrar que, por seu intermédio, os poderes constituídos ora expandiram sua capacidade de intervir e controlar a sociedade, de modo mais eficiente, ora foram perturbados por ela, e viveram momentos de verdadeiro terror diante de «ameaças» contidas em libretos, opúsculos e obras saídas das prensas tipográficas. Como todo grande instrumento capaz de pôr em risco o *status quo*, ela sofreria diversas sanções, e tentativas de represar a sua capacidade de difundir ideias e valores perigosos ao *establishment*.

Libertadora e, ao mesmo tempo, ameaçadora, também assim se escreve a história da tipografia em terras maranhenses, com suas inevitáveis consequências sobre a conformação das mentalidades.

#### 3.1 A Colônia se agita

O país chega ao início do oitocentos envolvido por uma massa de abruptas mudanças: o poder português se instala em sua maior possessão, ao transferir para as distantes terras brasileiras os instrumentos necessários ao exercício da governança. Esse é um divisor de

águas, marco fundamental a partir do qual ocorrem alterações profundas na então Colônia portuguesa: depois daí, as relações entre a distante metrópole e a periferia não seriam mais as mesmas, assim como o conjunto da vida nacional vai gradativamente se alterando, sob a pressão dos novos ventos da política da Corte. Afinal, o centro do poder não estava mais a centenas de milhas náuticas, mas no «meio da praça», alterando significativamente a condição efetiva de Colônia, bem como a percepção e sentimentos dos habitantes diante do novo *status* político. Ao tornar o Brasil sede da monarquia portuguesa, d. João VI extinguiu a sua situação de Colônia, pois

[...]. Todos os caracteres de tal regime desaparecem, restando apenas a circunstância de continuar à sua frente um governo estranho. São abolidas, uma atrás da outra, as velhas engrenagens da administração colonial, e substituídas por outras já de uma nação soberana. Caem as restrições econômicas e passam para um primeiro plano das cogitações políticas do governo os interesses do país (Mota, 2000, p. 455).

Se a intenção das cortes portuguesas era manter a vasta extensão territorial brasileira desassistida de quaisquer refinamentos administrativos e culturais, para assim continuar como possessão, a nova realidade contrariou essa expectativa. Para o pleno exercício de administração do vasto território, até então desprovido de ferramentas para tal, viu-se d. João VI na urgência de organizar a precária máquina pública colonial, promovendo uma série de mudanças. Em brevíssimo tempo e em compasso acelerado, a capital passa por sensíveis alterações arquitetônicas, introduzindo em sua irregular paisagem edifícios vistosos e avenidas largas, que atendiam aos gostos e pretensões da elite portuguesa. Cuidou, ele, de implantar grande número de instituições e serviços públicos, como também pôs em andamento medidas diversas de estímulo e proteção à economia, ao comércio, à educação, às artes, à cultura etc. Entre as tais medidas figuraram a instalação de manufaturas, a criação de escolas e academias, de instituições financeiras, estimulou a criação de sociedades científicas e culturais, autorizou a instalação da imprensa.

A Colônia despertou no dia 16 de Dezembro de 1815 sob o badalar festivo dos sinos, que anunciaram o proclama de d. João VI que criou o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, e instituiu o Rio de Janeiro como sua capital. As recém-instaladas instituições espalharam, em ritmo cada vez mais rápido, a sua influência sobre todos os quadrantes da vida da sede do Governo Português, e sobre o enorme território brasileiro, reorientando antigos procedimentos e inaugurando outros tantos. Os efeitos das medidas do poder português sobre a

antiga Colônia foram de tal magnitude que forneceram as bases para a futura autonomia do Brasil<sup>55</sup>.

Ao se romper com a proibição de tipografias em terras brasileiras, deu-se início a um processo que encontrou solo bastante fértil no Maranhão. Quando a arte tipográfica se instala em São Luís, em fins de 1821, boa parte do mundo já havia experimentado os seus efeitos e, com o seu concurso, vivenciado mudanças consideráveis. E isso se intensificaria ao longo do século XIX, à medida que os processos e recursos tipográficos foram se sofisticando, sob o regime dinâmico de novas exigências trazidas pela Revolução Industrial.

A partir desse ponto, inicia-se o desembarque nos portos das capitânicas, especialmente nos das capitais, de diferentes modelos de engenhocas de ferro fundido vindas da Europa, acompanhadas de vários grupos de tipos móveis, tintas e montanhas de papel. A letra impressa, começa, de fato, a fazer parte do dia a dia dos maranhenses e a oferecer resultados rápidos e eficazes a distintas necessidades e aspirações de seus habitantes: administrativas, comerciais, religiosas, educativas, culturais. Eram muitas, e bem conhecidas, as vantagens dos recursos da imprensa móvel para os setores letrados da sociedade nacional, além de que eram sinais evidentes de que avanços consolidados em sociedades europeias aportavam em terras brasileiras. Certo sentimento eufórico de se pisar o chão do mundo moderno impregna a mentalidade desse período de nossa história.

Um mundo de oportunidades se abria com a chegada da imprensa em solo maranhense, despertando interesses de diversos agentes, que ora enxergaram chances de bons negócios, ora de expansão e exposição de habilidades artístico-intelectuais, ora de aprimoramento educativo. E não foram poucas as manifestações de regozijo, de contentamento de maranhenses ilustrados com a chegada das máquinas tipográficas. Muitos deles haviam estudado na Europa, e quando retornaram ao Maranhão quiseram ver se espriar na velha cidade do meio-norte brasileiro as mesmas sofisticções que encontraram no Velho Continente. Levas sucessivas de recém-formados, egressos de universidades europeias, forjaram, lenta e progressivamente, um ambiente em que a letra impressa se ergueu como objeto de desejo, apanágio de elevadas aspirações. Tomando de empréstimo a Jean Jacques Rousseau, ousa afirmar que se forjou, entre os intelectuais maranhenses do século XIX, um tácito contrato social, em que a soberania política da vontade coletiva estava presa à letra impressa e à sofisticção cultural. Esse estado

---

<sup>55</sup> Entre a vasta bibliografia sobre este tema, destaco: Carvalho, J. M. (1993). *A Monarquia brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Fausto, B. (1995). *História do Brasil*. São Paulo: Fundação de Desenvolvimento da Educação.

de espírito preparou o terreno para a fase subsequente da tipografia são-luisense, quando suas oficinas passam a produzir em grandes quantidades os artefatos mais nobres de que foram capazes as prensas oitocentistas: os livros.

A tipografia, contudo, demorou a chegar à Província. Somente no final de 1821, ainda sob tutela portuguesa, no governo de Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca<sup>56</sup>, recebeu sua primeira prensa, vinda de Lisboa. Junto vieram também os mestres tipográficos lusitanos<sup>57</sup>. O Maranhão foi, oficialmente, a quarta província brasileira a desempenhar a arte de Gutenberg, depois do Rio de Janeiro<sup>58</sup>, Bahia e Pernambuco.

A imensa demora da implantação de prelos no Brasil é percebida ao conferir os dados fornecidos pelo professor e jornalista José Marques de Melo, que demonstra o distanciamento entre o início das ocupações territoriais e os anos em que as imprensas foram introduzidas nas respectivas colônias das américas espanhola, inglesa e portuguesa:

QUADRO 3: Início das ocupações em áreas coloniais nas Américas Espanhola, Inglesa e Portuguesa e a data da introdução da imprensa

Área colonial	Início da ocupação territorial	Data da introdução da imprensa	Período que separa os dois episódios
América Espanhola	1519	1533	14 anos
América Inglesa	1620	1638	18 anos
América Portuguesa	1532	1808	276 anos

Fonte: Melo (2003, p. 71).

<sup>56</sup> Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca (\* [c. 1780]; † Maio de 1830), último capitão-general da Capitania do Maranhão (1819-1822). A *Resenha das famílias titulares do reino de Portugal* (1838, p. 257) traz as seguintes considerações sobre ele:

[...] 1.º Visconde da Varzea, do Cons. d'E. R. D. João VI, Com. das Ord. de Chr. e T. Esp. Marechal de Campo, foi Quartel Mestre Gen. da Divisão dos Voluntarios Reaes d'ElRei em 1816, Ajudante Gen. das Tropas da Corte e Provincia do Rio de Janeiro em 1818, Gov. e Cap. Gen. do Maranhão em 1819, Gov. das Armas da Beira Baixa em 1825, succedeo na Casa a sua mãe, *m.* em Maio de 1830, tendo casado com D. Marianna da Silveira Pinto da Fonceca, sua prima, q. *n.* a 24 de Março de 1784, filha dos 1.ºs Condes de Amarante [...].

<sup>57</sup> De Portugal, vieram Francisco António da Silva, impressor, e Francisco José Nunes Corte Real, compositor de letras. Eles emitiram requerimentos a d. João VI, solicitando passaportes para se deslocarem ao Maranhão, conforme documentação AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 166, D. 12131 e AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 166, D. 12132 (ANEXOS 1 e 2). Além deles, António da Silva Neves, ajudante do compositor e amanuense, e António Pedro Nolasco, guarda e servente da oficina, compunham o quadro de servidores da tipografia. Sobre os precursores da tipografia maranhense, César Marques (1870, p. 547) sublinha: «Registem-se estes nomes, embora obscuros, como os dos primeiros operarios do progresso e da luz da civilização.»

<sup>58</sup> A instalação da máquina tipográfica em terras d'Além-mar deveu-se à família Real que, ao se estabelecer no Brasil, em 1808, criou a Imprensa Régia. «A inauguração oficial do novo prelo aconteceu em 13 de maio de 1808, dia do aniversário do Príncipe Regente, com a publicação de um folheto de 27 páginas, com 295 mm de altura [...]» (Hallewell, 2005, p. 110).

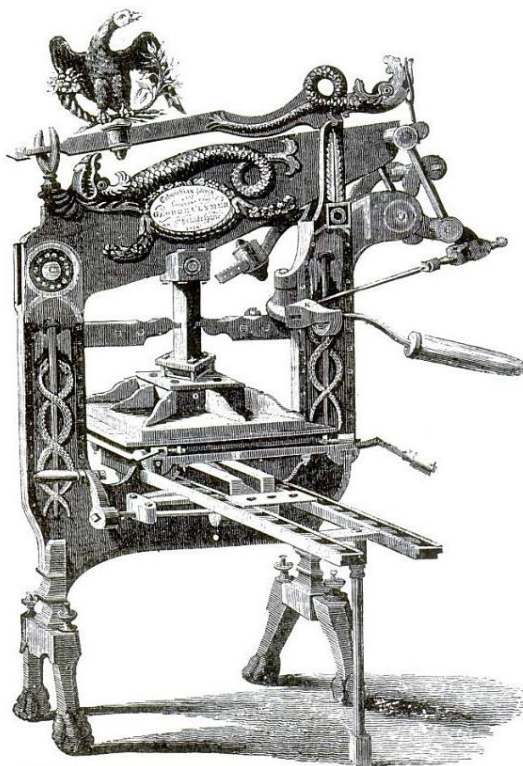
Conforme ressalta Joaquim Serra (1883, p. 15), «A primeira typographia que funcionou no Maranhão foi mantida pelo erário real em 1821. Chegou de Lisboa á 31 de Outubro d’esse ano e começou logo á funcionar.» Posteriormente, a 9 de Novembro de 1821, Bernardo da Fonseca envia ofício a Joaquim José Monteiro Torres, secretário de estado da Marinha e Ultramar, sobre o recebimento do equipamento e de ser útil a criação de uma imprensa no Maranhão (ANEXO 3). O cidadão lusitano António Marques da Costa Soares, oficial-maior da Secretaria do Governo da Província, foi nomeado diretor da Tipografia, segundo portarias n.º 384, de 31 de Outubro de 1821 (ANEXO 4), e n.º 405, de 13 de Novembro de 1821 (ANEXO 5).

Por se tratar de uma iniciativa inédita em São Luís, o médico e tradutor maranhense César Marques assegura que a instalação da tipografia causou alvoroço. Ele republica, em seu *Dicionário histórico*, um verso em décima, escrito pelo major Rodrigo Pinto Pizarro, que assinala, poeticamente, o momento em que passa a funcionar a primeira tipografia da cidade:

Certas deidades um dia,  
Seguidas do Deos vendado,  
Foram vêr por desenfado  
A nova typographia:  
Uma pagina se imprimia,  
Não sei de que natureza,  
Mas Cupido com destresa,  
Taes voltas nos typos deu,  
Que na estampa appareceu:  
*Viva amor! Viva a bellesa!* (Marques, 1870, p. 547).

Essa tipografia, batizada de Typographia Nacional Maranhense, foi, por um tempo, a única existente na Província. Mais tarde, muitas outras se instalaram, e, durante o período imperial, elas eram motivo de orgulho para o País. Segundo Joaquim Serra (1883, p. 10), «A imprensa da provincia do Maranhão é uma das mais notaveis do imperio, quer pela importancia politica que exerceu, quer pelo valor litterario dos que nella militaram.».

Das diversas tipografias introduzidas na Província, destaco: Typ. Melandiana (em 1825, ela iniciou a impressão de *O Censor* [*O Censor Maranhense*, a partir do n. 8]), Typ. Constitucional de I. J. Ferreira, Typ. Temperança, Typ. Monárquica Constitucional, Typ. Maranhense, Typ. Bemtevi, Typ. do *Paiz*, Typ. de Belarmino de Mattos e Typ. de José Maria Corrêa de Frias. Sobre estes últimos, frisa o britânico Laurence Hallewell: «Dois nomes se destacam: Belarmino de Mattos e José Maria Corrêa de Frias, rivais amistosos, cujos contínuos esforços para superar as realizações um do outro foram a causa principal do desenvolvimento técnico e estético da produção de livros no Maranhão» (2005, p. 170).

FIGURA 3: *Columbian*, primeiro equipamento tipográfico em terras maranhenses.

Fonte: Moran (1973, p. 58).

Os dois profissionais foram os que mais investiram em melhorias de suas oficinas – onde também eram impressores –, como treinamento de pessoal e importação de maquinários, resultando nos melhores impressos da Província. Alguns desses eventos podem ser verificados nas palavras de Frias (1866, p. 18):

Em 1852 é que se pode dizer começou a tipografia a mostrar o que devia ser mais tarde. O recente proprietario da que tinha sido de Magalhães, o respeitavel senr. Joaquim Correia Marques da Cunha Torres, meu mestre, homem inteligente e de gosto apurado, principiou a impelir a arte para a estrada do progresso, que devia trilhar: já ensinando-nos o que sabia de tipografia, embora não fosse tipografo, já mandando vir de fora modelos de impressos de todas as especies para nos servirem de exemplo e estimulo, já criando uma pequena biblioteca de livros bem impressos noutros paizes para que nos servissem de guia; prohibindo o mau costume, até ahi seguido, de procurarmos imitar as pezadas obras das outras nossas tipografias.

A *Biblioteca dramatica* foi uma das melhores impressões que produziu esta casa em seu principio, quanto a livros; e no genero de *remendos*<sup>59</sup> operou ella uma completa revolução.

<sup>59</sup> Este termo, segundo o *Dicionário do livro*, «[...] designa na tipografia os pequenos trabalhos de fantasia ou comerciais que exigem gosto artístico, tais como cartões-de-visita, envelopes, facturas, etc.» (Faria & Pericão, 2008, p. 1069).

Relativamente aos progressos implementados por Belarmino de Mattos, Henriques Leal conta que:

[...]. Foi elle quem, abandonando os rolos de camurça, fez os de colla e mellaço, segundo uma receita que vinha no *Manual Roret*, por mim traduzida para seu uso, e tambem é a quem deve-se a introducção do pequeno prelo de provas, tão expedito para as obras avulsas, como circulares e avisos (Leal, 1874a, pp. 234-235).

FIGURA 4: O tipógrafo Belarmino de Mattos.



Fonte: Leal (1874a).

FIGURA 5: O tipógrafo J. M. C. de Frias.



Fonte: Frias D. C. S. (1907, p. 140).

Corrêa de Frias classifica em três os ciclos da vida tipográfica da cidade, que sofreu melhora considerável:

No primeiro [1821-1841] — o estado estacionario — revela o pouco desenvolvimento de uma sociedade nova, e pelo marasmo e incerteza em que os espiritos ficam quando sucedem as grandes reformas pela revolução.

No segundo [1841-1848] — a decadencia —, pelo desenvolvimento das paixões, que se agitam e se chocam depois dos grandes cataclismos sociaes, que tudo pervertem, corrompem, e aniquilam, para depois desse caos tenebroso sair a luz radiante da civilização e da verdadeira liberdade.

No terceiro [1849-1866 (quando publicada a sua *Memória*)] — os effeitos dessa luz e dessa liberdade, a civilização enfim, o progresso de todas as cousas nesta epoca de verdadeira vida, que tudo arrasta após seu carro, com mais ou menos velocidade, por que não é possivel parar quando tudo anda (Frias J. M., 1866, p. 23).

A fama dessas tipografias ultrapassou as fronteiras do Maranhão, e foram contratadas para executar trabalhos das províncias do Pará, do Ceará, do Piauí e, até mesmo, de Pernambuco. Com relação à matéria, Hallewell (2005, p. 179) diz que, «Na verdade, a importância de São Luís no século XIX, como centro impressor que servia autores de todo o

Nordeste deveu-se, sem dúvida, tanto aos baixos preços quanto aos altos padrões do serviço de seus dois melhores artesãos.»

Na Corte, o *Diario do Rio de Janeiro* (anno XLIII, n. 143, Rio de Janeiro, 26 de Maio de 1863, p. 1), emite a seguinte nota: «**Imprensa do Maranhão.** — Por mais uma vez temos assinalado o notavel progresso da imprensa nessa importante provincia do imperio.»

Fora do país, José Mindlin e Cristina Antunes, em artigo publicado na obra *Brazil in the making: facets of national identity*, revelam a importância do comércio editorial do Maranhão e ressaltam o papel dos seus principais representantes:

[...]. Two other relevant printers include José Maria Corrêa de Frias and Belarmino de Mattos, friendly rivals who had printing establishments installed in São Luís do Maranhão. They produced an enormous quantity of books printed with high technical and aesthetic standards, making the publishing production of Maranhão one of the best in the country in the second half of the nineteenth century. To give an idea of the Maranhense publishing market of the period, the Portuguese translation of Victor Hugo's *Les Misérables* was published in São Luís in 1862, the same year that the original was published (Mindlin & Antunes, 2006, p. 76).

Outro documento estrangeiro a mencionar a tipografia maranhense foi a *Nueva Revista de Buenos Aires*, em artigo de Franklin Távora, que distinguiu o trabalho do «Didot Maranhense», ao imprimir o livro, *Impressões e gemidos*, do escritor piauiense José Coriolano de Souza Lima:

Apareció el libro en 1870. La impresión es nítida, diré que hasta irreprochable, lo que dejará de parecer exageracion, desde que se sepa que el libro fué impreso en Maranhao, bajo los ojos de Belarmino de Mattos, este benemérito artista, cuyo nombre debiera la clase tipográfica inscribir en el libro de oro en que se registran sus glorias (Távora, 1883, p. 601).

Segundo Hallewell (2005, p. 167), «Em meados do século XIX, a produção de livros, como manifestação incidental da prosperidade maranhense, alcançou alto padrão de excelência técnica e estética e volume suficiente para novamente chamar a atenção para as edições provinciais.»

Frias e Belarmino de Mattos, na maioria das vezes, ignoraram a necessidade de lucros e dedicaram grande parte da vida à arte da impressão, abrindo possibilidades de diversos títulos chegarem às mãos de pessoas de diferentes setores sociais. Eles perceberam que o livro é um poderoso suporte da cultura intelectual e um importante instrumento de difusão do conhecimento. P. Angoulvent (1960, p. 70 apud Labarre, 1981, p. 100) esclarece que «O livro é o suporte por excelência da ideologia de um país, o seu melhor embaixador espiritual [...]»

Belarmino de Mattos foi incansável na tarefa de aperfeiçoar seus impressos e deixá-los, tanto quanto possível, com o mesmo padrão dos que se via na Europa e nos Estados Unidos da América. Conforme Leal, «Era esse o seu constante sonho e para realisal-o um dia munia-se de bons especimens de impressões e de typos das officinas mais acreditadas de Vienna d’Austria, de Paris, de Londres, de Bruxellas, de Lisboa e de Nova York» (Leal, 1874a, p. 248).

Ainda em relação às tipografias, o escritor paraense José Veríssimo tece loas aos impressos da Província e, em particular, ao «Didot Maranhense»:

[...]. Caso talvez mais notável, desde 1847 tinha o Maranhão uma imprensa capaz de imprimir com decência que lhe podia invejar a Corte, obras volumosas como os *Anais* de Berredo. Nessa oficina aprendeu Belarmino de Matos, talvez o melhor impressor que já teve o Brasil, e dela saiu para montar uma própria, onde nitidamente imprimiu bom número de obras, com acabamento então único e ainda hoje raro excedido. Não é menor testemunho deste pendor maranhense a possibilidade ali de livros como os de Sotero dos Reis e de publicações como o *Jornal de Timon* (Veríssimo, 1981, p. 184).

Henriques Leal consagra o capítulo XIV, tomo II, do seu *Pantheon* (1874a, pp. 223-264), para revelar as façanhas de Belarmino de Mattos, narrando o primor e a dedicação do impressor à arte de Gutenberg. O biógrafo assegura que ele:

Não attendia só á belleza material de seus trabalhos: foi tambem um dos mais entusiastas fomentadores do movimento bibliographico que se manifestou n’essa quadra, facilitando aos editores e authores todos os meios para darem á luz da publicidade suas obras, quer acceitando longos prazos nos pagamentos, quasi sempre em pequenas e deseguaes parcelas; quer recebendo exemplares por conta d’estes, ou tomando a seu cargo a venda da edição (Leal, 1874a, p. 249).

Havia outras tipografias na cidade que também imprimiam livros, mas que foram ofuscadas pelo «brilho» que emanava das impressões saídas das oficinas de Belarmino de Mattos e de José Maria Corrêa de Frias. Enquanto eles procuravam se aprimorar na arte tipográfica – maquinários, insumos e pessoal –, os outros, pelo que se observou, mantiveram-se alheios às inovações, imprimindo prioritariamente documentos oficiais, jornais e trabalhos avulsos para o comércio. A passagem a seguir, na obra *Memoria sobre a tipografia maranhense* (Frias J. M., 1866, pp. 21-22), dá bem uma ideia do trabalho realizado por outras tipografias da capital:

A tipografia do senr. Ramos d’Almeida, quasi que só dedicada a obras para sua livraria, tem apresentado no genero de remendos alguns trabalhos bem feitos, porem os de livros carecem não só de gosto como de nitidez. Esse senhor, perfeito e delicado encadernador, tem de confiar a tipografia, que não é sua especialidade, a officiaes, que não tendo um interesse immediato não podem elevar os estabelecimentos á altura, em que os artistas proprietarios na sua especialidade conseguem collocal-os, por que estes obram livremente sem o receio de desagradar senão a si proprios.

O romance *A Virgem da tapera* é a melhor das suas impressões que tenho visto, carecendo porem de gosto em todas as suas partes.

Uma outra tipografia, a da *Situação*, de mui recente data, pois apenas conta pouco mais de um anno, á testa da qual está o senr. Serrão, que é proprietario também de parte desse estabelecimento, tem feito impressões que revelam gosto e pericia.

Das outras tres, que ainda hai trabalham, nada ha que possa ser notado, mesmo porque, fazendo só jornaes, esses são uma censura permanente de seus produtos artisticos.

Outro mérito conferido a Corrêa de Frias foi o de lançar Aluísio Azevedo na vida literária, com o romance *Uma lágrima de mulher* (1879).

Saliento que não apenas livros foram impressos em plagas maranhenses. A Província também revelou, no campo do jornalismo, notáveis articulistas, e coube a João Francisco Lisboa lugar de proeminência. A chegada do prelo foi decisiva para o surgimento de diversos periódicos (ver ANEXO 6). Iniciou com *O Conciliador do Maranhão*<sup>60</sup>, redigido pelo padre José António da Cruz Ferreira Tezinho e por António Marques da Costa Soares. Sobre a gazeta, entretanto, Vieira da Silva (1862, p. 48) proclama: «[...] Primeiro fructo da imprensa periodica no Maranhão, esta folha foi o facho da discordia que para logo dividio brasileiros e portuguezes em dous campos inimigos, não poupando sarcasmos e injurias contra aquelles que presumia affectos á causa da independencia.»

A imprensa trouxe bons e maus frutos. Paralelamente aos jornais que exibiam informações de utilidade, pasquins pululavam na cidade e acendiam os ânimos da população. Era impressionante a rapidez com que surgiam e desapareciam esses libelos que misturaram a sátira à difamação, divertindo uns e despertando ódio de outros. Um caso icônico é o do embate travado entre dois cidadãos portugueses residentes em São Luís. O médico Manuel Rodrigues de Oliveira institui *A Folha Medicinal do Maranhão*<sup>61</sup>, a 11 de Março de 1822. Em suas páginas, ele, de forma jocosa provocava o governador Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca<sup>62</sup> e, sobretudo, o padre Tezinho.

<sup>60</sup> A partir no número 77, de 6 de Abril de 1822, passou a se chamar *O Conciliador*. Ao todo, imprimiram-se 210 números, sendo o último a 16 de Julho de 1823. Os números iniciais (1-34) circularam manuscritos e, posteriormente, foram impressos.

<sup>61</sup> No número inaugural, de 11 de Março, o médico prometeu: «Daremos a discrição ou difinição de cada huma das principaes molestias desta Provincia, e que mais a afligem, e despovão. Daremos o seu diagnostico: mencionaremos suas cauzas predisponentes, e occasionaes, a sua cauza proxima, o seu pronostico, e methodo curativo [...]» (*A Folha Medicinal do Maranhão*, 1822, n. 1, p. 1). O jornal, contudo, nunca abordou assuntos de saúde. Antes, porém, ele tentou, sem sucesso, imprimir um periódico intitulado *Gazeta da Verdade*.

<sup>62</sup> Ribeiro do Amaral (1923, pp. 127-128), por outro lado, assegura que «[...] Da «Folha Medicinal» saíram apenas 14 numeros, sendo ultimo delles de 2.<sup>a</sup>-feira 10 de junho de 1822, ocupando-se nelles o seu redactor exclusivamente da politica da terra, e mostrando-se, sempre, defensor accérrimo do govêrno do capitão general Silveira.» Nos números de 1 a 10, primeiros números da gazeta (mais o Suplemento ao n. 7), constantes no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, não percebi inclinação ao governo do capitão-general.

Uma semana depois, o padre José António da Cruz Ferreira Tezinho – o mesmo d’*O Conciliador do Maranhão* – cria a *Palmatoria Semanal*. O religioso, com pena mordaz, por sua vez, contra-ataca, ao rebater e responder, no mesmo tom, às provocações do antagonista. Os dois periódicos tiveram vida curta, porque encerrados ainda no primeiro semestre de 1822.

Esta é uma rápida exposição acerca da implantação da imprensa maranhense, durante a centúria oitocentista, período que desperta maior interesse de investigadores que estudam as histórias do livro e do impresso da Província. Ainda na intenção de caracterizar esse período, faz-se necessário vislumbrar certas dificuldades técnicas; bloqueios ideológicos provocados, especialmente, por membros da Igreja; e os agentes responsáveis pela venda e circulação de obras.

### **3.2 Dificuldades técnicas e bloqueios ideológicos à produção do livro**

#### *3.2.1 Dificuldades técnicas*

E por esta forma fazendo-se conhecidos os productos da tipografia maranhense, seu estado de adiantamento, e economicos preços, que são em relação á provincia mais equitativa de 30% menos, far-se-ha ver quanto pode a vontade e o amor da arte, que faz com que os artistas de uma provincia do extremo norte do Brazil, de tudo desajudados e em peores circumstancias do que os de muitas outras, tenham levado sua arte á altura de poderem rivalizar com a corte cheia de recursos, de força, e de vida (Frias J. M., 1866, pp. 1-2).

Durante o oitocentos, as tipografias maranhenses destacaram-se no incipiente e concorrido mercado editorial brasileiro. Não obstante, a vida dessas oficinas livreiras não foi fácil. Elas enfrentaram diversos problemas, alguns dos quais de difícil superação, que chegaram a ameaçá-las seriamente, conforme se veem a seguir:

1. Falta de mão de obra qualificada – Por causa da baixa remuneração, pessoas sem experiência e crianças eram recrutadas como aprendizes para exercer os afazeres tipográficos. Algumas funções foram, ainda, atribuídas a escravos;
2. Longas jornadas de trabalho – chegavam a doze horas diárias;
3. Ausência de negociantes de máquinas e insumos tipográficos – os maquinários vinham principalmente da Europa. O primeiro prelo mecânico que teve o Maranhão, por exemplo, foi adquirido por J. M. C. de Frias, junto à empresa E. Bouchaud & Aubertie, representante do fabricante sediado na Corte;

4. Falta de papel – o país não contava com uma fábrica sequer deste insumo. Eles eram importados, especialmente, da Bélgica. De acordo com Frias (1866, p. 34), «o papel é um dos maiores embaraços com que lutamos. Os depositos além de mal sortidos em qualidade muitas vezes tambem o são em numero. [...]» Do mesmo modo como ocorreu com a carência de tinta, a falta de papel trouxe prejuízos a algumas publicações;
5. A Província não possuía casa de fundição de tipos – eles vinham de países onde não se falava português, o que acarretava enormes dificuldades ao trabalho de acentuação e a falta de alguns caracteres. É comum encontrar o número 5 de cabeça para baixo e invertido (Ɔ), em substituição ao «ç» (FIGURAS 6 e 7). Essa deficiência começou a ser sanada quando as oficinas passaram a adquirir tipos produzidos em Lisboa.
6. Inexistência de fábricas ou de depósitos de tintas – a melhor delas vinha da Inglaterra. Em razão da falta de tinta, há publicações que permaneceram estacadas por um tempo e/ou saíram com diferença de impressão;

FIGURA 6: Texto em que se percebe improvisos nas acentuações e o «ç» dá lugar ao número 5 invertido e de cabeça para baixo.

*Villa de S. Bernardo da Parnahiba.*

Participaçõēs officiaes aſſiãgão, que ha todo o ſocęgo nos *Diſtrictos* desta *Provincia*, que confinão com o *Rio Parnahiba*; e os seus pacificos habitantes, desprezadores dos falsos principios com que forão seduzidos os seus vizinhos da *Villa da Parnahiba*, conservão-se na devida *Adheſão*, e *Obediencia* ao *Soberanno Congresso*, e a *El-Rey* o *Senhor D. João VI*. Bem cooperou para esta feliz disposição o honrado *Capitão Severino Alves de Carvalho*, *Commandante* da *Villa de S. Bernardo*, que mui dignamente há cumprido os deveres do seu cargo, tanto com providencias, como exortando os moradores do seu commando a serem fieis á *Causa Sagrada da Constituição Portugueza*.

Por noticias d'ollicio remettidas daquella mesma *Villa* consta, que o *Governador das Armas da Provincia do Pihauhi* ja havia sahido da *Villa de Campo maior*, marchando em direcção á *Parnahiba*, com hum grande *Corpo de Tropa de linha*, e *Milicianna*.

Fonte: *O Conciliador*, n. 148, Maranhão, 11 de Dezembro de 1822, p. 6.

FIGURA 7: Anúncio da tradução feita por Felipe Correia (1864), em que ainda se vê o número 5 invertido e de cabeça para baixo ocupando o lugar do «ç».



Fonte: *O Constitucional*, anno II, n. 20, Maranhão, 10 de Junho de 1864, p. 4.

Quanto aos transtornos ocasionados pela falta de tinta, Corrêa de Frias apresenta uma situação ocorrida em sua oficina:

A falta de depositos de tinta de numeros acreditados é sensível e tem sido a causa de muitas vezes se começarem obras bem e acabar-se mal, como comigo se deu com um livro, edição de seis mil exemplares, que está impresso até a 16ª folha com regularidade, e d'ahi em diante assaz defeituoso por se ter acabado a tinta no mercado. Este mal já começa a ser remediado (Frias J. M., 1866, p. 34).

Esses contratemplos, contudo, não ocorriam em províncias mais desenvolvidas, é o que aponta Frias (1866, p. 35):

Note-se que Pernambuco tem depositos constantes de papel e tinta, e está em relação direta e acelerada com a Corte e com a Europa. A Corte alem destas vantajens tem fundições de tipos ou antes depositos, onde se podem suprir de momento do que precisam.

E a nós falta-nos tudo: não temos papel, não temos tinta, não temos fundição.

Embora os tipógrafos maranhenses convivessem com sucessivos embaraços, conseguiram, com paciência, maestria e dedicação, comercializar produtos e serviços, atendendo clientes de dentro e de fora de seus domínios territoriais, em função dos preços baixos e da reconhecida qualidade.

### 3.2.2 Bloqueios ideológicos à produção do livro

Ao longo da história, os livros sempre enfrentaram situações de cerceamento, em função das concepções que veiculavam, recebidas como ameaças a certos valores. São inúmeras as ocorrências de censura ao livro, sendo, talvez, a mais emblemática a dirigida à *Encyclopédie*,

ou *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, editada pelos franceses Jean le Rond d’Alembert e Denis Diderot.

Durante o oitocentos, século em que o romance se consolidou no Brasil, os censores trabalharam incansavelmente, dia e noite, para condenar, acima de tudo, a circulação de ideias «perigosas». Obras de autores famosos, como Rousseau, Alexandre Dumas, Voltaire, Victor Hugo e Gustave Flaubert também foram alvo de críticas, e, assim como o que aconteceu com a *Encyclopédie*, incluídas no *Index Librorum Prohibitorum*<sup>63</sup>.

Governantes de várias partes do mundo esforçaram-se para proibir o acesso a determinados tipos de livros, sob a alegação de serem nocivos à moral e aos costumes. O presidente da Província do Maranhão, Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, em discurso pronunciado na ocasião da abertura da Assembleia Legislativa Provincial, em 1838, sugeriu criar uma comissão para «libertar» a biblioteca dos livros ímpios e imorais, medida para eliminar ideias e informações que ele classificava como «perigosas»:

A Bibliotheca Publica possui já um avultado numero de volumes; mas d’elles poucos são os bons, e o Cidadão possuido de justa indignação, ahi encontra as obras as mais offensivas da Moral, e da Religião, que de absoluta necessidade haõ de propinar o veneno da corrupção principalmente aos alumnos, que no mesmo edificio frequentaõ algumas Aulas. Será por ventura este o unico fructo, que se tirará de um Estabelecimento creado para o aperfeiçoamente da educação da mocidade? Eu vos peço, Senhores, que nomeeis, com a maior promptidaõ, que for possivel, uma commissão para expurgar a Bibliotheca dos numerosos livros impios, e immoraes, que n’ella se achaõ (1838, pp. 13-140).

Este trecho do *Discurso* provocou indignação nos meios cultos da Capital da Província. Em resposta ao presidente Figueiredo Camargo, a *Chronica Maranhense* (n. 45, 14 de Junho de 1838, p. 181-182) publicou matéria provocativa:

[...] e insinuando que a assemblea mande queimar a *maior parte* dos livros da biblioteca, que S. Exc. classifica de *immoraes impios, e venenosos*, sem nunca os ter lido, e sendo até incapaz de os compreender!

Bem que nos quisessemos limitar a considerações geraes, é força fazer aqui uma pequena digressão sobre esta proposta inquisitorial. O snr. Camargo, profundamente ignorante, e alem disso desejoso de adular o espirito da epocha, propõe a destruição das obras de Voltaire, Rousseau, d’Alembert, Diderot, Tracy, talvez positivamente da encyclopedia, como impios; na classe dos immoraes quererá acaso compreender alguns livros da Biblia, os de Ovidio, os contos de Lafontayne e Bocace, o canto nono dos Lusíades, e outros cheios de imagens lubricas e profanas? Não sabe S. Exc. que estas obras, e outras muitas de igual natureza se acham presentemente nas principaes bibliotecas do mundo, e até nas do papa? Deverão as obras do genio, o resultado de improbos estudos, ser condemnados ao fogo, por que aprouve ao Snr. Camargo em sua sabedoria e erudicao qualifica-los de impios e immoraes? E o mais notavel é que a unica

<sup>63</sup> Índice de livros proibidos. As obras consideradas impróprias, ou que iam de encontro às teorias, aos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana eram inseridas na relação.

rasão apresentada para justificar esta odiosa proposta a que as aulas publicas estão assentadas no mesmo edificio que a biblioteca, sendo assim facil contaminarem-se as almas noviças dos estudantes com a peste dos maus livros! E por consequencia, fogueiras e algoses por unico remedio! Não recorreu ao Snr. Camargo que podia facilmente vedar-se a communicação de certos livros aos rapazes de uma determinada idade? Não ficavam assim prevenidos todos os perigos que fizeram prever a S. Exc.? Quererá o nosso virtuoso administrador que a biblioteca fique reduzida a alguns bacamartes de abstrusa theologia, e ao seu eloquente relatorio?

Cabe aqui notar que o snr. presidente recommenda a assemblea que nomêe quanto antes uma commissão para fazer a inquisição desses malditos livros impios. O que entende S. Exc. que seja a assemblea provincial? Algum corpo executivo ou de policia? quer acaso arvora-la em meza censoria? tem a manifestação dos pensamentos outros juizes alem dos jurados?

Do lado religioso, os clérigos encarregaram-se de criar jornais destinados basicamente à difusão dos princípios doutrinários católicos. No decurso da segunda metade da centúria oitocentista, a capital maranhense presenciou a circulação de ao menos cinco desses periódicos<sup>64</sup>:

1. *O Ecclesiastico: periodico dedicado aos interesses da religião* (1852-1862);
2. *O Christianismo: semanario religioso* (1854-1855);
3. *A Fé: jornal religioso, e litterario* [mudou o subtítulo para *Jornal do Clero. Dedicado aos interesses geraes da Egreja e do Estado*] (1864-1868);
4. *Civilisação: periodico hebdomadario, orgão dos Interesses catholicos* (1880-1882);
5. *A Cruzada: diario politico-religioso, litterario, comercial e noticioso* (1890-1892).

Dentre os diversos artigos estampados nas páginas dessas gazetas, exponho trecho de «Os maus livros», *O Christianismo* (anno I, n. 37, Maranhão, 15 de Janeiro de 1855, p. 4)<sup>65</sup>:

Se contemplamos as revoluçoens do seculo presente, a anarchia no politico, a impiedade e o atheismo pratico no religioso, tantos systemas filosoficos e economicos declarados abertamente inimigos do Christianismo ou melhor encarnados no paganismo, proclamado o reinado da matéria que reduz o homem á condição dos brutos, emfim postas em campos todas as forças do inferno, senhoras de muitas e importantes posiçoens; não se attribuem tão grandes estragos senão ao numero infinito de livros perniciosos publicados pella imprensa licenciosa e propagados impunemente por todos os angulos da terra. Sim, esses fructos de morte se devem a liberdade de imprensa e a seus monstruosos partos, as obras de *Voltaire* e *Rousseau* mil vezes reimpressas, à *Moral universal*, a *Deus e os homens*, ao *Christianismo descoberto*, as *cartas a Eugenia*, às *torpissimas e asquerosas produçoens de Parny e Pigault Lebrun*, às *novellas irreligiosas e immoraes de Eugenio Sue*, *P. de Kock*, e outros que taes, a tantos, poemas, dramas e comedias que se dirigem a insultar e ridicularisar a religião e bons costumes. *Verbum aedificatorium mortis.*

<sup>64</sup> Nesse tempo veio a lume *O Paiz: jornal catholico, litterario, commercial e noticioso* (1863-1889). O periódico saía duas vezes por semana, às terças e às sextas-feiras. Pouco tempo depois, mudou o subtítulo para «*orgão especial do commercio*», é o que se vê a partir do n. 32 (falta o n. 31), de 6 de Outubro de 1863.

<sup>65</sup> O artigo ocupou as páginas 3-6 e foi concluído no número seguinte: *O Christianismo* (anno I, n. 38, Maranhão, 22 de Janeiro de 1855, pp. 4-6).

Nem é para estranhar que tanto possam os maus livros quando se trata de fazer germinar a iniquidade aos corações, porque se ligeiras palavras que o vento leva, proferidas familiarmente teem tanta força para introduzir e propagar a licença e a irreligião, como nos assegura o apóstolo S. Paulo e o confirma uma triste experiencia; que não farão os escriptos, impressos e os volumes?

Como se vê os religiosos acusam a liberdade de imprensa como responsável pela produção de livros que consideravam danosos. Dessa forma, seguiam «doutrinando» os devotos a criar aversão a romances e a outros gêneros de lavra artística. Acontecimentos dessa natureza, ocorridos em praticamente todos os países católicos, tornavam-se grandes entraves à produção livreira.

Em Portugal o cenário não foi diferente. O *Bem Publico, revista eclesiastica e litteraria* (n. 10, 8ª série, Lisboa, 17 de Setembro de 1864, p. 4)<sup>66</sup>, ao descrever alguns títulos literários, traz o nome do autor de *Notre-Dame de Paris*, declarando que os romances:

[...]. São efeitos de uma aberração da razão. Quando chama a S. Pedro do Arbues «aborto de iniquidade e de fereza» e exprobra á Igreja tel-o canonisado, ouvimos a voz demente do miseravel auctor dos *Mysterios da Inquisição*; quando repete que «*Ignacio* (de Loyola) *era inimigo de Deus*» é ecco apenas do adulterio e regicida Victor-Hugo, esse lamacento lambaz de todos os partidos vencedores. [...].

No Maranhão, em 1866, o professor Sebastião Pedro Nolasco traduz e publica *Cartas a Lamartine. O mundo marcha*, de Eugène Pelletan. Sem perder tempo e em contraposição à obra, o padre Raimundo Alves da Fonseca dá início a uma contestação, com o título «O mundo marcha: refutação á E. Pelletan» através das páginas do jornal *A Fé* (anno III, n. 99, Maranhão, 20 de Agosto de 1867, pp. 2-3). Em seguida, o clérigo publica, na forma de livro e mantendo o mesmo título, a impugnação a Pelletan. Mais uma vez, vê-se a ação das pesadas mãos clericais que reprovaram obras tidas como atentatórias à doutrina.

A mesma disposição persecutória mostrou o padre R. A. da Fonseca acerca do consumo de literatura estrangeira. O religioso conclama os fiéis a que se afastem das obras escritas por estrangeiros, e argumenta em franca defesa das obras de lavra nacional, tal como se vê na extração a seguir, exposta nas primeiras páginas da *Selecta nacional*:

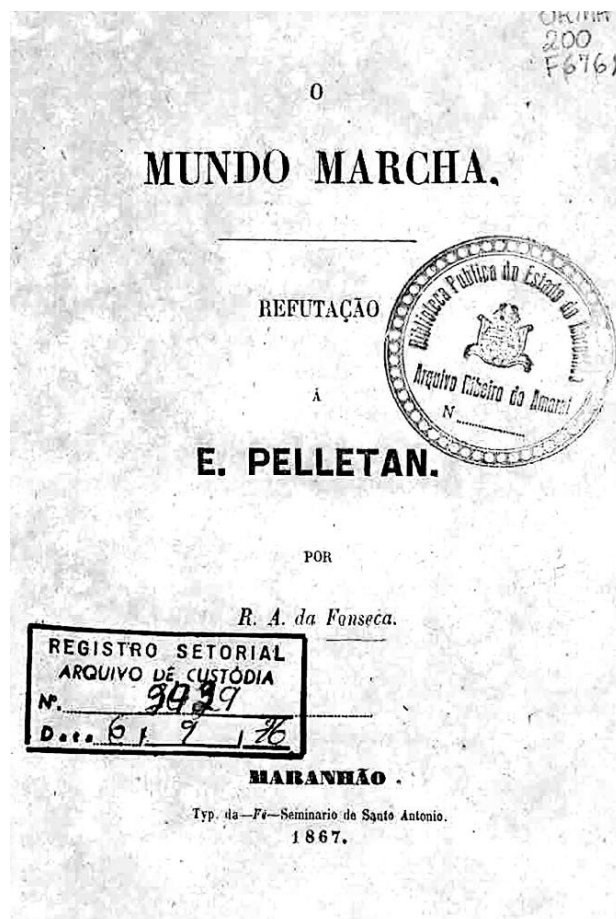
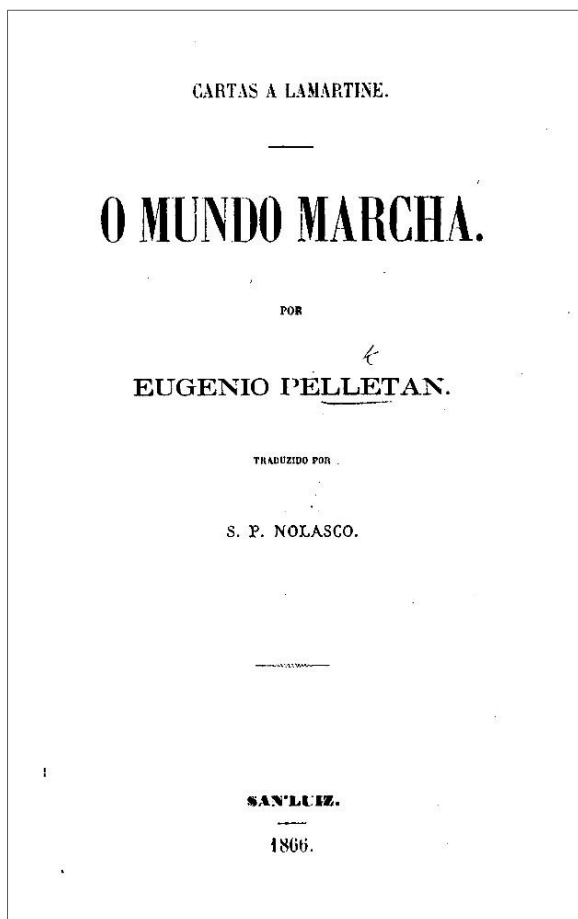
Entendermos ser já tempo de ir abrindo mão desses compendios *transmarinos* e iniciando a nascente geração em moldes mais domesticos e patrios. Ninguem, porém, venha acoimar-nos de bairrista, suppondo que recusamos as locubrações e thesouros opulentados por nações mais adiantadas. Tal não é o nosso pensamento.

Entretanto forçoso é confessar que desejamos a nossa prosperidade industrial e intellectual, utilizando-nos o mais possivel das riquezas patrias, pois já as temos em não pequena copia. Por mais dourados e seductores que sejam os arrasoados do

<sup>66</sup> Em 1857, o periódico lisboeta era editado na Imprensa União-Typographica, rua dos Calafates. Já em 1864, aparece como impresso na Typ. de Maria da Madre de Deus, rua da Vinha, n. 43.

philantropismo e cosmopolitismo, não queremos e nem podemos destruir os limites patrios, derrubar os miliarios marcos nacionaes, tão charos aos verdadeiros filhos desta terra, erguer a frente sobre o amplo espaço dizendo: *Somos tão somente cidadãos do mundo* (1873, pp. v-vi)

FIGURA 8: Frontispício das *Cartas a Lamartine. O mundo marcha.* FIGURA 9: Frontispício de *O mundo marcha: refutação á E. Pelletan.*



Chega a década de 1880 e os religiosos prosseguem sem dar trégua aos livros, mantendo-se rigorosos em sua postura discriminatória. Eles criam, em Setembro de 1880, a *Civilização*, que atacou massivamente o jovem Aluísio Azevedo. O principal redator era o padre Raimundo Alves da Fonseca, o mesmo de *O mundo marcha: refutação á E. Pelletan*. Em resposta, Aluísio e alguns amigos produzem, também em Setembro de 1880, a folha anticlerical *O Pensador*<sup>67</sup>.

As hostilidades acirraram-se depois que Aluísio Azevedo editou, em 1881, *O Mulato*, a primeira obra naturalista brasileira. A publicação causou o maior rebuliço na Província e, desta

<sup>67</sup> O artigo intitulado «Mais uma affronta», assinado por N. Cicero (*O Pensador*, anno II, n. 19, Maranhão, 20 de Março de 1881, p. 2), rendeu a Aluísio e aos outros redatores do jornal um processo impetrado pelo padre Francisco José Baptista, alvo de suas críticas. Apenas o impressor, e porque responsável direto pela publicação, foi condenado.

vez, despertou não somente a ira dos padres, mas também a de moradores mais abastados, por expor chagas da conservadora e preconceituosa sociedade maranhense.

O embate entre os redatores dos jornais, que utilizaram penas como armas, continuou até o final de 1881, com o fechamento da redação de *O Pensador*. Segue um trecho desse jornal, que dá bem uma ideia do timbre das provocações:

Cada escola que se abre n'um paiz catholico é um pedaço do Catholicismo que se esboroa. A creança, que lê, apprende nas paginas do livro a detestar o absurdo. Quem detesta o absurdo — Mata-o. A morte do absurdo — é a morte da Igreja.

Vós que nos lêdes mandai vossos filhos á escola. Ensinai-lhes a ler para os ensinar a pensar. Dai á creança a grandeza do pensamento do homem.

O livro é o maior inimigo que o padre tem.

Matai-o com a avalanche de luz (*O Pensador*, anno II, n. 19, Maranhão, 20 de Março de 1881, p. 2).

Nas páginas da *Civilização*, os clérigos responderam no mesmo tom, sem dar trégua a Aluísio, empenhando-se em desacreditar o autor e sua obra. Vejamos os últimos parágrafos do artigo «Por secas e mécas», assinado por um tal Joaquim de Albuquerque, que pesa a mão ao carregar nas tintas intimidatórias dirigidas ao autor de *O Mulato*:

Victor Hugo creou diversos typos: homem que ri, homem urso..... nós tambem temos o nosso homem que come, homem estomago, homem ganimedes.

Até breve.

JOAQUIM DE ALBUQUERQUE.

P. S — 1.º Treme zote; vou desmanchar o teu casamento: *tremate infelice*.

2º Espera-me na tua litteratura. Que lavagem medonha vais levar.... recolhe a edição quanto antes.

3º A rapaziada diz que o «Futuro» é um cacete tremendo, e que com certeza não chegará ao presente (*Civilização*, anno II, n. 45, Maranhão, 25 de Junho de 1881, p. 4).

Por último, *O Pensador* reedita uma crítica a Aluísio estampada na gazeta católica *Civilização*<sup>68</sup>:

Segundo a vontade do *Zote* e suas afirmações, eis ahi um romance realista; o primeiro pipino que brota na ilha, pertencente á nova escola *naturalista* ou realista.

É muita audacia, ou muita ignorancia ou ambas as coisas ao mesmo tempo! É contar demais com a ignorancia dos leitores, com a benevolencia da critica nacional, e julgar os outros por si.

Permita o joven *Zote* que me admire ainda uma vez! Sua *compreensão* (como se diz na escola realista) sobre o realismo é de eternas luminarias! Dizer que o *Mulato* é um

<sup>68</sup> A hemeroteca da Biblioteca Pública Benedito Leite não possui a edição de a *Civilização*, de 23 de Julho de 1881, em que, segundo os editores de *O Pensador*, o artigo foi extraído.

romance realista, é querer debicar os leitores, e em tal caso melhor seria fechar os livros, ir plantar batatas, e jurar com o antigo rifão:

*Abraçou o asno com a amendoeira  
E acharam-se parentes*

O Mulato é um trabalhosinho alambicado, servil imitação estrangeira; e em certos pontos, miseravelmente plagiado, como hei de demonstrar-o, fazendo paralelos: é um monte de retalhos de outros auctores; o mais é do *Zote*.

[...]

A' lavoura! meu *Zote*, á lavoura! precisamos de braços e não de prosas ou *rethoricas* em romances: isto sim, é real! A agricultura felicita os individuos e enriquece os povos: á lavoura! á fouce! e á enchada! *Res non verba*.

Para o nosso E. de Queiroz, dos lamacentos mangues do Bacanga, o realismo consiste em frisar-se, empoar-se, em casa do Ovidio tres vezes ao dia; andar janotinha; a falar e a escrever injurias contra os individuos e as famílias maranhenses (*O Pensador*, anno II, n. 32, Maranhão, 30 de Julho de 1881, p. 4).

As restrições, algumas misturadas a achincalhes e detratações, as condenações às publicações literárias, articuladas por hábeis religiosos, compõem uma página especial da vida intelectual na Província do Maranhão, da segunda metade do século XIX. As discussões e embates de ideias aí travadas aqueceram os ânimos da intelectualidade local, alimentando e consolidando pontos de vista em tudo discordantes. Mais que simples conflito de princípios e crenças, tratou-se de verdadeira queda-de-braço entre o poder longo dos representantes da Igreja e o poder da expansão das ideias que os instrumentos da tipografia forneciam ao mundo moderno. Era, portanto, um momento em que uma crise se estabelecia, com seus contornos tensos e dilacerantes, e em que se revelam movimentos da mentalidade de um tempo.

### 3.3 Mercadores de conhecimento: venda e circulação de livros no Maranhão oitocentista

Durante muito tempo, livros e jornais «consumidos» no Brasil chegavam a bordo de embarcações que atracavam nos portos espalhados pelo imenso litoral. Eles vinham principalmente de Lisboa<sup>69</sup>. Até então, esta era a única forma legal de acesso à leitura. Em solo maranhense, a primeira casa a comercializar obras foi, de acordo com Marques (1870, p. 171), «a repartição do Correio». Esta afirmação encontra fundamento no relatório de 1862, elaborado pelo diretor-geral dos correios, Thomaz José Pinheiro de Siqueira:

<sup>69</sup> Com relação ao assunto, Márcia Abreu garante que:

No caso da América Portuguesa, os arquivos lisboetas guardam, sob o nome de “Catálogo para Exame dos Livros para Saírem do Reino com Destino ao Brasil”, milhares de solicitações de autorização para envio de material impresso para o Brasil, elaboradas entre 1769 e 1826. Esses registros foram produzidos devido à ação da censura, que exigia que se obtivesse uma licença para embarcar todo e qualquer livro, folha ou papel impresso com destino a uma de suas colônias (2007, p. 164).

Em 24 de março de 1797 D. Fernando Antonio de Noronha representou ao ministro D. Rodrigo de Souza Coitinho sobre a necessidade, que havia de ser aqui estabelecida uma repartição do correio, que também servisse para venda de livros.

No tempo do governador D. Diogo de Souza em dezembro de 1799 foram enviados para aqui serem vendidos dez exemplares da obra — *Curso de estudos para o uso do commercio* — pelo preço de 1\$200 reis, no correio marítimo *Principe Real*, com officio do ministro D. Rodrigo de Souza Coitinho, firmado em 9 de agosto d'esse anno.

Em 9 de novembro de 1802 esse mesmo governador participou para a côrte, «que a extracção dos livros difficulosamente poderia ter o exito, que se desejava, attenta a indifferença, ou para melhor dizer repugnancia d'estes povos a toda a qualidade de applicação litteraria, e que a venda dos livros na casa do administrador do correio pouco excedeu a 20\$000 reis» (Marques, 1870, p. 171).

Apesar da admirável iniciativa de suprir a falta de um local para venda de livros, a população não teve «olhos» para o empreendimento. É justificável, entretanto, a indifferença ao ato pela ausência de escolas na região, o que, é claro, trazia enorme obstáculo à expansão da cultura letrada. Além disso, é preciso pôr na balança das dificuldades enfrentadas na circulação de livros o grave cerceamento a que as obras eram submetidas. Sobre a questão, Viveiros (1954b, p. 339) informa que «a Alfândega só processava o despacho de impressos com especial licença do Governador, que, para concedê-la, devia examinar-lhe a relação.»

Sabe-se que, ao longo da história, muitas foram as vezes em que o livro esteve sob o jugo da pesada ignorância dos censores, e no Maranhão, como visto, não foi diferente. Em viagem ao norte da Colônia, o luso-britânico Henry Koster<sup>70</sup> passou por um curioso constrangimento bibliofóbico. Chegando em São Luís, em 1811, o cronista, experiente em assuntos sobre o Nordeste brasileiro, narra:

I nearly lost a number of books which I had brought with me; the box containing them was carried to the custom-house; they were taken out, and I was desired to translate each title-page, which I did. Though the works were chiefly historical, still I found that the officer who looked over them, was not inclined to let me have them, and a hint was given to me by one of my acquaintance, that they might be considered as irrecoverable; however I made immediately a petition to the governor, to be allowed to send them on board again; this was granted, and thus I regained possession. If I had delayed, I am almost certain that I should not have seen them again. Such are the difficulties which are experienced with books in the parts of Brazil which I visited, that the only resource which remains is that of smuggling them into the country. [...] (Koster, 1816, p. 177).

<sup>70</sup> Filho do negociante britânico e membro da Academia das Ciências de Lisboa, John Theodore Koster (\* 14 Nov. 1750 – † 22 Maio 1828) e de Susanna Maria Koster, nasceu em Lisboa, a 25 de Dezembro de 1792, e faleceu, prematuramente, aos 27 anos de idade, no Recife, a 15 de Maio de 1820. Apesar da pouca idade, Henry Koster deixou um importante registro da viagem que fez pelo Nordeste brasileiro, nos primeiros anos do século XIX.

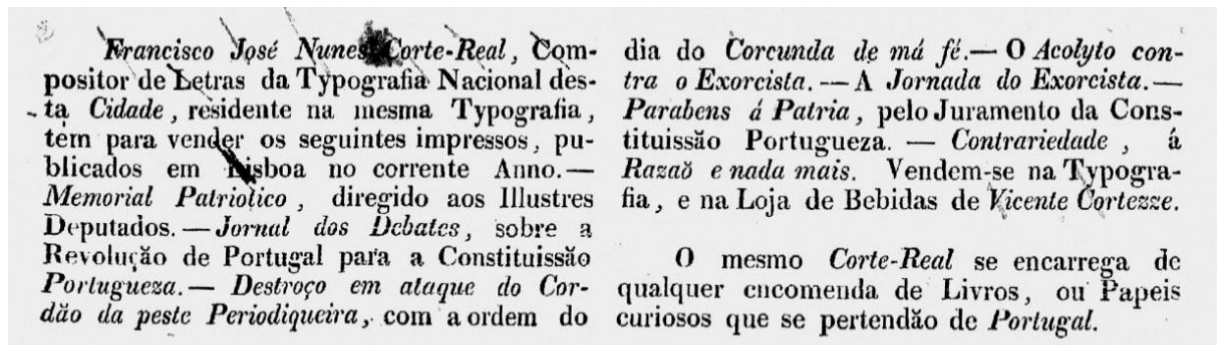
A perseguição aos impressos foi implacável e, pelo que consta, atingia a todos, sem distinção. Jerônimo de Viveiros registra dois casos ocorridos em 1822, onze anos após a situação vivenciada por Koster:

[...]. As ordens eram terminantes. Delas não escapou o vice-cônsul francês, Mr. Danmevy, que só retirou da Alfândega duas caixas de livros que trouxera depois que as abriu para o devido exame.

Se o livro fôsse considerado de leitura nociva, o dono o perdia. Foi o que aconteceu ao oficial maior da secretaria do govêrno, Antônio Marques da Costa Soares, a quem o Govêrno impediu de despachar o “Contrato Social”, de Rousseau, que mandara vir de França.<sup>71</sup> (Viveiros, 1954b, pp. 339-340).

Pouco antes destes casos de restrição aos livros citados por Viveiros, títulos eram oferecidos à compra através do único jornal da Província, *O Conciliador do Maranhão*. Na edição de 17 de Novembro de 1821, este jornal publicou o seguinte aviso:

FIGURA 10: Primeiro anúncio de venda de livros encontrado em jornal local.



Fonte: *O Conciliador do Maranhão* (n. 37, Maranhão, 17 de Novembro de 1821, p. 6).

Como se percebe, os títulos anunciados saíram de prelos da capital portuguesa, geralmente chancelados por órgãos fiscalizadores – que concediam licença ou privilégio –, facilitando, assim, a sua entrada e a circulação. De acordo com Márcia Abreu, entre 1769 e 1826,

[...] registram-se em torno de 700 pedidos de autorização para envio de livros para o Rio de Janeiro, outros 700 para a Bahia, 700 para Pernambuco, 350 para o Maranhão, e mais 200 para o Pará. Em cinquenta e poucos anos, por mais de 2.600 vezes, pessoas manifestaram interesse em remeter livros para o Brasil. No total, 18.903 obras são mencionadas nos pedidos de licença, referindo-se, sobretudo, a obras religiosas e de cunho profissional, comportamento que se observa também na América Espanhola, onde sobressaem os enviados de livros religiosos. O número acima não corresponde ao total de exemplares enviados, pois a censura não controlava o comércio e sim a circulação de idéias, razão pela qual não era necessário especificar a quantidade de

<sup>71</sup> Ele faz referência aos episódios de Mr. Danmevy: «Arquivo cit. Ofício da Junta Governativa Provincial, de 18-7-1822, Livro 17.» E o de Antônio Marques da Costa Soares: «Arquivo cit. Ofício n.º 467, de 1-8-1822, da Junta Governativa ao Administrador da Estiva da Cidade de São Luís, livro 17.»

exemplares de cada título para o qual se solicitava autorização. Portanto, a quantidade de exemplares remetidos era certamente muito superior ao número de títulos referidos nos pedidos de licença (Abreu, 2007, p. 165).

E muitos desses livros chegados de Portugal, além dos publicados pela recém-implantada prensa local, iam, a pouco e pouco, introduzindo um hábito estranho a muitos brasileiros, a leitura:

FIGURA 11: Venda de livros na «Typographia Nacional Maranhense» e na botica de Daniel Joaquim Ribeiro.

**AVISOS.**

Na Casa da Typographia Nacional, e na Botica de Daniel Joaquim Ribeiro no largo do Carmo, se vende por 2.000 rs. a obra em 2 Volumes, intitulada = *Vozes dos Leaes Portuguezes, ou fiel eccho das suas novas aclamações á Religião, a ElRei, e ás Cortes destes Reinos, com a franca exposição que a estas fazem das suas queixas, e remedios, que lhes implorão dos seus males, dedicada ás mesmas Cortes.*

Fonte: *O Conciliador do Maranhão* (n. 39, Maranhão, 24 de Novembro de 1821, p. 4).

FIGURA 12: Venda do primeiro livro traduzido e impresso no Maranhão.

Vai imprimir-se nesta Cidade o=*Tratado de moral para o genero humano, tirado da Philosophia, e fundado sobre a Natureza*=Traducção em bom Portuguez, resumida da *Philosophia da Natureza*, pelo Bacharel Manoel Rodrigues de Oliveira.

Esta Obra he preciosa, o seu Autor Mr. de Salis he hum dos maiores talentos conhecidos. Quem quizer assignar para obter hum ou mais exemplares, dirija-se por si ou seus procuradores á loge da gazeta no largo do Carmo. O preço que deve dar ao receber o exemplar he 1.280 réis. Pela carencia e careza do papel, e da Imprensa só se imprimirá hum numero de exemplares correspondente ao dos Senhores Assignantes.

Fonte: *O Conciliador do Maranhão* (n. 46, Maranhão, 12 de Dezembro de 1821, p. 4).

FIGURA 13: Aviso de venda de livros em uma loja particular e na loja do *Conciliador* (segunda tradução impressa em terras maranhenses).

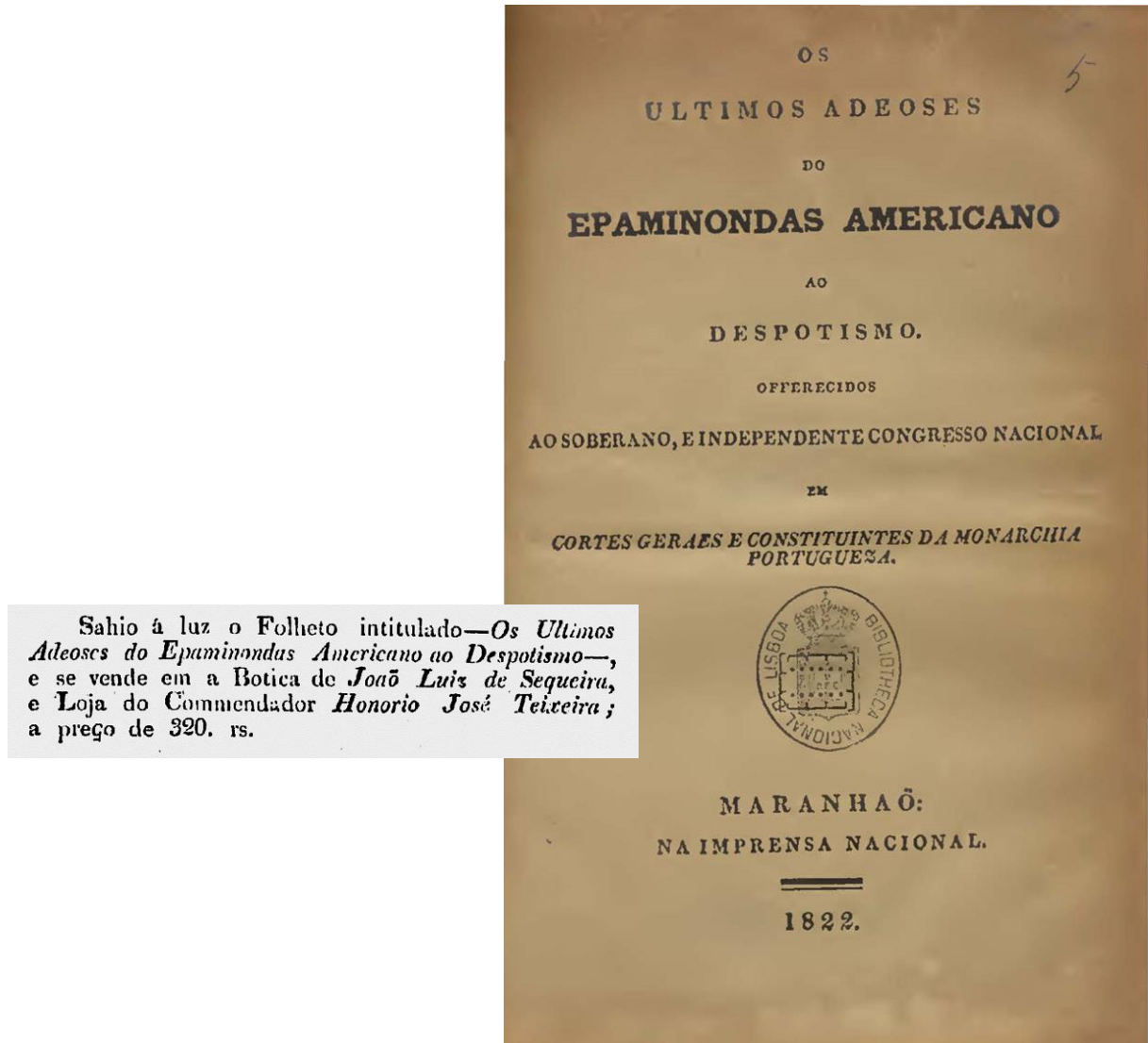
**AVISOS.**

Na loja de Manoel Antonio dos Santos Leal, & Comp.<sup>a</sup>, na Praia grande, ha para vender os 7 primeiros Folhetos da Obra intitulada—*O Prégoeiro Lusitano, Historia circunstanciada da Regeneração Portugueza, desde o Porto, seu illustre berço, athe á ultima conclusão das Cortes; com varios discursos tendentes ao mesmo objecto*— O setimo Folheto chega athe Maio de 1821; e se vende toda a colecção dos sete Folhetos por 5.600 reis.

Sahio á Luz o Opusculo intitulado—*Modo de curar a diarrheia de sangue, para uso dos Lavradores, e mais pessoas, que vivem longe da Cidade; por James Hall. M. D.*— Vende-se por 160 reis na Loja onde se distribue o —*Conciliador*.—

Fonte: *O Conciliador do Maranhão* (n. 72, Maranhão, 20 de Março de 1822, p. 4).

FIGURA 14: Frontispício de *Os ultimos adeoses do Epaminondas americano* ao despotismo e anúncio de venda do livro em uma botica e em uma loja particular.



Fonte: *O Conciliador do Maranhão* (n. 148, Maranhão, 11 de Dezembro de 1822, p. 6 [Anúncio]).

A partir de 1830, o negócio tipográfico começa a se expandir no Maranhão, com o surgimento de algumas prensas particulares, tempo em que Estevão Rafael de Carvalho traduz *A primavera: poema*, de E. C. von Kleist. No Rio de Janeiro, Odorico Mendes dá os primeiros passos em sua carreira de tradutor, publicando duas obras voltairianas, já referidas. O negócio tipográfico também começa a se expandir, com o surgimento de algumas tipografias particulares. A eficiência reprodutiva da imprensa ocasionou o aumento do número de periódicos a circular na Província, mas demorou a favorecer a produção livreira, que ainda dependia do que vinha de fora de suas fronteiras. A venda de livros continuou sendo realizada em casas residenciais, em lojas de comércio geral, incluindo-se as de bebidas, em boticas e em tipografias, que deram a público minguada produção.

Até àquela altura, a Província não contava com ambiente próprio para venda de livros, quando se apresenta o negociante mais conhecido no ramo livreiro na São Luís oitocentista, Francisco Fructuoso Ferreira<sup>72</sup>. Das diversas propagandas de vendas de livros da década de 1830, incluo, a seguir, duas delas, uma estampada em *O Publicador Official* e outra no *Echo do Norte*.

FIGURA 15: Venda de livro na «Typographia Liberal».

—Acha-se á venda na **Typographia Liberal** a—**Memoria sobre a reforma da moeda de cobre na Provincia do Maranhão**, — preço 30 réis.

Fonte: *O Publicador Official* (n. 137, Maranhão, 13 de Fevereiro de 1833, p. 568).

FIGURA 16: Primeiro anúncio de venda de livros de Francisco Fructuoso Ferreira.

—Francisco Fructuoso Ferreira, morador mistico á Alfandega, tem á venda um copioso sortimento de Livros francezes dos melhores **Classicos, Publicistas, Litteratos, Poetas, Historiadores, Philosophos &** obras portuguezas impressas em França, e livros latinos, tudo recentemente chegado: facilita o **Catalogo** com os preços a quem quizer ver, e offerece-se para mandar vir da Europa quaesquer encomendas de Livros que se lhe faça, a preços rasoaveis, e compativeis com o cambio actual.

Fonte: *Echo do Norte* (n. 40, Maranhão, 23 de Novembro de 1834, p. 4).

Dá-se início a outro momento. Os anos de 1840 chegam acompanhados de uma verdadeira revolução na vida literária e editorial local, embora Frias tenha classificado o período 1841-1848 como decadente para a tipografia: os maranhenses começam definitivamente a traduzir e a editar. É quando surge a «Associação Litteraria Maranhense», que publica diversas prosas de ficção, poemas e artigos científicos – originais e traduzidos –, no *Jornal de Instrução e Recreio* (1845-1846) e em *O Archivo* (1846); Gonçalves Dias lança os *Primeiros cantos: poesias*, sua obra *princeps*, bem recebida pela crítica no Brasil e em Portugal; os jornais passam a anunciar a venda de livros, fazendo uso do termo «livreiro»; vem à luz *O Progresso* (1847-1857; 1861-1862), primeiro jornal diário que teve a Província; entre outras novidades decorrentes da presença da tipografia na vida maranhense.

<sup>72</sup> Francisco Fructuoso Ferreira († São Luís, 8 Maio 1855). Negociante, secretário do «Banco Commercial do Maranhão». Na Província, representou as casas editoriais J. P. Aillaud, de Paris; e a Laemmert, do Rio de Janeiro.

O *Almanak do Maranhão com folhinha para anno de 1849*, p. 181, lista a seguinte relação de livreiros<sup>73</sup>, todos atuando em São Luís:

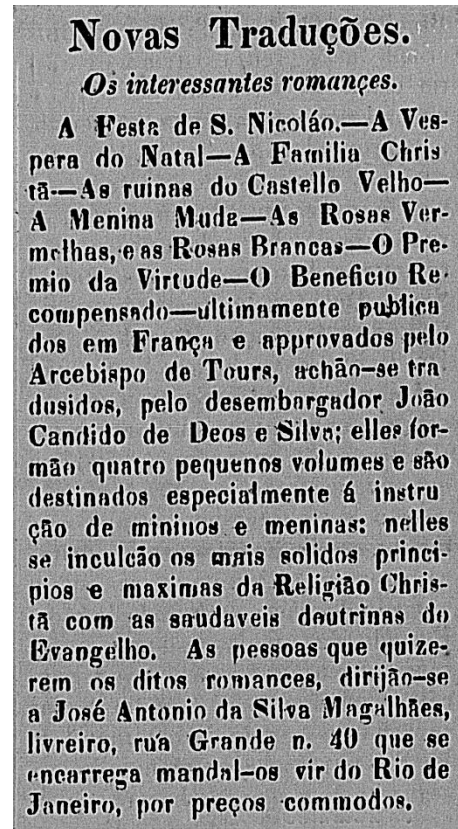
1. António José d'Oliveira [«Livraria Franceza»], rua Grande, n. 12.
2. Domingos António Fontes, rua do Ribeirão, n. 25.
3. Francisco Fructuoso Ferreira, rua de Santa Anna, n. 6.
4. José António Gonçalves de Magalhães, rua Grande, n. 40.

O aparecimento das livrarias intensificou a veiculação de propagandas de publicações nacionais e estrangeiras, vistas com frequência nos jornais da Província. Até então, pouquíssimos livros haviam saído das oficinas maranhenses. Os compêndios vinham sobretudo de Portugal e de França.

FIGURAS 17 e 18: Anúncios de vendas na loja de livros de José António Gonçalves de Magalhães.



Fonte: *Publicador Maranhense* (anno III, n. 281, Maranhão, 7 Maio 1845, p. 4).



Fonte: *Publicador Maranhense* (anno IV, n. 381, Maranhão, 2 de Maio de 1846, p. 4).

<sup>73</sup> Jerónimo de Viveiros (1954b, pp. 348-349) garante que o português António Pereira Ramos de Almeida fundou a Livraria e Papelaria Universal, no Largo do Palácio, n. 20, a 13 de Junho de 1846. Ela funcionou por mais de um século. A última informação que identifiquei sobre a casa livreira saiu no *Jornal do Maranhão* (ano XXXIII, n. 3.719, S. Luís, 29 de Outubro de 1967, p. 1), em anúncio de venda do livro *Padres e bispos auto-analisados*, do padre João Mohana.

Notícias de comercialização de obras de diversos gêneros eram vistas cotidianamente nas páginas dos jornais de São Luís. Uma, no entanto, impressa em *O Progresso* (1847), chama bastante a atenção, pela inesperada abordagem irônica:

FIGURA 19: Aviso de publicação do *Sortilegio astrologico-nigromantico-physiologico*, escrito pelo padre José António da Cruz Ferreira Tezinho.

**PUBLICAÇÃO LITTERARIA.**

— Vai sahir á luz com toda a brevidade,  
em bom papel e typos novos a obra intitulada:

**SORTILEGIO**

ASTROLOGICO—NIGROMANTICO—PHYSIOLOGICO

EM QUE

Pela maravilhosa combinação dos numeros, tirados por meio da sorte, pôde cada um saber o que tem de acontecer-lhe na sua vida sobre os assumptos consignados no principio da mesma obra

**ORDENADO**

PARA OCCUPAÇÃO DOS OCCIOSOS.

Por um que não tinha muito que fazer quando na sua composição gastou o tempo.

Consta esta obra, alem do seu Prologo explicativo, e das Taboas dos numeros, de 578 outavas em verso—heroico-rimado, que formará um volume de quasi trezentas paginas: para seu credito basta dizer que é composição inedita do erudito Padre José Antonio da Cruz Ferreira Tezinho.

Subscreve-se na Loja de Livros de J. A. Gonçalves de Magalhães, á rua Grande n. 40, preço 2\$000 rs. por cada exemplar em broxura, e em meia encadernação vistosa mais 500 réis. (1)

Fonte: *O Progresso* (n. 237, Maranhão, 3 de Dezembro de 1847, p. 4).

Além dos livreiros, outros comerciantes continuaram a anunciar assinaturas e vendas de livros, como este, encontrado no *Publicador Maranhense* (anno IV, n. 337, Maranhão, 22 de Novembro de 1845, p. 4):

Acha-se á venda na loja de Antonio José da Silva Gomes, na rua do Giz, o 1.º volume do tratado da religião, tradusido do francez, e ornado com o retrato do Exm. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo da Bahia, Primaz e Metropolitano do Brasil. Os 2.º e o 3.º volumes sahirão á luz por todo o mez de Novembro. Rs. 5\$500 pelos 3

volumes, pagos ao receber o 1.º. Quando por todo o Dezembro não sejam entregues os 2.º e 3.º volumes na mesma loja se entregarão as quantias que houverem assignado. Maranhão 20 de Novembro de 1845.

Na década seguinte, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o anno de 1858*, apresenta quatro firmas que vendiam livros em São Luís, com destaque ao estabelecimento do português António Pereira Ramos de Almeida.

FIGURA 20: Mercadores e lojas de livros na década de 1850.

**Mercadores e lojas de livros.**

Antonio Monteiro da Silva & Irmão, largo do Carmo, 14.

**ANTONIO PEREIRA RAMOS D'ALMEIDA**

LARGO DE PALACIO, 20.

**LOJA DE LIVROS EM BRANCO E IMPRESSOS.**

<p style="text-align: center;"><b>PAPEL</b></p> <p>de holanda de todos os tamanhos.</p> <p style="text-align: center;"><b>INSTRUMENTOS,</b></p> <p>muzicas, flautas, rabecas, violões e cordas para os mesmos.</p>	<p style="text-align: center;"><b>PAPEL</b></p> <p>para desenho, tintas, creões, esfominhos, lapis &amp;.</p> <p style="text-align: center;"><b>LETRAS,</b></p> <p>CONHECIMENTOS,</p> <p style="text-align: center;"><b>sanctos</b></p> <p>e vistas diversas.</p>
--	---

José Antonio Moreira da Rocha, r. Grande, 8.

Monoel José Martins Ribeiro Guimarães, r. do Giz, 5.

Fonte: B. de Mattos (1858, p. 104).

Nota-se a presença de novos mercadores de livros e a ausência de dois negociantes, que faleceram nesse período – José António Gonçalves de Magalhães († 1853) e Francisco Fructuoso Ferreira († 1855). Apesar de não constarem na relação, as tipografias continuaram a comercializar livros, como é o caso da de J. M. Corrêa de Frias, que mantinha a Livraria do Frias no mesmo prédio de sua oficina impressora.

Muitas obras de destaque foram traduzidas e/ou publicadas nesse período em São Luís, a exemplo de *O conde de Monte Christo* (1851), de Alexandre Dumas; e *O barbeiro de Sevilha* (1857), de Gioachino Rossini. Além dessas, foi produzida a coleção de peças teatrais «Bibliotheca Dramatica: teatro moderno» (1853-1854)<sup>74</sup>, traduzida por António Rego, com auxílio de António Henriques Leal. Esta última era vendida por *Francisco Fructuoso Ferreira*, em São Luís; por *Vianna & Miranda* e por *José Fernandes Lima*, em Caxias; por *João José Dias da Costa*, no Pará; por *José Mendes de Freitas*, Pernambuco; e por *Firmin Didot & Frères*, no Rio de Janeiro.

<sup>74</sup> Há pequena variação em torno do título da coletânea: «Bibliotheca» e «Biblioteca».

FIGURA 21: Anúncio da Livraria de Monteiro &amp; Irmão.

**Publicações novas, a venda na livraria de Monteiro & Irmão.**

Rossini: Principios geraes de musica, traduzidos por Manoel Joaquim dos Santos, 3.<sup>o</sup> edição mui correcta e mais augmentada, que as precedentes, 1 v. em 16 br.

Selecta tutini, sermões exemplares e scriptoribus proliissimis, ad christianas juventutes usum, edição mui correcta e augmentada 6 v. 8.<sup>o</sup> 1855.

Izco: Marqueza de Bella Flor, ou o menino engeitado, romance historico, ornado de finissimas gravuras, 2 v. 8.<sup>o</sup> 1856.

Monteverde: Manual encyclopedico para uso das escolas d'instrucção primaria, sexta edição, revista, e muito augmentada 1 v. 8.<sup>o</sup> 1856

Fonte: *Publicador Maranhense* (anno XV, n. 142, Maranhão, 25 Jun. 1857, p. 4).

FIGURA 22: Propaganda da Livraria do Frias.

**LIVROS**  
**À VENDA NA LIVRARIA**  
**DO FRIAS.**

O Bezerra de Onro, por *Frederico Soulié*.  
D. Branca de Navarra—*Villostada*.  
Os do Mar—*Dumas*.  
O Cofre de Prata—*idem*.  
Vinte Annos Depois—*idem*.  
Albina—*idem*.  
Os Dois Artistas, pelo conselheiro *Bastos*.  
Irmãos da Costa—*Gonçalves*.  
Segredos d'um Cemiterio—*Léon Goslan*.  
Judia no Vaticano—*Mery*.  
Diabo em Lisboa—*J. H. Correia*.  
Affonso Braz—*José da Fonseca*.  
Espião d'alta Cathegoria—*Saint-Georges*.  
O Gaiato do Terreiro do Paço—  
Angelo Pitou—*Dumas*.  
Collar da Rainha—*idem*.  
Quarenta e Cinco—*idem*.  
Huberto ou Gil Braz Parisiense—*Quanten*.  
Silvandira—*Dumas*.  
A mão do finado—*idem*.  
Historia de Napoleão 1.<sup>o</sup>—*Moura*.  
Mocidade de D. João V.—*Rabello da Silva*.  
Emitação de Christo—edição de luxo.

Fonte: *O Globo* (anno VI, n. 93, San'Luiz, 20 de Maio de 1859, p. 3).

A década de 1860 registra considerável número de publicações na Província – traduzidos e originais. Dentre as traduções cito *Os Miseráveis* (1862) e *O homem que ri* (1869), de Victor Hugo; *Commentarios* (1863), de Caio Júlio César; *A Bibliotheca Litteraria* (1863-1864), com 19 obras traduzidas; *O Partido Liberal* (1867) e *Paris na América* (1867), de Édouard de Laboulaye; *A Noiva de Messina ou os irmãos inimigos; tragedia com córos* (1867), de Friedrich Schiller. Em sentido contrário ao que fizeram os demais tradutores maranhenses, Jauffret verteu para o francês o *Episode d'Adamastor (Des Luziades du Camões)* (1861), do conhecidíssimo poeta português. Em relação às livrarias, algumas desapareceram e surgiram outras:

1. António Pereira Ramos d'Almeida, Praça de Palácio, 20.
2. Carlos Seidl & C.<sup>a</sup>, r. de Nazareth, 36.
3. José António Moreira da Rocha, r. Formosa, 2.
4. José Monteiro da Silva, largo do Carmo, 2.
5. José Maria Corrêa de Frias, r. dos Barbeiros, 8.
6. Manoel José Martins Ribeiro Guimarães, r. da Estrella, 36.

7. Livraria Popular de Magalhães & C.<sup>a</sup>, Largo do Palácio, 21.
8. «Livraria Economica» de Gonçalves & Pinto, rua de Nazaré, 32.

Também os livros didáticos ocuparam espaço dos mais relevantes no cenário da circulação livreira. Veja-se, por exemplo, que ao tecer críticas a João António Coqueiro<sup>75</sup>, o maranhense Miguel Vieira Ferreira revela encomendas de produção de obras didáticas efetuadas por livreiros. Os casos em tela estão ligados a Carlos Seidl, padre alemão naturalizado brasileiro, e a Fructuoso, e encontram-se publicados em *O artista* (2.<sup>a</sup> série, n. 12, Maranhão, 11 de Abril de 1869, p. 3):

Carlos Seidl não é autoridade, mas pediu ao Snr. Coqueiro que lhe escrevesse a *Pratica das novas medidas e pesos*, em 12 lecções; como a obra é anonyma, para citá-la citou-se o edictor. — Foi o que se deu a respeito da Taboada de Fructuoso; algum antigo *Coqueiro* a escreveu e Fructuoso a edictou.

Esta ação tornou-se ainda mais significativa quando os títulos didáticos produzidos no Maranhão foram adotados por escolas de outras praças. A Província obteve destaque pela produção de obras didáticas traduzidas e originais. Foram confeccionadas, por exemplo, gramáticas e livros para o ensino de inglês e de música. De uma extensa lista, cito *O livro do povo*, compilação de escritos instrutivos, morais e, principalmente, religiosos, reunidos por António Marques Rodrigues<sup>76</sup>, publicado em 1861, na Typ. do Frias, e que contou com várias edições, adotado no ensino primário por algumas províncias brasileiras. Pode-se considerar o maior *best-seller* da história do Maranhão, e do Brasil Império, uma referência na produção de títulos escolares. Sobre *O livro do povo*, diz Hallewell (2005, p. 173): «No total, parece que foram impressos trinta ou quarenta mil cópias, tendo o autor doado mais de cinco mil a escolas.» A obra é composta por pelo menos três traduções: «Vida de Nosso Senhor Jesus-Christo», I. J. Roquette, padre Royaumont e abade Brispot; «O bom homem Ricardo», de Benjamin Franklin; e «Simão de Nantua», de Laurent de Jussieu<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> João António Coqueiro (\* São Luís, 30 Abr. 1837 – † Rio de Janeiro, 26 Fev. 1910), bacharel em Ciências, pela Faculdade de Paris, e doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, pela Universidade de Bruxelas. Professor, escritor e poeta, oficial da Ordem da Rosa, ele publicou livros em São Luís e em Paris.

<sup>76</sup> António Marques Rodrigues (\* São Luís, 15 Abr. 1826 – † Avintes, Portugal, 14 Abr. 1873), filho dos portugueses Francisco Marques Rodrigues e Josefa Batista Pereira. Ele foi bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Olinda, professor, inspetor da Instrução Pública, jornalista e político. Antes, porém, ao residir em Portugal, onde estudou as primeiras letras e concluiu os preparatórios, matriculou-se, em 1845, nas faculdades de Matemática e Filosofia da Universidade de Coimbra, a fim de cursar Medicina, mas logo retornou ao Brasil, em consequência da *Revolução da Maria da Fonte*, ou *Revolta do Minho*.

<sup>77</sup> Com base na quarta edição de *O Livro do povo* (1865), constante no acervo da British Library. Não há informações se as traduções foram realizadas por A. Marques Rodrigues. Em 1867, *Simão de Nantua ou o mercador de feiras* foi publicado em São Luís, mas não identifiquei o tradutor.

FIGURA 23: Divulgação de publicações da Typ. do Frias, com destaque para *O livro do povo*.

**O LIVRO DO POVO.**

Terceira edição, ornada com 27 estampas, e augmentada com 48 paginas de texto. Vende-se no Maranhão a 400 rs. o exemplar em broxura, e a 800 rs. cartonado, no escriptorio de Joaquim Marques Rodrigues, rua da Estrella, e a 600 rs. em broxura e a 1000 rs. cartonado, nas seguintes cidades:

**CAXIAS**,—na loja de Joaquim José Gomes, rua da Oliveira.  
**PARÁ**—em casa de Ant<sup>o</sup>. Gonçalves Lamarão, r. da Praia.  
**FORTALEZA**—na livraria de Joaquim José da Oliveira.  
**PARAHYBA**—em casa de Antonio Vicente de Magalhães & Cia. rua do Yradouro de cima n<sup>o</sup> 1.  
**RECIFE**—na livraria de Manoel Figueroa de Faria & Filho—praca da Independencia n<sup>o</sup> 6 e 8; e na de José Nogueira de Souza, rua do Crespo.  
**BAHIA**—no escriptorio de Costa & Filho.  
**RIO DE JANEIRO**—a 800 rs. em broxura, e 1000 rs. cartonado, em casa de E. & H. Laemmert, rua da Quitanda n<sup>o</sup> 77.

**Typographia do DEIAS.**  
 RUA DA PALMA N<sup>o</sup> 7, MARANHÃO.  
 DIRECTOR.

No prelo.

*Obras poeticas* de Severiano Antonio de Azevedo, natural do Icatú; um volume, broxado 2\$000, encadernado 2\$600.  
*Aventuras* de Gil Braz de Santilhana, edição economica.  
**METROLOGIA**, compendio para uso das escolas primarias por Sebastião Pedro Nolasco.

Já publicadas e á venda.

*Os Miserables* por Victor Hugo, 10 tomos, em 5 volumes, broxados 10\$000 e encadernados 14\$000.  
*Tatica* elemental para os corpos de infantaria de linha, 5  
*Manoal* do plantador d'algodão por Turner; um volume (   
*A apontamentos* para o Diccionario historico, geographic tatico da provincia do Maranhão, pelo dr. Cezar A. Marques; um grosso volume em 4<sup>o</sup>; para os assignantes broxura 3\$000 e 3\$600 encadernado, e 4\$000 e 4\$800 os não assignantes.

**NOVA LEI HYPOTHECARIA** e regulamento para a eec da mesma lei, a 1\$000 rs. em broxura.

Fonte: Rodrigues (1865).

Em relação ao número de cópias, Jerónimo de Viveiros, ao discorrer sobre as virtudes tipográficas maranhenses, afirma que «[...] Esta glória coube ao “Livro do Povo”, da autoria de Antônio Marques Rodrigues, o qual, com suas 280 páginas, 110 estampas e preço de 320 réis, alcançou, dentro de um lustro, uma tiragem de 26.000 exemplares» (1954b, p. 346).

A primeira edição dessa obra, de quatro mil exemplares, foi vendida por \$320 a unidade. A quinta edição (1865) foi consideravelmente ampliada com 110 ilustrações, mas, graças a uma tiragem de dez mil exemplares, o volume ainda custou «módicos» \$500. As edições foram impressas na tipografia de José Maria Corrêa de Frias.

Ao lado da obra de A. Marques Rodrigues, *O livro dos meninos*, de António Rego, foi outro título de enorme repercussão. Trata-se de outra obra escolar de grande tiragem – foram impressos mil exemplares na primeira edição (1864) e seis mil na segunda (1865).

FIGURA 24: Anúncio de venda do livro *Simão de Nantua*, pela Livraria Universal.

**Simão de Nantua  
ou o mercador  
de feiras por  
Lourenço Jussiem.**

Esta obra, que obteve o premio extraordinario de seis mil francos proposto pela acadomia franceza, e procedente da fundação Atentyon a favor de uma obra de moral para educação da mocidade, tem o seu elogio feito na sua grande procura e geral acceitação.

O Simão de Nantua é um livro precioso pela sua moral, e conselhos uteis que dá, e que sendo aproveitados só podem formar cidadãos moralisados e respeitadores das leis.

Esta nova edição que acaba de sahir dos nossos prelos, enriquecida com duas estampas vende-se na livraria

**Universal**  
**RUA DA PALMA N.**  
**3**

**Preço cartonado 1\$200**  
Maranhão 14 de dezembro de 1867.

Fonte: *Publicador Maranhense* (anno XXVI, n. 287, S. Luiz, 16 de Dezembro de 1867, p. 3).

Mais uma interessante ocorrência dessa década deu-se com o livreiro português José Monteiro da Silva, que traduziu e publicou, em 1864, n' *O Paiz*, na forma de folhetim, *A mão de uma hespanhola*, de Hippolyte Etiennez. Esta iniciativa é mais uma evidência de que o negócio da venda de livros ia muito além da mera comercialização de títulos, alimentada pela mentalidade de inserir leitores em um circuito de leitura de obras que repercutiam na Europa.

FIGURA 25: Anúncio da Livraria Popular de Magalhães &amp; C.ª.

223

**LIVRARIA POPULAR**  
DE  
**MAGALHÃES & C.ª**  
LARGO DE PALACIO N.º 21.

**HISTORIA DE GIL BRAZ**, um volume encadernado..... 5:000  
O romance de Gil Braz de Santilhana por Lesage, e traduzido por Bocage, faz parte, por assim dizer, da educação: a ninguém é permitido ignora-lo, e, quando uma vez foi lido, relê-se de novo com prazer. Na infancia é lido por causa das romanticas aventuras dos ladrões: mais tarde, por causa das intrigas e fiel pintura dos costumes: e sempre, devido isso ao estudo attrahente do homem, que é retratado em milhares de faces verdadeiras e diversas.

**VIDA DE NELSON**, por Forgues, um volume cartonado..... 1:600  
Em brochura..... 1:200

Sem contestação alguma, Nelson é reconhecido como o primeiro almirante do mundo, e, se não tivesse alcançado as victorias d'Aboukir e Trafalgar, talvez que fosse a Inglaterra vencida por Napoleão. A sua tenacidade, e consciencia do genio traduzem-se na eloquente proclamação ds Trafalgar: A INGLATERRA ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER ! É pois com razão que os inglezes idolatram a memoria de Nelson, e o proclamam salvador da sua patria.

**HISTORIA DE CARLOS XII**, rei da Suecia, por Voltaire, um volume cartonado ..... 1:600  
Em brochura..... 1:200

Esta obra de Voltaire é um grandioso monumento levantado á memoria de Carlos XII, e recommenda-se pelo admiravel estylo do author, e pela narração elegante e rapida, como os feitos do heróe. A narração, baseada nos melhores documentos officiaes, é tão magnifica, e arrebatá o espirito do leitor n'uma serie continua de expedições brilhantes, anedoctas singulares, e acontecimentos imprevisos, que parece a historia do heróe ser um verdadeiro romance.

**VENDEM-SE ESTAS OBRAS NA LIVRARIA POPULAR  
DE MAGALHÃES & C.ª**

A década de 1870 dá início a um período de perdas irreparáveis: o desaparecimento de Belarmino de Mattos; a partida de Artur Azevedo para o Rio de Janeiro; e o enfraquecimento no mercado livreiro da capital, onde se vê apenas quatro casas com essa finalidade:

1. António Pereira Ramos d’Almeida, r. da Palma, 3.
2. Gonçalves & Pinto, r. de Nazareth, 32.
3. Manoel José Martins Ribeiro Guimarães, r. Formosa.
4. Magalhães & C.<sup>a</sup> [Livraria Popular], praça de Palácio, 21.

FIGURA 26: Publicidades da «Livraria Universal», de António Pereira Ramos d’Almeida e da «Livraria Popular», de Magalhães e C.<sup>a</sup>.

**LIVRARIA UNIVERSAL**  
DE  
**A. P. RAMOS D'ALMEIDA & C.**  
ABADIE

PAPEL PARA CIGARROS.  
qualidade superior.

**DOCE CRYSTALLISADO**  
PARISIENSE

em lindas caixas, proprias para brindes, e que se  
vendem aos—Freguezes e Amigos—por um  
preço extraordinariamente barato.

---

**OBRAS NOVAS**

**Para a livraria popular de Magalhães & C. acaba de chegar as seguinte.**

Machado de Assis—Americanas.  
E. Frank—Maripozas, romance brasileiro.  
Julio Verne—Os segredos da Ilha.  
A Debay—Physiologia do matrimonio, edição de 1876 traduzida da sexagessima edição franceza  
Aleu Kardec—Espiritismo experimental, o livro dos mediums.  
“ “ —Philosophia Esperitualista, o livro dos Espiritas.  
“ “ —O Céu e Inferno ou a Justiça divina segundo o Espiritismo.  
Julio Diniz—Serões da Provincia.  
“ “ —Poesias.  
Alberto Pimentel—Anel mysterioso.  
J. de Lemos—Canções da tarde.  
Xavier de Montepin—Crime Rochetaulle.  
João Vieira—Amores de D. Juan, extracto do immortal Poema de lord Byron.  
A. Francisco Barata—Um duello na Sombra.  
Duque de Saldanha—A voz da natureza.  
Affonso Garcia Pegero—O feliceiro de Sancho o bravo.  
Augusto Luiz da Silva—Impressões da natureza.  
Paulo de Kock—Os Intrujões.  
Antonio Ennes—Os Lazaristas e retrato do autor.  
C. Castello Branco—Gracejos que matam.

—22 LARGO DE PALACIO—22

FIGURA 27: Anúncio da «Livraria Economica», de Gonçalves & Pinto.

**As Mil e uma noites,**  
cantos arabicos.  
Mysterios de Pariz, romance por Eugenio Sue.  
A venda na Livraria Economica de Gonçal-  
ves & Piuto.  
Rua de Nazareth. (3-2)

---

**Obras de João Francisco**  
**Lisboa.**  
Compra-se 1 ou 2 exemplares destas obras, ou  
o 1.º volume somente na Livraria Economica.  
Rua de Nazareth, 32. (3-2)

Fonte: *O Paiz* (anno XI, n. 107, Maranhão, 10 de Setembro de 1873, p. 4).

No último quartel do século, nota-se pouca evolução no mercado livreiro. Nos anos de 1880, encontram-se cinco livrarias, ainda assim uma a mais em relação à década anterior:

1. Livraria Universal de A. P. Ramos d’Almeida & C.
2. Luiz Magalhães & C. [Luiz Magalhães & Neves].
3. João d’Aguiar Almeida & C.
4. Corrêa Rodrigues & C.
5. Magalhães & Pinho.

FIGURA 28: Anúncio da livraria de João d’Aguiar Almeida & C.

**A illustração Universal.**  
**DIRECTORES LITTERARIOS.**  
**Abilio Lobo e A. de Amorim Pessoa**  
com a collaboração de muitos dos mais distinctos escriptores portuguezes e  
brasileiros.  
Collaboração artistica dos principaes gravadores estrangeiros para assumptos  
geraes; — em especial para assumptos portuguezes, gravuras dos laureados e dis-  
tinctos artistas Th. Hildebrand, de Paris e F. Pastor, de Lisboa.  
Dezenhos dos melbores auctores.  
Assumptos portuguezes: Dezenhos de Bordalo  
Pinheiro e outros:  
Os srs. assignantes d’anno além do preço excepcional de 15\$000 reis por 52  
numeros, tem direito a um exemplar gratuito de qualquer das seguintes:  
No Lazareto da Lisboa, — precioso livro de caricatura de Bordalo Pinheiro.  
Phantasias d’Amor, — por Cunha Seixas. A fome de Camões, — por Gomes Leal, e  
a Mão Negra. As raças humanas, — por Luiz Figuer e o Homem Primitivo.  
**Brinde a todos os assignantes sem distincção.**  
No fim de cada anno um lindo Almanack Illustrado, verdadeiro bijou typo-  
graphico e um premio á sorte de 100\$000. reis em inscrições.  
**Agentes nesta provincia.**  
**João d’Aguiar Almeida & C.**  
**LIVRARIA**  
**Rua de Nazareth canto do Jardim.**

Fonte: *Diario do Maranhão* (anno XV, n. 3385, Maranhão, 4 de Dezembro de 1884, p. 4).

Os últimos dez anos do século XIX trouxeram um pouco mais de fôlego na seara da comercialização dos livros, pois a cidade contou com seis casas livreiras:

1. Livraria Universal de A. P. Ramos d’Almeida & C.
2. Gonçalves Ramos & C.
3. João d’Aguiar Almeida & C.
4. Julio Ramos & C.
5. Livraria Popular de Luiz Magalhães & C.
6. Corrêa Rodrigues & C.<sup>78</sup>

FIGURA 29: Publicidade da livraria de Corrêa Rodrigues & C.<sup>a</sup>.

**Novidades Litterarias**

Alguns homens do meu tempo, (Impressões litterarias), por Mario Amalia V. de Carvalho, 1 vol.

Os soldados da Revolução, por J. Michetel, versão prefaciada e annotada por Ferrando Leal, 1 vol.

Historia das ordens monasticas em Portugal, por Manoel B. Branco, 3 vol.

Chronicas de Valentina, por M. A. Vaz de Carvalho, com uma carta de Ramalho Ortigão, 1 vol.

Poesias e Poemas de Mucio Teixeira, 1 vol.

Sonetos e Rimas de Luiz Guimarães, 1 vol.

Nocturnos, por Gonçalves Crespo, 1 vol.

Miniaturas, pelo mesmo, 1 vol.

*Leitura para Homens.*

Rabelais, — Volupias, contos galantes, 1 vol.

Rabelais, — Amoras, 1 vol.

**Avenda na Livraria**  
DE  
**Corrêa Rodrigues & C.<sup>a</sup>**  
39 — Rua do Trapiche — 39.

Fonte: *Pacotilha* (anno X, n. 3, Maranhão, 4 de Janeiro de 1890, p. 1).

FIGURA 30: Propaganda da Livraria Popular de Luiz Magalhães & C.<sup>a</sup>.

**Bibliotheca Re-creativa**

dos mais primorosos escriptores francezes a 2\$500 o volume a saber:

Ohnet—La volonté  
" —Le Dr. Rameau  
Feval—Le Tueur de tigre  
Bourget—Disciple  
Coppée—Henriett  
Mendés—Bonheur des autres  
Silvestre—Qui hra  
Gyp—Mlle. Eve  
Bañer—Une comedienne  
Cossa—Economia politique  
Sergi—Psychologie e physiologie  
Lombroso — L'Homme criminel e Atlas  
Charraux—Pensées sur Phistore  
Maizeray—Petit mi  
Schoppenhauer—Critique de la philosophie  
L. Figuer—L'annee scientifique 1888  
Delahaye—L'ace électrique 1889  
Volney—Les Ruines  
Champagny—Etude sur l'Empire Romain  
Amard—L'Homme—Univers e Dieu.

**Livros de Direito**

Todos os livros de praxe. Com uma pequena despeza em nossa casa pode qualquer bacharel tomar conta da comarca, sem medo de errar, pois temos os melhores livros de pratica.

Só na Livraria Popular de Luiz Magalhães & C.<sup>a</sup>  
Rua de Nazareth. 49 - 3

Fonte: *O Globo* (anno II, n. 132, Maranhão 12 de Fevereiro de 1890, p. 3).

Como visto, as livrarias maranhenses negociaram obras dos mais variados gêneros — poesia, prosa e teatro —, impressos dentro e fora de seu território. Por meio delas, era possível

<sup>78</sup> Localizei propaganda da livraria somente no início da década, em 1890. Pelo que parece, o empreendimento fechou as portas nesse ano.

fazer encomendas de livros produzidos inclusive na Europa. Da mesma forma, diversos títulos publicados no Maranhão foram comercializados em outras praças, como os que compõem a «Bibliotheca Dramatica: theatro moderno», que aparecem no catálogo da Garnier.

Há casos de tipografias que agregaram o negócio da venda de livros, o que ocorreu com José António Gonçalves de Magalhães e, em seguida, com Corrêa de Frias. Há, também, situação contrária, em que António Pereira Ramos d'Almeida, encadernador e dono de livraria, passou a ser proprietário de tipografia.

Algumas livrarias, por um lado, não suportaram a pressão decorrente de oscilações comerciais e tiveram vida relativamente curta. Por outro, a Livraria Universal de António Pereira Ramos d'Almeida, exemplo de vitalidade, funcionou por mais de 100 anos. Jerónimo de Viveiros (1954b) chegou a afirmar que ela era: «[...] a mais antiga casa do gênero existente no país».

A seguir, exponho o rol de pensadores maranhenses que se dedicaram à tradução de diferentes obras ao longo do século XIX. Para melhor situá-los, adicionei informações sobre suas formações universitárias, quando assim for o caso, bem como de suas ocupações profissionais. Ajunto a esse tópico, na parte final, breves biografias de seis importantes personagens que verteram para o português relevantes obras literárias.

## 4 OFÍCIOS DE TRADUTOR

As Traducções não só nos abrem os thesouros, e franqueão as preciosidades, que possuem as linguas antigas, e modernas, mas facilitando a aquisição dos conhecimentos, e descobertas dos Estrangeiros, nos põem, e nos conservaõ ao nivel de todas as Nações cultas, e sabias: espalhaõ o gosto das Sciencias: fazem conhecer as suas applicações, e vantagens: mostraõ os interesses, que dellas pódem tirar no moral, e no physico o homem em particular, e a Sociedade em geral: enriquecem as linguas com hum grande numero de termos technicos, e expressões adoptadas pelos Sabios: e finalmente fazem ás mesmas Sciencias o grande serviço de darem occasiaõ a desenvolverem-se gênios, que aliás ficariaõ perdidos com hum dano irreparavel (Gama M. J., 1798, pp. XI-XII).

Os exercícios de tradução fizeram parte da rotina de alguns ilustrados cidadãos maranhenses. Dada a relevância social alcançada por algumas dessas personalidades, delineio, neste capítulo, de forma sucinta, a biografia de alguns desses que fixaram seus nomes na história, em razão de seus destacados desempenhos intelectuais e artísticos.

A atividade de tradução foi importante elo entre povo e informação, pois atendeu, de um lado, aos interesses da elite letrada e, de outro, abriu vias que ampliaram o acesso aos benfazejos ares trazidos pelo impresso às massas populares. A efervescência cultural vivida no Maranhão durante o século XIX constituiu, de fato, um poderoso catalisador, ao instituir hábitos e instrumentos que mostravam o anseio pelo avanço civilizacional.

Vale lembrar que, em terras brasileiras, um eminente vulto exercia a atividade de traduzir, mais por exercício intelectual e prazer do que por qualquer outra necessidade. O soberano d. Pedro II dedicou-se ao estudo de diversos idiomas, como grego, latim, inglês, francês, italiano e, até mesmo, tupi. Culto, o imperador traduziu diversos sonetos, poemas e trechos de obras consagradas como, por exemplo, o episódio do «Conde Ugolino», da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e o poema «A borboleta e a flor», *Le papillon et la fleur*, de Victor Hugo. A figura de d. Pedro II, com sua estatura de chefe de Estado entusiasta das letras, das artes e dos avanços científicos do século XIX, serviu, também, de incentivo aos interessados em traduzir, no Maranhão e em outras províncias.

Não é possível, nesta tese, tratar de todas as personalidades que inscreveram seus nomes no cenário das traduções empreendidas por maranhenses no oitocentos brasileiro. Para redigir um trabalho que abranja um número robusto de homens de letras, é inevitável concentrar todas as forças naqueles que obtiveram maior distinção e se firmaram como notáveis em seu espaço laboral. Tive em atenção o que sobre isso falou Sílvio Romero, referindo-se aos literatos do

Maranhão: «A primeira necessidade do critico litterario é fazer n'um pessoal tão grande de escriptores a indispensavel escolha, a selecção historica do merito» (1888b, p. 1143).<sup>79</sup>

Em um primeiro momento, ponho em tela a relação de tradutores maranhenses, em ordem cronológica de nascimento, seguida da respectiva formação e da instituição em que obtiveram/buscaram formação superior<sup>80</sup> e ocupação. O mesmo vale para aqueles – não-maranhenses – que, residindo em São Luís, também dedicaram tempo para a laboriosa atividade de conversão linguística. Em seguida, dedico-me a traçar breves perfis biobibliográficos de notáveis tradutores maranhenses.

FIGURA 31: Praça Odorico Mendes, Centro de São Luís



Fonte: Cunha (1908).

<sup>79</sup> O crítico lista os nomes de 52 poetas e poetisas, cujos trabalhos compõem o *Parnaso maranhense: collecção de poesias*, impresso de 1861.

<sup>80</sup> Alguns deles retornaram ao Maranhão sem os respectivos diplomas, como é o caso de Estevão Rafael de Carvalho e António Reis de Carvalho. César Augusto Marques também voltou de Coimbra sem o cobiçado diploma. Ele teve que abandonar o curso, em consequência da «Revolução da Maria da Fonte», iniciado em 1846. César Marques concluiu o curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia. Sobre outros, não há registro de ingresso em cursos superiores, como Sotero dos Reis e os irmãos Artur, Aluísio e Américo Azevedo.

QUADRO 4: Relação de tradutores maranhenses: formação, instituição e ocupação<sup>81</sup>

Tradutor	Formação/Instituição	Ocupação
1. Manuel Odorico Mendes * São Luís, 24 Jan. 1799 † Londres, 17 Ago. 1864	Filosofia, Universidade de Coimbra	Professor, poeta, publicista, parlamentar, tradutor.
2. Francisco Sotero dos Reis * São Luís, 22 Abr. 1800 † São Luís, 16 Jan. 1871	—	Professor, gramático, publicista, parlamentar.
3. Estevão Rafael de Carvalho <sup>82</sup> * Viana, 20 Jan. 1808 † São Luís, 27 Mar. 1846	Filosofia, Universidade de Coimbra	Professor, publicista, funcionário público, parlamentar.
4. Ernesto Adolfo de Freitas * Maranhão, 1811 † Lisboa, 22 Jun. 1889	Direito, Universidade de Coimbra	Advogado.
5. Felipe Benício de Oliveira Conduru <sup>83</sup> * São Bento, 23 Ago. 1818 † São Bento, 10 Nov. 1878	—	Professor, inspetor escolar, conselheiro da Instrução Pública do Maranhão.
6. Cândido Mendes de Almeida * Brejo dos Anapurus, 14 Out. 1818 † Rio de Janeiro, 1º Mar. 1881	Direito, Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de Olinda	Professor, geógrafo, historiador, juriconsulto, parlamentar.
7. António Rego * São Luís, 14 Ago. 1820 † Rio de Janeiro, 7 Set. 1883	Medicina, Universidade de Coimbra	Médico, jornalista, professor, parlamentar.
8. Augusto Frederico Colin * São Luís, 11 Jun. 1823 † Rio de Janeiro, 21 Ago. 1897	—	Servidor público, jornalista, conselheiro.
9. António Gonçalves Dias * Caxias, 10 Ago. 1823 † Maranhão, 3 Nov. 1864	Direito, Universidade de Coimbra	Professor, poeta, teatrólogo, jornalista, advogado, etnógrafo.

<sup>81</sup> As informações foram extraídas de diversas fontes: Silva (1858-1923), Blake (1883-1902), Amaral (1923), Meireles (1955), Lopes (1959); de *sites* e de alguns periódicos maranhenses.

<sup>82</sup> O nome de Estevão Raphael de Carvalho consta na *Relação e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* Coimbra: Imprensa da Universidade [1825-1826, p. 32, n. 1 (1º ano de Matemática), p. 39, n. 2 (1º ano de Filosofia); 1826-1827, p. 38, n. 20 (2º ano de Matemática), e p. 48, n. 20 (2º ano de Filosofia); 1827-1828, p. 49, n. 41 (3º ano de Filosofia). A *Relação* de 1828-1829 não foi impressa. Desse modo, não tenho como comprovar a alegação dos autores Blake (1893, p. 296), Amaral (1923, p. 79) e Lopes (1959, p. 85), de que ele concluiu o quarto ano do curso de Filosofia, mas, por opção, não colou grau de bacharel. Reuni, no ANEXO 7, nomes de maranhenses que estudaram em Coimbra (1726-1899).

<sup>83</sup> Felipe Conduru foi enviado à França para estudar o método Lancaster. Ele foi o primeiro diretor da Escola Normal do Maranhão.

10. Pedro Nunes Leal * Itapicuru-Mirim, 22 Ago. 1823 † São Luís, 7 Nov. 1901	<i>Direito</i> , Universidade de Coimbra	Professor, advogado, lexicógrafo.
11. José Ricardo Jauffret * São Luís, 23 Dez. 1823 † Rio de Janeiro, 7 Ago. 1878	<i>Letras</i> , Colégio Real de Marseille <i>Ciências Físicas</i> , Faculdade de Montpellier <i>Medicina</i> , Faculdade de Paris	Médico, professor.
12. Severiano António de Azevedo * Icatu, 1824? † Icatu, 14 Jan. 1863	—	Professor, poeta.
13. Francisco José dos Reis * São Luís, 9 Mar. 1825 † São Luís, 2 Jul. 1900	—	Cônego, professor.
14. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque * Caxias, 31 de Out. 1825 † Rio de Janeiro 11 de Abr. 1892	<i>Direito</i> , Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Recife	Advogado, secretário de polícia (PE), servidor público, parlamentar.
15. César Augusto Marques * Caxias, 12 Dez. 1826 † Rio de Janeiro, 6 Out. 1900	<i>Filosofia</i> , Universidade de Coimbra [não concluído] <i>Medicina</i> , Faculdade de Medicina da Bahia	Médico militar, historiador, professor, servidor público.
16. Roberto Augusto Colin * São Luís, 1828? † Rio de Janeiro, 29 Abr. 1895	—	Militar, professor.
17. António Henriques Leal * Itapecuru-Mirim, 25 Jul. 1828 † Rio de Janeiro, 29 Set. 1885	<i>Medicina</i> , Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Médico, biógrafo, historiador, crítico, jornalista, parlamentar.
18. Manuel Benício Fontenelle * Brejo, 25 Dez. 1828 † São José de Além Paraíba, 6 Jul. 1895	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de Olinda	Advogado, poeta, parlamentar.
19. João Clímaco Lobato * Maranhão, 6 Ago. 1829 † Rio de Janeiro, 12 Nov. 1897	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de Olinda	Romancista, dramaturgo, promotor público, juiz, procurador fiscal do tesouro.
20. Trajano Galvão de Carvalho * Vitória do Mearim, 19 Jan. 1830 † Vitória do Mearim, 14 Jul. 1864	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas do Recife	Poeta, romancista, promotor, juiz, fazendeiro.
21. Joaquim de Sousa Andrade * Guimarães, 9 Jul. 1832 † São Luís, 21 Abr. 1902	<i>Medicina</i> , Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro [não concluído] <i>Letras</i> , Sorbonne <i>Engenharia de Minhas</i> , Faculdade de Paris	Poeta, professor.

22. Caetano Cândido Cantanhede <sup>84</sup> * Maranhão, 1832? † São Luís, 21 Jul. 1867	<i>Ciências naturais</i> , Universidade de Heidelberg	Professor.
23. Filipe da Motta de Azevedo Corrêa * Maranhão, 1832? † Montpellier, 7 Fev. 1888	<i>Direito</i> , Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Recife	Professor, advogado.
24. Gentil Homem de Almeida Braga <sup>85</sup> * São Luís, 25 Mar. 1835 † São Luís, 25 Jul. 1876	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas Recife	Professor, advogado, promotor público, juiz, parlamentar.
25. António Joaquim Franco de Sá <sup>86</sup> * Alcântara, 16 Jul. 1836 † Recife, 29 Jan. 1856	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas do Recife [faleceu antes de concluir o curso]	Poeta, estudante.
26. Nuno Álvares Pereira e Sousa * Maranhão, 12 Ago. 1836 † Rio de Janeiro, 2 Mar. 1902	<i>Ciências Físicas e Matemáticas</i> , Escola Central da Corte, Rio de Janeiro	Engenheiro civil, militar, crítico.
27. Augusto Olímpio Gomes de Castro * Alcântara, 7 Nov. 1836 † Rio de Janeiro, 31 Jan. 1909	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas Recife	Jornalista, juriconsulto, parlamentar.
28. Miguel Vieira Ferreira * São Luís, 10 Dez. 1837 † Rio de Janeiro, 20 Set. 1895	<i>Ciências Físicas e Matemáticas</i> , Escola Central da Corte, Rio de Janeiro	Engenheiro, militar, industrial.
29. Joaquim Maria Serra Sobrinho <sup>87</sup> * São Luís, 20 Jul. 1838 † Rio de Janeiro, 29 Out. 1888	—	Professor, jornalista, funcionário público, parlamentar.
30. Augusto César de Macedo Britto * São Luís, 1848? † São Luís, 25 Maio 1899	—	Teatrorólogo, jornalista, administrador dos Correios.

<sup>84</sup> Caetano Cândido Cantanhede iniciou seus estudos em Paris e, em seguida, transferiu-se para a Alemanha, onde se formou. Seu nome foi obliterado dos registros de literatos maranhenses, talvez por ter dedicado grande parte de vida à docência. Participou da composição coletiva de *A casca da caneleira* (1866), sob o pseudônimo «Iwan Orloff». Encontrando-se em um ambiente auspicioso à tradução, verteu para o português, em 1863, a *Exposição e historia da illumination a gaz*, de Louis Figuier.

<sup>85</sup> Gentil Braga assinou diversos trabalhos usando o pseudônimo Flávio Reimar.

<sup>86</sup> Sobre António Joaquim Franco de Sá, Flávio Reimar, no *Semanario Maranhense* (anno I, n. 17, San'Luiz, 22 de Dezembro de 1867, p. 2), afirma:

Se o nosso Franco de Sá não morresse, meu amigo, que poderosa trindade não teriamos nós n'este recanto do imperio, que nos serviu de berço! Elle, o Gonsalves Dias e o bom velho Odorico; um grande traductor, dois grandes productores. [...]. Franco de Sá produziria muito; e, se quisesse tradusir, faria traducções monumentaes sob qualquer ponto de vista. Ainda me recordo da traducção verso a verso do *Sganarelle*, de me fez elle uma leitura em manhan de quinta-feira ou domingo na sua casa do Atterro da Boa Vista em 1855, traducção essa que infelizmente parece estar perdida.

<sup>87</sup> Personalidade da literatura maranhense, Joaquim Serra assinou trabalhos sob o pseudônimo «Ignotus» e Pietro de Castellamare.

31. José António de Freitas * Maranhão 10 Abr. 1849 † Lisboa 2 Nov. 1931	<i>Letras</i> , Escola Politécnica de Lisboa	Professor.
32. Celso da Cunha Magalhães * Penalva, 11 Nov. 1849 † São Luís, 9 Jun. 1879	<i>Direito</i> , Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Recife	Promotor, poeta, jornalista.
33. Rubem Júlio Tavares * Maranhão, 1850?	—	Professor, teatrólogo, ensaísta, oficial amanuense.
34. Victor Lobato * São Luís, 28 Abr. 1854 † São Luís 11 mar. 1893	—	Funcionário público, jornalista, industrial.
35. Raimundo Teixeira Mendes * Caxias, 5 Jan. 1855 † Rio de Janeiro, 28 Jun. 1927	—	Filósofo, ensaísta, poeta.
36. Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo * São Luís, 7 Jul. 1855 † Rio de Janeiro, 22 Out. 1908	—	Comediógrafo, dramaturgo, jornalista, novelista, contista, poeta, servidor público, tradutor.
37. Alexandre dos Reis Raiol * São Luís, 25 Nov. 1855 † Manaus, 3 Jul. 1934	—	Professor, compositor, regente, violoncelista, cantor lírico.
38. Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo * São Luís, 14 Abr. 1857 † Buenos Aires, 21 Jan. 1913	—	Escritor, jornalista, caricaturista, diplomata.
39. Hugo Vieira Leal <sup>88</sup> * São Luís, 21 Jul. 1857 † Rio de Janeiro, 16 Mar. 1883	<i>Medicina</i> , inicialmente em Paris e, depois, em Lisboa	Poeta, romancista, jornalista.
40. Raimundo da Motta Azevedo Correia <sup>89</sup> * Barra de Mangunça, 13 Maio 1859 † Paris, 13 Set. 1911	<i>Direito</i> , Faculdade de Direito de São Paulo	Promotor, juiz, professor, diplomata.
41. Américo Garibaldi Gonçalves de Azevedo * São Luís, 21 Fev. 1860 † São José de Ribamar, 25 Mar. 1900	—	Comediógrafo, jornalista, poeta, servidor público.

<sup>88</sup> Problemas de saúde impediram-lhe de concluir o curso. Hugo Leal, porém, em 1882, protocola requerimento solicitando matrícula em qualquer faculdade do Império. Para tal, ele apresentou o título de bacharel em Letras e Ciência, emitido pelo ministro da Instrução Pública em França. A solicitação foi deferida pela Comissão de Instrução Pública. Cf. os *Annaes do Parlamento Brasileiro, Camara dos Srs. Deputados* (Segundo anno da decima oitava Legislatura, Sessão de 1882 (Prorrogação), Vol. V, pp. 424-425). Rio de Janeiro: Typographia Nacional.

<sup>89</sup> Nasceu a bordo do vapor *San'Luiz*, na Barra de Mangunça, imediações de Cururupu, Maranhão.

42. Agripino Cyriaco de Azevedo * São Luís 16 Mar. 1864 † Rio de Janeiro 5 Maio 1942	Direito, Academia de Ciências Sociais e Jurídicas do Recife	Advogado, jornalista, professor, parlamentar.
43. Oscar d'Alva [Antônio dos Reis Carvalho] <sup>90</sup> * São Luís, 10 Abr. 1874 † Rio de Janeiro, 13 Nov. 1946	Medicina, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Poeta, jornalista, servidor público, professor.
44. Sebastião Pedro Nolasco <sup>91</sup> * 1830? † Tuiuti, SP, 6 Ago. 1867	—	Professor.
45. Manuel Barros <sup>92</sup> * Maranhão	—	?

QUADRO 5: Relação de tradutores residentes no Maranhão: formação, instituição e ocupação<sup>93</sup>

1. Henrique Roberto Rodrigues <sup>94</sup> * Porto?, 15 Ago 1822? † Lisboa, 1889	Direito, Universidade de Coimbra	Advogado, jornalista, professor.
2. Luiz Antônio Vieira da Silva <sup>95</sup> * Fortaleza, 2 Out. 1828 † Rio de Janeiro, 3 Nov. 1889	Leis e Cânones, Universidade de Heidelberg	Professor, parlamentar.

<sup>90</sup> Iniciou o curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e outro na Escola Politécnica, mas não chegou a concluí-los.

<sup>91</sup> O nome dele figura no *Primeiro quaderno do recenseamento da população da cidade de S. Luiz do Maranhão*, 1855, fl. 60, verso, com 25 anos de idade, pardo, empregado público.

<sup>92</sup> As poucas referências sobre Manuel Barros localizei na *Pacotilha* (anno X, n. 276, Maranhão, 11 de Outubro de 1890) e em Jansen (1974, p. 152).

<sup>93</sup> As informações foram extraídas de diversas fontes: Silva (1858-1923), Blake (1883-1902), Meireles (1955); *sites* e periódicos maranhenses.

<sup>94</sup> Sobre ele, Blake (1895, p. 231), diz: «Si não nasceu na provincia do Maranhão, ahi viveu muitos anos.» Porém, na *Relação e indice alfabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* Coimbra: Imprensa da Universidade [1839-1840, p. 5, n. 23, 1º ano de Direito], consta o nome de Henrique Roberto Rodrigues, natural do Porto. Não conseguí comprovar se se trata de um homônimo.

Em São Luís, ele deu aulas particulares de inglês, francês, aritmética, geografia e gramática, cf. *O Progresso* (n. 135, Maranhão, 12 de Julho de 1847, p. 4). Fundou, com Jorge Junior, o jornal *Porto-Franco* (1849-1851); Ignotus [pseudônimo de Joaquim Serra], em *Sessenta annos de jornalismo: a imprensa no Maranhão* (1883, p. 45), aponta o término do jornal em finais de 1851. Não obstante, o último exemplar que consta no *site* da Biblioteca Nacional do Brasil é o de número 87, de 31 de Dezembro de 1849. Integrou o quadro de colaboradores da *Revista Universal Maranhense* (1849-1850). Mudou-se para o Pará, em finais década de 1860.

<sup>95</sup> Descendente de tradicional família maranhense, o visconde de Vieira da Silva nasceu na capital cearense. Filho de Joaquim Vieira da Silva e Souza, que ocupou relevantes cargos em algumas províncias do Império, Luiz Antônio Vieira da Silva viveu por muitos anos em São Luís, onde, muito jovem, ajudou a fundar e presidiu a «Associação Litteraria Maranhense». Ele também colaborou em diversos jornais. Em 1862, publicou a *Historia da independencia da provincia do Maranhão (1822-1828)*, obra prefaciada por Henriques Leal. É patrono da cadeira 28, da Academia Maranhense de Letras, e da 23, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

3. José Monteiro da Silva * Porto? † São Luís, 21 Dez. 1894	—	Negociante (livreiro).
---	---	------------------------

QUADRO 6: Relação de tradutores não-maranhenses, residentes em outras partes: formação, instituição e ocupação<sup>96</sup>

1. António Joaquim Nery * Lisboa, 1797 † Lisboa, 27 Jun. 1866	—	Jornalista, tradutor, militar.
2. André Curcino Benjamin * Fortaleza, 2 Out. 1828 † Rio de Janeiro, 3 Nov. 1889	<i>Leis e Cânones</i> , Universidade de Heidelberg	Professor, parlamentar.
3. António Rangel de Torres Bandeira * Recife, 17 Out. 1826 † Recife, 11 Nov. 1872	<i>Direito</i> , Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de Olinda	Professor, promotor, delegado de polícia, parlamentar.
4. Manuel Monteiro * Porto, Out. 1667 † 1758	—	Presbítero.

QUADRO 7: Tradutores maranhenses distribuídos por instituição de ensino superior<sup>97</sup>

País	Número de estudantes	Cidade	Quant.
Brasil	17	Pernambuco	11
		Rio de Janeiro	4
		Bahia	1
		São Paulo	1
Portugal	9	Coimbra	7
		Lisboa	2
França	3	Paris, Marseille e Montpellier	1
		Paris	2
Alemanha	1	Heidelberg	1

Após checar os dados de cada tradutor, certifiquei-me, como esperado, que todos descendem de famílias abastadas ou de certo poder aquisitivo. Poucos viveram da atividade de escrever, como os irmãos Artur e Aluísio Azevedo que, seguindo o passo de vários

<sup>96</sup> As informações foram extraídas de diversas fontes: Silva (1858-1923), Blake (1883-1902), *sites* e periódicos maranhenses.

<sup>97</sup> Dois tradutores são computados mais de uma vez neste quadro: Hugo Vieira Leal, que estudou em Paris e em Lisboa; e César Augusto Marques, que iniciou um curso na Universidade de Coimbra, mas retornou ao Brasil, onde ingressou e concluiu a formação na Faculdade de Medicina da Bahia. Em 17 casos, não foi possível localizar menções de ingresso em curso superior.

comprovincianos, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Aluísio, porém, afastou-se um tanto do trabalho de escrita, após ingressar na diplomacia, em 1895. A explicação para este caso pode encontrar fundamento em Valentim Magalhães, à época, residindo em Lisboa, que declarou: «Aluizio Azevedo é no Brasil talvez o unico escritor que ganha o pão exclusivamente à custa da sua penna, mas note-se que apenas ganha o pão: as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga – como aqui tambem, creio eu» (Magalhães, 1896, p. 24). Ele esqueceu-se de citar Artur Azevedo, que, como é sabido, também viveu de sua pena.

Membro da família Azevedo, Américo Garibaldi é o mais jovem da lista. Ele traduziu *O filho do carpinteiro*, de Rosine de Lassalle, quando tinha apenas 12 anos de idade. A novela foi publicada no jornal *O Domingo*, dirigido pelo seu famoso irmão Artur, entre os dias 26 de Janeiro e 9 de Fevereiro de 1873.

A seguir, os nomes dos biografados, organizados pela cronologia de nascimento, que se inicia com Odorico Mendes, «patrono dos tradutores brasileiros», figura mais expressiva desse campo de atividade em terras maranhenses, e que, pelo que pude perceber, foi o que executou o exercício de tradução com idade mais avançada.

#### 4.1 Manuel Odorico Mendes<sup>98</sup>

Nasceu em São Luís, a 24 de Janeiro de 1799, filho do fazendeiro e capitão-mor Francisco Raimundo da Cunha e de Maria Raimunda Correia de Faria. Ele, porém, foi criado pelo tio Manuel Mendes da Silva, de quem tomou o apelido. Conforme Sotero dos Reis, Odorico

Era oriundo das mais antigas e illustres familias desta terra pois descendia, por seu pae, o capitão-mór Francisco Raymundo da Cunha, do capitão-mor Antonio Teixeira de Mello, heroico restaurador do Maranhão, donde expulsou os hollandezes em 1644; e por sua mãe, D. Maria Raimunda Corrêa de Faria, de Thomaz Bekman, irmão do infeliz Bekman (Fonseca, 1873, pp. 66-67).

Aos 17 anos de idade, Odorico Mendes parte para Coimbra, ingressando no curso de Filosofia<sup>99</sup>. Sobre a sua empreitada na Europa, Ribeiro do Amaral (1913, p. 7) apresenta a informação a seguir:

<sup>98</sup> Para mais informações sobre a vida de Odorico Mendes, consultar a biografia produzida por João Lisboa e publicada na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, quarto anno, Abril de 1862, Lisboa, Escriptorio da Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, pp. 329-353.

<sup>99</sup> Cf. *Relação e indice alfabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* Coimbra: Imprensa da Universidade [1816-1817, p. 38, n. 29 (1º ano de Matemática); 1817-1818, p. 46, n. 8 (2º ano de

Dirigindo-se a Coimbra, era proposito de Odorico Mendes graduar-se na faculdade de medicina daquela Universidade; mas, ou porque lhe escasseassem meios, por fallecimento de seu pae adoptivo, ou por qualquer outro motivo que ignoramos, o certo é que regressou á patria antes do que esperava, tendo alli feito apenas o curso completo de philosophia natural, depois de haver estudado philosophia racional e moral e grego [...].

FIGURA 32: O tradutor Manuel Odorico Mendes.



Fonte: Leal (1873).

Odorico Mendes acompanhou de perto o conturbado momento político que Portugal atravessava pós-*Revolução do Porto*. Essa experiência foi decisiva em sua vida política e literária. Durante a estada em terras lusitanas, escreve *Hymno á tarde* (impresso somente em 1832), uma ode de saudade à pátria e à infância, e estabelece amizade com Almeida Garrett.

Depois de solicitar ao rei d. João VI passaporte para se deslocar ao Maranhão<sup>100</sup>, retorna a São Luís em 1824. Em solo maranhense, trabalha como escrivão do Tesouro<sup>101</sup>. Mais tarde, entre Janeiro e Junho de 1825, dedica-se também à instrução, exercendo, o cargo de professor de retórica; e à política, sendo eleito deputado em diversas legislaturas. No mesmo ano, funda o jornal *O Argos da Lei*, dedicado à publicação de decretos e artigos oficiais, que tinha como epígrafe: «Boas são as Leis; melhor o uso bom delas». Após constantes provocações, vindas principalmente do jornal *O Censor Maranhense*, Odorico utilizou a gazeta para criticar

Matemática), p. 51, n. 6 (2º ano de Filosofia); 1818-1819, p. 55, n. 6; p. 56, n. 1 (3º ano de Filosofia); 1819-1820, p. 44, n. 2 (1º ano de Matemática), p. 54, n. 3 (4º ano de Filosofia).

<sup>100</sup> Cf. Requerimento de 30 de Setembro de 1824, AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 177, D. 12826 (ANEXO 8).

<sup>101</sup> *Almanach do Rio de Janeiro*, 1824, n. 1, p. 190.

duramente os portugueses residentes na Província, alcançando, com isso, grande popularidade entre os patriotas exaltados.

Acerca do espírito combativo e polêmico do publicista maranhense, um episódio merece atenção: informado das intenções do jornalista quanto à publicação de um de seus artigos n' *O Argos da Lei*, o marechal Manuel da Costa Pinto<sup>102</sup> proibiu que se imprimissem papéis assinados por Odorico Mendes e sancionou a seguinte Portaria:

N. 177—Em desempenho dos meus deveres como Presidente do Governo desta Província, ordeno que o Director da Typographia Nacional não admita ao prelo da mesma Typographia o jornal annuciado por Manoel Odorico Mendes no dia 8 do corrente mez; e assim o cumpra. Paço do Governo em 11 de Agosto de 1828—Pinto Presidente.<sup>103</sup>

Por causa dessa Portaria, Odorico Mendes, então deputado à Assembleia Legislativa, ameaçou levar o caso ao imperador. O presidente da Província não se intimidou, e ratificou o indeferimento para a impressão do jornal. Impetuoso, Odorico recorre à publicação avulsa de *O Despertador Constitucional* (n. 1, Maranhão, 14 de Agosto de 1828, pp. 1-4), impressa na Typographia de Torres, no Rio de Janeiro. O cabeçalho trouxe o seguinte texto:

*Rogo-lhe o favor de fazer distribuir com a sua bem aceita folha os documentos, que com esta se offerecem ao Publico, sendo o primeiro o authografo do 1.º N.º de hum Periodico que pertendia publicar no Maranhão o Deputado Manoel Odorico Mendes, e que deixou de ser impresso em virtude de huma Portaria do Presidente Manoel da Costa Pinto: e o segundo o requerimento dirigido ao mesmo Presidente, pedindo por certidão aquella arbitraria Portaria, e os seus respectivos despachos: por este favor lhe ficará obrigado o seu constante Leitor,*

*Hum amante da Liberdade da Imprensa.*

Este foi apenas um dos desentendimentos causados pelos desmandos do presidente Costa Pinto. Outro caso interessante, desta vez na seara política, e favorável a Odorico Mendes, o escritor Joaquim Manuel de Macedo assegura que:

Em Junho de 1831 a assembléa geral teve de eleger a regencia permanente; e o nome de Manoel Odorico Mendes foi lembrado e aceito com applauso pelos directores da situação: mas Odorico nunca sentira a ambição do poder; com a mais nobre modestia resistiu aos amigos, e, urgido por elles, acabou offerecendo um candidato para substituil-o, e João Braulio Moniz foi assim eleito membro da regencia.

<sup>102</sup> Manuel da Costa Pinto (\* Lisboa, 27 de Agosto de 1780 – † Rio de Janeiro, 3 de Março de 1852) presidiu a Província do Maranhão, de 28 de Fevereiro de 1828 a 14 de Janeiro de 1829.

<sup>103</sup> Em Maio de 1829, esse episódio rendeu ao ex-presidente da Província um processo no Supremo Tribunal de Justiça. Condenado, Costa Pinto pagou fiança para responder em liberdade. A «Representação de Manoel Odorico Mendes contra Manoel Costa Pinto Presidente da Província do Maranhão» encontra-se em: Dória, L. G. d'E. (1917). Um processo de jornalismo na época da Independência. *Publicações do Archivo Nacional* (Vol. XVII, pp. 7-17). Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional.

[...] e finalmente ha uma cousa de grandiosa e bello na vida de um cidadão que nasce pobre e póde dizer ao mundo — eu não quiz ser regente do Imperio do Brasil (Macedo, 1864, p. 425).

Para ratificar a integridade de Odorico, um caso inesperado ocorreu na Câmara dos Deputados, em que o monarca Pedro I pediu-lhe:

[...] «Sr. Odorico, não seja tão inimigo dos meus ministros.» «Senhor, respondeu-lhe incontinente Odorico, eu lhe sou um subdito fiel, mas quanto ás minhas opiniões hei de sempre exprimi-las segundo a minha consciencia, e para isso é que me cá mandarão.» É fama que o Imperador não se desagradára de tanta franqueza. Isto passou-se em 1829 (Vasconcelos, 1868, pp. 142-143).

Por causa de atitudes como essas, Macedo (1864, p. 426) declara que «a posteridade ha de jugal-o, porque o seu nome não se póde riscar da historia, e a historia saberá proclamar a pureza de suas intenções, a inabalavel firmeza de seus principios, e ha de resumir o seu elogio, chamando-o o Dupont de l’Eure do Brasil.»

Ele encerra sua carreira política após fechamento da sexta legislatura (1845-1847). Nesse tempo, encontrava-se aposentado no cargo de inspector da Tesouraria da Província do Rio de Janeiro, onde também foi professor de latinidade. Ainda em 1847, antes de partir para a Europa, recebe a visita do escritor, jornalista e político brasileiro Manuel de Araújo Porto-Alegre, barão de Santo Ângelo, que assim narra o encontro com Odorico:

Um dia que o fui ver, e estava a sua pobre casa cheia de hospedes, disse-me: «Estou aposentado, vou para a Europa, porque não posso aqui viver com tanta despeza; é o unico meio que tenho para deixar de pôr na frente da minha casa uma taboleta com esta inscripção: – HOTEL GRATIS. – Não tenho um canto para escrever nem um logar para guardar meus papeis; durmo n’esta marquezia; e que fazer com gente que não quer ver o meu encommodo? ... Vou-me embora, não posso viver aqui (Leal, 1873, p. 71).

No «Velho Continente», Odorico Mendes morou na Itália e na França. Em Paris, dedica-se inteiramente à tradução, atividade para a qual demonstrara sensibilidade e profundo gosto, quando, ainda morando no Rio de Janeiro, converteu do francês e publicou duas obras de Voltaire. Ele traduziu os seguintes títulos:

- Voltaire (1831). *Merope* (M. O. M., Trad.). Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- \_\_\_\_\_. (1839). *Tancredo* (M. O. M., Trad.). Rio de Janeiro: Typ. de Laemmert.
- Virgilio (1854). *Eneida brasileira* ou traducção poetica da epopéa de Publio Virgilio Maro. Pariz: Typographia de Rignoux.<sup>104</sup>

<sup>104</sup> Nove anos antes, em 1845, o baiano João Gualberto Ferreira dos Santos Reis (1787-1861) traduziu a *Eneida* (2 tomos). Residindo no Brasil, o médico português António José de Lima Leitão traduz e publica *As obras*

- \_\_\_\_\_. (1858). *Virgilio brasileiro ou traducção do poeta latino* (precedida da Bucólica e das Geórgicas). Paris: Typographia de W. Remquet e C<sup>a</sup>.
- Homero (1874). *Iliada de Homero em verso portuguez*. Rio de Janeiro: Typographia Guttemberg.
- \_\_\_\_\_. (1928). *Odysséa de Homero em verso portuguez* (Bibliotheca de Escriptores Maranhenses). Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, Freitas Basto e Cia.

Como por aí se percebe, o período mais produtivo de Odorico deu-se quando distante das «opressões» vividas em seu país, em que traduziu as obras de Virgílio e de Homero. Como qualquer atividade de natureza intelectual, a tradução está sujeita a aplausos assim como a reprovações. No caso de Odorico Mendes, porém, há fatores um pouco mais delicados a se considerar: não eram produções quaisquer aquelas que ele ofereceu ao leitor de língua portuguesa. Eram clássicos, em especial gregos e latinos, e, como tais, «monumentos» da literatura universal, sobre os quais Odorico Mendes se debruçara e empenhara sua erudição, sensibilidade e irreprimível verve criativa.

António Cardoso Borges de Figueiredo, professor de poética e de literatura clássica no Liceu de Coimbra, em *O Estandarte*, avaliou o empenho do tradutor de Virgílio desta forma:

#### **Eneida Brasileira.**

Quiz o exm. snr. conselheiro vice-reitor da Universidade que eu lêsse e avaliasse a *Eneida Brasileira*, ou *Traducção da Epopéa de Virgilio*, por Manoel Odorico Mendes. Obedeci com a costumada promptidão; e a minha obediencia foi compensada com a leitura aprasivel desta nova traducção. Allí achei fielmente trasladados em a nossa lingua e idioma, os conceitos, as paixões e os sentimentos do grande epico latino; e, sem diminuição nem accrescimo repostas as suas mesmas imagens, e ainda muitas das suas figuras. Bem sabia o snr. Mendes que o verdadeiro traductor não deve ser paraphrasta, senão fiel copiador e retratista, *fidus interpres*. Allí apparecem postos em luz clara varios passos da Eneida onde illustres commentadores não havião atinado com o genuino sentido virgiliano, mas que o eximio traductor pôde alcançar. Isto ficará evidente a quem consultar as excellentes notas, que seguem cada um dos cantos do poema, e em que o mesmo ostenta vasta erudicção, e critica judiciosa e esclarecida (Figueiredo, 1856, p. 2).

---

*de Publio Virgilio Maro* (Tomos 1-3, 1818-1819). Em Portugal, João Franco Barreto (1600-1674) traduziu a *Eneida Portuguesa* (Vol. 1, 1664; Vol. 2, 1670). José Victorino Barreto Feio (1785-1850) foi outro lusitano a traduzir a *Eneida* (Tomos 1-2, 1846). O tomo 3, livros 9<sup>o</sup>-12<sup>o</sup>, veio somente em 1857, continuado por José Maria da Costa e Silva, devido à morte de Barreto Feio.

O escritor austríaco Ferdinand Wolf aprecia, de modo elogioso, Odorico Mendes<sup>105</sup>, considerando ser aquela «a melhor tradução para o português do poema em latim»:

Ces fonctions ne l'empêchèrent cependant pas de donner des leçons de latin pour subvenir à l'entretien de sa nombreuse famille. Encore dans la capitale il commença la traduction de l'Énéide, qu'il ne termina qu'à Paris. Il y vécut de sa petite fortune et d'une pension minime, uniquement occupé de travaux littéraires. *En 1854 il publia son Énéide, la meilleure traduction portugaise du poème latin*; elle fut suivie de celles des Bucoliques de Virgile. Maintenant il habite Pise et travaille à une version de l'Iliade (Wolf, 1863, p. 196).

Em sentido oposto a esses, algumas críticas ásperas e debochadas vieram à tona, como foi o caso das que lhe dirigiu Sílvio Romero. Frederico José Correa<sup>106</sup> e Pinheiro Chagas<sup>107</sup> também se juntaram a Romero, e contestaram a qualidade do labor conversional de Odorico Mendes, e não o pouparam de duríssimas críticas.

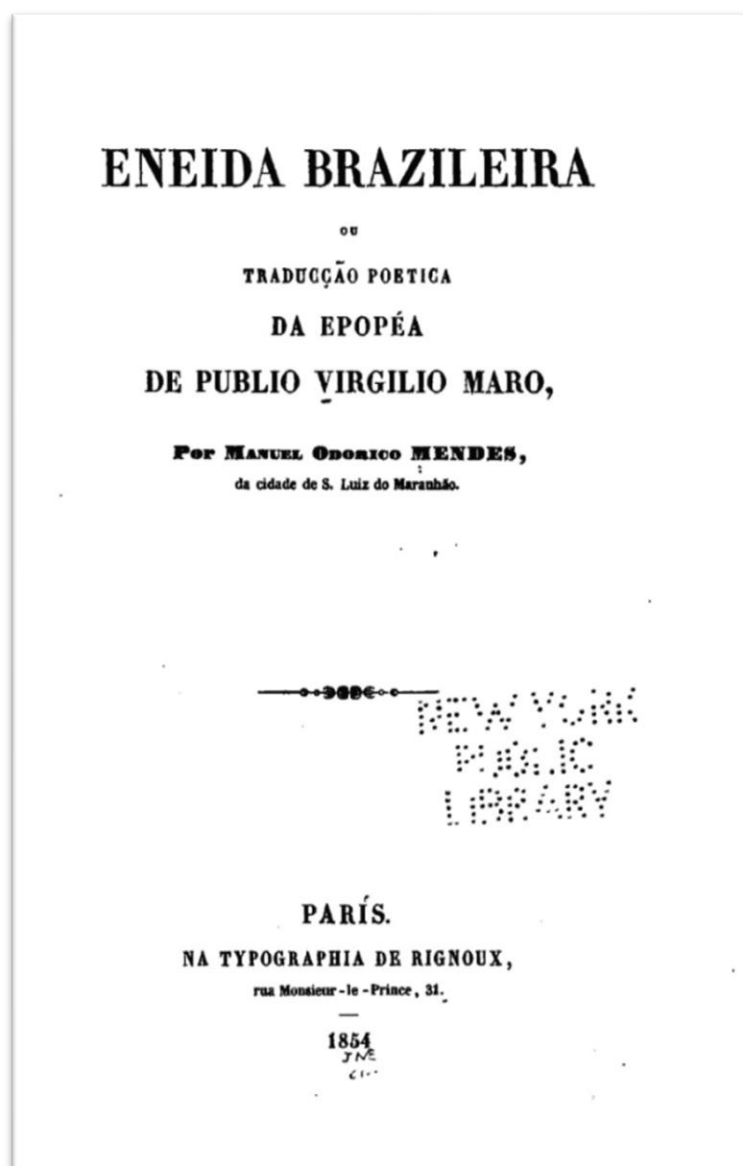
Ademais, Gonçalves Dias, em carta endereçada a d. Pedro II, a 6 de Outubro de 1856, situa o imperador sobre a recepção da tradução de Odorico Mendes, na capital portuguesa: «[...] A Eneida Brasileira não achou simpatias em Lisboa; há dois contudo que a apreciarão, A. Herculano e Rabelo da Silva; os mais não podem avaliar a tradução, porque já se esqueceram das suas humanidades» (Dias, 1964, p. 202).

Às críticas, dê-se o peso devido ao fato de que Odorico Mendes foi o primeiro tradutor brasileiro a verter para o português os mencionados clássicos. E não é exagerado dizer que a ousadia nestes domínios paga, às vezes, pesados tributos. Haroldo de Campos ressaltou os lustrosos pendores do poeta maranhense, chamando atenção ao pioneirismo e valorizando a sua ação no campo da tradução. Ele diz que negatizar suas traduções era tarefa fácil, «[...] Mas difícil seria, porém, reconhecer que Odorico Mendes, admirável humanista, soube desenvolver um sistema de tradução coerente e consistente, onde os seus vícios (numerosos, sem dúvida) são justamente os vícios de suas qualidades, quando não de sua época. [...]» (Campos, 2006, p. 38).

<sup>105</sup> Outros escritores, professores, filólogos e jornalistas saíram em defesa do tradutor, como os portugueses Innocencio Francisco da Silva e Joaquim Alves de Sousa e seus comprovincianos Francisco Sotero dos Reis e João Francisco Lisboa.

<sup>106</sup> Frederico José Correa (1817-1881), literato e político maranhense, foi 3º vice-presidente da Província do Maranhão, presidindo-a, interinamente, de 6 a 10 de Agosto de 1866.

<sup>107</sup> Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895), escritor, jornalista e político português.

FIGURA 33: Frontispício da primeira edição da *Eneida brasileira* (1854).

Pouca coisa se recolhe de Odorico Mendes fora do campo da tradução – o que marca a sua existência produtiva pela dedicação à conversão linguística<sup>108</sup>. Conhecem-se apenas estas: (1832). *Hymno á tarde*. Rio de Janeiro: Typographia Americana de Ignacio Pereira da Costa;

<sup>108</sup> Haroldo Paranhos lamenta a parca produção do poeta maranhense na ficção literária, preso ao insubstancial «poderia ter sido»:

[...]. Teria sido Odorico Mendes um dos nossos melhores poetas românticos, si a sua modestia e invencível horror á vulgaridade, não houvessem desviado o seu estro para obras de maior engenho.

No prologo da *Eneida brasileira*, declara o autor que não podendo empreender uma obra original, ao menos de segunda ordem, abrigava-se sob as asas de Virgilio, pois só assim duraria na memoria dos seus concidadãos, ainda uns anos depois da sepultura.

Julgando-se desta forma, Odorico Mendes privou as letras patrias de um poeta que seria, talvez, um dos maiores do nosso Romantismo (Paranhos, 1937, p. 449).

(1832). *O Sonho (poesia)*. Rio de Janeiro; e (1860). *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra*. Lisboa: Typographia do Panorama. O poema «Hymno á tarde» foi, ainda, impresso em algumas coletâneas<sup>109</sup>. Não obstante, a parca produção de originais não impediu que o velho literato granjeasse notoriedade e respeito. Seu amigo Gonçalves Dias, por exemplo, declara que: «De todos os chamados Poetas, o Odorico creio que tem gosto mais apurado e juízo mais seguro e são, de quantos aqui estamos no Rio» (Dias, 1964, p. 69).

Odorico Mendes, como muitos de seus contemporâneos que «esgrimiram» no difícil território da expressão escrita, colaborou com algumas folhas, criou e/ou redigiu matérias, especialmente sobre política. São elas:

- (1825). *O Argos da Lei*. Maranhão.
- (1826-1832). *Astréa*, Rio de Janeiro.
- (1827-1831). *O Farol Paulistano*. São Paulo.
- (1830-1835). *O Constitucional* [com Francisco Sotero dos Reis]. Maranhão.
- (1831). *O Homem e A America: jornal da Sociedade Defensora e Independência Nacional*. Rio de Janeiro.
- (1839-1840). *A Liga Americana: jornal politico*. Rio de Janeiro.

Sobre distinções oficiais recebidas pelo «Virgílio Brasileiro», a única que se tem conhecimento é a de comendador da Ordem de Cristo (condecorado pelo imperador Pedro II, em 1840). Ele integrou, também, algumas agremiações de destaque: membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (eleito sócio em 1º de dezembro de 1838), da Sociedade Amante da Instrução, da Sociedade de Instrução Elementar, da Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro, da Independência Nacional e do conselho diretor da Sociedade Defensora da Liberdade. Em Portugal, foi membro da Sociedade dos Amigos das Letras (Coimbra, 1822-1823) e sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

---

<sup>109</sup> Mendes, M. O. (1848). Hymno á tarde. In J. M. P da Silva, *Parnaso brasileiro ou selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil* (Bibliotheca dos Poetas Classicos da Lingua Portugueza, Tomo VII, pp. 214-218). Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert. Mendes, M. O. (1874). Hymno á tarde. In J. R. da F. Jordão, *Florilegio brasileiro da infancia* (pp. 71-74). Rio de Janeiro: Typ. de Quirino. Mendes, M. O. (1885). A tarde. In M. Moraes Filho, *Parnaso brasileiro* (Seculo XVI-XIX, Vol. I, 1556-1840, pp. 437-440). Rio de Janeiro: B. L. Garnier. É possível que o poema tenha sido impresso em outras coleções.

De sua descendência, destaco a filha Leonilla Mendes<sup>110</sup>, esposa do médico francês Antoine-Hippolyte Cros (Antoine II), governante da «Araucária e da Patagônia», conhecido como o Reino da Nova França; e o trineto<sup>111</sup> Maurice Druon (1918-2009)<sup>112</sup>.

Odorico Mendes foi escolhido, por Liev Tolstói, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, para patronear a cadeira n. 17. Ele também é patrono da cadeira n. 15, da Academia Maranhense de Letras. O poeta humanista faleceu em Londres, a 17 de Agosto de 1864, aos 65 anos de idade, num vagão de comboio, vítima de lesão orgânica no coração, e enterrado em St. Mary's Catholic Cemetery, Kensal Green.

Escritores e jornalistas de todo o Brasil lamentaram o desaparecimento do tradutor de Voltaire, Homero e de Virgílio. Machado de Assis dedicou parte da crônica de 27 de Setembro de 1864, no *Diario do Rio de Janeiro*, ao maranhense Odorico Mendes:

Não por acaso, antes muito de industria, guardei para o fim do folhetim a noticia da morte de Odorico Mendes.

A imprensa communicou ao publico que o illustre ancião fallecera em Londres a 17 do passado.

Odorico Mendes é uma das figuras mais imponentes de nossa litteratura. Tinha o culto da antiguidade, de que era, aos olhos modernos, um interprete perfeito. Naturalisára Virgílio na lingua de Camões; tratava de fazer o mesmo ao divino Homero. De sua propria inspiração deixou formosos versos, conhecidos de todos os que presam as letras patrias.

E não foi só como escriptor e poeta que deixou um nome; antes de fazer a sua segunda *Odysséa*, escripta em grego por Homero, teve outra, que foi a das nossas lutas politicas, onde elle representou um papel e deixou um exemplo.

Era filho do Maranhão, terra fecunda de tantas glorias patrias, e tão desventurada a esta hora, que as vê fugir, uma a uma, para a terra da eternidade.

Ha poucos meses, Gomes de Souza; agora Odorico Mendes; e, se é exata a dolorosa noticia trazida pelo ultimo paquete, agrava-se de dia para dia a enfermidade do grande poeta, cujos *Cantos* serão um monumento eterno de poesia nacional.

Deus ampare, por gloria nossa, os dias do illustre poeta; mas, se elle vier a succumbir depois de tantos outros, que lagrimas serão bastantes para lamentar a dor da Niobe americana? (Assis M. , 1864, p. 1).

<sup>110</sup> Além dela, o tradutor maranhense teve mais quatro filhos: Manuel, Alfredo, Reinaldo e outro que faleceu na tenra idade, todos frutos de sua união com Heliodora Perpétua de Seabra, com quem havia casado em 1837. Odorico era irmão de Teodoro, Licínio e Militina (Os três levam o sobrenome «Jansen Müller»). Militina ajudou-o a cuidar dos filhos, desde 1843, devido à morte prematura de Heliodora, e acompanhou-o até o último dia de vida.

<sup>111</sup> Sempre que se fala do parentesco entre Maurice Druon e Odorico Mendes, é dito que o primeiro é bisneto do segundo. Entretanto, traçando a árvore genealógica da família, percebi que são separados por quatro gerações, sendo Druon, conseqüentemente, trineto e não bisneto, como geralmente se afirma.

<sup>112</sup> Membro da Academia Francesa e ministro de Assuntos Culturais da França, o historiador Maurice Druon é autor de vasta publicação, da qual destaco a premiada *Les Grandes Familles* (1948) e *Tistou Les Pouces Verts* (1957), e a série «Les Rois Maudits» (1955-1977), conjunto de sete romances históricos.

FIGURA 34: À esquerda, o comandante Magalhães de Almeida, ao lado do túmulo de Manuel Odorico Mendes, no cemitério de *Kensal Green*.



Fonte: *A glorificação de Odorico Mendes* (1913).

Joaquim Serra escreveu uma bela composição intitulada «Odorico Mendes», impressa na obra *Quadros* (1873, pp. 65-67), em homenagem ao conterrâneo falecido. Esse poema foi reimpresso no *Florilegio brasileiro da infancia*, de João Rodrigues da Fonseca Brandão, sob o título «Á morte de M. Odorico Mendes», (1874, pp. 244-246).

O imperador Pedro II, comovido com a morte do amigo, doou 3.000 francos para ajudar na impressão das obras homéricas que Odorico acabara de traduzir<sup>113</sup>.

De Londres, o escritor e tradutor português António Ribeiro Saraiva, com quem Odorico construiu forte amizade, quando estudante em Coimbra, e que reencontrara na capital Inglesa, escreveu uma carta, publicada pela *Nação* (1865) e também na *Iliada de Homero em verso portuguez* (1874). Na correspondência (ANEXO 9), ele cita algumas particularidades das últimas semanas de vida do tradutor maranhense. A. R. Saraiva, junto a amigos e familiares de Odorico Mendes, acompanhou as exéquias e foi responsável pelas inscrições das lápides tumulares:

MANOEL ODORICO MENDES  
 NASCEU EM  
 S. LUIZ DO MARANHÃO,  
 A  
 24 DE JANEIRO DE 1799:  
 MORREU EM LONDRES  
 A  
 17 DE AGOSTO DE 1864.  
 —  
 SOB OS TITULOS DE  
 VIRGILIO BRAZILEIRO  
 E  
 HOMERO BRAZILEIRO  
 TRADUZIO EM VERSO PORTUGUEZ  
 OS DOUS GRANDES POETAS.

O corpo do tradutor foi exumado e trasladado para São Luís. Seus despojos chegaram pelo paquete *Maranhão*, a 26 de Novembro de 1913, aos cuidados de José Maria Magalhães de

---

<sup>113</sup> A edição da *Iliada*, conforme mostrado, veio à luz em 1874, dez anos após a morte de Odorico. A *Odysséa de Homero em verso portuguez*, porém, foi impressa somente no governo de Magalhães de Almeida, quando o Congresso Maranhense aprovou a Lei n. 1.302, de 31 de Março de 1928:

Autorisa o Governo a fazer transposições de umas para outras verbas da lei orçamentaria para o exercicio de 1928 a 1929, a abrir creditos supplementares e a abrir um credito especial para mandar reeditar as obras de maranhenses illustres.

[...]

Art. 2. — Fica tambem autorisado, logo que as finanças do Estado permittirem, a abrir um credito especial até a importancia de 20:000\$000, para mandar reeditar as obras esgotadas de maranhenses illustres.

[...]

Almeida<sup>114</sup>, por solicitação do então presidente do Estado, Luiz Domingues. A solenidade de enterramento, acompanhada por escritores, jornalistas, autoridades máximas do poder Executivo estadual e do público em geral, na praça que leva seu nome, ocorreu no dia 7 de Dezembro de 1913, ocasião em que diversos oradores prestaram-lhe tributos.

Odorico Mendes recebeu diversas homenagens póstumas, e teve o nome emprestado a ruas de algumas cidades brasileiras, a uma praça, a uma escola e a um vapor. Em reconhecimento aos relevantes trabalhos do tradutor, a Academia Brasileira de Letras instituiu o «Prêmio Odorico Mendes de tradução», honraria que durou até 1994.

## 4.2 António Rego

A 14 de Agosto de 1820, ano da *Revolução Liberal do Porto*, nasce em São Luís o médico António Rego. Ele herdou de seu pai, cirurgião do Exército Português e, posteriormente, físico-mor da Província do Maranhão, o nome e a profissão médica<sup>115</sup>. De sua mãe, recebeu educação esmerada e avançada para época. «Privilegiado», nasceu em berço de família aristocrata. Concluiu os estudos preparatórios na *Cidade dos Azulejos* e, em 1836, ele partiu para Coimbra, a fim de se tornar doutor – aspiração de todas as famílias abastadas maranhenses. Na Universidade de Coimbra, vê-se seu nome nas aulas de matemática e filosofia, entre 1836 e 1838. Somente no ano seguinte, em 1839, aparece no primeiro ano da Faculdade de Medicina, estuda as gramáticas francesa e inglesa e ainda frequenta uma turma de alemão<sup>116</sup>.

Regressando a São Luís, em 1844, o jovem médico de 24 anos começa a clinicar<sup>117</sup>. Gozando de imenso prestígio, ele rapidamente ingressa na política pelo Partido Liberal, exercendo cargos de vereador da Câmara Municipal, de deputado à Assembleia Legislativa e, em 1862, é nomeado terceiro vice-presidente da Província. António Rego integrou o quadro de sócios honorários do Gabinete Português de Leitura no Maranhão e assumiu o cargo de juiz de

<sup>114</sup> O comandante Magalhães de Almeida governou o Estado do Maranhão entre 1926 e 1929.

<sup>115</sup> Em razão do falecimento prematuro de seu pai, ele foi acompanhado apenas pela mãe. César Marques (1870, p. 409) afirma que o dr. António Rego falecera em 1819. Porém, localizei uma carta escrita pelo físico-mor a um amigo português, o cirurgião António José Nunes, a 20 de Outubro de 1820. No acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite, consta um recibo assinado por ele, como físico-mor, em 6 de Abril de 1821. Além disso, no periódico *O Conciliador* (n. 151, de 21 de Dezembro de 1822, p. 8), o nome do dr. António Rego aparece em uma relação de assinantes da «[...] revalidação de juramento prestado por esta Província de Fidelidade a ElRei Constitucional, e á Constituição da Monarquia Portuguesa, mantida a Religião Catholica Romana e a União desta Província com o Reino de Portugal [...]»

<sup>116</sup> Cf. *Relação e indice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* Coimbra: Imprensa da Universidade [Matemática e Filosofia: 1836-1837, p. 19, n. 33 e p. 27, n. 28; 1837-1838, p. 21, n. 9 e p. 26, n. 7; 1838-1839, p. 34, n. 9; Medicina: 1839-1840, p. 21, n. 6 e p. 37, n. 37; 1840-1841, p. 27, n. 19 e p. 49, n. 5; 1841-1842, p. 28, n. 5; 1842-1843, p. 30, n. 5; 1843-1844, p. 33, n. 20].

<sup>117</sup> Na medicina, António Rego distinguiu-se dos demais por ser o primeiro a adotar o sistema homeopático.

paz do 1º distrito da freguesia de Nossa Senhora da Vitória, em São Luís. Exerceu, ainda, funções administrativas, como o de vice-diretor do «Azylo de Santa Thereza» (Marques, 1870, p. 38) e o de vice-presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil (*Jornal do Commercio*, 1883, n. 255, p. 6). Casou-se com Luiza Rosaura Leal Rego – também de família distinta –, irmã do seu amigo de profissão e confrade António Henriques Leal.

O médico adquiriu a Typografia Monarquica Constitucional, juntamente com parentes de sua esposa – Fábio Alexandrino de Carvalho Reis e Alexandre Theophilo de Carvalho Leal – em que começa a redigir, a partir de Janeiro de 1847, *O Progresso*, primeiro jornal diário da Província, e alguns títulos, em formato de folhetim, por ele traduzidos. Também em periódicos, contribuiu com o *Jornal de Instrução e Recreio*, publicado pela Associação Litteraria Maranhense (1845-1846), com o *O Archivo* (1846) e com a *Revista Universal Maranhense* (1849-1850); redigiu *A Conciliação* (1856), em colaboração com António Henriques Leal e Francisco de Mello Coutinho de Vilhena; e o *Diario do Maranhão*, em 1858.<sup>118</sup>

António Rego produziu:

- Rego, A. (1846). *Uma carta d'uma amante*. Maranhão: Typographia Maranhense.<sup>119</sup>
- \_\_\_\_\_. (1847). *Almanach popular, mercantil, industrial e scientifico do Maranhão para o anno de 1848*. Maranhão: Typ. do Progresso.
- \_\_\_\_\_. (1848). *Almanach do Maranhão para 1849*. Maranhão: Typ. do Progresso.
- \_\_\_\_\_. (1862). *Rudimentos de geographia, para uso das escholas de instrucção primaria*. Maranhão: Typ. de B. de Mattos.<sup>120</sup>
- \_\_\_\_\_. (1862). *Instrucção para o tratamento do Cholera-morbus pelo methodo homoeopathico*. Maranhão: Typ. do Progresso.
- \_\_\_\_\_. (1864). *O livro dos meninos. Curso elementar d'instrucção primaria* (Vol. 1-2). Maranhão: Typ. de B. de Mattos.<sup>121</sup>

<sup>118</sup> Paiva aponta que António Rego rubricou artigos no *Diario do Maranhão* como «Abordio» (1929, p. 9). Com pequena diferença na grafia, Ignotus [Joaquim Serra], porém, afirma que ele assinou artigos, no *Publicador Maranhense*, usando o cognome «Abondio» (1883, p. 49). Buscando as duas formas, localizei apenas a segunda, «Abondio», citada por Serra, no «Folhetim da Situação». Cartas a um amigo. *A Situação* (anno III, n. 108, San'Luiz, 27 de Julho de 1865, p. 1).

<sup>119</sup> Fragmento impresso em *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 1, Maranhão, 28 de Fevereiro de 1846, pp. 2-3).

<sup>120</sup> Segunda edição (1866). Maranhão: Typ. de J. M. C. Frias.

<sup>121</sup> A primeira edição, em dois volumes (Vol. 1. Cartas de abc e exercicios de pronuncia; Vol. 2. Exercicios de leitura e de memoria), teve tiragem de mil exemplares. No ano seguinte, 1865, saiu a segunda edição, em volume único, com seis mil exemplares impressos.

- \_\_\_\_\_. (1866) *Código municipal da Câmara municipal da capital da província do Maranhão, ou repertório das leis, avisos, ordens, instruções, etc., relativas às Câmaras municipais, e com especialidade á da cidade de S. Luiz do Maranhão*. Maranhão: Typ. de B. de Mattos.

António Rego teve vida ativa no teatro. No início da década de 1850, integrou a «Comissão Administrativa do Theatro União». Sobre essa incumbência, o presidente da Província, Eduardo Olímpio Machado, esclarece que «Os cidadãos por mim nomeados forão o Commendador João Gualberto da Costa e os Doutores Antonio Joaquim Tavares e Antonio Rego, os quaes, segundo me persuado, não pódem deixar de merecer vossa aprovação e confiança» (1851, pp. 36-37).

Em 1852, após reforma, a casa de *shows* passa a se chamar «Theatro S. Luiz». Em 9 de Fevereiro de 1853, é lançado *O Conciliador*, periódico efêmero, que teve apenas dois números. Todas as oito páginas, quatro em cada edição, foram utilizadas para atacar António Rego, acusando-o de mau gestor e de ser contra a concessão do Teatro a Germano Francisco de Oliveira. As edições, para alfinetarem o médico e intelectual maranhense, utilizaram denominações depreciativas, como «Simão Sovela», «Simão homeopatha», «esculapio homeopatha» e «doutor homeopatha».

Nos anos de 1853 e 1854, e com auxílio da pena de Henriques Leal, compõe a «Bibliotheca Dramatica»<sup>122</sup>, um conjunto de 12 peças traduzidas do francês. A ele coube verter para o português 11 delas, listadas a seguir:

- Bourgeois, A., & Masson (1853). *Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora*, drama em 5 actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Pyat, F. (1853). *Os dois serralheiros*, drama em 5 actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.

<sup>122</sup> Sobre a coleção, Amaral (1923, p. 116) afirma que ele «publicou 12 fascículos mensaes, [...] peças, essas, que aqui foram á scena, sendo elle o principal ensaiador, para o que tinha muito gosto.»

As contracapas de algumas peças trazem listas de obras a serem editadas. Apesar de exaustivas buscas, não pude confirmar se realmente foram publicadas. São elas: *A rainha Margaridita*, drama em 5 actos e 13 quadros, por Alexandre Dumas e Auguste Maquet; *Bertram o marinheiro*, drama em 3 actos e 1 prologo, por Bouchardy; *Luiza Bernard*, drama em 5 actos, por Alexandre Dumas; *O artifice*, drama em 5 actos, por Frédéric Soulié; *O proscrito*, drama em 5 actos por Frédéric Soulié e Timothée Dehay; *O trapeiro de Paris*, drama em 5 actos e 1 prologo; por M. Felix Pyat; *O véo de renda*, drama em 6 actos e 7 quadros, por Leonce e Eugène Nus; *Simão, o velho cabo de esquadra*, drama em 5 actos, por Dumanoir e A. Dennery. *O Apreciavel* (n. 36, San’Luiz do Maranhão, 9 de Março de 1867, p. 2) emitiu nota sobre a apresentação desta última peça no «Theatro S. Luiz».

- Bourgeois, A., & d'Ennery (1853). *Gaspar Hauser*, drama em 4 actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Dumanoir, Clairville, & Guillard (1853). *Clara Harlowe*, drama em 3 actos, com canto. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Dumas, A. (1854). *Mademoiselle de Belle-Isle*, drama em 5 actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Dumas, A., & Maquet, A. (1853). *O cavalleiro da casa vermelha*, drama em 5 actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Hostein, H., & Tavenet (1854). *A estalagem da virgem*, drama em cinco actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Laurencin (1853). *Simão o ladrão*, drama em 4 actos. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Soulié, F. (1853). *O casal das giestas*, drama em 5 actos e prologo. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Sue, E. (1854). *Martin e Bamboche; ou, Os amigos de infância*, drama em cinco actos e dez quadros. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- Théaulon, E. & Signol, A. (1854). *João*, comedia-vaudeville em 4 partes. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.

Além dos títulos que compõem a «Bibliotheca Dramatica», o médico traduziu ainda:

- Cooper, J. F. (1849-1850). *O bravo*. Maranhão: Typ. Maranhense.
- Féreal, V. (1847). *Os mysterios da Inquisição*. Maranhão: Typ. Maranhense.
- Féval, P. (1847). *Quitanga á meia-noite*. Maranhão: Typ. Maranhense.
- Féval, P. (1848). *O mendigo negro*. Maranhão: Escritorio do Progresso.
- Jeannet, C. (1868). *Joãosinho: leitura para meninos*. Maranhão: Typ. de B. de Mattos.
- Simon, L. (1849-1850). *Prelecções de medecina homeopathica*. Maranhão: Typ. Maranhense.

FIGURA 35: Anúncio de venda do opúsculo *Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora*.

**BIBLIOTHECA DRAMATICA.**  
**ESTÁ PUBLICADO O 1.º NUMERO E NELLE O**  
**DRAMA EM 5 ACTOS E 8 QUADROS**  
**DE**  
*M. M. Anicet Bourgeois e Michel Masson.*  
**OS ORPHÃOS DA PONTE DE NOSSA**  
**SENHORA.**

Assigna-se para esta publicação, e vendem-se os  
 numeros avulsos.  
 Na Livraria do Sr. Francisco Fructuozo Ferreira  
 Rua de Santa Anna.  
 Na Loja do Sr. José Loureiro do Rozario Rua do  
 Nasareth.  
 Na Botica do Sr. Manoel José d'Aguiar e Silva  
 Largo do Carmo.  
 Publicar-se-ha brevemente no segundo numero o  
 Drama em 5 actos de M. Felix Pyat.—  
**OS DOIS SERRALHEIROS.**

Fonte: *O Globo* (n. 139, Maranhão, 30 de Abril de 1853, p. 4).

Envolvido em diversas atividades, o médico António Rego ainda dedicou tempo à faina de bibliotecário do «Instituto Litterario Maranhense». Por sua expressiva contribuição à educação e às letras maranhenses, César Marques dedicou-lhe as seguintes linhas:

É inegavel que o dr. Rego foi sempre um dos mais dedicados e fervorosos apóstolos da educação da mocidade, que escrevia e publicava seus escriptos não por especulação mercantil e sim convicto de que prestava á sua patria um bom serviço, e que não se pode escrever sobre instrução publica sem citar-se o seu nome (Marques, 1870, p. 389).

Problemas de saúde levaram-no a mudar para Lisboa em 1869. Os benfazejos ares da capital lusitana restabeleceram suas forças, e retornou ao Brasil, desta vez para a Corte, onde seguiu clinicando. Porém, a 7 de Setembro de 1883<sup>123</sup>, falece António Rego, vítima de febre perniciosa, aos 63 anos de idade, ainda no Rio de Janeiro, onde residia com sua família.

<sup>123</sup> Alguns autores, como Noronha (1909, p. 391) e Amaral (1923, p. 116), registraram que António Rego morrera em Lisboa. Porém, o *Jornal do Commercio*, dos dias 11 e 13 de Setembro de 1883, anunciou a sua morte, no Rio de Janeiro.

### 4.3 António Gonçalves Dias

Filho do comerciante português João Manuel Gonçalves Dias<sup>124</sup> e de Vicência Mendes Pereira<sup>125</sup>, Gonçalves Dias, poeta nacional do Brasil, dramaturgo, etnógrafo e professor, nasceu a 10 de Agosto de 1823, em Caxias, Maranhão.

Muito cedo, ele inicia as tarefas de caixeiro no estabelecimento de seu pai, período em que dividia o tempo com os estudos de latim e de francês, sob orientação de Ricardo Leão Sabino. Em 1837, viaja para a capital maranhense e, no ano seguinte, parte para Portugal a fim de obter formação superior. Em 1844, Gonçalves Dias bacharela-se em Direito pela Universidade de Coimbra<sup>126</sup>.

Em seguida, retorna ao Maranhão, onde passa pouco tempo, pois se transfere para o Rio de Janeiro. Lá, é nomeado professor de história e latinidade do Imperial Colégio de Pedro II. Instrução pública, estudos sobre folclore brasileiro e línguas indígenas eram assuntos de sua predileção. Por esta razão, ele foi encarregado de conduzir a Seção Etnográfica da Comissão Científica de Exploração, no Norte do País (1859-1861). A empreitada, organizada pelo IHGB, sob os auspícios do Governo Imperial, executada na Província do Ceará e entorno, realizou pesquisas em diversas áreas, com destaque à botânica, à mineralogia, à zoologia, à geografia e à etnografia.

Na Corte, dirige, com Manuel de Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, a *Guanabara: revista mensal artistica, scientifica e litteraria* (1850). É nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, período em que se casa com Olímpia da Costa, a 28 de Setembro de 1852. Desse consórcio nasce uma filha, que faleceu ainda criança, a 24 de Agosto de 1855. Profundamente abatido, Gonçalves Dias escreve vários poemas ao seu «anjinho».

---

<sup>124</sup> João Manuel Gonçalves Dias abandonou a mãe do poeta para se casar com Adelaide Ramos de Almeida. Após a morte do pai, Adelaide, sua madrastra, encaminhou-o a Coimbra para cursar Direito. Não tendo mais condições de sustentá-lo, por causa da *Balaçada* (revolta ocorrida em Caxias), Gonçalves Dias foi recebido na residência onde moravam João Duarte Lisboa Serra, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal e Joaquim Pereira Lapa (maranhenses), e Hermenegildo Xavier de Moraes (fluminense). A casa depois recebeu Pedro Nunes Leal e José Joaquim Ferreira Valle, futuro visconde do Desterro (Leal, 1874b, pp. 22-24). Começava, ali, a construção de uma sólida amizade, principalmente com Alexandre Teófilo.

<sup>125</sup> Em vários *sites* e obras, como Fonseca (1873, p. 63) e Lopes (1997, p. 163), aparece o apelido Ferreira.

<sup>126</sup> Matricula-se a 31 de Outubro de 1840. Cf. *Relação e indice alfabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* Coimbra: Imprensa da Universidade [1840-1841, p. 9, n. 109; 1841-1842, p. 12, n. 11; 1842-1843, p. 20, n. 110, p. 50, n. 2 (cadeira de Língua Alemã); 1843-1844, p. 22, n. 13]. Exames: 3º: 15.07.1843, Aprovado *Nemine Discrepante*, Atos n.º 18, fl. 72; 4º e Grau de Bacharel: 28.06.1844, Aprovado *Nemine Discrepante*, Atos n.º 19, fl. 105.

FIGURA 36: O poeta maranhense António Gonçalves Dias.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Gonçalves\\_Dias](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gonçalves_Dias)

Entre 1854 e 1864, fez várias viagens à Europa, principalmente a Portugal<sup>127</sup>, Alemanha e França. A última foi para tratar de problema de saúde.

Sobre o período que passou na Europa, Ferdinand Wolf (1863, p. 176) assinala que:

Vers 1850 Gonçalves Dias retourna en Europe, chargé par le gouvernement d'étudier les établissements scientifiques de l'Allemagne et de la France en particulier. Il séjourna jusqu'en 1858 dans le premier de ces deux pays et fit imprimer à Leipzig une édition complète de ses poésies. En 1857 il avait publié dans la même ville les quatre premier chants d'une épopée sous le titre de *Os Tymbiras, Poema americano* [...].

De sua pena, encontram-se as obras:

- Dias, A. G. (1846). *Primeiros cantos: poesias*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert.
- \_\_\_\_\_. (1846). *Leonor de Mendonça*. Rio de Janeiro: J. Villeneuve & Cia.
- \_\_\_\_\_. (1848). *Segundos cantos* (contém as *Sextilhas de Frei Antão*). Rio de Janeiro: Typographia Classica.
- \_\_\_\_\_. (1851). *Últimos cantos*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito.
- \_\_\_\_\_. (1857). *Cantos: collecção de poezias* (2ª ed.). Leipzig: F. A. Brockhaus.
- \_\_\_\_\_. (1857). *Os Tymbiras*. Leipzig: F. A. Brockhaus.

---

<sup>127</sup> Gonçalves Dias foi incumbido, pelo Governo brasileiro, de investigar documentos relevantes para a história do Brasil na Europa.

- \_\_\_\_\_. (1858). *Diccionario da lingua tupy*. Leipzig: F. A. Brockhaus.
- \_\_\_\_\_. (1867-1869). *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias* (Vols. I-VI, António Henriques Leal, Org.). São Luís: B. de Mattos<sup>128</sup>.

Ele traduziu *A Torre de Verdum*, de Frédéric Soulié, e um fragmento de *Bug-Jargal*, de Victor Hugo<sup>129</sup>; os poemas «Sobolos Rios», do espanhol Lope de Vega, e «Canção», do alemão Heinrich Heine. Em 1863, no Velho Continente, e mesmo abatido pela insistente tuberculose que o vinha esgotando, conclui a tradução de *A noiva de Messina*, de Schiller<sup>130</sup>. Além desses autores, ele verteu para o português poemas de Johann Gottfried von Herder, Ludwig Gotthard Kosegarten, Paolo Rolli, Ludwig Uhland, Émile Adet e Dante Alighieri<sup>131</sup>.

A peça dramática *Boabdil*, escrita por Gonçalves Dias, foi traduzida para o alemão, segundo ele próprio narra em correspondências enviadas ao barão de Capanema e a d. Pedro II. Segue trecho de uma dessas cartas enviadas ao imperador brasileiro, a 5 de Maio de 1857:

Quanto ao meu Drama — *Boabdil*, a tradução alemã está ainda nas mãos de Gutzkouv (sic), poeta dramático, que se mostra empenhado em o fazer representar no Teatro de Dresde, não tanto pelo merecimento do trabalho, como pela curiosidade de ser drama de um brasileiro. Há na franqueza alemã tanta ingenuidade, que não é preciso muita penetração para se ver que é para êles objeto de maior surprêsa haver entre nós quem escreva, do que se ouvissem falar do descobrimento de um poema antediluviano (Dias, 1964, p. 218).

Acerca de *Boabdil*, Henriques Leal, na nota n. 1 do *Pantheon maranhense*, Vol III, profere: «Creio que até hoje ainda se não publicou esta anunciada tradução; mas sei que o drama foi representado no teatro de Dresde» (Leal, 1874b, p. 412). No entanto, apesar de exaustivas buscas, não consegui confirmar se a peça realmente subiu aos palcos dos teatros alemães.

<sup>128</sup> A coletânea contém, entre outras, *Brasil e Oceania, História Pátria, Memórias de Agapito, Um Anjo, Lira Varia, Meditação* e as peças teatrais *Patkull, Beatriz Cenci, Leonor de Mendonça, Boabdil*.

<sup>129</sup> O trecho de *Bug-Jargal*, originalmente em prosa, foi traduzida em versos e impressa em *O Archivo* (Vol. 1, n. 1, Maranhão, 28 de Fevereiro de 1846, pp. 8-9); e *A Torre de Verdum*, em *O Archivo* (Vol. 1º, n. 3, Maranhão, 31 de Maio de 1846, pp. 61-67; Vol. 1º, n. 4, Maranhão, 30 de Junho de 1846, pp. 81-85).

<sup>130</sup> Henriques Leal (1874) afirma que a versão definitiva foi perdida no naufrágio que pôs fim à vida do poeta. O frontispício deste volume traz o ano 1867 como o de impressão, e 1868 o volume I — *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias*, «Echos d'Além-Mar», volume II. S. Luiz do Maranhão: B. de Mattos.

<sup>131</sup> Poemas de diversos autores de língua francesa, espanhola, alemã e italiana, reunidas em *Poesias lyricas*. S. Luiz do Maranhão: B. de Mattos, 1867. Também integram a obra os autores já citados: Victor Hugo, Lope de Vega e Heinrich Heine, além de dois títulos anônimos.

Em relação a uma de suas passagens no país de Goethe, Schiller e Heine, o periódico *Sächsische constitutionnelle Zeitung*, de 8 de Novembro de 1857<sup>132</sup>, citado por Henriques Leal, anuncia:

Dresde, 6 de novembro .....

Desde ante-hontem que reside entre nós um interessante hospede litterario, o poeta brasileiro A. Gonçalves Dias, que veiu do Rio de Janeiro, e segundo nos informam com intenção de passar o inverno n'esta cidade de Dresde, que debaixo do ponto de vista litterario vae-se tornando cada vez mais sympathica. Os seus Cantos elegantemente editados por Brockhaus, em Leipzig, encontraram na Allemanha bom acolhimento e merecido interêsse. Tencionamos traduzir para o allemão e publicar uma ou outra das suas poesias (1874b, p. 440).

Na viagem de regresso a São Luís, o paquete *Ville de Boulogne*, vindo do Havre, acabou naufragando em águas maranhenses, e o poeta Gonçalves Dias cerrou os olhos, devorado pelas vagas do oceano impetuoso, a 3 de Novembro de 1864.

O autor da «Canção do exílio» recebeu diversas homenagens: seu nome foi afixado em centenas de ruas de cidades brasileiras, como São Luís, Rio de Janeiro e Belo Horizonte; em praças de São Luís e Caxias, sua terra natal, assim como em um município maranhense; e teve a sua efígie estampada em selos postais.

Alguns de seus trabalhos receberam elogios de autores como Alexandre Herculano<sup>133</sup>, José de Alencar e especialmente Machado de Assis, que lamentou, nas últimas linhas de sua crônica no *Diario do Rio de Janeiro*, de 29 de Novembro de 1864, o desaparecimento do bardo maranhense:

Depois de escripta a revista, chega a noticia da morte de Gonçalves Dias, o grande poeta dos *Cantos* e dos *Tymbiras*.

A poesia nacional cobre-se portanto de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquelle que de mais louçanias a cobrio.

Morreu no mar, — tumulo immenso para o seu immenso talento.

Só me resta espaço para applaudir a idéa que se vai realisar na capital do Maranhão: a erecção de um monumento á memoria do illustre poeta.

A commissão encarregada de realisar este patriotico pensamento compõe-se dos Srs. Antonio Rego, Dr. Alexandre Teophilo de Carvalho Leal, Francisco Sotéro dos Reis, Pedro Nunes Leal e Dr. Antonio Marques (sic) Leal.

<sup>132</sup> A tradução para o português traz o ano de 1862; contudo, o texto original, em alemão, 1857. Optei pelo ano de 1857, após conferir os calendários (1857 e 1862) e confirmar que o dia da semana coincide somente com a data da versão germânica.

<sup>133</sup> O escritor português teceu interessantes comentários à obra *Primeiros cantos: poesias*, cf. Herculano, A. (1847, Dezembro 9). Parte Litteraria. Futuro litterario de Portugal e do Brazil. Por occasião da leitura dos *Primeiros cantos: poesias* do sr. A. Gonçalves Dias. *Revista Universal Lisbonense: jornal dos interesses physicos, intellectuaes, e moraes*. Tomo VII, n. 1, pp. 5-8. Valentim Magalhães assevera: «Foi o joven poeta saudado por Alexandre Herculano como grande esperanza da patria» (1896, p. 43).

Não é um monumento para o Maranhão, é um monumento para o Brasil. A nação inteira deve concorrer para elle.

Quanto a ti, ó Niobe desolada, ó mãe de Gonçalves Dias e Odorico Mendes, se ainda tens lagrimas para chorar teus filhos, cimenta com ellas os monumentos da tua saudade e da tua veneração! (Assis M. , 1864, p. 1).

Outro a exaltar as qualidades do poeta foi Sílvio Romero, ao assegurar que: «Na poesia, no theatro, na historia, na ethnographia Gonçalves Dias fez-se ouvir com elevação e inquestionado valor» (1888b, p. 854).

António Henriques Leal ocupou todo o tomo III do *Pantheon maranhense* com a biografia do amigo da sertaneja Caxias. Sobre os trabalhos de tradução, ele diz:

Ganhou porém o nosso poeta tão porfiado e perigoso pleito, hobreando na sua traducção com o original de Schiller. Nas outras traducções, nas de Henrique Heine, nas de Victor Hugo, de Herder, etc., teve êxito não menos feliz, conservando a belleza e fórma dos authores de onde traduziu, como se poderá melhor verificar, collacionando os originaes com essas versões que desmentem o rifão italiano — *traductore, traditore*. Conhecia d'elle tambem a traducção do *Raposo*, poema de Goethe; mas que não foi encontrada entre seus livros, seguindo naturalmente no naufragio a sorte dos outros manuscriptos (Leal, 1874b, p. 341).

Outro comprovinciano, Joaquim Serra, dedicou emocionantes versos a «Gonçalves Dias», em *Quadros* (1873, pp. 109-112). Portugal também não se esqueceu do poeta maranhense. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, por exemplo, teceu elevadas loas a Gonçalves Dias:

Coidencia ou destino, só a immensidade do mar abriu sepultura á immensidade do genio d'Antonio Gonçalves Dias, que idolatrava o solo da patria! Nem moribundo lhe permittíra o horóscopo alongar a vista pela terra natal!

[...]

Antonio Gonçalves Dias, bardo gigante, que o Brazil prantea após a perda de Manuel Antonio Alvares d'Azevedo e Casimiro d'Abreu, todas dentro de poucos annos, era o estro mais popular, o genio mais sympathico do novo mundo! (Caldas, 1865, pp. 4-5).

Gonçalves Dias foi cavaleiro da Ordem da Rosa, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de diversas associações literárias. Ele é patrono das academias Brasileira de Letras, cadeira n. 15, criada por Olavo Bilac; da Brasileira de Filologia, cadeira n. 6; da Maranhense de Letras, cadeira n. 9; e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, cadeira n. 20.

#### 4.4 José Ricardo Jauffret

Nascido a 23 de Dezembro de 1823, em São Luís, filho do negociante francês Joseph Jauffret e de Theresa de Araújo Quadros, descendente de uma importante família estabelecida no Maranhão, José Ricardo Jauffret completou os estudos preparatórios no Liceu maranhense. Seguindo o caminho de diversos concidadãos, parte para a Europa, especificamente para a França, com a ambição de obter título superior.

Após anos de estudos e empenho, o jovem ludovicense recebe «o grão de bacharel em letras no collegio real de Marselha, de bacharel em ciencias phisicas na faculdade de Montpellier, e de doutor em medicina na de Paris, em 19 de agosto de 1848 [...]» (Marques, 1870, p. 398).

De volta ao Brasil, José Ricardo Jauffret segue viagem à sede do Império, a fim de validar o seu diploma de médico. Para atestar esta informação, no acervo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, encontra-se a tese que apresentou, em 1849, intitulada *Algumas proposições sobre a syphilis*.

No ano de 1849, estabelece-se definitivamente no Maranhão, onde abre seu consultório e logo começa a atender pacientes. Médico bastante estimado, trabalhou no «Asylo de Santa Thereza» e no Hospital Português, administrado pela Sociedade Humanitária 1º de Dezembro (instituição de que foi sócio), exerceu os cargos de inspetor de saúde e de comissário vacinador da Província, fez parte da comissão de higiene pública e da junta médica encarregada de inspecionar os professores públicos.

Devido às precárias condições de saúde vividas no Brasil do oitocentos, os profissionais da área gozavam de grande prestígio na Província<sup>134</sup>. O dr. Jauffret casou-se com Maria Letícia, sua prima, irmã do também médico Luiz Miguel Quadros Filho. Dessa união, nasceram três filhos: Angelina, José Frederico e Esmeralda.

A forte inclinação empresarial favoreceu-o, e seus negócios prosperaram. Jauffret foi acionista e membro da diretoria da «Companhia de Illuminação á Gaz do Maranhão» e do «Banco do Maranhão»; dirigiu o «Lazareto da Ponta d'Arêa» e a «Casa de Saude Previdencia», fundada pelo seu cunhado.

---

<sup>134</sup> Para ratificar a relevância dada aos médicos – e a que eles próprios se atribuíam –, o trecho a seguir, extraído do discurso que Antônio Henriques Leal pretendia ler no sepultamento de Raymundo José Faria de Mattos, é um interessante exemplo: «A missão do homem sobre a terra por mais obscura e mesquinha que seja tem sempre um lado proficuo aos seus semelhantes; mas de todas as missões a mais util á humanidade, a mais nobre e mais sancta – é a do medico, sacerdote do fogo sagrado da vida» (Leal A. H., 1855, p. 2).

Influente, culto e muito bem relacionado com os literatos da cidade, dr. Jauffret foi colaborador da *Revista Universal Maranhense*, que circulou nos anos de 1849 e 1850. No curto período em que foi publicada, não encontrei qualquer trabalho literário de sua pena, apenas dois artigos estampados na seção «Conhecimentos Uteis», ambos relacionados à saúde – o primeiro, sob o título «Allopathia», de 1º de Julho de 1849, 1º ano, n. 3, tomo I, pp. 37-38; e o segundo, «Sciencia. Da Experimentação em Medicina», de 1º de Fevereiro de 1850, 1º ano, n. 10, tomo I, pp. 149-151.<sup>135</sup>

Ao buscar outros dados bibliográficos de Jauffret, tive a grata surpresa de encontrar trabalho traduzido pelo médico maranhense impresso no *Florilegio camoneano*, que veio a lume em 1888. A peça que ele verteu para o francês abre essa obra, ocupando as páginas 15 a 21.

Jauffret preferiu ficar distante das disputas eleitorais, trilhando, aliás, caminho diferente dos seus amigos da área da saúde, que se aproveitavam da popularidade para ocupar cargos na política local e nacional. Na verdade, sua inclinação e gosto tomavam outra direção: o magistério. E dedicou-se, durante anos, a esse ofício, desempenhando atividades como examinador de Inglês e lente catedrático de Filosofia em sua antiga escola, o Liceu Maranhense; foi também professor de Grego, na instrução secundária, ensinando no Centro de Humanidades, dirigido por Pedro Nunes Leal, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, irmão de António Henriques Leal.

José Jauffret foi um grande entusiasta das questões agrárias, quando o algodão era o principal produto da economia maranhense, de tal forma que o levou a traduzir e a publicar, em 1859, o livro *Manual do plantador de algodão*<sup>136</sup>. Por causa desse feito e dos relevantes serviços prestados à «Eschola Agricola do Cutim», foi reconhecido e agraciado por d. Pedro II com a comenda de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Ele também participou da implantação do Conservatório Dramático Maranhense, em 1862.

O médico e tradutor Jauffret, hoje personagem desconhecida no Maranhão, faleceu em São Luís, a 7 de Agosto de 1878.

---

<sup>135</sup> Joaquim Serra (1883, p. 44), assegura que:

Os escriptos litterarios do Dr. Jauffret eram primorosos e de um sabor classico. Conhecendo á fundo tanto o idioma portuguez como o francez, emprehendeu a traducção dos LUZIADAS em alexandrinos frncezes (sic), e os trechos que deixou da versão, não acabada, são dignos de nota. O episodio de Adamastor, impresso no PARNASO MARANHENSE, é admiravel. O Dr. Jauffret não foi porém um jornalista.

<sup>136</sup> Do original: Turner, J. A. *The cotton planter's manual: being a compilation of facts from the best authorities on the culture of cotton; its natural history, chemical analysis, trade, and consumption; and embracing a history of cotton and the cotton gin*. New York: Orange Judd & Company, 1857.

#### 4.5 António Henriques Leal

A 25 de Julho de 1828<sup>137</sup> nasce, na localidade Cantanhede, Itapecuru-Mirim – atual município de Cantanhede – o médico, biógrafo, crítico, historiador, jornalista, político e literato António Henriques Leal, filho do fazendeiro Alexandre Henriques Leal e de Anna Rosa de Carvalho Reis. Descende, por parte de mãe, do capitão-mor António Moniz Barreiros, que, no Maranhão, ganhou prestígio, quando da expulsão dos holandeses. Pelo pai, herdou o nome do seu avô, o coronel português António Henriques Leal.<sup>138</sup>

FIGURA 37: António Henriques leal.



Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite.

<sup>137</sup> Diversos autores, como Marques (1870, p. 400) e Blake (1883, p. 186), atestam o dia 24 para o nascimento de António Henriques Leal. Optei pela data porque, diante de tantas informações desencontradas, acredito ser esta a correta, fornecida pelo general Alexandre Henrique Vieira Leal, seu filho; pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB), 1866, t. XXIX, segunda parte, pp. 404-405; e pela retificação feita por Innocencio Francisco da Silva (1911, p. 226), após ter informado, em Silva (1867, p. 167), a data que considero equivocada. Outro autor a confirmar o dia 25, como de nascimento de Henriques Leal, é Ruben Almeida, em *O Combate* (anno IV, n. 1019, Maranhão, 28 de Julho de 1928, p. 1).

<sup>138</sup> Seu avô seguiu para o Maranhão após ser agraciado com uma sesmaria na ribeira do Itapecuru, hoje município de Cantanhede. Cf. documentos do Arquivo Ultramarino: [ant. 1793, Setembro, 20], Requerimento do alferes António Henriques Leal ao príncipe regente d. João, a solicitar carta de confirmação de sesmaria de terras na ribeira do Itapecuru (AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 83, D. 6988) e [ant. 1793, Setembro, 24], Requerimento do alferes António Henriques Leal ao príncipe regente D. João, a solicitar provisão para se efetuar o tombo e a demarcação das suas terras na ribeira do Itapecuru (AHU\_ACL\_CU\_009, Cx. 83, D. 6992). Segundo Coutinho (2005, p. 362), o coronel António Henriques Leal era «natural da freguesia de São Nicolau, bispado de Lisboa.»

Aos 10 anos, inicia os estudos de francês. De acordo com Sébastien Rozeaux (2014): «Antonio Henriques Leal fait son entrée au collège en 1838, où il reçoit l'enseignement d'un Français, un certain M. Adam.»<sup>139</sup>

Fez seus estudos preparatórios em Lisboa e, contrariando a vontade dos pais, que queriam que ele seguisse carreira no comércio, parte para a Corte, em 1847, aos 19 anos de idade, para se tornar médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Recebe o grau de doutor em medicina, com a tese apresentada em 19 de dezembro de 1853: *Qual a influencia da anatomia pathologica no diagnostico e therapeutica das molestias internas?*, com avaliação *optime cum laude*. No ano seguinte, retorna a São Luís, onde começa a trabalhar.

Além de atender em sua clínica, o jovem, por curto espaço de tempo, foi auxiliar da junta de Higiene Pública e, gratuitamente, participou de várias comissões de saúde. De família tradicional, rica e respeitada, o médico logo segue os passos do seu cunhado Antônio Rego e ingressa na política, também pelo Partido Liberal.

Em 1856, casa-se com Rosa Maria Vieira Leal, com quem tem sete filhos. Desses, destaco o primogênito Hugo Leal, republicano, abolicionista, poeta e literato; e o general Alexandre Henrique Vieira Leal. Antônio Henriques Leal era primo de Ana Amélia Ferreira do Vale, a paixão de Gonçalves Dias, e de Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, melhor amigo do poeta. Além desses, e para atestar a rede de influências de que participa, cito o seu primo, também maranhense, José Joaquim Ferreira do Vale, visconde do Desterro, que faleceu em Genebra, Suíça, em 3 de Fevereiro de 1899, na função de cônsul do Brasil.

Na seara jornalística, ele foi redator do jornal político a *Imprensa* (1858-1861); redigiu outro jornal político: *Progresso* (1861), em que havia sido colaborador (1847-1848); redigiu o *Publicador Maranhense* (1864-1865), e colaborou com *A Conciliação* (1856), juntamente com Antônio Rego e com Francisco de Mello Coutinho Vilhena. Escreveu ainda em periódicos literários maranhenses: *O Archivo: jornal scientifico e litterario*, *Revista Universal Maranhense* e o *Jornal de Instrucção e Recreio*.

---

<sup>139</sup> Nicolas Adam foi professor por mais de 20 anos e diretor do Collège Saint-Barbe, em Paris. Chegou a São Luís, por volta de 1837, onde dirigiu uma escola particular e foi lente de grego do Liceu. Há variação de seu nome, pois aparece também como Nicoláo.

Encontrei as seguintes publicações de sua lavra, sendo a primeira elaborada quando o autor contava apenas 18 anos de idade, o que evidencia sua vocação e empenho às letras e às atividades intelectuais<sup>140</sup>, assim como aos meios de tornar públicas as suas produções:

- Leal, A. H. (1846, Agosto 31). Catalogo dos capitães-mores, capitães-generaes, e governadores, junctas-provisorias, presidentes, e vice-presidentes, que tem governado o Maranhão de 1615 a 1843. *O Archivo*, v. 1, n. 6, Maranhão: Typographia Maranhense, pp. 125-128.
- \_\_\_\_\_. (1853). *Qual a influencia da anatomia pathologica; no diagnostico e therapeutica das moles tias internas?* (These para o doutorado em medicina). Rio de Janeiro: Typ. de H. de Laemmert.
- \_\_\_\_\_. (1855). Relatorio ácerca do cemiterio da Sancta Casa da Misericordia. *O Globo*, Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres.
- \_\_\_\_\_. (1859). *Da grippe epidemica* (ora reinante no Maranhão). Maranhão: Typ. do Progresso.
- \_\_\_\_\_. (1860). Apontamentos estatisticos da provincia do Maranhão. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o anno de 1860: bissexto* (terceiro anno, segunda serie, suplemento). Maranhão: Typ. do Progresso, pp. 1-70.
- \_\_\_\_\_. (1864). Província do Maranhão. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o anno de 1864: bissexto* (setimo anno, segunda serie). San’Luiz do Maranhão: Typ. do Progresso, pp. 324-383.
- \_\_\_\_\_. (1864). Cathecismo agrícola. Suplemento do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o anno de 1864: bissexto* (setimo anno, segunda serie, suplemento). Maranhão: San’Luiz do Typ. do Progresso, pp. 1-94.
- \_\_\_\_\_. (1866). Principaes successos da historia da provincia do Maranhão desde o seu descobrimento ate nossos dias. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o anno de 1864. Segundo depois do bissexto* (nono anno, segunda serie, suplemento). San’Luiz do Maranhão: Typ. do Progresso, pp. 365-411.

---

<sup>140</sup> Ele assinou outros trabalhos, como *A casca da canelleira (steeple-chase): por uma boa duzia de esperanças*, 1866, com o pseudônimo Judael de Babel-Mandeb.

António Henriques Leal iniciou as atividades no campo da tradução aos 17 anos de idade, como se pode verificar a seguir:

- Caraguel, C. (1845). *Encontro debaixo de um carvalho*. Maranhão: Typographia Maranhense.
- Mérimée, P. (1845). *Visão de Carlos XI*. Maranhão: Typographia Maranhense.
- Lamennais, F.-R. (1845). *O sacerdote*. Maranhão: Typographia Maranhense.
- Fiorentino, P.-A. (1846). *Nisida*. Maranhão: Typographia Maranhense.
- M.<sup>elle</sup> Ozenne (1846). *Alexandre Dumas. Biographia*. Maranhão: Typographia Maranhense.
- Battu, L., & Carré, M. (1854). *Estes dous fazem um par*, comedia em um acto. Maranhão.
- Liebig, J. (1859). *Cartas sobre a chimica*. Maranhão: Typ. do Progresso.
- Laboulaye, E. (1867). *O Partido Liberal, seu programma e futuro*. S. Luiz do Maranhão: Typ. B. de Mattos.

Henriques Leal, a fim de colaborar com o progresso tipográfico da cidade, traduziu, do *Manual Roret*, receitas de cola e melado, para serem usadas em rolos de impressão, segundo conta no *Pantheon maranhense* (1874a, p. 234-235).

Ele se vê obrigado a se afastar da atividade política, por motivos de saúde, por volta de 1863, quando passa a se dedicar às letras. O Plutarco Maranhense<sup>141</sup> transfere-se para Lisboa, onde residiu entre 1869 e 1878. Nessa ocasião, deu à luz sua obra cimeira, dividida em quatro tomos: *O Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos*<sup>142</sup>.

Durante a estada na capital portuguesa, além do reconhecido *Pantheon* (1873-1875), ele publicou:

<sup>141</sup> A denominação advém de ter sido ele reconhecido como o mais importante biógrafo do Maranhão. Henriques Leal ainda tomou para si a responsabilidade de publicar as obras de Gonçalves Dias e João Lisboa; tal como fez Beaumarchais, em França, ao encarregar-se de editar as de Voltaire.

<sup>142</sup> A obra, nos últimos anos, tem reacendido debates, depois da publicação da segunda edição de *Um livro de crítica*, 2015, de José Frederico Correa (1<sup>a</sup> ed., 1878), em que o autor desqualifica o *Pantheon* e alguns dos biografados por Henriques Leal. Contudo, ainda é muito consultada e utilizada como referência por investigadores nacionais e estrangeiros.

- Leal, A. H. (1874). *Apontamentos para a história dos jesuitas no Brasil* (Tomos I-II). Lisboa: Typ. Castro Irmão.
- \_\_\_\_\_. (1874). *Locubrações: sciencias e letras*. Lisboa: Typ. Castro Irmão.

Antônio Henriques Leal foi responsável pela edição e publicação de diversas obras, incluindo-se, aí, as de seus amigos e conterrâneos Gonçalves Dias e João Lisboa.<sup>143</sup> No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicou, os seguintes artigos: «A guerra do Paraguay», entre os dias 16 e 26 de Fevereiro de 1870; e «A litteratura brazileira contemporânea», entre 25 de Maio e 3 de Junho de 1870.

Por Aviso de 13 de Abril, ratificado pelo de 30 de Junho de 1871, o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas encarregou-o de promover a colonização de europeus para o Brasil, em especial alemães, açorianos e madeirenses. Em 17 de Agosto de 1872, foi condecorado pelo imperador Pedro II com a insígnia de comendador da Imperial Ordem da Rosa, em reconhecimento aos valerosos serviços prestados às letras pátrias e ao país. Recebeu, ainda, a comenda da Ordem de São Thiago Cruz e Espada, por mérito científico, e a “Palma” da Academia de França.

Henriques Leal foi, também, membro das sociedades médicas de Lisboa e de Madrid, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Espanhola, do Instituto de Coimbra, do Instituto Arqueológico da Guiana, da Sociedade de Geografia de Paris e da Sociedade de Geografia de Lisboa, sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e protetor da Associação Typographica Maranhense. A respeito de uma de suas distinções, o *Publicador Maranhense* (anno XLIII, n. 25, Maranhão, 26 de Fevereiro de 1884, p. 2) emitiu a seguinte nota:

**condecoração estrangeira.** = Concedeo-se licença ao Conde de Baependy e ao Dr. Antonio Henriques Leal para aceitarem, este a nomeação de official da instrucção publica, com que foi agraciado pelo governo francez, e aquelle a de grã-cruz da real ordem militar portugueza de Nosso Senhor Jesus Christo, de que lhe merce S. M. Fidelissima, e usarem da respectivas insignas.

Residindo na capital portuguesa, ele se incumbiu da confecção do monumento em homenagem a Gonçalves Dias, seu estimado amigo. A estátua, produzida pelo escultor Pedro Carlos Quadro dos Reis, nas oficinas de Germano José Sales, em Lisboa, foi inaugurada a 7 de Setembro de 1873, na capital maranhense.

<sup>143</sup> Organizou: *Obras posthumas de Gonçalves Dias*, precedidas de uma notícia de sua vida e obras, 1867-1869; *Obras de João Francisco Lisboa, natural do Maranhão*. S. Luís do Maranhão, 1864-1865.

De volta ao Brasil, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde dirigiu o Diário Oficial e, em seguida, tornou-se reitor do Internato Pedro II, cargo em que permaneceu até sua morte, a 29 de Setembro de 1885.

Henriques Leal dá nome a uma avenida e a uma escola no Centro de São Luís, e a um jardim de infância, em Cantanhede. Ele foi escolhido por Astolfo Marques como patrono da cadeira n. 10, na Academia Maranhense de Letras.

#### 4.6 Artur Azevedo

Filho de pais portugueses, do comerciante, vice-cônsul e chanceler do consulado de Portugal no Maranhão, David Gonçalves de Azevedo<sup>144</sup>, e de Emília Amália Pinto de Magalhães<sup>145</sup>, Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, a 7 de Julho de 1855.

Henrique Marinho, no *Almanaque d'O Theatro* (1906), revela que, muito cedo, o teatrólogo manifestara inclinação às letras, pois «Aos quatro anos de idade Arthur já lia, aos nove já fazia versos e versos superiores aos que muito marmanjo barbado publica de quando em vez nos — *a pedidos* — do *Jornal do Commercio*, aos treze, o pae metheu-o no commercio.» Ainda aos 13 anos, escreve a paródia *Judia* (1868).

Aos 16 anos, Artur Azevedo apresenta ainda mais destreza para as letras, publicando *Carapuças* (1871)<sup>146</sup> e, no ano seguinte, *Amor por anexins* (1872), peça que alcançou sucesso

<sup>144</sup> Condecorado com a medalha número 2 das campanhas da Liberdade (1826-1834), cavaleiro das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (Portugal), e da Rosa (Brasil), David Gonçalves de Azevedo foi vice-presidente da Sociedade Dramática Maranhense e um dos fundadores do Gabinete Português de Leitura no Maranhão, instituição que também presidiu. Escreveu: Azevedo, D. G. (1855). *Epitome historico de Portugal, desde a fundação da monarchia até hoje*. Maranhão: Typ. de J. C. M. da Cunha Torres. Faleceu em São Luís aos 62 anos, a 7 de Agosto de 1878 (Cf. *O Paiz*, anno XVI, n. 178, Maranhão, 8 de Agosto de 1878, p. 2). A notícia da morte do vice-cônsul, no exercício do consulado, também foi veiculada no *Publicador Maranhense* (anno XXXVII, n. 181, Maranhão, 9 de Agosto de 1878, p. 2).

<sup>145</sup> Nasceu em Lisboa e, ainda jovem, mudou-se para São Luís, onde, por imposição, casou-se com António Joaquim Branco. Cansada das humilhações, abandonou o austero comerciante lusitano, levando embora a filha do casal, Amélia Maria Branco, fato considerado um dos maiores escândalos na conservadora sociedade maranhense daquele tempo. Emília, assinando com o nome de casada – Emília Amália de Magalhães Branco –, anuncia a abertura de um estabelecimento educacional de sua propriedade, o Collegio de N. S. da Victoria, onde receberia meninas em sistema interno e externo (*Publicador Maranhense*, anno IX, n. 1096, Maranhão, 10 de Abril de 1851, p. 4). Tempos depois, Emília viveu em concubinato com David Gonçalves de Azevedo, por não conseguir se divorciar do marido, provocando outro sentimento de indignação na cidade. Ela faleceu em São Luís, aos 70 anos de idade, a 1º de Julho de 1888, vítima de lesão orgânica do coração (*Pacotilha*, anno VIII, n. 180, Maranhão, 1º de Julho de 1888, p. 2).

A sua filha Amélia Maria Branco casou-se com Raimundo Filipe Lobato, irmão do jurista e escritor João Clímaco Lobato. Desse relacionamento, nasce Victor Lobato, fundador do conhecido jornal *Pacotilha*. Victor Lobato e o seu tio João Clímaco Lobato figuram no quadro dos tradutores maranhenses.

<sup>146</sup> Coletânea de versos humorísticos escritos dos 14 aos 16 anos de idade.

nacional e foi representada inúmeras vezes. É provável que seu entusiasmo pelo teatro tenha sido herdado do pai, que, em 1844, arrematou metade dos aluguéis do «Theatro União»<sup>147</sup>, a mais famosa casa de espetáculos da capital, que depois passou a se chamar «S. Luiz» e, hoje, «Arthur Azevedo»<sup>148</sup>, em homenagem ao teatrólogo.

FIGURA 38: O teatrólogo Artur Azevedo.



Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite.

Em 1872, funda o periódico semanal *O Domingo*, que tecia comentários sobre livros e fazia algumas observações políticas. Nesse tempo, Artur Azevedo trabalha como caixeiro em uma casa comercial da capital maranhense. Em 1873, aos 18 anos, ingressa no funcionalismo público, como amanuense, transferindo-se para o Rio de Janeiro, para trabalhar no Ministério da Agricultura. Lá, retoma as atividades jornalísticas – sua outra grande paixão –, desta vez como revisor da *Reforma*.

Depois disso, sua produtividade não cessou. Durante o oitocentos, vieram, entre outras, as peças *A filha de Maria Angú* (1876)<sup>149</sup>, *A casadinha de fresco* (1876), *Uma véspera de reis*

<sup>147</sup> Cf. o *Publicador Maranhense* (anno II, n. 183, Maranhão, 15 de Maio de 1844, p. 1).

<sup>148</sup> O estabelecimento conserva a grafia antiga.

<sup>149</sup> Adaptação da opereta *La fille de Mme. Angot*, de Siraudin, Clairville e Koning, com Música de Charles Lecocq.

(1876), *Um dia de finados* (1877), *A joia* (1879), *O escravocrata*, em parceria com Urbano Duarte (1884), *A almanjarra* (1888) e *A Capital Federal* (1897).

Em terras fluminenses, ganha notoriedade como jornalista<sup>150</sup> e funda a *Revista dos Theatros* (1879), a *Gazetinha* (1880), *O Álbum* (1891) e *A Vida Moderna* (1886), e colabora com importantes periódicos como *A Estação* (ao lado de Machado de Assis), a *Gazeta de Notícias*, *O País*, *O Século*, a *Notícia* e o *Correio da Manhã*. Grande parte de sua vida, porém, foi dedicada ao teatro, em que escreveu e traduziu numerosas peças, publicadas e encenadas em teatros de todo o Brasil. De suas traduções e adaptações, destaco:

- Beaumarchais, P.-A. C. (1885). *O casamento de Figaro*, comedia em 5 actos. Rio de Janeiro.
- Chivot, H., & Duru, A. (1883). *Gillete de Narbonne*, opera comica em 3 actos, Rio de Janeiro: Typographia Hamburgueza do Lobão.
- Genné, R. (1882). *Fatinitza*, opera comica em 3 actos. Rio de Janeiro: Typographia a vapor de A. Guimarães & C.
- Hennequin, A., & Millaud, A. (1879). *Niniche*, comedia em 3 atos. Rio de Janeiro: Typ. da Escola de Serafim José Alves.
- Leterrier, E., & Vanloo, A. (1883). *Falka*, opera burlesca em 3 actos. Rio de Janeiro: Typ. da Escola de Serafim José Alves.
- Leuven, A. (1886). *Heroe á força*, opera comica em 3 actos. Rio de Janeiro: Augusto dos Santos.
- Meilhac, H., & Halevy, L. (1884). *Os salteadores*, ópera burlesca em três atos. Rio de Janeiro: Typ. de A. Guimarães.
- Moliere (1897). *Escola de maridos*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira.

Apesar do reconhecimento e respeito, obtidos por sua vasta produção no campo teatral, «Artur Azevedo foi responsabilizado pela desmoralização da arte dramática entre nós, por se ter dedicado ao “lastimoso gênero, o tró-lo-ló e às pernas nuas”. [...]» (Sousa, 1960, p. 232). Ele não deixou barato e, como resposta, publicou um artigo intitulado «Em defesa», n’*O Paiz*

---

<sup>150</sup> Nesse tempo, utilizou vários pseudônimos, como A. A., *Eloy o heroe*, *Gavroche*, *Petronio*, *Cosimo*, *Juvenal*, *Dorante*, *Frivolino*, *Batista o trocista* e X. Y. Z.

(anno XX, n. 7160, Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1904, p. 1), contestando as acusações do ator-empresário Cardoso da Motta.

Outra polémica que veio à tona, devido ao sucesso alcançado nos periódicos do Rio de Janeiro, foi a acusação de ser indiferente à estética literária, em razão de suas escolhas estilísticas. Para se defender da querela, redige outro intrigante texto:

Desde que pela primeira vez me aventurei a rabiscar nos jornaes, observei que a massa geral dos leitores dividia-se em dois grupos distinctos: um muito pequenino, muito reduzido, de pessoas instruidas ou illustradas, que procuravam em tudo quanto liam gostoso pasto para os seus sentimentos estheticos, e o outro numeroso, formidavel, compacto, de homens de trabalho, que iam buscar na leitura dos jornaes um derivativo para o cansaço do corpo, e exigiam que não lhes falassem senão em linguagem simples, que elles comprehendessem. Observei tambem que o primeiro grupo não concorria absolutamente para a prosperidade dos Jornaes, pois que nem ao menos tinha o costume de compral-os systematicamente, ao passo que o segundo comprava e assignava, lia e fornecia o annuncio, isto é, a alma, a vida da nossa industria jornalistica.

Tendo que escolher os meus leitores entre esses dois grupos, naturalmente escolhi os do segundo, e desde então fui assaltado pela preocupação de lhes agradar, escrevendo de modo que elles me entendessem e não se arrependessem de me haver lido.

Deste modo não solicito a gloria nem a immortalidade, mas tenho consciencia de não ser um collaborador inutil. Escrevo, não para os cafés da rua do Ouvidor, mas para a cidade inteira. Gabo-me de ter leitores em todo o paiz, e como os sirvo com a melhor grammatica de que disponho e com todo o bom senso de que sou capaz, conservo tranquilla a minha consciencia de jornalista.

[...].

Tambem fui moço e tambem tive o meu ideal artistico ao experimentar a penna; mas um bello dia, pela força das circumstancias, escrevi para ganhar a vida, e, d'ahi por diante, adeus ideal!

Quando descobri que no bico daquella penna havia um pouco de pão para a minha prole, tornou-se ella para mim um simples utensilio de trabalho, que trato de utilizar em proveito meu e de quem me recompensa. E não a posso utilizar melhor do que escrevendo para esses que não me condemnam, e se satisfazem com a minha simplicidade (*O Paiz*, anno XXI, n. 7399, Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1905, p. 1).

Os dois últimos parágrafos da citação parecem vir justamente ao encontro do que o crítico literário Sainte-Beuve (1839) condenava com veemência: a literatura industrial, que estimula o aumento da produção de textos, em detrimento da preocupação com o belo. Artur Azevedo foi um dos poucos de seu tempo que sobreviveram às custas de trabalhos literários. Além de seções em jornais, de traduções e composições originais de peças teatrais, ele também se dedicou a escrever contos e poesias, como *Sonetos* (1876), *Contos possíveis* (1889), *Contos fora de moda* (1894), *Contos efêmeros* (1897) e *Contos em verso* (1898).

Dentre vários anúncios de encenações de peças traduzidas pelo comediógrafo maranhense, destaco uma que saiu no *Diario de Noticias* (anno I, n. 29, Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1885, p. 1):

Ante-hontem realizou-se no theatro *Lucinda* o beneficio da distincta atriz Lucinda Furtado Coelho, com a 1ª representação do *Casamento de Figaro*, traducção de Arthur Azevedo.

O traductor esmerou-se em transplantar para o nosso idioma a celebre peça e, sem com isso fazer cumprimentos ao nosso collega, póde dizer-se que a versão portugueza em nada sacrificou o original e soube conservar toda a graça e espirito que se encontra na apreciada comedia de Baumarchais (sic).

Artur e seu irmão Aluísio Azevedo integraram o grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a cadeira n. 29. É, ainda, patrono da cadeira n. 3, da Academia Maranhense de Letras, instituída por António da Costa Gomes. Conforme a *Pacotilha* (anno XII, n. 132, Maranhão, 5 de Junho de 1893, p. 2), Artur Azevedo foi agraciado pelo governo português com a «Cruz de Sant'Iago».

O teatrólogo cerrou os olhos no Rio de Janeiro, a 22 de Outubro de 1908.

Como manifestação de reconhecimento, alguns logradouros públicos brasileiros foram batizados com o nome de Artur Azevedo.

O conjunto de informações que expus ao longo deste capítulo forneceu-me as condições materiais propriamente ditas desta investigação. Por seu intermédio, vislumbram-se mais do que a simples reunião, ou catalogação, de homens, trajetórias e obras situadas em um preciso momento da história de uma cidade ao norte do Império brasileiro. Elas são, sim, pela natureza de seu conjunto, testemunhos de um tempo vivido e sentido com intensidades incomuns, canalizados que foram, portanto, para um domínio específico da produção editorial: «a tradução».

Os escritores maranhenses que mais se destacaram nesta seara, que ficou estranhamente esquecida por mais de cem anos, deixaram assinalado um esforço coletivo de uma comunidade cujos integrantes não só partilharam aspirações comuns, como também vieram de núcleos familiares urbanos que carregavam semelhanças; frequentaram os mesmos ambientes escolares; dividiram os mesmos sonhos e expectativas de juventude; cresceram e se apaixonaram por ideais profissionais e políticos; buscaram realizar ambições de formação superior em instituições europeias; e por mais diferentes que tenham sido suas áreas de trabalho, encontraram-se sob a «batuta» da necessidade de traduzir obras de autores europeus.

Depois de apresentar os tradutores devidamente identificados, passemos ao assunto seguinte, que trata das traduções e seus tradutores.

FIGURA 39: Rampa de desembarque, São Luís.



Fonte: Cunha (1908).

## 5 TRADUÇÕES E SEUS TRADUTORES

Eu creio que uma boa tradução vale tanto ou mais do que uma excelente composição original. Transplantar para outra língua a flexibilidade do verso, o pitoresco da imagem, a energia da phrase e a melodia da rima, é um trabalho de elevado quilate entre os mais importantes labores litterarios.

O bom traductor é poeta com o poeta, que elle verte; por isso que o acompanha em seos vãos; tambem é artista como elle, porque esmerase no lavor da palavra e no colorido do dizer; é finalmente conhecedor dos segredos de duas linguas, por quanto não ha particularidade do original, que na versão não tenha equivalente apropriado (Castellamare, 1868, p. 2).<sup>151</sup>

Ao chegar neste capítulo, que reúne elementos fundamentais da tese, as palavras acima, do maranhense Pietro de Castellamare [Joaquim Serra], elogiosas ao trabalho de tradução, em especial ao de seu amigo e conterrâneo Flávio Reimar [Gentil Braga], caem como uma luva para aquele momento de intensa produção de obras traduzidas na *Atenas Brasileira*.

Diversos títulos traduzidos em Portugal preencheram muitas prateleiras de estabelecimentos de leitura no Brasil, é o que se pode perceber, ao ler os seus índices. Associo esta ocorrência a pelo menos dois fatores. Primeiro, aos incipientes catálogos das tipografias nacionais e regionais, em contraste com os vindos do outro lado do Atlântico, onde há muito tempo se imprimia. Obras de gêneros variados, principalmente literários, de reconhecimento internacional, foram traduzidas em Portugal e exportadas para o Brasil, onde muitas delas, inclusive, ganharam nova edição.

Segundo, ao número de tradutores em terras lusitanas, que, nesse tempo, era impressionante, conforme dados apresentados por João Luís Lisboa no «Congres SHARP 2016»: «Pour la période entre 1835 et 1850, une enquête non exhaustive présentait déjà une liste d'environ 400 noms et initiales, sur tous les genres de traductions. L'univers ne fera que s'élargir pendant la deuxième moitié du siècle. [...]» (Lisboa, 2016). Desse vasto número, dois tradutores a que João Lisboa se refere foram publicados no Maranhão: Francisco Ferreira da Silva Vieira, que inclusive residiu em São Luís, e António Joaquim Nery.

Alguns livros de Paul de Kock, traduzidos por Nery, foram impressos na Província do Maranhão, entre 1842 e 1844. E esses dados só foram recuperados por se encontrarem listados nos catálogos do Gabinete Português de Leitura no Maranhão (1859, 1867 e 1887). Em relação

---

<sup>151</sup> Fragmento extraído da seção «Revista Bibliographica», «Eloá,» tradução paraphrastica de Flavio Reimar, por Pietro de Castellamare. In *Semanario Maranhense* (anno I, n. 20, San'Luiz, 12 de Janeiro de 1868, p. 2).

a F. F. da Silva Vieira, *O Paiz* (anno XXIII, n. 394, Maranhão, 22 de Maio de 1885, p. 2) inicia a impressão de uma tradução executada por ele: *Herança funesta*, de Xavier de Montepin. Paul de Kock e Xavier de Montepin são dois dos muitos literatos que fizeram sucesso e causaram frisson em leitores locais – e ao redor do mundo –, que aguardavam ansiosos pelas novidades advindas da Europa, sobretudo da França, estampados em rodapés de jornais ou em brochuras.

### 5.1 Abriram-se as cortinas aos modismos literários franceses

Chega o século XIX, e a vida urbana brasileira se vê provocada pelos padrões culturais franceses, que se espalharam pelos salões e espaços públicos, atraindo os setores sociais esclarecidos com os *selos de distinção e refinamento* do país de Molière e Beaumarchais. As referências culturais francesas tinham, pelo valor que se lhes agregava, «fragrância superior», e portanto inseria os francófilos num circuito de distinção social e política.<sup>152</sup>

Em terras maranhenses, por óbvia influência portuguesa quanto nativa, havia viva aspiração de se destacar no convívio social, importando e reproduzindo comportamentos europeus. Não faltavam motivos para os setores ilustrados dessa terra, em geral membros da aristocracia, adotarem o galicismo.

Atento à agitação cultural vivida no Brasil e em outras partes do mundo, Francisco Sotero dos Reis chama a atenção à «invasão francesa»:

A atenção convergia de todos os pontos para a França, fóco e teatro principal da agitação, entusiasmo e febre popular; o triumpho das armas francezas era por toda a parte applaudido e victoriado como precursor da nova liberdade; os impressos e livros francezes erão pelo interesse que inspiravão, não lidos, mas devorados pelos leitores; as doutrinas dos philosophos do seculo XVIII, que havião promovido e annuciado a revolução, seduzião todos os espiritos; pensava-se como os francezes, e até á maneira franceza se exprimia o pensamento (Reis, 1866, p. 61).

A simetria literária entre Brasil e Portugal era também manifestada pela aspiração do que era produzido da França. De acordo com Henriques Leal, à época, residindo em Lisboa:

O que ha de commum e serve de vinculo a ambas as litteraturas é a linguagem e a origem. [...].

Outro ponto de similhaça que ha entre a nossa litteratura e a portugueza é a fonte onde vão beber — a eschola franceza — que contaminou e rege hodiernamente o gosto, como

<sup>152</sup> Há os que defendam a ideia de que a incorporação de hábitos e praxes francesas advenha do sentimento de revolta do brasileiro com a colonização portuguesa, conforme destaca o professor e crítico literário Silviano Santiago, neste trecho: «A revolta do brasileiro contra a opressão colonial se exprime, pois, por um idioma que nos é estrangeiro, o francês, que passa a questionar – do lado de fora do português, por dentro do pensamento libertário francês e em território gaulês – o andamento abusivo e cruel da administração lusa nos trópicos» (Santiago, 2009, p. 16).

aconteceu na renascença com a litteratura latina. Os moldes onde vasam suas obras são identicos, se bem que os brasileiros, talvez por estarmos mui distantes da França ou porque tenhamos muita lição das litteraturas do norte da Europa, damos de mão com mais frequencia áquelles originaes (Leal A. H., 1874c, p. 192).

FIGURA 40: Maranhão, *Place du Palais e entrée du port*, 1856.



Fonte: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>

A partir de meados do século XIX, as tipografias do Maranhão trabalharam intensamente. Além de livros, diversos de romances franceses traduzidos foram publicados em periódicos da capital e do interior. O jornal foi, talvez, o mais importante suporte para disseminação dessas obras. Algumas, inclusive, foram impressas em folhetim para, depois, virarem livros. Os maranhenses embarcaram na torrente dos folhetins, outra criação francesa. Surgido em 1836, *le feuilleton* (folhetim) logo se tornou poderoso instrumento de difusão literária nos ambientes gauleses, e modificou o hábito de leitura dos povos civilizados.

O jornal tem alcance extraordinário, porque trata de assuntos de interesse geral, elaborados segundo a capacidade de leitura da massa. O preço baixo – se comparado a outros impressos – era, e ainda é, excelente atrativo, o que possibilitava atingir diariamente pessoas de camadas sociais variadas. Por essa razão, centenas de prosas de ficção e de não-ficção foram estampadas em periódicos da Província, muitas delas traduzidas por maranhenses. Outro atrativo era que alguns desses folhetins podiam ser colecionados, ajuntados, dobrados e cosidos, em brochura ou encadernadas, a exemplo de *Quitança á meia-noite*, de Paul Féval; *Os mysterios da Inquisição*, de Victor de Féreal; e *Os infortunios de um inglez*, de Paul de Kock, ambos impressos no jornal *O Progresso*, em 1847.

FIGURA 41: Início da publicação de *Quitança á meia-noite* (p. 1 e 4), em *O Progresso*.



9 de Abril de 1847.

N.º 68.

Sexta-feira.

ASSIGNA-SE  
Na Botica dos Srs. Simões & Silva,  
rua Formosa N.º 12.  
E na typographia do Jornal  
Praça de Palacio caza n. 10.

Preços d'assignatura 1000 rs;  
mensaes pagos no principio  
de cada mez para os que resi-  
dem nesta cidade, e para os de  
fora d'ella e da provincia  
4000 por trimestre.  
Folhas avulsas 80 réis.

# O PROGRESSO.

## JORNAL POLITICO, LITTERARIO E COMMERCIAL.

Le progrès est un avancement vers le mieux.  
Coq.

— REGEEM-SE. —  
Os avisos e correspondencias para  
imprimir todos os dias das 7  
horas da manha ás seis da tarde,  
na typographia do Jornal.

PREÇOS.  
Gratis para as Estações publicas;  
e para os assignantes quando  
não excederem a 30 linhas,  
excedido este numero custará  
cada linha 20 réis.  
Para os que não forem assignan-  
tes 40 rs. por linha.

### EXTERIOR.

#### PORTUGAL.

— A agiotagem anda afflicta: quer justifi-  
car-se e não pôde. Combattida por toda  
a parte já profere com voz esmorecida o  
"poenitit me."

Acusa-se a direcção do banco, e ella  
defende-se. Mas como? A sua defeza é a  
sua condemnação. Vamos examinar as suas  
razões, e veremos o que se deprehende  
do "ventre dos antos" na frase parlamentar  
do sr. Laborim (o coruscante)

A opposição accusa o banco, e o banco  
accusa a opposição. O Diário disse em 5  
do corrente:

"Não entraremos agora no exame das  
causas do grande agio das notas: diremos  
unicamente que se peuce no estado finan-  
ceiro da paiz em outubro ultimo, nas quan-  
tias de notas que o banco depois emittiu  
para auxiliar o governo — na guerra civil  
que desde então soffremos — no terror que

"inspirava só a mais remota idêa de que  
"poderiam vencer os homens da banca-  
"rota &c. &c. &c.

No mesmo dia escrevia o Diário "que  
"o banco havia negado ao ministerio pas-  
"sado os auxilios que pedira por lhe fazer  
"a guerra, e que concorrera para a con-  
"tra-revolução; que o suprimento de 300  
"contos, dado logo depois do dia 6 de Ou-  
"tubro, fora um apoio poderosissimo ao go-  
"verno cabralista; e que este era o cam-  
"minho unico porque os accionistas podiam  
"chegar á salvação de uma parte de suas  
"fortunas; porque elles bem viam aonde  
"pertendiam leva-los os publicistas, cujos  
"organos se ouviam na calçada do Sacra-  
"mento."

Por esta doutrina se vê que o banco  
se tornou faccioso. Negou a um minist-  
rio o que concedeu a outro. Disse á ad-  
ministração liberal que o empréstimo depre-  
ciava as notas e augmentava os apuros do  
estabelecimento; e dahi a dias esqueceu-se  
destas razões, e foi emittir mais 600 con-  
tos de notas, cuja emissão confessa agora  
ter augmentado o agio, e por conseguinte  
a desgraça publica!

Pois bem. As facções punem-se. E

que remediou o banco com as suas esper-  
tezas? Que ganhou em promover a contra-  
revolução? As suas acções desceram, o agio  
das suas notas augmentou, os seus apuros  
multiplicaram-se!

Assim o banco ligou a sua sorte á do  
governo, e comprometteu por este modo os  
seus proprios interesses.

No Diário de 8 o banco nega especu-  
lar com a depreciação das notas. Nega,  
mas não prova, porque não contradiz tes-  
temunhos insuspeitos. E depois accrescenta:  
"Tem havido quem acuse fortemente o  
"banco de empregar moeda metalleica em  
"tirar notas do mercado. Oxalá que o  
"banco podesse fazer esta operação em lar-  
"ga escala, não por interesse seu, mas  
"por interesse publico." Na verdade o  
publico deveria agradecer a dedicação, se o  
banco trocasse legalmente as suas notas;  
mas o banco especula d'outro modo — o ban-  
co empresta as notas ao governo, e depois  
põe dinheiro nos cambistas para comprar as  
notas quando lhe convém fazer descer o agio.  
Porque não dá elle dez pintos por cada uma?  
Porque não faz no banco essa tranquihernia  
que manda fazer pelos seus agentes?

Agora quereis saber a quem se deveu

— 4 —

Den lady Montrath um grilo d'allegria, e atison-se para ella com  
as braços estendidos. Tinha-se-lhe de todo desvanecido do resto o  
susto e a tristeza. Abraçou a Francis como abraçaria a uma irmã  
querida, e levou-a até uma cadeira onde ambas se sentaram uma jun-  
to da outra.

Parecia Francis também feliz e patenteava com franqueza o seu  
prazer. Essa philonomia severa, que lhe cezuramos em Galway, só  
era uma especie de reacção involuntaria contra a fria loucura de Fe-  
nelia Daws. Longe da tia, e ao pé d'uma boa amiga, recolrava Fran-  
cis a doce alegria de sua idade.

Houve de parte a parte muitos sorrisos, beijos sem conta, e uma  
luta de aprasiveis recordações.

Erão ambas da mesma idade. Tinha-se ambas dedicado d'es d'a  
infancia uma á outra. — Não tinha talvez Georgiana a equidade e de-  
licida franqueza de Francis. Era uma linda mulher, creada para o  
mundo e subtraida aos seus ornatos. Era n'ella o natural um pouco  
offuscado pelo que havia aprendido. Minoscou-a a educação com  
uma luz d'essas delicadezas imaginarias que substituem a ver-  
dadeira sensibilidade; — poeem n'ella não estava de todo insensivel o  
seu coração. Conservára á sua companheira d'infancia sincera af-  
eição. Mesmo em Londres, no centro dos prazeres aristocratas do  
West-end, teria prazr em se encontrar com Francis; — nesta tão a-  
cebia solidão que para ella se abria tão cheia de terrores sem moti-  
vo, seria verdadeiro o transporte que sentiria em se encontrar com  
a sua amiga.

Logo pelo manhã tinha ella mandado a carragem de milord á  
Galway com uma carta instante convidado a miss Roberts que viesse  
ao castello. Nunca tinha lady Montrath achado tão opportuno o  
acaso. Bem dizia do fundo d'alma a Jesual Daws; estimava infinita-  
mente que fosse elle o sub-incidente de policia, e que fosse mandado  
em commissão ao Connaught.

La ser para ella a Providencia, Francis tão constante, tão animo-  
za e tão boa!

Havia em anno pouco mais ou menos que não se tinham visto.  
Para hon diverso o seu viver, depois que deixara o collegio. Se-  
guiam ambas caminhos que se não cruzavam. — Tinha sido Georgiana,  
filha d'um conde, arrebatada d'es d'o principio pelo tãto fashionable;  
era rica e muito linda; foi a sua vida quia serie continua de tri-  
unphos.

Pelo contrario, Francis depois de haver passado os seus primel-  
ros annos em um collegio de primeira ordem, para onde tinha en-  
trado á sombra do titulo e posição social de seu pae, tinha de novo  
entrado de repente para a sociedade da classe media. Depois de mor-  
to seu pae, nenhuma di-tinção lhe restava no familia que a podesse  
aproximar d'essa vida aristocrata para que a tinha preparado a sua e-  
ducação.

Tinha Francis por mentora a Fanelia Daws, por companheiras as  
amigas de Fanelia Daws, por amadoros os casquilhos de Poultry, os  
peraltas commerciantes, e os facciosos de lojas traseiras. — Seria por si

### QUITANÇA Á MEIA-NOITE.

#### TERCEIRA PARTE.

O CASTELLO DE MONTRATH.

#### CAPITULO L

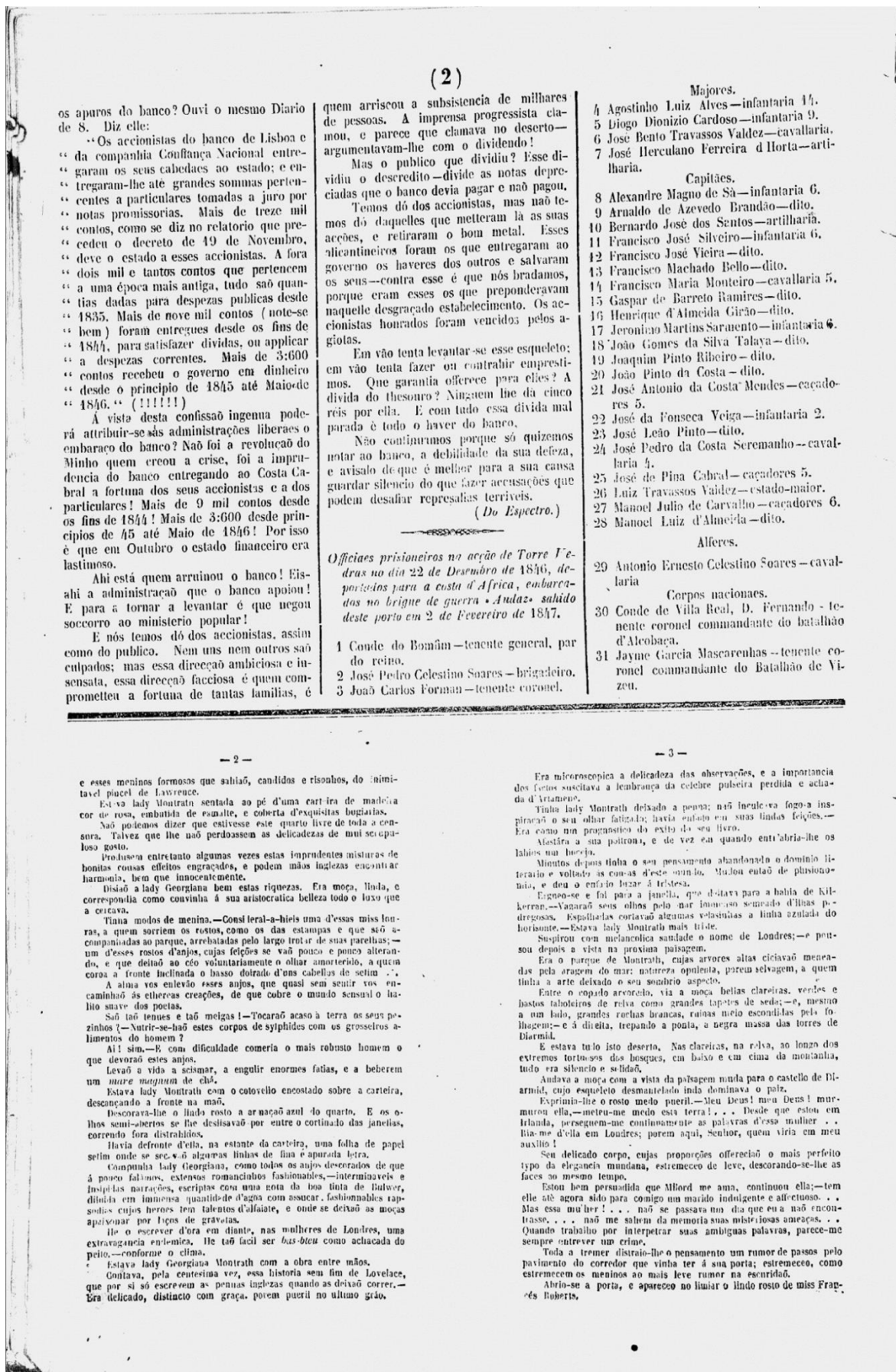
#### DUAS AMIGAS.

O quarto de tocar de lady Georgiana, no castello de Montrath,  
não deixava de ter alguns encantos.  
Tinha o seu tapeteiro chegado primeiro, e já havia espalhado por  
toda a parte com profusão as mais modernas maravilhas do luxo parisiense.  
Morava elle na rua da Paz.

Estava a peça, cumpre que digamos, disposta o melhor possível  
formando por si mesma um delicioso retiro. Não nos he possível de-  
clarar o stylo rigoroso de sua architectura interior, porque tem os ar-  
chitectos inglezes o costumelinho de por neste genero inextinguíveis  
enigmas; nistiração de livre arbitrio todas as epochas e inda achão traça  
de introduzir, em tão apurada eclectismo, o commoado indispensavel.  
Havia nesse quarto gothicas reminiscencias, assustadas de se ligarem  
com algum pensamento de Pompador; como transição lançava aqui e  
all suas duras provas as rudes maneiras do seculo de Isabel.

Tudo o mais era d'ontem. — Pendia das paredes cobertas alguns  
quadros de mil subido preço:  
Teniers, a quem teria o seculo de Luiz XV coberto d'ouo qua-  
tro vezes, uma fantasia de Hogarth, duas scenas d'Augustica Kauffman,

FIGURA 42: Início da publicação de *Quitança á meia-noite* (p. 2 e 3), em *O Progresso*.



A primeira tradução que localizei em periódicos maranhenses data de 1830<sup>153</sup>. Ainda acompanhando os gostos e os hábitos europeus, 30 anos mais tarde, lê-se em *Deitado na rede*, «**FOLHETIM ORIGINAL**», uma interessante referência à adesão aos folhetins (*O Commercio*, anno I, n. 13, Maranhão, 6 de Abril de 1861, p. 1):

Estamos na maré dos folhetins; o *Publicador Maranhense* todas as segundas-feiras offerece aos seus assignantes um ramalhete de flores já por intermedio de Pietro de Castellamare, de Flavio Re[i]mar ou de D. Sancho Falstaf[f].

Sigamos tambem a moda, e portanto dê-se um aperto de mão aos outros collegas, não obstante virem tão incognitos e rebuçados como personagens de drama em cinco actos.

Mas apesar d'isso, o nome de D. Sancho Falstaf[f], que tantas recordações nos traz da ilha da Baratária, e das folgasonas comadres de Windsor; o de Castellamare que nos faz lembrar Napoles e o seo Vesuvio, Petrarca e a sua Laura; Finalmente o de Flavio Reimar que nos deixa duvidoso sobre a sua nacionalidade, que ora nos faz pensar, pela sua democracia, nas barricadas de Julho, na Magdalena e no Louvre, e ora na Grecia, no Ceramico e Phrinéas; todos esses nomes nos fazem sentir uma emoção sympathica e supor que nos achamos em terra boa e conhecida.

*Tsi-Nina-Kiang*, o filho do celeste império, recrutado pelo redactor do *Commercio*, está tambem de praça assentada na fileira dos guerreiros folhetinescos.

[...].

Em continuidade à prosa *Deitado na rede*, o autor da seção aborda, de forma espirituosa, a atividade de folhetinista:

Não ha nada como ser-se folhetinista, conversa-se com o publico sem a menor cerimonia, e o publico ouve-nos com exemplar benevolencia. Na França escrever folhetins é um meio de vida, aqui é melhor do que isso: é um meio de chalaçar, e os nossos leitor (sic) e bellamente sabem que nem todos teem a vida tão boa que possam passal-a a chalaçar.

Janin, Gauthier, Premary, Houssaye e outros divertem-se a custa do publico parisiense, o publico maranhense diverte-se a custa de Paulo Emilio, Nina-Kiang, Flavio Reimar Sancho Falstaf[f], Castellamare e Anselmo de Petitot (*O Commercio*, anno I, n. 19, Maranhão, 11 de Maio de 1861, p. 1).

Acompanhando o consumo voraz da literatura francesa, principalmente as prosas de ficção, em folhetins ou em brochuras, o teatro parisiense funcionava a todo vapor em terras lusitanas e brasileiras. Empresários do ramo teatral – de Lisboa e do Rio de Janeiro – esperavam ansiosos pelos dramas vindos dos palcos da velha capital francesa. O teatro francês foi, sem dúvida, um admirável objeto de desejo e de relevância cultural – e comercial – durante esse tempo. E em terras maranhenses não foi diferente.

<sup>153</sup> Apresenta-se com o título *Traduzido*, sem autoria da tradução, e, no fim, assinado por Jouy (*O Farol Maranhense*, n. 242, Maranhão, 2 de Novembro de 1830, pp. 1017-1018). Do original: Jouy, E. La décicion prise et la chose jugée (T. II, Chapitre XII, pp. 162-167). Em Jouy, E. (1822). *La morale appliquée à la politique, pour servir d'introduction aux observations sur les mœurs françaises au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris, Pillet aîné.

Os quadros expostos neste capítulo trazem uma mescla de livros, de folhetins, de peças teatrais que foram apenas encenadas e de outras que foram impressas. Ressalto que os respectivos quadros encontram-se separados em três grupos: maranhenses; não-maranhenses residentes na Província; e de não-maranhenses residentes em outras localidades, mas que tiveram suas traduções publicadas em São Luís. Para coligir os títulos traduzidos – romances, versos, artigos científicos, contos, lendas, fragmentos etc. –, consultei diversos títulos, periódicos, *sites* e dicionários, principalmente os listados a seguir:

- *Jornal de Instrução e Recreio*, da «Associação Litteraria Maranhense» (1845-1846);
- *O Archivo: jornal scientifico e litterario*, da «Associação Litteraria Maranhense» (1846);
- *Diccionario bibliographico portuguez: applicaveis a Portugal e ao Brazil*, Innocencio Francisco da Silva (Tomos 1º-23º, 1858-1923)<sup>154</sup>;
- *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1883-1902);
- *Ephemerides maranhenses: datas e factos mais notaveis da historia do Maranhão*. Primeira Parte (1499-1823), de José Ribeiro do Amaral (1923);
- Arthur Azevedo, uma vida fecunda e uma obra imperecível. In *O Imparcial*, anno XIV, n. 4324, Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1924, p. 1, 6;
- Arthur Azevedo. In *Autores & Livros*, Suplemento Literário de *A Manhã*, n. 10, de 19 de Outubro de 1941, sob direção de Múcio Leão;
- Artur Azevedo, humorista e dramaturgo. In *Letras Brasileiras*, Rio de Janeiro: A Noite, Setembro de 1943;
- *Panorama da literatura maranhense*. Mário Martins Meireles (1955);
- *O teatro no Brasil*, de J. Galante de Sousa (Tomo I, 1960);
- *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro;
- <http://memoria.bn.br/>;
- <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>.

---

<sup>154</sup> A partir do tomo 10º, os estudos foram continuados e ampliados por Brito Aranha, com exceção do 23º.

A fim de facilitar a localização das obras, principalmente através do uso da Internet, descrevo os títulos e outras informações da forma que aparecem nos frontispícios e/ou nas fontes utilizadas. Assim, por exemplo, na coluna «local», pode surgir «San’Luiz», «Maranhão», «San’Luiz do Maranhão», «S. Luiz» e «S. Luiz do Maranhão».

Assinalo que nem todas as obras foram impressas em solo maranhense. Por esta razão, e para destacar as publicações efetuadas em tipografias são-luisenses, hachurei as linhas na cor cinza.

QUADRO 8: Tradutores maranhenses e respectivas traduções<sup>155</sup>

Tradutor/Título	Autor	Local	Tipografia	Ano	Idioma original	G
Manuel <b>Odorico Mendes</b> <sup>156</sup>						
1. <i>Merope</i> : tragedia de Voltaire	Voltaire [François-Marie Arouet]	Rio de Janeiro	Typographia Nacional	1831	Francês	T
2. <i>Tancredo</i> : tragedia de Voltaire	Voltaire	Rio de Janeiro	Typ. de Laemmert	1839	Francês	T
3. <i>Eneida brasileira ou tradução poetica da epopéa de Publio Virgilio Maro</i>	Públio Virgílio Maro	Paris	Typographia de Rignoux	1854	Latim	Pe
4. <i>Virgilio brasileiro ou tradução do poeta latino</i>	Públio Virgílio Maro	Paris	Typographia de W. Remquet e C <sup>a</sup>	1858	Latim	Pe
5. <i>Iliada de Homero em verso portuguez</i> <sup>157</sup>	Homero	Rio de Janeiro	Typographia Guttemberg	1874	Grego	Pe
6. <i>Odysséa de Homero em verso portuguez</i> <sup>158</sup>	Homero	Rio de Janeiro	Freitas Bastos & Cia.	1928	Grego	Pe
Francisco <b>Sotero dos Reis</b> [pseudônimo: Nicodemus] <sup>159</sup>						
7. <i>A morte de Hyppolito</i> <sup>160</sup>	Jean Racine	S. Luiz	Typ. do Progresso	1861	Francês	PI

<sup>155</sup> Nesta coluna G (Gênero), as siglas adotadas são: Pe – Poesia épica; PI – Poesia lírica; Pf – Prosa de ficção; Pn – Prosa de não-ficção; e T – Teatro.

<sup>156</sup> Odorico é mencionado por ter traduzido *Joseph*, de Paul Jérémie Bitaubé. Sobre o assunto, Manuel de Araújo Porto Alegre declara que: «Um capitão de engenheiros, filho do Maranhão, chamado Ferreira, levou-me um dia á rua hoje de Gonçalves Dias, e apresentou-me a Odorico Mendes, que devia ler n’esse mesmo dia a seus amigos uma tradução do poema de Bitaubé — *Joseph*, — cujo manuscrito se perdeu» (Leal, 1873, p. 68).

<sup>157</sup> Edição póstuma.

<sup>158</sup> Idem nota anterior.

<sup>159</sup> Sobre as traduções de Sotero dos Reis, Henriques Leal afirma: «Perderam-se também as traduções de Tibullo, dos *Annaes* de Tacito, da *Atala* de Chateaubriand, e outra em verso da *Phedra* de Racine, de que felizmente escapou o episodio da morte de Hypolito que foi publicado não ha muito no *Parnaso Maranhense* (Typ. de B. de Mattos — 1861)» (Leal, 1873, p. 153).

<sup>160</sup> Racine (1861). *A morte de Hyppolito* (F. S. Reis, Trad.). In G. H. de A. Braga, A. M. Rodrigues, R. de B. G. de Sousa, L. A. V. da Silva, J. Serra, & J. da C. Barradas (Eds.), *Parnaso maranhense* (pp. 89-92), Maranhão: Typ. do Progresso.

8.	<i>Commentarios</i>	Caio Júlio César	S. Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863 1ª ed. 1869 2ª ed.	Latim	Pn
<b>Estevão Rafael de Carvalho</b>							
9.	<i>A primavera: poema</i> <sup>161</sup>	Ewald Christian von Kleist	Maranhão	Typ. do Farol Maranhense	1833	Alemão	Pl
<b>Ernesto Adolfo de Freitas</b> <sup>162</sup>							
10.	<i>Da imitação de Christo. Quatro livros traduzidos do original latino em linguagem portugueza</i> <sup>163</sup>	Thomas a Kempis?	Lisboa	Typ. Universal Imprensa Nacional	1878 1884	Latim	Pn
<b>Filipe de Oliveira Conduru</b>							
11.	<i>O que é o céu</i> <sup>164</sup>	Camille Flammarion	Maranhão	Typ. do Paiz	1881	Francês	Pn
<b>Cândido Mendes de Almeida</b>							
12.	<i>Instrução synodal [do Bispo de Poitiers]</i> <sup>165</sup>	Monsenhor Pie	Rio de Janeiro	Typ. do Correio da Tarde	1856	Francês	Pn
13.	<i>Sentimentos de Napoleão Bonaparte sobre o Christianismo</i>	Chevalier de Beauterne [Robert-Antoine de Beauterne]	Rio de Janeiro	Typ. do Correio da Tarde	1856	Francês	Pn
14.	<i>Pio IX e a França em 1849 a 1859</i>	Conde de Montalembert	Rio de Janeiro	Typ. de João Peixoto	1860	Francês	Pn
15.	<i>O Papa. Questões na ordem do dia</i> <sup>166</sup>	Monsenhor de Ségur	Rio de Janeiro	Typ. de João Peixoto	1860	Francês	Pn
<b>Antônio Rego</b>							
16.	<i>A Empada d'Arenques. Phantasia holandesa</i> <sup>167</sup>	Anônimo	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Inglês	Pf

<sup>161</sup> De acordo com Silva (1870, p. 192), o opúsculo foi «*offerecido á ill.<sup>ma</sup> sr. D. Anna Virgínia Pereira da Silva Coqueiro. [...]. Impresso por João Francisco Lisboa, 1833. 16.º de 19 pag.*»

<sup>162</sup> Transferiu-se para Lisboa, onde faleceu em 1889. O *Publicador Maranhense* (anno II, n. 123, Maranhão, 27 de Setembro de 1843, p. 4) noticiou a partida dele para a capital portuguesa no brigue *Leoa*.

<sup>163</sup> *De imitatione Christi*, obra escrita em latim sem assinatura. A autoria, contudo, é atribuída a Thomas a Kempis. O manuscrito original encontra-se depositado na Bibliothèque Royale de Belgique, Bruxelles.

Há uma edição impressa no Brasil intitulada: *Da Imitação de Christo: nova traducção do texto original latino trazendo orações depois de cada capitulo e seguida de um appendice de orações*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910. Não aparece o nome da tradutora. No entanto, Capistrano de Abreu (1977, pp. 36-37) afirma que: «Está impressa uma tradução da *Imitação de Cristo* que [Honorina] fez diretamente do latim. [...]» Honorina de Abreu, que se tornou madre Maria José de Jesus, é filha do historiador cearense. In *Correspondência de Capistrano de Abreu* (1977) (Vol. 2, 2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL.

<sup>164</sup> Tradução encomendada para o *Paiz*. Início: *O Paiz* (anno XIX, n. 105, Maranhão, 10 de Maio de 1881, p. 1). Continua: n. 106, de 11 de Maio de 1881, p. 1; n. 107, de 12 de Maio de 1881, p. 1. Do original: Flammarion, C. (1872). *Ce que c'est que le ciel*. In Camille Flammarion, *Contemplations scientifiques* (pp. 291-306). Paris: Librairie Hachette et C<sup>ie</sup>.

<sup>165</sup> Início: *Correio da Tarde* (anno II, n. 35, Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1856, p. 1), estendendo-se até o n. 45, Rio de Janeiro, 23 de Fevereiro de 1845, p. 1-2.

<sup>166</sup> Alguns autores, como Meireles (1955, p. 79), atribuem uma tradução ao também maranhense Frederico José Corrêa, com informações de impressão, praça e data idênticas à realizada por Cândido Mendes.

<sup>167</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 1, Maranhão, 28 de Fevereiro de 1846, pp. 13-15). O texto original encontra-se em: Anonyme (1845, January-June). *The Herring Pie. Hood's magazine and comic miscellany*, III, 393-395.

17. <i>Do hachisch e da alienação mental. Estudos psicologicos</i> <sup>168</sup>	J. Moreau [de Tours]	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pn
18. <i>A filha da rainha</i> <sup>169</sup>	Pitre-Chevalier	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pf
19. <i>Quitanga á meia-noite</i> <sup>170</sup>	Paul Féval	Maranhão	Typ. Maranhense	1847	Francês	Pf
20. <i>Os Mystérios da Inquisição</i> <sup>171</sup>	Victor de Féréal [Irène de Suberwick]	Maranhão	Typ. Maranhense	1847	Francês	Pf
21. <i>O mendigo negro</i> <sup>172</sup>	Paul Féval	Maranhão	Escriptorio do Progresso	1848	Francês	Pf
			Typ. Maranhense	1850	Francês	

<sup>168</sup> Seção «Bulletin Bibliographique», *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 1, Maranhão, 28 de Fevereiro de 1846, p. 15-16). Trecho reproduzido de: Moreau J. (de Tours) (1845). *Du hachisch et de l'aliénation mentale: études psychologiques*. Paris: Libraire de Fortin, Masson et C<sup>ie</sup>.

<sup>169</sup> Seção «Historia Contemporanea (sic)», *O Archivo*, v. 1.º, n. 2, Maranhão, [3]1 de Março de 1846, p. 26-35. Original em: Chevalier, P. (1845, Septembre). *La fille de la reine. Musée des familles, lectures du soir*, 12(46), 373-377.

<sup>170</sup> Antes da publicação no periódico maranhense, foi impresso em *O Cearense*, n. 26, Ceará, 17 de Fevereiro de 1847, pp. 1-2. Há, ainda, uma edição no *Diario do Rio de Janeiro* (anno XL, n. 2, Rio de Janeiro, 26 de Março de 1860, p. 1), com o título *Quitanga de meia noite*.

<sup>171</sup> Começou a ser estampado em *O Progresso* (n. 155, Maranhão, 9 de Agosto de 1847, pp. 1-2). Innocencio Francisco da Silva afirma que ele «Collaborou com o drs. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, e Alexandre Theophilo de Carvalho Leal na redacção do *Progresso*, jornal politico de 1847 a 1850, publicando hai a traducção dos romances *Quitanga á meia noite*, e *Mendigo negro* de Paulo Feval, e dos *Mysterios da Inquisição* por Fereal. [...]» (Silva, 1867, p. 293).

Na edição especial do *Catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão, com um supplemento das obras adquiridas durante a impressão*. Maranhão: Typ. do Frias, 1867, p. 41, vem a informação: «*Mysterios (os) da Inquisição* e outras sociedades secretas de Hespanha, por M. Victor de Fereal, com notas historicas e uma introduccção de M. Manuel de Cueudias, traducção de Henrique Roberto Rodrigues: Maranhão, 1847. 4.º.»

Sacramento Blake (1883, p. 300), no primeiro volume do seu *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, credita a tradução a António Rego. Contudo, no terceiro volume, ele aponta Henrique Roberto Rodrigues como tradutor, com informações mais detalhadas: «— *Os mysterios da inquisição* e outras sociedades secretas da Hespanha, por V. de Fereal, com annotações historicas e uma introduccção de M. de Cueudias e os fragmentos de uma carta de M. Edgar Quinet relativamente á mesma obra. Traducção de H. R. R. Maranhão, 1847 e 1848, 2 vols. in-8º» (Blake, 1895, p. 231). Paiva (1929, p. 75) também atribui a tradução a Henrique Roberto Rodrigues.

Esta é uma situação difícil de elucidar, por ter acesso apenas à edição impressa em folhetim, n.º *O Progresso*, em que o nome do tradutor foi omitido. Para fomentar ainda mais a discussão, António Rego, um ano antes, publicou «Um episodio da historia da Inquisição. Fragmento», *O Archivo* (Vol. 1, n. 7, Maranhão, 30 de Setembro de 1846, pp. 137-145).

Antes da edição maranhense, porém, a venda da obra foi divulgada no *Diario do Rio de Janeiro* (anno XXIV, n. 7057, Rio de Janeiro, 8 de Novembro de 1845, p. 2): «— Sahirão á luz os ns. 13 e 14 dos MYSTERIOS DA INQUISIÇÃO, obra historica muito interessante e divertida. Assigna-se na typographia de Bentol, rua do Sabão n. 70, e em casa de Garnier, rua do Ouvidor n. 69.» e, meses depois, no *Diario de Pernambuco* (anno XXII, n. 98, Pernambuco, 2 Maio 1846, p. 2):

PUBLICAÇÃO LITTERARIA.  
OS MYSTERIOS DA INQUISIÇÃO

Os Srs assignantes queirão mandar receber a continuação desta importante publicação de ns. 21 a 40, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

<sup>172</sup> Há exemplares na New York Public Library e na Harvard College Library. Também saiu em folhetim, com início: *O Progresso* (anno IV, n. 3, Maranhão, 8 de Janeiro de 1850, pp. 1-2); finalizando no n. 32, Maranhão, 16 de Março de 1850, pp. 1-2.

22. <i>O bravo</i> <sup>173</sup>	James Fenimore Cooper	Maranhão	Typ. Maranhense	1849	Inglês	Pf
23. <i>Prelecções de medecina homeopathica</i> <sup>174</sup>	Léon Simon	Maranhão	Typ. Maranhense	1849-1850	Francês	Pn
24. <i>Gaspar Hauser</i> , drama em 4 actos	Anicet-Bourgeois; d'Ennery	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
25. <i>Clara Harlowe</i> , drama em 3 actos, entremeiado de canto	[Philippe] Dumanoir; Louis Francois Nicolaie Clairville; Leon Guillard	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
26. <i>O cavalleiro da casa vermelha: episodio do tempo dos girondinos</i> , drama em 5 actos e 12 quadros	Alexandre Dumas (1802-1870)	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
27. <i>O casal das giestas</i> , drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo	Melchior Frédéric Soulié	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
28. <i>Os orphãos da ponte de Nossa Senhora</i> , drama em 4 actos e 8 quadros	R. Bourgeois; Michel Masson	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
29. <i>Simão o ladrão</i> , drama em 4 actos	Laurencin [Paul-Aimé Chapelle]	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
30. <i>Os dois serralheiros</i> , drama em 5 actos	Felix Pyat	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
31. <i>Martin e Bamboche, ou os amigos de infância</i> , drama em 5 actos e 10 quadros	Eugène Sue	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1854	Francês	T
32. <i>Mademoiselle de Belle-Isle</i> , drama em 5 actos	Alexandre Dumas	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1854	Francês	T
33. <i>A estalagem da virgem</i> , drama em 5 actos	Hipolyte Hostein; Tavenet	Maranhão	Typ. de J. C. M. da Cunha Torres	1854	Francês	T
34. <i>João</i> , drama em 4 actos	Emmanuel Théaulon; Alphonse Signol	Maranhão	Typ. de C. M. da Cunha Torres	1854	Francês	T
35. <i>Joãosinho</i>	Charles-Julien Jeannel	Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1868	Francês	Pn

<sup>173</sup> *Revista Universal Maranhense* (1º anno, n. 1, 1º de Maio de 1849, pp. 10-14; 1º anno, n. 2, 1º de Junho de 1849, pp. 24-27; 1º anno, n. 4, 1º de Agosto de 1849, pp. 59-62; 1º anno, n. 5, 1º de Setembro de 1849, pp. 71-76; 1º anno, n. 6, 1º de Outubro de 1849, pp. 88-90; 1º anno, n. 9, 1º de Janeiro de 1850, pp. 142-146). A revista foi interrompida e a tradução do romance não foi concluída.

<sup>174</sup> *Revista Universal Maranhense* (1º anno, n. 6, 1º de Outubro de 1849, pp. 1-4; 1º anno, n. 7, 1º de Novembro de 1849, pp. 5-8; 1º anno, n. 6, 1º de Outubro de 1849, pp. 9-12; 1º anno, n. 9, 1º de Janeiro de 1850, pp. 13-16; 1º anno, n. 10, 1º de Fevereiro de 1850, pp. 17-20). As prelecções fazem parte do suplemento da *Revista* e foram assim distribuídas: a primeira, p. 1-9; a segunda, p. 11-20. Os suplementos dos números 11 e 12 não se encontram digitalizados no *site* da Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Brasil, ou não foram impressos.

Augusto Frederico Colin <sup>175</sup>						
36.	<i>Vaidade e candura</i> <sup>176</sup>	Clément Lalire	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pf
37.	<i>A poesia lyrica</i> <sup>177</sup>	Emyle Spaag	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pn
38.	<i>John Poker</i> <sup>178</sup>	Marie Aycard	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pf
39.	<i>A cadeira do diabo</i> . Em Aron. (Departamento de Mayenna.) <sup>179</sup>	Anônimo	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pf
40.	<i>Cartas de jogar</i> <sup>180</sup>	Gabriel Peignot?	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pf
41.	<i>O anjo da guarda. Chronica da Opera-1767</i> <sup>181</sup>	P. L. Jacob [Paul Lacroix]	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pn
42.	<i>Feira de mulheres</i> <sup>182</sup>	Anônimo	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pf
43.	<i>A El... (Xª Meditação de Lamartine)</i> <sup>183</sup>	Alphonse de Lamartine	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês Pl

<sup>175</sup> Ele traduziu novelas curtas, biografias, contos, poemas, e trechos de obras.

<sup>176</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 1º trimestre, n. 1, Maranhão, 15 de Fevereiro de 1845, pp. 6-8; Vol. 1º, 1º trimestre, n. 2, Maranhão, 1º de Março de 1845, pp. 14-16). Três décadas mais tarde, com acréscimo do subtítulo *romance moral*, foi impresso em *O Sexo Feminino* (anno II, n. 2, Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1875, p. 1); continua nos números 3, 4, 5, 6 e é concluída no n. 7, 12 de Setembro de 1875, p. 1. Em França, a obra foi anunciada no *Journal du Loiret*, 18 Octobre 1843, *Vanité et candeur*, nouvelle : Mad. Clémence Lalire. Orléans: Danicourt et Pagnebre, p. 4. Foi também divulgada no Supplément au n° 52, de 1841, *L'Écho de la Fabrique*, 31 Octobre 1843, *Vanité et candeur*, par M<sup>me</sup> Clémence Lalire. Lyon : Impr. de Th. Lépaignez, p. 6.

<sup>177</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 1º trimestre, n. 3, Maranhão, 15 de Março de 1845, pp. 17-18).

<sup>178</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 1º trimestre, n. 4, Maranhão, 1º de Abril de 1845, pp. 30-32; Vol. 1º, 1º trimestre, n. 5, Maranhão, 15 de Abril de 1845, pp. 36-39). No Brasil, foi impresso pela primeira vez em *Espelho Fluminense ou Novo Gabinete de Leitura : modas, poesias, charadas, etc.* (n. 7, Rio de Janeiro, 1º de Fevereiro de 1843, pp. 4-6) (apesar de procurar, com insistência, não localizei a última parte). Publicado em *Le Voleur : gazette des journaux français et étrangers*, Paris: Ed. Proux et C<sup>e</sup>, n. 15, 15 septembre 1842 ; nesse no mesmo ano, saiu também no *Figaro : journal for literatur, kunst og musik*, Copenhagen, 1842, pp. 88-96 e pp. 106-109 ; veio a lume outra edição francesa, no *Le Pionnier : journal artistique et littéraire*, 1844-1845, 2º année, Paris: Bénard et Comp., pp. 116-120.

<sup>179</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 2º trimestre, n. 7, Maranhão, 15 de Maio de 1845, pp. 53-54). Do original Anonyme. La chaise du diable. A Aron (Département de la Mayenne). In É. Charto (Ed.), *Magasin Pittoresque*, 9º année, Tome IX, n. 22, Mai 1841, p. 176.

<sup>180</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 2º trimestre, n. 8, Maranhão, 1º de Junho de 1845, pp. 61-62). Acredito que se tratem de trechos extraídos de Peignot, G. (1826). *Recherches historiques et littéraires sur les danses des morts et sur l'origine des cartes à jouer*. Dijon : Victor Lagier; Paris : Même Maison, Versol : Imprimerie de CL.-F. Bobillier. O tradutor atribui a autoria a «Ourry», mas não consegui confirmar.

<sup>181</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 2º trimestre, n. 10, Maranhão, 1º de Julho de 1845, pp. 77-79; Vol. 1º, 2º trimestre, n. 11, Maranhão, 15 Julho de 1845, pp. 85-88; Vol. 1º, 3º trimestre, n. 12, Maranhão, 15 Agosto de 1845, pp. 92-95; Vol. 1º, 3º trimestre, n. 13, Maranhão, 15 Agosto de 1845, pp. 101-103). Original : Jacob, P.-L. (1841), *L'ange gardien*. In Fellens, J.-B., & Dufour, L.-P. (Éditeurs), *L'Écho des feuilletons* (1º année, pp. 139-145), Paris : Chez les éditeurs.

<sup>182</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 13, Maranhão, 15 de Agosto de 1845, pp. 103-104). Do original : Anônimo (1834). *La Foire avx Femmes*. In *Magasin universel*, n. 1, 2 Octobre 1834, Paris, pp. 82-83.

<sup>183</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 14, Maranhão, 1º de Setembro de 1845, p. 106). Reimpresso no *Semanario Maranhense* (anno I, n. 2, San'Luiz, 8 de Setembro de 1867, pp. 4-5).

44. <i>A sentinella perdida</i> <sup>184</sup>	Frédéric de Sézanne	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pf
45. <i>A eficacidade da oração</i> <sup>185</sup>	Abbate de Lamennais	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
46. <i>Ultimo dias de Napoleão</i> <sup>186</sup>	Norvins	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
47. <i>Seu nome</i> <sup>187</sup>	Victor Hugo	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pl
48. <i>Destruição dos janisaros pelo sultão Mahmoud</i> <sup>188</sup>	Mohammed Assad-Éfendi	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
49. <i>Ulrico</i> <sup>189</sup>	Eugène Guinot	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pl
50. <i>Ruinias de Carthago</i> <sup>190</sup>	A. Vaissière	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
51. <i>O cofre da esposada. Legenda de Valois—1688</i> <sup>191</sup>	Anônimo	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pf
52. <i>M. de Lamartine</i> <sup>192</sup>	Un Homme de Rien [Louis de Loménié]	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pn
53. <i>O Somnambulo</i> <sup>193</sup>	Alfred de Vigny	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pl
			Typ. de B. de Mattos	1867		

<sup>184</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 16, Maranhão, 1º de Outubro de 1845, pp. 123-124; Vol. 1º, 3º trimestre, n. 17, Maranhão, 15 de Outubro de 1845, pp. 129-130; Vol. 1º, 3º trimestre, n. 18, Maranhão, 1º de Novembro de 1845, pp. 141-142). Extraído de Sézanne, F. (1845 Juin). La sentinelle perdue. In *Le magasin littéraire: littérature, histoire, sciences, beaux-arts, mémoires, moers, voyages*, 4º année, n. 48, pp. 60-62.

<sup>185</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 16, Maranhão, 1º de Outubro de 1845, p. 128).

<sup>186</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 17, Maranhão, 15 de Outubro de 1845, pp. 135-136).

<sup>187</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 18, Maranhão, 1º de Novembro de 1845, p. 138).

<sup>188</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º Trimestre, n. 19, Maranhão, 10 de Novembro de 1845, pp. 145-146). Traduzido a partir de : Destruction des janissaires par le sultan Mahmoud. *Magasin Universel*, Tome II, n. 1, 2 Octobre 1834, pp. 13-14. A obra original, entretanto, é esta: Assad-Éfendi, M. (1833). *Précis historique de la destruction du corps des janissaires par le sultan Mahmoud, en 1826* (A. P. Caussin de Perceval, Trad). Paris: Firmin Didot.

<sup>189</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º Trimestre, n. 19, Maranhão, 10 de Novembro de 1845, pp. 149-151; 4º Trimestre, Vol. 1º, n. 20, 17 de Novembro de 1845, pp. 157-159).

<sup>190</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º Trimestre, n. 21, Maranhão, 4 de Novembro de 1845, pp. 161-163).

<sup>191</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º Trimestre, n. 22, Maranhão, 11 de Dezembro de 1845, pp. 175-176; Vol. 1º, 4º Trimestre, n. 23, 31 de Dezembro de 1845, p. 184). O tradutor faz referencia a *Gazette des Femmes*. Contudo, encontrei em: Anonyme (1842). Le coffre de la Meirée. Légende du Valois, 1688. *La Macédoine littéraire. Recueil de romans, contes, nouvelles, histoires, voyages, mémoires, feuilletons, etc., des écrivains les plus remarquables de l'époque: mélanges* (Tome I, pp. 79-80), Bruxelles : Bureau de la Macédoine littéraire.

<sup>192</sup> *O Archivo* (Vol. 1º, n. 1, Maranhão, 28 de Fevereiro de 1846, pp. 7-8; Vol. 1º, n. 2, Maranhão, [3]1 de Março de 1846, pp. 36-37; Vol. 1º, n. 3, Maranhão, 31 de Mayo de 1846, pp. 55-57; Vol. 1º, n. 4, Maranhão, 30 de Junho de 1846, pp. 85-87). Identifiquei a biografia nesta edição: Un Homme de Rien (1840). M. Agostinho Thierry. *Galerie des contemporains illustres* (2ª ed.) (Tome I). Paris: Au Bureau Central.

<sup>193</sup> *O Archivo*, v. 1.º, n. 5, Maranhão, 31 de Julho de 1846, p. 94. Em carta enviada a Henriques Leal, Gonçalves Dias tece uma breve crítica ao trabalho: «O Colin deixou escapar erros bem graves, que não são de impressão — que em si já é bem má. Assim por ex. — êle traduz clepsidre que em francês é feminino = clepsidra, também feminino em português — nós dizemos clepsidro: diz êle que o clepsidro dá horas — o que também não é exato; o clepsidro não dá horas — marca-as etc.» (Anais..., 1964, p. 53). Mais tarde, com pequena alteração na grafia [O sonambulo] e corrigidos os erros apontados pelo autor de *Os timbiras*, o poema reaparece no *Semanario Maranhense* (anno I, n. 8, San'Luiz, 20 de Outubro de 1867, p. 7).

54. <i>Os tumulos campestres</i> <sup>194</sup>	François-René de Chateaubriand	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	PI
		Rio de Janeiro	Typographia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes	1850		
55. <i>Destino das cidades. Constantinopla, Alexandria, Venesa e Corinto</i> <sup>195</sup>	Saint-Marc Girardin	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pn
56. <i>Velleda (Episódio dos Martyres)</i> <sup>196</sup>	François-René de Chateaubriand	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pf
57. <i>A tristeza</i> <sup>197</sup>	Alphonse de Lamartine	Rio de Janeiro	Typographia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes	1850	Francês	PI
58. <i>A mendiga do cemiterio de Berlim</i> <sup>198</sup>	Xavier Marmier	Rio de Janeiro	Typographia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes	1850	Francês	PI
59. <i>A lampada</i> <sup>199</sup>	André Chénier	Rio de Janeiro	Typographia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes	1850	Francês	PI
60. <i>A noite da primavera</i> <sup>200</sup>	François-René de Chateaubriand,	Rio de Janeiro	Typographia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes	1850	Francês	PI
<b>António Gonçalves Dias</b> <sup>201</sup>						
61. <i>A Torre de Verdum</i> <sup>202</sup>	Frédéric Soulié	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf
62. <i>Canção de Bug-Jargal (poesia)</i> <sup>203</sup>	Victor Hugo	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	PI

<sup>194</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 6, Maranhão, 31 de Agosto 1846, pp. 119-120); e *Chronica Litteraria* (Vol. 2, série I, Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1848, pp. 11-13).

<sup>195</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 7, Maranhão, 30 de Setembro de 1846, pp. 129-131; v. 1, n. 8, Maranhão, 31 de Outubro de 1846, pp. 149-150). Girardin, S.-M. De la destinée des villes. Constantinople, Alexandrie, Venise et Corinthe. *Revue des Deux Mondes*, 24, 4ª série, 830-838.

<sup>196</sup> *O Archivo* (Vol. 1, n. 9, Maranhão, Dezembro de 1846, pp. 182-185).

<sup>197</sup> *Chronica Litteraria* (Vol. 16, série I, Rio de Janeiro, 16 de Abril de 1848, p. 127).

<sup>198</sup> Id., p. 140.

<sup>199</sup> Id., p. 230.

<sup>200</sup> Id., p. 288.

<sup>201</sup> António Henriques Leal, no tomo III do *Pantheon maranhense*, afirma que Gonçalves Dias: «[...] acabou de traduzir [*Reineke*] o *Raposo* de Goethe e adiantou muito a *Noiva de Messina* de Schiller, versões ambas que começara no Ceará e em que punha todo o cuidado, tendo-as em muita estimação» (Leal, 1874b, pp. 122-123). Na mesma obra, a informação é ratificada pelo biógrafo do vate maranhense: «Conhecia d'elle tambem a traducção do *Raposo*, poema de Goethe; mas que não foi encontrada entre seus livros, seguindo naturalmente no naufragio a sorte dos outros manuscriptos» (Id. *ibid.*, p. 341).

<sup>202</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 3, Maranhão, 31 de Maio de 1846, pp. 61-67; Vol. 1.º, n. 4, Maranhão, 30 de Junho de 1846, pp. 81-85).

<sup>203</sup> Impresso em *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 1, Maranhão, 31 de Fevereiro de 1846, pp. 8-9; e reimpresso em *Hugonianas*, 1885, pp. 9-13).

63.	<i>A Noiva de Messina ou os irmãos inimigos; tragedia com córos</i> <sup>204</sup>	Friedrich Schiller	S. Luiz do Maranhão	Typ de B. de Mattos	1867	Alemão	T
64.	<i>Poesias lyricas</i> <sup>205</sup>	Diversos autores	S. Luiz do Maranhão	Typ de B. de Mattos	1867	Francês Espanhol Alemão Italiano	PI
<b>Pedro Nunes Leal</b>							
65.	<i>Paris na America</i> <sup>206</sup>	René Lefèbvre [Édouard de Laboulaye]	S. Luiz do Maranhão	Typ de B. de Mattos	1867 1ª ed. 1869 2ª ed.	Francês	Pn
66.	<i>Tratado de agronomia (Vol. I-VI)</i> <sup>207</sup>	Gasparin	Maranhão	Typ. do Paiz	1875?	Francês	Pn
67.	<i>Tratado elementar de philosophia</i> <sup>208</sup>	Paul Janet	Maranhão	?	18??	Francês	Pn
68.	<i>Esboço anatomico</i> <sup>209</sup>	?	Maranhão	?	18??	Francês?	Pn

<sup>204</sup> Impressa juntamente com as *Poesias lyricas*, In *Obras Posthumas de A. Gonçalves Dias, Echos d'Além-Mar*, volume II. A folha de rosto do volume I data de 1868; e o volume II, 1867. A tradução ocupa as páginas 13-177. Sobre o assunto, o doutor João Luís Lisboa admite ser possível o segundo livro entrar no prelo antes do primeiro, por se tratar de conjuntos de obras distintas e independentes. Além do mais, o *Publicador Maranhense* (anno XXVI, n. 152, S. Luiz, 6 de Julho de 1867, p. 3) já anunciava a assinatura da obra.

<sup>205</sup> «A triste flor», pp. 181-183, Victor Hugo; «Profecia do Tejo», pp. 185-189, trad. do hespanhol; «Tens joias e diamantes», pp. 191-192, «Vem o' bella gondoleira», pp. 193-194, «Não te diz meo rosto pallido», pp. 195, «Tenho veneno nos versos», p. 197, «Ambos se amavão!...», p. 199; H. Heine; «Lyrio e rosa», p. 201, Herder; «Fortifica-me, o' Deos!», pp. 203-204, trad. do allemão; «A camisa encantada», pp. 205-207, Ludwig Uhland; «O amen das Pedras», pp. 209-210, Kosegarten; «Soneto», pp. 211-212, Rolli; «Sobolos rios», pp. 213-216, Lope de Vega; «Os anjos dos olhos negros», pp. 217-218, Émile Adet; «Fragmento da Divina Comedia» (Purgatorio – Canto VI), pp. 219-222, Dante Alighieri.

<sup>206</sup> O frontispício traz somente as iniciais P. N. L. Vários autores confirmam a tradução de Pedro N. Leal. Flavio Reimar, no *Semanario Maranhense*, anno I, n. 46, San'Luiz, 12 de Julho de 1867, p. 8, informa: «[...] a traducção do—Pariz na America—de Eduardo Laboulaye pelo Sr. Dr. Pedro Nunes Leal.» E continua:

[...].

*O Pariz na America* de Eduardo Laboulaye é livro já muito conhecido e geralmente apreciado. [...] A traducção do Sr. Dr. Nunes Leal é corrente e correcta, duas qualidades muito apreciaveis em qualquer traductor, e feita com bastante cuidado e com enthusiasmo pelo original traduzido.

A edição do livro de Laboulaye, vertido para a nossa lingua, é commoda e barata. Por tão diminuto preço não se pode ter entre nós um livro mais agradável do que este é (Reimar, 1867, p. 8).

Há uma edição no *Correio Mercantil* (anno XXII, n. 327, Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1865, p. 1), dois anos antes da maranhense. Bem mais tarde, foi impressa no *Diario de Noticias* (anno V, n. 1340, Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1889, p. 1). Continua nos números subsequentes.

<sup>207</sup> O *Jornal da Lavoura* (anno I, n. 3, Maranhão, 15 de Julho de 1875, p. 31) anuncia a impressão do 6º volume do *Curso de agricultura*, do conde de Gasparin, traduzido por Pedro Nunes Leal.

<sup>208</sup> Conforme bibliografia impressa no *Diario do Maranhão* (anno XXXII, n. 8465, Maranhão, 8 de Novembro de 1901, p. 2), em atenção à morte de Pedro Nunes Leal. Informação ratificada em Blake (1902, p. 60).

A obra foi publicada por Garnier, no Rio de Janeiro (Vol. I, 1885; Vol. II, 1886). Não se pode afirmar que seja a tradução feita por Pedro Nunes Leal, por causa da omissão do nome do tradutor. A edição é seguida da *História da Philosophia*, de P. F.-A. Jaffre.

<sup>209</sup> Idem jornal da nota anterior.

69.	<i>Economia rural da Neerlandia [Hollanda]</i> <sup>210</sup>	Émile Louis Victor de Laveleye	Maranhão	Typ. do Paiz	1874-1875?	Francês	Pn
<b>José Ricardo Jauffret</b>							
70.	<i>Manual do plantador d'algodão</i>	J. A. Turner	Maranhão	Officina Typographica do Frias	1859	Inglês	Pn
71.	Episódio d'Adamastor (Des Luziades du Camões) <sup>211</sup>	Luiz de Camões	Maranhão	Typ. do Progresso	1861	Português	Pe
<b>Severiano Antonio de Azevedo</b>							
72.	<i>Os dous machos</i> <sup>212</sup>	La Fontaine	Maranhão	Typ. do Progresso	1861	Francês	Pl
<b>Francisco José dos Reis</b>							
73.	<i>Tratado elementar e classico de analyse grammatical</i>	Louis-Nicolas Bescherelle (Bescherelle aîné)	S. Luiz do Maranhão	B. de Mattos	1869 1ª ed. 1873 2ª ed.	Francês	Pn
<b>Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque</b>							
74.	<i>Reflexões sobre o ensino e o estudo do Direito seguidas de algumas regras sobre o modo de sustentar theses nos actos publicos</i> <sup>213</sup>	Andres Marie Jean Jacques Dupin	Recife	Typographia Universal	1868	Francês	Pn
<b>César Augusto Marques</b>							
75.	<i>Provas da existencia de outro mundo, fundadas sobre a natureza, historia, philosophia e religião</i> <sup>214</sup>	?	Bahia	Typ. de Epiphanio Pedrosa	1852	Francês	Pn
76.	<i>Conquistas da religião christã</i>	M. V. Robert	Bahia	Typ. de Epiphanio Pedrosa	1852	Francês	Pn

<sup>210</sup> Na nota n. 1 do *Pantheon maranhense* (Vol. IV, 1875, p. 234), Henriques Leal aponta que:

Nos Países de 1874 a 1875 vem publicada a — *Economia rural da Neerlandia* —, habil e portuguezmente vertida pelo traductor do *París na America* e de outros escriptos de igual valia que correm sem o nome do traductor. É um serviço real prestado aos nossos agricultores, assim se aproveitem de tão uteis lições!

<sup>211</sup> Este é um caso atípico, nos limites da tese, porque Jauffret realizou caminho inverso de seus congêneres. Ele verteu para o francês o «Episódio do Adamastor», de *Os Lusíadas*. Publicado inicialmente no *Parnaso maranhense*, Maranhão: Typ. de B. de Mattos, 1861, pp. 148-154, e reimpresso em «Episódio d'Adamastor». *Florilegio Camoneano* (Vol. IV, pp. 13-21). Porto: Livraria Camões, 1888.

<sup>212</sup> *Parnaso maranhense*, 1861, p. 263-264.

<sup>213</sup> De acordo com Blake (1898, p. 159) «Dez annos antes, em 1858 e 1859, foi publicado este escripto na *Arena*, semanario academico.» Entretanto, achei apenas em *O Atheneu Pernambucano*.

<sup>214</sup> A indicação de leitura dessa tradução de César Marques aparece em uma nota do «Imperial Instituto dos Meninos Cegos», veiculada em jornais da Corte: *Correio Mercantil* (anno XV, n. 343, Rio de Janeiro, 19 de Dezembro de 1858, p. 1), com um pequeno erro: «Trovas», em vez de «Provas»; e *Jornal do Commercio* (anno XXXIII, n. 348, Rio de Janeiro, 19 de Dezembro de 1858, p. 1).

77. <i>Maria de Kerouare</i> <sup>215</sup>	Jules Sandeau	Bahia	Typ. de Epiphanio Pedrosa	1852	Francês	Pf
		Maranhão	Typ. da Temperança	1854		
78. <i>A meus filhos ou os fructos do bom exemplo</i> <sup>216</sup>	Prosper Blanchard	Maranhão	Typ. de A. P. Ramos d'Almeida	1869	Francês	Pn
79. <i>Historia das missões dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvizinhas em 1611 a 1613</i>	Claude d'Abbeville	Maranhão	Typ. do Frias	1874	Francês	Pn
80. <i>Continuação da historia das coisas mais memoraveis havidas em Maranhão nos annos de 1613 a 1614</i>	Yves d'Évreux	Maranhão	Typ. do Frias	1874	Francês	Pn
<b>Roberto Augusto Colin</b>						
81. <i>Jacopo Marin</i> <sup>217</sup>	Adolphe Carle	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pf
82. <i>Quatro cabeças por uma</i> <sup>218</sup>	Alphonse Karr	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pf
83. <i>Milão</i> <sup>219</sup>	Ch. Vogel	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pn
84. <i>Execução de Carlos</i> <sup>220</sup>	Guizot	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pf
85. <i>Meditações. Sobre as ruinas de Palmyra</i> <sup>221</sup>	Volney	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pf
86. <i>Os tumulos</i> <sup>222</sup>	B. de Saint-Pierre	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pn
87. <i>Jesus Christo</i> <sup>223</sup>	V. de Chateaubriand	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pn

<sup>215</sup> Publicado em Salvador e, depois, na capital maranhense, desta vez em folhetim, iniciado em *O Constitucional* (anno IV, n. 27, Maranhão, 26 de Abril de 1854, pp. 1-2), que permitia destacar do jornal, colecionar e encadernar em forma de livro.

<sup>216</sup> A obra recebeu pelo menos seis edições. De acordo com o tradutor, a segunda saiu no ano seguinte à primeira, em 1870. A sexta é de 1893.

<sup>217</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 2º trimestre, n. 7, Maranhão, 15 de Maio de 1845, pp. 54-55; Vol. 1º, 2º trimestre, n. 8, Maranhão, 1º de Junho de 1845, pp. 63-64).

<sup>218</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 2º trimestre, n. 12, Maranhão, 1º de Agosto de 1845, pp. 95-96). Localizei apenas uma versão posterior à utilizada pelo tradutor: Karr, A. (1874). *Quatre têtes pour une*. In A. Karr, *La promenade des anglais* (VII, pp. 109-115). Paris: Michel Lévy.

<sup>219</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 13, Maranhão, 15 de Agosto de 1845, pp. 99-101).

<sup>220</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 15, Maranhão, 15 de Setembro de 1845, pp. 118-120).

<sup>221</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 16, Maranhão, 1º de Outubro de 1845, pp. 126-127).

<sup>222</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º trimestre, n. 20, Maranhão, 17 de Novembro de 1846, pp. 159-160).

<sup>223</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º trimestre, n. 24, Maranhão, 20 de Janeiro de 1846, pp. 190-191).

88.	<i>O irmão e a irmã</i> <sup>224</sup>	Alexandre Dumas	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pf
89.	<i>A salvação de uma mãe ou a última hora de Fort-Royal</i> <sup>225</sup>	Hermance Lesguillon	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pf
90.	<i>Tyro</i> <sup>226</sup>	A. Mazuy	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pn
91.	<i>O Outomno</i> <sup>227</sup>	Alphonse de Lamartine	Maranhão	Typ. Maranhense	1846	Francês	Pl
<b>António Henriques Leal</b>							
92.	<i>Biographia. Alexandre Dumas</i> <sup>228</sup>	M. <sup>elle</sup> Ozenne	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
93.	<i>Encontro debaixo de um carvalho</i> <sup>229</sup>	Clément Caraguel	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pf
94.	<i>O sacerdote</i> <sup>230</sup>	Félicité-Robert de Lamennais [Abbade de Lamennais]	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
95.	<i>Visão de Carlos XI</i> <sup>231</sup>	Prosper Mérimée	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
96.	<i>Typos e caracteres antigos</i> <sup>232</sup>	M. A. Mazuy	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
97.	<i>Nisida</i> <sup>233</sup>	Pier-Angelo Fiorentino	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf

<sup>224</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 3, Maranhão, 31 de Mayo de 1846, pp. 50-53; e Vol. 1.º, n. 4, Maranhão, 30 de Junho de 1846, pp. 69-75). Antonia Pereira de Souza (2017, p. 93) assinala Alexandre Dumas como autor. Confirmei na obra original, por ela indicada: Dumas, A. (1853). *Les frères corses ; Othon l'archer ; Murat* (Edition Illustree par J.-A. Beauce, Ed. Coppin, Gerard Seguin). Paris : Chez Marescq et C<sup>ie</sup>, Libraires. Ela também acerta, quando diz que as partes traduzidas correspondem aos dois primeiros capítulos de *Othon l'archer*, pp. 1-14. (Souza, 2017, p. 93). Os dados mais antigos que localizei sobre a obra foram estes: Alexandre Dumas. *Othon l'Archer*. Chronique des bords du Rhin. Le Siècle, onze feuillets, du 25 décembre 1838 au 24 janvier 1839. Em formato de livro, foi editado pela primeira vez em Paris, Dumont et Baldry, 1840.

<sup>225</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 7, Maranhão, 30 de Setembro de 1846, pp. 131-136).

<sup>226</sup> Id., n. 8, Maranhão, 31 de Outubro de 1846, pp. 164-166.

<sup>227</sup> Id., n. 9, Maranhão, 30 de Novembro de 1846, pp. 176-177.

<sup>228</sup> Estampada no *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 2.º trimestre, n. 8, 1.º de Junho de 1845, pp. 62-63; Vol. 1.º, 2.º trimestre, n. 9, 15 de Junho de 1845, pp. 66-67; Vol. 1.º, 2.º trimestre, n. 11, 15 de Julho de 1845, pp. 84-85).

<sup>229</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 3.º trimestre, n. 14, Maranhão, 1.º de Setembro de 1845, pp. 108-111). Caraguel, C. (1843). Une rencontre sous un chêne. In *Le livre des feuillets* (Tome IV, (D), pp. 349-343, Extr. du « National »), Paris : De Vigny.

<sup>230</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 3.º trimestre, n. 16, Maranhão, 1.º de Outubro de 1845, pp. 127-128).

<sup>231</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 4.º trimestre, n. 20, Maranhão, 17 de Novembro de 1845, pp. 155-157; Vol. 1.º, 4.º trimestre, n. 21, Maranhão, 4 de Novembro [Dezembro] de 1845, pp. 167-168). Original: Mérimée, P. (1829). Vision de Charles XI. In *Revue de Paris* (Tome 4.º, pp. 255-262), Paris : Au Bureau de la Revue de Paris.

<sup>232</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 4.º Trimestre, n. 21, Maranhão, 4 de Novembro [Dezembro] de 1845, p. 163; Vol. 1.º, 4.º Trimestre, n. 22, Maranhão, 11 de Dezembro de 1845, pp. 171-172). Mazuy, M. A. (1841). In *Types et caractères anciens d'après des documents peints ou écrits* (Dessins par T. Fragonard et Duféy, texte par M. A. Mazuy, pp. 11-13). Paris: Delloye.

<sup>233</sup> Impressa em o *Archivo* (Vol. 1.º, n. 6, 31 de Agosto de 1846; pp. 121-124; Vol. 1.º, n. 8, 31 de Outubro de 1846, pp. 157-161; Vol. 1.º, n. 9, Dezembro de 1846, pp. 169-176). Entretanto, em razão da paralisação do periódico, a edição não foi concluída. Mais tarde, *Nisida* foi reeditada em São Luís, desta vez na *Bibliotheca Litteraria*, n. 1, 1863. Presumo que seja a tradução realizada por Henriques Leal 17 anos antes. Apesar de o autor ser italiano, ela foi originalmente publicada em francês: Fiorentino, P.-A. (1840). *Nisida*. In A. Dumas, *Crimes Célèbres* (Tome 6.º, pp. 281-306). Paris: Administration de Librairie.

98. <i>Os vestidos brancos</i>	Léon Gozlan	Maranhão	J. C. M. da Cunha Torres	1853	Francês	T
99. <i>Estes dous fazem um par, comedia em 1 acto</i> <sup>234</sup>	Léon Battu e Michael Carré	Maranhão	J. C. M. da Cunha Torres?	1854	Francês	T
100. <i>Cartas sobre a chimica</i>	Justus von Liebig	Maranhão	Typ. do Progresso	1859	Francês	Pn
101. <i>O partido liberal, seu programma e futuro</i> <sup>235</sup>	René Lefèbvre [Édouard de Laboulaye]	San'Luiz do Maranhão	Typ. B. de Mattos	1867 1ª ed. 1869 2ª ed.	Francês	Pn
<b>Manuel Benício Fontenelle</b> <sup>236</sup>						
102. <i>Recreios poéticos</i> [Originais, traduções e imitações] <sup>237</sup>	Victor Hugo, Lord Byron, Th. Gautier, M <sup>me</sup> . D. Valmore, Horácio,	Rio de Janeiro	Typographia da rua do Cano	1855	Francês Inglês Italiano Latim Grego	PI

<sup>234</sup> Innocencio Francisco da Silva (1867, p. 293) afirma fazer parte da «Bibliotheca Dramatica: theatro moderno» (1853-1854): «[...] *O casamento do Gaiato de Lisboa* (precedido do retrato e biographia do actor José Jacinto Ribeiro, e seguido do vaudeville *Estes dous fazem um par*, traducção do doutor Antonio Henriques Leal) [...]». Os títulos, contudo, não fazem parte da coletânea editada em São Luís, e a informação ainda traz alguns equívocos: primeiro, o título correto seria *O gaiato de Lisboa*, de Aristides Abranches e Jorge de Faria (imitação de *Gamin de Paris*, de Bayard e Vanderbuch); segundo, o nome do ator é João Jacinto Ribeiro, beneficiado na noite do espetáculo.

Jansen (1974, p. 68), ao descrever as peças representadas no «Theatro S. Luiz», em 1854, durante administração de Germano Francisco de Oliveira, lista: «“Estes dois fazem um par” *vaudeville* traduzido por A. Henrique[s] Leal.» Na mesma obra, Jansen (1974, p. 138) comete alguns equívocos, ao replicar o erro de outros autores, que afirmam: «Antonio Henriques Leal, apreciado escritor maranhense, cuja cultura se manifestou sob diferentes aspectos, traduziu o drama “Os vestidos brancos” e o *vaudeville* “Estes Dous Fazem um Par”, ambos publicados na “Bibliotheca Dramática do Teatro Moderno”, dirigida por Antonio Rego.»

*O Publicador Maranhense* (anno XIII, n. 1615, Maranhão, 19 de Dezembro de 1854, p. 4) divulgou a encenação da peça para o dia seguinte, 20. Subiria à cena mais uma vez no dia 6 de Março de 1855, cf. *Publicador Maranhense* (anno XIII, n. 1642, Maranhão, 3 de Março de 1855, p. 4).

<sup>235</sup> Apesar de não aparecer o nome do tradutor, sabe-se que foi atribuída a ele. A. Henriques Leal assinou como «Um cidadão maranhense»). Entre vários autores que confirmam a autoria, cito Martinho Augusto Ferreira da Fonseca (1896, p. 246) e Tancredo de Barros Paiva (1929, p. 40); Além deles, em *O Paiz*, vem a matéria intitulada «Candidatura á senatoria e manifesto», rubricada por “Um eleitor”, em que aponta: «[...] Lêde a sua bella introduccção ao *Futuro do partido liberal* de Laboulaye, por elle traduzido [Henriques Leal], e que está espalhado por toda a provincia em tres grandes edições» (*O Paiz*, anno XIX n. 174, Maranhão, 4 de Agosto de 1881, p. 1). Na relação de obras publicadas na capital maranhense durante o ano de 1867, o *Almanak do Povo* (1868, p. 247) informa: «[...] *O Partido Liberal*, de Laboulaye, traducção do dr. A. Henriques Leal. [...]»

<sup>236</sup> Blake (1900, p. 35) afirma que Manuel B. Fontenelle «[...] Occupava-se, finalmente, quando falleceu, com a traducção da Iliada e de outras obras de Horacio e de Lamartine.» Hélio Lopes (1974, p. 74) define o longo poema *Satanópolis*, publicado por Fontenelle, em 1878, como «[...] a primeira senão a única imitação, entre nós, da *Divina Comédia*.»

<sup>237</sup> Além de poemas originais, a obra contém imitações, paráfrases e traduções de 25 autores, principalmente de Victor Hugo. Sobre a obra, Lopes (1974, p. 70), afirma o seguinte:

Neste livro Horácio figura em três epígrafes, sem indicação da obra de onde foram tiradas; figura num poema onde dialoga com Lídia; nas traduções a que dá o nome de “Palinódia” e “Ode”. Da língua grega encontram-se os versos de “A partida do hospede” [...]. Do espanhol traduziu Zorilla; do inglês, Shakespeare e Byron; do italiano, Dante; do francês, Quinault, Bertault, Musset, Gautier, Lamartine, Debordes-Valmore, que tem cinco poemas traduzidos, e Vitor Hugo, que tem dez. [...].

103. <i>Poemas</i> <sup>238</sup>	Victor Hugo, Goethe, Cervantes, N. Moratin, Safo	Rio de Janeiro	—	1867?	Francês Alemão Espanhol Grego	PI
<b>João Clímaco Lobato</b>						
104. <i>Os Rascaes: romance histórico</i> <sup>239</sup>	Ernest Capendu	Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1867	Francês	Pf
<b>Trajano Galvão de Carvalho</b>						
105. <i>As sertanejas</i> <sup>240</sup>	Victor Hugo, Alfred de Vigny, Pompignan, Béranger	Rio de Janeiro	Imprensa Americana	1898	Francês	PI
Joaquim de Sousa Andrade, o <b>Sousândrade</b> [pseudônimo: Conrado Rotenski]						
106. <i>To Inez</i> <sup>241</sup>	Lord Byron	S. Luiz do Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1868	Inglês	PI
		New York	[s. n.]	1874		
<b>Caetano Cândido Cantanhede</b>						
107. <i>Exposição e historia da iluminação a gaz</i>	Louis Figuier	Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pn
<b>Filippe da Motta Azevedo Corrêa</b>						
108. <i>Curso de verções inglesas</i> <sup>242</sup>	Sandler	Maranhão	Typographia Maranhense?	1864	Inglês	Pn

<sup>238</sup> Hélio Lopes (1974, pp. 68-69) localizou nove traduções realizadas por Fontenelle, que deveriam ser impressas em *Ecos d'além-mar, coletânea de poemas dos melhores poetas estrangeiros traduzidos por autores brasileiros*, organizado por Gonçalves Dias. Os poemas traduzidos por M. B. Fontenelle encontram-se na B.N., Sec. de Ms. I-5, 3, 39. São eles:

De Vitor Hugo, há três traduções: “Canção”, “Moça” e “Canções”; uma tradução de Goethe: “Vanitas! Vanitatum Vanitas!”; uma de Cervantes: “Canto Nupcial”; uma de N. Moratin: “Todos merecem”; a “Ode”, de Safo; a tradução do salmo “Super flumina” e, finalmente, uma com o título simplesmente de tradução brasileira.

<sup>239</sup> Na folha de rosto aparece apenas «tradução de J. C. L.» O *Jornal do Commercio* (anno 47, n. 360, Rio de Janeiro, 27 de Dezembro de 1867, p. 1) atribui a tradução ao dr. Lobato. O *Almanak do Povo para 1868* (2º anno, Maranhão: Typ. do Frias, p. 247) traz esta nota sobre a obra: «tradução do dr. João Clímaco Lobato.»; o *Semanario Maranhense* (anno I, n. 3, San’Luiz, 15 de Setembro de 1867, p. 8), confirma:

O Sr. Dr. João Climaco Lobato verteo para o portuguez o interessante romance de Ernesto Capendu intitulado — *Os Rascaes*.

Este romance, que tanta voga adquirio pela originalidade do entrecho, está traduzido com delicadeza e impresso com elegancia e nitidez.

E, ainda, no *Almanak do Povo* (1868, p. 247) vem: «[...] *Os Rascaes*, romance, tradução do dr. João Clímaco Lobato. [...]»

<sup>240</sup> Obra póstuma, composta por originais e traduções: «Moyses no Nilo», Victor Hugo, pp. 85-88; «A filha de Jephthé», Alfred de Vigny, pp. 89-92; «Moysés», Alfred de Vigny, pp. 93-96; «A morte de J. B. Rousseau», Pompignan, pp. 97-99; «O caçador e a leiteira», Béranger, pp. 101-102; «Os mandamentos do crepusculo», trad. do Francez, pp. 103-105. As traduções foram editadas inicialmente no «APPENDICE» de *Echos d’Além-Mar*, volume segundo, de Gonçalves Dias, 1867, pp. 225-247.

<sup>241</sup> Poesia lírica publicada em *Impressos*, primeiro volume, 1868, pp. 187-189, declarando se tratar de uma «Paraphrase». Reimpressa em «Eolias», *Obras poeticas*, primeiro volume, 1874, pp. 45-46, desta vez como tradução.

<sup>242</sup> *O Constitucional* (anno II, n. 20, Maranhão, 10 de Junho de 1864, p. 4).

Gentil Homem de Almeida Braga [pseudônimos: Flavio Reimar, Anselmo Petitot]						
109. <i>Um roubo</i> <sup>243</sup>	Anônimo	Maranhão	Typ. Const. de I. J. Ferreira	1856	Francês	Pf
110. <i>O Salgueiro de Sancta-Helena</i> <sup>244</sup>	Joseph Méry	Maranhão	Typ. do Progresso	1861	Francês	PI
111. <i>Eloá: mysterio</i> [Tradução paraphrastica] <sup>245</sup>	Alfred de Vigny	S. Luiz do Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1867	Francês	Pf
112. <i>Vida de Horacio Nelson</i>	Paul-Émile Daurand-Forgues	Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1867	Francês	Pn
113. <i>O abysmo</i> <sup>246</sup>	Alfred de Vigny	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	Francês	PI
114. <i>Tannhauser</i> <sup>247</sup>	H. Heine	Maranhão	–	–	Alemão?	PI
115. <i>Evangelina</i> <sup>248</sup>	Henry Wadsworth Longfellow	Maranhão	–	–	Inglês	PI
116. <i>O Oriente</i> <sup>249</sup>	Lord Byron	Maranhão	–	–	Inglês	PI
117. <i>Hymno á Vesper</i> <sup>250</sup>	Alfred de Musset	Maranhão	–	–	Francês	PI
Antônio Joaquim Franco de Sá						
118. <i>Sganarelle</i>	Molière	Maranhão	–	1855	Francês	T
Nuno Álvares Pereira e Souza						
119. <i>Contos de Christovão Schmid proprio para creanças: cem contos traduzidos</i> <sup>251</sup>	Christoph von Schmid [Cônego Schmid]	Paris	Typ. Portugueza de Simão Baçon & C. <sup>a</sup>	1865	Francês	Pf

<sup>243</sup> A impressão iniciou no *Publicador Maranhense* (anno XIV, n. 94, Maranhão, 25 de Abril de 1856, pp. 1-2), e continuou nos números 95, 96, 97, 102, finalizando no n. 103, Maranhão, 7 de Maio de 1856, pp. 1-2. Presumo que tenha sido extraído de: Anonyme (1843 Septembre). Un enlèvement. In *Revue Britannique ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques da la Grande-Bretagne* (Tome 2º, pp. 315-333), La Hane: Chez Les. Héritiers Doorman. Foi também publicada em outros países como Áustria, em *Illustrierte Theaterzeitung*, n. 241, Wien, Mittwoch den 8. de October 1843; e Alemanha, em *Pannonia*, n. 139, Brehburg, Dienstag den 5. December 1843.

<sup>244</sup> Impresso no *Parnaso maranhense*: colleccão de poesias, 1861, pp. 137-140.

<sup>245</sup> Sobre o Gentil Braga e essa tradução, Sílvio Romero (1888b, p. 1131) avaliza que «Na poesia Gentil Homem foi também um exímio tradutor; no genero o que nos deixou de mais eminente é a versão de *Eloá* de Alfredo de Vigny.»

Trechos do romance foram impressos no *Semanario Maranhense* (anno I, n. 8, San'Luiz, 20 de Outubro de 1867, pp. 5-6; n. 11, San'Luiz, 10 de Novembro de 1867, p. 7).

<sup>246</sup> Poema traduzido e publicado no *Semanario Maranhense* (anno I, n. 1, San'Luiz, 1º de Setembro de 1867, p. 5).

<sup>247</sup> Blake (1895, p. 178) cita a tradução sem fornecer detalhes.

<sup>248</sup> Segundo Blake (1895, p. 178), «Esta obra ficou inedita, porque quando o autor ia dal-a ao prelo, soube que o conselheiro Franklin Doria havia traduzido a mesma, e então, por cortesia e deferencia, guardou seu trabalho.»

<sup>249</sup> Blake (1895, p. 178) informa que a tradução não foi publicada.

<sup>250</sup> Idem nota anterior. No *Semanario Maranhense* (anno I, n. 46, San'Luiz, 12 de Junho de 1868, p. 7), Flavio Reimar [Gentil Braga] confirma a tradução do título.

<sup>251</sup> De acordo com Silva (1894, p. 112), a publicação é da casa Garnier. A obra teve pelo menos oito edições (Blake, 1900, p. 318).

120. <i>Historia de um bocadinho de pão: cartas ácerca da vida do homem e dos animais</i> <sup>252</sup>	Jean Macé	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1873	Francês	Pn
121. <i>Arithmetica de vovô, ou historia de dous meninos vendedores de maçãs</i> <sup>253</sup>	Jean Macé	Rio de Janeiro	Typ. Americana	1874	Francês	Pn
122. <i>Primeiro livro da infancia ou exercicios de leitura e lições de moral para uso das escolas primarias</i> <sup>254</sup>	Delapalme	Rio de Janeiro	Serafim José Alves	1875	Francês	Pn
123. <i>Primeiro livro da adolescencia ou compendio de leitura e lições de moral para uso das escolas primarias</i>	Delapalme	Rio de Janeiro	Serafim José Alves	1875	Francês	Pn
124. <i>A mulher forte</i>	Landriot	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1876	Francês	Pn
125. <i>Os servidores do estomago</i>	Jean Macé	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1878	Francês	Pn
126. <i>O que custam as mulheres: romance</i> <sup>255</sup>	Xavier de Montepin?	Rio de Janeiro	Laemmert & C.	1880	Francês	Pf
127. <i>Compendio dos conhecimentos uteis</i>	Boichat	Rio de Janeiro	Laemmert & C.	1881	Francês	Pn

<sup>252</sup> Impresso inicialmente no hebdomadário *A Instrução Publica* (n. 38, Rio de Janeiro, 29 de Dezembro de 1872, pp. 334-336), sob o título «Historia de um bocado de pão». Continua nos números seguintes.

<sup>253</sup> Parceria com Ernesto Possollo, proprietário da Livraria Imperial.

<sup>254</sup> Cf. *A Reforma* (anno VII, n. 98, Rio de Janeiro, 5 de Maio de 1875, p. 2):

**Livros escolares.** — Recebemos o primeiro livro da adolescencia, interessante obrinha de Delapalme elegantemente vertida pelo Sr. Nunes [Nuno] Alvares.

Esta obra bem como o primeiro livro da infancia, pelo mesmo autor, e vertida pelo mesmo traductor, fazem parte de uma colecção apreciavel sobre a Escola.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

Blake (1883, p. 353) cita as duas traduções feitas também por Augusto Emílio Zaluar, português naturalizado brasileiro, com primeira edição em 1880. Porém, oito anos antes, a *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, anno XII, n. 578, 1872, p. 4623, divulga a publicação das obras de M. Delapalme – *Primeiro livro da infancia e Primeiro livro da adolescencia* – vertidas por A. E. Zaluar.

<sup>255</sup> Sobre a obra, a *Gazeta de Noticias* (anno VII, n. 21, Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1881, p. 2), seção «Livros e Lettras», emitiu a seguinte nota:

O Dr. Nuno Alvares traduziu o romance — *O que custam as mulheres*.

Embora o traductor não declare quem o escreveu, a simples leitura evidencia que foi Xavier de Montepin, ou gente que navega nas mesmas aguas.

Vê-se logo o que ha no livro: assassinatos, roubos, raptos, envenenamentos, subterraneos, alçapões, tectos falsos, gazuas, o diabo...

Magnifico acepipe para os saboreadores de rodapés.

A traducção é correcta, e de leitura facil.

Augusto Olímpio Gomes de Castro						
128. <i>A religião explicada aos meninos</i> <sup>256</sup>	Jaime Balmes	Maranhão	Typ. de José Mathias	1866	Espanhol	Pn
Miguel Vieira Ferreira						
129. <i>Profissão de fé dos velhos catholicos na Alemanha, elucidada na carta pastoral</i>	Joseph Hubert Reinkens	Rio de Janeiro	Typographia Universal de E. & H. Laemmert	1874	Alemão	Pn
130. <i>Do futuro dos povos catholicos no Brasil</i>	Émile de Laveleye	Rio de Janeiro	Typographia Universal de E. & H. Laemmert	1875	Francês	Pn
131. <i>Diccionario geographico elementar, contendo explicações sobre todos os logares mencionados no Novo Testamento</i>	John B. S. Comper	Rio de Janeiro	Typographia Universal de E. & H. Laemmert	1876	Inglês	Pn
Joaquim Maria Serra Sobrinho						
132. <i>Mosaico (poesias traduzidas)</i> <sup>257</sup>	Diversos autores	Parahyba	Typographia de José Rodrigues da Costa	1865	Francês Inglês	PI
133. <i>Versos</i> <sup>258</sup> Primeira Parte (traduções.) Segunda Parte (originaes.) Terceira Parte (humorísticas.)	Schiller, Théophile Gautier, Saint-Germain, Lamartine, A. de Musset, H. Murger,	S. Luiz	Typ. B.de Mattos	1868	Francês Alemão	PI
134. <i>Inauditas proezas de uma pomba sem fel, comedia em 3 actos</i> <sup>259</sup>	Henri Chivot e Alfred Duru	Rio de Janeiro	—	1870	Francês	T
135. <i>As mulheres do mercado, comedia em 1 acto</i> <sup>260</sup>	Anicet-Bourgeois e Michel Masson	Rio de Janeiro	—	1870	Francês	T
136. <i>Quadros</i> [Originaes e traduções]	Diversos autores <sup>261</sup>	Rio de Janeiro	B. L. Garnier	1873	Francês Inglês Italiano Espanhol	PI

<sup>256</sup> Não aparece o nome do tradutor. Entretanto, conforme o *Almanak do Povo para 1867* (1º ano, São Luiz do Maranhão: J. M. C de Frias, p. 69), a tradução é de Gomes de Castro. Ele foi deputado em diversas legislaturas, senador e governador interino do Maranhão (7 a 25 de Julho de 1890).

<sup>257</sup> A penúltima poesia, «A filha de O-Taiti», p. 59, foi traduzida por Gentil Braga, conforme explica Joaquim Serra. Encerra com um poema dedicado a Gonçalves Dias, seu amigo, há pouco falecido.

<sup>258</sup> Assinado com o pseudônimo Pietro de Castellamare. Os poemas «Variações em branco», de T. Gautier, e «A Luva», de Schiller, foram também impressos no *Semanario Maranhense*, anno I, n. 33, San’Luiz, 12 de Abril de 1868, pp. 7-8.

<sup>259</sup> Representada no «Theatro Phenix Dramatica», a 15 de Setembro de 1870.

<sup>260</sup> Música de Jacques Offenbach. Representada pela primeira vez no «Theatro Phenix Dramatica», a 18 de Novembro de 1870.

<sup>261</sup> T. Moore, Rogeard, Blest Gana, J. Méry, Hermógenes Irisarri, Blanco Cuartín, Valentim Magallanes, Lamartine, Manoel Corpancho, Eduardo de la Barra, Ricardo Palma, Andersen, Castillo, Victor Hugo e Pailleron.

137. <i>Os melros brancos, vaudeville</i> em 3 actos <sup>262</sup>	Labiche	Rio de Janeiro	—	1890	Francês	T
<b>Augusto César de Macedo Britto</b>						
138. <i>O irmão e a irmã. Novela</i> <sup>263</sup>	É. Drienne	Maranhão	—	1873	Francês	Pf
<b>José António de Freitas</b> <sup>264</sup>						
139. <i>Historia universal da igreja</i> (Vols. I-IV) <sup>265</sup>	Johann Baptist Alzog	Lisboa	Escriptorio da Bibliotheca Catholica	1877	Alemão	Pn
		Porto	Ernesto Chardon	1882		
140. <i>Loucura ou santidade</i> <sup>266</sup>	José Echegaray	Lisboa	—	1877	Espanhol	T
141. <i>Kean ou genio e desordem: drama</i> em 5 actos e 6 quadros <sup>267</sup>	Alexandre Dumas	Lisboa	—	1879	Francês	T
142. <i>Othello ou o mouro de Veneza: tragedia</i> em 4 actos <sup>268</sup>	William Shakespeare	Lisboa	Avelino Fernandes Editor	1881	Inglês	T

<sup>262</sup> Segundo Blake (1898, p. 201), a peça «Foi levado á scena depois da morte do traductor, por varias vezes, em outubro e novembro de 1890, no theatro Sant'Anna.» Representada pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», Rio de Janeiro, a 23 de Outubro de 1890.

<sup>263</sup> *O Domingo* (anno II, n. 15, Maranhão, 27 de Abril de 1873, pp. 1-2; n. 16, Maranhão, 4 de Maio de 1873, pp. 1-2; n. 17, Maranhão, 11 de Maio de 1873, pp. 1-2; n. 18, Maranhão, 18 de Maio de 1873, pp. 1-2); e encerrado no n. 19, em falta.

<sup>264</sup> Sobrinho de Ernesto Adolfo de Freitas, citado nesta tese. Sobre os cinco últimos trabalhos da lista, traduzidos por José António de Freitas, Sousa Bastos (1898, pp. 754-755) declara que:

A pedido do actor Brazão, que bem lhe conhece a competencia, fez uma bella traducção do drama de Alexandre Dumas, *Kean*. Tambem a pedido do mesmo actor traduziu do original inglez e accomodou á scena moderna o *Othello* e o *Hamlet*, de Shakespeare. Todas as tres notaveis peças se conservam no repertorio da empreza Rosas & Brazão.

[...].

A pedido do empresario Celestino da Silva, José Antonio de Freitas traduziu e arranjou admiravelmente as duas comedias *Guerra em tempo de paz* e *O Biblothecario* (sic), que ha annos se conservam no repertorio da empreza Rosas & Brazão, agradando sempre extraordinariamente e dando bellas receitas.

<sup>265</sup> Em 1877, a obra também foi vendida em fascículos.

<sup>266</sup> Representada no «Teatro D. Maria II», Lisboa, em Junho de 1877.

<sup>267</sup> Esta tradução foi representada no «Theatro S. Luiz», nos dias 20 e 21 de Agosto de 1879. Sobre o drama, *O Paiz* (anno XVII, n. 189, Maranhão, 20 de Agosto de 1879, p. 2) emitiu a seguinte nota:

**Theatro.** – Hoje e amanhã ha espectaculos extraordinarios no S. Luiz. O velho theatro vae apresentar um artista de grande nomeada, intepretando uma arrojada composição de um dos mais bem formados cerebros deste seculo.

Representa se o *Kean* de Alexandre Dumas, desempenhando o papel de protagonista o Sr. E. Brasão.

A traducção, do nosso illustrado comprovinciano residente em Lisboa, o Sr. Dr José Antonio de Freitas, é esmerada.

<sup>268</sup> A *Pacotilha* (anno I, n. 103, Maranhão, 13 de Agosto de 1881, p. 2) divulgou a encenação:

— Parece que o actor Eduardo Brazão fará o seu beneficio, na proxima época, com o drama de Shakspeare, *Othello*. A traducção é feita do inglez pelo escriptor brasileiro, ha muitos annos residindo entre nós, o sr. José Antonio de Freitas, que nos dizem possuir muita illustração.

143. <i>O Cardeal de Richelieu</i> , Drama 5 actos e 6 quadros <sup>269</sup>	Edward Bullwer-Lytton	Lisboa	—	1884	Inglês	T
144. <i>Hamlet</i> : tragedia em 5 actos <sup>270</sup>	William Shakespeare	Lisboa	Livraria. Portuguesa e Franceza	1887	Inglês	T
145. <i>A morte civil</i> , drama em 5 actos <sup>271</sup>	Paolo Giacometti	S. Luiz	—	1888	Italiano	T
146. <i>Guerra em tempo de paz</i> <sup>272</sup>	Gustav von Moser e Franz von Schoenthan	Lisboa	—	1888	Alemão	T
147. <i>O bibliothecario</i> , comedia em 4 actos	Gustav von Moser	Lisboa	—	1895	Alemão	T
<b>Celso da Cunha Magalhães</b>						
148. <i>O menino cego</i> <sup>273</sup>	Édouard Gout-Desmartres	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1868	Francês	PI
149. <i>Versos</i> <sup>274</sup>	Diversos autores	S. Luiz do Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1870	Francês	PI
150. <i>Um numero da divina tragedia. Na Bethania</i> <sup>275</sup>	Longfellow	S. Luiz	Typ. do Paiz	1872	Inglês	PI
<b>Rubem Júlio Tavares</b>						
151. <i>Chatterton</i> <sup>276</sup>	Alfred de Vigny	Rio de Janeiro	—	1874	Francês	T
152. <i>Marion Delorme</i> <sup>277</sup>	Victor Hugo	Rio de Janeiro	—	1885	Francês	PI

Dizem-nos que a tradução está feita escrupulosamente, em linguagem alevantada e elegantemente portuguesa.

O sr. José Antonio de Freitas é o primeiro escriptor brasileiro que se dedica a traduzir Shakspeare.

A peça foi também apresentada em Portugal, no «Theatro D. Maria II», a 18 de Novembro de 1882.

<sup>269</sup> Estreou no «Theatro D. Maria II», em 1884.

<sup>270</sup> Representada pela primeira vez no «Theatro de D. Maria II», a 18 de Fevereiro de 1887.

<sup>271</sup> Encenada no «Theatro S. Luiz», São Luís, a 10 de Julho de 1888. Cf. *O Paiz* (anno XXVI, n. 153, Maranhão 9 de Julho de 1888, p. 3); e também a *Pacotilha* (anno VIII, n. 189, Maranhão, 10 de Julho de 1888, p. 3), que emitiu a seguinte nota:

Estréa hoje a Companhia Dramatica Portuguesa do Theatro Principe Real de Lisboa, com o magnifico drama de Paulo Giacometti — A morte civil — tradução do illustrado maranhense, dr. José Antonio de Freitas.

Seria offender os brios dos distinctos artistas que a compõem fazer reclame para o espectáculo de hoje. Fiamos muito da illustração e bom gosto do publico maranhense para duvidar que o S. Luiz ostente-se com uma concurrencia á cunha, como se diz em giria theatral.

<sup>272</sup> Subiu à cena no «Theatro D. Maria II», a 29 de Março de 1895.

<sup>273</sup> Poema impresso no *Semanario Maranhense*, anno I, n. 35, San'Luiz, 26 de Abril de 1868, p. 6.

<sup>274</sup> «Dom Paes», de A. de Musset, pp. 87-122; «A gotta d'agua», de Lachambeaudie, pp. 123-124; «A folha», de Vicent Arnauld, pp. 125-126; «A minha casaca, epistola», de Sedaine, pp. 127-130; «Ophelia», de H. Muger, pp. 131-132; «A mentirosa», de H. Muger, pp. 133-134; «XXV», de Victor Hugo, pp. 135-138 (Este poema foi reimpresso com o título «\* \* \*» em *Hugonianas* (Teixeira, 1885, pp. 151-155). Ainda em *Hugonianas*, encontram-se as traduções «Amanhã», pp. 148-149; e «Ao rei Luiz-Felippe», p. 150.

<sup>275</sup> Impresso em *O Domingo* (anno II, n. 11, Maranhão, 30 de Março de 1873, p. 48).

<sup>276</sup> De acordo com Silva (1906, p. 297), Rubem Tavares produziu o «*Theatro de Alfredo de Vigny*. Versão acompanhada de prefacio critico pelo traductor; e um drama em 3 actos.»

<sup>277</sup> Impresso em *Hugonianas* (Teixeira, 1885, pp. 227-236).

153. <i>O padrinho</i> <sup>278</sup>	Eugène Scribe	Rio de Janeiro	—	18??	Francês	T
154. <i>Casa paterna</i> , drama em 4 actos <sup>279</sup>	Hermann Sudermann	Genova	—	18??	Alemão	T
155. <i>Os desonestos</i> , drama em 3 actos <sup>280</sup>	Gerolamo Rovetta	Genova	—	18??	Italiano	T
156. <i>A intruza</i> , drama em 1 acto <sup>281</sup>	Sabatino Lopez	Genova	Typ. Pella	1898	Italiano	T
157. <i>Honra</i> , drama em 4 actos <sup>282</sup>	Hermann Sudermann	Genova	—	18??	Alemão	T
<b>Victor Lobato e Agripino Azevedo</b>						
158. <i>Um vicio de educação</i> , drama em 5 actos <sup>283</sup>	Achille Montignani	Belém	—	1885	Italiano	T
<b>Raimundo Teixeira Mendes</b> <sup>284</sup>						
159. <i>Geometria analytica</i>	Auguste Comte	Rio de Janeiro	Typ. Academica	1875	Francês	Pn
<b>Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo</b> <sup>285</sup>						
160. <i>A casa do diabo</i> <sup>286</sup>	Charles Brockden Brown	Maranhão	Typ. do Paiz	1872	Inglês?	Pf

<sup>278</sup> Sobre a peça, ele explica tratar-se de uma «graciosa e rapida comedia em 1 acto de Scribe (a qual entreguei ao meu amigo e distincto actôr Bahia, e não me foi restituída até ao presente)» (Tavares, 1899, p. 12).

<sup>279</sup> Rubem Tavares afirma ter traduzido a peça na Itália (1899, p. 12).

<sup>280</sup> Idem nota anterior.

<sup>281</sup> Idem.

<sup>282</sup> Idem, p. 13. Ao falar da tradução das últimas quatro peças listadas aqui, Rubem Tavares afirma tê-las realizado «legitimando sempre o meu proposito em não contribuir directamente ou indirectamente para maior desprestigio do theatro entre nós» (1899, p. 13).

<sup>283</sup> Traduzida pelos jornalistas Victor Lobato e Agripino Azevedo, a peça encenada foi no «Theatro da Paz», Belém, a 21 de Fevereiro de 1885.

No fim do ano seguinte, a peça iniciou ensaios para entrar em cena na Corte, é o que mostra *A Semana* (anno II, Vol. II, n. 102, Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1886, p. 409):

#### LUCINDA

Na segunda-feira entra em ensaios a peça de estréa da companhia Boldrini.

O titulo da peça é *Um vicio de educação*, drama em 5 actos do commendador Achille Montignani, traducção dos Srs. Dr. Agrippino e Victor Lobato, ambos do Maranhão. Consta-nos que esta peça foi traduzida também em Lisboa e foi representada pela 1ª vez no Theatro Principe Real, em beneficio da actriz Margarida da Cruz, que vae fazer agora o mesmo papel.

No Brazil representou-se no theatro da Paz, no Pará, com grande exito.

<sup>284</sup> Em parceria com Miguel Lemos.

<sup>285</sup> Sobre as obras traduzidas por Artur Azevedo, esclareço que apenas uma parte foi publicada. Todas as peças representadas foram anunciadas nos jornais do Rio de Janeiro. Algumas apresentações contaram com a presença do imperador e de membros de sua família. No ANEXO 10, selecionei alguns anúncios de peças traduzidas por Artur Azevedo.

<sup>286</sup> Não há como afirmar se a tradução foi realizada a partir do original, em língua inglesa (*The devil's house*). É admissível, por haver casos naquela época, que ele tenha feito a partir de uma versão francesa. Também não foi possível verificar o início e o término da tradução, em razão da falta de diversos números do jornal (1-23; 25-29). No n. 24, a novela inglesa já se encontra no capítulo V. Cf. *O Domingo* (anno I, n. 24, Maranhão, 21 de Julho de 1872, pp. 95-96).

161. <i>O botão de collete</i> <sup>287</sup>	Marc Perrin	Maranhão	Typ. do Paiz	1872	Francês	Pf
162. <i>O mestre-escola</i> <sup>288</sup>	Paul de Kock	Maranhão	Typ. do Paiz	1873	Francês	Pf
163. <i>A filha de Maria Angú</i> <sup>289</sup>	Siraudin, Clairville e Koning	Rio de Janeiro	–	1876	Francês	T
			Imprensa a vapor H. Lombaerts	1893		
164. <i>O duque Job</i> , comedia em 4 actos <sup>290</sup>	Léon Laya	Rio de Janeiro	–	1877	Francês	T
165. <i>Jerusalem libertada</i> , drama phantastico em 4 actos e 10 quadros <sup>291</sup>	M. Francis	Rio de Janeiro	Serafim José Alves	1877	Francês	T
166. <i>A filha do fogo</i> , opereta magica em 3 actos e 12 quadros <sup>292</sup>	Adolphe Guénée e Albert Monnier?	Rio de Janeiro	–	1877	Francês	T
167. <i>Primeiras proezas de Richelieu</i> , comedia em 2 actos <sup>293</sup>	Bayard e Dumanoir	Rio de Janeiro	–	1877	Francês	T

<sup>287</sup> *O Domingo* (anno I, n. 41, Maranhão, 17 de Novembro de 1872, pp. 165-166; n. 42, Maranhão, 24 de Novembro de 1872, pp. 169-170; n. 44, Maranhão, 8 de Dezembro de 1872, pp. 177-178; n. 45, Maranhão, 15 de Dezembro de 1872, pp. 181-182).

<sup>288</sup> *O Domingo* (anno II, n. 5, Maranhão, 9 de Fevereiro de 1873, pp. 21-22; n. 6, Maranhão, 16 de Fevereiro de 1873, pp. 25-26; n. 7, Maranhão, 23 de Fevereiro de 1873, pp. 29-30; n. 8, Maranhão, 2 de Março de 1873, pp. 33-34; n. 9, Maranhão, 9 de Março de 1873, pp. 37-38; n. 10, Maranhão, 23 de Março de 1873, pp. 41-42).

<sup>289</sup> Com música de Charles Lecocq, é uma adaptação da opereta *La fille de Mme. Angot*. O «Theatro Phenix Dramatica» anunciou a estreia para 18 de Março de 1876, mas ela foi adiada e representada no dia 21 (*Jornal do Commercio*, anno 55, n. 81, Rio de Janeiro, 21 de Março de 1876, p. 6). Acredito que o adiamento se deva em razão da peça de nome correlativo *Aninha Angú, a filha de Maria Angú*, escrita pelo ator Martins e pelo sr. X, subir ao palco do «Theatro Cassino», a 18 de Março, mesmo dia da estreia da paródia adaptada por Artur Azevedo (*Jornal do Commercio*, anno 55, n. 77, Rio de Janeiro, 17 de Março de 1876, p. 6). Em 1893, *A filha de Maria Angú* ganhou nova edição alterada.

<sup>290</sup> Traduzida em parceria com Artur Barreiros. Apesar do anúncio de ensaios no «Theatro Cassino», Rio de Janeiro, em 1877, não consegui confirmar a representação da peça.

<sup>291</sup> Encenada pela primeira vez no «Theatro S. Pedro de Alcantara», Rio de Janeiro, a 28 de Julho de 1877.

<sup>292</sup> Música de Jacques Offenbach, Charles Lecocq e Ciriaco de Cardoso. Os anúncios dos jornais não trazem o nome do autor. Julgo ser tradução adaptada da peça *La fille du feu*, feerie en 3 actes et 8 tableaux, de Adolphe Guénée e Albert Monnier. Estreou no «Theatro S. Pedro de Alcantara», a 2 de Setembro de 1877. Os periódicos divulgaram o êxito alcançado com a sua exibição, enfatizando a casa sempre cheia. Para ratificar o êxito, segue trecho de uma nota estampada na *Gazeta de Noticias* (anno III, n. 251, Rio de Janeiro, 10 e 11 de Setembro de 1877, p. 2): «Agora sim! com a *Filha do Fogo* S. Pedro enriquece pela primeira vez o seu empresario.» Contudo, dois dias antes, o *Jornal do Commercio*, anno 56, n. 250, Rio de Janeiro, 8 de Setembro 1877, p. 2, publica um texto, intitulado «O nosso teatro», assinado por Dante!! S., enfatiza o sucesso da peça, mas lamenta o que estava a ocorrer com outro teatro da cidade:

Para onde vamos?!... Que abysmo é este?!... Forão as palavras que me acudirão horem aos labios ao assistir a uma representação da magica *Filha do Fogo*, no theatro S. Pedro, ao vêr este theatro cheio de espectadores, que rião e applaudião com o maior enthusiasmo, ao mesmo tempo que outro ao lado [teatro S. Luiz], onde se representa o que ha de mais escolhido no repertorio moderno [*Estrangeira*, de Alexandre Dumas, filho], fechava as portas por fata de concurrencia!... [...].

<sup>293</sup> Encenada pela primeira vez no «Theatro Cassino», a 12 de Setembro de 1877.

168. <i>A perola negra</i> , drama em 5 actos e 7 quadros <sup>294</sup>	Eugène Moreau e Jules Dornay	Rio de Janeiro	—	1877	Francês	T
169. <i>O rei das areias de ouro</i> , drama em 5 actos <sup>295</sup>	M. Fourier e P. Duplessis	Rio de Janeiro	—	1877	Francês	T
170. <i>Niniche</i> , comedia em 3 actos <sup>296</sup>	Alfred Hennequin e Albert Millaud	Rio de Janeiro	Typ. da Escola de Serafim José Alves	1879	Francês	T
171. <i>Nho-Nho</i> , comedia em 3 actos <sup>297</sup>	Émile de Najac e Alfred Hennequin	Rio de Janeiro	Lombaerts & Cia.	1879	Francês	T
172. <i>A Camargo</i> , opera-comica em 3 actos <sup>298</sup>	Albert Vanloo e Eugène Leterrier	Rio de Janeiro	—	1879	Francês	T
173. <i>As mulheres do mercado</i> , drama em 5 actos e 10 quadros <sup>299</sup>	Anicet-Bourgeois e Michel Masson	Rio de Janeiro	—	1879	Francês	T
174. <i>Genro e sogro</i> , comedia em 1 acto <sup>300</sup>	Delacour e Labiche	Rio de Janeiro	—	1879	Francês	T
175. <i>As duas irmãs</i> , drama em 6 actos <sup>301</sup>	D'Ennery	Rio de Janeiro	—	1879	Francês	T
176. <i>O anjo do mal</i> , drama em 5 atos e 8 quadros <sup>302</sup>	Anicet-Bourgeois e D'Ennery.	Rio de Janeiro	—	1879	Francês	T
177. <i>Os carvoeiros</i> , opereta em 1 acto <sup>303</sup>	Philippe Gille	Rio de Janeiro	—	1880	Francês	T
178. <i>As mascaras de bronze</i> , drama em 5 actos e 6 quadros <sup>304</sup>	A. d'Ennery	Rio de Janeiro	—	1880	Francês	T
179. <i>O duquesinho</i> , opera-comica em 3 actos <sup>305</sup>	H. Meilhac e L. Halévy	Rio de Janeiro	—	1880	Francês	T
180. <i>O rapto da bella Helena</i> , tragedia burlesca em 5 actos <sup>306</sup>	A. Lindheim?	Rio de Janeiro	—	1881	Francês	T

<sup>294</sup> Tradução livre com música de Cyriaco de Cardoso. Representada no «Theatro S. Pedro de Alcantara», a 30 de Setembro de 1877, com a presença de SS. MM. imperiais.

<sup>295</sup> Música de Cyrico de Cardoso. Representada pela primeira vez no «Theatro S. Pedro de Alcantara», a 16 de Novembro de 1877

<sup>296</sup> Música de Mario Boullar. Encenada no «Theatro Phenix Dramatica», Rio de Janeiro, a 5 de Janeiro de 1879.

<sup>297</sup> Representada no «Theatro S. Luiz», Rio de Janeiro, a 22 de Julho de 1879.

<sup>298</sup> Música de Charles Lecocq. Estreou no «Theatro Phenix Dramatica», a 15 de Março de 1879.

<sup>299</sup> Música de Carlos Cavallier. Encenada no «Theatro S. Pedro de Alcantara», a 25 de Setembro de 1879.

<sup>300</sup> Representada no «Theatro S. Luiz», Rio de Janeiro, a 29 de Junho de 1879.

<sup>301</sup> Encenada pela primeira vez no «Theatro S. Luiz», a 23 de Outubro de 1879.

<sup>302</sup> Exibida pela primeira vez no «Theatro S. Pedro de Alcantara», a 12 de Outubro de 1879.

<sup>303</sup> Cópia manuscrita. Música de J. Costé. Representa no «Theatro Recreio Dramatico», a 12 de Dezembro de 1880.

<sup>304</sup> Encenada pela primeira vez no «Theatro S. Luiz», a 26 de Junho de 1880.

<sup>305</sup> Traduzida em parceria com Eduardo Garrido. Música de Charles Lecocq. Representada pela primeira vez no «Recreio Dramatico», a 11 de Setembro de 1880.

<sup>306</sup> Estreou no «Recreio Dramático», a 19 de Janeiro de 1881.

181. <i>O pimpolho</i> , comedia em 3 actos <sup>307</sup>	Henrique Crisafuli e Victor Bernard	Rio de Janeiro	—	1881	Francês	T
182. <i>A mulher do papá</i> , comedia em 3 actos <sup>308</sup>	Alfred Hennequin e Albert Millaud	Rio de Janeiro	—	1881	Francês	T
183. <i>O filho de Coralia</i> , drama em 4 actos <sup>309</sup>	Albert Delpit	Rio de Janeiro	—	1881	Francês	T
184. <i>A amante legitima</i> , comedia <sup>310</sup>	Bavyl	Rio de Janeiro	—	1881	Francês	T
185. <i>Marina</i> , zarzuela em 2 actos <sup>311</sup>	Camprodon	Rio de Janeiro	—	1882	Espanhol	T
186. <i>Um cavalheiro particular</i> , comedia em 1 acto <sup>312</sup>	Carlos Frontaura	Rio de Janeiro	—	1882	Espanhol	T
187. <i>Os tres boticários</i> , comedia em 3 actos <sup>313</sup>	Anicet-Bourgeois e Lockroy	Rio de Janeiro	—	1882	Francês	T
188. <i>Os tres boticarios</i> , comedia em 3 actos <sup>314</sup>	Anicet-Bourgeois	Rio de Janeiro	—	1882	Francês	T
189. <i>Coquelicot</i> , opera-comica em 3 actos <sup>315</sup>	Armand Silvestre	Rio de Janeiro	—	1882	Francês	T
190. <i>A flor de liz</i> , opereta em 3 actos <sup>316</sup>	Paul Burani e Maxime Boucheron [René Maximilien]	Rio de Janeiro	—	1882	Francês	T
191. <i>Fatinitza</i> , opera-comica em 3 actos <sup>317</sup>	Henri Chivot e Alfred Duru	Rio de Janeiro	Typographia a vapor de A. Guimarães & C.	1882	Francês	T
192. <i>A archiduquesa</i> <sup>318</sup>	Millaud	Rio de Janeiro	—	1882	Francês	T
193. <i>Calino desempregado</i> <sup>319</sup>	M. Urbain	Rio de Janeiro	—	1883	Francês	T

<sup>307</sup> Representada pela primeira vez no «Theatro Lucinda», a 26 de Abril de 1881.

<sup>308</sup> Encenada no «Theatro Phenix Dramatica», Rio de Janeiro, a 17 de Maio de 1881.

<sup>309</sup> Representada no «Theatro Recreio Dramatico», Rio de Janeiro, a 17 de Maio de 1881. No «Theatro Lucinda», a 23 de Julho de 1881.

<sup>310</sup> Traduzida em parceria com Artur Barreiros. Estreou no «Recreio Dramatico», a 2 de Fevereiro de 1881.

<sup>311</sup> Música de Arrieta. Encenada diversas vezes no Rio de Janeiro pela «Companhia Heparhola de Zarzuela». Não localizei informações detalhadas dessa tradução creditada a Artur Azevedo, além das indicações do suplemento literário de *A Manhã*, 1941, p. 170, e do *site* Literatura Brasileira, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>312</sup> Representada pela primeira vez no «Príncipe Imperial», Rio de Janeiro, a 31 de Janeiro de 1882.

<sup>313</sup> Exibida no «Theatro Sant'Anna», Rio de Janeiro, pela primeira vez, a 31 de Março de 1882.

<sup>314</sup> Encenada no «Theatro Sant'Anna», a 10 de Abril de 1882.

<sup>315</sup> Música de Louis Varney. Representada pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 25 de Julho de 1882.

<sup>316</sup> Em parceria com o seu irmão Aluísio Azevedo. Música de Léon Vasseur. Peça acomodada à cena brasileira. Estreou no «Theatro Sant'Anna», a 26 de Outubro de 1882. Com presença da família imperial brasileira.

<sup>317</sup> Da opereta *Fatinitzo*, de Franz Von Suppé, sobre a versão em francês de Chivot e Duru. Representada pela primeira vez, um ano antes da publicação, no «Theatro Phenix Dramatica», Rio de Janeiro, a 6 de Dezembro de 1881.

<sup>318</sup> Traduzida em parceria com Eduardo Garrido. Música de Jacques Offenbach. Representada no Príncipe Imperial, a 1º de Junho de 1882.

<sup>319</sup> Estreou no «Theatro das Novidades», Rio de Janeiro, a 10 de Maio de 1883.

194. <i>O estratagema de Arthur</i> , comedia <sup>320</sup>	Henri Chivot e Alfred Duru	Rio de Janeiro	—	1883	Francês	T
195. <i>Gillete de Narbonne</i> , opera-comica em 3 actos <sup>321</sup>	Henri Chivot e Alfred Duru	Rio de Janeiro	Tipographia Hamburgueza do Lobão	1883	Francês	T
196. <i>Falka</i> , opera-comica-burlesca em 3 actos <sup>322</sup>	E. Letterrier e A. Vanloo	Rio de Janeiro	Typ. da Escola de Serafim José Alves	1883	Francês	T
197. <i>A cruz do alcaide</i> , opereta burlesca em 3 actos <sup>323</sup>	Vast-Ricouard	Rio de Janeiro	—	1884	Francês	T
198. <i>Tres mulheres para um marido</i> , comedia em 3 actos <sup>324</sup>	Grenet Dancourt	Rio de Janeiro	—	1884	Francês	T
199. <i>O Lyceu Policarpo</i> , opereta em 4 actos <sup>325</sup>	Alexandre Bisson	Rio de Janeiro	—	1884	Francês	T
200. <i>O principe Topazio</i> , opera-comica em 3 actos <sup>326</sup>	F. Zell e Richard Genée	Rio de Janeiro	—	1884	Francês	T
201. <i>O dia e a noite</i> , opera-buffa em 3 actos <sup>327</sup>	A. Vanloo e E. Letterrier	Rio de Janeiro	Cruz Coutinho	1884	Francês	T
202. <i>Os salteadores</i> , opera-buffa em 3 actos <sup>328</sup>	Henri Meilhac, Ludovic Halévy	Rio de Janeiro	Typ. de A. Guimarães	1884	Francês	T

<sup>320</sup> Representa no pela primeira vez no «Recreio Dramatico», a 12 de Maio de 1883.

<sup>321</sup> Primeira apresentação no «Theatro Sant'Anna», a 28 de Junho de 1883.

<sup>322</sup> Música de François Chassaigne. Encenada pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 24 de Agosto de 1883.

<sup>323</sup> Libreto de Vast-Ricouard, pseudónimo utilizado pelos autores Raoul Vast (1850-1899) e Gustave Ricouard (1853-1887). Jornais informaram sobre os ensaios da peça no «Theatro Principe Imperial», durante o mês de Dezembro 1884. Entretanto, ao que tudo indica, ela não foi representada naquele ano.

A respeito dos ensaios, a *Distração: semanario satyrico e humoristico*, anno I, n. 10, Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1884, p. 57, emitiu a seguinte nota, assinada por C. Urso: «Principe:—O sino do eremiterio, a Cruz do Alcaide e o Grão Mogol. Tres peças em ensaios! Quer isto dizer que não se ensaia nenhuma.» Ela voltou a ser anunciada, em Junho do ano seguinte, desta vez no «Theatro Sant'Anna».

Mais uma vez, parece que a peça não subiu à cena, é o que se percebe na publicação do *Diario de Noticias* (anno I, n. 28, Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1885, p. 1):

Nós hontem perguntámos que fim levára *A cruz do alcaide*, que viera annunciada como em *ensaios* no Santa Anna, porque deparámos com o annuncio do—*Amar sem conhecer*.

Sabemos agora que houve algumas pequenas duvidas no tocante á distribuição d'aquella peça; mas é natural que ellas sejam removidas, e assim poderemos aprecial-a em scena.

E quanto antes, melhor!

<sup>324</sup> Encenada pela primeira vez no «Recreio Dramatico», a 12 de Dezembro de 1884.

<sup>325</sup> Música de Louis Gregh. Única apresentação que localizei foi no «Theatro Sant'Anna», a 6 de Novembro de 1895. Não aparece o nome do tradutor. Galante de Sousa (1960, p. 85) pôs a peça na lista de trabalhos mencionados pelos biógrafos de Artur Azevedo. Também aparece no *site* Literatura Brasileira, UFSC, e no suplemento literário de *A Manhã*, 1941, p. 170.

<sup>326</sup> Música de C. Milløker. Encenada no «Theatro Sant'Anna», a 27 de Agosto de 1884.

<sup>327</sup> Música de Charles Lecocq. Exibida no «Theatro Sant'Anna», «Companhia da Phenix Dramatica», a 8 de Março de 1882.

<sup>328</sup> Música de Jacques Offenbach. Representado no «Principe Imperial», a 25 de Setembro de 1884.

203. <i>O casamento de Figaro</i> , comedia em 5 actos <sup>329</sup>	Beaumarchais	Rio de Janeiro	—	1885	Francês	T
204. <i>Violeta e seu boneco</i> <sup>330</sup>	Léon Battu	Rio de Janeiro	—	1886	Francês	T
205. <i>Não entre!</i> , opera-comica em um acto <sup>331</sup>	Delacour e L. Morand	Rio de Janeiro	—	1886	Francês	T
206. <i>Uma causa celebre</i> <sup>332</sup>	Adolphe d'Ennery e Eugène Cormon	Rio de Janeiro	—	1886	Francês	T
207. <i>Heroe á força</i> , opera-comica em 3 actos <sup>333</sup>	Adolphe de Leuven e Brunswich	Rio de Janeiro	Augusto dos Santos	1886	Francês	T
208. <i>A canção de Fortunio</i> , opera-comica em 1 acto <sup>334</sup>	Heitor Cremieux e Ludovic Halévy	Rio de Janeiro	—	1886	Francês	T
209. <i>A Befana</i> <sup>335</sup>	Ricoveda	Rio de Janeiro	—	1886	Italiano	T
210. <i>O gallo de ouro</i> , opereta em 3 actos <sup>336</sup>	Maurice Ordonneau	Rio de Janeiro	—	1887	Francês	T
211. <i>O espiritismo</i> , comedia em 1 acto <sup>337</sup>	Maurice Varnet	Rio de Janeiro	—	1889	Francês	T
212. <i>Sganarello</i> , comedia em 1 acto <sup>338</sup>	Jean-Baptiste Molière	Rio de Janeiro	—	1889	Francês	T
213. <i>A Torre de Nesle</i> <sup>339</sup>	Frédéric Guillardet e Alexandre Dumas	Rio de Janeiro	—	1889	Francês	T
214. <i>Escola dos maridos</i> , comedia em 3 actos <sup>340</sup>	Jean-Baptiste Molière	Rio de Janeiro	—	1888	Francês	T

<sup>329</sup> Encenada no «Theatro Lucinda», pela primeira vez, a 3 de Julho de 1885.

<sup>330</sup> Música de A. Adam. Representada pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 19 de Junho de 1886.

<sup>331</sup> Música de Jacques Offenbach. Exibida pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 19 de Agosto de 1886.

<sup>332</sup> Traduzida para a Companhia Furtado Coelho, foi representada pela primeira vez no «Theatro Lucinda», a 12 de Novembro de 1886. Uma tradução da peça feita por Pinheiro Chagas, cinco anos antes, estreou no «Theatro Sant'Anna», a 13 de Junho de 1881.

<sup>333</sup> Adaptação de Artur Azevedo. Música de Abdon Milanez. Representada no «Theatro Sant'Anna», a 8 de Outubro de 1886, com presença da família imperial brasileira.

<sup>334</sup> Música de Jacques Offenbach. Exibida no «Theatro Sant'Anna», a 11 de Junho de 1886.

<sup>335</sup> Música de Rotoli. Estreou no «Theatro Sant'Anna», a 18 de Novembro de 1886.

<sup>336</sup> Traduzida em parceria com José Pinto de Azeredo Coutinho. Música de Edmond Audran. Representada no «Theatro Lucinda», a 29 de Abril de 1887.

<sup>337</sup> Estrou no «Theatro Sant'Anna», a 11 de Setembro de 1889.

<sup>338</sup> Publicada na *Revista Brasileira*, Vol. XIX, Rio de Janeiro, Julho-Setembro 1899, pp. 25-86. Representa no «Recreio Dramatico», a 4 de Junho de 1889.

<sup>339</sup> Traduzida em parceria com José Pinto de Azeredo Coutinho. Exibido pela primeira vez no «Theatro S. Pedro de Alcantara», a 18 de Julho de 1889.

<sup>340</sup> Traduzida em 1888, subiu à cena pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 4 de Junho de 1889. Publicada na *Revista Brasileira*, Vol. XI, Rio de Janeiro, Julho-Setembro 1897, pp. 193-216 (1º acto); 272-286 (2º acto); e Vol. XII, Rio de Janeiro, Outubro-Dezembro 1897, pp. 23-40 (2º acto, repetido); pp. 145-168 (3º acto). Editada posteriormente pelo MEC, Rio de Janeiro, 1957.

215. <i>Surcouf o corsário</i> , opera-comica em 1 prologo, 3 actos e 5 quadros <sup>341</sup>	Henri Chivot e Alfred Duru	Rio de Janeiro	—	1890	Francês	T
216. <i>O ovo</i> , opera-comica em 3 actos <sup>342</sup>	William Busnach e Albert Vanloo	Rio de Janeiro	—	1890	Francês	T
217. <i>Rip</i> , opera-comica em 3 actos e 4 quadros <sup>343</sup>	H. Meilhac, Ph. Gille e H. Farnie	Rio de Janeiro	—	1891	Francês	T
218. <i>A guardadora de gansos</i> <sup>344</sup>	E. Leterrier e A. Vanloo	Rio de Janeiro	—	1891	Francês	T
219. <i>A telephonista</i> , opereta em 3 actos <sup>345</sup>	Anthony Mars, Maurice Desvallières e Sylvane	Rio de Janeiro	—	1891	Francês	T
220. <i>A filha do veterano</i> , drama em 8 quadros <sup>346</sup>	Frédéric Soulié	Rio de Janeiro	—	1892	Francês	T
221. <i>Totó</i> , opereta-comica em 3 actos <sup>347</sup>	Paul Brillhand e Albert Barré	Rio de Janeiro	—	1894	Francês	T
222. <i>A princesa colombina</i> , opera-comica em 3 actos <sup>348</sup>	Maurice Ordonneau e E. André	Rio de Janeiro	—	1895	Francês	T
223. <i>A cigarra e a formiga</i> , opera-comica em 3 actos e 10 quadros <sup>349</sup>	Henri Chivot e Alfred Duru	Rio de Janeiro	—	1896	Francês	T
224. <i>Uma senhora ilustrada</i> , comedia em 1 acto <sup>350</sup>	Albin Valabrègue	Rio de Janeiro	—	1897	Francês	T
225. <i>Fanfan o tulipa</i> , opera-comica em 3 actos <sup>351</sup>	Paul Ferrier e Jules Préval	Rio de Janeiro	Casa Mont'Alverne	1897	Francês	T

<sup>341</sup> Música de Robert Planquette. Exibida no «Theatro Phenix Dramatica», a 9 de Outubro de 1890. Em 28 de Abril de 1892, outra tradução, desta vez por Azeredo Coutinho, estreou no «Theatro Lucinda».

<sup>342</sup> Música de Edmond Audran. Estreou no «Theatro Phenix Dramatica», a 16 de Dezembro de 1890.

<sup>343</sup> Música de Robert Planquette. Exibida pela primeira vez no «Theatro Phenix Dramatica», 21 de Julho de 1891.

<sup>344</sup> Música de Paul Lacome. Encenada no «Theatro Phenix Dramatica», a 17 de Fevereiro de 1891.

<sup>345</sup> Música de Gaston Serpette. Estreou no «Theatro Apollo», a 2 de Agosto de 1892. A peça foi encenada no mesmo ano, em Lisboa, no «Theatro da Trindade», traduzida por Guiomar Torrezão, sob o título *A menina do telephone*.

<sup>346</sup> Estreou no «Theatro Lucinda», a 14 de Janeiro de 1892.

<sup>347</sup> Traduzida em parceria com Eduardo Garrido. Música de A. Bannes. Representado pela primeira vez no «Theatro Variedades», a 3 de Julho de 1894.

<sup>348</sup> Traduzida em parceria com José Pinto de Azeredo Coutinho. Música de Robert Planquette. Representada no «Theatro Sant'Anna», a 29 de Agosto de 1895.

<sup>349</sup> Traduzida em parceria com Francisco Moreira Sampaio. Música de E. Audran. Exibida no «Theatro Apollo», a 8 de Dezembro de 1896.

<sup>350</sup> Representada pela primeira vez no Cassino Fluminense, a 24 de Agosto de 1897; no «Recreio Dramatico», a 13 de Setembro; e no «Theatro Sant'Anna», a 16 de Outubro.

<sup>351</sup> Traduzida em parceria com Francisco Moreira Sampaio. Representada no «Theatro Apollo», a 29 de Janeiro de 1897.

226. <i>Vade retro, Satanaz!</i> , zazuela em 2 actos <sup>352</sup>	Fernando Manzano	Rio de Janeiro	—	1897	Espanhol	T
227. <i>Os abandonados</i> , drama em 5 actos e 8 quadros <sup>353</sup>	Pierre Decourcelle	Rio de Janeiro	—	1897	Francês	T
228. <i>O herdeiro do throno</i> , opereta-buffa em 3 actos <sup>354</sup>	Albert Hennequin e Valabrègue	Rio de Janeiro	—	1898	Francês	T
229. <i>O paraíso</i> , comedia <sup>355</sup>	Maurice Hannequin, P. Bilhaud e Albert Barré	Rio de Janeiro	—	1898	Francês	T
230. <i>O Christo</i> , drama sacro em 6 quadros <sup>356</sup>	Charles Grandmougin	Rio de Janeiro	—	1898	Francês	T
231. <i>Champignol, vaudeville</i> em 3 actos <sup>357</sup>	Feydeau e Desvallières	Rio de Janeiro	—	?	Francês	T
232. <i>As cebolas do Agapito</i> , opereta <sup>358</sup>	?	Rio de Janeiro	—	?	Francês	T
233. <i>A vivandeira</i> , opereta em 3 actos <sup>359</sup>	?	Rio de Janeiro	—	?	Francês	T
234. <i>As duas princesas</i> , zarzuela em 3 actos <sup>360</sup>	Miguel Ramos Carrión e Mariano Pina Domínguez	Rio de Janeiro	—	?	Espanhol	T

<sup>352</sup> Exibida no Teatro Recreio Dramatico, a 13 Setembro de 1897.

<sup>353</sup> Representada pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 25 de Junho de 1897. Também no dia 25 de Junho, no «Theatro Variedades», estreou a mesma peça, traduzida pela escritora portuguesa Guiomar Torresão, sob o título *Os dous garotos*, do original *Les Deux Gosses*, de Pierre Decourcelle.

<sup>354</sup> Traduzida em parceria com Orlando Teixeira. Música de Louis Gregh. Após ensaios no Teatro Recreio Dramático, durante o mês de Março, Orlando Teixeira, na *Gazeta da Tarde* (anno XIX, n. 81, Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1898, p. 2), diz que problemas com a distribuição dos papéis e o atrito entre atrizes cancelaram a apresentação da peça. Entretanto, Artur Azevedo declara que o empresário resolveu tirar a peça de cena, por se tratar de uma sátira às monarquias constitucionais, por receio de desagradar o imperador (*A Notícia*, anno V, n. 95, Rio de Janeiro, 14 e 15 de Abril de 1898, p. 2, seção «O THEATRO»). Resolvidos os problemas, finalmente, *O herdeiro do throno* subiu ao palco pela primeira vez, a 29 de Junho de 1898.

<sup>355</sup> Representação extraordinária no «Theatro Apollo», a 23 de Novembro de 1898, de acordo com o *Jornal do Commercio* (anno 78, n. 326, Rio de Janeiro, p. 10).

<sup>356</sup> Segundo Galante de Sousa (1960, p. 82), «[...] A cópia manuscrita, datada de Poços de Caldas, 14 de Abril de 1898, pertence ao Sr. Aluísio Azevedo, filho do autor.» Acredito que o nome desse filho seja uma homenagem ao irmão, o também escritor Aluísio.

<sup>357</sup> Localizei *Champignol á força*, vaudeville em 3 atos, de G. Feydeau e M. Desvallières, representada no «Theatro Apollo», Rio de Janeiro, a 29 de Dezembro de 1896. O crédito da tradução, contudo, é dado aos escritores portugueses Moura Cabral e Acácio Antunes. O artigo «Arthur Azevedo: uma vida fecunda e uma obra imperecível», *O Imparcial* (anno XIV, n. 4324, Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1924, p. 6); o suplemento literário de *A Manhã*, 1941, p. 170; o periódico *Letras Brasileiras*, de *A Noite*, Rio de Janeiro, Setembro de 1943, p. 31; e o site <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/> confirmam uma tradução de Artur Azevedo. No site, vem a informação adicional: inutilizada. É provável que ela não tenha sido encenada.

<sup>358</sup> Informações extraídas do artigo «Arthur Azevedo: uma vida fecunda e uma obra imperecível», p. 6; o suplemento literário de *A Manhã*, 1941, p. 170; o periódico *Letras Brasileiras*, de *A Noite*, p. 31; e o site <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>.

<sup>359</sup> Idem nota anterior.

<sup>360</sup> Idem. Música de Caballero.

235. <i>Tartufo</i> , comedia em 5 actos <sup>361</sup>	Jean-Baptiste Molière	Rio de Janeiro	—	?	Francês	T
236. <i>João José</i> , drama em 4 actos <sup>362</sup>	Joaquín Dicenta	Rio de Janeiro	—	?	Espanhol	T
237. <i>A consciencia dos filhos</i> , comedia em 4 actos <sup>363</sup>	Gaston Devore	Rio de Janeiro	—	1900	Francês	T
238. <i>O principe da Bulgária</i> , vaudeville em 3 actos <sup>364</sup>	Grenet Dancourt e Georges Bertal	Rio de Janeiro	—	1902	Francês	T
239. <i>Quasi!...</i> , comedia em 3 actos <sup>365</sup>	Paul Gavault e Georges Berr	Rio de Janeiro	—	1902	Francês	T
240. <i>Ressurreição</i> <sup>366</sup>	Liev Tolstói e Henry Bataille	Rio de Janeiro	—	1903	Francês	T
241. <i>As pilulas de Hercules</i> , vaudeville em 3 actos <sup>367</sup>	Paul Bilhard e Alfred Hennequin	Rio de Janeiro	—	1904	Francês	T
242. <i>Um filho a pulso</i> , vaudeville em 3 actos <sup>368</sup>	Paul Gavault e Robert Charvay	Rio de Janeiro	—	1904	Francês	T
243. <i>As sobrecasacas</i> <sup>369</sup>	Labiche	Rio de Janeiro	—	1904	Francês	T
244. <i>O testamento do Felix</i> , comedia em 3 actos <sup>370</sup>	Paul Gavault e Robert Charvay	Rio de Janeiro	—	1904	Francês	T
245. <i>O cão do Regimento</i> , opereta <sup>371</sup>	Pierre Decourcelle	Rio de Janeiro	—	1905	Francês	T
246. <i>O lago azul</i> , opereta <sup>372</sup>	Ernest Blum e Raoul Touché	Rio de Janeiro	—	1905	Francês	T

<sup>361</sup> No suplemento literário de *A Manhã*, 1941, p. 178, há informação sobre a existência de uma cópia manuscrita da tradução realizada por Artur Azevedo até a III cena do 3º ato. Galante de Sousa (1960, p. 85) afirma que a parte traduzida foi «Publicada no *Boletim da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais*, Rio, n.º 234, abril de 1947 e n.º 236, junho de 1947.» O *site* Literatúra Brasileira, UFSC, lista quatro traduções de *Tartufo*: por Artur Azevedo; por Jônatas Abbott, Bahia, 1846; por Joaquim José Teixeira (impressa na *Revista Brasileira*, anno I, terceiro tomo, Rio de Janeiro, Janeiro-Março 1880, acto primeiro, pp. 182-202; acto segundo, pp. 258-286); e por Joaquim Norberto, Rio de Janeiro (18??).

<sup>362</sup> Idem nota anterior.

<sup>363</sup> Exibida pela primeira vez no «Theatro Sant'Anna», a 28 de Junho de 1900. Esta peça e as que se seguem (ns. 237-247) estão fora do período demarcado, mas .

<sup>364</sup> Traduzida em parceria com Azevedo Coutinho. Estreou no «Theatro Lucinda», a 1º de Janeiro de 1902.

<sup>365</sup> Encenada no «Theatro Lucinda», a 31 de Janeiro de 1902.

<sup>366</sup> Representada inicialmente no «Theatro Apollo», a 30 de Julho de 1903, cf. a *Gazeta de Noticias* (anno XXX, n. 211, Rio de Janeiro, p. 6).

<sup>367</sup> Exibida pela primeira vez no «Theatro S. José», Rio de Janeiro, a 17 de Setembro de 1904.

<sup>368</sup> Subiu à cena pela primeira vez no «Theatro S. José», a 22 de Outubro de 1904.

<sup>369</sup> Traduzida e adaptada por Artur Azevedo. Galante de Sousa (1860, p. 85) define «acomodada à cena brasileira». Representada pela primeira no «Theatro Recreio Dramatico», a 16 de Julho de 1904.

<sup>370</sup> Segundo Galante de Sousa (1960, p. 84), «[...] A cópia manuscrita pertence ao Sr. Aluísio Azevedo, filho do autor.»

<sup>371</sup> Música de Louis Varney. Foi encenada no «Theatro da Trindade», Lisboa. A *Gazeta de Noticias* (anno XXXI, n. 110, Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1904, p. 2) assegura que «— agradou no theatro Trindade a opereta *O Cão do Regimento*.» O *Correio da Manhã* (anno V, n. 1.421, Rio de Janeiro, 1º de Junho de 1905, p. 3) confirma que foi a tradução de Artur Azevedo que subiu à cena na capital portuguesa. No Brasil, foi representada pela primeira vez no «Theatro Apollo», a 31 de Maio de 1905.

<sup>372</sup> Música de Romualdo Marenco. Estreou no «Theatro Apollo», a 29 de Novembro de 1905.

247. <i>A viuva alegre</i> , opera-comica em 3 actos <sup>373</sup>	Meilhac, V. Léon e Lустein	Rio de Janeiro	Typ. Rebello Braga	1909	Francês	T
<b>Alexandre dos Reis Raiol</b>						
248. <i>Amor alemão</i> <sup>374</sup>	*****	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Francês	Pf
<b>Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo</b>						
249. <i>Thriboulet</i> <sup>375</sup>	Victor Hugo	Rio de Janeiro	—	1887	Francês	T
<b>Hugo Vieira Leal</b>						
250. <i>História dos povos americanos</i> (Vol. I-II) <sup>376</sup>	H. J. Mobe	—	—	1873	Francês	Pn
251. <i>Napoleão III</i> <sup>377</sup>	Emilio Castelar	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Espanhol	Pn
252. <i>O continente da Republica</i> <sup>378</sup>	Emilio Castelar	Maranhão	Typ. do Paiz	1880	Espanhol	Pn
253. <i>Conservação, revolução e positivismo</i> <sup>379</sup>	Émile Littré	—	—	18??	Francês	Pn

<sup>373</sup> Música de Franz Léhar. Impressa a segunda edição, em 1910, na mesma tipografia. Antes de impressa, a peça foi encenada pela primeira vez no «Theatro Carlos Gomes», a 12 de Abril de 1909.

<sup>374</sup> Cf. *O Domingo* (ano III, n. 7, S. Luiz, 15 de Março de 1874, pp. 25-27; [faltam os números. 8-10]; n. 11, S. Luiz, 15 de Março de 1874, pp. 42-43). Devido à falta de exemplares do periódico, não foi possível localizar o restante da tradução.

<sup>375</sup> Cf. seção «Theatros», por Zé Caipora, na *Gazeta de Noticias* (ano XIII, n. 34, Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1887, p. 2): «Olavo Bilac e Aluizio Azevedo estão traduzindo o *Roi s'amuse*, a grande obra de Victor Hugo, para ser representada no Santa'Anna no beneficio do Vasques.» Galante de Sousa (1960, pp. 72-73), equivocadamente, trocando o nome dos irmãos, transcreveu o jornal informando que «[...] Artur Azevedo e Olavo Bilac estavam traduzindo o *Le roi s'amuse*, de Victor Hugo.»

No mês seguinte, a *Gazeta de Noticias* (ano XIII, n. 83, Rio de Janeiro, 24 de Março de 1887, p. 1) anuncia: «Hoje, ás 7 horas da noite, realisa-se, sob a presidencia de Arthur Azevedo, a 2ª sessão litteraria do Gremio de Letras. Será lido o drama de Victor Hugo — *Le roi s'amuse*, traduzido por Olavo Bilac e Aluizio Azevedo.» E conclui, na seção «Theatros», por Zé Caipora, *Gazeta de Noticias* (ano XIII, n. 86, Rio de Janeiro, 27 de Março de 1887, p. 2):

Realisou-se, conforme foi annunciada, no dia 24, a segunda sessão litteraria do Gremio de Letras e Artes.

Occuparam a attenção dos socios presentes, os Srs. Olavo Bilac e Aluizio Azevedo, que levaram uma traducção em alexandrinos rimados, do *Roi s'amuse*, de Victor Hugo.

Presidiu a sessão o Sr. Arthur Azevedo, vice-presidente.

Nas páginas pré-textuais de *O cortiço* (1890), «**OBRAS DE ALUIZIO AZEVEDO**», «A PUBLICAR», vem a informação:

**Thriboulet.** — Traducção em verso rimado do drama em 5 actos de Victor Hugo *Le roi s'amuse*, de collaboração com Olavo Bilac, 1887.

<sup>376</sup> Cf. Coleções de manuscritos literários no acervo da Biblioteca Nacional, por Ângela Di Stasio, *Anais da Biblioteca Nacional*, Vol. 122, 2002, Rio de Janeiro, impresso em 2007, p. 131. Acesso em 20 de Maio de 2020, disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2002\\_00122.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2002_00122.pdf)

<sup>377</sup> *O Paiz* (ano XII, n. 140, Maranhão 5 de Dezembro de 1874, p. 1) traz a nona parte, que indica ser continuação. Lamentavelmente, do ano de 1874, o acervo conta com apenas 14 números do periódico.

<sup>378</sup> Impresso em *O Paiz* (ano XVIII, n. 134, Maranhão, 12 de Junho de 1880, p. 1; n. 135, Maranhão, 13 de Junho de 1880; n. 137, Maranhão, 16 de Junho de 1880, p. 1). Traz a informação: traducção para «O Paiz».

<sup>379</sup> Di Stasio (2007, p. 132).

254. <i>Vida de Lord Byron: estudo biográfico</i> <sup>380</sup>	Emilio Castelar	—	—	18??	Espanhol	Pn
255. <i>O progresso: estudo</i> <sup>381</sup>	Emilio Castelar	—	—	18??	Espanhol	Pn
256. <i>Noventa e tres, drama</i> <sup>382</sup>	Victor Hugo	—	—	18??	Francês	T
<b>Raimundo da Motta Azevedo Correia</b> <sup>383</sup>						
257. <i>Primeiros sonhos (poesias lyricas) [originais e traduções]</i> <sup>384</sup>	Victor Hugo e Alexander Pope	São Paulo	Typ. da Tribuna Liberal	1879	Francês Inglês	PI
258. <i>Symphonias [originais e traduções]</i> <sup>385</sup>	Diversos autores	Rio de Janeiro	Typ. de Faro & Lino	1883	Francês Espanhol	PI
259. <i>Versos e versões [originais e traduções]</i> <sup>386</sup>	Diversos autores	Rio de Janeiro	Typ. e Lith. Moreira Maximino & C.	1887	Francês Inglês Alemão?	PI
260. <i>Aléluias [originais e traduções]</i> <sup>387</sup>	Jean Rameau, La Fontaine, Victor Hugo	Rio de Janeiro	Companhia Editora Fluminense	1891	Francês	PI

<sup>380</sup> Idem.

<sup>381</sup> Idem.

<sup>382</sup> Extraído do romance *Quatrevingt-treize*, de Victor Hugo. Segundo Blake (1895, p. 251), «[...] o manuscrito existe em poder de José Camillo Videira.»

<sup>383</sup> Publicou uma coletânea de seus principais trabalhos, originais e traduzidos, intitulado *Poesias* (1898), Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira. As traduções reeditadas: «[O dia acorda]», de Victor Hugo, pp. 6-7; «Cœrulei Oculi», de Théophile Gautier, pp. 65-67; «Os argonautas», de José Maria de Heredia, p. 101; «[Bacho, quando pequeno]», de Fenelon, pp. 104-106; «A Venus de Vienna», de Armand Silvestre, pp. 108-109; «Dialogos», de Jean Rameau, pp. 154-157. Paráfrases: «Os ciganos», pp. 89-90; «Child Harold», pp. 113-114.

<sup>384</sup> O livro foi escrito quando Raimundo Correia estudava na Faculdade de Direito de São Paulo. Contém 41 poemas originais e três traduzidos: «A Lua», de Alexander Pope, p. 49; «Sobre um homem popular», p. 53; e «O amor», de Victor Hugo, p. 59.

<sup>385</sup> Prefaciada por Machado de Assis, a obra contém 11 traduções: «O ninho do templo», de Victor Hugo, p. 71; «Duas mortes», de Blasco, pp. 73-74; «Poema de número 54», de Auguste Brizeux, p. 74; «Mãe e Filho», de Victor Hugo, pp. 78-79; «História de uma gota d'água», de Pierre Lachambeaudie, p. 84; «Maio», de François Coppée, pp. 86-87; «Dezembro», de François Coppée, p. 87; «Frutas e rosas», de Ramón de Campoamor, p. 94; «Nascer... morrer», de Blasco, p. 95; «Poema de número 86», de Victor Hugo, p. 96; e «Poema de número 97», de Victor Hugo, p. 101.

<sup>386</sup> Os poemas traduzidos são: «Cœrulei Oculi», de Théophile Gautier, pp. 15-18; «O Somno de Leilah», de Leconte de Lisle, pp. 23-24; «[P'ra te enfeitar as tranças pretas]», de J. Richepin, pp. 25-26; «A Venus de Vienna», de Armand Silvestre, pp. 39-40; «[O dia acorda]», de Victor Hugo, pp. 43-45; «O camello e o corcunda», de Le Bailly, pp. 53-54; «Mísero acervo das paixões humanas!», Victor Hugo, pp. 67-68; «Payzagem Polar», de Leconte de Lisle, pp. 69-70; «Mugitusque Boum», de Victor Hugo, pp. 81-83; «O Orgulho», de Catulle Mendès, pp. 87-88; «Um numero do Intermezzo», de H. Heine, pp. 91-92; «Na Tasca», de François Coppée, pp. 93-94; «Anacreontica», de Théophile Gautier, pp. 95-96; «Flauta do outono», do *Livro de Jade* [Judith Walter], pp. 113-114; «Æstuat infelix», de Victor Hugo, pp. 123-124; «Os argonautas», de José Maria de Heredia, pp. 131-132; «O Horoscopo», de M. Rollinat, pp. 157-158; «O trabalho do diabo», de Autran, pp. 161-164; «O enterrado vivo», de M. Rollinat, pp. 167-172; «A ultima abelha», de Catulle Mendès, pp. 173-174; «Mater», de Catulle Mendès, pp. 189-190; «A panthera negra», de Leconte de Lisle, pp. 211-213. Traz ainda a versão «Apostrophe de um bebedor ao sol», pp. 55-56, e as paráfrases: «A Lyra de Orpheu», pp. 61-63; «[Morde O cão, marra o touro, o asno escouceia]», de Alph. Karr, pp. 71-72; «Child Harold», pp. 99-100.

<sup>387</sup> A obra possui três poemas traduzidos: «Dialogos», de Jean Rameau, pp. 65-69; «A estatua de Jupiter», de La Fontaine, pp. 189-191; e «A epopeia do leão», de Victor Hugo, pp. 195-213.

Américo Garibaldi Gonçalves de Azevedo						
261. <i>O filho do carpinteiro</i> <sup>388</sup>	Théodore Rosine de Lassalle Midy	Maranhão	Typ. do Paiz	1873	Francês	Pf
Oscar d'Alva [pseudônimo de Antônio dos Reis Carvalho]						
262. <i>Atravez da sciencia</i> <sup>389</sup>	Martin Dvisy	Rio de Janeiro	?	1898	Francês?	Pn
263. <i>O calculo arithmetico</i> <sup>390</sup>	Pierre Laffite	Rio de Janeiro	?	189?	Francês	Pn
Sebastião Pedro Nolasco						
264. <i>Cartas a Lamartine. O mundo marcha</i>	Eugène Pelletan	S. Luiz	Typ. de B. de Mattos	1866	Francês	Pn
Manuel Barros						
265. <i>Uma noite de chuva</i> <sup>391</sup>	César Ficarra	Maranhão	—	1890	Italiano	T
266. <i>Quem é o culpado, a mulher ou o marido?, comedia em 1 acto</i> <sup>392</sup>	César Ficarra	Maranhão	—	1890	Italiano	T

QUADRO 9: Tradutores residentes no Maranhão

Tradutor/Título	Autor	Local	Tipografia	Ano	Idioma original	G
Henrique Roberto Rodrigues <sup>393</sup>						
1. <i>Os mysterios da inquisição e outras sociedades secretas de Hespanha (Vol. 1-2)</i>	V. de Féreal (Irène de Suberwick)	Maranhão	?	1847-1848	Francês	Pf
2. <i>Um galucho</i>	Paul de Kock	Maranhão	?	1849	Francês	Pf
Luiz Antônio Vieira da Silva (Ceará)						
3. <i>Archeologia. Alhambra</i> <sup>394</sup>	Dufau	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês?	Pn

<sup>388</sup> *O Domingo* (anno II, n. 3, Maranhão, 26 de Janeiro de 1873, pp. 14-15; n. 4, Maranhão, 2 de Fevereiro de 1873, pp. 19-20; n. 5, Maranhão, 9 de Fevereiro de 1873, pp. 22-23). Do original «Le fils du charpentier», In *Le livre de famille par divers auteurs*, Paris, M<sup>me</sup> V<sup>vc</sup> Louis Janet, 1850, par Mme. Rosine de Lassalle. Na mesma obra, ela também assina como Th. Midy.

<sup>389</sup> Blake (1900, p. 338) assinala que foram impressos no *Debate*, Rio de Janeiro, 1898 (não localizei o periódico). O dicionarista cita a publicação, mas indica se se trata de uma tradução. Ainda sobre este assunto, identifiquei em *A Noite* [Final], ano XXVI, n. 12.416, Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1946, p. 7: «Deixou, ainda, inéditos os seguintes trabalhos “Através da Ciência”, tradução da obra de Martin Dvisy [...]» É possível que exista erro no nome do autor – Martin Dvisy –, pois não há referências sobre ele.

<sup>390</sup> Sacramento Blake (Id. *ibid.*, p. 338) afirma que a tradução foi autorizada pelo autor do original.

<sup>391</sup> Segundo a *Pacotilha* (anno X, n. 162, Maranhão, 17 de Junho de 1890, p. 1), subiu à cena no «Theatro S. Luiz», a 12 de Outubro de 1890. Encontrei a informação no livro *Teatro no Maranhão (até o fim do século XIX)*, de José Jansen (1974, p. 152), que lista «Uma Noite de Chuva», original de Ficarra, traduzido pelo maranhense Manoel Barros», como uma das peças encenadas no «Theatro S. Luiz», em 1890.

<sup>392</sup> Representada no «Theatro S. Luiz», a 19 de Junho de 1890. Cf. *Pacotilha* (anno X, n. 162, Maranhão, 17 de Junho de 1890, p. 1).

<sup>393</sup> Estudante em Coimbra, Traduziu a poesia «Canção». Versão livre do Inglês, publicada na *Chronica litteraria. Nova Academia Dramatica*, n. 19, 25 de Julho de 1840, pp. 297-298. Coimbra: Imprensa da Universidade. Posteriormente, a poesia foi publicada em Lisboa, 1846. (TP, II, 6425) p. 158.

<sup>394</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 1º trimestre, n. 3, Maranhão, 15 de Março de 1845, pp. 21-22).

4.	<i>Descrição de Constantinopla</i> <sup>395</sup>	W. Suckan (notas de Ruchedin-Effendi)	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pn
5.	<i>Biographia. Eugenio Sue</i> <sup>396</sup>	Eugène de Monglave	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pn
6.	<i>O damocles provençal sem espada</i> <sup>397</sup>	Mr. Z...	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pf
7.	<i>Os duelos na Groenlandia</i> <sup>398</sup>	Anônimo	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pn
8.	<i>A doida de Salins</i> <sup>399</sup>	H. Demolière	Maranhão	Typ. Maranhense	1845	Francês	Pf
<b>José Monteiro da Silva (Porto?)</b>							
9.	<i>A mão de uma hespanhola</i> <sup>400</sup>	Hippolyte Etiennez	S. Luiz	Typ. do Paiz	1864	Francês	Pf

QUADRO 10: Tradutores não-maranhenses e não-residentes na Província

Tradutor/Título	Autor	Local	Tipografia	Ano	Idioma original	G
<b>António Joaquim Nery (Portugal)</b>						
1. <i>A Casa Branca</i>	Paul de Kock	Maranhão	?	1842	Francês	Pf
2. <i>O coitadinho</i> (Vol. I-IV)	Paul de Kock	Maranhão	?	1842-1843	Francês	Pf
3. <i>Meu visinho Raymundo</i>	Paul de Kock	Maranhão	?	1843	Francês	Pf
4. <i>Mulher, marido e amante</i>	Paul de Kock	Maranhão	?	1844	Francês	Pf
<b>André Curcino Benjamin (Pará)</b>						
5. <i>Do espirito da historia</i> <sup>401</sup>	Anônimo	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn
6. <i>As regras</i> <sup>402</sup>	Montesquieu	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pn

<sup>395</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 1º trimestre, n. 4, Maranhão, 1º de Abril de 1845, pp. 25-26; Vol. 1º, 1º trimestre, n. 5, Maranhão, 15 de Abril de 1845, pp. 33-34; Vol. 1º, 1º trimestre, n. 6, Maranhão, 1º de Maio de 1845, pp. 41-42).

<sup>396</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 1º trimestre, n. 6, Maranhão, 1º de Maio de 1845, pp. 44-45; Vol. 1º, 2º trimestre, n. 7, Maranhão, 15 de Maio de 1845, pp. 51-53).

<sup>397</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 2º trimestre, n. 9, Maranhão, 15 de Junho de 1845, pp. 68-72). Extraído do *Magasin Universel*.

<sup>398</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 14, Maranhão, 1º de Setembro de 1845, pp. 111-112). Extraído da *Magasin Universel*.

<sup>399</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 18, Maranhão, 1º de Novembro de 1845, pp. 139-141). Do original Demolière, H. (1844). *La folle de Salins*. In *Le Moniteur de la Mode Journal du Grand Monde* (10 août 1843, Vol. I, pp. 99-102), Paris : Bourgogne et Martinet.

<sup>400</sup> Impresso em folhetim, com início em *O Paiz* (anno II, n. 36, San'Luiz, 24 de Março de 1864, p. 1) e concluído no n. 40, San'Luiz, 5 de Abril de 1864, p. 1. Original : Etiennez, H. (1842), *Une main d'espagnole*. In Fellens, J.-B., & Dufour, L.-P. (Éditeurs), *L'Écho des feuilletons* (2º année, pp. 36-41), Paris : Chez les éditeurs.

<sup>401</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 4º trimestre, n. 19, Maranhão, 10 de Novembro de 1845, pp. 146-148; Vol. 1º, 4º trimestre, n. 23, Maranhão, 31 de Dezembro de 1845, pp. 181-184). Extraído da *Encyclopedie portative*.

<sup>402</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, 3º trimestre, n. 14, Maranhão, 1º de Setembro de 1845, p. 112).

Antônio Rangel de <b>Torres Bandeira</b> (Pernambuco)						
7.	<i>Ao Rouxino</i> <sup>403</sup>	Alphonse de Lamartine	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês   Pl
Manuel Monteiro (Portugal) [assinou como Francisco Xavier Freire de Andrade]						
8.	<i>Historia de Carlos XII rei da Suecia</i> <sup>404</sup>	Voltaire	Maranhão	Typ. do Frias	1867	Francês   Pn

## 5.2 Títulos franceses dominam o território de obras traduzidas

Ao passar em revista o trabalho realizado pelos tradutores maranhenses e as informações sobre títulos que traduziram, dentro e fora do Maranhão, além dos que se imprimiram na Província (residentes e não-residentes), fica patente a enorme preferência por obras de autores franceses.

Dados relacionados às obras, importantes para a composição do entorno social, da mentalidade compartilhada, que hospeda as obras traduzidas, também são unânimes em afirmar suas vantagens/papéis educacionais, formativos. Índices importantes de um tempo de nossa história, registros que indicam intenções, propósitos, expectativas de agentes esclarecidos, de intelectuais que responderam a provocações muito específicas de seu tempo. Passemos a eles.

FIGURA 43: Torre da Catedral da Notre-Dame de Paris.



Fonte: <https://www.thousandwonders.net/Notre-Dame-de+Paris>

<sup>403</sup> *O Arquivo* (Vol. 1.º, n. 4, Maranhão, 30 de Junho de 1846, pp. 80-81. Original: Lamartine, A. (1830). *Harmonie sixième. Au rossignol. Harmonies poétiques et religieuses* (3ª ed.). (Tome 2º, Livre 4º, pp. 221-229). Paris : Charles Gosselin.

<sup>404</sup> Cf. *Catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão, com um suplemento das obras adquiridas durante a impressão*. Maranhão: Typ. do Frias, 1867, p. 103: «*Historia de Carlos XII rei da Suecia*, por Voltaire, traduzida na lingua portugueza por Francisco Xavier Freire de Andrade: Maranhão, 1867. 8º.»

Nos três quadros (8, 9 e 10), vê-se dezenas de literatos conhecidos e outros nem tanto. E o autor de *Notre-Dame de Paris* ocupa uma posição à parte. Victor Hugo foi o escritor mais traduzido, com 10 títulos, entre prosas de ficção, poesias e teatro. Ele ainda teve (expresso na coluna «Múltiplos idiomas») algumas poesias traduzidas por escritores como Gonçalves Dias, Manuel Benício Fontenelle e Raimundo Correia.

QUADRO 11: Traduções classificadas por idioma

Por maranhenses									
Francês	Inglês	Espanhol	Alemão	Grego	Latim	Italiano	Múltiplos idiomas	Português <sup>405</sup>	Total
212	11	11	9	2	4	7	9	1	266
Por não-maranhenses residentes na Província									
Francês	Inglês	Espanhol	Alemão	Grego	Latim	Italiano	Múltiplos idiomas	Português	Total
9	—	—	—	—	—	—	—	—	9
Por não-maranhenses, não-residentes, mas publicados na Província									
Francês	Inglês	Espanhol	Alemão	Grego	Latim	Italiano	Múltiplos idiomas	Português	Total
8	—	—	—	—	—	—	—	—	8
Total									
229	11	11	9	2	4	7	9	1	283

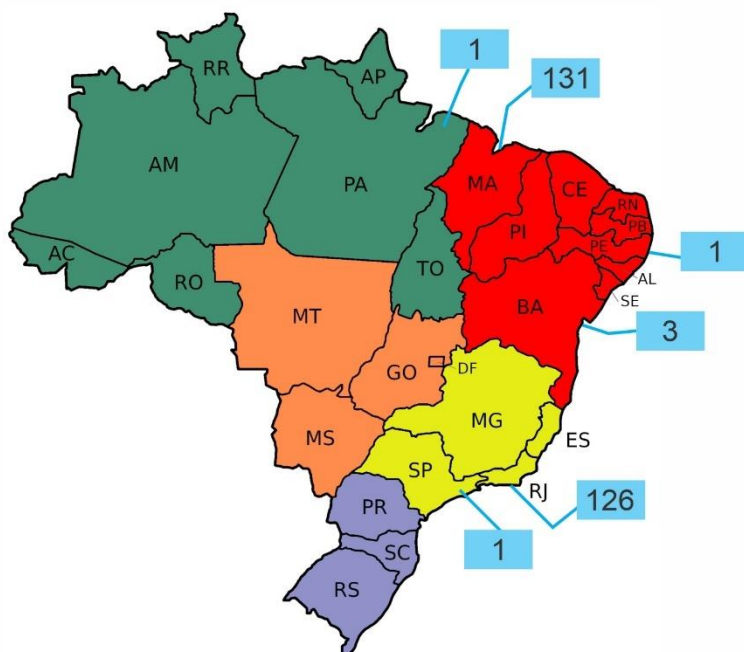
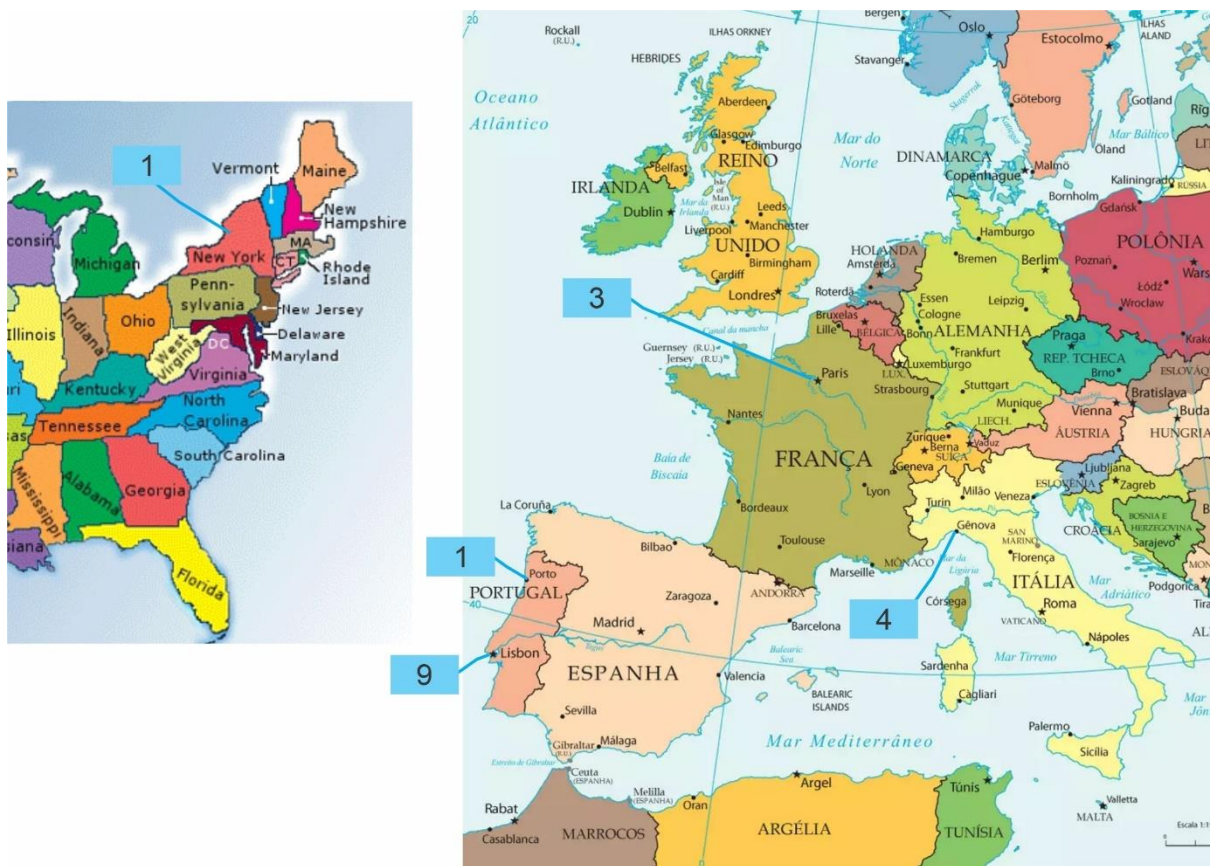
Dos 283 títulos traduzidos, cujos autores foram identificados, 229 foram vertidos de originais franceses (QUADRO 11). O número corresponde a 80,92% dos trabalhos. Em contraposição, traduções a partir do grego são as menos expressivas. Foram apenas dois títulos, representando 0,71% do total. Somando os poemas computados na coluna «Múltiplos idiomas», que apresenta composições em diversas línguas (Francês – 9 (aparece em todas); Inglês – 5; Espanhol – 4; Alemão – 4; Italiano – 3; Grego – 2; Latim – 1), o percentual passa a 84,1% (francês), e a 1,41% (grego).

QUADRO 12: Traduções por praça (composta, impressa ou encenada)

Maranhão / São Luís	131
Rio de Janeiro	126
Bahia / Salvador	3
Pará / Belém	1
Parahyba (Paraíba)	1
São Paulo	1
Pernambuco / Recife	1
Paris	3
Lisboa	9
Porto	1
Gênova	4
New York	1
Não identificada	5
Editada em mais de uma praça	-4
Total	283

<sup>405</sup> Conversão realizada do português para o francês.

FIGURA 44: Mapa das traduções por praça (composta, impressa ou encenada).



QUADRO 13: Traduções por década (composta, impressa, encenada)

Maranhenses									
1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	Não identificada	Fora do período <sup>406</sup>	Total
3	48 <sup>407</sup>	29	29 <sup>408</sup>	48 <sup>409</sup>	52	25	20	12	266
Não-maranhenses residentes na Província									
1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	Não identificada	Fora do período	Total
—	8	—	1	—	—	—	—	—	9
Por não-maranhenses, não-residentes, mas publicados na Província									
1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	Não identificada	Fora do período	Total
—	7	—	1	—	—	—	—	—	8
Total									
1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	Não identificada	Fora do período	Total
3	63	29	31	48	52	25	20	12	283

Os números do QUADRO 12, composto por traduções realizadas por maranhenses, ou residentes na Província, situam o Maranhão com cinco publicações à frente do Rio de Janeiro, e do QUADRO 13 mostram a década de 1840 como marco da fase produtiva de tradução entre os maranhenses. Os resultados são provenientes do aparecimento de dois periódicos pertencentes à «Associação Litteraria Maranhense» – *Jornal de Instrução e Recreio* (1845-1846) e *O Archivo* (1846). Neles, jovens literatos publicaram diversas traduções, entre prosas e poesias, e composições originais. Os títulos reeditados não foram contabilizados na soma total de obras traduzidas. As décadas de 1870 e 1880 são também bastante expressivas. Saliento que o resultado coincide com o período que Artur Azevedo transfere-se para a Corte e, lá estabelecido, tem contato com muitos outros comprovincianos. Nesses decanatos, ele e seus congêneres publicaram 99 títulos.

QUADRO 14: Traduções por gênero

Prosa de ficção	Prosa de não-ficção	Poesia épica	Poesia lírica	Teatro
44	73	5	37	124

O número considerável de publicações realizadas no Rio de Janeiro foi puxado pelo comediógrafo maranhense, que traduziu 85 peças teatrais. Somente ele assina 67,46% das traduções. Artur Azevedo é também o principal responsável pelo gênero teatral ocupar o

<sup>406</sup> Artur Azevedo tem 11 peças encenadas e/ou impressas fora do período demarcado. Mesmo escapando da delimitação temporal, as obras são produto da mentalidade da época. Odorico Mendes teve uma obra publicada, em 1928, muito tempo depois de sua morte, ocorrida em 1864.

<sup>407</sup> Uma das publicações ocorreu entre os anos 1849-1850; dois títulos foram reeditados em 1850 e outro em 1867.

<sup>408</sup> Quatro títulos dessa década ganharam nova edição: três em 1869 e um em 1873.

<sup>409</sup> Dois títulos foram reeditados, um em 1882 e outro em 1884.

primeiro lugar no QUADRO 14. Graças a seu intenso trabalho, as três últimas décadas do século XIX (70, 80 e 90) foram marcantes para a confecção dos quadros.

O elenco de títulos franceses traduzidos, em diferentes gêneros, conforme se exibiu, é singularmente representativa, como estou aqui a deliberar, de certo *status* mental e afetivo que elegeu peças da cultura bibliográfica francesa como componentes fundamentais para se erguer, conforme entendo, um modelo de sociedade.

Os feitos realizados por eruditos maranhenses não atingiram apenas o público de São Luís e do Rio de Janeiro; elas ultrapassaram barreiras geográficas e alcançaram todas as províncias do Império. Fora do Brasil, encontramos as traduções de Odorico Mendes, de António Rego, entre outros, em instituições europeias e norte-americanas, tão grande foi o alcance que elas conquistaram. A tradução foi um tipo de «ferramenta mental», como definiria Lucien Febvre, instrumento civilizacional muito bem empregado por intelectuais do recém-criado Império tropical.

Aquele foi um momento em que as forças intelectualmente ativas da recém-constituída nação foram conclamadas pelo Imperador Pedro II a se integrar a um esforço que visava, substantivamente, a edificação do sentimento pátrio – passo indispensável para que a civilização tropical se aprimorasse, e pusesse o país em marcha de crescimento. Tratava-se, em termos gerais, de um extenso projeto, de claras preocupações ideológico-civilizatórias, porque se tratou de criar os símbolos, as representações, as identidades capazes de dar unidade à nação.

Presumia-se, deste modo, que o nível de desenvolvimento de um país podia ser mensurado pelo refinamento cultural, artístico, literário... E a França foi o grande modelo representante desse «novo espírito».

A significativa quantidade de obras estrangeiras convertidas para a língua portuguesa em circulação na capital do Maranhão, no século XIX, indica que a tradução era uma área destacada em meio às práticas editoriais.

Dentre as traduções listadas no QUADRO 8, tratarei de duas interessantes publicações que possuem características distintas. Na primeira, «A «Bibliotheca Dramatica» de António Rego», ponho em tela uma interessante coletânea traduzida e organizada por esse médico e literato maranhense, hoje pouco conhecido por seus coestaduanos e por brasileiros. Relevante mencionar que, para esse feito, António Rego contou com a inestimável ajuda de seu cunhado, o também médico António Henriques Leal. Aqui, além de apresentar detalhes ignorados da

«Bibliotheca Dramatica: theatro moderno», corrijo informações equivocadas sobre os títulos das 12 peças que a compõem.

Na segunda, «‘Um maranhense em França’: a influência romanesca e a conversão *sui generis* do episódio do Adamastor, de *Os Lusíadas*, na Ilha de São Luís»<sup>410</sup>, conduziu o leitor a José Ricardo Jauffret, outra personagem completamente esquecida pelo público hodierno. A seu respeito, disse o saudoso Jomar Moraes (2013), é um «tradutor inusitado».

A posição que Jauffret ocupa entre os de seu tempo é bastante curiosa. Enquanto muitos literatos maranhenses traduziram para o português obras de grande repercussão internacional, ele converteu para o francês um trecho de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o mais importante clássico da literatura portuguesa (*Parnaso maranhense*, 1861).

Aspecto a se destacar é a repercussão obtida pelos títulos traduzidos por esses pensadores. Um bom exemplo é o anúncio de encenação da peça traduzida por António Rego, *Os órfãos da Ponte de Nossa Senhora*, no Imperial Teatro de São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. Além disso, jornais de algumas províncias do país noticiaram a venda dos opúsculos.

Ressalto, ainda, que a «Bibliotheca Dramatica: theatro moderno» conseguiu ultrapassar as barreiras do país, chegando a importantes centros de informação espalhados pelo mundo, como Portugal, Reino Unido, Austrália e Estados Unidos.

### 5.3 A «Bibliotheca Dramatica» de António Rego

Embora o cenário editorial tenha manifestado intensa atividade no Maranhão oitocentista, e em particular por dar a público obras traduzidas por intelectuais nativos, esse domínio muito especializado e refinado é pouco observado por aqueles que constroem a história do livro e da atividade intelectual em plagas maranhenses. E é acerca de uma dessas páginas específicas da vida intelectual e editorial que tratarei aqui. Refiro-me à *Bibliotheca Dramatica: theatro moderno*<sup>411</sup>, publicada em São Luís, nos anos de 1853 e 1854. Esta série foi organizada e traduzida pelo médico e literato António Rego, auxiliado de perto pelo também intelectual António Henriques Leal. Frias, ao falar da tipografia de J. C. M da Cunha Torres, afirma que «A *Biblioteca dramatica* foi uma das melhores impressões que produziu esta casa em seu principio, quanto a livros [...]» (1866, p. 18).

<sup>410</sup> Trabalho desenvolvido para a cadeira «Problemática em Estudos Portugueses», ministrada pelo doutor Fernando Cabral Martins.

<sup>411</sup> A importância da coletânea prende-se também ao fato de que «Esta collecção marca a data em que começaram as impressões mais notáveis do Maranhão. [...]» (Gama, 1885, p. 427).

A «Bibliotheca Dramatica» é uma dessas iniciativas editoriais singulares na vida das publicações brasileiras do período. Trata-se, como se depreende pelo título, de um grupo de peças teatrais produzidas por dramaturgos estrangeiros que haviam alcançado notoriedade, e circulavam em diferentes regiões do planeta nas quais os avanços das modernas sociedades, e em especial na Europa, vinham redesenhando as relações econômicas e sociais do agitado século XIX. E ela surge no cenário intelectual maranhense em um momento *sui generis* de sua história, quando a cidade absorvia uma série de rápidas alterações, que incorporavam às praxes diárias não só instrumentos e tecnologias vindos de países mais avançados e assimilava modas e modos de pensar, que chegavam como estrepitosos sinais de que a modernidade, enfim, alcançara os maranhenses e os brasileiros – embora seguido, bem de perto, pelos contrastantes índices de pobreza e ignorância em que estava mergulhada a maior parte dos brasileiros. Acompanhando o ritmo das máquinas que aportavam à *terra brasilis* com seus vapores de suada novidade, revirando as relações de trabalho, os fluxos comerciais, crenças e valores, o *mundus mentis* do Império tropical se refazia.

São Luís que, em 1855, contava com 9.000 residentes, diferenciava-se das demais importantes cidades do Reino porque nela o gosto pelo refinamento cultural, pela atividade erudita, encontrara solo fértil para seu desenvolvimento. A cidade havia se constituído, a partir da segunda metade do século XIX, em um dos maiores polos produtores de livros do país. Os editores locais puseram em circulação, à época, diversos títulos, que expressavam gostos e apetências de uma acanhada, porém ávida e exigente, comunidade de leitores. Dado da maior relevância – por dar a exata dimensão do apego dessa terra, naquele período da história pátria, aos bem elaborados frutos do trabalho intelectual.

Em local propício à expansão do saber e da cultura como aquele, era mesmo esperado que surgissem edições assinadas por autores de expressão internacional, conforme se verificava na Europa e em outros países. É deste agitado ambiente que me ocuparei neste apanhado, que se insere nas histórias do teatro e do livro, e pretende, principalmente, extrair algumas coordenadas sobre representações coletivas que ambientaram o momento específico da vida editorial e intelectual do Brasil-Império, em que surge a «Bibliotheca Dramatica».

### 5.3.1 As peças

As doze peças que compõem a «Bibliotheca Dramatica: teatro moderno» são da lavra de autores franceses, e foram impressas na Tipografia de Joaquim Corrêa Marques da Cunha Torres, nos anos de 1853 e 1854, em São Luís. Acredito que a escolha se deva ao gosto do público à dramaturgia gaulesa e à impressionante quantidade de dramas produzidos e encenados, na Paris oitocentista, segundo dados revelados por Jean-Claude Yon (2015, p. 220): «Almost every one of the thousands of plays they created was first staged in Paris (where 32,000 creations were recorded from 1800 to 1900) before circulating through the provinces and around the world.»

Quando comecei a análise das obras que compõem a coletânea, percebi que as informações variavam, principalmente em relação aos títulos das peças. Creio que a «Bibliotheca Dramatica» compreenda as 12 peças seguintes<sup>412</sup>:

1. *Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora*, drama em 5 actos, de Anicet-Bourgeois e Michel Masson, trad. por A. Rego.
2. *O casal das giestas*, drama em 5 actos e 8 quadros, precedido por um prologo, de Frédéric Soulié, trad. por A. Rego.
3. *O cavalleiro da Casa Vermelha*, drama em 5 actos e 12 quadros, de Alexandre Dumas e Auguste Maquet, trad. por A. Rego.
4. *Clara Harlowe*, drama em 3 actos, de Dumanoir, Clairville e Guillard, trad. por A. Rego.
5. *Os dois serralheiros*, drama em 5 actos, de Félix Pyat, trad. por A. Rego.
6. *A estalagem da virgem*, drama em 5 atos, de Hypolite Hostein e Tavenet, trad. por A. Rego.

---

<sup>412</sup> Obedeci ao *Catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão*, 1867, p. 71, que apresenta duas peças diferentes das citadas por diversos autores, como Silva (1868, p. 293) e Blake (1883, p. 188, p. 300). Em vez de *O jogador de bilhar* e *O casamento do gaiato de Lisboa* (precedido do retrato e biographia do actor José Jacinto Ribeiro, e seguido do *vaudeville Estes dous fazem um par*, tradução do doutor Antonio Henriques Leal), ele traz as peças *João* e *Martin e Bamboche*. Ressalta-se que estas obras aparecem na capa da peça *A estalagem da virgem*. Para fundamentar minha hipótese, a propaganda da «Bibliotheca Dramatica», veiculada a 13 de Abril de 1853, indica apenas autores franceses, para a sua composição. Ademais, *Martin e Bamboche* consta nos catálogos da New York Public Library e da British Library, como integrante da «Bibliotheca Dramatica», e traduzida por António Rego.

7. *Gaspar Hauser*, drama em 4 actos, de Anicet-Bourgeois e Ad. Dennery, trad. por A. Rego.
8. *Mademoiselle de Belle-Isle*, drama em 5 actos, de Alexandre Dumas, trad. por A. Rego.
9. *Simão o ladrão*, drama em 4 actos, de Laurencin, trad. por A. Rego.
10. *Martin e Bamboche*, drama em 5 actos e 10 quadros, de Eugène Sue, trad. por A. Rego.
11. *João*, comedia-vaudeville em 4 partes, de Théaulon e Alphonse Signol – única peça não localizada, que julgo ter sido traduzida por A. Rego.
12. *Os vestidos brancos*, drama em 2 actos, de Leon Gozlan, trad. por A. Henriques Leal.

FIGURA 45: Publicidade de *Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora*, primeiro número da «Bibliotheca Dramatica».

**BIBLIOTHECA DRAMATICA.**  
 ESTÁ PUBLICADO O 1.º NUMERO E NELLE O  
 DRAMA EM 5 ACTOS E 8 QUADROS  
 ■ ■ ■ ■ ■  
*M. M. Anicet Bourgeois e Michel Masson.*  
**OS ORPHÃOS DA PONTE DE NOSSA  
 SENHORA.**

Assigna-se para esta publicação, e vendem-se os  
 numeros avulsos.  
 Na Livraria do Sr. Francisco Fructuozo Ferreira  
 Rua de Santa Anna.  
 Na Loja do Sr. José Loureiro do Rozario Rua do  
 Nasareth.  
 Na Botica do Sr. Manoel José d'Aguiar e Silva  
 Largo do Carmo.  
 Publicar-se-ha brevemente no segundo numero o  
 Drama em 5 actos de M. Felix Pyat. —  
**OS DOIS SERRALHEIROS.**

Fonte: *O Globo* (n. 139, Maranhão, 30 de Abril de 1853, p. 4).

A respeito dessa coleção de obras, Amaral (1923, p. 116) assegura que o médico António Rego «[...] sob o titulo de «Bibliotheca dramatica, theatro moderno», — Maranhão (1853-1854), publicou 12 fascículos mensaes [...] peças, essas, que aqui foram á scena, sendo elle o principal ensaiador, para o que tinha muito gôsto.»

A este propósito, encontrei informações em jornais da capital maranhense em 1877<sup>413</sup>, em momento bem posterior, portanto. Ao alargar as buscas em periódicos de outras províncias, em um período mais próximo, deparei-me com um aviso do Teatro S. Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, anunciando a encenação da peça *Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora*, traduzida por António Rego<sup>414</sup>.

Por meio de suas peças, que percorreram o mundo, os dramaturgos transmitiram o cotidiano, os hábitos, os costumes, as necessidades, as ideias e sentimentos franceses, admirados dentro e fora de seu país, mas sobretudo pelas «nações periféricas», a exemplo do Brasil. E essas obras foram encenadas tanto no Brasil quanto em Portugal, muitas vezes na língua original.

Apesar de criticados por alguns escritores nacionais, às vezes de forma severa, os dramas franceses invadiram o mercado brasileiro. Para Machado de Assis (1873, p. 108), «[...] As scenas theatraes deste paiz viveram sempre de tradições (sic), o que não quer dizer que não admittissem alguma obra nacional quando apparecia.»<sup>415</sup> Ademais, conforme Yon (2015, p. 221), «At that time, the French theatre clearly prevailed over all the other national theatres.» Concorria para este cenário a impossibilidade de os dramaturgos brasileiros suprirem a demanda local por peças teatrais.

Para aprovação de traduções das obras estrangeiras, o país contava com a «Comissão de Censura», órgão vinculado ao governo imperial. Em seguida, foi substituída pelo *Conservatório Dramático Brasileiro*, criado em 15 de Janeiro de 1843, que deveria «promover os estudos dramáticos e o melhoramento da cena brasileira, de modo que esta se tornasse a escola dos bons costumes e da língua» (Lemos, 2014, p. 18). Na verdade, tais instituições realizavam tão somente a censura de peças teatrais.<sup>416</sup>

<sup>413</sup> A apresentação de *O casal das giestas*, no Theatro S. Luiz, foi publicada no: *Publicador Maranhense* (anno XXXVI, n. 285, Maranhão, 15 de Dezembro de 1877, p. 3); *Diario do Maranhão* (anno VIII, n. 1316, Maranhão, 25 de Dezembro de 1877, p. 3). Suponho que seja a peça traduzida por António Rego.

<sup>414</sup> *Jornal do Commercio* (anno XXXIV, n. 114, Rio de Janeiro, 25 e 26 de Abril de 1859, p. 4); *Correio Mercantil* (anno XVI, n. 136, Rio de Janeiro, 18 Maio 1859, p. 2); *O Correio da Tarde* (anno V, n. 115, Rio de Janeiro, 19 Maio 1859, p. 3).

<sup>415</sup> No Maranhão, vários autores escreveram obras dramáticas, dos quais destaco Sabbas da Costa, Gonçalves Dias, João Clímaco Lobato e Joaquim Serra.

<sup>416</sup> No Maranhão, em 1862, também foi criada uma instituição com finalidade semelhante, o *Conservatório Dramático Maranhense*. Após reunião para a instalação do órgão censor, Sotero dos Reis foi aclamado presidente; dr. Gentil Braga, 1º secretário; dr. Tavares Belfort, 2º secretário; e dr. António Rego, dr. António Henriques Leal e dr. Luiz Quadros formaram a comissão encarregada do estatuto. Estiveram também presentes dr. Ricardo Jauffret, dr. João Clímaco Lobato, dr. Braulino Rego, Joaquim Serra, dr. Jorge, dr. C. Cantanhede, dr. Pedro Nunes Leal, dr. Roxo e Temístocles Aranha. (*Publicador Maranhense*, anno XXL, n. 95, S. Luiz, 28 de Abril de 1862, p. 2). As províncias da Bahia e de Pernambuco também instalaram seus conservatórios dramáticos.



FIGURA 47: Frontispícios e páginas iniciais de peças que compõem a «Bibliotheca Dramatica».

**BIBLIOTHECA DRAMATICA**  
 THEATRO MODERNO: 7. 141

**MADMOISELLE de BELLE-ISLE.**  
 DRAMA EM 5 ACTOS.

NO PRELO

**A Estalagem da Virgem:**  
 Drama em 5 actos; por M. M. Hip: Hostein et Tarent.

PARA SE IREM PUBLICANDO SUCESSIVAMENTE.

**Martin e Bamboche:**  
 Drama em 5 actos e 10 quadros por M. Eugene Sue.

**A Rainha Margaridita:**  
 Drama em 5 actos e 15 quadros; por M. M. Alex: Dumas e Aug: Maquet.

**Bertram o Marinheiro:**  
 Drama em 2 actos e 1 prologo; por M. Bouchardy.

**O Trapeiro de Paris:**  
 Drama em 5 actos e 1 prologo; por M. Felix Pyat.

**O Artífice:**  
 Drama em 5 actos por M. Frederico Sautlé.

**Luiza Bernard:**  
 Drama em 5 actos por M. Alex: Dumas.

**O Proscrito:**  
 Drama em 5 actos por M. M. F. Soutlé e Thimoté Déhay.

E. & H. LAEMBERT  
 RUA DA QUINTANA, 77  
 RIO DE JANEIRO

**BIBLIOTHECA DRAMATICA**  
 THEATRO MODERNO

**OS DOIS SERRALHEIROS.**  
 Drama em cinco actos.

PREÇO 4000 REIS.

NO PRELO

**Simão o Ladrão:** . . . . Drama em 5 actos; por M. Laurencin.

PARA SE IREM PUBLICANDO SUCESSIVAMENTE

**Gaspar Hauser:** . . . . Drama em 5 actos por M. M. Annet Bourgeois e Ad. Deuery.

**Clara Harlowe:** . . . . Drama em 3 actos ornado de musica; por M. Dumas, Aug: Maquet, G. G. G.

**Os Vestidos Brancos:** . . . . Drama em 2 actos ornado do musico por Ad. Deuery.

**A Rainha Margaridita:** Drama em 5 actos e 15 quadros por M. Alex: Dumas e Aug: Maquet.

**O Cavalleiro da Casa Vermelha:** . . . . Drama em 5 actos e 12 quadros por M. Dumas e Aug: Maquet.

**Bertram o Marinheiro:** Drama em 3 actos e 1 prologo; por M. Bouchardy.

**O Trapeiro de Paris:** . . Drama em 5 actos e 1 prologo; por M. Felix Pyat.

**O Casal das Istantas:** . . Drama em 3 actos, 8 quadros e 1 prologo; por Frederico Soutlé.

**Mademoiselle de Belle-Isle:** . . . . Drama em 5 actos; por M. Alex: Dumas.

**A Estalagem da Virgem:** Drama em 5 actos; por M. M. Hip: Hostein et Tarent.

E. & H. LAEMBERT  
 RUA DA QUINTANA, 77  
 RIO DE JANEIRO

**SIMÃO O LADRÃO.**  
 DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR  
**M. LAURENCIN.**

TRADUZIDO POR  
**Antonio Lago.**

<p><b>PERSONAGENS.</b></p> <p>SIMÃO          O CONDE DE BREVAL          LUCIANO.          DE LUBERSAC.          DIOGENES.          PEDRO BRANCO.          GUILHERME.</p>	<p><b>PERSONAGENS.</b></p> <p>UM CAMPONEZ.          UM CREADO.          HENRIQUETA.          MADALENA.          VIRGINIA.          GENOVEVA.</p>
--	--

**ACTO I.**

(Um pateo de herdade na Normandia-Baixa. Á direita, a entrada da casa; á esquerda, um campo, e uma granja; instrumentos de lavoura; no fundo, um caminho, e para lá d'elle, a grade e os muros de um parque).

**SCENA I.**

**MADALENA** (sabe da casa, que appareza no fim do acto e volta para um e outro lado com ansiedade).

Nada... nada, enganai-me! (Desce triste). Ninguém! senhor Deos! Será possível que Simão me deixe neste desasosiego! E o senhor conde que já o mandou chamar duas vezes, está manhã, e está á espera d'elle no parque!... he provavel que se farte de esperal-o, e que venha elle proprio, até cá!... que lhe hei de eu dizer? como lhe confessarei que meu marido está desde hontem fora de casa? (Suspirando e limpando uma lagrima). Elle que he tão bom homem, tão comedido, tão trabalhador e tão assiduo!... desmandar-se destá modo ingratos na taberna... quem se lembria nunca de tal?...

**OS VESTIDOS BRANCOS.**

DRAMA EM DOUS ACTOS,  
 ORNADO DE CANTO

POR  
**M. ADOLPHO GAZZLAN.**

TRADUZIDO POR  
**A. W. Deul.**

REPRESENTADO EM PARIS PELA PRIMEIRA VEZ A 25 DE OUTUBRO DE 1852.

**PERSONAGENS.**

<p>LORD HAMILTON, vice-almirante.          STEPHEN, medico.          SIR CARADOG, attorney (juiz inglez)          MORGAN, marinhoiro.          TOM, idem.          LADY HAMILTON, (ainda moça, e mãe de)</p>	<p>NELLY          ELISABETH          MARGARIDA          UM CREADO.          CONVIVADOS.          CAMPONEZES E CAMPONEZAS (franceses e irlandezes).</p>
--	--

(As scenas passam-se no 1.º acto, no palacio de Beauvoir, perto do Havre; no 2.º, no Palacio dos Hamiltons, em Wexford na Irlanda.—As personagens acham-se inscritas no principio de cada scena na ordem, que deves occupar, conservando deo espectador.—As mudanças são marcadas por asteriscos.—As indicações são tomadas do mesmo lado.—As tres filhas de lord Hamilton trajarão vestidos brancos e trarão na cabeça coroadas de ruzas brancas.—Vestuario da actualidade).

**ACTO II.**

(SALA aberta occupando os tres primeiros planos da scena e dando para um jardim.—No quinto plano, no fundo á direita como á esquerda duas bosquias praticadas, aranjando de cada lado até ao topo da scena.—No fundo duas galerias, e outra, fundo de horizonte.—Por toda parte grinaldas de flores.—Ao lado esquerdo do salão, porta; ao lado direito, em frente á porta, chaminé.—Vasos, relógio e campainha.—Do mesmo lado, no presente, campo.—Do lado esquerdo uma cadeira, varias cadeiras no fundo).

**SCENA I.**

**Morgan, Tom.**  
 (Adeus do campo, estão occupados á arrancar as sementes e a regar as grinaldas de flores).

**MORGAN.** Que bello officio que fazem aqui dous marinhoiros inglezes—Se en já tinha horror á terra, isto acaba de malquistar-me inteiramente com ella. TOM. Quando d'aqui partiremos, mestre Morgan?

**MORGAN** (descendo para a scena). Quanto mais cedo melhor; a escua está de velas despregadas diante do

Em 2014, foram publicados *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. Na obra, constam 2.534 unidades analisadas. Da «Bibliotheca Dramatica: teatro moderno», aparecem apenas as solicitações para avaliação das peças: *Gaspar Hauser, A estalagem da virgem, Mademoiselle de Belle-Isle, Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora, Simão o ladrão, Clarisse Harlowe, Martin e Bamboche*.<sup>417</sup>

Percebe-se, com isso, que muitas obras foram publicadas clandestinamente, sem as protocolares licenças das autoridades, e sem a provável anuência dos autores.

### 5.3.2 Fecham-se as cortinas

A «invasão» de obras estrangeiras e suas conseqüentes traduções não era aceita por alguns escritores, porque a proliferação do afrancesamento cultural dificultava, segundo o julgamento de alguns, a criatividade dos artistas brasileiros e impedia a construção da ambicionada identidade nacional no campo das artes e da cultura.

E como a pôr um pouco mais de fermento na questão do afrancesamento da sociedade, o historiador maranhense José Ribeiro do Amaral atribuiu aos franceses a fundação de São Luís. Para deixar destacado que – no inevitável jogo das distinções regionais – São Luís apresenta um elemento que a diferencia do restante do país: o são-luisense se orgulha em dizer que reside na «única capital brasileira fundada por franceses». Mesmo que a rápida presença gaulesa em São Luís nada tenha deixado de lastro cultural, que sirva (aos francófilos locais) de referência, este é distintivo que se manteve ao longo da história, e que sobrevive no *mundus mentis* do povo brasileiro, mas especialmente do maranhense.

Os ludovicenses ligam, no geral, a tradição intelectual do Maranhão à época áurea das letras, que deu a São Luís o esplendor de uma cidade de literatos e de escritores. Com efeito, os literatos maranhenses do século XIX desempenharam importantíssimo papel na cena literária nacional, razão pela qual a reputação de São Luís como *Atenas Brasileira* se mantém viva ainda hoje, bem como a fama de ser o naco de chão brasileiro no qual se fala o melhor português. Este é um exemplo que representa muito bem a proposição de Fernand Braudel, de que as

---

<sup>417</sup> O fato de a peça constar na publicação, não implica em solicitação feita por A. Rego ou por A. H. Leal. É possível que a publicação tenha entrado no prelo após o registro de exame censório feito por outro interessado ser deferido, pois em nenhum documento consta o nome dos maranhenses. No *Inventário*, aparece *Clarisse Harlowe*, e, na «Bibliotheca Dramatica», *Clara Harlowe*.

mentalidades estabeleceriam um padrão de pensamento que mudaria muito lentamente, formando uma estrutura de «longa duração»<sup>418</sup>.

Os dois médicos responsáveis pela «Bibliotheca Dramatica» – juntos ou isolados – exerceram papéis de tradutores e editores. E, sem dúvidas, entre as atividades a sinalizar que o país alcançara satisfatório avanço educacional, porque demonstrava criatividade e sofisticação intelectual, sobressai, certamente, a figura do tradutor.

Bourdieu (2006, p. 187) apontou que «O nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais [...]» António Rego e António Henriques Leal foram personagens que pertenceram ao grupo dominante, que comandava os destinos da Província. Para o primeiro, a frase de Bourdieu pode, hoje, não fazer tanto efeito, mas para António Henriques Leal, coube como uma luva, pois seu nome ainda ecoa nos círculos mais instruídos do Estado do Maranhão.

Por fim, cabe assinalar, que aquele foi um tempo de afirmação do país que acabara de libertar-se dos laços com Portugal, e buscava demonstrar certo requinte civilizatório, na tentativa de igualar-se ou aproximar-se dos demais impérios europeus. Os símbolos de superioridade intelectual, e também de consumo, que se davam pela adoção de padrões e de modas vindas da França, punham em tela representações de uma classe que alimentava sentimentos de distinção social. O conjunto dos diferentes mecanismos franceses adotados pelo setor dominante da sociedade maranhense não só pretendia se impor, na pirâmide social, pelo *glamour*, e sofisticação, mas mostrava também a enorme distância que construía do restante da população.

O sentimento de superioridade dos setores economicamente favorecidos era uma marca subjetiva que acompanhava o enorme fosso social entre possuidores e despossuídos. Se a tradução e a vida editorial demarcaram uma seara de elevação civilizacional, ela também se impunha como um divisor de águas, numa sociedade profundamente desigual, como foi a maranhense do oitocentos.

---

<sup>418</sup> Para um apanhado razoável do conceito de «longa duração», consultar: Braudel, F. (1990). A longa duração. In Fernand Braudel, *História e ciências sociais* (pp. 7-39). Lisboa: Editorial Presença.

#### 5.4 ‘Um maranhense em França’: a influência romanesca e a conversão *sui generis* do episódio do Adamastor, de *Os Lusíadas*, na Ilha de São Luís

Algumas prosas oitocentistas deram a produção livreira da Província do Maranhão como das melhores do Império tropical, abaixo, apenas, da produzida no Rio de Janeiro.

Distinguiam-nas o requinte e a sofisticação intelectual que expunham uma das faces mais perseguidas pela política imperial, e claro, por mentes nacionais ávidas de destaque. Tanto no Brasil, como fora dele, aspirava-se as melhores demonstrações de tenacidade e erudição a que as civilizações haviam chegado. No caso brasileiro, com os seus condicionamentos epocais, e alimentado por aspirações nacionalistas, a tradução seria um dos braços a erguer e consolidar a língua nativa, e, por extensão necessária e obrigatória, a própria terra, recém-elevada à condição de nação soberana.

E esta lida – com tudo que traz de apelo às origens, à terra e ao país – ganha especial força entre os literatos românticos. O romantismo foi um «Movimento artístico, em especial dos escritores que, no princípio do século XIX, abandonaram o estilo e as regras clássicas» (*Dicionário Priberam*, 2017), para adotar outras coordenadas estéticas e, ao fim, políticas. O ideário romântico advogava, em substância, o retorno ao passado, às origens, e por essa via, às cargas emocionais basilares da experiência humana. Daí se verificar o quanto os românticos defenderam a prevalência da paixão e da emoção sobre a razão, como esteio fundamental da civilização. O crítico literário Sílvio Romero (1888b, p. 685), considera que «o romantismo é o sentimentalismo na litteratura, é a continuação da melancholia de Rousseau, distendida por todo o seculo XIX.» E que um «[...] homem *romantico* é um typo pallido e tristonho, exhibindo magoas e desconsolos» (Id. *ibid.*, p. 685). Em terras brasileiras, o movimento Romântico manterá os contornos dados por autores europeus, com um acréscimo, porém: ele se integrou ao projeto político nacionalista, tocado pelo governo Pedro II.

Na linha de frente desta empreitada, figuraram o poeta António Gonçalves Dias<sup>419</sup>, vanguardista do romantismo brasileiro, e o prosador cearense José de Alencar. Indigenistas, apelavam ao sentimento patriótico dos brasileiros, defendiam a linguagem regionalista, do índio, do ‘homem do mato’, dos vaqueiros, dos mineiros, dos pescadores... Gonçalves Dias

---

<sup>419</sup> Quando Gonçalves Dias publicou, em 1846, os *Primeiros cantos*, no Rio de Janeiro, uma análise do livro chegou ao Maranhão no ano seguinte, feita por José Ricardo Jauffret. À época, residindo na Europa, Jauffret enviou correspondência para o *Publicador Maranhense*, que a imprimiu no dia 18 de Janeiro de 1848, p. 2, sob o título «Notícia Bibliographica». Na ocasião, assinou com o pseudônimo «Um Maranhense em França».

(1964, p. 383) prognostica «[...] que ainda sem o querer, havemos de modificar altamente o português.»

É justamente sobre um trabalho realizado por Jauffret, frequentador de associações e grêmios literários da cidade, que quero jogar algumas luzes. Ele converteu para o francês o episódio do Adamastor, partes 37-60 do Canto V, do épico e imortal *Os Lusíadas*. O *Dicionário de Luís de Camões* define a referida passagem como um

Conjunto de estâncias situado no Canto V (37-60) d'*Os Lusíadas*, na parte final da narração de Vasco da Gama ao Rei de Melinde, evocando o confronto entre os marinheiros que se dirigem para a Índia e um gigante petrificado, que se assume como obstáculo à viagem (2012, p. 18).

Não busquei analisar ou atestar a qualidade do seu trabalho, mas, sim, procurar compreender os motivos que levaram Jauffret a realizá-lo, trilhando, em sentido contrário, o caminho percorrido por seus coestaduanos, que se esforçaram em traduzir para o português obras relevantes da cultura ocidental.

#### 5.4.1 O Gigante Adamastor: algumas aparições em língua francesa

Em 1861, um grupo de maranhenses, formado por vultos do mais elevado espírito, decidiu publicar um livro de poesias, intitulado *Parnaso maranhense*. Reuniu-se, então, num volume, o trabalho de 52 autores da região, organizado em ordem alfabética. Todos os poemas foram apresentados em língua portuguesa, com exceção do proposto pelo francófilo José Jauffret, que converteu para o francês o episódio do Adamastor, partes 37-60 do Canto V, do épico e imortal *Os Lusíadas*.

Segundo a comissão organizadora<sup>420</sup>, foram estes os motivos que impulsionaram a publicação, conforme a sua «Apresentação»:

A comissão, que com o trabalho, que ora offerece á consideração dos leitores, menos teve em vista dar a lume uma collecção de superiores producções a modo das que compõem o Parnazo Lusitano, do que reunir em um livro a maior copia de versos escriptos por filhos d'esta Província, não só para salvar a muitos do olvido, senão também para que por esse meio se tornasse bem patente a tendência e particular aptidão, que existe entre nós para esse ramo litterario ficou muito satisfeita e animada com o bom e geral acolhimento, que a ideia recebeu, já n'esta e já em outras Províncias.

<sup>420</sup> Comissão formada por Gentil Homem de Almeida Braga, António Marques Rodrigues, Raimundo de Brito Gomes de Sousa, Luiz António Vieira da Silva, Joaquim Serra e Joaquim da Costa Barradas. O livro é composto por trabalhos originais e traduzidos.

FIGURA 48: Gigante Adamastor.



Fonte: <https://commons.wikimedia.org/>

O primeiro autor a figurar no livro é o poeta António Gonçalves Dias. O poema de abertura é uma tradução. De fato, aparecem dois poemas traduzidos por ele: «Sobolos Rios», do espanhol Lope de Vega, seguido de «Canção», do alemão Heinrich Heine.

As páginas 148 a 153 foram preenchidas pela translação de Jauffret. Para apreciação, exponho a seguir um fragmento da conversão do episódio do Adamastor. Notei que, diferente do original de Camões, em que as estrofes são constituídas de oito versos, o autor optou pelo encadeamento do poema, apresentando-o em linhas contínuas.

Em relação à escolha de José Jauffret, uma crítica foi publicada na gazeta *A Imprensa* com a informação de que

O Sr. Dr. Jauffret, conhece a língua franceza tão bem como a lingua de Camões, e portanto facil lhe foi manejar sendo senhor dos segredos e bellezas de ambos idiomas. A forma do verso por elle adoptada para equivaler a oitava rima no cantor de Vasco da Gama, foi a parelha franceza, ou alexandrino rimado. E de facto essa é a forma de versos adoptada pelos francezes para as suas mais bellas odes e poemas epicos (Saphir, 1861, p. 1).

FIGURA 49: Página de abertura do «Episode d'Adamastor», convertido por Jauffret.

J. R. JAUFFRET.

EPISODE D'ADAMASTOR.

(Des *Lusiades* du Camões.)

Nous quittons à jamais ce rivage perfide;  
Un vent propice et frais nous emporte et nous guide  
Sur ces flots de nul autre, avant nous, entr'ouverts,  
Lors qu'un soir, en veillant, nous vîmes dans les airs  
Un nuage aux flancs noirs, présage des tempêtes,  
Se former, s'élever et croître sur nos têtes.  
Bientôt sur tout le ciel règne une affreuse nuit:  
Chacun en fut glacé;—au loin grondait le bruit  
Des vagues en fureur, dont l'impuissante rage  
Paraissait se briser sur un lointain rivage.  
« Grand Dieu ! je m'écriai, sur ces bords inconnus,  
De quels nouveaux dangers, de quels maux imprévus  
Nous menace aujourd'hui ta volonté suprême ?  
Je crains plus que l'horreur de la tempête même ! »

Fonte: Braga, et al. (1861, p. 148).

A seguir, exponho outras rapsódias da mesma cena, realizadas por tradutores franceses.

A primeira, de 1841, de Fournier e Desaulles:

Sobre a forma adotada, o editor assinala que:

[...] Le texte des *Lusiades* à la main, il sera facile de s'assurer si l'idée que nous émettons a toujours été présente aux traducteurs. Chaque strophe a été reproduite complètement, sans qu'on ait interverti l'ordre qu'elle suit dans le poème. A de rares intervalles seulement, l'interruption du sens a exigé l'union du dernier vers à celui qui ouvre une strophe nouvelle; on a tenté de tout reproduire, jusqu'à la répétition des épithètes, mais sans se permettre aucune addition. C'est pour la première fois, nous

osons le dire, qu'une version des *Lusiades* parait dans ce système, si opposé à celui qu'on a suivi jusqu'à présent.

Camoens ne doit pas sa célébrité, en Portugal, uniquement aux *Lusiades*; bien que ce poème soit son plus beau titre de gloire, il a laissé des poésies qu'on a réunies, dès la fin du seizième siècle, sous le titre de *Rimas*. [...].<sup>421</sup> (1841, p. I-II).

FIGURA 50: Trecho do «Episode d'Adamastor», convertido por Fournier e Desaules.

**XXXVII. » Déjà cinq fois le soleil avait disparu, depuis que nous avons quitté ces parages, fendant les mers que jamais d'autres n'avaient parcourues; les vents favorables soufflaient doucement: c'était pendant la nuit, nous veillions insoucieux à la proue; tout-à-coup une nue qui obscurcit les airs apparaît au-dessus de nos têtes.**

**XXXVIII.» Cette nue immense est tellement épaisse qu'elle jette en notre âme une invincible terreur: la mer mugit et résonne au loin comme si elle se brisait contre quelque noir rocher. « O puissance suprême! m'écriai-je, quelle menace divine ou quel secret prodige ce ciel et cette mer vont-ils nous révéler? car ceci paraît être quelque chose de plus qu'une tempête. »**

Fonte: Camões (1841, p. 112).

O que salta aos olhos é que esses tradutores agruparam as estrofes em parágrafos; transformando o poema em prosa, e, portanto, alterando a forma original em que foi produzida.

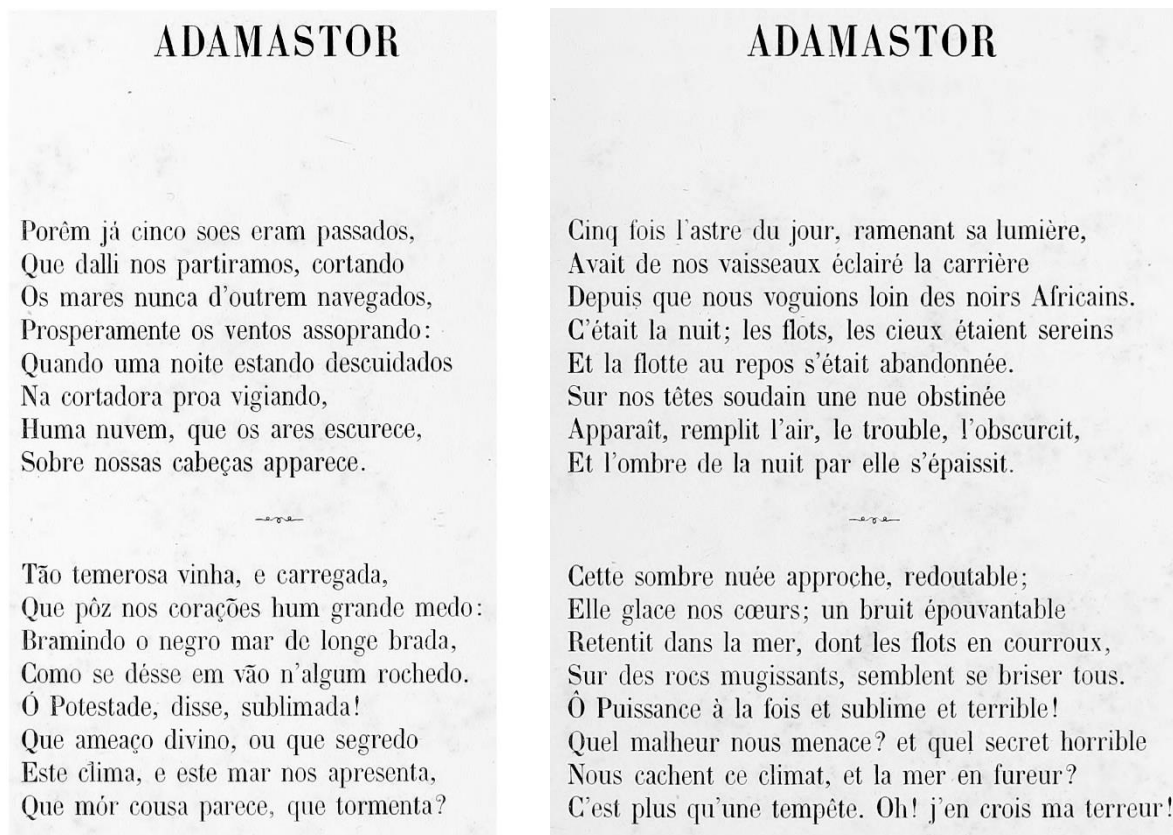
A segunda, a tradução de Escodeca de Boisse, prestigiado poeta, autor de *Louis de France e Voix intimes*, e empregado de alto escalão da Imprensa Imperial da França. Ela foi publicada em 1865 pela Imprensa de Lisboa. Abaixo, segue a avaliação dos editores do opúsculo:

O sr. Escodeca de Boisse procurou, primeiro que tudo, compenetrar-se bem do espírito das magníficas estancias d'aquelles episodios: o sentido litteral não lhe mereceu tanto cuidado: d'ahi provém talvez afastar-se a sua traducção, em alguns pontos, do original: a isso o determinaram porventura ou o menos profundo conhecimento dos segredos do nosso idioma, ou as restrictas e impreteríveis exigências da metrificacção. Entretanto, se a versão do sr. Escodeca não pode reputar-se fidelissima, incontestavelmente lhe cabe, pelo menos, a qualificacção de elegante paraphrase.

<sup>421</sup> [...] O texto dos *Lusiadas* na mão será fácil certificar-se de que a ideia que emitimos sempre esteve presente aos tradutores. Cada estrofe foi reproduzida completamente, sem qualquer ordem intervertida no poema. Apenas em intervalos raros, a interrupção do significado exigiu a união do último verso para aquele que abre uma nova estrofe; tentamos reproduzir tudo, até a repetição de epítetos, mas sem permitir qualquer adição. É pela primeira vez, ousamos dizer, que uma versão dos *Lusiadas* aparece neste sistema, por opposição ao que seguimos até agora.

Camões não deve a sua fama, em Portugal, apenas aos *Lusiadas*; embora este poema seja o seu mais belo título de glória, ele deixou poemas que reunimos, a partir do final do século XVI, sob o título de *Rimas*. [...]. (1841, p. I-II).

FIGURA 51: Trechos – original e traduzido – do «Episode d’Adamastor», convertido por Escodeca de Boisse.



Fonte: Camões (1865).

Sobre o feito do sr. Escodeca, na «Advertência», os editores creditam a escolha à apreciação e admiração que ele tinha pela literatura portuguesa e por Luiz de Camões e «[...] escolheu para esse fim os episódios de Ignez de Castro e Adamastor, indubitavelmente as duas mais formosas criações de Camões» (1865).

Entre os exemplos mostrados, somente a do sr. Escodeca é bilíngue. O modelo adotado permitiu a composição dessa forma.

Estes esforços demonstram o quão é peculiar e complexa a arte de traduzir. Cada uma delas tem suas características: algumas expõem extrema concisão; outras seguem a forma mimética; há ainda as que tendem pelo distanciamento do original. Há quem não goste da tradução de poesias, principalmente épicas; por, quase sempre, perder o brado, a intensidade de determinadas passagens. Estes impedimentos têm feito com que muitos optem pela tradução exata, literal.

#### 5.4.2 Ressonância da atividade de José Jauffret

Ao buscar elementos sobre a difusão do *Parnaso maranhense* e/ou apenas do episódio traduzido por José Jauffret, localizei, nos *sites* da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Nacional do Brasil, informações nos títulos abaixo:

Aranha, Pedro Wenceslau de Brito. *A obra monumental de Luiz de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1886. (Estudos Bibliographicos, t. I).

p. 213 186-23.<sup>a</sup> *Épisode d'Adamastor (Des Lusiades du Camões) par J. R. Jauffret. Saio no Parnaso Maranhense. Collecção de poesias. Á venda: na typographia Progresso, rua de Sant'Anna, 49. Preço 2\$000 réis.* (Sem data. O prologo é datado de 1 de julho de 1861.) 8.º grande de 6 (innumeradas)–285 pag. e mais VI de indice e 1 de errata.

Esta versão occupa de pag. 148 a 154.

Aranha, Pedro Wenceslau de Brito. *A obra monumental de Luiz de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1888. (Estudos Bibliographicos, t. II).

p. 353 2043-463.<sup>a</sup> *Florilegio Camoniano*, IV. Episodio de Adamastor. Versões francezas e inglezas do canto V Aos Lusíadas por J. R. Jauffret, Felicia Hemans, Marc-Monnier, David Scott, e A. Quelelet. Porto. Livraria Camões, de Fernandes Possas, 1888. 4.º de 46 pag. com uma estampa phototypia copiada da gravura em aço posta nas *Memorias* de Scott, e allegorica ao apparecimento do Gigante a Vasco da Gama. O rosto a duas cores, bem como são de côr as letras ornamentaes do começo dos capitulos.

Silva, Innocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez: a Portugal e ao Brazil* (Continuados e ampliados por Brito Aranha, Tomo 15, Oitavo do suplemento). Lisboa: Imprensa Nacional, 1888.

p. 353 2043-463.<sup>a</sup> *Florilegio Camoniano*, IV. Episodio de Adamastor. Versões francezas e inglezas do canto V dos *Lusiadas* por J. R. Jauffret, Felicia Remans, Marc·Monnier, David Scott, e A. Quelelet. Porto, Livraria Camões, de Fernandes Possas, 1888. 4.º de 46 pag. com uma estampa phototypia copiada da gravura em aço posta nas *Memorias* de Scott, e allegorica ao apparecimento do Gigante a Vasco da Gama. O rosto a duas cores, bem como são de côr as letras ornamentaes do começo dos capitulos.

Com base nestas informações, empreendi buscas *in loco* na Biblioteca Nacional de Portugal. Tive a grata surpresa de encontrar a tradução do médico maranhense impressa no *Florilegio camoneano*, que veio a lume dez anos após a sua morte.

A conversão para o francês realizada por Jauffret abre os trabalhos nessa obra, ocupando as páginas 15 a 21<sup>422</sup>.

---

<sup>422</sup> Cf. ANEXO 11, composto de frontispício, abertura, «Advertencia» e a versão de Jauffret.

Segue um trecho da publicação, constante na «Advertência» (1888, p. VII-VIII):

#### ADVERTENCIA

O «**Florilegio Camoneano**», que hoje completa um anno de existencia, mais uma vez commemora o anniversario glorioso, em que o consenso geral da admiração e do entusiasmo vingou nobremente a obscura morte do vidente augusto dos *Lusiadas*, em uma consagração unica, entre as grandes consagrações da humanidade.

Invocando essa data celebre nos annaes da historia patria, o «**Florilegio**» celebra-a respeitosa e reverentemente, reproduzindo em suas paginas cinco preciosas espécies camonianas, cinco verdadeiros padrões levantados na Inglaterra, na França e no Brazil á gloria eterna do maior poeta dos modernos tempos.

As traducções de Jauffret, Felicia Hemans, Marc-Monnier, David Scott e A. Quetelet que constituem o presente volume, addicionamos a primorosa composição de David Scott, cujo assumpto deriva d'esse mesmo canto V, transplantados no todo ou em parte por tão magistraes traductores, como são os que indicamos, para os seus idiomas respectivos.

[...]

10 de Junho de 1888.

O EDITOR

A respeito de obras produzidas por autores do Norte e Nordeste do Brasil, Romero (1888b, p. 1143) acreditava que «[...] a obtenção d'estas e d'outras obras provincianas nem sempre é cousa facil a quem reside no Rio de Janeiro.» Imagine então quando se trata de encontrá-las em terras d'Além-mar! A localização desses dados, entretanto, demonstra que o trabalho de Jauffret ultrapassou os muros da Província, chegando às estantes europeias.

#### 5.4.3 Declínio de um ciclo...

Exatamente 289 anos separam a conversão de José Jauffret do lançamento da obra épica de Camões, *Os Lusíadas*, a grande obra da literatura portuguesa. Considerando os argumentos que enfileirei até aqui, cumpre levantar algumas hipóteses que explicam a escolha de Jauffret:

- 1) a primeira delas prende-se aos fatos de se tratar da maior obra portuguesa, de acordo com Joaquim Nabuco (1901, p. 5), e de ter optado pelo episódio do Adamastor porque, juntamente com o de Inês de Castro, são os mais famosos em *Os Lusíadas* de Camões, julgamento confirmado em *A Escola* (1878, p. 3), que abordou a obra de Jauffret, assegurando que ele «traduzio o melhor episodio do poema de Camões.»
- 2) a segunda advém de um trecho de uma crítica esboçada por Frederico José Corrêa (2015, p. 115), contemporâneo de Jauffret, ao afirmar que, em meados do séc. XIX,

na escola secundarista por eles frequentada, «A análise dos clássicos só se limitava aos *Lusíadas* [...]», não tendo, dessa forma, acesso a outras grandes obras;

- 3) a terceira, porque a cena heroica do Gigante Adamastor representa, em virtuoso estilo e intensidade estética, o caráter histórico, mitológico e lírico da obra. Tão imensa foi a repercussão, ao longo dos tempos, deste episódio que até hoje é presença constante em livros literários brasileiros.

É certo que o sangue francês que corria nas veias de Jauffret teve, também, influência na pequena conversão de que me ocupei neste ponto da pesquisa.

Jomar Moraes (2013) enaltece o feito do tradutor e médico maranhense, afirmando tratar-se de um fato: «[...] duplamente inusitado: Camões, excelso Príncipe dos Poetas Portugueses, terminou, por obra e graça do Doutor José Ricardo Jauffret, figurando no “Parnaso maranhense”. E não na língua materna, que tanto sublimou e enobreceu, mas numa versão para o francês.»<sup>423</sup>.

No final do século XIX, o rebuliço trazido pelos impulsos congeminados da Iluminação e dos românticos em terras brasileiras desapareceu, e, ao sumir, levou junto, infelizmente, aquela espécie de «epidemia intelectual» que contaminou um grupo expressivo de jovens escritores, os tradutores maranhenses. E por uma dessas curiosas trapaças do tempo, a memória da passagem dessas singulares personalidades pelo Maranhão parece também ter sumido. Quando muito, esta saga intelectual é apontada com parcimônia e pouca profundidade.

A maior parte dos tradutores deixou registrado seus nomes nos trabalhos executados. Outra parte, entretanto, achou conveniente manter o anonimato, privando os leitores da informação autoral. Esse fenômeno, porém, não ocorreu apenas em território maranhense: Pode-se localizar, neste período de nossa história, edições nacionais de autores estrangeiros que não receberam a assinatura de seu tradutor em outras cidades do Império tropical, como no Rio de Janeiro, por exemplo.

---

<sup>423</sup> Apenas uma ressalva me ocorre na crônica de Jomar Moraes, que se inicia da seguinte forma: «A 23 de dezembro de 1823 nasceu José Ricardo Jauffret, e faleceu em local e data ignorados.» Com efeito, Jauffret faleceu em São Luís, a 7 de Agosto de 1878. Informações obtidas nos periódicos: *Diário do Maranhão* (anno IX, n. 1.514, Maranhão, 25 de Agosto de 1878, p. 2); e *A Escola* (anno I, n. 1, Maranhão, 29 de Agosto de 1878, p. 3).

O tópico seguinte, uma extensão deste capítulo, dedica-se a deixar um pouco mais claras as possíveis motivações que levaram alguns intelectuais maranhenses a ocultar seus nomes de obras que traduziram e ganharam às ruas.

FIGURA 52: Avenida Maranhense, São Luís.



Fonte: Cunha (1908).

## 6 QUEM, AFINAL, É O TRADUTOR? O PESO DO ANONIMATO

The art of translation is a subsidiary art and derivative. On this account it has never been granted the dignity of original work, and has suffered too much in the general judgement of letters. This natural underestimation of its values has had the bad practical effect of lowering the standard demanded, and in some periods has almost destroyed the art altogether. The corresponding misunderstanding of its character has added to its degradation: neither its importance nor its difficulty has been grasped (Belloc, 1931, p. 3).

Um dos intrigantes aspectos da vida intelectual no Maranhão oitocentista é, certamente, a quantidade considerável de obras traduzidas sem a assinatura do tradutor. São diversos os casos em que não há informação alguma da autoria, ou, quando muito, apresentam pequenas pistas, como sinais e abreviações, e denominações usadas em lugar do nome próprio, todas difíceis de decifrar.

A omissão autoral torna-se ainda mais inquietante quando se considera que o século XIX imprimiu alterações profundas no curso da civilização europeia, e irradiou sua influência por todos os cantos do Planeta, com a sucessão de avanços científicos, industriais e comerciais que criaram as bases para a revolução tecnológica do século XX. Os resultados práticos obtidos pela atividade científica, o surgimento de maquinário que substituía a força humana e animal, a expansão dos mercados, o moderno desenho urbano das grandes metrópoles, entre outras, criaram a atmosfera de progresso revolucionário. O mundo se transformava, em todos os quadrantes da experiência humana, numa velocidade até então impensada. Os triunfos em diversos domínios do saber vieram acompanhados de instrumentos de disseminação do conhecimento (entre as quais agremiações acadêmicas, institutos de pesquisa, a sofisticação dos meios de divulgação impressa) e o culto à inteligência. Num tempo em que as conquistas do conhecimento são o apanágio eufórico do nascente mundo industrial, os frutos do trabalho de cientistas, pensadores, escritores são a face mais visível, porque alardeada, e às vezes glamorosa, da efervescência do período. Ora, o culto à inteligência só se exerce com a personalização, com a identificação daqueles que foram capazes de realizar feitos notáveis.

Um extraordinário desenvolvimento nos vários domínios moldaria a nova Sociedade europeia, após as guerras napoleônicas, totalmente diferente, por qualquer critério, daquela que predominara anteriormente. Sob qualquer ângulo que se examine o processo evolutivo dos países da Europa no século XIX, é patente a grande transformação havida, que, por sua vez, estabeleceria, no curto prazo de alguns decênios, uma Sociedade dinâmica, empreendedora, criativa, industrial, confiante na Ciência e crente no Progresso (Rosa, 2012, p. 16).

Se essa parece ser consequência lógica aplicável à situação, por que eruditos maranhenses que se especializaram, ao longo de muitos anos, em outra(as) língua(s), no seu intrincado funcionamento e sutilezas, se ocultam por trás das às vezes diáfanas cortinas do anonimato, quando a tradução era um dos sinais de sofisticação, de refinamento cultural, e, por óbvio, de distinção social?

A resposta (ou respostas) à indagação só nos permitem deixá-la(s) no instável terreno da(s) possibilidade(s) – o que não quer dizer que seja menos importante enunciá-la(s), como achegas a uma curiosa ocorrência no mundo dos artefatos culturais do Maranhão do século XIX. Também não se entenda daí que me furtei de considerar a plausibilidade de uma resposta ao fenômeno em tela, conforme se verá.

Estudiosos de nacionalidades diferentes apontam motivações distintas para esta peculiar ocorrência do mundo editorial em terras brasileiras – algumas plausíveis e outras nem tanto. Consideremo-las com atenção.

Laura Sandroni estima que havia resistência da parte dos tradutores brasileiros em colarem seus nomes às traduções porque a paga por elas era insignificante, e não queriam ser identificados como subempregados: «[...] Escritores brasileiros já eram chamados para esse trabalho, se bem que por serem muito mal remunerados não permitiam que seus nomes constassem do livro» (Sandroni, 1998, p. 12). Entendo, porém, que a explicação apresentada por Sandroni é problemática. A imprensa chega no Brasil no século XIX, país que mal havia saído de sua condição de Colônia de Portugal, e por conseguinte mantinha baixos níveis de crescimento cultural.

Portanto, aí se impõe a pergunta: Qual o perfil do leitor no Brasil do século XIX? As camadas urbanas escolarizadas, que eram um continente pequeno diante da imensa massa de iletrados. Mesmo assim, e por tudo que venho traçando ao longo deste estudo, foi bastante expressiva a quantidade de obras traduzidas, embora creia tenha sido baixa a remuneração pelo trabalho de tradução, o que leva a admitir que não pesava, na conformação do fenômeno da tradução no Maranhão e no Brasil, o ofício remuneratório do tradutor. As motivações para o exercício de translação, em terras maranhenses, ultrapassaram, sim, razões de ordem econômica, para se firmar no domínio das aspirações coletivas, dos valores sociais.

Outra suposição é a de que o anonimato teria motivações de natureza jurídica, já que as edições brasileiras de títulos estrangeiros não eram autorizadas pelos respectivos autores, o que feriria os direitos autorais. Assim, a ausência de assinatura do tradutor seria medida preventiva

contra possíveis processos judiciais internacionais de direito autoral. Mas essa hipótese não tem fundamento, isso porque a tal «proteção autoral» só ganhou legitimidade internacional a partir de 1886, na Convenção de Berna, e, ainda assim, no Brasil, demorou a ser efetivada. Veja-se, por exemplo, que este assunto foi levado à Primeira Assembleia Constituinte Republicana, em 1891-1892, através de proposição do pintor-parlamentar Pedro Américo de Figueiredo e Melo<sup>424</sup>. O Congresso Nacional, porém, não chegou a considerar o projeto de lei, mais preocupado com a aprovação da Carta Magna e com o instável cenário político no início do período republicano brasileiro.

Hipótese mais consistente é aquela que situa a tradução de livros e peças estrangeiras, no século XIX brasileiro, como atividade subsidiária, de menor relevância social, em contraste com a esfuziância que cerca o nome do autor da obra. Assim, no jogo das distinções sociais, o criador da obra estaria no ápice, enquanto o seu tradutor ocuparia posição subalterna, e portanto de pouca ou baixa relevância. Impossível não perceber, aí, que tal julgamento é caudatário da leitura romântica acerca do criador genial e da criatura, fruto de inteligência elevada e de sensibilidade quase sobre-humana. O Romantismo ungiu o criador como ser especialíssimo, pois força incontrolável da natureza, que age por pressão de sua sensibilidade ímpar e de seus sentimentos. Assim, as obras que saem de suas mãos são expressões de percepção superior, de um ser que responde titanicamente por força natural incontrolável. Embalada por esse extrato de superioridade criativa, a obra para o movimento Romântico encarna a magnitude de seu criador. A exaltação à genialidade do criador e à sua produção imaginativa são bem retratados neste trecho de Harold Osborne (1978, p. 182):

Na concepção romântica [...] o artista expressa os próprios sentimentos, ou natureza emocional, ou seja lá o que for, através da totalidade da obra de arte e não por aquela figura nela retratada. É o próprio artista-gênio que está sendo expresso [...] E através da obra de arte o espectador estabelece um contato emocional afinado com o artista.

Essas coordenadas românticas, que arrastam consigo uma visão semimística do criador iluminado e de sua criação exuberante, se impuseram para além do território da arte e da expressão criativa, como disso nos alerta Terry Eagleton (2006, p. 27): «Visto que somos pós-românticos, no sentido de sermos antes produtos daquela época do que fielmente posteriores a ela, temos dificuldade em perceber como essa idéia é curiosa e historicamente particular.» Tal ideia está entranhada, ao mesmo tempo que ganha força, nas palavras do escritor britânico Hilaire Belloc, que abrem este capítulo, na epígrafe. A declaração dele é ratificada por sua

---

<sup>424</sup> Cf. Melo, P. A. F. (2015). *Discursos parlamentares: 1891-1892* (Coleção Pedro Américo, Vol. 1). João Pessoa: A União.

compatriça, a estudiosa de tradução Susan Bassnet, em investigações mais recentes. De acordo com a autora:

A tradução tem sido entendida como uma actividade secundária, como um processo mais ‘mecânico’ do que ‘criativo’, ao alcance da competência de quem quer que tenha um domínio básico de uma língua diferente da sua; em suma, como uma ocupação de baixo estatuto [...] (Bassnet, 2003, pp. 21-22).

Elemento secundário, o nome do tradutor nunca foi item relevante para circulação e venda de títulos. Esta assertiva também é ratificada pela pesquisadora canadense Sherry Simon: «[...] C’est parce que le nom du traducteur n’est pas *nécessaire* à la circulation et à la classification des livres qu’il a tendance à se faire oublier. [...]» (1989, p. 201). Some-se ao assunto as considerações de Pascale Casanova, crítica literária francesa: «De même que le traducteur est prié de rester « invisible », de même une traduction est considérée comme « bonne » si elle se fait oublier comme traduction» (Casanova, 2015, p. 125). Tomada a distância ditada pela passagem do tempo, com tudo que encerra de alterações na percepção da atividade de tradutor, hoje vê-se, com frequência, esta informação nas referências bibliográficas e documentais.

Em atenção às hipóteses apresentadas, é razoável afirmar que os tradutores não queriam se expor, ao ver sua imagem atribuída a um trabalho de «baixo valor intelectual» e/ou, em menor conta, por desrespeitar os direitos de autor. E, aí, neste ponto também se vislumbra a vaidade do erudito brasileiro oitocentista, que não desejava ver seu nome ligado à atividade de menor ou nenhum destaque.

Em direção bem diferente há a defesa do trabalho de tradução esboçada por Sotero dos Reis, na «Introdução» de *Commentarios de Caio Julio Cesar*, que situa a atividade como virtuosa e merecedora:

É engano manifesto supôr que as traducções, as dignas deste nome entende-se, são trabalhos meramente secundarios, improprios para occupar os bons engenhos, e sem influencia na litteratura de qualquer paiz, ou que esta só deve constar de obras originaes. Ha traducções que valem bem excellentes obras originaes, e são mui superiores ás mediocres, em pureza de linguagem, e perfeição de estylo. [...] (Reis, 1863, p. XIII).

Há escritos que tecem elogios às traduções realizadas por maranhenses, e alguns desses operários da cultura fixaram seus nomes na história literária dentro e fora do país. Ainda assim aventurar-se nesse campo do conhecimento não era tarefa de fácil resolução, e que descontentamentos poderiam ter efeitos sobre o trabalho de tradução, a depender da respeitabilidade que quem os enunciasse, inibindo, assim, a menção à autoria. Digo isso, porque antes do *boom* editorial em solo maranhense, uma correspondência, em tudo intimidadora aos interessados em explorar a arte de traduzir, foi publicada no *Echo do Norte*, n. 86, Maranhão 9

de Julho de 1835, pp. 1-4 – e que algum peso pode ter exercido na decisão de optar pelo anonimato. A missiva ocupou as quatro páginas do jornal, em que o autor incógnito – «O Inimigo de Francelhos» – censura duramente o tradutor paraense João Cândido de Deus e Silva. São críticas ácidas, em relação à qualidade, ao estilo, aos vícios e aos abusos do galicismo. Em determinados trechos da carta, ele apresenta passagens da obra, «corrige-as», tece comentários e cita: «[...]. Eu também tenho *ogeriza* com francezismos: é preciso *encorajar* o amor *pela* nossa língua, pois de outra *guiza*, *quiça*, que se a não possa entender em pouco tempo» (O Inimigo de Francelhos, 1835, p. 1). Ao que prossegue: «E assim ficão mui anchos, cuidando ter dado um bom pucho no idioma luso. [...]» (Id. *ibid.*, p. 1).

«O Inimigo de Francelhos», antes de encerrar a epístola, orienta o que os jovens devem ler, caso pretendam realizar – o que ele define – uma «boa tradução»:

E antes de acabar recommendarei aos mancebos de bom gosto que folhêem com mão diurna e nocturna os nossos classicos antigos e modernos, se quizerem traduzir bem. Com tudo como á alguns não sobejará tempo para tanto, lembrar-lhes-hei que é mais expedito, e tambem mui proveitoso o comparar palavra por palavra os originaes francezes com as boas traducções portuguezas, como sejam as fabulas de Lafontaine, e Martires de Chateaubriand por Francisco Manoel, e Telemaco de Fenélon, e o Tartufo de Moliére pelo Capitão Manoel de Souza, a Merope de Voltaire pelo Snr. Odorico, e a Athalia de Racine por Candido Luzitano: são obras todas de mão de mestre primorosamente trasladadas na verdadeira lingua de Camões, e nellas verão os curiosos a differença de termos, frases, e estilo, que requer a indole de uma e outra lingua (O Inimigo de Francelhos, 1835, p. 4).

A advertência parece ter mantido influência durante uma década, porque em 1845 alguns jovens aspirantes a intelectuais, junto a outros cidadãos experientes, lançam o *Jornal de Instrução e Recreio*, publicado pela «Associação Litteraria Maranhense». Todos os números do periódico trazem peças originais e muitas traduções<sup>425</sup>. A gazeta foi lançada a 15 de Fevereiro de 1845<sup>426</sup> e, na primeira página, segue esta nota explicativa:

NÃO foi certamente incessante desejo de vangloria, que nos obrigou a publicar um Jornal: o estado de inercia a que tem chegado a nossa Litteratura, o desanimo geral nas artes e sciencias, nos incitarão esta publicação, quando em uma reunião de amigos rolava a conversa sobre differentes assumptos de Litteratura, e o rapido desenvolvimento, que de trinta annos a esta parte tem tido as artes e sciencias nos paizes civilisados. Desculpai, Maranhenses, o arrojo da nossa empresa, relevai mesmo as faltas, que involuntarios commetter-mos, e acceitai como um brado a favor das letras, a apparieão do nosso==JORNAL DE INSTRUCCÃO E RECREIO==Procuraremos fazer o possivel, para que, se não desenvolva entre vós, o desgosto de ter concorrido para este Jornal.

VALE.

<sup>425</sup> Algumas não vêm acompanhadas do nome do autor da versão original; outras não trazem o nome do tradutor. Procurei citar neste espaço as traduções mais significativas.

<sup>426</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1º, n. 16, 1º trimestre, 15 de Fevereiro de 1845, p. 1).

O bimensário encerrou com o n. 24, 4º Trimestre, 1º Vol., Maranhão, 20 de Janeiro de 1846. Em seguida, a mesma Associação lança *O Archivo: jornal scientifico e litterario* (1846)<sup>427</sup>. Nele, há diversas traduções – assinadas, não-assinadas ou com abreviações, que, ainda assim, dificultam a identificação do autor. O periódico propunha oferecer «instrução e recreio». O primeiro número veio a lume a 28 de Fevereiro de 1846. As seções «Litteratura» e «Sciencias» traziam textos originais e traduções de prosas de ficção e de não ficção e poesias.

Nos anos de 1863 e 1864, foi impressa uma coletânea de obras originais e traduzidas – a «Bibliotheca Litteraria». Não identifiquei o(s) organizador(res) da coleção, mas presumo que toda ela tenha sido impressa na oficina de Belarmino de Mattos, porque duas – *O dia de um sujeito que não tem tempo* e *Uma lagrima do diabo (Mysterio)* –, únicas que consegui localizar, trazem o nome da tipografia desse maranhense. Ademais, a «Bibliotheca Litteraria» aparece em anúncios de venda na «Typ. do Progresso», de Belarmino. Divulgações dos volumes foram encontrados em periódicos de outras províncias brasileiras.

A compilação foi divulgada nos jornais locais *A Coalição* e no *Publicador Maranhense*. No Ceará, foram estampados alguns avisos de venda do florilégio maranhense, dos quais apresento o do *Pedro II* (anno XXIII, n. 92, Fortaleza, 25 de Abril de 1863, p. 4):

#### **Bibliotheca Litteraria**

Acha-se à venda por 1\$rs. o 1.º numero desta util e agradável publicação.

Consta de dous bellissimos romances = A ALMA TRANSMITTIDA por Mery—NIVIDA (sic), por Pier—Angelo—Fiorentino— e de poesias mui raras de Antonio Carlos e Evaristo da Veiga.

Recebem-se assignaturas para a BIBLIOTHECA LITTERARIA na livraria de J. J. de Oliveira.

Quase dois meses depois, o *Pedro II* (anno XXIII, n. 138, Fortaleza, 20 de Junho de 1863, p. 4) publica este outro que anuncia a venda do terceiro número da publicação:

#### **BIBLIOTHECA LITTERARIA.**

[Publicação mensal.]

Acaba de chegar a livraria de J. J. de Oliveira o n. 3 desta interessante publicação, contendo *Uma Lagrima do Diabo*. [Mysterio] por Theofilo Gautier—*O dia de um sujeito que não tem tempo* — por Paulo de Kock—*Lord, Palmerston* — biographia anedoctica e conscienciosa, traduzido do francez por G. [Maranhense] — *Um dia de partida* comedia em um acto : traduzida do francez por R. — *O Rio de Janeiro* — visto á noite do cume do Corcovado, por A. Magarinos Cervantes. Traduzido do hespanhol por X — Y — Poesias diversas.

<sup>427</sup> Para análise deste periódico, cotejei as listas levantadas por Antonia Pereira de Souza, em *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista*, 2017; e com os da dissertação de Camyle de Araújo Silva, *Transferências culturais via tradução nas revistas O Archivo (1846) e Revista Americana (1847-1848)*, 2016.

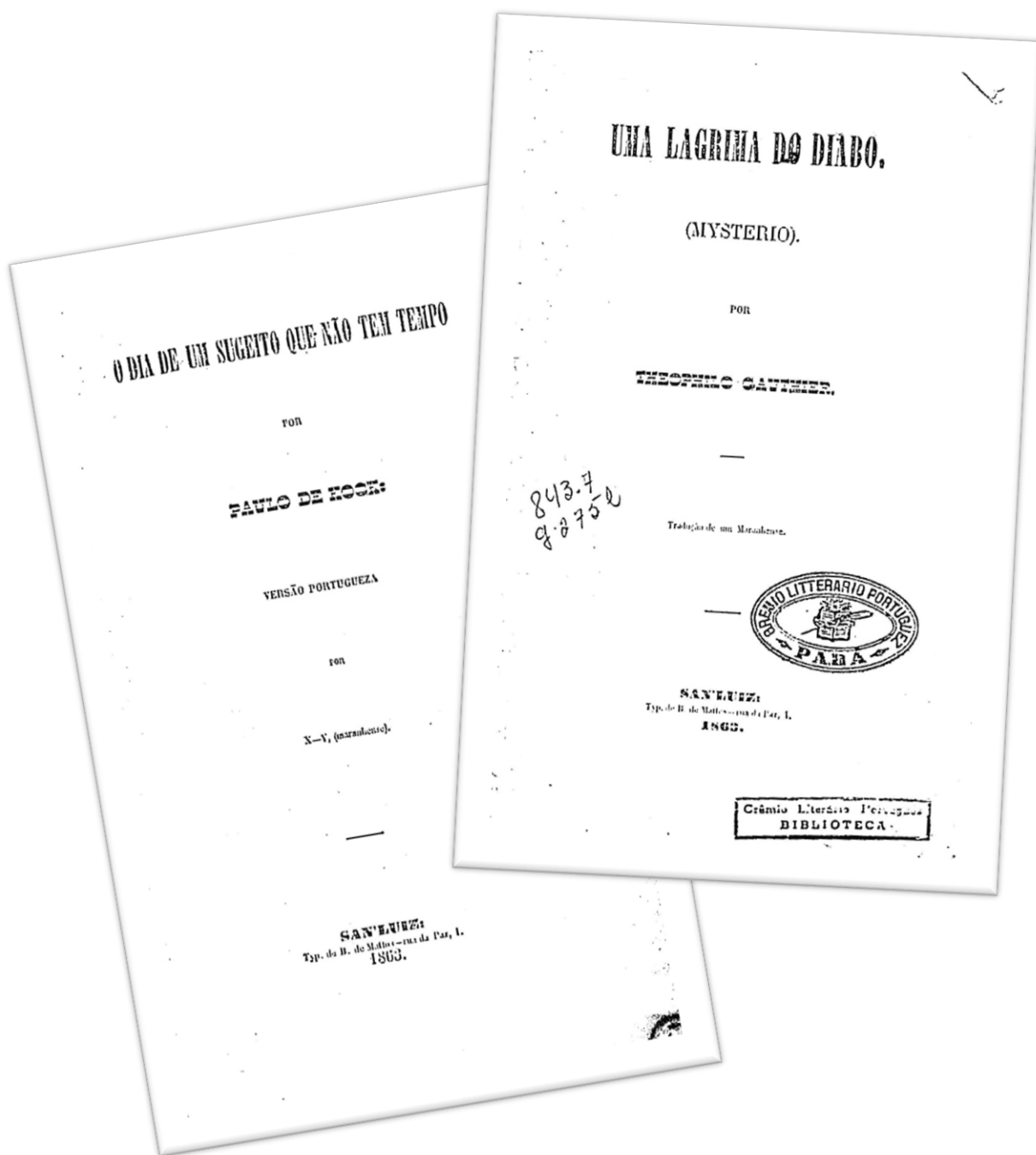
O 1.º n. contém — *A alma transmitida* — [Legenda italiana] por Mery — *Nisida* — por Pier — Angelo Fiorentino e diversas poesias

O 2.º n. contém a mimosa lenda de Victor Hugo — *O Bello-Pécopin e a Bella Bauldour* — O conto original brasileiro — *Julieta*. — e algumas poesias ineditas.

O 4.º n. já se acha no prelo e conterá os seguintes romances — *Aliolina* — por Leon Gozlan — *A Vingança dos mortos* — conto por C. Vignon — *O Barbaro Ab-El-Kader* — por Mery, e a interessante biographia de *Lord Derby*. Esse celebre estadista inglez, voz poderosa, que a favor do Brazil, acaba de ter na camara alta, á proposito da questão Ghristie.

Os Srs. assignantes mandem buscar o 3.º cheto do corrente mez, e continua-se a receber novas assignaturas para esta baratissima e interessante publicação a 1Uooo (sic) rs. o folheto, pagos no acto da entrega.

FIGURAS 53 e 54: Frontispícios de duas obras integrantes da «Bibliotheca Litteraria».



Ao receber o sexto número da «Bibliotheca Litteraria», o *Diario do Rio de Janeiro*, anno XLIII, n. 354, Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1863, p. 1, faz uma rápida descrição das obras que compõem o volume e finaliza de forma favorável à Coleção: «Em resumo, a Bibliotheca Litteraria, vai em caminho e progresso e merece atenção de quantos presam as letras patrias.»

O último título da coleção, pelo que apurei, foi divulgado no *Publicador Maranhense* (anno XXIII, n. 93, S. Luiz, 25 de Abril de 1864, p. 2):

**Publicação litteraria.** — Sahu á luz o 7º caderno da *Bibliotheca Litteraria*, contendo o 1.º volume do romance — *O Corcunda* — por Paulo Feval. O nome do author e o tam conhecido e applaudido romance bastariam para recommendar essa publicação, porém accresce que é summamente barata. Na verdade 6 volumes por 4\$000 reis, é tam modica quantia, que ninguem deixará por certo d'enriquecer sua livraria com uma das melhores produções n'este genero.

A seguir, as traduções cujas autorias não foram identificadas. O QUADRO 15, que apresenta cinco obras pertencentes à «Bibliotheca Litteraria», é o que traz alguma pista. Os primeiros títulos a aparecer, nos dois primeiros quadros, com datas de 1845 e de 1846, referem-se aos que foram impressos nos dois periódicos pertencentes à «Associação Litteraria do Maranhão». Na relação constam, ainda, traduções encomendadas por três periódicos — *Publicador Maranhense*, *O Paiz* e *Diario do Maranhão*.

QUADRO 15: Traduções que contêm sinal ou vestígio do tradutor

Título	Autor	Pista/Trad.	Local	Tipografia	Ano	Idioma original	G 428
1. <i>A última conversação</i> <sup>429</sup>	Henri Berthoud	A. R.	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pf
2. <i>Os quatro Henriques</i> <sup>430</sup>	Frédéric Soulié	A. R.	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês	Pf
3. <i>Heidelberg</i>	Louis Spach	V. S. <sup>431</sup>	Maranhão	Typographia Maranhense	1845	Francês?	Pn
4. <i>Um trecho da historia do Consulado e do Imperio</i> <sup>432</sup>	Adolphe Thiers	***	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pn

<sup>428</sup> Adotei as mesmas definições aplicadas ao QUADRO 8, do Capítulo 5.

<sup>429</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 2º trimestre, n. 8, Maranhão, 1º de Junho de 1845, pp. 57-58).

<sup>430</sup> *Jornal de Instrução e Recreio* (Vol. 1.º, 1º trimestre, n. 6, Maranhão, 1º de Maio de 1845, pp. 45-47).

<sup>431</sup> É provável que tenha sido efetuada por L. A. Vieira da Silva, que traduziu temas idênticos e que, pouco tempo depois, ingressou na Universidade de Heidelberg.

<sup>432</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 1, Maranhão, 28 de Fevereiro de 1846, p. 6). Extraído de: Thiers, L. A. (1845). Livre Douzième. Concordat. In L. A. Thiers, *Histoire du Consulat et de l'Empire* (Tome 3, pp. 206-207). Paris: Paulin.

5. <i>A Breschelle</i> <sup>433</sup>	Marie Aycard	A. C.	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf
6. <i>Odessa</i> <sup>434</sup>	A. Vayssière	***	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf
7. <i>O lago da fada</i> <sup>435</sup>	Anônimo	R. C.	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf
8. <i>O papel que fez a Grecia no desenvolvimento da humanidade</i> <sup>436</sup>	T. Jouffroy	A. C.	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf
9. <i>Costumes corsegos</i> <sup>437</sup>	Anônimo	***	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pf
10. <i>O corsario portuguez</i>	G. Duprat	***	Maranhão	Typographia Maranhense?	1847	Francês	Pf
11. <i>Hervé</i> <sup>438</sup>	Daniel Stern [Marie d'Agoult]	A*****	Caxias	Typographia Imparcial de J. da S. Leite	1849	Francês	Pf
12. <i>Os estrumes. considerados como adubos</i> <sup>439</sup>	J. Girardin	****	Maranhão	Typographia Maranhense	1851	Francês	Pn
13. <i>Linda de Chamounix: melodrama em três actos</i> <sup>440</sup>	Gaetano Donizetti	Traductor do Barbeiro	Maranhão	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
14. <i>Uma lagrima do Diabo (Mysterio)</i> <sup>441</sup>	Théophile Gautier	Um Maranhense	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf

<sup>433</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 5, Maranhão, 31 de Julho de 1846, pp. 98-101). Reproduzido de: Aycard, M. La Breschelle. *La Bibliothèque des Feuilletons recueil de romans, nouvelles et feuilletons*, tome 11, n. 32, Aout 1845, pp. 238-242.

<sup>434</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 5, Maranhão, 31 de Julho de 1846, pp. 104-105). Do original: Vayssière, A. (1837, Outubro). *Odessa*. *Magasin Universel*, 5(1), 105-107.

<sup>435</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 5, Maranhão, 31 de Julho de 1846, pp. 105-108). Capítulo encontrado em: Audibert, L. F. H. (1839). *Le lac de la fée. Légende irlandaise. Mélanges de littérature et d'histoire*. Paris : Édouard Proux et C<sup>e</sup>, pp. 205-214.

<sup>436</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 6, Maranhão, 31 de Agosto de 1846, pp. 111-114). Do original: Jouffroy, T. (1834). *Du rôle de la Grèce dans le développement de l'humanité*. In T. Jouffroy, *Mélanges philosophiques* (pp. 69-78). Bruxelles: H. Dumont.

<sup>437</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 8, Maranhão, 31 de Outubro de 1846, p. 166-168; Vol. 1.º, n. 9, Maranhão, 30 de Novembro de 1846, pp. 185-186). Original: *Mœurs corses*. *Magasin Universel*, Vol. 6, n. 1, Octobre 1838, p. 244, 252-253.

<sup>438</sup> Iniciada no *Jornal Caxiense* (anno III, n. 61, Caxias, 4 de Agosto de 1849, pp. 1-3).

<sup>439</sup> *O Progresso* (anno V, n. 10, Maranhão, 4 de Fevereiro de 1851, pp. 1-2). Segue nos números 12, 16, 19, 21, 26, 29, 30, 34, 37, 39, 40, 42, 44.

<sup>440</sup> Encenada no Theatro S. Luiz, Meireles (1955, p. 84) atribui ao médico maranhense a tradução do melodrama italiano. Tancredo de Barros Paiva (1929, p. 146) registra, com dúvidas, que António Rego traduzira a peça, assinada «pelo traductor do Barbeiro». Creio que o cognome foi adotado em alusão ao livreto da ópera cómica *O barbeiro de Sevilha*, de autoria de Gioachino Rossini, encontrado à venda em anúncios do jornal *A Imprensa*, em 1857. Jansen (1974, p. 83) diz que «Circulou uma tradução vernácula da ópera «Linda de Chamounix» que consta ter sido a tradução de autoria de A. Rego, impressa em São Luís.» *Linda de Chamounix : melodrama em 3 actos* foi impressa na Typ. de Pedro António Borges, Lisboa, 1845, para se representar no «Real Theatro de S. Carlos»

Nesse período, foram apresentadas, ainda: *Gemma de Vergy* e *Maria Padella*, de Donizette; *Il bravo de Veneza*, de Mercadante; *Trovador* e *Nabucodonosor*, de Verdi. Não posso afirmar se foram também impressas.

<sup>441</sup> Publicado no terceiro número da «Bibliotheca Litteraria».

15. <i>O dia de um sugeito que não tem tempo</i> <sup>442</sup>	Paul de Kock	X-Y. (maranhense)	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
16. <i>Lord Palmerston. Biographia anedoctica e conscienciosa</i> <sup>443</sup>	?	G. (maranhense)	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	?	Pn
17. <i>Um dia de partida. Comedia em um acto</i> <sup>444</sup>	Allard	R.	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	T
18. <i>O Rio de Janeiro visto á noite do cume do Corcovado</i> <sup>445</sup>	Alejandro Magariños Cervantes	X-Y. (maranhense)	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Espanhol	Pf
19. <i>O livro do povo</i> <sup>446</sup>	I. J. Roquette, Royaumont e Brispot; Benjamin Franklin; Laurent de Jussieu	A. Marques Rodrigues (org.)	San'Luiz	Typ. do Frias	1863	Francês Inglês?	Pn
20. <i>Thiago Lackington (1746-1815)</i> <sup>447</sup>	James Lackington	M. R.	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	Inglês	Pn
21. <i>Vida de Henrique Stilling. 1740-1817</i> <sup>448</sup>	Johann Heinrich Jung-Stilling	M. R.	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	Alemão?	Pn
22. <i>Cidades comerciais e industriais</i> <sup>449</sup>	?	M. R.	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867-1868	Inglês?	Pn
23. <i>Prelecção popular</i> <sup>450</sup>	?	R. C.	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	?	Pn
24. <i>O principe cão d'agua</i> <sup>451</sup>	Édouard de Laboulaye	R.A.F.F.	S. Luiz do Maranhão	Typ. de B. de Mattos	1870	Francês	Pf

<sup>442</sup> Idem nota anterior.

<sup>443</sup> Idem.

<sup>444</sup> Idem.

<sup>445</sup> Idem.

<sup>446</sup> Constituído por trechos de pelo menos três traduções: «Vida de Nosso Senhor Jesus-Christo» (pp. 11-134), inspirada em I. J. Roquette, padre Royaumont e abade Brispot; «O bom homem Ricardo» (pp. 156-167), de Benjamin Franklin; e «Simão de Nantua» (pp. 218-229), de Laurent de Jussieu. Não está claro, porém, se Marques Rodrigues é o tradutor e se ele tinha autorização para publicação.

<sup>447</sup> *Semanario Maranhense* (anno I, n. 4, San'Luiz, 22 de Setembro de 1867, pp. 4-5; anno I, n. 5, San'Luiz, 29 de Setembro de 1867, pp. 4-5; anno I, n. 6, San'Luiz, 6 de Outubro de 1867, pp. 4-5). Há inconsistência no título traduzido, levando-se em conta o trabalho original, a autobiografia *The Life of James Lackington, Bookseller, 1746-1815*.

<sup>448</sup> *Semanario Maranhense* (anno I, n. 11, San'Luiz, 10 de Novembro de 1867, p. 4-7; anno I, n. 13, San'Luiz, 24 de Novembro de 1867, pp. 3-5).

<sup>449</sup> *Semanario Maranhense* (anno I, n. 16, San'Luiz, 15 de Dezembro de 1867, pp. 4-7; anno I, n. 13, San'Luiz, 24 de Novembro de 1867, pp. 1-2; anno I, n. 18, San'Luiz, 29 de Dezembro de 1867, pp. 1-2; anno I, n. 19, San'Luiz, 5 de Janeiro de 1868, pp. 1-3).

<sup>450</sup> *Semanario Maranhense* (anno I, n. 2, San'Luiz, 8 de Setembro de 1867, pp. 2-3; anno I, n. 3, San'Luiz, 15 de Setembro de 1867, pp. 3-4; anno I, n. 6, San'Luiz, 6 de Outubro de 1867, pp. 1-3; anno I, n. 7, San'Luiz, 13 de Setembro de 1867, pp. 4-5).

<sup>451</sup> Paiva (1929, p. 129) sugere que a tradução tenha sido efetuada por Raimundo A. Filgueiras Filho. Busquei, sem sorte, notícias a respeito dele. Curioso é que o nome do dirigente da tipografia em que a obra foi impressa – Raimundo Abílio Ferreira Franco, irmão de Belarmino de Mattos – assinava, na Loj.:. Cap.: Estrella do Oriente, com as iniciais R.A.F.F. Minhas suspeitas são de que ele tenha assumido a autoria. Raimundo Abílio era advogado, político, jornalista e faleceu em São Luís, a 30 de Março de 1892.

25. <i>O sr. Cagnard</i> <sup>452</sup>	Alfred de Musset	Augusto Gabriel	Maranhão	Typ. do Paiz	1872	Francês	Pf
26. <i>O quadro da igreja</i> <sup>453</sup>	Alfred de Musset	Augusto Gabriel	Maranhão	Typ. do Paiz	1872	Francês	Pf
27. <i>Resumo historico da vida de Napoleão Bonaparte</i> <sup>454</sup>	Emmanuel de Las Cases	*	Maranhão	Typ. do Frias	1873	Francês	Pn
28. <i>Pedro e Camilla</i> <sup>455</sup>	Alfred de Musset	Augusto Gabriel	Maranhão	Typ. do Paiz	1873	Francês	Pf
29. <i>Quadros do somno</i> <sup>456</sup>	?	Amélia Desprez.	Maranhão	Typ. do Paiz	1873	?	Pf
30. <i>Por um diamante</i> <sup>457</sup>	Alphonse Karr	J. B.	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Francês	Pf
31. <i>O dia 25 de Julho</i> <sup>458</sup>	?	D. S.	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Francês	Pf
32. <i>Os bandidos de Andaluzia</i> <sup>459</sup>	?	D. S.	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Francês	Pf
33. <i>A mosca</i> <sup>460</sup>	Alfred de Musset	Augusto Gabriel	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Francês	Pf

<sup>452</sup> *O Domingo* (anno I, n. 38, Maranhão, 27 de Outubro de 1872, pp. 153-154; anno I, n. 39, 3 de Novembro de 1872, pp. 156-157 [157-158]). Sobre o tradutor, que julgo tratar-se de um pseudônimo, Artur Azevedo (1874, pp. 17-18), em sua narrativa «Falta justificada», seção FOLHETIM DO RODA-PÉ, diz que um jovem bateu à sua porta:

Era o Sr. Augusto Gabriel, traductor de novellas de seis capítulos e que de certo tempo para cá tem botado as manguinhas de fora, de modo que já não sahe *Domingo* que não traga no fim de duas ou tres massantes columnas a assignatura do tal senhor.

[...]. O amigo Augusto Gabriel, typo correspondente ao personagem do mesmo nome creado por Julio Diniz [...].

<sup>453</sup> *O Domingo* (anno I, n. 43, S. Luiz, 1º de Dezembro de 1872, pp. 173-174; anno I, n. 44, Maranhão, 8 de Dezembro de 1872, pp. 177-178; anno I, n. 45, Maranhão, 15 de Dezembro de 1872, pp. 181-182; anno I, n. 46, Maranhão, 22 de Dezembro de 1872, p. 185).

<sup>454</sup> Extraído do Pantheon Popular e traduzido por \*.

<sup>455</sup> *O Domingo* (anno II, n. 6, Maranhão, 16 de Fevereiro de 1873, pp. 26-27; anno II, n. 7, Maranhão, 23 de Fevereiro de 1873, pp. 29-31; anno II, n. 8, Maranhão, 2 de Março de 1873, p. 36; anno II, n. 9, 9 de Março de 1873, pp. 38-39; anno II, n. 10, Maranhão, 23 de Março de 1873, pp. 42-43; n. 13, Maranhão, 13 de Abril de 1873, pp. 54-55? (falta este número); anno II, n. 14, Maranhão, 20 de Abril de 1873, pp. 58-59; anno II, n. 15, Maranhão, 27 de Abril de 1873, p. 63; anno II, n. 16, Maranhão, 4 de Maio de 1873, pp. 67-68; anno II, n. 17, Maranhão, 11 de Maio de 1873, p. 71; anno II, n. 18, Maranhão, anno II, 18 de Maio de 1873, p. 76; anno II, n. 19, Maranhão, 25 de Maio de 1873, pp. 78-79; anno II, n. 21, Maranhão, 8 de Junho de 1873, pp. 87-88; anno II, n. 22, Maranhão, 15 de Junho de 1873, p. 89; anno II, n. 23, Maranhão, 22 de Junho de 1873, p. 93; anno II, n. 24, Maranhão, 29 de Junho de 1873, pp. 97-98; anno II, n. 26, Maranhão, 13 de Julho de 1873, pp. 104-105).

<sup>456</sup> *O Domingo* (anno II, n. 11, Maranhão, 30 de Março de 1873, p. 46).

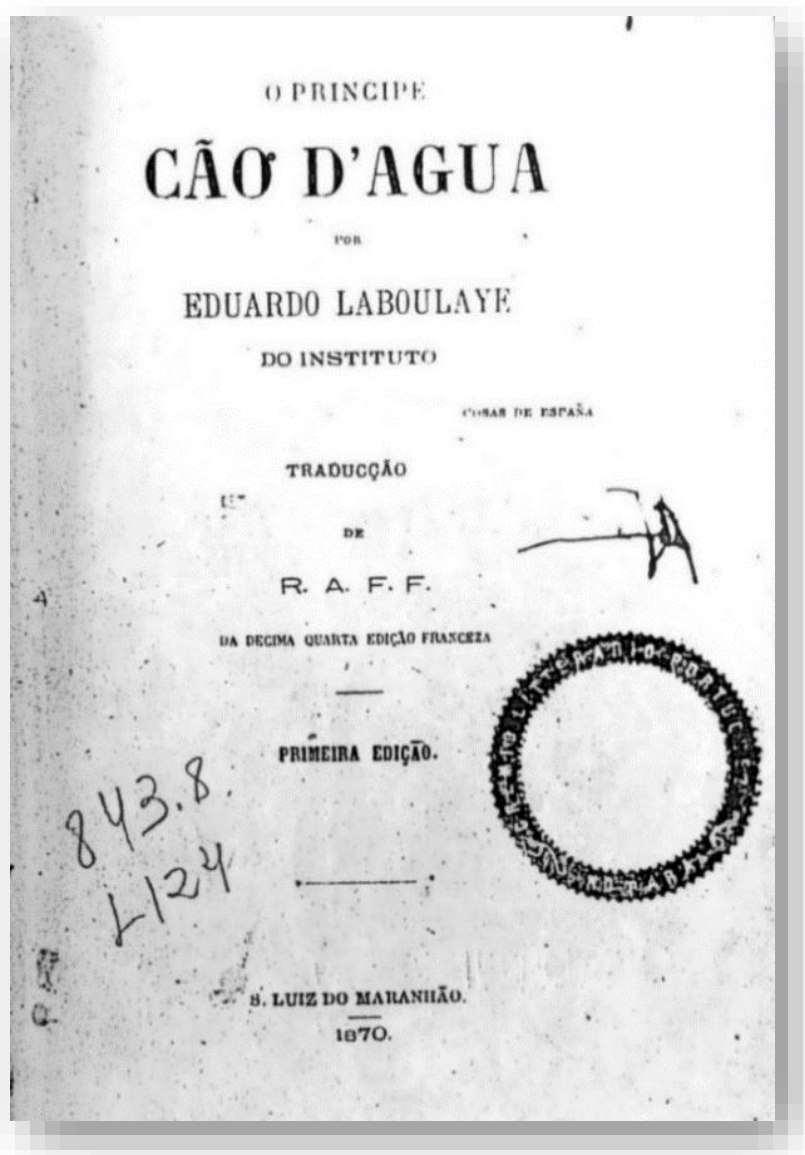
<sup>457</sup> *O Domingo* (anno II, n. 43, Maranhão, 9 de Novembro de 1873, pp. 178-179).

<sup>458</sup> *O Domingo* (anno II, n. 22, Maranhão, 15 de Junho de 1873, pp. 87-88); e (anno II, n. 23, Maranhão, 22 de Junho de 1873, pp. 91-92).

<sup>459</sup> *O Domingo* (anno II, n. 24, Maranhão, 29 de Junho de 1873, pp. 95-96; anno II, n. 25, Maranhão, 29 de Junho de 1873, pp. 99-101; anno II, n. 26, Maranhão, 13 de Julho de 1873, pp. 103-104; anno II, n. 28, Maranhão, 28 de Julho de 1873, pp. 15-116). Traz a informação continua, mas não encontrei o restante desta prosa de ficção.

<sup>460</sup> *O Domingo* (anno III, n. 5, S. Luiz, 1º de Fevereiro de 1874, pp. 18-19 (início do cap. IV, continuado do n. 4, em falta); anno III, n. 7 (continuado do n. 6, em falta), pp. 27-28).

34. <i>Romance de um gato branco</i> <sup>461</sup>	?	Augusto Gabriel	Maranhão	Typ. do Paiz	1874	Francês?	Pf
35. <i>O conde de Benavente: romance andaluz. (1774)</i> <sup>462</sup>	?	M. da C	Maranhão	Typographia de I. J. Ferreira	1874	?	Pf
36. <i>O desmoronar do imperio</i> <sup>463</sup>	Émile Gaboriau	M.	Maranhão	Typ. do Paiz	1886-1887	Francês	Pf

FIGURA 55: Folha de rosto de *O príncipe Cão d'Água*.

<sup>461</sup> Devido à falta de diversos números da gazeta, encontrei somente os últimos parágrafos da prosa de ficção, finalizada em *O Domingo* (ano III, n. 11, S. Luiz, 15 de Março de 1874, pp. 41-42).

<sup>462</sup> Impresso no *Jornal Maranhense* (ano I, n. 7, Maranhão, 30 de Julho de 1841, pp. 1-3; n. 8, Maranhão, 3 de Agosto de 1841, pp. 1-3; n. 9, Maranhão, 6 de Agosto de 1841, pp. 1-3). Suponho que a tradução tenha sido realizada por Gregório de Tavares Osório Maciel da Costa.

<sup>463</sup> Início: *O Paiz* (ano XXIV, n. 17, Maranhão, 25 de Janeiro de 1886, p. 1). Término: *O Paiz* (ano XXV, n. 81, Maranhão, 12 de Abril de 1887, p. 1).



QUADRO 16: Traduções sem qualquer vestígio de autoria da tradução

Título	Autor	Local	Tipografia	Ano	Idioma original	G
1. <i>Biographia. M. de Chateaubriand</i> <sup>464</sup>	Un Homme de Rien [Louis de Loménie]	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pn
2. <i>Biographia. M. Agostinho Thierry</i> <sup>465</sup>	Un Homme de Rien [Louis de Loménie]	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pn
3. <i>Russia. Ponchkiné—Lermentoff—Gogo</i> <sup>466</sup>	Anônimo	Maranhão	Typographia Maranhense	1846	Francês	Pn
4. <i>Os infortunios de um inglez</i> <sup>467</sup>	Paul de Kock	Maranhão	Typ. Maranhense	1847	Francês	Pf
5. <i>Nova grammatica francesa</i>	Noël e Chapsal	Maranhão	Typ. de J. A. G. de Magalhães	1849	Francês	Pn
6. <i>O conde de Monte-Christo</i> (Tomos 1-6) <sup>468</sup>	Alexandre Dumas	Maranhão	Typ. Constitucional?	1851	Francês	Pf
7. <i>Beatriz de Tenda</i> <sup>469</sup>	Vincenzo Bellini	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
8. <i>Norma</i>	Vincenzo Bellini	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
9. <i>Somnambula</i>	Vincenzo Bellini	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
10. <i>Elixir d'amor</i>	Gaetano Donizetti	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
11. <i>Lucia de Lammermoor</i>	Gaetano Donizetti	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
12. <i>O barbeiro de Sevilha</i>	Gioachino Rossini	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T
13. <i>Hernani</i>	Giuseppe Verdi	S. Luiz	Typ. do Progresso	1857	Italiano	T

<sup>464</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 8, Maranhão, 31 de Outubro de 1846, pp. 161-163). O periódico teve continuidade e a biografia não foi concluída, dificultando a identificação do autor da tradução. Cf. Un Homme de Rien (1840). M. de Chateaubriand. *Galerie des contemporains illustres* (2ª ed.). (Tome I). Paris: Au Bureau Central.

<sup>465</sup> *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 5, Maranhão, 31 de Julho de 1846, pp. 101-104; Vol. 1.º, n. 7, Maranhão, 30 de Setembro de 1846, pp. 147-148; Vol. 1.º, n. 9, Maranhão, 30 de Novembro de 1846, pp. 186-188). O periódico encerrou e a biografia não foi concluída, dificultando a identificação da tradução. Identifiquei nesta edição: Un Homme de Rien (1840). M. Agostinho Thierry. *Galerie des contemporains illustres* (2ª ed.). (Tome I). Paris: Au Bureau Central.

<sup>466</sup> Seção «Litteratura Contemporanea», *O Archivo* (Vol. 1.º, n. 5, Maranhão, 31 de Julho de 1846, pp. 89-91; Vol. 1.º, n. 6, Maranhão, 31 de Agosto de 1846, pp. 109-111). Extraído de: De la littérature russe contemporaine. Pouchkine. — Lermontoff. — Gogol. *L'Illustration, journal universel*, Vol. V, n. 125, 19 Juillet 1845, pp. 330-331.

<sup>467</sup> Iniciado em *O Progresso* (n. 156, Maranhão, 10 de Agosto de 1847, pp. 1-2); e concluído no n. 166, Maranhão, 24 de Agosto de 1847, p. 1, com a biografia do autor.

<sup>468</sup> O título consta nos *Annaes do Gabinete Portuguez de Leitura em Maranhão* (1859). Maranhão: Offecinas de J. M. C. de Frias, p. 8; e no *Catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão* (1867) (Edição especial). Maranhão: Typ. do Frias, p. 14.

<sup>469</sup> Nesse mesmo tempo, foram apresentadas ainda *Gemma de Vergy e Maria Padella*, de Donizette; *Il bravo de Venezia*, de Mercadante.

14. <i>Os Miseráveis</i> (Vols. 1-10) <sup>470</sup>	Victor Hugo	San'Luiz	Typ. do Progresso Typ. do Frias	1862	Francês	Pf
15. <i>A alma transmitida (Legenda italiana)</i> <sup>471</sup>	Joseph Méry	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
16. <i>Nisida</i> <sup>472</sup>	Pier-Angelo Fiorentino	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
17. <i>O bello Pécopin e a bella Bauldour</i> <sup>473</sup>	Victor Hugo	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
18. <i>Um acto de desespero (conto historico)</i> <sup>474</sup>	Joseph Méry	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
19. <i>Ariolina</i> <sup>475</sup>	Léon Gozlan	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
20. <i>Os infortunios de um inglez, critica chistosa</i> <sup>476</sup>	Paul de Kock	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
21. <i>A vingança dos mortos: conto</i> <sup>477</sup>	C. Vignon	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
22. <i>O barbaro Abd-el-Kader</i> <sup>478</sup>	Joseph Méry	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
23. <i>Biographia de Lord Derby</i> <sup>479</sup>	?	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	?	Pn
24. <i>O leproso da cidade d'Aoeste</i> <sup>480</sup>	Xavier de Maistre	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
25. <i>Cinabro (Conto phantastico)</i> <sup>481</sup>	E. T. A. Hoffmann	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Alemão	Pf
26. <i>A condessa negra (Odysseas argelinas)</i> <sup>482</sup>	Benjamin Gastineau	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf
27. <i>Os tres presentes do diabo</i> <sup>483</sup>	Paul Parfait	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1863	Francês	Pf

<sup>470</sup> Impresso em cinco tomos, simultaneamente, na Typ. do Progresso (de Belarmino de Mattos) e na Typ. do Frias (de José Maria Corrêa de Frias).

<sup>471</sup> Publicado no primeiro número da «Bibliotheca Litteraria».

<sup>472</sup> Idem nota anterior. Acredito que seja a tradução feita por António Henriques Leal, imprensa em *O Archivo*, 1846. Ver nota 233, p. 154, desta tese.

<sup>473</sup> Publicado no segundo número da «Bibliotheca Litteraria».

<sup>474</sup> Idem nota anterior. Em Portugal, há uma tradução de Júlio de Magalhães, publicada no *Jornal do Domingo* (anno II, n. 46, Lisboa, 7 de Janeiro de 1873, pp. 365-366; n. 48, pp. 383-384; n. 49, pp. 391-392; n. 51, pp. 406-407).

<sup>475</sup> Publicado no quarto número da «Bibliotheca Litteraria».

<sup>476</sup> Idem nota anterior. Foi também publicado em folhetim, São Luís (1847), conforme nota 467, p. 212, desta investigação.

<sup>477</sup> Publicado no quarto número da «Bibliotheca Litteraria».

<sup>478</sup> Idem nota anterior.

<sup>479</sup> Idem.

<sup>480</sup> Publicado no quinto número da «Bibliotheca Litteraria».

<sup>481</sup> Idem nota anterior.

<sup>482</sup> Idem.

<sup>483</sup> Idem.

28. <i>O Corcunda</i> (Vols. I-VI) <sup>484</sup>	Paul Féval	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1864	Francês	Pf
29. <i>Historia de Gil Braz de Santilhana</i> <sup>485</sup>	Alain-René Lesage	San'Luiz	Typ. do Frias	1866	Francês	Pf
30. <i>Simão de Nantua ou o mercador de feiras</i> <sup>486</sup>	Laurent de Jussieu	San'Luiz do Maranhão	Typ. Commercial de Ramos d'Almeida & C. <sup>a</sup>	1867	Francês	Pf
31. <i>Os predecessores de Colombo</i> <sup>487</sup>	?	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	?	Pn
32. <i>Os nossos cabellos</i>	?	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	Francês?	Pn
33. <i>O homem que ri</i> (Vols. I-IV) <sup>488</sup>	Victor Hugo	San'Luiz	Typ. B. de Mattos	1869	Francês	Pf
34. <i>Os verdadeiros ricos</i> <sup>489</sup>	Timothée Trimm	San'Luiz	Typ. de B. de Mattos	1867	Francês	Pf
35. <i>O amor do vampiro</i> <sup>490</sup>	J. Gautier	S. Luiz	Typ. Imperial e Constitucional [de I. J. Ferreira]	1871	Francês	Pf
36. <i>A America actual</i> <sup>491</sup>	Émile Jonveaux	Maranhão	Typ. do Paiz	1878	Francês	Pn

<sup>484</sup> Integra o sétimo número da «Bibliotheca Litteraria». Há uma edição em folhetim iniciada no *Publicador Maranhense* (anno XVII, n. 177, Maranhão, 9 de Agosto de 1858, pp. 1-2); transcrita do *Mercantil*, conforme os redatores do jornal.

<sup>485</sup> Há dados da produção por José Maria Correa de Frias (1866, p. 29). Henriques Leal, no *Pantheon maranhense*, ao falar de António Marques Rodrigues, assegura que:

Além da edição da *História de Carlos XII* e de *Gil Braz de Santilhana*, que correram por sua conta, da tradução da *Vida de Horacio Nelson* por Forgues, que foram todas postas á venda por preços modicissimos, a fim de ter facil accesso na casa do pobre, publicou o seu *Livro do Povo*, destinado, como o titulo o indica, para a instrucção de todas as classes sociaes [...] (1875, p. 244).

Domingos de Castro Perdigão, antigo diretor da Biblioteca Pública do Estado, em *O que se deve lêr: vademecum bibliographico* (1922, p. 328), acrescenta: «Obra Prima – Traducção Maranhense». Já Mário Meireles (1955, p. 89), equivocadamente, dá crédito das traduções *Historia de Gil Braz de Santilhana*, *Historia de Carlos XII, rei da Suecia*, e *Vida de Horacio Nelson* a António Marques Rodrigues.

<sup>486</sup> Consta na relação de obras publicadas na oficina da capital maranhense durante o ano de 1867. In *Almanak do Povo* para 1868, 2º ano, Maranhão, Typ. do Frias, p. 248. Infiro que a obra tenha sido impressa na «Typographia Commercial de Ramos d'Almeida & C.<sup>a</sup>», em razão do teor da propaganda veiculada no *Publicador Maranhense* (anno XXVI, n. 287, S. Luiz, 16 de Dezembro de 1867, p. 3), cf. FIGURA 24, p. 89, desta tese. A tipografia pertencia ao negociante português António Pereira Ramos de Almeida. Há uma edição portuguesa, anterior à do Maranhão, impressa em Lisboa, na Typographia de José Baptista Morando, 1857.

<sup>487</sup> Impresso no *Semanario Maranhense* (anno I, n. 1, San'Luiz, 1º de Setembro de 1867, pp. 1-3).

<sup>488</sup> Filho de livreiro do Rio de Janeiro, Paiva (1929, p. 178), declara que a obra, impressa em quatro volumes, foi traduzida pelos maranhenses Gentil Braga, Henriques Leal e Joaquim da Costa Barradas. Localizei parte dela impressa em folhetim – início: *Publicador Maranhense* (anno XXVIII, n. 85, S. Luiz, 16 de Abril de 1869, p. 1). Continua nos números 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 99, 114 e 116.

<sup>489</sup> In *Semanario Maranhense* (anno I, n. 4, San'Luiz, 22 de Setembro de 1867, pp. 5-7).

<sup>490</sup> Começou a circular no *Publicador Maranhense* (anno XXX, n. 16, S. Luiz, 20 de Janeiro de 1871, p. 1). Traz a informação: «Traducção original para o Publicador Maranhense».

<sup>491</sup> Este título e o seguinte vêm acompanhados da informação: Traducção para o «Paiz». É precedida de uma introdução por E. Laboulaye. *O Paiz* (anno XVI, n. 81, Maranhão, 10 de Abril de 1878, p. 1; n. 82; n. 83, n. 84; n. 85; n. 86; n. 87; n. 89; n. 108 [A partir deste número, mudou-se o título para «A California e o caminho do Pacífico», seguido da nota: «Este artigo é a continuação do que foi interrompido, e veio publicado até o n. 89. Extraviou-se parte delle, mas, apezar dessa falta, continuamos-o deste ponto em que recebemos o resto da traducção.»]; n. 109; n. 110; n. 112; n. 113; n. 115; e n. 116, Maranhão, 23 de Maio de 1878, p. 1). O título

37. <i>A loucura e as lesões do cérebro</i> <sup>492</sup>	Paul Janet	Maranhão	Typ. do Paiz	1878	Francês	Pn
38. <i>O pensamento</i> <sup>493</sup>	Paul Janet	Maranhão	Typ. do Paiz	1878	Francês	Pn
39. <i>Plantas intertropicaes</i> <sup>494</sup>	?	Maranhão	Typ. do Paiz	1880	?	Pn
40. <i>Fetichismo politico</i> <sup>495</sup>	Herbert Spenser	Maranhão	Typ. do Paiz	1880	Inglês	Pn
41. <i>Introdução á sciencia social</i> <sup>496</sup>	Herbert Spenser	Maranhão	Typ. do Paiz	1880	Inglês	Pn
42. <i>Grant e Bismarck</i> <sup>497</sup>	John Russel Young	Maranhão	Typ. do Paiz	1880	Francês	Pn
43. <i>Henriqueta</i> <sup>498</sup>	François Coppée	Maranhão	Typ. a vapor de Frias filho & C <sup>a</sup>	1894	Francês	Pf

### 6.1 Os tradutores incógnitos também se inclinam à literatura francesa

Assim como expus no capítulo anterior, títulos produzidos na França dominaram o campo de obras traduzidas sem referência à autoria ou com baixo potencial de identificação. Uma peculiaridade é que não apenas jornais da antiga *Cidade dos Azulejos* estamparam traduções. Pelo menos um jornal do interior da Província trouxe em suas páginas títulos vertidos de autores estrangeiros. O QUADRO 15, n. 11, traz a obra *Hervé*, de Marie d'Agoult.

É relevante frisar que muitas traduções publicadas em periódicos do Maranhão – capital e interior – ficaram de fora dos quadros 15 e 16. A ausência se deve à falta de vestígios que apontem a autoria. Muitas podem ter sido apenas transcritas de jornais e revistas de outras províncias e até de Portugal. Exponho a análise dos quadros:

---

divide espaço com outra tradução: *A velhice do Senhor Lecoq*, por F. du Boisgobey (início em *O Paiz*, anno XVI, n. 102, Maranhão, 7 de Maio de 1878, p. 1, sem identificação do tradutor).

<sup>492</sup> Tradução para *O Paiz* (feita por um residente do Pará). Início em *O Paiz* (anno XVI, n. 161, Maranhão, 19 de Julho de 1878, p. 1); continua nos n. 163, n. 166 e n. 167.

<sup>493</sup> Idem. Início em *O Paiz* (anno XVI, n. 256, Maranhão, 12 de Novembro de 1878, p. 1); segue nos n. 257 e n. 258. Tirado do livro *Le cerveau et la pensée*.

<sup>494</sup> Tradução para *O Paiz*. Início em *O Paiz* (anno XVIII, n. 74, Maranhão, 1º de Abril de 1880, pp. 1-2); continua nos n. 75, n. 77, n. 83, n. 84, n. 86, n. 90, n. 97, n. 98, n. 99, n. 100.

<sup>495</sup> Tradução para *O Paiz* (anno XVIII, n. 126, Maranhão, 3 de Junho de 1880, p. 1-2).

<sup>496</sup> Tradução para *O Paiz*. Início em *O Paiz* (anno XVIII, n. 189, Maranhão, 19 de Agosto de 1880, p. 1); continua nos n. 190, n. 192, n. 195, n. 196, n. 197, n. 198, n. 199, n. 200.

<sup>497</sup> Tradução para *O Paiz* (anno XVIII, n. 200, Maranhão, 1º de Setembro de 1880, p. 1-2). Extraído do *Figaro*.

<sup>498</sup> Tradução livre para o *Diario do Maranhão*. Início: *Diario do Maranhão* (anno XXV, n. 6113, Maranhão, 23 de Janeiro de 1894, p. 1).

QUADRO 17: Traduções classificadas por idioma

Francês	Espanhol	Alemão	Inglês	Italiano	Múltiplos idiomas	Idioma original não identificada	Total
54	1	2	4	8	1	9	79

As traduções de autoria não identificada totalizam 79 títulos. Dessas, 54 foram vertidos de originais franceses. O número corresponde a 69,23% dos trabalhos. Se considerarmos uma das traduções, composta por múltiplos idiomas (francês e inglês), o percentual passa para 70%. Em sentido oposto, apenas uma foi realizada a partir do espanhol, o que representa 1,28%.

QUADRO 18: Traduções por década (composta, impressa, encenada)

1840	1850	1860	1870	1880	1890	Total
16	10	31	16	5	1	79

QUADRO 19: Traduções por gênero

Prosa de ficção	Prosa de não-ficção	Teatro	Total
46	24	9	79

Evidencia-se daí que a década de 1860 foi a mais prolífica na produção de obras traduzidas sem identificação do tradutor – época em que os tipógrafos Belarmino de Mattos e Frias conquistaram expressivo espaço editorial, quando puseram em circulação diversos impressos.

A prosa de ficção, especialmente francesa, foi o gênero preferido dos tradutores ignotos e, claro, de uma massa de leitores que apreciavam esta modalidade narrativa, que surge, prolifera e se consolida com a reprodução massiva e a ampla circulação. É também durante a segunda metade do século XIX, que se nota a profusão de folhetins publicados em periódicos e que assinala a consolidação, local, de um gênero que nascera na França e obtivera enorme repercussão nos jornais brasileiros e maranhenses, fidelizando um público ávido por aventuras e romances.

O trabalho de tradução, anônimo ou não, respondia a expectativas de um campo de disseminação de informações que crescia e se agigantava, alimentando públicos com histórias e informações de diversos tipos. E as obras traduzidas por intelectuais maranhenses tiveram papel fundamental na construção de um novo ethos, que aproximava os leitores dos «sabores», perspectivas, inquietações e valores de outros povos.

Dos 79 títulos listados neste capítulo, cujas autorias das traduções são incógnitas, uma mereceu bastante atenção, por sua singularidade. Trata-se da edição de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, apresentado no tópico seguinte, em que busquei esclarecer um episódio editorial internacional que envolve uma grande obra da literatura universal.

Lanço luzes sobre a praça editorial de São Luís, com uma avaliação pontual – cotejadora – de como se comportou a atividade tradutora, e mostro que houve resistência às obras de Victor Hugo, principalmente de alguns representantes da fé católica, porque elas expunham, de um só golpe, feridas sociais e a mentalidade utilitarista – que em tudo nega a condição humana – de uma sociedade desigual.

## 6.2 Hugolatria luso-brasileira: traduções de *Os Miseráveis* em terras d'Aquém e d'Além-mar

### 6.2.1 *Os Miseráveis*, um romance «colossal»...

Ao longo da história, os livros provocaram grandes transformações no mundo. Eles trouxeram tristeza e alegria, conflito e paz, inspiraram debates, mudaram nossa maneira de compreender e observar as pessoas e o entorno. Os livros são – enxergo-os assim – janelas que dão para o mundo: umas abertas, aquelas escancaradas, outras nem tanto. Todas, porém, singularmente representativas da diversidade de mentalidades que fazem a riqueza da espécie humana, assim como a sua limitação. Livros são os mais eloquentes testemunhos de exercício de inteligência, qualquer que seja o critério com que se meça a capacidade de discernimento de quem os elabora.

A propósito, vem à memória a afirmação de Umberto Eco: «vivemos para os livros», em clara manifestação de que a vida, significativamente vivida, é uma complexa relação gnosiológica e afetiva com-e-para os compêndios, justo porque executamos, todos ou quase todos os dias, troca de juízos, de percepções, de avaliações, de pontos de vista com essa matéria. Os bibliômanos sabem, porém, que há livros e... *há livros!* A frase, aparentemente oca em sua intenção esclarecedora, traz um sutil – e profundo – divisor de águas. Assim como há distinções entre os homens e, em especial, entre os homens de saber, há entre os livros diferenças às vezes tão gigantescas que mal se pode dimensionar as distâncias que os separam.

Existem livros que nos revelam verdades fundamentais, e nos fazem crentes, e às vezes cativos, da certeza da supremacia da atividade racional; existem livros que alimentam a fé nos

desígnios divinos de modo mais intenso e definitivo que o sacerdote penitente e acalorado dos sermões dominicais; há livros cuja pretensão é ajudar-nos a viver um pouco melhor, a inspirar confiança em corações abalados na dura caminhada da existência. Mas há também livros especiais que aproximam os homens, muitas vezes separados por centenas de quilômetros ou por bilhões de litros de água, porque transbordantes de sensibilidade e paixão, e tocam o coração humano de modo tão especial que uma geração inteira parece se render a seus encantos. E é sobre um desses singulares espécimens da vida editorial de que me ocupo aqui: trata-se do romance *Os Miseráveis*, obra-prima de Victor Hugo.

FIGURA 57: O escritor e político Victor Hugo.



Fonte: <https://www.infoescola.com/biografias/victor-hugo/>

Não resta dúvida de que Victor Hugo foi o romancista francês mais festejado de sua geração, e um dos maiores expoentes da literatura europeia. Seus escritos lhe permitiram gozar de respeito e de admiração que ultrapassaram os limites de sua vida terrena. E seu icônico trabalho *Les Misérables*, publicado em 1862, é considerado um dos maiores romances do século XIX, não apenas por suas mais de 2.000 páginas, mas por, entre outras coisas, traçar um painel histórico da França de meados do oitocentos, com sua insegurança política, mazelas sociais, suas crenças burguesas e a luta pela vida em meio quase desumano.

Na corpulenta obra, dividida em dez volumes, o autor narra as peripécias encetadas por Jean Valjean. Publicado quando Victor Hugo encontrava-se exilado em Guernsey, o romance abrange um intervalo aproximado de três décadas, iniciado em 1815, ano da queda de Napoleão Bonaparte em Waterloo. Com maestria, o romancista mistura ficção e realidade, «percorrendo» diferentes temas, como história, filosofia, religião, justiça, miséria, família e amor.

Diversos autores, como Pinheiro Chagas, A. F. de Castilho, Auguste Vacquerie e Eugène de Mirécourt, teceram elogios a *Os Miseráveis*. Paul Voituron, por exemplo, assim se manifestou: «Esta epopéia da nossa epocha será, de certo, collocada ao lado de todos os monumentos litterarios dos tempos antigos, que mereceram a admiração dos povos civilizados» (Voituron, 1863, p. 179).

No que se refere a meandros das conversações sobre as edições desta obra, é relevante mencionar *Victor Hugo publie Les Misérables: correspondance avec Albert Lacroix, août 1861-juillet 1862*, produto do esforço de Bernard Leuilliot, que transcreveu e publicou as correspondências entre o autor de *Os Miseráveis* e o ousado editor belga Albert Lacroix<sup>499</sup>. As cartas elucidam o conjunto de episódios dos bastidores da negociação de publicação, desde os primeiros contatos, o contrato e o(s) respectivo(s) lançamento(s).

Por parte de Albert Lacroix, foi tanto entusiasmo que o proprietário da casa editorial «A. Lacroix, Verboeckhoven & C<sup>e</sup> Éditeurs», estabelecida em Bruxelas, teceu elevados elogios ao romance: «Je ne connais rien d'égal comme puissance, comme drame, comme hauteur, comme pensée à la première partie des *Misérables*. C'est une œuvre complète, parfaite, unique. Ce sera, à mon sens, un succès de fièvre et d'enthousiasme» (Leuilliot, 1970, p. 161).

O romance foi lançado em diversas cidades quase ao mesmo tempo, no ano de 1862: Paris, Bruxelas, Leipzig, Londres, Milão, Madrid, Roterdã, Varsóvia, Budapeste e Rio de Janeiro. Entretanto, outras cidades, não tratadas nas cartas, como Lisboa, Porto e São Luís do Maranhão<sup>500</sup>, produziram uma – e até mais de uma – edição de *Os Miseráveis*, naquele ano.

Uma obra de grande repercussão, todavia, causa diferentes reações. À vista disso, abro um parêntese para salientar que, apesar do enorme sucesso, o livro não agradou a todos. A obra

<sup>499</sup> Há também diversas correspondências entre Victor Hugo e L. Verboeckhoven, sócio de Albert Lacroix.

<sup>500</sup> Posuo um tomo impresso em São Luís, contendo os dois primeiros volumes, encadernados em capa dura. É curioso o caso da edição maranhense, resultado do esforço simultâneo entre as duas principais tipografias da cidade – o volume I, na Typ. do Progresso, 1862, 188 p.; o volume II, na Typ. do Frias, 1862, 193 p. No *Catalogo dos Livros do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão* (1887, p. 61), seção «Romances», constam três conjuntos da obra *Os Miseráveis* (5 tomos, com dois volumes cada), impressas no Maranhão, 1862-1863, comprovando que a edição maranhense foi concluída.

sofreu duras críticas. Para comprovar, revelo duas ocorrências, uma na França e outra no Brasil. Primeiro, com *Les Antimiséables: Petite galerie des Misérables – Poème héroï-comique*, de Francisque Tapon-Fougas<sup>501</sup>, publicado em finais de 1862. Logo nas primeiras páginas vem o prefácio intitulado «La Guerre a l’Hugocratie». Na obra, o autor denuncia a hugolatria e a janinocracia<sup>502</sup> como os dois flagelos do século. Trata-se de poemas satíricos em oposição, sobretudo, ao trabalho de Victor Hugo.

Já o segundo caso, e o que mais interessa, vem da parte da Igreja Católica, que, em pelo menos 50 números do hebdomadário *A Cruz*, jornal clerical, divulga a «Analyse do romance do Sr. Victor Hugo – os miseráveis»<sup>503</sup>, iniciada quase dois meses após o lançamento oficial da versão brasileira, no *Jornal do Commercio*<sup>504</sup>, do Rio de Janeiro.

Ao final da tal «Analyse», o periódico emite algumas notas depreciando *Os Miseráveis*:

*Livro perigoso.* — Os bispos de Hespanha pedirão ao governo a supressão dos *Miseraveis* de Victor Hugo como um livro perigoso e danoso aos costumes.

O governo tomando a petição em consideração respondeu que os bispos notassem os trechos perniciosos afim de se dar cumprimento ao seu pedido (*A Cruz*, anno III, n. 104, Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1863, p. 4).

E será o Brasil mais illustrado do que a Hespanha, que ainda ha pouco vedou a compra e venda do immoralissimo romance os *Miseraveis*?! (*A Cruz*, anno III, n. 112, Rio de Janeiro, 4 de Outubro de 1863, p. 1).

Em 1864, ainda de acordo com a gazeta, a «obra ameaçadora», acompanhada por outros títulos, foi parar no *Index Librorum Prohibitorum* (*A Cruz*, anno V [IV], n. 158, Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1864, p. 4):

*Livros prohibidos.* – A Sagrada Congregação do Index, em data de 26 de junho, prohibiu as seguintes obras:

1.º Victor Hugo, *os Miseraveis*, Paris 1863.

2.º *A Religiosa*, pelo padre X, autor do *Maldicto*, Paris 1864.

3. *Moisés, Jesus e Mahomet*, do barão d’Orbach, com a *vida de Jesus*, de Ernesto Renan, Milão 1863.

Como visto, os críticos católicos foram implacáveis com *Os Miseráveis*. Este, diga-se de passagem, não foi um caso isolado. Muitas obras – e autores também – sofreram nas duras

<sup>501</sup> Pseudônimo do poeta e dramaturgo francês François-Claude Tapon (\* Thiers, 8 Jul. 1810 – † Roanne, 15 Dez. 1893).

<sup>502</sup> O autor refere-se à hegemonia literária de Jules Janin, prolífico escritor, crítico e dramaturgo francês. Janin nasceu em Saint-Étienne, a 16 de Fevereiro de 1804, e faleceu em Paris, a 19 de Junho de 1874.

<sup>503</sup> Iniciada em: *A Cruz* (anno II, n. 38, Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1862, p. 2).

<sup>504</sup> A publicação foi iniciada a 10 de Março de 1862 e finalizada a 16 de Outubro de 1862.

mãos dos censores religiosos, que promoveram a caça a livros de vários estilos, principalmente o romanesco e o teatral.

A proposta deste estudo foi realizar um breve cotejamento entre quatro versões de *Os Miseráveis*. Uma vez reunidas as traduções em língua portuguesa, em diferentes cidades – Lisboa, Porto, Rio de Janeiro e São Luís –, procurei destacar aqueles aspectos distintivos, o que me permitirá compará-las entre si, observando suas homologias e diferenças. Optei por utilizar apenas os primeiros parágrafos dos tópicos I e II de cada livro<sup>505</sup>. Os volumes encontram-se divididos em oito livros, que formam a primeira parte da obra. A intenção do cotejamento é encontrar sinais que me permitam afirmar se resultam de iniciativas específicas de tradução (cada edição, assim, resultaria de trabalho localizado de tradução) ou se, ao contrário, seriam apenas «cópias» de um original. Para alcançar este objetivo, levei em consideração se as traduções acrescentaram termos não existentes no texto original ou se modificaram o sentido das palavras.

### 6.2.2 O autor e o seu *magnum opus*

Filho do general Hugo e de Sophie Trébuchet, Victor Hugo nasceu na comuna francesa de Besançon, distante mais de 400 km de Paris, na noite fria de 26 de Fevereiro de 1802. Mudou-se com a mãe para a capital aos 10 anos de idade. Ainda jovem, com apenas 15 anos, revelou-se talentoso escritor, tendo um de seus poemas premiado pela Academia Francesa, instituição da qual, depois, aos 29 anos, tornou-se membro. Poeta, romancista, dramaturgo e estadista, ganhou notoriedade em todos os meios em que atuou. Porém, dois dos seus romances granjearam maior destaque: *Notre-Dame de Paris* e *Os Miseráveis*. Victor Hugo faleceu na capital francesa, a 22 de Maio de 1885, e seu corpo foi sepultado, merecidamente, no Panteão de Paris.

A notícia da morte do escritor repercutiu em várias partes do mundo. A *Pacotilha* (anno V, n. 119, Maranhão, 23 de Maio de 1885, p. 3), um dia após desaparecimento de Victor Hugo, emite tocante nota sobre o ocorrido:

#### Victor Hugo

O coração enorme da humanidade sente o pungir de uma dôr profunda, tam profunda como vasto era o engenho que creou o monumento inextinguível das *Continentaes*, a esta hora em que o telegrapho communica para todas as partes do mundo a morte de Victor Hugo.

<sup>505</sup> Exceto a edição do Rio de Janeiro, que saiu em forma de folhetim. Além disso, da edição maranhense, localizei apenas o Tomo I, que contém os volumes I e II.

O gigante tombou. Apagou-se o astro que illuminou quasi todo um seculo com as suas fulgurações diamantinas, irradiando pela face da terra os brilhantes clarões do genio.

Apoz uma vida gloriosa, a mais gloriosa talvez que a historia da humanidade registra, em que por si só conseguiu a criação de uma litteratura, a que deu um brilhantismo nunca visto; após haver ouvido a seus pés o ruido enorme de uma apothese, como nenhum outro homem recebera ainda, elle baixa á sepultura coberto das admirações e dos applausos de todos os povos, a que surprehendeu sua pasmosa fecundidade em todos os ramos da litteratura.

Este seculo tem sido o dos grandes escriptores. Só elle, porem, foi incommensuravel, porque *n'aquella intelligencia havia o cubo de todas as facultades humanas*.

Si naquelle cerebro encanecido havia as scintillações do genio, no seu peito pulsava um coração generoso, que sabia sentir todas as maguas, todas as dôres que affligem a humanidade. Quando qualquer catastrophe produzia em uma parte do globo uma erupção de lagrimas e de soffrimentos, elle, o velho inquebrantavel, cujas facultades mentaes ostentavam todo o vigor da mocidade, era o organ da dor do genero humano e sua voz echoava em prol dos afflictos, dos opprimidos.

Apaixonado pela Liberdade, que fôra o supremo ideal de sua vida, ella levou-o um dia ao exilio, quando o despotismo imperial de *Napoleon le petit* conseguiu destruir todos os monumentos que o sangue dos heroes de 1789 construiu em França; e de lá dos rochedos de Jersey, erguidos no meio do mar sua voz potente levantou-se sempre em defesa dos sagrados principios do Direito e da Justiça.

\*  
\* \* \*

Agora que a morte o colheu, que cessaram todas as energias cyclicas daquella actividade incomparavel, a humanidade debruça-se sobre as bordas do seu tumulo e deixa cahir uma lagrima de saudade sobre o cadaver ainda quente daquelle heroe, do maior defensor dos seus direitos.

O apontamento deve-se ao prestígio imenso que o autor francês gozava no Brasil.

FIGURA 58: Funeral de Victor Hugo.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Funeral\\_de\\_Victor\\_Hugo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Funeral_de_Victor_Hugo)

Retomando o que foi dito, *Os Miseráveis* foi lançado oficialmente em várias cidades quase ao mesmo tempo – nove europeias e uma sul-americana. O periódico francês *Revue Anecdote* (1862, p. 146) apresentou um quadro com a quantidade de exemplares impressos em cada idioma – original e traduções:

QUADRO 20: Quantidade de exemplares das edições originais em francês de *Os Miseráveis* e das traduções em outros idiomas.

TROIS ÉDITIONS FRANÇAISES ORIGINALES.

1° Celle de Paris, pour la France et l'Algérie, imprimée par J. Claye, à	15,000 exemp.
2° Celle de Bruxelles, pour la Belgique et l'Étranger, imprimée par les éditeurs, A. Lacroix, Verboeckhoven et C <sup>ie</sup> , à	12,000 —
3° Celle de Leipsick, pour l'Allemagne, imprimée par de Vrient et Gieseck, à	3,000 —
	30,000 exemp.

TRADUCTIONS.<sup>506</sup>

TRADUCTIONS.	ÉDITEURS.	TRADUCTEURS.	TIRAGES.
1 Anglaise.	Jeffs, à Londres.	.....	3,000
2 Allemande.	Steinacker, à Leipsig.	Dietzmann rédact. en chef de <i>l'illustration allemande.</i>	3,000
3 Italienne.	Daelli, à Milan	Le rédact. en chef du <i>Politechnico.</i>	3,000
4 Espagnole.	1 <sup>re</sup> F. Cuesta et Montemar, à Madrid.	F. Cuesta.	5,000
5 Id.	2 <sup>o</sup> Brachet à Paris, p. l'Am. du Sud.	Luis Florez.	1,650
6 Hollandaise.	Nygh, à Rotterdam.	Calisch.	1,600
7 Polonaise.	Krazewski, à Varsov.	.....	3,000
8 Hongroise.	Heckenast, à Pesth.	.....	1,200
9 Portugaise.	De Villeneuve, à Rio de Janeiro.	.....	1,500
			22,950

Apesar do panorama auspicioso, Victor Hugo e seus editores previram, devido ao frenesi causado pela divulgação e recepção de *Os Miseráveis*, que a obra corria imenso risco de reprodução fraudulenta, é o que reporta a *Revue Anecdote* (1862, p. 147):

Oltre les concessions résultant des traités il y a les contrefaçons.

Un éditeur hollandais, M. Tergunne, à Deventer, publie une traduction néerlandaise.

<sup>506</sup> Na soma, a *Revue Anecdote* assinalou erroneamente o valor de 25.950. Quem chama a atenção para este erro é Leuilliot. O número correto é o que está no quadro: 22.950.

MM. Gailtardet, propriétaires du *Courrier des Etats-Unis*, avaient fait une offre dérisoire pour avoir communication des bonnes feuilles de chaque volume un mois à l'avance. M. Hugo leur a répondu: « J'aime autant que vous me voliez. »

Ils vont DONNER le livre avec tranquillité à leurs lecteurs.

E, em especial, terá sido este o caso da edição maranhense?

A respeito das publicações em Portugal, não encontrei nenhum registro, se foram ou não consentidas por Victor Hugo. Ainda assim, conforme Rodrigues (1985, pp. 32-66), durante o oitocentos, muitas traduções, completas ou em partes, foram produzidas, sete somente em 1862:

1. Hugo, V. (1862). *Os miseráveis* (F. F. da Silva Vieira, Trad., 8 Vols.). Lisboa: F. Gonçalves Lopes.
2. \_\_\_\_\_. (1862-1863). *Os miseráveis* (Folhetim). *O Nacional*, Porto, anno 16 (79) 8 Abr. 1862 – anno 17 (256) 19 Nov. 1863.
3. \_\_\_\_\_. (1862-1865). *Os miseráveis* (54 partes, coluna Litteratura). *A Federação*, Lisboa, v. 7, n. 1, 10 Maio 1862 – v. 10, n. 1, 11 Fev. 1865.
4. \_\_\_\_\_. (1862). *Os miseráveis* (A. F. Barata, Trad., anúncio jornal). *A Voz de Alemtejo*, Eivas, anno 3, n. 148, 5 Jul. 1862, p. 4.
5. \_\_\_\_\_. (1862). *Os miseráveis* (Folhetim). *A Opinião*, Lisboa, anno 6, n. 1647. 9 Jul. – n. 1764, 26 Nov. 1862.
6. \_\_\_\_\_. (1862). *Os miseráveis* (F. F. da Silva Vieira, Trad., Capítulo IV do Livro VII). *Jornal do Trabalho*, Lisboa, anno 1, n. 17, 23 Nov. 1862, p. 1.
7. \_\_\_\_\_. (1862-1863). *Os miseráveis* (A. R. de Souza e Silva, Trad.). Porto: Typographia do Commercio.
8. \_\_\_\_\_. (1864). *Os miseráveis* (A. R. de Souza e Silva, Trad., 2.<sup>a</sup> ed., 5 Vols.). Porto: Typ. do Commercio.
9. \_\_\_\_\_. (1875). *Os miseráveis* (F. F. da Silva Vieira, Trad., 4 Vols.). Lisboa: Typographia do Futuro.
10. \_\_\_\_\_. (1877). *Os miseráveis* (F. F. da Silva Vieira, Trad., 5 Vols.). Lisboa: Imprensa Democrática.
11. \_\_\_\_\_. (1885-1886). *Os miseráveis* (João de Matos, Trad., 2 Vols., il.). Lisboa: Typographia Mattos Moreira.
12. \_\_\_\_\_. (1886?). *Os miseráveis* (Antonio Rodrigues de Sousa e Silva, Trad.; Gualdino de Campos, Rev. 5 v., il.). Porto: Livraria Civilização.
13. \_\_\_\_\_. (1891). *Os miseráveis* (5 Vols.). Porto: Livraria Civilização de Costa Santos, Sobrinho & Diniz.

Brito Aranha (1908, p. 287) ratifica a publicação da obra em terras lusitanas e brasileiras, com significativas informações acerca de algumas edições:

[...] *Os miseráveis*, traduzido por F. F. da Silva Vieira, Lisboa, 1862. 8.º de 10 tomos, editor, empresa Gonçalves Lopes. Quase ao mesmo tempo era impressa outra tradução por conta da empresa do *Commercio do Porto*, sendo traductor Antonio Rodrigues de

Sousa e Silva; e também apparecera outra nos folhetins do *Nacional* da mesma cidade. Haverá de certo outras edições de que não tenho nota.

A impressão em separado do romance *Os miseraveis*, foi de conta do antigo editor portuense Chardron (hoje Sousa Lello & Irmão). 5 tomos com gravuras.

O romance de Victor Hugo, á proporção que era impresso em Bruxelas, por accôrdo com os editores, apparecia traduzido no Rio de Janeiro, onde tem igualmente sido impressas varias traduções das obras dramaticas do egregio poeta.

Em terras maranhenses, a gazeta *A Coalição* imprimiu a seguinte nota a respeito de uma das traduções portuguezas:

– Apareceu em fim o tão esperado romance de Victor Hugo: *Os Miseraveis*.

De ha muito se não tinha annuciado um livro que produzisse tanta sensação no mundo litterario.

*Os Miseraveis* estão sendo traduzidos em quase todas as linguas cultas. É um livro que hade percorrer o mundo.

Em Lisboa, foi o Sr. Gonçalves Lopes, bem conhecido e acreditado editor, quem se propoz á publicação da celebre obra de um dos primeiros escriptores modernos.

Os primeiros exemplares dos *Miseraveis* chegaram a Lisboa n'um dia, e no seguinte achavam-se já á venda as duas primeiras folhas da sua traducção, publicadas pelo Sr. Gonçalves Lopes, que prometteu dar á anciedade publica tantas folhas por semana quantas se podessem imprimir. É geralmente sabido o modo como este editor cumpre as suas promessas (*A Coalição*, anno I, n. 27, San'Luiz, 8 de Maio de 1862, p. 2).

Na Província do Ceará, também foi annunciada a chegada do romance de Victor Hugo, com texto publicado em *O Cearense* (anno XVI, n. 1540, Ceará, 2 set. 1862, p. 2):

*Os miseraveis*. — As seguintes cifras, diz o *Jornal do Havre*, darão uma justa idéa da voga que teem tido os miseraveis de Victor Hugo:

As edições originaes chegaram em tres mezes a 35.000 exemplares, dos quaes 15.000 para o estrangeiro.

A Italia tomou 3.000 afora a edição italiana, que tirou 5.000.

As edições em nove linguas absorvem 27.000 exemplares.

Um pintor lembrou-se de publicar desenhos photographicos com os typos e scenas do romance, e destes desenhos venderam-se doze mil.

[...].

Em Portugal<sup>507</sup> e no Brasil, países francófilos, o romance foi muito bem recebido. Não obstante, somente Portugal aparece na relação dos oito países de maior venda do título (proporcional à população), de acordo com Albert Lacroix, em carta de 3 de Abril de 1862 endereçada a Victor Hugo<sup>508</sup>:

<sup>507</sup> Victor Hugo usufruía de grande prestígio entre os portuguezes, por lutar, dentre outras coisas, pela extinção da pena de morte.

<sup>508</sup> Acredito que a ausência do Brasil na lista deva-se ao fato de não haver, no país, contrato para a impressão em brochura.

Nous sommes heureux, cher maître, de cette grande réussite des *Misérables*. Les pays où jusqu'ici la vente a été la plus forte en proportion de la population, sont suivant l'ordre de rang: 1° la Belgique; 2° la France; 3° le Portugal; 4° l'Italie; 5° l'Angleterre; 6° l'Allemagne; 7° l'Espagne où cependant on parle d'une saisie, ce qui serait un triste accident; 8° la Russie (Leuilliot, 1970, p. 256).

A ideia inicial de publicar em folhetins não era apreciada por Victor Hugo, conforme carta enviada a Abert Lacroix, a 25 de Outubro de 1862: «La publication des *Misérables* doit se faire en livre et non en feuillets» (Id. *ibid*, p. 109). Contudo, a possibilidade de publicação em rodapé de jornais fora da França encontrava-se prevista em contrato: «Les éditeurs seraient libres de laisser publier ou traduire en feuilleton dans les journaux étrangers ou en langue étrangère» (Id. *ibid*, p. 392). Aplicado à tradução brasileira, após acerto com Junius Villeneuve, a divulgação da obra inicia-se no *Jornal do Commercio*, a 10 de Março de 1862, antecedendo por mais de 20 dias o lançamento oficial em Paris, e terminando a 16 de Outubro do mesmo ano.<sup>509</sup>

No dia em que a narrativa começou a ser estampada, a gazeta fluminense preparou terreno, emitindo o seguinte editorial (*Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 68, Rio de Janeiro, 10 de Março de 1862, p. 1):

Ha bons oito annos que o mundo litterario vive, por assim dizer, na expectativa de um acontecimento a que a mesma ancia, a sofreguidão com que é aguardado, tem emprestado as proporções de um phenomeno. Raro será o periodico que delle não fallasse, com especialidade erão os francezes e belgas inesgotaveis em previsões e calculos.

E contudo tratava-se apenas da publicação de um romance. [...].

Tanto barulho por causa de um romance, e de um romance de que se não conhecia nada, nada senão que, lido uma unica vez em Bruxellas, entre limitado numero de amigos do escriptor, produzira emoção tal que fôra mister, segundo refere uma folha belga, suspender a sessão e levar em braços, desmaiada, uma senhora? É que o seu autor chama-se Victor Hugo.

Desfeito está o mysterio, e todos sabem já que fallamos dos *Miseraveis*, titulo desse romance, que antes de ser publicado tem feito mais bulha do que outro nenhum depois de lido. [...].

Mais feliz do que todos elles, o *Jornal do Commercio*, por um contrato especial com o editor, que se obrigou a remmeter-nos pára aqui, exclusivamente a nós, o que fôr imprimindo antes de expô-lo á venda em Bruxellas, assegurou-se o prazer de offerecer aos seus assignantes a leitura desse livro, cuja reproducção hoje encetamos, antes mesmo que em Pariz alguem o tenha visto.

[...].

A semente estava lançada.

<sup>509</sup> **Início:** *Jornal do Commercio* (anno XXXVII, n. 68, Rio de Janeiro, 10 de Março de 1862, p. 1). **Término:** *Jornal do Commercio* (anno XXXVII, n. 286, Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1862, p. 1).

No Maranhão, o interesse das elites pelos assuntos mais refinados da vida editorial europeia ficou comprovado pela rapidez com que grandes obras da literatura estrangeira eram traduzidas e impressas. De tal modo que, por exemplo, surge o anúncio de preparação e venda de *Os Miseráveis*, e tentando desvincular a edição local da publicação feita na Corte, os editores reproduziram a seguinte nota:

**Os Miseráveis.** — Nos primeiros dias de Julho será distribuido aos srs. subscriptores a primeira brochura do romance os *Miseráveis*, impresso por conta do Sr. B. de Mattos.

O romance impresso na typographia do *Progresso* não está eivado dos erros grosseiros de traducção como se nota na do *Jornal do Commercio* do Rio; independentemente de poder considerar-se como um attentado a propriedade litteraria a reproducção da traducção do *Jornal do Commercio*, o Sr. B. de Mattos, teve o bom senso de procurar uma outra muito melhor e onde os gallicismos e erros de linguagem não são reproduzidos tam a miude.

A traducção do *Jornal do Commercio* entre muitas bellasas tem algumas como estas; *rodeon ao redor*; á maravilha, e outros.

Recommendamos o trabalho do Sr. B. de Mattos e annunciamos que ainda recebem-se assignaturas á mil reis o volume de 120 paginas (*A Coalção*, anno I, n. 41, San'Luiz, 26 de Junho de 1862, p. 3).

Este fato mereceu a atenção de diversos autores, como o pesquisador da Unicamp Francisco Foot Hardman (2009, p. 283), que registra a proeza cultural da Província, ao destacar a atividade tipográfica dos maranhenses, salientando que «O dado mais interessante, contudo, é a edição praticamente simultânea a Paris da obra-prima de Victor Hugo, *Os Miseráveis*, impressa em 10 volumes, em 1862, nas tipografias de B. de Mattos (Typ. do Progresso) e JMC Frias.»

Já o investigador inglês Laurence Hallewell (2005, p. 180) declara que: «Belarmino também imprimiu [...] pouco mais de dez romances traduzidos, a maioria em grande in-oitavo francês ou em in-quarto português, entre eles *Os Miseráveis* e *O Homem Que Ri*, de Victor Hugo.»

A iniciativa editorial foi também apontada por Frias (1866, p. 20), lembrando que:

[...] o melhoramento de nossos trabalhos tornou-se cada vez mais visível, apresentando algumas edições sofríveis, podendo-se apontar entre ellas os *Mizeráveis*, obra em 10 volumes em 4º impresso nas duas tipografias.

As impressões de Frias e B. de Mattos distinguiram-se umas das outras: as do primeiro por mais pretas e por isso deixando mais patentes á vista a impericia dos tintureiros [...] e as do segundo pela palidez, que encobre com mais facilidade os defeitos que nas do outro ficavam patentes.

Reunidas as quatro edições, portuguesas e brasileiras, montei um quadro, utilizando a francesa, para balizar as que se seguem. Logo abaixo, vem a de Lisboa e a do Porto, antecedendo a do Rio de Janeiro e a de São Luís.

Antes, porém, de exhibir os trechos selecionados para o cotejamento e o bloco de explicações, apresento uma reduzida biografia dos tradutores.

### 6.2.3 Traços biográficos dos tradutores

#### 6.2.3.1 Francisco Ferreira da Silva Vieira<sup>510</sup>

Filho de José da Silva Vieira e de Maria José Ferreira da Silva Vieira, o escritor, tradutor, jornalista e tipógrafo Francisco Ferreira da Silva Vieira nasceu em Lisboa, a 14 de Setembro de 1831.

Muito jovem, Silva Vieira segue «para o Brazil, e ali se conserva como caixeiro n'uma casa commercial do Maranhão» (Pereira; Rodrigues, 1915, p. 458). Na ambição de confirmar a notícia de sua estada em terras são-luisenses, localizei no *Publicador Maranhense*<sup>511</sup> a seguinte informação, nada favorável ao tradutor, então com 13 anos de idade:

Ao Consul Portuguez — Antes de receber o officio de V. S. de 23 do corrente sob n. 34 ja o subdito Portuguez Francisco Ferreira da Silva Vieira me havia requerido a sua soltura, mostrando não poder ser recrutado, e de minha ordem foi posto em liberdade, o que participo a V. S. em resposta ao seu citado officio.

Pouco tempo depois do ocorrido, retorna a Portugal, desta vez para a cidade do Porto, e lá exerce a arte tipográfica, bem como a carreira militar. A partir da década de 1850, Silva Vieira começa a ganhar popularidade no campo da tradução. É fácil encontrar em catálogos e/ou dicionários bibliográficos dezenas de obras, entre romances e peças teatrais, convertidas por ele para o português, a maior parte impressa na «Typographia do Futuro», de Francisco Gonçalves Lopes.

A esse respeito, o professor e investigador João Luís Lisboa (2016) lembra que:

[...] Francisco Ferreira da Silva Vieira est l'un des plus importants, car il traduit abondamment des romans, dont ceux de Flaubert, Hugo, Balzac, Zola, Renan, parmi beaucoup d'autres. En un certain sens, c'est l'un de ceux qui peut être considéré un professionnel de la traduction, bien qu'il fût aussi responsable de typographie et

<sup>510</sup> Para esta descrição, utilizei as obras de Silva (1870, p. 290-291 e p.449-450), de Bastos (1898, p. 329 e p. 808) e de Pereira e Rodrigues (1915, pp. 458-459).

<sup>511</sup> *Publicador Maranhense* (anno III, n. 220, Maranhão, 25 de Setembro de 1844, p. 2).

journaliste. Il traduit systématiquement dans le cadre de ses fonctions, puisqu'il était censé nourrir les feuillets du *Jornal de Lisboa*, du *Monitor*, du *Archivo Pitoresco*, entre autres, et près d'une centaine de titres seront publiés sous forme de livre, dans de différentes collections.

As letras, a arte e a tipografia «realmente» corriam no sangue da família. Seu irmão mais velho, José Martiniano da Silva Vieira, de quem possivelmente aprendera a profissão, era também um renomado jornalista, tipógrafo, escritor e tradutor. Eduardo Vieira, filho de Silva Vieira, foi, assim como o pai, tipógrafo, e, ainda, ator teatral, iniciando a carreira em Lisboa, no antigo «Teatro da Rua dos Condes». A atuação em pequenos papéis e problemas financeiros fizeram com que a família partisse para Salvador, Bahia<sup>512</sup>.

A estada de Silva Vieira e família no Brasil é comprovada na *Gazeta da Bahia*<sup>513</sup>, de 27 de Novembro de 1883, que noticia que ele: «[...] fez parte da comissão central organizadora das comemorações em homenagem à Restauração de Portugal»; e pelo depoimento de José Sousa Bastos:

Por dificuldades de vida, **Silva Vieira** partiu para o Brazil. Tive ocasião de o abraçar na Bahia, quando alli passei em 1884. Era empregado no *Diario de Noticias*, jornal do seu particular amigo Lopes Cardoso. Poucos mezes depois tive noticia do seu fallecimento (Bastos, 1898, p. 329, grifos do autor).

Com efeito, apesar de diversos autores indicarem 1888 como o ano de falecimento de Silva Vieira, ele cerrou os olhos em Salvador, no dia 13 de Junho de 1885. O periódico *O Guarany*<sup>514</sup> assim noticiou a morte do conceituado jornalista:

Lemos no «Diario da Bahia» de 14 do corrente:

«Victima de febre amarella falleceu hontem o sr. Francisco Ferreira da Silva Vieira, que fazia parte da redacção do «Diario de Noticias».

O finado era dotado de talento cultivado e sempre se entregou com rara actividade e grande merecimento ás lides do jornalismo e á vida litteraria. Quer as suas publicações originaes, quer as numerosissimas traducções que fez de notaveis obras litterarias deram-lhe incontestavel reputação e apreciado conceito em Portugal e em nosso paiz.

Associando-nos sinceramente ao pesar que causou a sua morte, partilhamos com todo o jornalismo bahiano o lucto de tão sensivel perda.

A notícia de seu falecimento também chegou à Corte, o Rio de Janeiro, por meio do *Jornal do Commercio*<sup>515</sup>:

Entrou ontem do norte do Imperio o paquete nacional Ceará, trazendo-nos folhas, cujas ultimas datas são: [...] Bahia 14 do corrente.

<sup>512</sup> Em terras baianas, Eduardo Vieira permaneceu e atuou por diversas companhias.

<sup>513</sup> *Gazeta da Bahia* (anno V, n. 315, Bahia, 27 de Novembro de 1883, p. 1).

<sup>514</sup> *O Guarany* (anno IX, n. 59, Bahia, 17 de Junho de 1885, p. 1).

<sup>515</sup> *Jornal do Commercio* (anno 43, n. 169, Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1885, p. 1).

[...]

BAHIA – Fallecêrão na capital: victima da febre amarella o redactor do *Diario de Noticias* Francisco Ferreira da Silva Vieira [...].

Sousa Bastos (1898, p. 808), lamentando essa irreparável perda, profere que «A classe typographica, que tem tido em Portugal bastantes cultores das letras, deu-nos, entre muitos, Silva Vieira, esse amigo, cuja perda ainda hoje deploro.»

Como visto, o desaparecimento de Silva Vieira foi muito sentido por seus amigos e por seus pares – literatos, jornalistas e tipógrafos –, e ecoou tanto no Brasil quanto em Portugal.

### 6.2.3.2 António Rodrigues de Sousa e Silva

Muito pouco consegui recolher da vida de A. R. de Sousa e Silva. Sei apenas que era natural do Porto, frequentou o Liceu e a Universidade de Coimbra<sup>516</sup> e herdou o nome do pai. Foi editor, jornalista, literato e tradutor.

Dos raros testemunhos a seu respeito, destaco o de Sampaio Bruno (1908, p. 307): «A. R. de Sousa e Silva foi o traductor applaudido de *Os miseraveis* (melhor se diria *Os miserandos*) de Victor Hugo. Traduziu também excellentemente de outros auctores; e foi um jornalista muito distincto.»

Aranha (1923, p. 353) declara apenas: «António Rodrigues de Sousa e Silva, de quem não temos notas biográficas.»

Além de *Os Miseráveis*, ele traduziu, em 1863, *As sensações de uma morta*, pela condessa Maria Montemerli. Porto: Typ. do Commercio; e editou, em 1867, *Occasos* (2ª ed.), por Pedro Lima, Porto, Typographia Lusitana.

### 6.2.3.3 Justiniano José da Rocha<sup>517</sup>

Político, jornalista, advogado, professor, literato e tradutor, Justiniano José da Rocha nasceu no Rio de Janeiro, a 8 de Novembro de 1812. Ele frequentou o colégio Henrique IV, em

<sup>516</sup> Cf. *Relação e indice alfabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra e no Lyceu...* Coimbra: Imprensa da Universidade [1857-1858, *Lyceu*, Cadeira de Arithmetica, Álgebra Elementar, Geometria Synthetica Elementar, Principios de Trigonometria Plana, e Geographia Mathematica, p. 47, n. 57, e Cadeira de Principios de Physica e Chimica, e Introdução á Historia Natural dos Trez Reinos, p. 62, n. 54; 1858-1859, *Faculdade de Mathematica*, p. 32, n. 24, e *Faculdade de Filosofia*, p. 38, n. 20].

<sup>517</sup> Para desenhar estes traços biográficos, utilizei como referência: Silva (1860, pp. 163-165) e Blake (1899, pp. 269-273).

França, lecionou geografia e história antiga, no Imperial Colégio Pedro II, e latim e francês, na Escola Militar do Rio de Janeiro. Justiniano da Rocha foi membro do Conselho Diretor de Instrução Pública Primária e Secundária na Corte e deputado em várias legislaturas.

Ele fundou os jornais *Atlante* e *Chronista*, ambos em 1836; ingressou como colaborador da mais importante folha do Império brasileiro, o *Jornal do Commercio*, em 1839, e, no ano seguinte, dá início ao jornal *O Brasil*. Monarquista, Justiniano da Rocha ainda criou, em 1860, a gazeta política *Regenerador*, que defendia as causas do Império.

Apesar de não assinar o trabalho, a ele é atribuída a tradução de *les Misérables*, publicada em folhetim no periódico de Junius Villeneuve. Entre as obras originais e as diversas traduções que executou, destaque *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, e *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue.

Em plena atividade e ainda fecundo, porém com graves problemas financeiros, Justiniano José da Rocha faleceu no Rio de Janeiro, a 10 de Julho de 1862, antes de completar a tradução para o português da popular obra de Victor Hugo.

#### 6.2.3.4 António José Fernandes dos Reis<sup>518</sup>

Docente, escritor, tradutor e jornalista, António José Fernandes dos Reis nasceu no Rio de Janeiro, a 25 de Março de 1830. Trabalhou na redação do *Correio da Tarde*, entre 1856 e 1861, sendo o seu principal tradutor; e, de 1861 a 1868, traduziu para o *Jornal do Commercio*. Ainda na Corte, redigiu a *Revista fluminense*.

Foi nomeado professor interino de inglês e francês, no curso preparatório da Escola Militar, onde exerceu, em 1898, o cargo de amanuense. Em 1913, ingressou na função de bibliotecário da Escola de Estado-Maior.

Produziu alguns romances e uma ópera, mas ficou marcado pelo trabalho de tradução das obras de autores como Victor Hugo e Ponson du Terrail. Após falecimento de Justiniano José da Rocha, deu continuidade à tradução de *Os Miseráveis* (Blake, 1883, p. 215).

Faleceu em local e data ignorados.<sup>519</sup>

<sup>518</sup> Para informações mais detalhadas, consultar Blake (1883, pp. 215-216). Alguns dados foram coletados em jornais do Rio de Janeiro.

<sup>519</sup> São escassas as notícias sobre este tradutor. Apesar de haver diversos trabalhos realizados por António José Fernandes dos Reis – originais e traduzidos –, ele não obteve o devido reconhecimento.

FIGURA 59: Folha de rosto da edição francesa de *Os Miseráveis*, 1862.

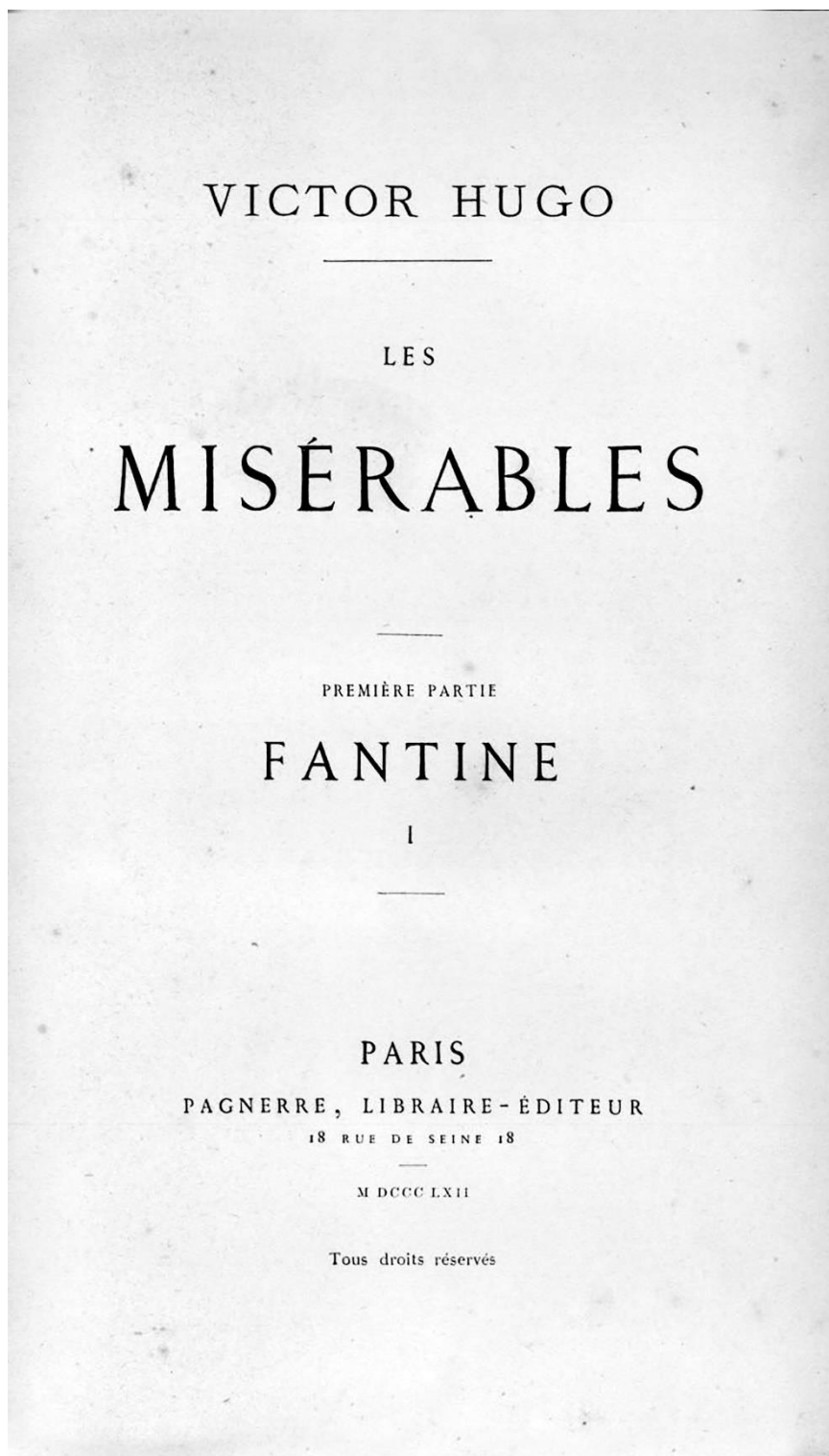


FIGURA 60: Folha de rosto da edição de Lisboa de *Os Miseráveis*, 1862.

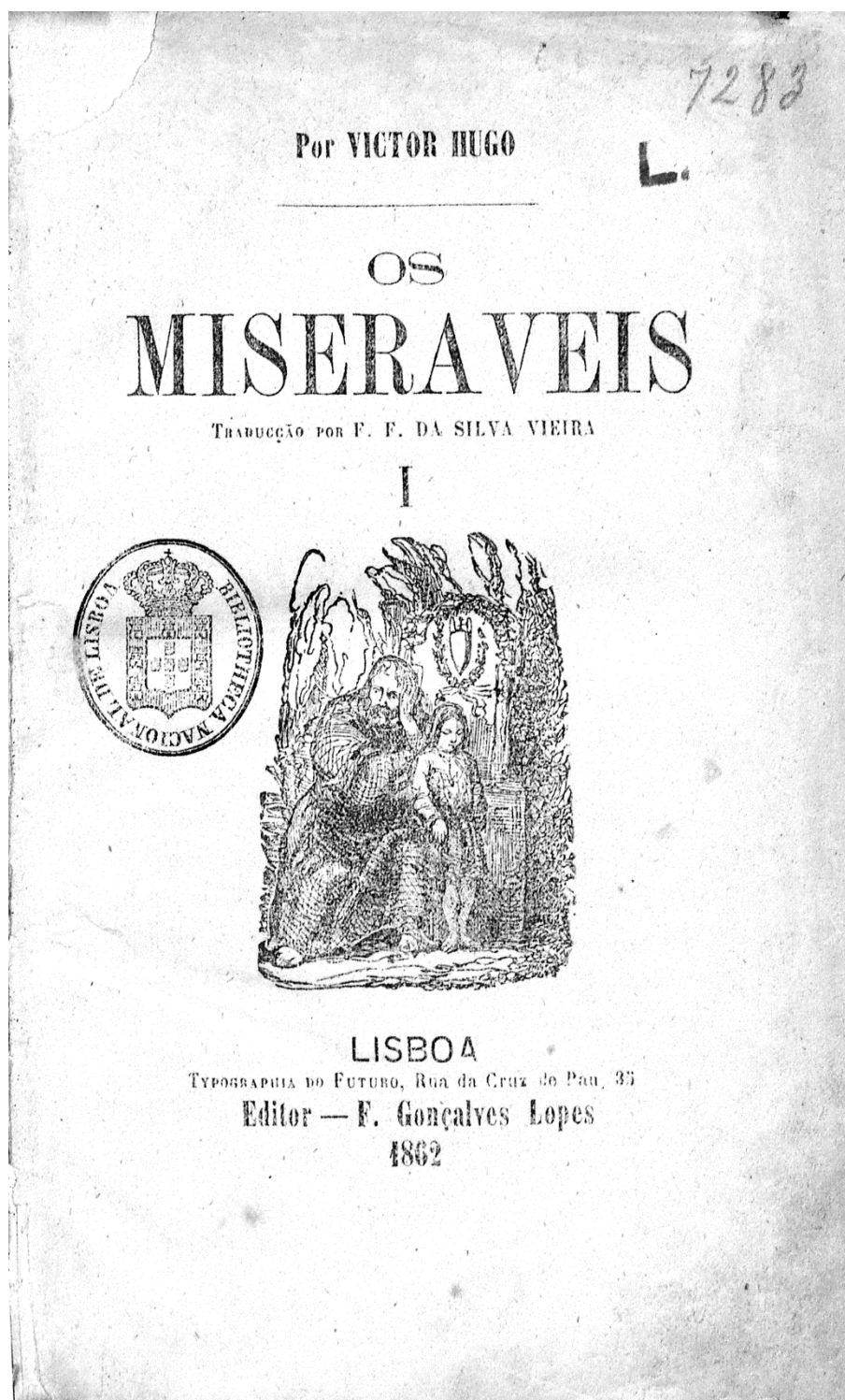


FIGURA 61: Folha de rosto da edição do Porto de *Os Miseráveis*, 1862.

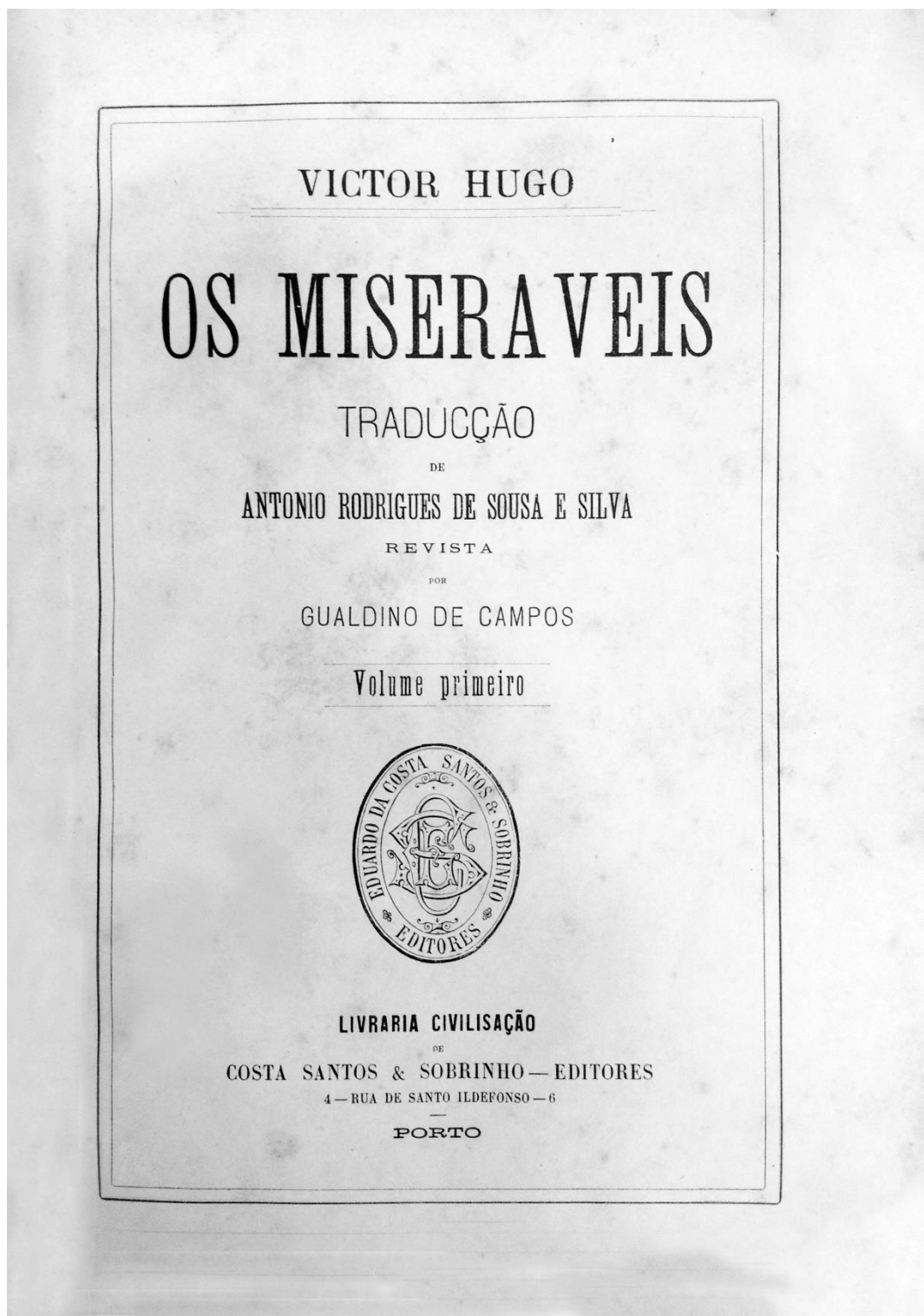


FIGURA 62: Folha de rosto da edição de maranhense de *Os Miseráveis*, vol. I, 1862.

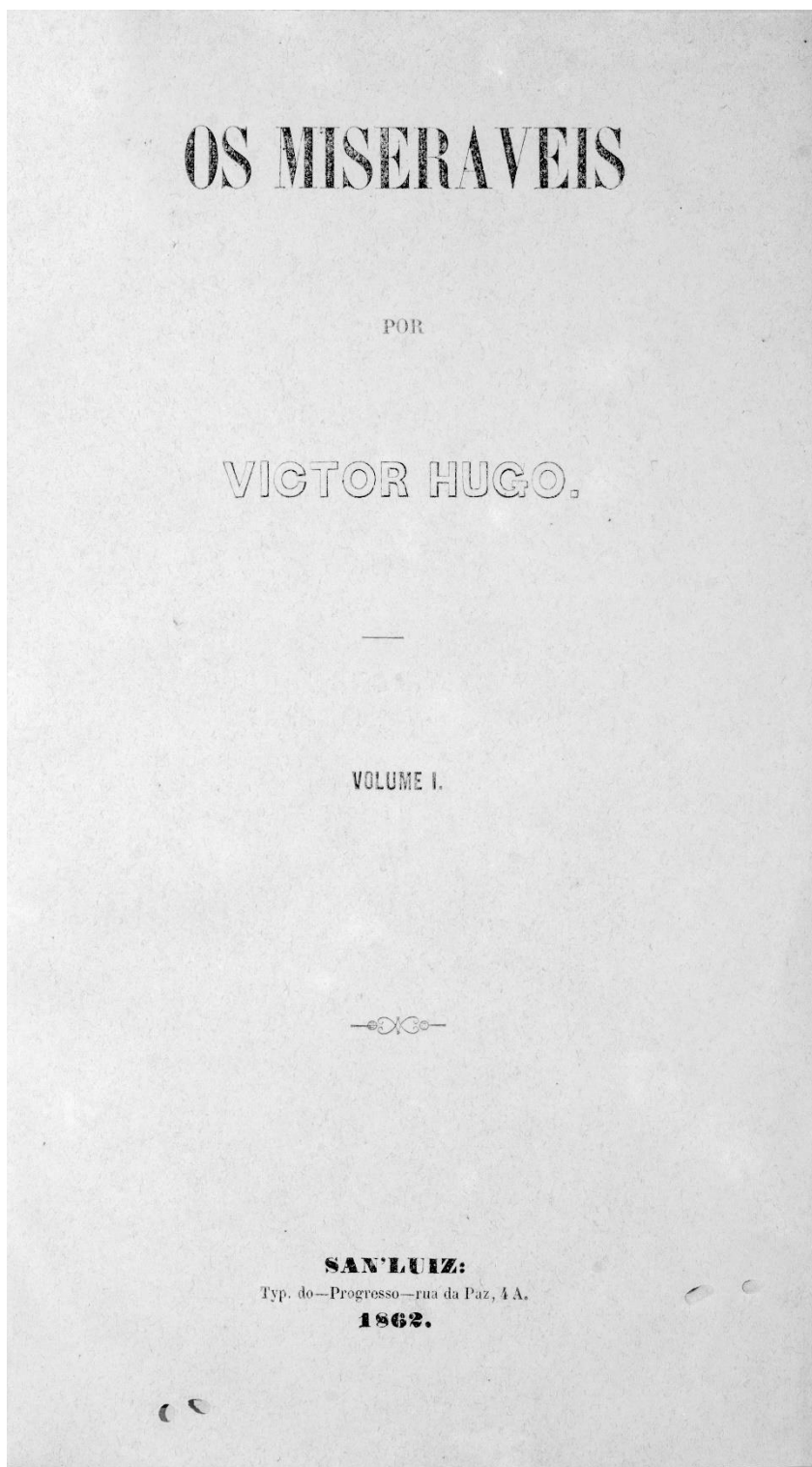
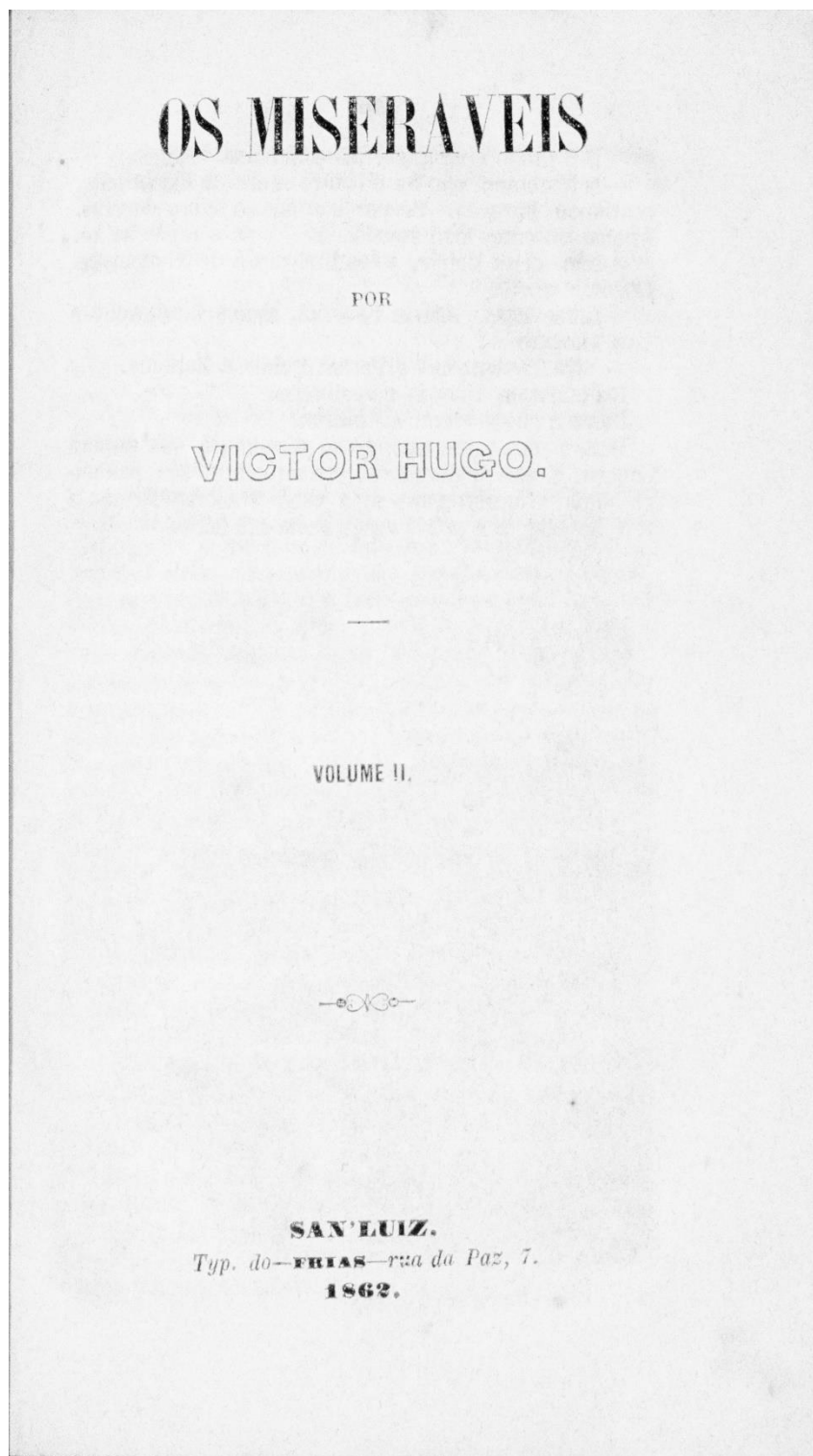


FIGURA 63: Folha de rosto da edição de maranhense de *Os Miseráveis*, vol. II, 1862.



6.2.4 A edição francesa e as traduções

PRIMEIRO VOLUME

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
<b>PRÉFACE</b>	
<p>Tant qu’il existera, par le fait des lois et des mœurs, une damnation sociale créant artificiellement, en pleine civilisation, des enfers, et compliquant d’une fatalité humaine la destinée qui est divine; tant que les trois problèmes du siècle, la dégradation de l’homme par le prolétariat, la déchéance de la femme par la faim, l’atrophie de l’enfant par la nuit, ne seront pas résolus ; tant que, dans de certaines régions, l’asphyxie sociale sera possible ; en d’autres termes, et à un point de vue plus étendu encore, tant qu’il y aura sur la terre ignorance et misère, des livres de la nature de celui-ci pourront ne pas être inutiles.</p> <p style="text-align: right;">Hauteville-House, 1862.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<b>PREFACIO</b>	<b>PREFACIO</b>
<p>Em quanto existir, por effeito das leis e dos costumes, uma condennação social, creando artificialmente infermos, em plena civilisação, e complicando com uma fatalidade humana o destino que é todo divinal; em quanto os tres problemas do seculo — a degradação do homem pelo proletariado — a queda da mulher pela fome — a atrophia da <b>crença</b> pelas trevas — não forem resolvidos; em quanto, em certas regiões fôr possivel a asphyxia social; ou, n’outros termos, e n’um ponto de vista mais amplo, — em quanto sobre a terra houver ignorancia e miseria, não serão, os livros como este, de certo, inuteis.</p> <p style="text-align: right;">Hauteville house, 1862.</p>	<p>Emquanto a reforma das leis e costumes actuaes não vier destruir essa condennação social que cria infernos artificiaes no seio da civilisação, juntando ao destino, divino por natureza, um fatalismo que provém dos homens : emquanto os tres problemas do seculo — a degradação do homem pelo pauperismo, o aviltamento da mulher pela fome, a atrophia da <b>creança</b> pelas trevas — não attingirem a sua final solução; emquanto entre certas classes continuar a repetir-se a asphyxia social; por outras palavras e sob um ponto de vista ainda mais generico: — emquanto no mundo houver ignorancia e miséria, temos para nós que não serão de todo inúteis livros da natureza do que hoje offerecemos ao publico.</p> <p style="text-align: right;">Hauteville house — 1862.</p>

PREMIÈRE PARTIE / PRIMEIRA PARTE

FANTINE	
FANTINE	FANTINA
FANTINA.	<b>FANTINA.</b>



LIVRE PREMIER / LIVRO PRIMEIRO

UN JUSTE	
<b>Um justo</b>	UM JUSTO
<b>UM JUSTO.</b>	UM JUSTO.



EDIÇÃO FRANCESA	
I M. MYRIEL	
<p>En 1815, M. Charles-François-Bienvenu Myriel était évêque de D. — C'était un vieillard d'environ soixante-quinze ans ; il occupait le siège de D. — depuis 1806.</p> <p>Quoique ce détail ne touche en aucune manière au fond même de ce que nous avons à raconter, il n'est peut-être pas inutile, ne fût-ce que pour être exact en tout, d'indiquer ici les bruits et les propos qui avaient couru sur son compte au moment où il était arrivé dans le diocèse. Vrai ou faux, ce qu'on dit des hommes tient souvent autant de place dans leur vie et surtout dans leur destinée que ce qu'ils font. M. Myriel était fils d'un conseiller au parlement d'Aix ; noblesse de robe. [...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I O SR. MYRIEL	I O ABBADE MYRIEL
<p>Em 1815 era bispo de D... o sr. Carlos Francisco Bemvindo Myriel ; contava setenta e cinco annos de idade, e occupava o episcopado desde 1806.</p> <p>Com quanto este pormenor não tenha a menor relação com o verdadeiro fundo do que temos que contar, nem por isso é inutil, ainda que não seja senão por sermos exactos em tudo, indicar aqui os boatos e contos que tinham circulado a seu respeito, na epocha em que entrou na diocese. Verdadeiro ou falso, o que se diz dos homens, occupa, muitas vezes, tanto logar nas suas vidas, e sobretudo, nos seus destinos, como o que elles fazem. O sr. Myriel era filho d'um conselheiro do parlamento d'Aix ; aristocracta de toga. [...].</p>	<p>Em 1815, occupava a séde episcopal de D... o reverendo Carlos Francisco Bemvindo Myriel, veneravel ancião de perto de setenta e cinco annos, que desde 1806 presidia ao governo d'aquella diocese.</p> <p>Embora de todo o ponto extranhos ao entrecho da historia que vamos intentar, não será talvez superfluo referir — mas que não seja senão como prova de escrupulosa exactidão da nossa parte — os diversos boatos e commentos a que dera margem a sua chegada á séde do bispado. Verdade ou mentira, o que se diz a respeito dos individuos, occupa muitas vezes na sua vida e, ainda mais, no seu destino, um logar não menos importante do que aquillo mesmo que elles praticam.</p> <p>Segundo se contava, Carlos Myriel era filho de um juiz da Relação de (nobreza de toga), [...].</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progresso
I. – O SR. MYRIEL.	I SENR MYRIEL.
<p>Em 1815 Carlos Francisco Bemvindo Myriel era bispo de D.... Era um velho de cerca de setenta e cinco annos ; ocupava a séde de D.... desde 1806.</p> <p>Embora essa circumstancia não se ligue por fôrma alguma ao fundo do que temos de referir, talvez não seja inutil, quando não seja senão para completa exactidão, indicar aqui os boatos e conversas que corrêrão a seu respeito na occasião em que chegou á diocese. Verdade ou mentira, o que se diz dos homens costuma ter tanto lugar na sua vida, e especialmente no seu destino, como o que elles fazem. Carlos Myriel era filho de um conselheiro do parlamento de Aix : fidalguia de béca. [...].</p>	<p>Carlos Francisco Bemvindo Myriel era em 1815 bispo de D.... Anciãõ de cerca de setenta e cinco annos, ocupava a séde de D.... desde 1806.</p> <p>Apesar de que essa circumstancia não tenha relação alguma com o do que temos de referir, talvez não seja inutil, ao menos para completa exactidão, indicar aqui os boatos e conversas que corrêram a seu respeito na occasião em que chegou á diocese. Verdade ou mentira, o que se diz dos homens costuma ter tanto lugar na sua vida, e especialmente no seu destino, como o que elles fazem. Carlos Myriel era filho de um conselheiro do parlamento de Aix: fidalguia de béca. [...].</p>

EDIÇÃO FRANCESA	
II	
M. MYRIEL DEVIENT MONSEIGNEUR BIENVENU	
<p>Le palais épiscopal de D. — était attenant à l'hôpital.</p> <p>Le palais épiscopal était un vaste et bel hôtel bâti en pierre au commencement du siècle dernier par monseigneur Henri Puget, docteur en théologie de la faculté de Paris, abbé de Simore, lequel était évêque de D. — en 1712. Ce palais était un vrai logis seigneurial. Tout y avait grand air, les appartements de l'évêque, les salons, les chambres, la cour d'honneur, fort large avec promenoirs à arcades, selon l'ancienne mode florentine, les jardins plantés de magnifiques arbres. [...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
II	II
O SR. MYRIEL TORNA-SE EM MONSENHOR BEMVINDO	DE COMO O A BBADE MYRIEL PASSA A MONSENHOR BEMVINDO
<p>O paço episcopal de D... situado junto do hospital era um vasto palacio de cantaria, construido no principio do seculo passado por monsenhor Henrique Puget, doutor em theologia pela faculdade de Paris, abbade de Simore, e bispo de D... em 1712. Este palacio era um verdadeiro domicilio senhoreal Tudo alli era magestoso; os aposentos do bispo, os salões, os quartos, o grande pateo de honra circundado de arcadas, segundo o antigo uso florentino, e as magnificas arvores dos jardins. [...]</p>	<p>Immediatamente contiguo ao hospital, o paço episcopal de D... era um vasto e bello edificio de pedra de cantaria, mandado construir, no principio do século passado, por Monsenhor Henrique Puget, doutor em theologia pela faculdade de Paris, abbade de Simore e bispo de D... em 1712.</p> <p>Este edificio era um verdadeiro domicilio senhorial, em que tudo respirava grandeza; os aposentos particulares do bispo, os salões, os quartos, o amplo pateo de recreio com seu claustro om volta, segundo a antiga moda florentina, os jardins, emfim, povoados de aprazíveis e corpulentas arvores.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progresso
II. – MYRIEL TORNA-SE O REVM. BEMVINDO.	II
<p>O palacio episcopal de D... era contiguo ao hospital. Era um vasto e bello edificio construido de pedra no começo do seculo ultimo pelo Revm. Henrique Puget, doutor em theologia da faculdade de Pariz, Abbade de Sinura, que fôra bispo de D... em 1712. Era uma verdadeira residencia de principes, tudo nelle tinha grandeza, os aposentos do bispo, os salões, as camaras, o páteo de honra com vastos passeios de arcaria conforme a antiga moda florentina, os jardins plantados de magnifico arvoredos. [...].</p>	<p>MYRIEL TORNA-SE O RVM. BEMVINDO.</p> <p>O palacio episcopal de D... era contiguo ao hospital.</p> <p>Era um vasto e bello edificio construido de cantaria no começo do seculo ultimo pelo revm. Henrique Puget, doutor em theologia da faculdade de Pariz, abbade de Sinura, e que fora bispo de D... em 1712. Era uma verdadeira residencia de principes, tudo nelle tinha grandeza, os aposentos do bispo, os salões, as camaras, o pateo de honra com extensos passeios de arcaria conforme a antiga moda florentina, e os jardins plantados de magnifico arvoredos. [...].</p>

LIVRE DEUXIÈME / LIVRO SEGUNDO.

LA CHUTE	
<b>A queda</b>	A QUEDA
<b>A QUEDA.</b>	A QUEDA.

EDIÇÃO FRANCESA	
I	
LE SOIR D'UN JOUR DE MARCHÉ	
<p>Dans les premiers jours du mois d'octobre 1815, une heure environ avant le coucher du soleil, un homme qui voyageait à pied entra dans la petite ville de D. — Les rares habitants qui se trouvaient, en ce moment, à leurs fenêtres ou sur le seuil de leurs maisons, regardaient ce voyageur avec une sorte d'inquiétude. Il était difficile de rencontrer un passant d'un aspect plus misérable. C'était un homme de moyenne taille, trapu et robuste, dans la force de l'âge. Il pouvait avoir quarante-six ou quarante-huit ans.[...] .</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I	I
A NOITE DE UM DIA DE MARCHA	NO FIM DE UM DIA DE JORNADA
<p>Nos primeiros dias do mez de outubro de 1815, uma hora antes do pôr do sol, entrou na pequena cidade de D... um homem que viajava a pé. Os raros habitantes que a tal hora se achavam ás janellas, ou ás portas das suas casas, observavam o viajante com uma especie de inquietação. Era impossivel encontrar na cidade um traseunte de aspecto mais miseravel. A sua estatura era mediana, forte e robusta, e na força da idade ; poderia ter quarenta e seis ou quarenta e oito annos [...].</p>	<p>N'um dos primeiros dias do mez de outubro de 1815, quasi uma hora antes do sol posto, entrava na cidade de D... um caminhante a pé.                  Por onde elle passava, os raros moradores que áquella hora se achavam á janella ou á porta de suas casas, encaravam-o com uma especie de susto.                  Fôra, em verdade, difficil encontrar viandante de mais indigente aspecto.                  Era um homem ainda no vigor da idade, robusto, encorpado e de mediana estatura. Inculcava ter quarenta e seis ou quarenta e oito annos. [...].</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progresso
I. – NO FIM DE UM DIA DE JORNADA.	I
<p>Nos primeiros dias do mez de Outubro de 1815, cerca de uma hora antes do pôr do sol, um homem que viajava a pé entrava na cidade de D.... Os raros habitantes que então estavam á janella ou na soleira da porta de suas casas olhavam para esse viajante com uma especie de inquietação. Seria impossivel encontrar homem de aspecto mais miseravel. Era de estatura meã, cheio de corpo e robusto, na força da idade. Poderia ter quarenta e seis ou quarenta e oito annos. [...].</p>	<p style="text-align: center;">NO CABO DE UM DIA DE JORNADA.</p> <p>Nos primeiros dias do mez de outubro de 1815, uma hora pouco mais ou menos antes do pôr do sol, um homem que viajava a pé entrava na cidade de D.... Os espurios habitantes que então estavam á janella ou na soleira da porta de suas casas olhavam-n'o com uma especie de inquietação. Seria impossivel encontrar homem de aspecto mais miseravel. Era de estatura meã, cheio de corpo e robusto, na força da idade. Poderia ter quarenta e seis ou quarenta e oito annos. [...].</p>

EDIÇÃO FRANCESA	
II LA PRUDENCE CONSEILLEE A LA SAGESSE  Ce soir-là, M. l'évêque de D. —, après sa promenade en ville, était resté assez tard enfermé dans sa chambre. Il s'occupait d'un grand travail sur les <i>Devoirs</i> , lequel est malheureusement demeuré inachevé. Il dépouillait soigneusement tout ce que les Pères et les Docteurs ont dit sur cette grave matière. Son livre était divisé en deux parties, premièrement les devoirs de tous, deuxièmeement les devoirs de chacun, selon la classe à laquelle il appartient. Les devoirs de tous sont les grands devoirs. [...].	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
II A PRUDENCIA ACONSELHADA Á SABEDORIA  N'aquella noite tinha-se o sr bispo de D... conservado até muito tarde no seu quarto, depois do seu passeio pela cidade, occupado como estava de um grande trabalho sobre os <i>Deveres</i> , o qual, infelizmente, ficou por acabar. N'este trabalho estudava elle tudo o que os Santos Padres e os doutores teem dito sobre tão grave materia. O seu livro era dividido em duas partes, tratando a primeira dos deveres de todos, e a segunda dos deveres de cada um, segundo a sua classe. Os deveres de todos são os grandes deveres. [...].	II PRUDENCIA ACOMPANHADA Á VIRTUDE  N'essa mesma noite, o bispo de D... depois do seu passeio pela cidade, recolhera-se e conservára-se até tarde fechada no seu quarto, occupado com uma grande obra sobre os <i>Deveres</i> , que, infelizmente, ficou incompleta, e para a qual respigara tudo quanto os santos padres e doutores da egreja teem dito sobre tão importante materia. O seu livro dividia-se em duas partes: a primeira tractava dos deveres de todos, a segunda dos deveres de cada um, segundo a classe a que pertence. Os deveres de todos são os principaes.
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progresso
II. – PRUDENCIA ACONSELHADA Á VIRTUDE.  Nessa noite o Bispo de D...., depois do seu passeio pela cidade, tinha se recolhido um tanto tarde á sua camara. Occupava-se em preparar um grande trabalho ácerca dos <i>Deveres</i> , trabalho que infelizmente não ficou concluído. Colhia cuidadoso tudo quanto sobre tão serio assumpto dizião os doutores e padres da igreja. Dividia-se o livro em duas partes, uma dos deveres de todos, a outra dos deveres de cada um segundo a classe a que pertence. [...].	II PRUDENCIA ACONSELHADA Á VIRTUDE.  Nessa noite o Bispo de D...., depois do seu passeio pela cidade, tinha-se recolhido um tanto tarde ao seu quarto. Occupava-se em preparar um grande trabalho ácerca dos <i>Deveres</i> , trabalho que infelizmente não ficou concluído. Colhia cuidadoso tudo quanto sobre tam serio assumpto diziam os doutores e padres da egreja. Dividia-se o livro em duas partes, uma dos deveres de todos, a outra dos deveres de cada um segundo a classe a que pertence. [...].

EDIÇÃO FRANCESA	
<p>VI</p> <p>JEAN VALJEAN</p> <p>Vers le milieu de la nuit, Jean Valjean se réveilla.</p> <p>Jean Valjean était d'une pauvre famille de paysans de la Brie. Dans son enfance, il n'avait pas appris à lire. Quand il eut l'âge d'homme, il était émondeur à Faverolles. Sa mère s'appelait Jeanne Mathieu; son père s'appelait Jean Valjean ou Vlajean, sobriquet probablement, et contraction de <i>voilà Jean</i>.</p> <p>Jean Valjean était d'un caractère pensif sans être triste, ce qui est le propre des natures affectueuses. Somme toute, pourtant, c'était quelque chose d'assez endormi et d'assez insignifiant, en apparence du moins, que Jean Valjean. Il avait perdu en très-bas âge son père et sa mère. [...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p>VI</p> <p>JOÃO VALJEAN</p> <p>Pelo meio da noite, acordou o hospede do bispo.</p> <p>João Valjean era d'uma pobre familia de camponeses da Brie. Em quanto na idade propria nunca aprendera a ler ; depois de ser homem dera-se ao mister de debastador e podador em Faverolles. Sua mãe chamava-se Joanna Matheus, e seu pae João Valjean ou Vlajean, provavelmente alcunha e contração de <i>Voilà Jean</i>.</p> <p>João Valjean era dotado de um caracter pensativo, sem que fosse triste, o que é assaz proprio das organizações affectuosas ; apresentava, em summa, pelo menos na apparencia, o aspecto mais insignificante, e por assim dizer, dormente. Perdera seus paes, quando muito creança ainda. [...].</p>	<p>VI</p> <p>JOÃO VALJEAN</p> <p>Alta noute. acordou João Valjean.</p> <p>João Valjeau era oriundo de uma pobre família de Brie. Na sua infancia não aprendera a lêr. Chegado á idade viril, era podador em Faverolles. Sua mãe chamava-se Joanna Mathieu; seu pai João Valjean, ou Vlajean, alcunha talvez formada pela contracção de <i>voilà Jean</i>.</p> <p>João Valjean era de caracter pensativo sem ser triste, circumstancia particular ás naturezas affectuosas. No fim de tudo, porém, não passava de uma creatura dorminhoca e destituida de interesse, ao menos aparentemente. Perdera os pais em idade ainda muito tenra. [...].</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progresso
<p>VI. – JOÃO VALJEAN.</p> <p>Alta noite João Valjean acordou.</p> <p>João era de uma pobre familia de camponeses da Brie. Na infancia não tinha aprendido a ler. Quando chegou á idade de homem era podador em Faverolles. Sua mãe chamava-se Joanna Matheus, seu pai João Valjean ou <b>Olejean</b>, provavelmente alcunha e contração das palavras <i>Voilà Jean</i> (eis-ahi João).</p> <p>João era de genio pensativo sem ser triste, o que é caracteristico das indoles affectuosas. Entretanto, bem pesado tudo, era cousa um tanto lerda e soffrivelmente insignificante, ao menos na apparencia, esse João Valjean. Mui criança perdêra pai e mãe. [...].</p>	<p>VI</p> <p>JOÃO VALJEAN.</p> <p>Alta noite João Valjean acordou.</p> <p>João era de uma pobre familia de camponeses da Brie. Na infancia não tinha aprendido a ler. Quando chegou á idade de homem era podador em Faverolles. Sua mãe chamava-se Joanna Matheus, seu pae João Valjean ou <b>Olejean</b>, provavelmente alcunha e contração das palavras <i>Voilà Jean</i> (eis-ahi João).</p> <p>João era de genio pensativo sem ser triste, o que é caracteristico das indoles affectuosas. Entretanto, bem pesado tudo, era cousa um tanto pesada e soffrivelmente insignificante, ao menos na apparencia, esse João Valjean. Mui creança perdêra pae e mãe. [...].</p>

## LIVRE TROISIEME / LIVRO TERCEIRO

EN L'ANNÉE 1817	
<b>Em 1817</b>	NO ANNO DE 1817
<b>NO ANNO DE 1817.</b>	<b>FANTINA</b>

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
I L'ANNEE 1817	
<p>1817 est l'année que Louis XVIII, avec un certain aplomb royal qui ne manquait pas de fierté, qualifiait la vingt-deuxième de son règne. C'est l'année où M. Bruguère de Sorsum était célèbre. Toutes les boutiques des perruquiers, espérant la poudre et le retour de l'oiseau royal, étaient badigeonnées d'azur et fleurdelysées. C'était le temps candide où le comte Lynch siégeait tous les dimanches comme marguillier au banc d'œuvre de Saint-Germain-des-Prés en habit de pair de France, avec son cordon rouge et son long nez, et cette majesté de profil particulière à un homme qui a fait une action d'éclat.[...] .</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I O ANNO DE 1817	I O ANNO DE 1817
<p>O anno de 1817 é aquella que Luiz XVIII, com uma certa seriedade real, que não era isempta de altivez, qualificava de 22.º do seu reinado. É o anno em que o sr. Bruguère de Sorsum se tornou celebre. Todas as lojas de cabelleireiro estavam pintadas d'azul e cheias de flôres de lys, esperando novamente o uso dos pós. Era o tempo candido em que o conde Lynch se apresentava todos os domingos, como thesoureiro, na bancada de Saint-Germain-des-Prés, com o traje de par de França, com o seu cordão vermelho, o seu comprido nariz, e essa magestade de perfil particular a um homem que fez uma acção de estrondo. [...].</p>	<p>Mil oitocentos e dezesete é o anno que Luiz XVIII, com certo aprumo régio, não destituído inteiramente de altivez, denominara o vigésimo segundo anno do seu reinado.</p> <p>Foi o anno em que M. Bruguere de Sorsum se tornou celebre, em que todas as lojas de cabelleireiro se caíaram e pintaram de azul com flores de liz, á espera dos polvilhos e do regresso da ave real.</p> <p>Era o innocente tempo em que o conde de Lynch todos os domingos se sentava, como fabriqueiro da igreja, no seu banco de S. Germain des Prés, vestido de par de França, com a sua fita vermelha e o seu grande nariz, e aquelle aspecto de magestade particular ao homem que praticou uma acção celebre.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progreso
I. – O ANNO DE 1817.	I O ANNO DE 1817.
<p>1817 é o anno que Luiz XVIII, com uma certa imperturbabilidade que não era estreme de altivez, chamava o vigesimo-segundo do seu reinado. É o anno em que Bruguère Sorsum era celebre. Todas as lojas de cabelleireiro, esperando os pós e a volta do passaro real, estavam pintadas de azul e esmaltadas de flôres de liz. Era o tempo candido em que o conde Lynch apparecia sentado todos os domingos como fabriqueiro em um banco da capella-mór da igreja de Saint-Germain-des-Prés, <b>vestido</b> de par de França, com a sua grã-cruz vermelha e o seu immenso nariz, ostentando essa magestade de perfil propria de um homem que praticou uma acção famosa. [...].</p>	<p>1817 é o anno que Luiz XVIII, com uma certa imperturbabilidade que não era estreme de altivez, chamava o vigesimo-segundo do seu reinado. É o anno em que Bruguère Sorsum era celebre. Todas as lojas de cabelleireiro, esperando os pós e a volta do passaro real, estavam pintadas de azul e esmaltadas de flôres de liz. Era o tempo candido em que o conde Lynch apparecia sentado todos os domingos como moço do côro em um banco da capella-mór da egreja de Saint-Germain-des-Prés, <b>vestidos</b> de par de França, com a sua grã-cruz vermelha e o seu immenso nariz, ostentando essa magestade de perfil propria de um homem que praticou uma acção famosa. [...].</p>

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
<p><b>II</b></p> <p><b>Double quatuor</b></p> <p>Ces parisiens étaient l'un de Toulouse, l'autre de Limoges, le troisième de Cahors et le quatrième de Montauban ; mais ils étaient étudiants, et qui dit étudiant dit Parisien ; étudier à Paris, c'est naître à Paris.</p> <p>Ces jeunes gens étaient insignifiants ; tout le monde a vu ces figures-là ; quatre échantillons du premier venu ; ni bons ni mauvais, ni savants ni ignorants, ni des génies ni des imbéciles ; beaux de ce charmant avril qu'on appelle vingt ans. [...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p><b>II</b></p> <p><b>DUPLO QUARTETO</b></p> <p>Os quatro parisienses de que fallámos no capitulo precedente, um era de Toulouse, outro de Limoges, o terceiro de Cahors, e o quarto de Montauban ; mas eram estudantes e quem diz estudante diz parisiense ; estudar em Paris, é nascer em Paris.</p> <p>Estes quatro moços eram insignificantes ; não ha ninguem que não tenha visto figuras semelhantes ; quatro amostras do primeiro que lembrar ; nem bons nem máos, nem instruidos nem ignorantes, nem genios nem imbecis, e dotados da beleza do encantador abril a que se chama vinte annos. [...].</p>	<p><b>II</b></p> <p><b>QUATRO PARES</b></p> <p>Estes parizienses eram naturaes, um de Toulon, outro de Limoges, o terceiro de Cahors, o quarto de Montauban ; mas eram estudantes, e quem diz estudante diz pariziense. Estudar em Paris é nascer em Paris.</p> <p>Estes quatro mancebos não tinham nada que os tornasse salientes; toda a gente viu d'essas caras; imaginem quatro estudantes d'esses que por ahi se encontram onde quer; nem bons, nem maus, nem sábios nem ignorantes, nem génios nem imbecis ; bellos d'esse encantador abril chamado vinte annos. [...].</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Progresso
<p><b>II. – DUPLO QUATUOR.</b></p> <p>Estes Parizienses erão um de Toulouse, outro de Limoges, o terceiro de <b>Caborse</b>, o quarto de Montauban ; mas erão estudantes, e quem diz estudante diz Pariziense ; estudar em Pariz é nascer em Pariz.</p> <p>Estes moços nenhuma importancia tinham ; erão figuras conhecidas de todos ; quatro individuos parecidos com qualquer outro ; nem bons nem máos, nem sabios nem ignorantes, nem genios nem imbecis ; tinham a belleza desse encantador Abril, que chamamos vinte annos. [...].</p>	<p><b>II</b></p> <p><b>DUPLO QUATUOR.</b></p> <p>Estes parizienses eram um de Toulouse, outro de Limoges, o terceiro de <b>Cahorse</b>, o quarto de Montauban ; mas eram estudantes, e quem diz estudante diz pariziense ; estudar em Pariz é nascer em Pariz.</p> <p>Estes moços nenhuma importancia tinham ; eram figuras conhecidas de todos ; quatro individuos parecidos com qualquer outro ; nem bons nem máos, nem sabios nem ignorantes, nem genios nem imbecis ; tinham a belleza desse encantador abril, que chamamos vinte annos. [...].</p>

LIVRE QUATRIÈME / LIVRO QUARTO<sup>520</sup>

CONFIER, C'EST QUELQUEFOIS LIVRER	
<b>Confiar é por vezes abandonar</b>	CONFIAR ÀS VEZES É ENTREGAR
<b>CONFIAR É ÀS VEZES ENTREGAR</b>	CONFIAR E AS VEZES ENTREGAR

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
I UNE MERE QUI EN RENCONTRE UNE AUTRE	
<p>Il y avait, dans le premier quart de ce siècle, à Montfermeil, près Paris, une façon de gargote qui n'existe plus aujourd'hui. Cette gargote était tenue par des gens appelés Thénardier, mari et femme. Elle était située dans la ruelle du Boulanger. On voyait au-dessus de la porte une planche clouée à plat sur le mur. Sur cette planche était peint quelque chose qui ressemblait à un homme portant sur son dos un autre homme, lequel avait de grosses épauettes de général dorées avec de larges étoiles argentées ; des taches rouges figuraient du sang ; le reste du tableau était de la fumée et représentait probablement une bataille. Au bas on lisait cette inscription : Au SERGENT DE WATERLOO.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I ENCONTRO DE DUAS MÃES	I UMA MÃI QUE ENCONTRA OUTRA
<p>Havia, no primeiro quarto d'este seculo, em Montfermeil, proximo de Paris, uma especie de baiuca que já hoje não existe, que pertencia a uns taes Thenardier, mulher e marido, e que era situada no becco do Boulanger, Por cima da porta via-se uma taboleta de madeira pregada na parede, com uma pintura que pertendia figurar um homem com outro ás costas, tendo este ultimo grandes dragonas de general, doiradas, e com desproporcionadas estrellas prateadas ; algumas borradelas vermelhas figuravam sangue ; o fundo do quadro era composto de nuvens de fumo, representando provavelmente uma batalha, e na parte inferior lia-se esta inscripção : AO SARGENTO DE WATERLOO.</p>	<p>Havia no primeiro quartel d'este seculo em Monfermeil, nas immediações de Paris, uma especie de taverna, que hoje já não existe e que era administrada por um individuo e sua mulher, chamados Thenardier. Ficava situada esta taverna no becco do Padeiro, e, sobre uma taboleta, pregada na parede, logo por cima da porta via-se pintada uma cousa que tinha seus laivos de similhaça com um homem, segurando a cavalleiro outro com grandes dragonas de general douradas, e largas estrellas de prata ; figuravam de sangue manchas de tinta vermelha; o resto do quadro era uma nuvem de fumo e representava provavelmente uma batalha. Em baixo lia-se esta inscripção : ESTALAGEM DO SARGENTO DE WATERLOO.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
I. – UMA MÃI QUE ENCONTRA OUTRA.	I UMA MÃE QUE ENCONTRA OUTRA.
<p>Havia no primeiro quarto deste seculo, em Montfermeil, perto de Pariz, uma especie de bodega que ja hoje não existe. Pertencia a uns individuos chamados Thénardier, marido e mulher. Ficava na rua do Padeiro. Por cima da porta via-se uma taboa singela pregada na parede e nella pintado o que quer que fosse que semelhava um homem com outro ás costas, tendo este grandes dragonas de general douradas com estrellas prateadas ; algumas manchas vermelha figuravão sangue ; o resto do quadro era só fumaça e representava provavelmente uma batalha. Por baixo lia-se esta inscripção : — AO SARGENTO DE WATERLOO.</p>	<p>Havia no primeiro quarto deste seculo em Montfermeil, perto de Pariz, uma especie de bodega, que já hoje não existe. Pertencia a uns individuos chamados Thenardier, marido e mulher. Ficava na rua do Padeiro. Por cima da porta via-se uma taboa singela pregada na parede e nella pintado o que quer que fosse que semelhava um homem com outro ás costas, tendo este grandes dragonas de general douradas com estrellas prateadas ; algumas manchas vermelha figuravam sangue ; o resto do quadro era só fumaça e representava provavelmente uma batalha. Por baixo lia-se esta inscripção : — AO SARGENTO DE WATERLOO.</p>

<sup>520</sup> Abre o “Tomo Segundo”, da edição lisboeta, e o “Volume II”, da maranhense.

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
<p><b>II</b></p> <p><b>PREMIERE ESQUISSE DE DEUX FIGURES LOUCHES</b></p> <p>La souris prise était bien chétive ; mais le chat se réjouit même d'une souris maigre.                      Qu'était-ce que les Thénardier?                      Disons-en un mot dès à présent. Nous compléterons le croquis plus tard.                      Ces êtres appartenait à cette classe bâtarde composée de gens grossiers parvenus et de gens intelligents déchus, qui est entre la classe dite moyenne et la classe dite inférieure, et qui combine quelques-uns des défauts de la seconde avec presque tous les vices de la première, sans avoir le généreux élan de l'ouvrier ni l'ordre honnête du bourgeois.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p><b>II</b></p> <p><b>PRIMEIRO ESBOÇO DE DUAS PHYSIONOMIAS EQUIVOCAS</b></p> <p>O rato que cahiu na ratoeira era bem mesquinho ; mas o rato nunca deixa de agradar ao gato por ser magro.                      O que eram os Thenardier ?                      Digamos desde já algumas palavras a seu respeito.                      Mas tarde completaremos o desenho.                      Estas creaturas pertenciam a essa classe bastarda composta de gente grosseira elevada, e de gente d'intelligencia decahida, que vive entre a outra classe denominada media, e aquella a que se chama inferior, e que combina alguns defeitos da segunda com quasi todos os vicios da primeira, sem ter o generoso instincto do operario, nem a ordem honesta do burguez.</p>	<p><b>II</b></p> <p><b>PRIMEIRO ESBOÇO DE DUAS TRISTES FIGURAS</b></p> <p>O rato apanhado na ratoeira era bastante franzino, mas o gato regala-se ainda que seja com um rato magro.                      Quem eram os casados Thenardier?                      Digamos desde já alguma cousa a seu respeito.                      Concluiremos mais adiante o esboço.                      Estes seres pertenciam a essa classe bastarda de gente grosseira aventureira e gente intelligente decahida, que está entre a classe chamada média e a chamada inferior, e que combina alguns defeitos da segunda com quasi todos os vicios da primeira, sem ter o assomo de generosidade do artista nem a ordenada honestidade do burguez.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
<p><b>II. – PRIMEIRO ESBOÇO DE DUAS FIGURAS ANTIPATHICAS.</b></p> <p>O ratinho que tinham apanhado era bem mesquinho ; mas o gato contenta-se mesmo com um ratinho magro.                      Quem eram os Thénardier?                      Digamo-lo já em algumas palavras. Mais para diante completaremos o esboço.                      Estes entes pertenciam a essa classe bastarda que se compõe de creaturas grosseiras elevadas e de creaturas inteligentes humilhadas, classe que tem seu lugar entre a chamada média e a chamada inferior, e que combina alguns defeitos desta com quasi todos os vicios daquella, sem ter do artezão o generoso entusiasmo, nem do burguez o louvavel amor da ordem.</p>	<p><b>II</b></p> <p><b>PRIMEIRO ESBOÇO DE DUAS FIGURAS ANTIPATHICAS.</b></p> <p>O ratinho que tinham apanhado era bem mesquinho ; mas o gato contenta-se mesmo com um ratinho magro.                      Quem eram os Thenardier?                      Digamo-lo já em algumas palavras. Mais para diante completaremos o esboço.                      Estes entes pertenciam a essa classe bastarda que se compõe de creaturas grosseiras elevadas e de creaturas inteligentes humilhadas, classe que tem seu lugar entre a chamada média e a chamada inferior, e que combina alguns defeitos desta com quasi todos os vicios daquella, sem ter do artezão o generoso entusiasmo, nem do burguez o louvavel amor da ordem.</p>

## LIVRE CINQUIÈME / LIVRO QUINTO

LA DESCENTE	
<b>A descida</b>	A QUEDA
<b>A PERDIÇÃO.</b>	A PERDIÇÃO.

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
I	
HISTOIRE D'UM PROGRES DANS LES VERROTIERIES NOIRES	
<p>Cette mère cependant qui, au dire des gens de Montfermeil, semblait avoir abandonné son enfant, que devenait-elle? où était-elle? que faisait-elle?</p> <p>Après avoir laissé sa petite Cosette aux Thénardier, elle avait continué son chemin et était arrivée à M. — sur M. —.</p> <p>C'était, on se le rappelle, en 1818.</p> <p>Fantine avait quitté sa province depuis une dizaine d'années. M. — sur M. — avait changé d'aspect. Tandis que Fantine descendait lentement de misère en misère, sa ville natale avait prospéré.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I	I
HISTORIA DE UM MELHORAMENTO NO FABRICO DOS VIDRILHOS PRETOS.	HISTORIA DE UM PROGRESSO NOS AVELORIOS PRETOS
<p>Entretanto, o que era feito d'essa mãe, que no dizer dos habitantes de Montfermeil, tinha abandonado sua filha ? onde estava e o que fazia ?</p> <p>Depois de ter deixado a sua Cosette em poder dos <b>Thenardier</b>, seguiu o seu caminho, e chegára a M... sur M...</p> <p>Passava-se isto, como todos se lembrarão, em 1818.</p> <p>Fantine sahira da sua terra havia bons dez annos. M... sur M... tinha mudado de aspecto. Em quanto Fantine descia lentamente de miseria em miseria, prosperava a sua terra natal.</p>	<p>Todavia, essa mãe que, no dizer dos moradores de Montfermeil, parecia ter abandonado sua filha, que feito era d'ella? onde estava? que fazia?</p> <p>Depois de ter deixado a creanca entregue aos mercenários cuidados do estalajadeiro <b>Thenardier</b> e sua mulher, continuára o seu minho e chegára a M. — sur M.—</p> <p>Era em 1818, se bem vos lembraes.</p> <p>Fantina tinha deixado a sua província havia dez annos; M.— sur M. — mudára de aspecto. Ao passo que Fantina descia lentamente de miseria em miseria, fôra prosperando a sua cidade natal.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
I. – HISTORIA DE UM PROGRESSO NO FABRICO DAS MISSANGAS PRETAS.	I HISTORIA DE UM PROGRESSO NO FABRICO DE MISSANGAS <b>PRETA</b> .
<p>Entretanto o que era feito dessa mãe que, ao dizer a gente de Montfermeil, parecia ter abandonado a filha ? Onde estava ? O que fazia ?</p> <p>Depois de ter deixado a sua Cosettinha com os Thenardier, continuara a sua viagem e chegara a M. sobre o M.</p> <p>Estava-se, como estará lembrado o leitor, no anno de 1818.</p> <p>Fantina deixára a sua provincia havia cerca dez annos. M. sobre o M. tinha mudado de aspecto. Emquanto Fantina descia lentamente de miseria em miséria, a sua cidade natal havia prosperado.</p>	<p>O que, no entanto, era feito dessa mãe que, ao dizer da gente de Montfermeil, parecia ter abandonado a filha ? Onde estava ? O que fazia ?</p> <p>Depois de ter deixado a sua Cosettinha com os Thenardier, continuara a sua viagem e chegara a M. sobre o M.</p> <p>Estava-se, como estará lembrado o leitor, no anno de 1818.</p> <p>Fantina deixara a sua provincia á perto de dez annos. M. sobre o M. tinha mudado de aspecto. Em quanto Fantina descia lentamente de miseria em miséria, a sua cidade natal havia prosperado.</p>

EDIÇÃO FRANCESA	
<p>II</p> <p>MADELEINE</p> <p>C’était un homme d’environ cinquante ans, qui avait l’air préoccupé et qui était bon. Voilà tout ce qu’on en pouvait dire.</p> <p>Grâce aux progrès rapides de cette industrie qu’il avait si admirablement remaniée, M. — sur M. — était devenu un centre d’affaires considérable. L’Espagne, qui consomme beaucoup de jais noir, y commandait chaque année des achats immenses. M.— sur M.—, pour ce commerce, faisait presque concurrence à Londres et à Berlin. [...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p>II</p> <p>MADELAINÉ</p> <p>Era um homem de cincoenta annos, pouco mais ou menos, bondoso, e que parecia sempre preocupado. Eis o que a seu respeito se podia dizer.</p> <p>Graças aos rapidos processos da industria, que elle tão admiravelmente levantára do seu abatimento, tornara-se M... sur M... um centro muito consideravel, de negocios. A Hespanha, que consome muita misanga preta, e vidrilhos, fazia todos os annos grandes encommendas. M... sur M... n’este commercio quase concorria com Londres e Berlin. [...].</p>	<p>II</p> <p>MAGDALENA</p> <p>O tio Magdalena era um homem de cerca de cincoenta annos, de ar preocupado, mas de bom natural ; era isto tudo o que d’elle se podia dizer.</p> <p>Graças aos rapidos progressos d’essa industria, que elle tão admiravelmente reformára, M. — sur M. — tinha-se tornado um consideravel centro de commercio. A Hespanha que consome muito azeviche, encommendava aos seus commissarios alli compras immensas. N’este ramo de commercio, M. — sur M. — fazia concorrencia a Londres e a Berlin. [...].</p>
Jornal do Commercio	Edição da Typ. do Frias
<p>II. – MAGDALENA.</p> <p>Era um homem de cerca de cincoenta annos, que mostrava sempre um ar preocupado e era bom. Eis o mais que se podia dizer a seu respeito.</p> <p>Graças aos progressos rapidos da industria que elle tão admiravelmente restaurára, M. sobre o M. tornara-se um centro de negocios sobremodo importante. A Hespanha, que compra muito azeviche preto, tirava dalli todos os annos partidas immensas. M. sobre o M. quasi competia, neste ramo de commercio, com Londres e Berlin. [...].</p>	<p>II</p> <p>MAGDALENA.</p> <p>Era um homem de cerca de cincoenta annos, que mostrava sempre um ar preocupado e era bom. Eis o mais que se podia dizer a seu respeito.</p> <p>Graças aos progressos rapidos da industria que elle tam admiravelmente restaurara, M. sobre o M. tornara-se um centro de commercio nimamente importante. A Hespanha, que compra muito azeviche preto, tirava dalli todos os annos partidas immensas. M. sobre o M. quasi competia, neste ramo de commercio, com Londres e Berlin. [...].</p>

## LIVRE SIXIÈME / LIVRO SEXTO

JAVERT	
<b>Javert</b>	JAVERT
<b>JAVERT.</b>	JAVERT.

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
I COMMENCEMENT DU REPOS	
<p>M. Madeleine fit transporter la Fantine à cette infirmerie qu'il avait dans sa propre maison. Il la confia aux sœurs qui la mirent au lit. Une fièvre ardente était survenue. Elle passa une partie de la nuit à délirer et à parler haut. Cependant elle finit par s'endormir.</p> <p>Le lendemain vers midi Fantine se réveilla. Elle entendit une respiration tout près de son lit, elle écarta son rideau et vit M. Madeleine debout qui regardait quelque chose au dessus de sa tête. Ce regard était plein de pitié et d'angoisse et suppliait. [...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I PRINCIPIO DE REPOUSO	I PRINCIPIO DO REPOUSO
<p>O sr. Madelaine mandou transportar Fantine para a enfermaria que estabelecera em sua propria casa. Confiou-a aos cuidados das duas irmãs de caridade, que logo a metteram na cama. Tinha-lhe sobrevindo grande febre ; passou toda a noite em delirio, fallando sempre em voz alta. Por fim adormeceu.</p> <p>Quando Fantine acordou no dia seguinte, seria meio dia ; ouviu uma respiração muito proxima da cama, afastou a cortina e vio o sr. Madelaine que, de pé, contemplava o que quer que era que estava por cima da cabeceira. No seu olhar lia-se distintamente a piedade, a afflicção e a supplica. [...].</p>	<p>Mandou Magdalena transportar Fantina para a enfermaria, que estabelecera em sua propria casa, e confiou-a aos cuidados das irmãs da caridade, que tractaram immediatamente de a fazer deitar. Sobreviera-lhe uma febre ardente, de modo que passou parte da noute a delirar e a fallar em voz alta. Por fim adormeceu.</p> <p>Ao meio dia seguinte acordou, e ouvindo o susurrar de uma respiração mesmo ao pé do leito em que jazia, desviou o cortinado e deu com os olhos em Magdalena, de pé e olhando para o que quer que fosse que lhe ficava sobranceiro. Era piedoso, supplice e cheio de angustia aquelle olhar. [...]</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
I. – COMEÇA O SOCEGO.	I COMEÇA O SOCEGO.
<p>Magdalena mandou transportar Fantina para a enfermaria que tinha em sua propria casa, confiou ás irmãs da caridade, que lhe derão um leito. Sobreviera-lhe uma febre ardente. Ella passou parte da noite a delirar e a fallar alto. Comtudo acabou por adormecer.</p> <p>Já era meio-dia quando Fantina acordou. Ouvio uma respiração junto da cama, afastou o cortinado e vio Magdalena em pé a olhar para alguma cousa por cima da cabeça. Aquelle olhar era cheio de piedade e de angustia, e tinha uma expressão de supplica. [...].</p>	<p>Magdalena mandou transportar Fantina para a enfermaria que tinha em sua propria casa, confiou ás irmans da caridade, que lhe deram um leito. Sobreviera-lhe uma febre ardente. Ella passou parte da noite a delirar e a fallar alto. Comtudo acabou por adormecer.</p> <p>Já era meio-dia quando Fantina acordou. Ouvio uma respiração junto da cama, afastou o cortinado e viu Magdalena em pé a olhar para alguma cousa por cima da cabeça. Aquelle olhar era cheio de piedade e de angustia, e tinha uma expressão de supplica. [...].</p>

EDIÇÃO FRANCESA	
<p>II</p> <p>COMMENT JEAN PEUT DEVENIR CHAMP</p> <p>Un matin, M. Madeleine était dans son cabinet, occupé à régler d'avance quelques affaires pressantes de la mairie pour le cas où il se déciderait à ce voyage de Montfermeil, lorsqu'on vint lui dire que l'inspecteur de police Javert demandait à lui parler. En entendant prononcer ce nom, M. Madeleine ne put se défendre d'une impression désagréable. Depuis l'aventure du bureau de police, Javert l'avait plus que jamais évité, et M. Madeleine ne l'avait point revu.</p> <p>— Faites entrer, dit-il.</p> <p>Javert entra.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p>II</p> <p>COMO JEAN PODE TORNAR-SE CHAMP</p> <p>N'uma manhã, estava o sr. Madelaine no seu gabinete, pondo antecipadamente em ordem alguns negocios urgentes, e pertencentes á administração municipal, quando lhe foram dizer que o inspector da policia, Javert, lhe queria fallar. O sr. Madelaine ouvindo pronunciar este nome não pôde evitar uma impressão desagradavel. Depois da aventura da repartição de policia, tinha Javert, mais do que nunca, fugido de encontrar-se com elle ; o sr. Madelaine não o tornára a ver.</p> <p>— Mandem-no entrar, disse elle.</p> <p>Javert entrou.</p>	<p>II</p> <p>COMO JEAN SE PODE TORNAR CHAMP</p> <p>Estava Magdalena uma manhã no seu gabinete, occupado a pôr em ordem alguns negocios urgentes, relativos ao seu cargo, para os deixar promptos, caso se tornasse necessaria a sua ida a Montfermeil, quando lhe vieram dizer que o inspector Javert pretendia fallar-lhe. Não pôde elle defender-se de uma impressão desagradavel ao ouvir pronunciar aquelle nome. Javert, desde a occorrença da repartição de policia, evitava-o mais do que nunca, de modo que Magdalena não o tornara a ver.</p> <p>— Diga-lhe que entre — respondeu elle.</p> <p>Entrou Javert.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
<p>II. – COMO DE JEAN PÓDE FAZER-SE CHAMP.</p> <p>Uma manhã, achava-se Magdalena seu gabinete occupado a despachar de antemão alguns negocios urgentes da mairie para o caso em que se decidisse a ir em pessoa a Montfermeil, quando vierão dizer-lhe que o inspector de policia Javert queria fallar-lhe. Ouvindo este nome, Magdalena não pôde forrar-se a uma impressão desagradavel. Depois da aventura da estação de policia, Javert evitára-o mais do que nunca, e Magdalena não tornára a vê-lo.</p> <p>— Mande-o entrar, disse elle.</p> <p>Javert entrou.</p>	<p>II</p> <p>COMO DE JEAN PÓDE FAZER-SE CHAMP.</p> <p>Uma manhã, achava-se Magdalena seu gabinete occupado a despachar de antemão alguns negocios urgentes da mairie para o caso em que se decidisse a ir em pessoa a Montfermeil, quando vieram dizer-lhe que o inspector de policia Javert queria fallar-lhe. Ouvindo este nome, Magdalena não pôde resistir a uma impressão desagradavel. Depois da aventura da estação de policia, Javert evitara-o mais do que nunca, e Magdalena não tornára a vê-lo.</p> <p>— Mande-o entrar, disse elle.</p> <p>Javert entrou.</p>

## LIVRE SEPTIÈME / LIVRO SÉTIMO

L'AFFAIRE CHAMPMATHIEU	
<b>Processo de Champmathieu</b>	O PROCESSO CHAMPMATHIEU
<b>PROCESSO CHAMPMATHIEU.</b>	PROCESSO CHAMPMATHIEU.

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
I LA SŒUR SIMPLICE	
<p>Les incidents qu'on va lire n'ont pas tous été connus à M. — sur M. —. Mais le peu qui en a percé a laissé en cette ville un tel souvenir, que ce serait une grave lacune dans ce livre, si nous ne les racontions dans leurs moindres détails.</p> <p>Dans ces détails, le lecteur rencontrera deux ou trois circonstances invraisemblables que nous maintenons par respect pour la vérité.</p> <p>Dans l'après-midi qui suivit la visite de Javert, M. Madeleine alla voir la Fantine comme d'habitude. Avant de pénétrer près de Fantine, il fit demander la sœur Simplicie.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I A IRMÃ SIMPLICIA	I A IRMÃ SIMPLICIA
<p>Os incidentes que vão lêr-se, nem todos foram conhecidos em M... sur M... mas o pouco que d'elles respirou, deixou n'esta cidade tão profunda lembrança, que ficaria grande lacuna n'este livro, se os não contassemos por menores.</p> <p>N'este pormenores encontrará o leitor duas ou tres circumstancias inverosimeis, e que nós não illiminámos, em respeito á verdade.</p> <p>Na tarde do dia seguinte áquelle em que Javert fez a sua visita ao sr. Madelaine, foi este, como costumava, visitar Fantine.</p> <p>Antes de lhe entrar no quarto, mandou chamar a irmã Simplicia.</p>	<p>Não foram conhecidos em M.— sur M. — todos os incidentes que vão lêr-se, porém o pouco que transpirou deixou tal recordação n'aquella cidade, que seria grave lacuna neste livro deixarmos de dar d'elles aos leitores mui particular e circumstanciada noticia.</p> <p>Entre essas minuciosidades encontrarão os leitores duas ou tres circumstancias inverosimeis, que conservamos em respeito á verdade.</p> <p>Na tarde que se seguiu á visita de Javert, foi Magdalena visitar Fantina ; como de costume, porém, antes de ir ter com ella mandou chamar a irmã Simplicia.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
I. — A IRMÃ SIMPLICIA.	I A IRMAN SIMPLICIA.
<p>Nem todos os incidentes, que o leitor vai ler forão sabidos em M. sobre o M. Mas o pouco que delles pôde transpirar deixou naquella cidade tal lembrança que o nosso livro ficaria com uma grave lacuna se não os referissimos nos seus menores detalhes.</p> <p>Nestes detalhes o leitor encontrará duas ou tres circumstancias inverosimeis, que aqui consignamos por deferencia á verdade.</p> <p>Pelo meio-dia, depois da visita de Javert, Magdalena foi ver Fantina, como costumava.</p> <p>Antes de se lhe apresentar, mandou chamar a irmã Simplicia.</p>	<p>Nem todos os incidentes, que o leitor vae ler foram sabidos em M. sobre o M. Mas o pouco que delles pôde transpirar deixou naquella cidade tal lembrança que o nosso livro ficaria com uma grave lacuna se não os referissimos nos seus menores detalhes.</p> <p>Nestes detalhes o leitor encontrará duas ou tres circumstancias inverosimeis, que aqui consignamos por deferencia á verdade.</p> <p>Pelo meio-dia, depois da visita de Javert, Magdalena foi ver Fantina, como costumava.</p> <p>Antes de se lhe apresentar, mandou chamar a irman Simplicia,</p>

EDIÇÃO FRANCESA	
<p>II</p> <p>PERSPICACITE DE MAITRE SCAUFFLAIRE</p> <p>De la mairie il se rendit au bout de la ville chez un Flamand, maître Scaufflaer, francisé Scaufflaire, qui louait des chevaux et des « cabriolets à volonté. »</p> <p>Pour aller chez ce Scaufflaire, le plus court était de prendre une rue peu fréquentée où était le presbytère de la paroisse que M. Madeleine habitait. Le curé était, disait-on, un homme digne et respectable et de bon conseil.[...].</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p style="text-align: center;">II</p> <p style="text-align: center;">PERSPICACIA DE MESTRE SCAUFFLAIRE</p> <p>O sr. Madelaine sahio, logo depois, da administração, e dirigio-se ao extremo da cidade, a casa de um flamengo chamado <b>Scaufflaire</b>, cujo nome depois de afrancesado ficou sendo Scaufflaire, o qual tinha cavallos e trens de aluguel.</p> <p>Para se ir casa d’este tal Scaufflaire, o caminho mais curto era por uma rua pouco frequentada, onde estava situado o presbyterio da parochia a que pertencia o sr. Madelaine. O cura, segundo diziam, era um homem digno, respeitavel e de bom conselho. [...].</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p style="text-align: center;">PERSPICACIA DE MESTRE SCAUFFLAIRE</p> <p>Da casa da camara transportou-se á extremidade da cidade, a casa de um flamengo, mestre <b>Scaufflaire</b> afrancezado em Scaufflaire, que alugava cavallos e «cabriolets de gosto».</p> <p>O caminho mais curto para ir a casa d’este Scaufflaire, era tomar por uma rua pouco frequentada, onde ficava o presbyterio da freguezia em que Magdalena habitava, e cujo abbade, segundo se dizia, era um homem digno, respeitavel e de bom conselho. [...].</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	<i>Edição da Typ. do Frias</i>
<p style="text-align: center;">II. – PERSPICACIA DE MESTRE SCAUFFLAIRE.</p> <p>Da mairie dirigiu-se á casa de um Flamengo, mestre Scaufflaer, afrancezadamenete Scaufflaire, o qual morava no outro lado da cidade e alugava cavallos e cabriolets á escolha.</p> <p>Para ir á casa desse Scaufflaire o caminho mais curto era tomar por uma rua pouco frequentada, onde ficava o presbyterio da parochia a que Magdalena pertencia. O cura era, ao que se dizia, um homem digno e respeitavel, e de bom conselho. [...].</p>	<p style="text-align: center;">II</p> <p style="text-align: center;">PERSPICACIA DE MESTRE SCAUFFLAIRE.</p> <p>Da mairie dirigiu-se á casa de um Flamengo, mestre Scaufflaer, afrancezadamente Scaufflaire, o qual morava no outro lado da cidade e alugava cavallos e cabriolets á escolha,</p> <p>Para ir á casa desse Scaufflaire o caminho mais breve era tomar por uma rua pouco frequentada, onde ficava o presbyterio da parochia a que Magdalena pertencia. O cura era, ao que se dizia, um homem digno e respeitavel, e de bom conselho. [...].</p>

## LIVRE HUITIÈME / LIVRO OITAVO

CONTRE-COUP	
<b>Desforra</b>	CONSEQUÊNCIAS DO PRIMEIRO INFORTUNO
<b>REPERCUSSÃO.</b>	REPERCUSSÃO.

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
I DANS QUEL MIROIR M. MADELEINE REGARDE SES CHEVEUX	
<p>Le jour commençait à poindre. Fantine avait eu une nuit de fièvre et d'insomnie, pleine d'ailleurs d'images heureuses; au matin, elle s'endormit. La sœur Simplice qui l'avait veillée profita de ce sommeil pour aller préparer une nouvelle potion de quinquina. La digne sœur était depuis quelques instants dans le laboratoire de l'infirmier, penchée sur ses drogues et sur ses fioles et regardant de très près, à cause de cette brume que le crépuscule répand sur les objets. Tout à coup elle tourna la tête et fit un léger cri. M. Madeleine était devant elle. Il venait d'entrer silencieusement.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
I EM QUE ESPELHO O SR. MADELAINE CONTEMPLA OS SEUS CABELLOS	I A QUE ESPELHO MAGDALENA OLHA OS CABELLOS
<p>O dia começara a despontar. Fantine passara uma noite de febre e insomnia, mas não obstante, povoada de felizes imagens : de madrugada adormecera.</p> <p>A irmã Simplicia, que toda a noite velara junto d'ella, aproveitou este somno para lhe ir preparar um calmante. A digna irmã da caridade estava, havia alguns instantes, no laboratorio da enfermaria, curvada sobre as drogas e sobre os diferentes vidros, observando-os muito de perto, por causa da especie de nevoeiro que o crepusculo lança sobre todos os objectos. De repente voltou a cabeça, e soltou um pequeno grito. Tinha diante de si o sr. Madelaine, que acabara de entrar silenciosamente.</p>	<p>Principiava a despontar o dia. Fantina passara uma noute de febre e insomnia, mas alias cheia de imagens risonhas ; pela madrugada adormeceu, e a sua irmã Simplicia, que fora quem velara a cabeceira do leito, aproveitou o ensejo para ir preparar uma nova beberagem de quina. Estava a digna irmã havia alguns instantes na botica da enfermaria, inclinada sobre as suas drogas e frascos, e com os olhos mesmo chegados a estes objectos, por causa do nevoeiro de que o crepusculo os envolvia, quando de repente voltou a cabeça, e deu um pequeno grito. Estava diante d'ella Madalena, que acabava de entrar silenciosamente.</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
I. – EM QUE ESPELHO VÊ MAGDALENA OS SEUS CABELLOS,	I EM QUE ESPELHO VÊ MAGDALENA OS SEUS CABELLOS.
<p>Começava a romper o dia. Fantina tivera uma noite de febre e de insomnia, porém cheia de ridentes imagens ; pela manhã adormeceu. A irmã Simplicia que velava junto della, aproveitou esse somno para ir preparar outra poção de quina. A digna irmã achava-se havia alguns instantes no laboratorio da enfermaria, inclinada para as suas drogas e os seus frascos, e firmando de muito perto a vista, por causa desse orvalho que o crepusculo espalha sobre os objectos.</p> <p>De repente levantou a cabeça e soltou um grito fraco. Magdalena estava diante della. Acabava de entrar silenciosamente.</p>	<p>Começava a romper o dia. Fantina tivera uma noite de febre e de insomnia, porém cheia de ridentes imagens ; pela manhan adormeceu. A irman Simplicia, que velava junto della, aproveitou esse somno para ir preparar outra poção de quina. A digna irman achava-se a alguns instantes no laboratorio da enfermaria, inclinada para as suas drogas e os seus frascos, e firmando de muito perto a vista, por causa desse orvalho que o crepusculo espalha sobre os objectos.</p> <p>De repente levantou a cabeça e soltou um grito fraco. Magdalena estava deante della. Acabava de entrar silenciosamente.</p>

<b>EDIÇÃO FRANCESA</b>	
<p><b>II</b></p> <p><b>FANTINE HEUREUSE</b></p> <p>Elle n'eut pas un mouvement de surprise, ni un mouvement de joie ; elle était la joie même. Cette simple question : — Et Cosette? fut faite avec une foi si profonde, avec tant de certitude, avec une absence si complète d'inquiétude et de doute, qu'il ne trouva pas une parole. Elle continua :</p> <p>— Je savais que vous étiez là, je dormais, mais je vous voyais. Il y a longtemps que je vous vois, je vous ai suivi des yeux toute la nuit. Vous étiez dans une gloire et vous aviez autour de vous toutes sortes de figures célestes.</p> <p>Il leva son regard vers le crucifix.</p>	
Francisco Ferreira da Silva Vieira	António Rodrigues de Sousa e Silva
<p><b>II</b></p> <p><b>FANTINE FELIZ</b></p> <p>A doente não fez um só movimento de surpresa nem de alegria. Esta simples pergunta: — E Cosette ? foi feita com uma fé tão profunda, com tanta certeza, com tão completa ausencia de inquietação e de duvida, que Madelaine não achou uma unica palavra para lhe responder. Fantine continuou :</p> <p>— Eu já sabia que o sr. se achava ahi ; estava dormindo, mas via-o. Ha muito tempo que o estava vendo ; segui-o com os olhos toda a noite. O sr. Estava cheio de gloria, e tinha á roda de si toda a especie de figuras celestes.</p> <p>Madelaine ergueo os olhos para o crucifixo.</p>	<p><b>II</b></p> <p><b>FANTINA FELIZ</b></p> <p>Fantina não fez um movimento de surpresa, não fez um gesto de alegria ; era ella mesma a alegria personificada. Aquella simples pergunta: « E Cosetta ? » foi feita com tão profunda fé, com tanta certeza, com tão completa ausencia de receio e de duvida, que Magdalena não atinou com uma palavra para lhe responder, e ella continuou :</p> <p>— Eu bem sabia que v. s.a estava para lá; eu dormia, mas via-o. Ha muito tempo que o vejo, e esta noute segui-o sempre com a vista. V. s.<sup>a</sup> estava n'um lugar que parecia a gloria, rodeado de toda a especie de figuras celestes.</p> <p>Magdalena ergueu os olhos para o crucifixo, e Fantina proseguiu :</p>
<i>Jornal do Commercio</i>	Edição da Typ. do Frias
<p><b>II. – FANTINA FELIZ.</b></p> <p>Não fez o menor movimento de surpresa, nem o menor gesto de alegria ; toda ella era alegria. Esta simples pergunta: « E Cosetta ? » foi feita com tão profunda fé, com tanta segurança, com tão completa ausencia de inquietação e de duvida, que Magdalena não achou uma palavra para responder. Ella continuou :</p> <p>— Eu sabia que Vm. estava ahi ; dormia, mas via-o. Ha muito tempo que o vejo ; segui-o com os olhos toda a noite. Vm. estava todo cercado de luz e tinha em torno de si uma infinidade de figuras celestes.</p> <p>Elle levantou os olhos para o crucifixo.</p>	<p><b>II</b></p> <p><b>FANTINA FELIZ.</b></p> <p>Não fez o menor movimento de surpresa, nem o menor gesto de alegria ; toda ella era alegria. Esta simples pergunta: « E Cosetta ? » foi feita com tam profunda fé, com tanta segurança, com tam completa ausencia de inquietação e de duvida, que Magdalena não achou uma palavra para responder. Ella continuou :</p> <p>— Eu sabia que vm. estava ahi ; dormia, mas via-o. Ha muito tempo que o vejo ; segui-o com os olhos toda a noite. Vm. estava todo cercado de luz e tinha em torno de si uma infinidade de figuras celestes.</p> <p>Elle levantou os olhos para o crucifixo.</p>

### 6.2.5 Síntese das obras e um breve aparato crítico

Como verificado, somente as versões portuguesas (de Lisboa e do Porto) possuem prefácio. As edições brasileiras assemelham-se nas omissões, o que reforça a suspeita de que a edição maranhense foi realizada a partir da impressa no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, somente com pequenas revisões e modificações. As palavras em que notei alguma inconsistência encontram-se grifadas em amarelo.

Todas as edições em questão apresentam particularidades. A lisboeta, de Francisco Ferreira da Silva Vieira, foi impressa em cinco tomos, cada um contendo dois volumes, em formato in-8º português. O volume I tem 266 páginas e o volume II 281, encadernados juntamente, formando a primeira parte da obra. Considero-a tradução original, por não ter sido espelhada ou copiada de outra. As únicas observações que faço são em relação ao Prefácio que, por falta da letra «a», aparece «crença», em vez de «creança»; ao «livro quinto», capítulo I, e referem-se à falta de acentuação e à troca de uma letra na palavra Thenerdier (*Thénardier*, na versão francesa); e no livro sétimo, capítulo II, Scaufflaire (a utilização apenas da forma Scaufflaire, quando na versão francesa aparece o nome flamengo *Scaufflaer*, depois a forma afrancesada *Scaufflaire*).

A edição portuense, de António Rodrigues de Sousa e Silva, foi produzida em formato in-4º (a maior delas em dimensões), em 5 volumes. O primeiro contém 493 páginas seguidas, sem divisões. Além disso, é a única ilustrada, idêntica à publicada em Paris, de 1865. Repete-se o erro da edição de Lisboa, no livro sétimo, capítulo II, Scaufflaire.

A edição fluminense<sup>521</sup>, cuja tradução não tem assinatura, mas que foi atribuída a Justiniano da Rocha e a António José Fernandes dos Reis, é a única em folhetim, lançada em 10 de Março de 1862 e finalizada em 16 de Outubro de 1862. O que notei de diferente é que não possui prefácio; no livro 2, capítulo VI, aparece a palavra Olejean (Vlajean, nas versões

---

<sup>521</sup> **Livro 1** (I - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 68, Rio de Janeiro, 10 Mar. 1862. p. 1; II - anno XXXVII, n. 84, Rio de Janeiro, 26 Mar. 1862. p. 1). **Livro 2** (I - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 77, Rio de Janeiro, 19 Mar. 1862. p. 1; II - anno XXXVII, n. 81, Rio de Janeiro, 23 Mar. 1862. p. 1); VI - anno XXXVII, n. 84, Rio de Janeiro, 26 Mar. 1862. p. 1). **Livro 3** (I e II - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 104, Rio de Janeiro, 15 Abr. 1862. p. 1). **Livro 4** (I - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 122, Rio de Janeiro, 4 Maio 1862. p. 1; II - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 123, Rio de Janeiro, 5 Maio 1862. p. 1). **Livro 5** (I e II - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 124, Rio de Janeiro, 6 Maio 1862. p. 1). **Livro 6** (I e II - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 128, Rio de Janeiro, 10 Maio 1862. p. 1). **Livro 7** (I e II - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 129, Rio de Janeiro, 11 Maio 1862. p. 1). **Livro 8** (I e II - *Jornal do Commercio*, anno XXXVII, n. 135, Rio de Janeiro, 17 Maio 1862. p. 1).

portuguesas e francesa; e, no livro 3, capítulo II, Caborse (Cahorse, na versão maranhense, e Cahors, nas portuguesas e na francesa).

A edição maranhense, sem assinatura do tradutor, foi impressa em formato in-8º francês, o volume I tem 188 páginas e o volume II 193, encadernados juntamente, formando a primeira parte da obra. Esta edição é a que apresenta mais problemas. Da mesma forma que a estampada no *Jornal do Commercio*, também não possui prefácio e, no livro 2, capítulo VI, a palavra Olejean (Vlajean, nas versões portuguesas e francesa) parece um tanto descontextualizada. No livro terceiro, o título está equivocado: FANTINA (na realidade, é o título da primeira parte). O correto seria «NO ANNO DE 1817», como aparece nas outras edições (EN L'ANNÉE 1817, na francesa). Ainda no livro, capítulo I, o certo seria vestido, e não vestidos, como foi impresso. No livro quinto, capítulo I, há outro erro: HISTORIA DE UM PROGRESSO NO FABRICO DE MISSANGAS PRETA (em vez de PRETAS).

Para dar azo às minhas suspeitas, José Mindlin atribui ao ilustre tradutor do Rio de Janeiro a iniciativa da edição maranhense, assegurando que

[...] Importante também é a tradução de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, feita por Justiniano José da Rocha e publicada no Maranhão em 1862, no mesmo ano da primeira edição francesa. Não é à toa que São Luís era considerada a Atenas brasileira. Seria ainda hoje? [...] (Mindlin J. , 1997, p. 30).

A obra *Destaques da biblioteca inDisciplinada de Guita e José Mindlin* (2005, p. 199) traz a folha de rosto do volume II de *Os Miseráveis*, impresso em São Luís, e a legenda reforça a informação anterior, de que a edição maranhense foi traduzida por Justiniano José da Rocha.

Ademais, como havia dito, das quatro publicações em língua portuguesa de *Os Miseráveis*, julgo originais as impressas na Typ. do Futuro, na Livraria Civilização<sup>522</sup> e no *Jornal do Commercio*. Já na maranhense, como percebível, não há grandes diferenças na estrutura, nem nas palavras, indicando ser apenas uma edição revisada e corrigida da do Rio de Janeiro. A gazeta da Corte emitiu nota, em trecho já citado, que receberiam dos editores belgas os originais com exclusividade.

Acerca de direitos autorais, Luiz de Castro, em *Le Brésil Vivant*, ao falar da tradução de peças teatrais, assegura que, no Brasil

[...]. Pas de droits d'auteur, puisqu'il n'existe pas de convention avec la France ni avec les autres pays. Simplement des droits de traducteur, qui sont bien minimes : 25 fr. par

<sup>522</sup> Adquiri a edição como sendo de 1862. Consultados alguns catálogos, percebi o engano do vendedor. Trata-se de uma publicação de 1886.

acte et par représentation. Cela n'empêche pas de faire fortune pour peu que la pièce plaise et que le traducteur ait de la vogue (Castro, 1891, p. 106).

Como se vê, as traduções foram feitas numa época em que se ignoravam a propriedade intelectual e o direito do autor<sup>523</sup> – talvez isso explique o fato da edição produzida em São Luís não mencionar o tradutor. Outra hipótese é que a tradução era tratada como atividade secundária, marginal, pouco prestigiada diante do ofício do escritor da obra original, mesmo que, naquele tempo, falar outro(s) idioma(s) fosse motivo de orgulho e distinção.

#### 6.2.6 *Os Miseráveis, uma obra imperecível*

Por isso eu supponho que, d'aqui a quinhentos annos, apenas se saberá o nome de Hugo. A mocidade, nas suas primeiras curiosidades litterarias, lerá uma ou outra das suas poesias lyricas; e só, confusamente, se conhecerá quem era Jean Valjean ou Triboulet (Eça de Queirós, 1885).

A epígrafe, de autoria de Eça de Queirós, profetizando o futuro de Victor Hugo, é um fragmento da carta enviada ao diretor do periódico *Ilustração*. Passados mais de cem anos do desaparecimento do «mestre» de Besançon, será que o escritor português tem razão, quando diz que suas célebres personagens serão olvidadas?

O tempo cumpriu o seu inarredável curso, e a frase ainda não fez efeito. Quem razoavelmente letrado não se lembra ou já ouviu falar do corcunda Quasímodo, da cigana Esmeralda e do próprio Jean Valjean? Devemos isso aos valiosíssimos esforços dos tradutores portugueses e brasileiros que, por meio do seu trabalho, prestaram inestimáveis serviços à cultura dos dois países.

Creio que em terras d'Aquém e d'Além-mar a atividade de tradução foi importante anelo a aproximar povos e culturas, pois veio reduzir os efeitos produzidos pelo imenso fosso das taxas de analfabetismo, atendendo, de um lado, aos interesses da elite letrada, e, de outro, abrindo vias que ampliavam o acesso das massas populares aos benefícios ares trazidos pelo mundo do impresso.

No caso brasileiro, em finais do séc. XIX, o rebuliço produzido pelos impulsos românticos desapareceu, e, ao sumir, levou junto, infelizmente, aquela espécie de «epidemia

---

<sup>523</sup> Victor Hugo desempenhou papel fundamental no reconhecimento dos direitos do autor. Graças ao seu entusiasmo, foi criada, em 1878, a *Association Littéraire et Artistique Internationale*, que promoveu uma convenção para a proteção de propriedade literária e artística. Finalmente o trabalho iniciado por Victor Hugo dá frutos: após oito longos anos, em 9 de Setembro 1886, ocorre a «Convenção de Berna», com a intenção de reconhecer e harmonizar, em âmbito internacional, os direitos do autor.

intelectual» que contaminou um grupo expressivo de jovens escritores, os tradutores maranhenses. E por uma dessas curiosas trapaças do tempo, motivada pela obtusidade dos homens, a memória da passagem dessas singulares personalidades pelo Maranhão parece também ter sumido, com seus protagonistas. Quando muito, esta saga intelectual é apontada como alusão corrediça e passageira, com parcimônia e muito desinteresse.

Acerca da obra-prima de Victor Hugo, *Os Miseráveis*, vertida em todas as línguas cultas, nada mais resta a afirmar do que aquilo que já é platitude: ela é um dos pilares da literatura francesa. De outra parte, digamos o que pouco se observa: o trabalho dos tradutores veio promover a inserção das longínquas terras brasileiras num circuito que apenas se iniciava, integrando os leitores do Rio de Janeiro e de São Luís na rede de circulação de uma cultura literária transnacional.

No capítulo seguinte, analiso o papel desempenhado pelos tradutores no conjunto da atividade cultural local e nacional, apresentando recortes de divulgação de algumas obras, suas funções na educação dos brasileiros e na formação de leitores.

Estátua de Gonçalves Dias.

Fonte: *O Novo Mundo* (Vol IV, n. 44, New York, 23 de Maio de 1874, p. 4).



## 7 PEÇAS NO TABULEIRO DE AFIRMAÇÃO DE UMA MENTALIDADE

[...] en accordant aux écrivains créateurs le premier rang qu'ils méritent, il semble qu'un excellent traducteur doit être placé immédiatement après, au-dessus des écrivains qui ont aussi bien écrit qu'on le peut faire sans génie [...] (Alembert, 1822, p. 36).

Os tradutores, decerto, revolucionaram a cultura. Com seus trabalhos, puseram ao alcance do público os mais importantes livros editados pelo mundo, sobretudo em países onde: «Só uma pequena fração de leitores é capaz de ler no original as grandes obras universais [...]» (Rónai, 2012, p. 34).

O livro possui características particulares de comunicação, e um destaque fundamental que se lhe atribui é a possibilidade de troca de conhecimentos entre culturas e a abertura de caminho para «diálogos» globais, superando lacunas no processo de transmissão e recepção de conhecimento. E os tradutores são fundamentais para que isso ocorra, porque «[...]». Foram eles que permitiram que certos textos importantes – obras científicas, filosóficas e literárias – adquirissem estatura universal» (Delisle & Woodsworth, 1998, p. 9).

Pouco – ou nada – adiantaria editar livros, porém, se não forem adotadas ferramentas adequadas para que eles cheguem ao conhecimento público. São muitos os fatores que orientam a aceitação, a aquisição e o sucesso de uma publicação. E a divulgação em jornais foi, certamente, um braço importante para a atividade livreira de obras traduzidas, por servirem de espaço de crítica e de formação abalizada dos leitores, assim como de estímulo à aquisição. Estas apreciações são resolutivas, porque, de acordo com o escritor Philip Kotler, ao lado de Hermawan Kartajaya e Iwan Setiawan, «[...] os clientes se adaptam mais às opiniões sociais. Na verdade, a maioria das decisões de compra pessoais serão essencialmente decisões sociais» (2017).

Por seu impacto quase imediato no corpo das sociedades ocidentais do século XIX, os jornais são peças fundamentais para a composição do cenário das mentalidades. E foi por meio de suas páginas que diversas obras chegaram ao conhecimento do público, sempre acompanhadas de designativos que ressaltavam os seus pendores, a sua qualidade, o seu papel na formação do cidadão e da juventude.

O relevante lugar ocupado pelo jornal pode ser percebido em carta assinada pelo «frei Caetano» e estampada no *Diario de Pernambuco* (anno XXXVI, n. 120, Pernambuco, 24 de

Maio de 1860, p. 2): «Muito convencido, que o «jornalismo é hoje o grande livro do povo, segundo disse o Iris, como outr'ora as cathedraes eram as grandes paginas do sábio» [...].»

Ao folhear os periódicos oitocentistas, é possível flagrar apelos comerciais de numerosas obras traduzidas. No entanto, por não ser possível explorar todas elas nesta investigação, foi necessário priorizar as traduções de grande repercussão, de acentuado impacto social/educacional. Para a tal seleção, levei em consideração os comentários dos críticos, como formadores de opinião, que tiveram participação indispensável na divulgação e saída dessas obras, por suas reconhecidas habilidades de examinar e emitir apreciações das produções literárias e científicas, e conhecerem comportamentos e costumes dos habitantes da região onde elas circularam.

Algumas das traduções escolhidas, apreciadas pelos «analistas» das gazetas, foram executadas por Manuel Odorico Mendes, *persona* obrigatória sempre que se falar nesse campo de atividade no Brasil. Seu trabalho inovador foi, de início, contestado duramente por alguns intelectuais, e, depois, recuperado e enaltecido por outros, que o viram como um brilhante tradutor. As peças que aqui reuni são representativas de trabalho de divulgação comercial, mas que também indicam dimensões significativas da vida societária.

Muito antes de dedicar-se aos clássicos latinos e gregos, como já abordado, Odorico aventurou-se na tradução de Voltaire. Os títulos escolhidos foram *Merope* (1831) e *Tancredo* (1839), ambos impressos no Rio de Janeiro. As peças dramáticas conquistaram boa aceitação do público e da crítica. *Merope* foi recomendado pelo «Inimigo de Francelhos»<sup>524</sup> e por Sotero dos Reis como leitura indispensável para quem pretendesse executar boas traduções.

Acerca da tradução de *Tancredo, O Despertador* (n. 546, Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1840, p. 1), seção «LITTERATURA», publica elogiosa nota ao trabalho do poeta maranhense:

TRANCREDO (sic),

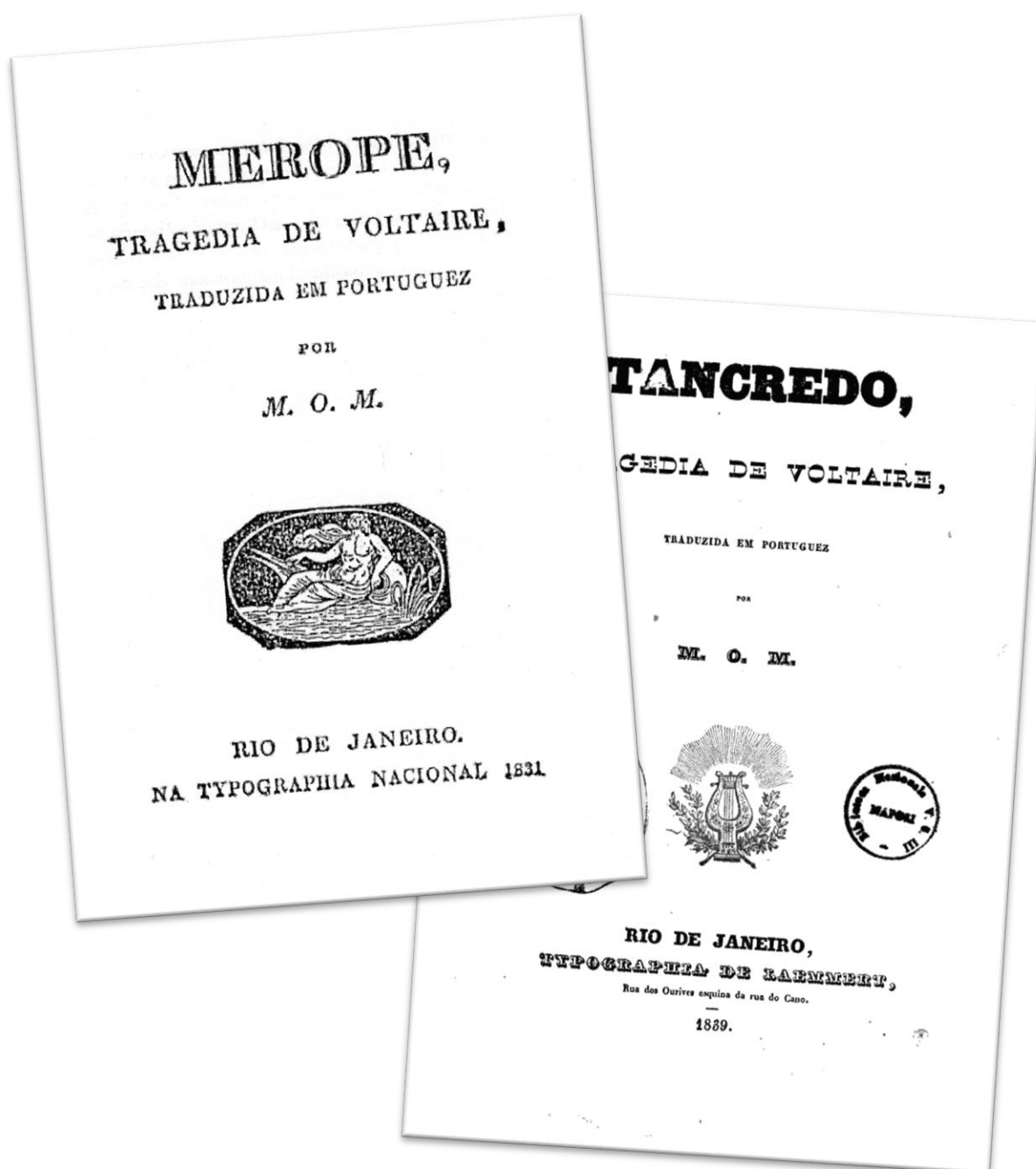
*Tragedia de Voltaire, traduzida pelo Sr. Manoel Odorico Mendes.*

Causou-nos summo prazer a traducção de Tancredo de Voltaire, feita pelo Sr. Manoel Odorico Mendes, e estampada este anno no Rio de Janeiro: nós a reputamos superior á da Merope pelo mesmo Sr. A paixão infeliz e tragica dos dous amantes, Tancredo e Amenaída, não podia ser celebrada em versos portuguezes, nem mais bellos, nem mais dignos do grande engenho que enriqueceo a scena francesa com essa sublime producção. Naturalidade, flexibilidade, elegancia, energia e magestade do estylo,

<sup>524</sup> *Echo do Norte* (n. 86, Maranhão 9 de Julho de 1835, p. 4). Suponho que o «Inimigo de Francelhos» seja um pseudônimo utilizado por Sotero dos Reis, que tecia duras críticas à corrupção de nosso idioma, principalmente pelo abuso do galicismo, e ao que definia como «péssimas traduções francesas». Em seu *Curso de litteratura portugueza e brazileira*, tomo 1 (1866, p. 62), há um trecho parecido com este da correspondência publicada no *Echo do Norte*.

riqueza de linguagem, propriedade e pureza de dicção, tudo se encontra naquella primorosa traducção. O estylo he, para dizer tudo, nobre, accommodado ao assumpto, e mais sustentado (ousamos afirmal-o sem receio de proferir huma blasfemia) que o do proprio original. A traducção he feita quasi verso por verso; e constando os versos alexandrinos de mais syllabas que os brancos, a tragedia portugueza comprehende menor numero de versos do que a franceza, sem que huma tal concisão empeça por fórma alguma a clareza e facilidade do estylo: o que prova bem a superioridade da lingua de Camões sobre a de Voltaire. Os versos são naturaes, cheios, harmoniosos sem affectação, e, pela sua contextura, algum tanto se approximão do fallar solto, como segundo os preceitos do mestre Horacio, convém á tragedia. [...].

FIGURAS 64 e 65: Frontispícios das obras *Merope* e *Tancredo*, traduzidas por Odorico Mendes



Na luminosa capital francesa, Odorico Mendes acompanhava a impressão do seu *Virgilio brasileiro*, sem descuidar de anunciar, em sua cidade natal, a boa nova da impressão em curso, preparando o terreno para a chegada do corpulento volume e divulgando sua comercialização antecipada através de assinaturas. Destaque-se, também no aviso, o empenho em vincular a chegada da obra a vantagens educativas, pois «especie de curso de litteratura apropriado ao nosso paiz»:

FIGURA 66: Anúncio da impressão do *Virgilio brasileiro*.



Fonte: *A Imprensa* (anno I, n. 15, S. Luiz, 22 de Julho de 1857, p. 4).

Após a chegada da tradução odoricana, o mesmo periódico (*A Imprensa*, anno II, n. 98, S. Luiz, 9 de Dezembro de 1858, p. 3) estampou matéria em que dois pontos se destacam: o primeiro, a provocação para que a obra chegue aos bancos escolares do Liceu e do Seminário Episcopal de Santo António; o segundo, o ressentimento quanto à raquítica recepção dos são-luisenses à obra, pela baixa adesão à venda antecipada.

#### REVISTA NOTICIOSA.

**Virgilio Brasileiro.** — Acaba do chegar de França a traducção das obras completas de Virgílio pelo nosso distincto litterato, o Sr. Manoel Odorico Mendes. E' um nitido volume em 8.º de 800 paginas, enriquecido de grande copia de notas, noticias, vida do author, &.

Por mais de uma vez temos pedido a protecção de todos os amantes das letras patrias para este monumento litterario, erguido por um dos mais bellos talentos, que possuímos.

Contamos que em poucos dias estarão vendidos todos os exemplares que vieram, alem dos dos (sic) Srs. assignantes, e que os lentes do lyceu e do seminario adoptarão a obra como compendio nas suas aulas, por isso que não póde servir de *pae-avô*, antes de ensino da lingua patria, ou como bem diz o author brasileiro no seu prologo: «Tenho que a minha obra sem inconveniente póde ser lida nas classes de latim; porque tal é a versão que, se os estudantes não meditarem no texto, só com ella não o saberão reduzir

á ordem grammatical, e talvez colham o fructo de aprender alguma cousa da lingua materna.»

Ao passo que no Pará, onde não é conhecido o litterato maranhense senão de nome, montaram a dusetas as assignaturas para esta obra, aqui, onde nasceu o illustre poeta, cuja gloria reverte sobre a nossa provincia, com vergonha disemol-o, não conseguiu-se mais de cento e tantas assignaturas!

Quando houvermos destruido os exemplares, publicaremos os nomes daquelles que protegeram esta publicação com suas assignaturas incluindo como subscriptores aos que a comprarem presentemente, para o que encontra-a-hão á venda, por 7\$000 reis o exemplar, nas casas dos Srs, José A. Moreira da Rocha, r. Grande; Parga & Guimarães, rua do Sol; Nina & Parga, largo do Carmo; Cunha Machado & Braga, rua de Nazareth.

FIGURAS 67 e 68: Anúncios de venda do *Virgilio brasileiro* no Rio de Janeiro

**VIRGILIO BRASILEIRO**  
OU  
**Tradução das obras do poeta Latino,**  
POR MANOEL ODORICO MENDES, (DA CIDA-  
DE DE S. LUIZ DO MARANHÃO.)

Contendo toda a tradução, todo o texto em frente, as notas augmentadas com a vida do autor, escripta pelo traductor, e expurgada dos erros, que correm nas nossas escolas; e mais (em latim) a antiga vida attribuida a Donato, e a historia de Carlos de La Rue 1 vol. em 8º grande, boa edição, mas não de luxo, preço 7\$ pagos ao receber o livro, e 6\$ só para os estudantes; nas casas dos Srs. Guimarães e C. rua do Sabão, Laemmert e João Pedro da Voiga, rua da Quitanda; nas typographias do «Correio Mercantil,» do «Correio da Tarde,» do «Diário do Rio,» e do Sr. Nicolau e Filho, rua da Ajuda; Soares, rua da Alfandega; e na Bibliotheca Fluminense.

Fonte: *Correio da Tarde*, anno IV, n. 157, Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1858, p. 4.

**VIRGILIO BRASILEIRO**  
ou tradução com o texto em frente de todas as *Obras do poeta latino*, por Manoel Odorico Mendes, 1 vol. brochado.

Acha-se á venda por 7\$ cada um exemplar na livraria imperial dos Srs. F. L. Pinto e Comp., rua do Ouvidor n. 87, onde os Srs. assignantes podem mandar buscar seus livros.

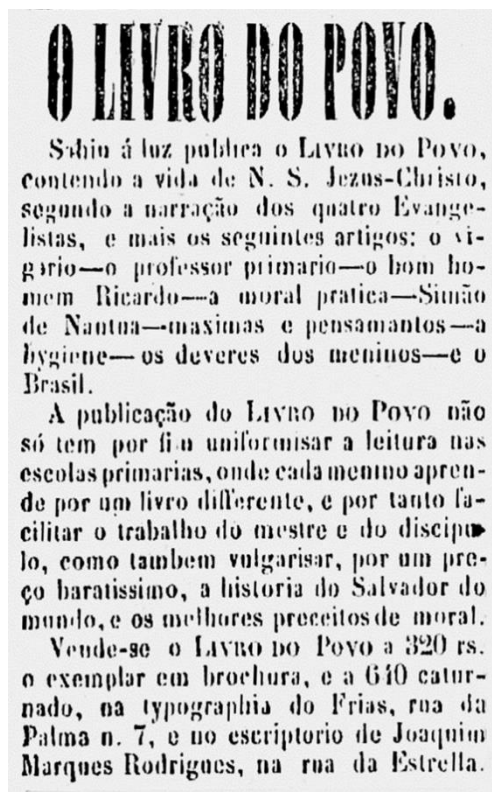
Fonte: *Correio Mercantil*, anno XV, n. 353, Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1858, p. 3.

Ao menos um trabalho realizado por Odorico Mendes foi avaliado em diferentes províncias do Império e, ainda, no exterior: a *Eneida brasileira*, elogiada por uns e censurada por outros. Em Portugal, além dos críticos citados no Capítulo 4, o jornalista e escritor português José Feliciano de Castilho teceu comentários desfavoráveis à tradução odoricana. Hoje, contudo, seus trabalhos gozam de merecida respeitabilidade, após diversos estudos se voltarem ao labor traducional de Odorico, reconhecendo-o como «tradutor criativo».

Cabe ressaltar que, assim como em outras obras – em especial no livro de maior tiragem na história da tipografia maranhense, o já citado *Livro do Povo* – era recorrente o uso dos termos

«preços módicos», «modicíssimo», «baratíssimo», «vulgarizar a leitura», «educar a mocidade», em viva demonstração que a publicação de livros não visava somente a interesses comerciais.

FIGURA 69: Anúncio de publicação e venda d’*O livro do povo*, no Maranhão.



Fonte: *A Coalicao* (anno I, n. 3, San’Luz, 13 de Fevereiro de 1862, p. 4).

*O livro do povo* foi adotado em escolas das províncias do Amazonas, do Pará, do Maranhão, do Piauí, do Ceará, da Paraíba e de Pernambuco. Vendido de Norte a Sul do Império, ele se destaca no rol dos títulos maranhenses mais divulgados nas gazetas. No Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* (anno XXXVIII, n. 193, Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1863, p. 3) anuncia: *O livro do povo*, por A. Marques Rodrigues, 2ª edição, ornada com 27 estampas; vende-se a 800 rs, o exemplar em brochura, e a 1\$ cartonado, nas seguintes casas: rua do Ouvidor, n. 87; rua da Quitanda, n. 70; rua do Sabão, n. 26. Na capital manauense, a obra era negociada, como se vê no *Amazonas* (anno IV, n. 175, Manaos, 24 de Julho de 1869, p. 4), na Loja de Barboza & Irmão, travessa da Matriz, n. 3, canto da rua 5 de Setembro.

No Ceará, o *Pedro II* (1862) publicou, em alguns números do jornal, partes d’*O livro do povo*. E *O Cearense* (anno XVI, n. 1514, Ceará, 4 de Março de 1862, p. 1), seção «Publicações litterarias», informa que «O illustrado e distincto maranhense Dr. Marques Rodrigues acaba de dar a estampo o *Livro do Povo*, colleção de historias moraes, maximas e preceitos para as

escolas primarias, muito elogiado pela imprensa do Maranhão [...].» *A Gazeta Official* (anno I, n. 90, Ceará, 8 de Julho de 1863, p. 2) divulga a seguinte nota: «— Ao director geral da instrucção publica. Remetto a Vmc. um exemplar do Livro do Povo do Dr. Antonio Marques Rodrigues, afim de ser ouvido o conselho director sobre a conveniencia de ser adoptado o mesmo livro nas escolas do ensino primario.»

A obra de Marques Rodrigues também podia ser encontrada na capital paraibana, de onde destaco o anúncio a seguir:

FIGURA 70: Divulgação de venda d’*O livro do povo*, na Paraíba.

**O livro do povo.**

Obra ornada com muitas gravuras, e contendo as seguintes materias: Vida de Nosso Senhor Jesus Christo, o Vigario, o Professor Primario, o Bom Homem Ricardo, Moral Pratica, Quadrupedes Uteis, Receitas Necessarias, Da hygiene, etc.

Vende-se em casa de Antonio Vicente de Magalhães & C.<sup>a</sup>, nesta cidade, rua do Varadouro decima n. 1, a 1\$000 o exemplar cartonado.

A barateza do preço e o merecimento do assumpto e do estylo, tem dado a esta obra interessante uma grande extracção, e feito com que tenha sido adoptada para o uso das escolas primarias do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, e Pernambuco, e recommendada ao povo a sua leitura pelos Exms. Srs. D. Luiz, bispo do Maranhão, e D. Manoel, arcebispo da Bahia.

Fonte: *O Publicador* (anno III, n. 2524, Parahyba do Norte, 2 de Junho de 1864, p. 4).

Na mesma região, os jornais pernambucanos lançaram diversas propagandas acerca d’*O livro do povo*. *O Diario de Pernambuco* (anno XXXVIII, n. 67, Pernambuco, 21 de Março de 1862, p. 1), seção «Revista Diaria», estampa extensa matéria sobre a obra do distinto maranhense:

— O Sr. Dr. A. Marques Rodrigues acaba de dar á estampa na provincia do Maranhão á um livro importantíssimo para a leitura publica das escolas primarias.

O *Livro do Povo*, como é elle denominado, por si mesmo recommenda-se ao apreço quer do homem de letras, quer do ignorante; porque nelle mana a lição naturalmente, baseada na vida de Christo, e em productos praticos da experiencia mais illustrada.

Muito poderemos dizer ácerca do seu merito, mas contentamo-nos em transcrever da *Coallicão* o artigo seguinte, no qual os nossos leitores acharão o desenvolvimento simples e consciencioso do que seja o *Livro do Povo*, cuja leitura recommendamos, sendo para desejar que fosse adoptado para uso das escolas primarias.

«O Sr. José Maria Corrêa de Frias acaba de dar á estampa um substancial volume, intitulado: *O Livro do Povo*.

«O Sr. Dr. Antonio Marques Rodrigues é o autor de tão precioso volume; autor modesto, levando mais em mira o interesse da nossa mocidade do que a gloria do seu nome. Mas, esta lhe pertence, justiça feita ao bom direito que adquirio.

«A publicação do *Livro do Povo* é um facto que não póde passar desapercibido. Foi o melhor presente que o Sr. Dr. Marques Rodrigues podia fazer aos alumnos das nossas escolas publicas e em geral aos meninos da nossa provincia.

«O *Livro do Povo* compõe-se da vida de Nosso Senhor Jesus Christo, escripta por J. J. Roquette e inspirada pelo padre Royaumont; de alguns extratos do Simão de Nantua de Jussieu; do bom homem Ricardo de B. Franklin; da moral pratica, do Vigário, do Professor primario, do Brasil, de maximas e sentenças, dos deveres dos meninos escriptos pelo Dr. Marques Rodrigues e da hygiene em forma de rifãos rimados pelo Sr. Luiz Felipe Leite.

«Cada pagina do *Livro do Povo* é um manancial de religião, moralidade, respeito, utilidades e lucrativo ensino.

«Livros como esse são os que devem encher as mãos, os olhos e o espirito da nossa mocidade. O *Livro do Povo* não tem o menor veneno, a mais ligeira superfluidade; as suas 200 paginas são em todas as linhas substanciaes e muito.

«Póde lê-lo a infancia, a juventude, a virilidade e a propria velhice.

«Todos encontrarão alli um conselho a tomar, um preceito á aprender, um exemplo para imitar.

«A' boa essencia do *Livro do Povo* está unida a pureza da linguagem, a mais correcta dicção.

«Desse livro os trabalhos do Dr. Marques Rodrigues são muito recommendaveis.

«O *Vigário* e o *Professor primario* são typos dignos da maior imitação entre nós. Se, como os do *Livro do Povo*, fossem os nossos vigarios e professores, muito feliz seria a nossa communhão.

«A *Moral pratica* é o resultado eloquente do quanto se ganha com o estudo e com essa qualidade do espirito que nos faz separar o joio do trigo. E' um louvavel trabalho de paciência, recordações litterarias e do mais são criterio.

«A noticia sobre o *Brasil*, com ser resumida, nada perde de sua importancia. Colhe-se nella tudo o que a tal respeito nos póde ser util, quer em attenção á geographia, á nossa organização politica, ou já no tocante á agricultura, productos das diversas provincias. estatistica, etc.

«As *maximas* e os *deveres dos meninos* são paginas interessantes.

«O Sr. Dr. Marques Rodrigues deu-nos o bom e o barato. Cada exemplar do seu livro custa a modica quantia de 320 rs. É um volume para todos; o pobre não é o ilota das lettras.

«Promovendo uma subscrição entre 35 assignantes, póde o Sr. Dr. Marques Rodrigues offerecer gratuitos 1,800 exemplares aos alumnos das nossas escolas publicas. Ainda bem que isso nada custou ao thesouro provincial.»

Após um mês, o *Diario de Pernambuco* (anno XXXVIII, n. 95, Pernambuco, 25 de Abril de 1862, p. 5) volta a divulgar a obra didática:

— Vende-se o *Livro do Povo*, no Recife, na livraria da praça da Independencia ns. 6 e 8, a 500 rs. o exemplar em brochura, e a 800 rs. cartonado.

[...]

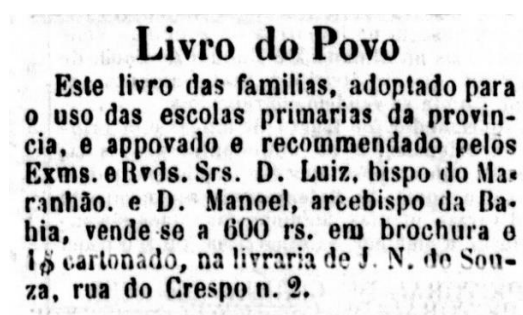
### O Livro do Povo.

Sahio á luz publica o LIVRO DO POVO, publicado sob a direcção do Sr. Dr. A. Marques Rodrigues, e contém a vida de N. S. Jesus Christo, segundo a narração dos quatro evangelistas, e mais os seguintes artigos: o vigario, o professor primario, o bom homem Ricardo, a moral pratica, Simão de Nantua, maximas e pensamentos, a hygiene, os deveres dos meninos, e o Brasil.

A publicação do LIVRO DO POVO não só tem por fim uniformisar a leitura nas escolas primarias, onde cada menino aprende por um livro differente, e portanto facilitar o trabalho do mestre e do discipulo, como também vulgarisar, por um preço baratissimo, e historia do salvador do mundo, e os melhores preceitos de moral.

Passados três anos, o *Jornal do Recife* comunica a venda do *best-seller*, informando, desta vez, a aprovação da obra pelo bispo do Maranhão e pelo arcebispo da Bahia:

FIGURA 71: Anúncio de venda d'O livro do povo, em Pernambuco.

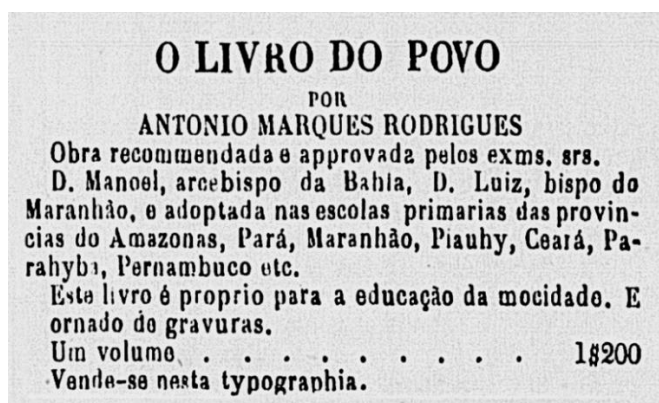


Fonte: *Jornal do Recife* (anno VII, n. 187, Pernambuco, 14 de Agosto de 1865, p. 3).

Mais tarde, o *Jornal do Recife* (anno XI, n. 157, Pernambuco, 18 de Julho de 1869, p. 2) publica relação de livros aprovados para uso das escolas de instrução primária de Pernambuco, em que *O livro do povo* aparece entre os selecionados.

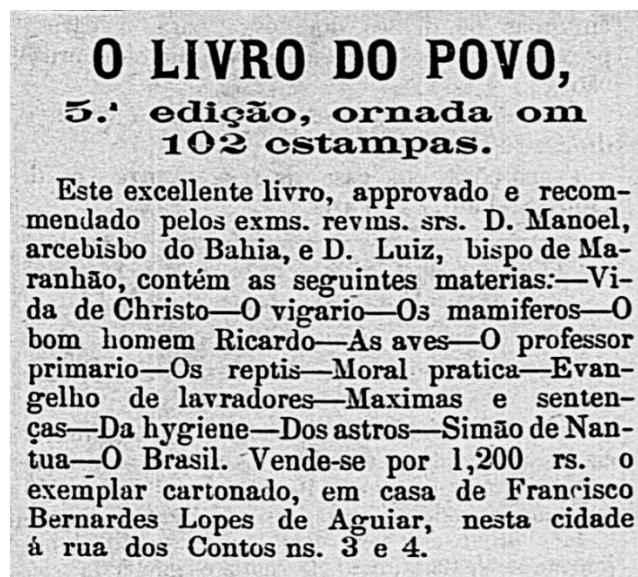
Além do Rio de Janeiro, a obra era também vendida em outras províncias do Sul do Império, como São Paulo e Minas Gerais, conforme figuras seguintes:

FIGURA 72: Anúncio de venda d'O livro do povo na Província de São Paulo.



Fonte: *Correio Paulistano* (anno XVII, n. 4073, São Paulo, 22 de Janeiro de 1870, p. 3).

FIGURA 73: Divulgação de venda d'O livro do povo, em Minas Gerais.



Fonte: *Dario de Minas* (anno I, n. 223, Ouro Preto, 1º de Maio de 1867, p. 3).

*O livro do povo* foi, sem dúvida, um título maranhense a conquistar enorme êxito editorial, maior difusão e alcance. O fato é percebido pelas sucessivas edições que a obra teve ao longo da década de 1860. Saliento que, ao lado desse sucesso de vendas, também contando com vasta tiragem, vem *O livro dos meninos*, de António Rego.

O médico homeopata ficou conhecido por sua dedicação em fomentar a leitura entre a mocidade maranhense. Para tanto, publicou obras didáticas originais e traduzidas, sempre a preços baratos. Dentre as suas traduções, uma que merece atenção é *Joãosinho*, de Charles-Julien Jeannel, também indicada para uso em sala de aula, conforme o *Publicador Maranhense* (anno XXVIII, n. 47, Maranhão, 1º de Março de 1869, p. 2)<sup>525</sup> apresenta:

### JOÃOSINHO.

Com este titulo Carlos Jeannel publicou na França um livrinho importante, destinado á educação da mocidade.

O nosso illustre comprovinciano, o Sr. Dr. Antonio Rego, cujos exforços em favor da infancia são assaz conhecidos, apenas pode obter um exemplar de semelhante obra, apreciando-lhe a utilidade e importancia, verteo-a para a lingua vernacula, e deo o seu trabalho sem a menor remuneração ao Sr. B. de Mattos, que acaba de publical-o, com bastante sacrificio e sem a menor recompensa, que não seja o agradecimento dos seus conterraneos.

‘A obra de Carlos Jeannel já mereceo do *Paiz* o seguinte juizo:

‘*Um excellento livro* — Geralmente dão os jornaes noticia dos livros sem maior exame e muitas vezes louvão-nos á fé de quem os escreve. Este defeito é devido principalmente ao desejo que têm os editores de que o juizo da imprensa acompanhe o anuncio da venda

<sup>525</sup> Corrigi algumas palavras, em razão da troca de caracteres e de acentuação, que atribuo a erro na composição dos tipos. A publicação foi impressa em várias edições de o *Publicador Maranhense*.

da obra. Agora acaba de publicar o Sr. B. de Mattos um livro para uso das escolas, que não poderá ser tratado do mesmo modo, porque logo á leitura das primeiras paginas tem-se o desejo de percorrel-o todo, tão bem escripto está e tão apropriado ao fim.

„ Este livro é o *Joãosinho* de Carlos Jeannel, traduzido do francez pelo illustrado Sr. Dr. Antonio Rego.

„ Já o lemos, e, se alguma experiencia no ensino vale, para nós não ha livro de leitura mais proveitoso para os meninos do que este. O seu auctor conseguiu com summa felicidade escrever uma historia ou uma serie de historias que prende a attenção dos meninos pelo attrativo da narração, ao passo que se lhes vai dando as mais uteis lições de educação, combatendo-lhes a má inclinação, mostrando-lhes os erros e absurdos de certas crenças do povo, e ensinando-lhes em linguagem e de modo conveniente as leis da creação, phenomenos naturaes, factos historicos, etc., tudo escripto com tanta singeleza, tão docemente, podemos assim nos exprimir, que não causará o menor enfado ao menino. Trabalho, religião, caridade, amizade tudo n'esta interessante obra é ensinado com o cuidado e acerto que poderias empregar o mais paciente e instruido preceptor, e que fazem do *Joãosinho* um preciosissimo thesouro da infancia.

„ A traducção é portugueza o que não é muito commum, e conserva um dos melhores predicados do livro a prosperidade da linguagem. O Sr. Dr. Antonio Rego tem esta *feliz mania* de escrever e traduzir livros como este, que, sem mira em qualquer interesse, vai offerecendo á mocidade do seu paiz. „

Nada mais portanto se pode acrescentar, senão que o volume da traducção do *Joãosinho* consta do 308 paginas distribuidas em 94 capitulos e que se vende na typographia de B. de Mattos pelo diminuto preço de 1\$000.

Maranhão 1º. de Março de 1869.

*Joãosinho* também ultrapassou as fronteiras da Província, como atesta o *Jornal do Recife*, que, na extensão da propaganda, anuncia as *Postillas de Grammatica Geral applicada á língua portugueza*, do também maranhense Sotero dos Reis.

FIGURA 74: Divulgação de venda de *Joãosinho*, em Recife.

**Leitura para meninos**  
**JOÃOSINHO**  
Por Ch. Jeannel, traducção de Antonio Rego.  
1 vol. nitidamente impresso em Maranhão, br. 1\$.  
**Livraria Francez**

---

**POSTILLAS**  
DE  
**GRAMMATICA GERAL**  
APPLICADA Á LINGUA PORTUAGUEZA  
POR  
**F. SOTERO DOS REIS**  
2.ª EDIÇÃO  
1 vol. impresso em Maranhão, br. 2\$.  
**Livraria Franceza**

Fonte: *Jornal do Recife* (anno XI, n. 53, 6 de Março de 1869, p. 4).

No campo político, uma tradução chama bastante a atenção. Trata-se de *O Partido Liberal seu programa e futuro*, de Édouard de Laboulaye. A obra granjeou boa repercussão na capital são-luisense e, por isso, ganhou duas edições. Separei, aqui, um anúncio publicado pelo *Cearense* (anno XXI, n. 2437, Fortaleza, 9 de Ago. de 1867, p. 1):

**Publicação.** — Acaba de sahir dos prélos do Sr. B. de Mattos, no Maranhão, a traducção da importante obra do eminente escriptor francez, Edouard Laboulaye—O partido liberal, seu programma e futuro.—

É uma obra realmente interessante pelas ideias grandiosas, que o escriptor desenvolve e procura disseminar pelo povo.

É a traducção fiel, a analyse acurada, o desenvolvimento dos sublimes principios proclamados era 1789.

Laboulaye desfralda e faz hastear o estandarte da democracia, inscrevendo n'elle a sublime maxima do immortal Goethe — o melhor governo é aquelle que ensina os homens a governarem-se a si proprios.—

O escriptor lamenta sinceramente a decadencia de seu paiz, mas com fé no futuro, espera que, um dia, se quebrarão os elos da grande cadeia, que traz escravizada a sua França. Aponta como modelos para Inglaterra, Belgica, Suissa, Hollanda, America etc, e acorda os soldados da liberda (sic)—para a grande luta das ideias.

Um dos capítulos mais bonitos d'essa obra é o que trata sobre a liberdade da imprensa. Recommendamos a todo verdadeiro liberal, a leitura d'esse cathecismo da liberdade.

Orientado pelas ideias iluministas, de munir a população de conhecimento, e, o mais respeitável, não mirar lucros por isso, a exemplo do que fez António Rego e Pedro Nunes Leal, Henriques Leal cedeu os direitos de publicação da tradução ao editor Belarmino de Mattos. Na ocasião, assinou com o criptônimo «Um Cidadão Maranhense»:

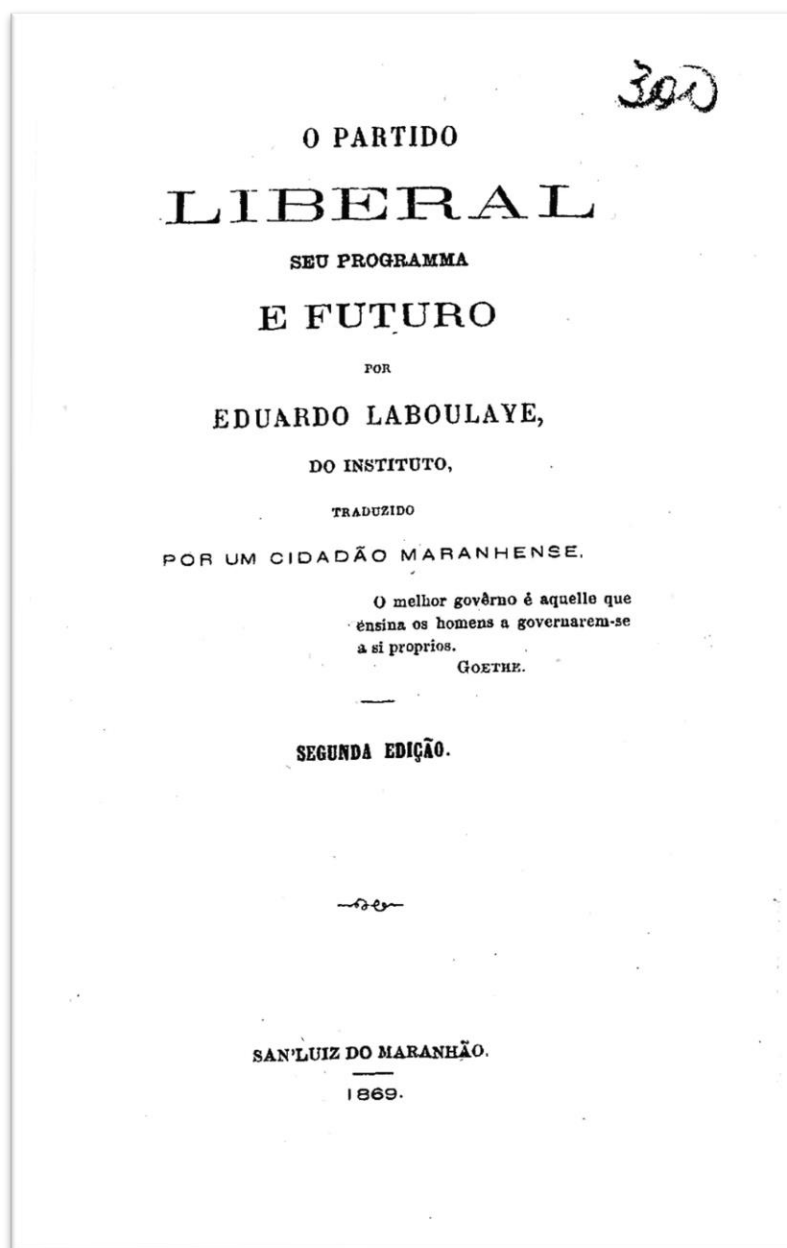
[...]. Trabalhar com perseverança e ánimo fôrro para conseguir este *desideratum*, vulgarisar pela palavra ou pelo escripto, senão proprio, traduzido de auctores abalisados, doutrinas sans e proveitosas, disseminando-as pelo povo; procurar dar-lhe instrucção tal que o habilite a comprehender e saber discriminar por si os principios que deve adoptar na vida civil e política, quaes seus direitos e deveres, e como mantêl-os e usar d'elles; eis a vossa missão, eis a minha, eis a de todos quantos amam este torrão.

N'este empenho, e em falta de cabedal proprio, verti para a lingua que falamos este interessante e substancioso trabalho, que escripto para a França, parece que o fôra para o nosso paiz, que adocece do mesmo mal, menos na liberdade de imprensa que a temos ampla, e na nossa Constituição muito mais livre, embora seja em parte até hoje lettra morta.

Traducção correntia e despretenciosa, procurei n'ella conservar o sentido das phrases do auctor em um estylo que supponho claro e adequado ao commum das intelligencias, sem que seja emtanto familiar e rasteiro.

Com publical-o não levo em mira senão vulgarisar esses principios tão beneficos e uteis, tanto que os proventos e precalços da publicação correm por conta do edictor, a quem desinteressadamente a cedi (1867, pp. VI-VII).

FIGURA 75: Folha de rosto da 2ª edição de *O Partido Liberal*, de Laboulaye.



Na década seguinte, o médico maranhense César Marques traduziu a *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos da Ilha do Maranhão*, do padre francês Claude d'Abbeville, avaliada nos Estados Unidos, praça, até então, incomum e distante da tradicional rota livreira Brasil-Europa. O periódico *O Novo Mundo* (vol. V, n. 51, New York, 23 de Dezembro de 1874, p. 67), redigido por brasileiros residentes na efervescente cidade norte-americana, em seção «Movimento Litterario no Brazil», em artigo assinado por Araucarius, informa:

Recebemos do Maranhão um livro que muito alegrou-nos, acreditando que o seu traductor prestou com a sua publicação mais um relevantissimo serviço as letras patrias, que já tanto lhe devem. Queremos fallar da *Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do*

*Maranhão*, pelo Padre CLAUDIO D'ABBEVILLE, traduzida e anotada pelo Sr. Dr. CÉSAR AUGUSTO MARQUES.

Ninguém ha mediocrementemente versado na lição das nossas chronicas que deixe de ter conhecimento desta importante obra, e que por mais duma vez não lamentasse a escassez (si não raridade (sic)) que delle se notava no mercado das (sic) livros. Este vacuo veio preencher a versão de que ora nos occupamos, que além da vantagem de ser trasladado do velho francez para o idioma materno com elegancia e pureza, é ainda enriquecido de notas historicas, geographicas, e linguisticas, para boa intelligencia do texto e commentario glossologico de muitos vocabulos das linguas ou dialectos dos nossos indigenas.

O crítico da gazeta avaliou, pouco tempo depois, outra tradução do maranhense, conforme *O Novo Mundo* (vol. V, n. 55, New York, 23 de Abril de 1875, p. 174), seção «Movimento Litterario no Brazil»:

Si tivesse a fortuna de entreter relações d'amizade com o referido Sr. GARNIER lhe pediria instantemente que só favoneasse a impressão de bons livros, que são como o sustento in-intellectual (sic) do povo; assim como evitasse os laços que á sua generosidade armam traductores de franquearia, cuja dicção mascavada, producto da mais supina ignorancia dos idiomas Portuguez e Francez, estragam muitas vezes primores de elegancia e d'atticismo.

Neste caso não se acha por sem duvida a excellente versão que da *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos da Ilha do Maranhão* pelo Padre IVO D'EVREUX acaba de fazer o Sr. Dr. CESAR AUGUSTO MARQUES, illustrando-a com preciosissimas notas. E' um trabalho de longo folego que só pódem empregar e levar ao cabo naturezas privilegiadas, como a do illustrado maranhense cujos curtos lazeres são exclusivamente consagrados ás letras patrias, das quaes é um dos mais diligentes e esmerados cultores.

Araucarius, porém, equivocou-se com o título do livro. Com efeito, de autoria do padre Yves d'Évreux, César Marques traduziu a *Continuação da historia das coisas mais memoraveis havidas em Maranhão nos annos de 1613 a 1614*. Interessante que, oito meses depois da publicação d'*O Novo Mundo*, o periódico carioca *O Globo* (anno II, n. 353, Rio de Janeiro, 26 e 27 de Dezembro de 1875, p. 2) comete o mesmo erro.

Esses são «recortes» de uma espécie de crônica do mundo editorial em terras brasileiras, e vieram revelando, aos poucos, facetas de um domínio que crescia e se profissionalizava. Como qualquer produto sofisticado à venda na era da expansão dos mercados, tal como se vê no século XIX, a comercialização de livros dependeu de investimentos publicitários. Empreendimento que se estrutura em bases comerciais, na mecânica comercial em moldes capitalistas, a atividade livreira depende de investimentos simbólicos que enalteçam as suas virtudes e encham-os-olhos dos eventuais leitores-consumidores. Publicar é sempre uma atividade de risco. Uma obra traduzida, contudo, devido ao sucesso alcançado na língua de origem, traz menos perigo ao editor, é o que salienta Travassos no recorte a seguir:

Quando um livro é traduzido isto se deve às grandes tiragens, ao sucesso que teve na sua publicação inicial. Traduzindo livros, os editores arriscam-se menos aos prejuízos. E arriscam-se menos porque a obra já foi experimentada, já foi apreciada, já sofreu um “test”. Um escrito novo, inédito, é sempre um risco. Nunca se sabe se terá ou não sucesso, se obterá ou não o favor público. Editar é negocio sempre arriscado (Travassos, 1964, pp. 30-31).

Mas o livro não é qualquer objeto de consumo, que se desgasta em seu ciclo operacional para ser imediatamente substituído por outro que execute as mesmas funções. Livros são mercadorias culturais valorizadas, porque lhes cabe destacado papel na formação do espírito, na formação do gosto, na construção do saber, na apreciação e julgamento do mundo. É claro: tenho consciência de que afirmo uma platitude. Porém isso que é hoje considerado obviedade não era, certamente, para a maior parte dos brasileiros do século XIX. E terá sido esse o discernimento que impulsionou uma leva de intelectuais a lançarem-se à aventura de traduzir obras e publicá-las numa pequena e distante cidade do Norte do Império brasileiro.

## 7.2 Os tradutores maranhenses: entre a lucidez e as fantasias cognitivas

Que caracteres são suscetíveis de indicar, com certa plausibilidade, o tipo ou forma de mentalidade que vicejou entre os tradutores maranhenses do Império? A questão encerra dificuldades consideráveis, em razão das possibilidades que o tema suscita, entre as quais a mais controversa delas, a de que as ideias e valores que os homens professam (ou parecem professar) são motivadas, muitas vezes, por razões distintas. Já se afirmou, e sob diferentes prismas interpretativos, que as ideias – e, por inevitável derivação, os valores e sentimentos – não só geram novas ideias como se fundem a outras formas de pensar<sup>526</sup>. Há autores, inclusive, que sustentam serem nossos discursos (assim como as ideias que cada um deles atualiza)

---

<sup>526</sup> Os estudos desenvolvidos por Carlos Guinsburg ((1987). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras; (1988). *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras; (1991). *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras) demonstram como a experiência individual ou de pequenos grupos (que se manifesta em cada discurso) resultam da combinação de ideias não só distintas, mas às vezes, até, conflitantes entre si. Especificamente em *O queijo e os vermes*, Guinsburg retrata a vida de Domenico Scandella, conhecido como Menocchio, um moleiro perseguido pela Inquisição por ter uma visão diferente da sua época em relação à Igreja. Guinsburg reconstitui a percepção do moleiro sobre as Escrituras Sagradas, as leituras de outras obras (entre elas o Alcorão) que usou como referências, e o modo como as combinou em sua peculiar interpretação cosmológica. A obra, baseada na metodologia da micro-história, valoriza o papel das ideias, e dos sentimentos pessoais de uma personagem simples, e na maneira como recombina sentidos sociais, destacando a singular composição da produção de significados. A corrente de estudos que pesquisa os fenômenos culturais híbridos, que tem à frente nomes como Peter Burke, Néstor García Canclini, Robert J. C. Young, fundamenta-se, precisamente, na articulação entre formas culturais distintas, e que dão como resultado uma nova conformação cultural.

resultados de infindáveis interações, porque se combinam com discursos que os antecederam<sup>527</sup>. Esta advertência é importante para ressaltar que nenhuma ideia é estática, ou fruto de uma espécie de reduto social insular; movimentos dialéticos de interpenetração com outras maneiras de pensar compõem uma de suas regras de funcionamento, e que, ao final de um ciclo temporário de estabilidade, acrescentam-lhe algum elemento/teor (e, portanto, alteram-na), quanto aquelas que a contraditam ou parecem fazê-lo.

Se há variabilidade na composição das ideias e valores, nos chamados sentidos sociais – ou das representações sociais como muito se fala nos últimos tempos – há também regularidades, que dão às tramas sociais a força persuasiva necessária ao compartilhamento e à aceitação coletiva. Um conjunto de concepções e de afetos relativamente estáveis, homogêneos e recorrentes fornecem-nos *paralelepípedos com que vamos calçando as vielas tortuosas* de nossa percepção acerca de como um grupo de operadores culturais percebia o que desenvolviam e percebiam-se a si próprios.

Referimo-nos a homens do século XIX brasileiro, alguns deles nascidos na centúria anterior, provenientes de famílias bem posicionadas na pequena sociedade são-luisense. A maioria descendia de integrantes da elite administrativa da Província ou da cidade, de comerciantes, de militares e de profissionais liberais; outros, e em número menor, eram filhos de oligarcas, que controlavam a atividade econômica provincial, a vida no campo assim como na cidade, além de determinarem os rumos da política. A poderosa oligarquia maranhense era sustentada por um exército de escravos que, no campo, plantavam e extraíam, ao som do relho e do açoite, o apreciado algodão e outros produtos da terra; e, na cidade, faziam os trabalhos domésticos, que garantiam aos senhores desfrutar o ócio elegante, as noites de saraus, os melhores assentos nos espetáculos teatrais, as mesuras e rapapés em cerimoniais e datas especiais.

A maior parte desses que dedicaram horas preciosas à tradução de diversas obras se dividia entre atividades liberais (médicos, advogados, jornalistas) e funções públicas. Jovens, eles haviam deixado São Luís em busca de formação superior em centros urbanos mais desenvolvidos, dentro e fora do país. O dinheiro das famílias, uma vez mais, fez a diferença na hora de encaminhar os descendentes aos estudos: os mais abastados iam estudar em universidades europeias, especialmente em Coimbra, Paris, Bruxelas. Os demais foram receber formação superior em cidades brasileiras, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo. A

---

<sup>527</sup> Esta é, em traços sintéticos, a perspectiva epistêmica desenvolvida por Mikhail Bakhtin sobre o funcionamento dos discursos e sua natureza social.

série de experiências em terras distantes, em quase tudo diferentes do que se praticava nos ambientes da pequena e provinciana capital, deve ter, de início, chocado os jovens estudantes, e com o passar o tempo os seduziu.

Não se tratava, apenas, de formação, no sentido estrito de receber conteúdos e saber aplicá-los a situações previsíveis, era bem mais que isso. As escolas de ensino superior do século XIX ainda absorviam as alterações decorrentes das orientações iluministas, e tocavam reformas que mudaram, radicalmente, os processos de educação. Ao fim do século XVIII, a chamada universidade iluminista sentiu os impactos da Revolução de 1789, quando as contestações ao tipo de ensino se avolumaram porque antiuniversitárias, já que as instituições eram vistas como aparato do Antigo Regime, e em seu lugar despontaram escolas profissionais de ensino superior. Assinala Maria de Fátima de Paula que

[...]. Da França e da Prússia emergiram, no início do século XIX, as primeiras universidades modernas e laicas: a napoleônica, para formar quadros para o Estado, e a de Berlim, com ênfase na integração entre ensino e pesquisa e na busca da autonomia intelectual diante do Estado e da Igreja (2009, p. 72).

Os brasileiros que estudaram em Coimbra, a partir de meados do século XVIII, viram a universidade lusitana transformar-se ao tempo de Pombal. Até a chegada do conhecido marquês ao poder, Portugal era um estado clerical, e as universidades professavam este vínculo. A era pombalina instituiu o poder absoluto do rei e, do ponto de vista acadêmico, o afastamento gradual do ensino sob bases da escolástica jesuítica. No quinquênio à Reforma Pombalina (1764-1768), Coimbra mantinha 20.453 estudantes de todo Império. Essa foi a grande universidade reformada «para a introdução das novas ciências e a transformação do Estado eclesiástico no Estado secular e regalista, sob a influência do iluminismo da época, a que Portugal afinal chegara» (Teixeira, 1989, p. 64). Era inevitável que a reforma empreendida por Pombal desembarcasse no Brasil por meio dos estudantes de nível superior formados em Coimbra após a reforma. Embora se precise destacar que, mesmo com as identificações culturais completas entre a Metrópole e a Colônia, esta sempre se mostrou retardada aos avanços do Metrópole, porque suas condições eram socialmente atrasadas<sup>528</sup>.

---

<sup>528</sup> A reforma pombalina, mesmo desembarcando com atraso, encontrou maior resistência no Brasil que em Portugal, porque a influência jesuítica fora mais decisiva em terras brasileiras que nas do Reino. No Brasil, as forças intelectuais de resistência aos jesuítas não evoluíram a ponto de acolher a ideia da reforma. Isso se deveu à percepção de que a reforma destruiria o sistema escolar, que estava nas mãos dos jesuítas. Não se despreze também, neste quadro, que a obra pombalina, ao insistir no poder da Coroa, acentuava o caráter colonizante da Metrópole.

Os brasileiros que exerceram influência e tiveram participação decisiva no período da Independência haviam se graduado na reformada universidade coimbrã, e trouxeram para o Brasil o novo espírito de cultura secular e de soberania do poder temporal dos reis (Cf. Teixeira, 1989, p. 65). As forças liberadas pelo ideário iluminista iam, porém, muito mais longe, promovendo alterações significativas nas relações sociais e no mundo da produção. Mas também nesta seara a primeira Lei de Newton se pode aplicar: contra elas ergueram-se verdadeiras fortalezas, na tentativa de barrar-lhes o avanço.

Não que isso constitua qualquer novidade ao longo da história da humanidade. Também não causa espanto que as maiores e mais fortes resistências a novas ideias e processos ocorram em meio mais atrasado, onde a tradição impera e antigos grupos de poder, bem instalados, fazem o impossível para minar as forças progressistas. O que é novidade é a incapacidade de conter o inesperado que, por sua força intrínseca, transforma.

Os bons ventos de renovação da atmosfera da capital provincial sopraram quando levadas de jovens egressos de universidades europeias e brasileiras assumiram postos no mundo do trabalho, e passaram a dividir com leitores e amigos, nos semanários e nas rodas sociais, «modernidades» e suas promessas de um mundo mais equânime, mais justo para todos, sob as luzes do conhecimento e da revisão das ideias e das atitudes.

Os traços de mentalidade que despontam da vida e das atividades do grupo de tradutores da Ilha de São Luís indicam articulação entre dois ideários importantes na tecitura cultural do Brasil do século XIX, o iluminista e o do romantismo brasileiro. O país oferecia, naquele momento de sua história, condições favoráveis à aproximação e combinação entre essas formas de pensar, porque entre si mantinham pontos comuns; propósitos se não semelhantes, convergentes.

As nomenclaturas Iluminismo e Romantismo, por tantas vezes percebidas em pontos opostos de uma espécie de disputa ideológica, cujos fundamentos não só seriam diferentes, como antagônicos, articularam-se em chão tupiniquim como resposta ao afã nacionalista após a Independência, em 1822. É preciso que se diga que, no Brasil, as ideias vindas do romantismo europeu ganharam outra fisionomia: perdem o caráter contestatório de origem para se integrar a um projeto de largas ambições políticas, voltado aos interesses de afirmação do Estado Imperial e da nação recém-emancipada.

Da geração que testemunhou, acompanhou e até fomentou ou promoveu os sucessos de nossa independência política, surgiu um seleto grupo de homens de estudo e de letras que lhe completaram o feito insigne, dando à recente nação o abono indispensável da

sua capacidade de cultura. É esse grupo que, sob o aspecto literário, chamo a primeira geração romântica, quero dizer os escritores que, influenciados pelo Romantismo europeu e seguindo-lhe aqui os ditames, apareceram em 1836 em diante e cuja atividade se dilatou por um quarto de século. [...] Distingue-se esta geração pela versatilidade dos talentos, variedade da obra e propósito patriótico da sua atividade mental (Veríssimo, 1981, p. 139).

Uma das facetas mais salientes do romantismo brasileiro, especialmente da primeira geração de escritores românticos, foi o sentimento patriótico, assim como «a ingênua vaidade nacional» (id. *ibid.*, p. 140). Expressava-se, assim, no plano literário, ruptura semelhante à ocorrida nos domínios da política. Todos eles fervorosos monarquistas, deram ao país elementos literários que refulgiam a nacionalidade – tanto do ponto de vista da escritura das obras em si, pois sem os arremedos dos casticisms da Metrópole, falando da forma como aqui se falava (id. *ibid.*, p. 141) – quanto da criação de figuras mito-poéticas, representativas de nosso universo tropical, e com as quais procurou-se, tanto quanto possível, revestir o sentimento de nacionalidade. O entusiasmo patriótico que os impulsionou, movida pelo anseio – estético e político – de erguer uma literatura nacional, espalhar-se-ia por outros domínios da atividade artística nacional, alimentados pelos mesmos propósitos. Nessa mesma linha de ideias, vicejava a vaidade, mais que a ambição sensata, de que o talento dos artistas nacionais fosse semelhante ao demonstrado por grandes nomes do Velho Mundo.

Para não me demorar em demasia na circunscrição do que representou o feito dos artistas e intelectuais românticos brasileiros, basta ter em conta que as linhas deste ideário estético-literário integraram-se às políticas de Estado. Pedro II não só apoiou as atividades dos escritores, como os premiou, com empregos, comissões, honrarias. Afinal, muitos setores da vida nacional, especialmente os populares, regozijavam-se do acontecido às margens do Ypiranga, alimentando os sonhos do novo país em busca de afirmação de seu superior destino.

Se há um traço profundo da mentalidade deste grupo – a mesma que vigeu em diversos domínios da vida nacional neste período – que pareceu reduzir todas as contradições de um meio social injusto – marcado pela Escravidão, pelo analfabetismo, por mazelas sanitárias etc. – quase que a alegorias superáveis, podemos afirmar que é o *otimismo*. A ninguém, minimamente informado sobre o que podemos chamar de «credo iluminista» deve parecer estranho o quanto ele esteve impregnado de euforia, decorrente da crença de que o saber superaria todos os obstáculos. O conhecimento, baseado na ciência e na expertise, seria a única via possível para corrigir os erros do passado, e pôr a sociedade no caminho do progresso e da felicidade.

E esse aspecto – tão importante na cosmologia iluminista, quanto nas aspirações nacionalistas – revelou-se conflitante para os integrantes do grupo de tradutores, porque trazia, em substância, a contraposição a tudo que representava a desumana servidão do regime escravocrata. Era, afinal, sobre o trabalho de milhares de escravos que não só a economia da Província se mantinha, como também a do Estado Imperial<sup>529</sup>, e por onde se garantia os privilégios dos estratos sociais abastados. Dizia-se que, em 1821, cerca de 70% da população era de cativos, enquanto 30% era composta de livres<sup>530</sup>. A Escravidão era uma enorme chaga *aberta à visitação pública*, que contrariava, em essência, os «princípios de igualdade, liberdade e fraternidade», que inspiraram os revolucionários franceses e se espalharam pelo mundo ocidental.

Para uns, especialmente àqueles que se beneficiavam dela, a Escravidão era algo não só natural como desejado; para a maior parte dos tradutores maranhenses, porém, era uma situação bem incômoda: uma contradição cravada no coração de homens letrados que defendiam valores liberais (os que atingiam em cheio a forçada servidão humana) em que eles próprios tinham

---

<sup>529</sup> Não foi à toa que historiadores apontaram a Abolição da Escravatura (13/05/1888) como causa maior do golpe militar que pôs abaixo o Império brasileiro, em 19/11/1889, praticamente um ano antes de se instituir a República.

<sup>530</sup> Dados contabilizados pela artista plástica e escritora inglesa Maria Graham (1824, p. 335) dão conta de que havia 120.052 habitantes na Província, sendo 35.618 livres e 84.434 escravos. A autora era casada com Thomas Graham, oficial naval escocês, enviado ao Chile para proteger os interesses mercantis britânicos. No país andino, acometido de doença, ele morreu em 1821. Maria Graham partiu do Chile para o Brasil, em 1823, em companhia do Lorde Cochrane, almirante inglês que comandou as forças navais chilenas durante as guerras de independência.

No *Recenseamento do Império do Brasil de 1872*, percebe-se o aumento considerável da população maranhense, que saltou de 120.052 para 359.040 habitantes, e os percentuais sofrem alteração drástica de 79% livres (284.101 hab.) e 21% escravos (74.939 hab.). Alguns fatores concorreram para o resultado. Um deles, relacionado ao tráfico interprovincial, encontra fundamentação no jornal conservador *O Progresso* (anno I, n. 22, Maranhão, 30 de Maio de 1861, p. 10), que aponta: «[...] Ninguém certamente ignora o ponto a que tem chegado a lavoura com a saída de braços para o sul; e essa falta tem-se tornado muito saliente pela continua procura de escravos para as fazendas de café.» A aprovação da Lei 581, de 4 de Setembro de 1850 (Lei Eusébio de Queirós), pôs fim à entrada de escravos africanos no Império brasileiro. O resultado desta ação, somado ao arrefecimento econômico vivido no Maranhão, fomentou o comércio interno de escravos.

Outro fator, mesmo em escala modesta, decorreu da manumissão. Vê-se, em várias páginas de jornais, concessões de cartas de liberdade a escravos. A «Irmandade de S. Benedicto» alforriou diversas meninas, chamadas *filhas de S. Benedicto* (até o festejo deste Santo, em 1873, já eram 169 libertas). A encabeçar a instituição, fundada em 1867, estava António Marques Rodrigues. Estes feitos foram fortalecidos, a partir de 1869, com a criação da «Sociedade Manumissora 28 de Julho», tendo à frente muitos pensadores, como César Marques e Frederico José Correia.

A fim de abolir gradativamente a Escravidão no Brasil, ainda foram promulgadas «A Lei do Ventre Livre», de 28 de Setembro de 1871, que concedeu alforria aos filhos de escravos nascidos a partir da data de sua promulgação; e a «Lei dos Sexagenários», Lei n. 3.270, de 28 de Setembro de 1885, que garantiu liberdade aos escravos com idade a partir dos 60 anos. Por fim, a Lei Áurea, de 11 de Maio de 1888, assinada pela princesa Isabel, pôs fim à Escravidão no Brasil.

dificuldade de aceitar. Uma daquelas *ideias fora do lugar*, expressão de Roberto Schwarz<sup>531</sup> (e que dá nome ao capítulo inicial de seu livro) que faz referência à absorção, à transplantação de ideias em que o meio sócio-histórico contraria completamente o seu teor. Era, então, inevitável que a contradição, nesse particular, se estabelecesse entre aquilo que se «dizia» e se «professava» e o que se «praticava». Exemplo representativo disso que acabo de afirmar é que, mesmo o movimento abolicionista tendo ganhado força, a partir de 1870, ainda havia divergências, entre os setores sociais esclarecidos, em relação à Escravidão, e é o que se vê no trecho a seguir, publicado na *Pacotilha* (anno III, n. 262, Maranhão, 28 de Setembro de 1883, p. 2):

O nosso paiz acha-se dividido em diferentes sectarios da emancipação dos negros: temos abolicionistas apparentes, – abolicionistas graduaes e abolicionistas puros.

Os primeiros acceitam simplesmente o principio, e, protestando em nome do direito de propriedade pretendem addiar a liberdade dos negros emquanto viverem os actuaes senhores; e dizem: *quem vier atraz que feche a porta*, – não querem perder, mas não se importam que os filhos percam.

Os abolicionistas graduaes, embora sinceramente desejem a emancipação, todavia não a querem já. Estes são opportunistas.

E os puros abolicionistas reclamão em nome da humanidade que cesse uma monstruosa instituição que apenas serve para manter na ociosidade uma classe de exploradores que vivem fartos a custa da miseria dos pobres negros. Allegão que a força não constitue direito; que o proprietario basea o seu direito na força e na tolerancia das leis, ao passo que o direito do escravo é o direito sagrado do vencido que hoje lhe reclama e que lhe roubaram – *a liberdade*.

Aquelle que se appossa da cousa alheia não adquire direito algum sobre ella.

O Brasil não era a Europa, aliás estava muito longe (como ainda está) de parecer-se com ela. Ademais, o desembarque, em terras distantes, de uma nova ideologia jamais tem força para alterar, do dia para a noite, uma forma de produção hegemônica de riqueza, em que se baseiam os poderes e os mecanismos de Estado. Disse Marx (1983, p. 25), com clareza inexcusável, que em

[...] certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais de uma sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido

---

<sup>531</sup> Com relação a este assunto, Roberto Schwarz chama a atenção, em *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (1988), sobre a disparidade que se manifesta na sociedade brasileira (escravista) e as ideias do liberalismo europeu. Diz ele:

[...] envergonhando uns, irritando a outros, que insistem na hipocrisia, estas ideias – em que gregos e troianos não reconhecem o Brasil – são referências para todos. Sumariamente está montada uma comédia ideológica, diferente da europeia. [...] Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. A Declaração dos Direitos do Homem, por exemplo transcrita em parte na Constituição de 1824, não só não escondia nada, como tornava mais abjeto o instituto da Escravidão.

até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em seu entrave. Surge então uma época de revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura.

Se as mudanças na base econômica alteram rapidamente o plano da superestrutura ideológica, o contrário não se dá na mesma velocidade. Porém, também não se pode perder de vista que ideários que atingem, em cheio, as camadas intelectuais de uma sociedade não desaparecem, pura e simplesmente, das chamadas, hoje, «pautas coletivas»; bem ao contrário disso, aliás. E assim se deu no caso da Escravidão no Brasil e em sua extinção.

O caráter de remissão de grandes falhas, das imperfeições da natureza humana através do conhecimento, muito se assemelha – porque, em certa medida, a substitui – à redenção religiosa<sup>532</sup>. Convém chamar o testemunho de Terry Eagleton. Ao traçar explicação sobre o aumento das pesquisas literárias na Inglaterra, em fins do século XIX, este autor britânico atribuiu esse fenômeno ao declínio do poder religioso:

Se nos fosse solicitada uma única explicação para o aumento do número de estudos ingleses em fins do século XIX, a melhor resposta nos parece ser: “a falência da religião”. Em meio ao período vitoriano, essa forma ideológica, tradicionalmente confiável, imensamente poderosa, enfrentava profundos problemas. Já não conquistava os corações e mentes das massas, e sob o duplo impacto das descobertas científicas e da mudança social, seu predomínio, antes inquestionável, corria o risco de desaparecer. Tal fato era muito perturbador para a classe dominante vitoriana, porque a religião é, por todas as razões, uma forma extremamente eficiente de controle ideológico (Eagleton, 2006, pp. 33-34).

---

<sup>532</sup> Este domínio é ainda mais interessante se o pusermos em linha direta com o Positivismo, um dos fortes movimentos intelectuais surgidos na França, e que obteve grande adesão no Brasil. Os mais destacados representantes do Positivismo foram Auguste Comte e Stuart Mill. Herdeiro da Ilustração, o Positivismo advogava que a ciência produz a única forma de conhecimento verdadeiro. Para o pensador positivista só se pode dizer/garantir que uma teoria é correta se ela foi comprovada através de sistemática científica válida. Os positivistas não consideraram os conhecimentos ligados a crenças, convicções, superstições que não se comprovassem cientificamente. A corrente positivista foi uma reação radical ao que pregou o idealismo alemão – centrado no transcendentalismo – assim como ao ideário romântico, para o qual os afetos individuais e coletivos e a subjetividade são a fonte das verdades mais profundas. O movimento pretendeu aplicar aos fenômenos sociais os princípios das ciências da natureza, e assim respondeu limitando a experiência humana ao mundo tangível e o autêntico conhecimento aos fenômenos observáveis e quantificáveis. No afã de expurgar dos domínios da verdade tudo que «cheirasse» à especulação transcendental, os positivistas substituíram a Teologia e a Metafísica pelo Culto à Ciência, assim como se esforçaram para distinguir/trocar o que é espiritual do que é humano. Mas, por curiosa inversão, o «veneno mental» que tanto o Positivismo queria expurgar da face da Terra terminou por contaminá-lo, de modo que criou a chamada Religião da Humanidade. Elaborada a filosofia positivista, Comte perseverou que era chegada a hora de se cultivar o objeto mais precioso de seus devaneios cognitivos, e resolveu criar um novo credo: a Religião Positiva ou a Religião da Humanidade, em que se apresenta um novo conceito de Ser Supremo, baseado na ciência. Em o *Catecismo positivista ou, sumária exposição da Religião da Humanidade* (publicado em 1852), obra máxima do credo, integrada por 13 conferências, apresenta as normas que devem comandar a vida dos fiéis. Sobre a interessante presença da fé, da crença na produção da ciência, e o que ela parece arrastar de fímbrias transcendentais, ver Khun T. S. (2007). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

Disse o filósofo William James, citado por Arthur J. Johnson II: «faith is one of the forces by which men live; the total absence of it means collapse» (2004, p. 70). À diferença das verdades finais da religião, fechadas à demonstração racional, as que brotam da ciência se materializam, mostram-se úteis na experiência diária, solucionam problemas concretos, além de poderem ser revisadas, complementadas e alteradas. A fé em seus resultados e, por consequência, em suas promessas de um mundo melhor e mais humano não se assentavam em meras especulações ou divagações transcendentais – o que também não livra o território de produção da ciência do «namorico» com a transcendência. Há, porém, quem confunda que a defesa iluminista da razão, como se deu durante os séculos XVIII e XIX, tivesse força suficiente para instaurar um reino de seres perfeitamente racionais. Nada mais equivocado e contrário, aliás, ao fluxo da História. Por isso, não se entenda que se afirma que os intelectuais maranhenses do grupo dos tradutores eram ateus; parece-me que a verdade histórica reside exatamente no contrário disso. Há razões, de sobra para crer que a maioria deles era católica<sup>533</sup>, e poucos – se assim pudermos nos referir<sup>534</sup> – estiveram longe dos bancos das igrejas e das bênçãos dos sacerdotes.

Para a maior parte deles havia a certeza de que aquilo que se realizava transpunha as barreiras do simples interesse pessoal – embora não se possa desconsiderar, neste cenário, o papel da vaidade intelectual (nunca desprezível em meio, às vezes, competitivo, como parece ter-se armado naquele distante século XIX maranhense). E mesmo nos casos em que se ocultava o nome do tradutor (recurso que parece contrário ao culto personalista), é indiscutível que em cidade pequena o anonimato intelectual não passa de *segredo de Polichinelo*. No cenário da Ilha de São Luís do oitocentos brasileiro, todos que conviviam no mesmo espaço cultural, e partilhavam as mesmas ambições, expectativas e projetos, sabiam quem fazia o quê, para quem e a que soldo (quando havia), no âmbito da tradução para fins editoriais. Por óbvio, o anonimato,

---

<sup>533</sup> Há tradutores que professaram a fé nos preceitos da Igreja Católica, como é o caso de Cândido Mendes de Almeida, que só fez traduções de obras religiosas. Com César Marques não foi diferente: presenteou o bispo de São Luís, por ocasião de sua posse na arquidiocese da capital, com duas traduções que realizou de obras dos padres capuchinhos franceses Yves d'Évreux e Claude d'Abbeville. Além disso, ele traduziu *Provas da existência de outro mundo, fundadas sobre a natureza, história, philosophia e religião* e *Conquistas da religião cristã*. E Augusto Olímpio Gomes de Castro traduziu *A religião explicada aos meninos*. Miguel Vieira Ferreira, doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, jornalista, republicano, abolicionista, engenheiro e militar, fundou a Igreja Evangélica Brasileira, em 1879. Ele traduziu: *Profissão de fé dos velhos catholicos na Allemanha, elucidada na carta pastoral*, de Joseph Hubert Reinkens; *Do futuro dos povos catholicos no Brasil*, de Émile de Laveleye e *Diccionario geographico elementar, contendo explicações sobre todos os logares mencionados no Novo Testamento*, de John B. S. Comper.

<sup>534</sup> No Maranhão, o caso mais flagrante de choque ideológico entre escritor e religião ocorreu com Aluísio Azevedo, mostrado no tópico 3.2.2 desta tese.

nessas circunstâncias, só funciona para os leitores de outras plagas, assim como para as gerações futuras.

O otimismo foi responsável por inspirar, para esse grupo, devoção que se assemelhava à obrigação sacerdotal: traduzir obras importantes, vertê-las para leitores incapazes de lê-las no original, além de proporcionar momentos de prazer e de instrução, significava também, e acima de tudo, salvar-nos de nossas próprias deficiências e imperfeições, ao mesmo tempo em que curava o Estado. Havia *sentimento de responsabilidade social* entre os que se aventuraram a traduzir e publicar obras para que circulassem numa sociedade quase ágrafa, e contribuíssem para melhorar o nível educacional de seus compatriotas. Não foi à toa, então, que matérias jornalísticas e publicitárias desse período insistissem (quase como um mantra) para que elas fossem «apreciadas pela juventude», para que chegassem aos «bancos escolares», ou pudessem «vulgarizar a leitura», «educar a mocidade».

Muitos deles dedicaram horas preciosas à tradução de livros e receberam em retribuição valores insignificantes; outros sequer colheram, daí, centimos. Há passagens sobre os editores Belarmino de Mattos e Frias nas quais fica claro que abriram mão do recebimento de quantias referentes à contratação da impressão de livros, porque lhes interessava mais finalizá-los e pô-los em circulação. Embora não se possa aí, de todo, desconsiderar o interesse financeiro, creio mais saliente a «aposta», a expectativa no interesse do leitor pela obra que acabava de sair das prensas a «preços módicos» para estímulo à leitura.

Daí um outro aspecto importante na composição do ideário desses operadores culturais: A *partilha*, compartilhar os saberes e os prazeres decorrentes da leitura de uma obra estrangeira, algumas, inclusive, recém-lançadas na Europa. Talvez o leitor de hoje não alcance a dimensão do que isso significava em ambiente tão carente de informação como era o século XIX brasileiro.

Representava dividir o saber que renomados escritores infundiram nas obras, sim, mas era um pouco mais que isso: dividiu-se com os leitores ludovicenses – e brasileiros – um modo de vida que os títulos traduzidos refletiam à cada página folheada. Os tradutores permitiram ao pequeno número de maranhenses letrados ter acesso a obras que circulavam em ambientes europeus, e por isso reafirmavam a sua gênese privilegiada. Sem querer apresentar uma leitura «romantizada» da partilha, o trabalho de tradução entregava ao brasileiro do Maranhão peças que integravam um universo sofisticado da cultura europeia. Compartilhava-se livros que haviam arrebatado diversos leitores pela Europa e Estados Unidos, e que chegavam às mãos dos maranhenses da pequena *Cidade dos Paleletes de Porcelana* embalados por sugestivos

apelos comerciais. E neles não faltaram as adjetivações do tipo «elegante», «refinado», que acabava de «vir da Europa». Afinal, a Europa era o modelo, e a França o ápice do aperfeiçoamento da civilização europeia.

Portanto, não se tratava, pelo menos em tese, de partilhar qualquer obra. Ela era inspirada pelo compartilhamento de algo mais elevado (embora nem sempre essa regra tenha sido seguida à risca). Os valores referentes ao *cosmopolitismo*, ínsitos à formação sob os archotes iluministas, como sublinha Pinker (2018, p. 23), gravitaram em torno das múltiplas atividades exigidas na tradução. A sensibilidade humanística – a mesma que impulsionou os pensadores da Ilustração a censurar a violência religiosa, assim como as perversidades seculares de seu tempo – impregnou a atividade tradutora<sup>535</sup>. Expandir as vias de leitura e de formação de uma mentalidade mais aberta aos conhecimentos, às inovações que estavam revolucionando a experiência sócio-histórica no Velho Mundo, e também mais ciente da condição humana, era a melhor forma de *partilha cosmopolita*. Pode-se dizer que, e tomando de empréstimo palavras de Pinker (2008, p. 23), a ação dos tradutores maranhenses ajudava a expandir, gradualmente, o círculo de solidariedade gerado nas entranhas do movimento iluminista. Desenhava-se, no horizonte das melhores expectativas da difusão promovida pelos tradutores, o início da sedimentação de uma comunidade de leitores sensível e integrada ao esforço de internacionalização do livro.

E eis, aí, um outro aspecto saliente da mentalidade deste grupo: o *sentimento de pertença coletiva*, o *sentimento de coletividade*<sup>536</sup>, que une a todos sob um mesmo lastro de vínculos afetivos. E tais vínculos empáticos não são apenas visíveis, como previsíveis, nas relações fraternas entre os integrantes do grupo dos tradutores, muitos dos quais amigos de longa data ou parentes próximos. O *sentimento de coletividade*, porém, será sempre mais expansível quanto mais prevalecerem, e firmarem-se, emoções em torno de marcos comuns, ao redor de valores que engrandecem a existência e inspirem distinção, assim como aos que se relacionem ao bem-estar e à felicidade grupal. A experiência social de ontem, como a de hoje, mostra que o *sentimento de coletividade* resulta de condições objetivas do curso histórico, assim como, por seu caráter difuso, ele agrupa, funde, rearticula dinamicamente outros valores.

---

<sup>535</sup> O lastro humanista não só impregnou o trabalho dos tradutores, como se fez vivo nos espaços da Ilha do Maranhão, em que a inteligência e a sensibilidade se combinaram para deixar monumentos literários notáveis naquele século XIX.

<sup>536</sup> Lembra-nos, a este propósito, Émile Durkheim, que coletividade, por ser um « L'ensemble des croyances et des sentiments communs à la moyenne des membres d'une même société forme un système déterminé qui a sa vie propre; on peut l'appeler *la conscience collective ou commune*. [...] » (1893, p. 84).

A ninguém instruído deverá parecer curioso que os traços humanistas articulados pelos pensadores da Ilustração – em parte atualizados pelos tradutores maranhenses do século XIX – sejam estranhos ou contrários a valores caros ao Cristianismo, sabidamente assentados sobre a bondade, a piedade, a partilha, o bem comum. Consideradas sob esta vereda de valores, havia nas ideias dos iluministas mais semelhanças com os sermões seculares de padres e bispos, do que dessemelhanças. Não seria equivocado admitir, assim, que este tenha sido um dos motivos, aliás, para que o ideário iluminista tenha avançado rapidamente sobre as sociedades europeias e produzido alterações significativas no curso dos acontecimentos históricos.

Por tudo que aqui se expôs, os tradutores maranhenses do século XIX procuraram entregar a uma sociedade marcada por diferenças socioeconômicas e culturais demasiado gritantes os «sinais» de que somente a ilustração das mentes poderia arrancar os concidadãos da ignorância, da subserviência incônsua, e torná-los mais humanos. Utópica ou romântica, ou seja lá como queiramos nominá-la, os tradutores, a cada obra saída dos prelos e ingressa nos circuitos de difusão, deixaram escancaradas essas ambições. As utopias, com seus devaneios cognitivos e desejos de mudança, também fazem parte da vida mental, e são ingredientes poderosos que inundam as ações de sentido e de propósito. É Karl Mannheim (1968) que nos adverte, acerca deste domínio em que a fantasia se mistura à realidade: enquanto a ideologia tende à conservação, à manutenção, a utopia manifesta o desejo de mudança. Esse ingrediente ideológico, menos ou mais consciente na esfera de ação dos indivíduos, tem papel significativo no corpo social. A contribuição deixada pelos tradutores maranhenses, no tempo em atuaram no circuito do livro na pequena São Luís do Maranhão do século XIX, fixaram marcos significativos de que eles aspiravam que a cidade deveria ser bem mais do que era. O que realizaram no campo editorial foi alimentada por um desejo comprometido com a superação das adversidades de um tempo de nossa história.

## NAVEGAR É PRECISO; CONCLUIR A VIAGEM TAMBÉM

[...]. A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente. [...] (Bloch, 2001, p. 65).

Este é o momento de realizar as operações de *atraque da nau* que nos trouxe até aqui, lançando ao porto as amarras que finalizam o curso que imprimi à investigação.

O Maranhão foi o berço de grandes nomes da literatura do oitocentos brasileiro, centúria em que se firmaram as balizas de autêntica arte nacional. A admiração a que fez jus o trabalho dos literatos maranhenses do século XIX refulge ainda hoje sobre a capital insular; enobrecendo sua história artística e inspirando os novéis escritores locais. O que de mais nobre se venera no Maranhão está ligado à cultura escrita, ao que escrevinhadores deixaram, portanto, registrado em dezenas de livros. Porém, assim como não há um dia igual a outro, há obras e obras, que são qualificadas conforme o papel que desempenhem e os julgamentos dos circuitos especializados de cultura, de onde vem o valor que se lhes atribui e que habita a alma da coletividade. Esta lição, do sociólogo Pierre Bourdieu (1982, 1989), é adequada para que, no fechamento desta investigação, considere-se as presunções de um meio social, em um preciso momento de sua história, no que diz respeito ao difícil trabalho de tradução executado por intelectuais maranhenses e a sua transformação em livro.

Começemos pelo resultado de um modo de avaliar o labor da tradução e da obra traduzida: parece que os habitantes da Província – e do restante do país – beberam as águas do mitológico rio «Lete», pois os tradutores foram, durante quase dois séculos, esquecidos, apagados – e, por isso, sumariamente condenados aos «porões» da história erudita. Embora eles tenham participado de um movimento mais ou menos organizado, que mantinha certa sincronia com o que o nascente mercado editorial oferecia aos europeus e a outros povos, e tenham interferido positivamente na vida cultural e artística da Província e do País. Se pudermos utilizar um termômetro neste cenário, vê-se que a expressão *gênio nacional* – tão comum em matérias jornalísticas ao longo do século XIX e que dava azo à *temperatura* do ufanismo em torno do desempenho intelectual brilhante de um brasileiro – não se aplicou à tradução de livros e peças teatrais.

Se existe um momento da história que se pode apontar como o período em que as traduções passaram a fazer parte do cenário editorial maranhense, é precisamente a década de 1830. Os precursores dessa seara foram Odorico Mendes e Estevão Rafael de Carvalho. Nas

décadas seguintes, observa-se um aumento considerável de títulos vertidos para o português. No conjunto, consegui apurar que cerca de 45 tradutores maranhenses verteram para a língua portuguesa 266 títulos (entre textos completos e fragmentos), sem contar outras 96 traduções de não nascidos na Província e de anônimos. E se se projetar que a edição de cada obra pôs em circulação em média 1.000 exemplares (excetuando-se, aí, o *Livro do povo*, de que se imprimiu, ao longo de seis anos de edições sucessivas, 40.000 exemplares, aproximadamente) chegaremos à casa de 133.000 volumes<sup>537</sup>, no espaço de 55 anos em que a atividade tradutora se manteve em alta. Os números são, de fato, impressionantes; ainda mais se tivermos, como pano de fundo, as modestas condições educacionais do país, os altos índices de analfabetismo da população brasileira no período, assim como as dificuldades de circulação e comercialização de livros em condições tão adversas como as do Brasil do século XIX. Suspeitamos, porém, que a quantidade de livros traduzidos por maranhenses seja maior, e foi-nos impossível – com as limitações de tempo, com o *silenciamento* em torno do tema, e com as restrições causadas pela pandemia do vírus Corona – avançar na sondagem. Mas, retenhamos o essencial: por mais significativas que tenham sido as contribuições dos tradutores maranhenses para o quadro da ilustração geral, para a melhoria do nível civilizacional, apesar disso, há uma quantidade razoável de tradutores, e respectivos trabalhos, que ficaram de fora da história literária e da história do livro no Brasil. Podemos dizer, então, que uma forma de pensar e de dimensionar a produção intelectual foi responsável pelo *apagamento*, nos anais de um tempo de nossa história, dos melhores frutos deixados por outra mentalidade.

Não é novidade, para nós brasileiros, o descuido secular do nosso Estado, e do brasileiro, com tudo aquilo que «cheire» à história, que nos remeta ao nosso passado. Basta tomarmos como exemplo, no domínio dos livros, o fato de que há em bibliotecas norte-americanas, e europeias, títulos que foram traduzidos e publicados no Maranhão, que não encontramos em nenhum acervo nacional. Isso comprova, pura e simplesmente, que os brasileiros «viraram, e continuam a virar, as costas» para tudo que diga respeito ao seu passado. Daí, a consequência é óbvia, e ao mesmo tempo assustadora, em relação ao *desaparecimento* dos eruditos maranhenses dedicados à tradução, e que alegraram, por tanto tempo, a vida de muitos leitores do século XIX: foram olvidados – eles simplesmente não figuram na história intelectual do Brasil.

---

<sup>537</sup> Esta estimativa corresponde a 50% dos títulos, vez que nem todas as traduções viraram livro, como aquelas editadas em periódicos e peças teatrais que apenas foram encenadas.

Um bom exemplo do desprezo em relação aos compêndios é o «desaparecimento» de inúmeras obras publicadas no Brasil. Seria enfadonho, e inapropriado, listar aqui todos os «livros mortos». Graças a catálogos, a periódicos (jornais e revistas) e a dicionários biobibliográficos tive conhecimento de títulos e suas respectivas edições, mas não se tem notícia, porém, da existência de um único volume. Sabe-se que dezenas de milhares de exemplares de *O livro do povo*, organizado por António Marques Rodrigues, foram impressos no Maranhão. Tem-se ciência de que apenas dois exemplares sobreviveram ao tempo e à *biblioclastia* – um pertencente à biblioteca particular do saudoso estudioso e bibliófilo maranhense Jomar Moraes e outro à British Library.

Interessante também é o caso de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Produto da perseverança editorial das duas principais tipografias do Maranhão – a de José Maria Corrêa Frias e a de Belarmino de Mattos –, não se encontra um tomo sequer dessa volumosa obra em acervos públicos ou privados do Estado. Ao explorar vários catálogos *online*, no Brasil e no exterior, encontrei somente três tomos, todos no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Como resultado do «sumiço» dessa publicação, provém o seguinte entendimento em torno do livro do romancista francês:

[...]

Assim temos essa coisa curiosa: a tradução brasileira em folhetim sai na frente, até se antecipando ao lançamento do próprio original, mas a tradução lançada em livro no Brasil é portuguesa.

[...]

Portanto, e aproveitando para fazer a indispensável distinção entre edição e tradução: no século XIX até tivemos **edições** brasileiras d'*Os Miseráveis*, mas **traduções** brasileiras de *Les Misérables* em livro, não, nenhuma, mesmo tendo sido o Rio de Janeiro uma das praças escolhidas para o lançamento internacional da obra.

II.

É a partir do século XX que vamos ter algumas traduções brasileiras d'*Os Miseráveis* em livro. E aí também começam os problemas. Algumas edições trazem traduções anônimas, outras são reedições de traduções portuguesas, outras apresentam alguns elementos um pouco ambíguos (Bottmann, 2012).

Esta percepção equivocada converge com a ideia de outros estudiosos de «História do Livro no Brasil». E tais informações surgem em decorrência da escassez de exemplares da obra. A localização das traduções realizadas por eruditos maranhenses, que se encontram dispersas, espalhadas em diversas bibliotecas, museus, arquivos de muitos lugares, foi um dos grandes desafios a esta investigação. Isso representou um esforço considerável para aglutinar, construir uma coletânea de obras traduzidas por intelectuais maranhenses.

Sabemos bem que os livros não desaparecem por mero acaso; é consequência de um processo histórico-social, e que traz como resultado a sedimentação de certa mentalidade. Assim como histórico-social é o fato de que um grupo enorme de eruditos, que dedicaram horas e horas de trabalhos para verter para a língua materna obras estrangeiras, principalmente de origem francesa, tenham sido esquecidos.

Pus em exame duas hipóteses para tal indiferença – que ainda hoje se mantém – em torno do ofício de conversão linguística: a primeira atém-se ao fato de que a respeitabilidade conquistada pelos escritores maranhenses do século XIX serviu para pôr a tradução de graus bem abaixo na escala de valores referentes ao desempenho erudito. Sim, porque traduzir significa tomar uma obra original de um escritor e vertê-la para o idioma pátrio. Impossível não identificar, aí, o peso com que o Romantismo posicionou o autor original e seus frutos: o criador genial que, com sua sensibilidade e talento inigualáveis, verteria, assim, obras de superior qualidade. Conforme a mística romântica, autor e obra original ocupariam o ápice da realização humana. Talvez por isso, alguns tradutores sequer assinavam suas produções, usavam pseudônimos, ou deixavam apenas pistas, como as iniciais de seus nomes – quem sabe para evitar eventuais críticas de um meio literário exigente, como mostrou ser o Maranhão de meados do século XIX em diante. Críticas como essas: não escreve uma obra de próprio punho, mas traduz o que verdadeiros gênios produziram; ou, ainda: sabe traduzir bem, mas não tem talento, nem sensibilidade para escrever algo que traduza a verdadeira alma nacional. Por esse viés, se pode considerar que, na escala de relevância editorial, ou literária, a tradução ocupava posição inferior, entre os maranhenses, e certamente entre os brasileiros.

A intelecção dos literatos da Província era reconhecida em todo o Império brasileiro, conforme se vê em *A Imprensa* (anno III, n. 147, Theresina, 16 de Maio de 1868, p. 4):

Os Maranhenses marchão, por sem duvida, na vanguarda da brilhante phalange dos cultores das letras patrias.

A morte parece que de balde ceifa alli esses vultos grandiosos dignos de terem entrada n'um Walhalla! Pois o Maranhão ha perdido — poetas, prosadores e mathematicos de 1.<sup>a</sup> ordem; e nem por isso os genios escassêão alli, aonde a intelligencia tem o mesmo vigor que a natureza tropical, que sempre se ostenta magnífica!

Tudo alli é grande e bello: desde o cedro annoso, que symbolisa o philologo venerando (o Sr. Sotero dos Reis) ate a modesta flor recendente de perfumes...

Honra á essa provincia que é talvez destinada a ser um dia a Grecia do Novo-Mundo!...

A segunda hipótese, como frisado, considerou os direitos autorais como motivo para a série de trabalhos de tradução cuja autoria não se identifica. Esta linha de suposição, porém, revelou-se infrutífera. Naquele tempo, a questão dos direitos autorais não era levada muito a

sério, e sequer era contemplada no ordenamento jurídico do país; além do mais, no caso de obras traduzidas, envolveria também o direito internacional. Ora, se eram muito frouxas as amarras de direito autoral dentro do Brasil, imagine com obras que vinham de outros países? Sobre apropriação de tradução, uma nota interessante foi publicada em *O Progresso* (n. 143, Maranhão, 23 de Julho de 1847, p. 1), que anunciou o término de *Quitança á meia-noite*, de Paul Féval, e o início de os *Mysterios da Inquisição*, de M. de Fereal, e adverte serem proprietários da edição no Império:

Aos Srs. Subscriptores.

— Hoje termina-se a publicação do romance — A QUITANÇA Á MEIA-NOITE; — e brevemente principiaremos a publicar no folhetim os MYSTERIOS DA INQUISIÇÃO — por M. Fereal.

Declaramos que não consentiremos na reprodução d'estas traducções — que são propriedade nossa — dentro do imperio.

O que esta nota declara só poderia ser consequência de um cenário que a pequena cidade de São do Luís do Maranhão desconhecia – porque, neste domínio, e naquele tempo de nossa história, tudo era novo. Por meio dela fica claro que, no espaço editorial são-luisense do século XIX, a publicação de obras traduzidas gerou disputas, e ameaças, entre editores. Na ausência de uma lei que disciplinasse as obrigações referentes à autoria, a ameaça, através da imprensa, deveria servir para alguma coisa. Mas também esta nota dizia um pouco mais que isso: ela sinaliza que havia um mercado mais ou menos equilibrado para circulação de obras traduzidas, razão pela qual o temor negocial da apropriação indevida. Em síntese: a atividade dos tradutores, e dos editores maranhenses, não só inaugurou – à semelhança do que outros povos mais adiantados haviam feito –, como de certa forma naturalizou, um mercado receptivo aos livros estrangeiros traduzidos.

E isso era o início de uma mudança considerável nos hábitos de uma nação enorme, pouco familiarizada com livros, e que, por efeito de um desses milagres de clausura territorial, falava (e fala) um só idioma, como afirma o francês Émile Adet, antigo redator do *Jornal do Commercio*, de que, no Brasil: «[...] Le portugais est la seule langue parlée d'une frontière à l'autre de l'empire. [...]» (1851, p. 1083). Embora, durante o século XIX brasileiro, fosse não só evidente, como urgente, a necessidade de títulos em língua portuguesa, barreiras se levantavam, impedindo, aqui e ali, o avanço dessa empresa – da ignorância, da censura.

A pesquisa que empreendi, e os resultados daí obtidos, deixaram evidentes algumas consequências bastante significativas das atividades dos tradutores maranhenses e das obras traduzidas para o espaço sociopolítico e cultural do Brasil da décima nona centúria.

- Apenas duas províncias brasileiras se destacaram no campo da tradução: Maranhão e Rio de Janeiro. Mesmo os editores enfrentando dificuldades consideráveis (principalmente com a escassez de insumos gráficos), a capital são-luisense se transformou em um dinâmico polo de tradução, seguindo o bom exemplo de cidades influentes, como Paris e Lisboa;
- O resultado do difícil trabalho desenvolvido por esses eruditos, dedicados às tarefas de conversão linguística, contribuiu – e muito – para a benéfica expansão do hábito de leitura, ao traduzir e dar a público obras de importantes autores estrangeiros. Diversos leitores foram atingidos pelo estímulo que veio do trabalho dos tradutores, alimentando, fortalecendo e aprimorando a leitura de grandes nomes da literatura e das artes europeias, e da França, em especial;
- Não há como desconsiderar a forte influência que a tradução exerceu na cultura local, haja vista a grande quantidade de obras traduzidas por maranhenses. Pode-se mesmo afirmar que a tradução de livros estrangeiros firmou «escola», à semelhança de um movimento, entre os setores ilustrados da sociedade ludovicense, e o trabalho de translação linguística para fins editoriais ganhou espaço entre as funções mercedoras do empenho intelectual. Além de que o acesso ao conteúdo de obras assinadas por grandes literatos e artistas pode ser aquilatado por seu papel civilizacional, por aquilo que traz de aprimoramento educativo e cultural da sociedade;
- A imagem de internacionalização que, obrigatoriamente, está vinculada à publicação de autores estrangeiros, veio fortalecer a ideia de certa superioridade cultural da cidade de São Luís, que irá se refletir, ao mesmo tempo em que somará, para dar corpo à respeitável designação de *Atenas Brasileira*. A tradução, como uma das peças significativas da engrenagem cultural da pequena cidade, deu-lhe mais lustro, ampliando a convicção de que São Luís prezava, como poucas cidadelas do Império, a produção refinada;
- Com as obras traduzidas, a capital maranhense entrou no rol das poucas cidades que levaram a sério, neste período de nossa história, os anseios requintados do cosmopolitismo, que ganhava intensidade na Europa. Assim, São Luís não era apenas uma capital dos maranhenses e dos brasileiros, era uma cidade que se abria ao mundo das letras estrangeiras, e difundia, entre os seus o gosto de outros centros e parte de sua cultura artística, de sua visão de mundo.

- De outra parte, e como uma consequência direta, a tradução contribuiu para o desenvolvimento das práticas editoriais. Diversos títulos entraram nos prelos maranhenses e foram finalizadas nos parques gráficos, aprimorando a atividade de produção de livros. Além de enriquecer seus catálogos, os títulos proveram as tipografias de recursos financeiros, visto que os direitos de tradução de muitas delas foram cedidos aos editores, conforme se acha exposto nas obras.

As atividades dos tradutores da *Cidade dos Palacetes de Porcelana* encerraram quase que ao mesmo tempo em que finalizava o século XIX. A decadência econômica verificada no Maranhão no final daquela centúria jogou a pá de cal que sepultou a brilhante participação dos tradutores na vida cultural são-luisense e nacional.

Pelo que deixei exposto nesta investigação, a atuação dos eruditos maranhenses no espinhoso labor da tradução de livros estrangeiros, assim como a sua publicação, inaugurou um novo tempo na vida editorial da Província – embora esses feitos nunca tenham sido considerados com a seriedade e a profundidade devidas. E esta foi a intenção que me acompanhou durante toda a jornada investigativa: resgatar, da desatenção e do descaso, a participação de um grupo de entusiastas, que enxergaram, com olhos fitos no futuro, que a consciência bem formada depende da atenção aos livros, ao saber construído com o refinamento da vida intelectual.

O livro *Tradutores inusitados*, que publiquei em meados de 2019, fez parte desse anseio, surgido durante os muitos passos exigidos na feitura da pesquisa que agora se encerra. Em *Tradutores inusitados* como aqui, a expectativa é uma só: a de lançar luzes sobre um território rico e efervescente da vida editorial maranhense, e a contribuição deixada à experiência cultural são-luisense.



## REFERÊNCIAS

- A. P. S. (15 de Outubro de 1859). Noticia Litteraria. *O Ytoróro*, 4, p. 10.
- Abranches, D. (1941). *O captiveiro (livro de memórias)*. Rio de Janeiro: s.n.
- Abreu, M. (1º de Outubro de 2007). Circulação de livros entre Europa e América. *Polifonia*, 13(14), 161-174.
- Adet, E. (1851). L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850. *Revue des Deux Mondes*, Tome 9º, 1082-1105.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (2006). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (G. A. Almeida, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Alembert, J. (1822). Observations sur l'art de traduire en général, et sur cet essai de traduction en particulier. Em J. d'Alembert, *Œuvres de d'Alembert* (Vol. 4, 1<sup>er</sup>. partie, pp. 31-42). Paris: A. Belin.
- Alencar, J. (22 de Fevereiro de 1868). Um poeta. *Correio Mercantil*, XXV(53), p. 2.
- Amaral, J. R. (1912). *Fundação do Maranhão*. Maranhão: Typogravura Teixeira.
- Amaral, J. R. (1913). *A glorificação de Odorico Mendes*. Maranhão: Impr. Official.
- Amaral, J. R. (1923). *Ephemerides maranhenses: datas e factos mais notaveis da historia do Maranhão (1499-1823)*. Maranhão: Typogravura Teixeira.
- Amaral, J. R. (2003). *O Maranhão histórico: artigos de jornal (1911-1912)*. São Luís: Instituto Geia.
- Anônimo. (Abril de 1853). Chronica Academica. *O Acayaba*, 1, pp. 109-110.
- Anônimo. (1º de Março de 1868). Chronica. *A Roseira: revista universal para as familias*, 1, pp. 7-8.
- António, R. (Junho de 1814). Memoria dos differentes sucessos de uma viagem do Pará até ao Rio de Janeiro, Repartida em tres partes. *Jornal de Coimbra, Parte II*, pp. 319-342.
- Aranha, P. W. (1887-1888). *A obra monumental de Luiz de Camões*. (Estudos Bibliographicos, Tomos I-II) Lisboa: Imprensa Nacional.
- Aranha, P. W. (1908). *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. (Tomo II) Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Araújo, A. M. (2006-2007). As concepções lingüísticas das duas primeiras gramáticas maranhenses. *Revista da Academia Brasileria de Filologia*, IV(IV), 37-43.
- Ariès, P. (1990). A história das mentalidades. Em J. Le Goff, *A nova história* (pp. 455-479). Coimbra: Almedina.
- Assis, M. (27 de Setembro de 1864). Ao Acaso (Chronica da Semana). *Diario do Rio de Janeiro*, p. 1.

- Assis, M. (29 de Novembro de 1864). Ao Acaso (Revista da Semana). *Diario do Rio de Janeiro*, p. 1.
- Assis, M. (24 de Março de 1873). Noticia da actual litteratura brasileira: instincto de nacionalidade. *O Novo Mundo*, III(30), pp. 107-108.
- Assis, M. (1959). *Critica, noticia da atual literatura brasileira*. São Paulo: Agir.
- Bacon, F. (1882). *Of the advancement of learning*, . Bombay: Government Central Book Depôt.
- Bassnet, S. (2003). *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. (V. Figueiredo, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bastos, S. (1898). *Carteira do artista: apontamentos para a historia do theatro portuguez e brasileiros acompanhados de noticias sobre os principaes artistas, escritores dramáticos e compositores estrangeiros*. Lisboa: Antiga Casa de Bertrand: José Bastos.
- Baumer, F. (1990). *O pensamento europeu moderno* (Vol. 2). Lisboa: Edições 70.
- Belloc, H. (1931). *On Translation: The Taylorian Lecture, 1931*. Oxford: Clarendon Press.
- Berredo, B. P. (1749). *Annaes historicos do Estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento, e tudo o mais que nelle tem succedido desde o anno em que foy descuberto até o de 1718*. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno.
- Blake, A. V. (1883-1902). *Diccionario Bibliographico Brasileiro* (Vols. 1-7). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Borrvalho, J. H. (2009). *A Athenas Equinocial: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro*. (Tese de doutoramento em História). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.
- Bottmann, D. (2012, Dezembro 6). Os Miseráveis no Brasil. *Não gosto de plágio*. Acesso em 15 de Março de 2017, disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2012/12/os-miseraveis-no-brasil.html>
- Bourdieu, P. (1982). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In M. de M. Ferreira, & J. Amado. *Usos e abusos da história oral* (8ª ed., pp. 183-191). Rio de Janeiro: FGV.
- Braga, G. H., Rodrigues, A. M., Sousa, R. B., Silva, L. A., Serra, J., & Barradas, J. C. (Orgs.) (1861). *Parnaso maranhense: collecção de poesias*. Maranhão: Typ. do Progresso.
- Brandão, J. R. (1874). *Florilegio brasileiro da infancia*. Rio de Janeiro: Nicoláo-Alves.
- Braudel, F. (1990). *História e ciências sociais* (6ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.

- Bruno [José Pereira de Sampaio] (1908). *Portuenses ilustres* (Tomo III). Porto: Livraria Magalhães & Moniz.
- Burke, P. (2002). *História e teoria social*. (R. V. K. B. Gerhardt, Trad.) São Paulo: Editora UNESP.
- Caieiro, F. G. (1980). Livros e Livreiros Franceses em Lisboa nos Fins de Setecentos e no Primeiro Quartel do Século XIX. *Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra (Separata)*, 35, 139-167.
- Caldas, J. J. (1865). *Desafogo de saudade: na desastrosa morte do distinto bardo maranhense Antonio Gonçalves Dias...* Braga: Typ. de Domingos G. Gouvea.
- Camões, L. (1841). *Les Lusitades de L. de Camoens*. (O. Fournier, & Desaulles, Trans.) Paris: Libraire de Charles Gosselin.
- Camões, L. (1865). *Episodios de Ignez de Castro e Adamastor extrahidos dos cantos III e V dos Lusitadas*. (J. A. D'Escodoca de Boisse, Trad.) Lisboa: Imprensa Nacional.
- Campos, H. (2006). *Metalinguagem e outras metas* (4ª ed. rev. e ampl.). São Paulo: Perspectiva.
- Canh-Gruyer, F. Soulié Frédéric (1800-1847). *Encyclopædia Universalis on-line*. Acesso em 31 de Maio de 2017, disponível em: <http://www.universalis.fr/encyclopedie/frederic-soulie/>
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, J. M. (1980). *A construção da ordem a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Campus.
- Carvalho, R. (1929). *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia.
- Casanova, P. (2015). *La langue mondiale. Traduction et domination*. Paris: Seuil.
- Castellamare, P. [. (12 de Janeiro de 1868). «Eloá,» tradução paraphrastica de Flavio Reimar. *Semanario Maranhense, anno I(20)*, p. 2.
- Castro, C. A. (2009). *Leis e regulamentos da instrução pública no Maranhão Império : 1835-1889*. São Luís: EDUFMA.
- Castro, L. (1891). *Le Brésil vivant* (3ª ed.). Paris: Librairie Fischbacher.
- Catalogo da Bibliotheca do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão, com um suplemento das obras adquiridas durante a impressão* (1867). (Ed. especial). Maranhão: Typ. do Frias.
- Catalogo dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura no Maranhão* (1887). Maranhão: Typ. a vapor de Frias & Filho.
- Cochrane, T. (1859). *Narrative of services in the liberation of Chili, Peru and Brazil, from Spanish and Portuguese domination*. London: J. Ridgway.

Cooper-Richet, D. (Jul./Dez. de 2009). Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *Varia Historia*, 25(42), 539-555.

Coutinho, A., & Sousa, J. G. (2001). *Enciclopédia de literatura brasileira* (Vol. 1). São Paulo: Global.

Coutinho, M. (2005). *Fidalgos e barões: uma história da nobiliarquia luso-maranhense*. São Luís: Instituto Geia.

Cunha, G. (1908). *Album do Maranhão*.

Damásio, A. (2000). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.

Del Priore, M. (Jul./Dez. de 2009). Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, 10(19), 7-16.

Delisle, J., & Woodsworth, J. (1998). *Os tradutores na história*. (S. Bath, Trad.) São Paulo: Ática.

DeNipoti, C. (2008). Comércio e circulação de livros entre França e Portugal na virada do século XVIII para o XIX ou Quando os ingleses atiraram livros ao mar. *Revista Brasileira de História*, 28(56), 431-448.

Dias, A. G. (1867-1869). *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias: precedidas de uma noticia da sua vida e obras pelo dr. Antonio Henriques Leal*. San'Luiz do Maranhão: Typ. de Bde Mattos.

Dias, A. G. (1964). Correspondência ativa de Antônio Gonçalves Dias. Em B. N. Brasil, *Anais da Biblioteca Nacional* (Vol. 84, p. 418). Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação.

*Diarios das cortes geraes, extraordinarias, e constituintes da nação portugueza* (1822). (Segundo anno da Legislatura, Tomo 6º). Lisboa: Imprensa Nacional.

*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Acesso em 7 de Janeiro de 2017, disponível em <https://dicionario.priberam.org/>

Di Stasio, A. (2007). Coleções de manuscritos literários no acervo da Biblioteca Nacional. *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 122, 2002, Rio de Janeiro. Acesso em 20 de Maio de 2020, disponível em [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_2002\\_00122.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_2002_00122.pdf)

Duby, G. (Julho de 1992). Reflexões sobre a história das mentalidades e a arte. *Novos Estudos*, 2(33), 65-75.

Dumas, A. (1868). *Mes mémoires*. (Nouvelle édition, 6). Paris: Michel Lévy Frères.

Durkheim, É. (1893). *De la division du travail social*. Paris: Félix Alcan.

E. A. O. Z. (14 de Maio de 1856). Ao correr da penna. *Dezenove de Dezembro*, III(7), 1-2.

Eagleton, T. (2006). *Teoria da literatura: uma introdução* (6ª ed., pp. 25-81). (W. Dutra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

- Evreux, Y. (1874). *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614*. (C. A. Marques, Trad.) Maranhão, Maranhão: Typ. do Frias.
- Faria, M. I., & Pericão, M. G. (2008). *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina.
- Fausto, B. (1995). *História do Brasil* (2ª ed.). São Paulo: Edusp : Fundação do Desenvolvimento da Educação.
- Febvre, L. M.-J. (2000). *O aparecimento do livro*. (A. B. al., Ed., & H. T. Castro, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- Ferreira, A. A. (2014). *José de Alencar e a edição de romances no Brasil do século XIX*. (Dissertação de mestrado em Filosofia). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Figueiredo, A. C. (31 de Julho de 1856). Eneida Brasileira. *O Estandarte*, VII, p. 2.
- Fiorentino, P.-A. (1840). Nisida. Em A. Dumas, *Crimes Célèbres* (Vol. Tome 6º, pp. 281-306). Paris: Administration de Librairie.
- Fonseca, M. A. (1896). *Subsidios para um dictionario de pseudonymos iniciaes e obras anonymas de escriptores portugueses: contribuição para o estudo da litteratura portugueza*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Fonseca, R. A. (1873). *Selecta nacional* (Vol. I). Maranhão: Typ. de B. de Mattos.
- França Junior. (15 de Novembro de 1891). O cantor de serenatas. *Club Curytibano*, II(21), 6-7.
- Frères, F. D. (Ed.). (1861). *Nouvelle biographie générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, avec les renseignements bibliographiques* (Vol. 36). Paris, França: Firmin Didot Frères, Fils et Cie.
- Frias, D. C. (1907). *Memórias literárias: apreciações e críticas*. Lisboa: Typ. da Empresa Literária e Typográfica.
- Frias, J. M. (1866). *Memoria sobre a tipografia maranhense*. Maranhão: Typ. do Frias.
- Gaioso, R. J. (1818). *Compendio historico-politico dos principios da lavoura do Maranhão*. Pariz: P. N. Rougeron.
- Gama, B. J. (1872). *Informação sobre a Capitania do Maranhão dada em 1813. Ao Chanceller Antonio Rodrigues Vellozo*. Vienna: Imprensa do filho de Carlos Gerold.
- Gama, J. S. (Org.) (1885). *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger e Filhos.
- Gama, M. J. (1798). Discurso do tradutor. Em L. Carnot, *Reflexões sobre a metaphysica do calculo infinitesimal* (M. J. Gama, Trad., pp. III-XVI). Lisboa: Off. João Procopio Correia da Silva.
- Graham, M. (1824). *Journal of a Voyage to Brazil: And Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823*. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, and J. Murray.

- Guillobel, J. C. (1822). *Colecção dos usos e costumes dos habitantes da cidade S. Luiz do Maranhão*.
- Guinsburg, C. (1987). *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* (1ª reimp.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Hadfield, W. (1854). *Brazil, the River Plate, and the Falkland Islands; with the Cape Horn Route to Australia. including notices of Lisbon, Madeira, the Canaries, and Cape Verds*. London: Longman, Brown, Green, and Longmans.
- Hallewell, L. (2005). *O livro no Brasil: sua história* (2ª ed.). (M. P. Villalobos, L. L. Oliveira, & G. G. Souza, Trans.) São Paulo: Edusp.
- Hardman, F. F. (2009). *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora Unesp.
- Henri, J. (1998). *A revolução científica e as origens da ciência moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Herculano, A. (9 de Dezembro de 1847). Parte Litteraria. Futuro litterario de Portugal e do Brazil. Por ocasião da leitura dos *Primeiros cantos: poesias* do sr. A. Gonçalves Dias. *Revista Universal Lisbonense: jornal dos interesses physicos, intellectuaes, e moraes* (Tomo VII, n. 1, pp. 5-8).
- Ignotus [Joaquim Serra] (1883). *Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão*. Rio de Janeiro: Faro & Lino.
- Jansen, J. (1974). *Teatro no Maranhão (até o fim do século XIX)*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora Ltda.
- Johnson II, A. J. (2004). *Ignite The Fire Within!* Maitland: Xulon Press.
- Koster, H. (1816). *Travels in Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown Paternoster-Row.
- Kotler, P., Kartajaya, H., & Setiawan, I. (2017). *Marketing 4.0 [recurso eletrônico]*. (I. Korytowski, Trad.) Rio de Janeiro: Sextante.
- Labarre, A. (1981). *História do livro*. (M. A. T. e Abreu, Trad.). São Paulo: Cultrix; Brasília: INL.
- Lacroix, M. L. (2002). *A fundação francesa de São Luís e seus mitos* (2ª ed.). São Luís: EDUFMA.
- Lacroix, M. L. (2020). *São Luís do Maranhão, corpo e alma* (Vol. I). São Luís: Edição da autora. Acesso em 20 de Maio de 2020, disponível em <https://saoluiscorpoyalma.blogspot.com/>
- Lajolo, M., & Zilberman, R. (2001). *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática.
- Leal, A. H. (9 de Abril de 1855). Discurso pronunciado sobre o tumulo do Doutor Raymundo José Faria de Mattos, no dia 9 de Abril de 1855, por seu collega, o Doutor Antonio Henriques Leal. *O Estandarte*, p. 4.

- Leal, A. H. (1873). *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos* (Vol. I). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Leal, A. H. (1874a). *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos* (Vol. II). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Leal, A. H. (1874b). *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos* (Vol. III). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Leal, A. H. (1874c). *Locubrações*. Lisboa: Typographia Castro Irmão.
- Leal, A. H. (1875). *Pantheon maranhense: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos* (Vol. IV). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Leal, A. H. V. (28 de Julho de 1923). Antonio Henriques Leal. *Diario de S. Luiz*, IV(135), p. 2.
- Leibniz, G. (1710). *Essais de Theodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. Amsterdam: Chez Isaac Troyeal.
- Lemos, V. P. (Org. e indexação) (2014). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- Leuilliot, B. (Org.). (1970). *Victor Hugo publie Les Misérables: correspondance avec Albert Lacroix, août 1861-juillet 1862*. Paris: Klincksieck.
- Lisboa, J. F. (1865). Theatro S. Luiz. Em A. H. Leal (Org.), *Obras de João Francisco Lisboa* (Vol. IV, pp. 591-619). S. Luiz do Maranhão: Typ. B. de Mattos.
- Lisboa, J. L. (2016). Quand le traducteur devient un éditeur. Editeurs e traducteurs, entre l'Europe et le Brésil. In: CONGRES SHARP 2016. Les Langues du Livre. Paris: SHARP: Bibliothèque Nationale de France: BULAC.
- Lopes, A. (1959). *História da imprensa no Maranhão, 1821-1925*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.
- Lopes, H. (1974). Manuel Benício Fontenelle. *Língua e literatura: Revista dos Departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo* (3), pp. 67-87.
- Lopes, H. (1997). *Letras de Minas e outros ensaios* (Vol. 9). (Seleção e apresentação de Alfredo Bosi) São Paulo: Edusp.
- Macedo, J. M. (1864). Discurso. *Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil, Tomo XXVII, Parte Segunda*, 403-440.
- Magalhães, V. (1896). *A litteratura brasileira (1870-1895)*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira.
- Malheiro, A. M. (1866). Noticia sobre o dr. Antonio Henriques Leal. *Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnografico do Brasil, Tomo XXIV*, 404-405.
- Mannheim, K. (1968). *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Maranhão. Brasil. O. (1851). *Falla dirigida pelo Exm. Presidente da Provincia do Maranhão o Dr. Eduardo Olimpio Macgado á Assembléa Legislativa Provincial por ocasião de sua installação no dia 7 de Setembro de 1851*. Maranhão; Typ. Constitucional de I. J. Ferreira.
- Maranhão. Brasil. (1855). *Primeiro quaderno do recenseamento da população da cidade de S. Luiz do Maranhão* (Livro n. 1701). S. Luiz do Maranhão.
- Marinho, H. (1906). Arthur Azevedo. (A. B. Romêo, Ed.) *Almanaque d'O Theatro: 1907*(anno I), p. 302.
- Marques, C. A. (1870). *Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão*. Maranhão: Typ. do Frias.
- Marques, C. A. (4º trimestre de 1878). Historia da imprensa em Maranhão: memoria lida na sessão do Instituto Historico e Geographico do Brasil na noite de 19 de Julho de 1878. *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico e Ethnographico do Brasil, Tomo XLI, parte II*, 219-225.
- Marques, C. A. (2004). *Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão* (3ª ed., Vol. 2). São Luís, Maranhão, Brasil: Alumar.
- Marx, K. (1983). *Contribuições à crítica da economia política* (2ª ed.). (M. H. Alves, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Massa, J.-M. (2008). *Machado de Assis tradutor*. (Oséias Silas, Trad.). Belo Horizonte: Crisálida Editora.
- Matos, A. C. (1º de Agosto de 2000). Os agentes e os meios de divulgação científica e tecnológica em Portugal no século XIX. *Scripta Nova*, 4(69).
- Mattos, B. (Org.) (1858). *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial para o anno de 1858* (Primeiro anno, segunda serie). S. Luiz: Typographia do Progresso.
- Mattos, B. (1868). *Almanak administrativo, mercantil e industrial para o anno de 1868* (Bissextto, primeiro anno, terceira serie). San'Luiz do Maranhão: Typ. de B. de Mattos.
- McMurtrie, D. C. (1982). *O livro: impressão e fabrico* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Meireles, M. M. (1955). *Panorama da literatura maranhense*. São Luís: Imprensa Oficial.
- Meireles, M. M. (2001). *História do Maranhão*. São Paulo: Siciliano.
- Melo, J. M. (2003). *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Mindlin, J. (1997). *Uma vida entre livros: reencontros com o tempo*. São Paulo: Edusp: Companhia das Letras.
- Mindlin, J. (Ed.) (2005). *Destaques da biblioteca indisciplinada de guita e José Mindlin: além da Brasileira* (Vol. 2). São Paulo: EDUSP.

- Mindlin, J., & Antunes, C. (2006). *Brasiliana: Published Works and Colletions*. Em C. Nava, & Lauerhass, L., *Brazil in the making: facets of national identity* (pp. 71-94). Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- Moraes Filho, M. (1885). *Parnaso brasileiro* ((Seculo XVI-XIX, Vol. I, 1556-1840). ). Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- Moraes, J. (1976). *Apontamentos de literatura maranhense*. São Luís: Edições Sioge.
- Moraes, J. Doutor Jauffret, tradutor inusitado. *O Estado do Maranhão*. Acesso em 20 de Março de 2017, disponível em: <http://www.academiamaranhense.org.br/blog/doutor-jauffret-tradutor-inusitado/>
- Morais, F. (1942). Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872). In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (Vol. LXII, 1940, pp. 141-335). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Ministério da Educação e Saúde.
- Moran, J. (1973). *Printing press*. Berkeley: University of California Press.
- Mota, C. G. (2000). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000) a grande transação*. São Paulo: Senac.
- Noronha, E. (1909). *Evolução do teatro: o drama através dos séculos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia.
- O Inimigo de Francelhos (1835). Correspondencia. *Echo do Norte*, 86, pp. 1-4.
- Orbigny, A. D. (1836). *Voyage pittoresque dans les deux Ameriques: résumé général de tous les voyages*. Paris: Chez L. Tenre, Libraire-Editeur et Chez Henri Dupuy.
- Ortega y Gasset, J. (2016). *Velásquez*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Osborne, H. (1978). *Estética e teoria da arte*. São Paulo: Cultrix.
- Paiva, T. B. (1929). *Achêgas a um dicionario de pseudonyms: iniciaes, abreviaturas e obras anonymas de auctores brasileiros e de estrangeiros, sobre o Brasil ou no mesmo impressas*. Rio de Janeiro: J. Leite & C.a.
- Paranhos, H. (1937). *História do romantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira.
- Parville, H. (8 de Setembro de 1867). Physiologia humoristica. *Semanario Maranhense, anno I, n. 2, p. 2*.
- Paula, M. F. (Março de 2009). A formação universitária no Brasil: concepções e influências. *Avaliação*, 14(1), 71-84. Acesso em 20 de 12 de 2020, disponível em <https://www.scielo.br/pdf/aval/v14n1/a05v14n1.pdf>
- Paxeco, F. (1922). *Geografia do Maranhão*. S. Luiz: Tipogravura Teixeira.
- Perdigão, D. C. (1922). *O que se deve lêr: vade-mecum bibliographico*. S. Luiz do Maranhão: Imprensa Official.

- Pereira, J. M., & Rodrigues, G. (1904). *Portugal; diccionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico* (Vol. I). Lisboa: João Romano Torres.
- Pereira, J. M., & Rodrigues, G. (1915). *Portugal; diccionario historico, chorographico, heraldico, biographico, bibliographico, numismatico e artistico* (Vol. VII). Lisboa: João Romano Torres.
- Perrodil, V. (1888). *Florilegio camoneano: descobrimento do Cabo da Boa Esperança: versão franceza do Canto V dos Lusíadas*. Porto: Livraria Camões.
- Pinker, S. (2018). *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Recenseamento do Brazil em 1872: Maranhão (1874?)*. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger.
- Rego, J. C. (1874). Bibliotheca Militar. *Almanak Administrativo da Provincia do Maranhão*(6º anno), p. 455.
- Rego, J. C. (1874). *Almanak administrativo da Provincia do Maranhão* (7º anno, 1875). Maranhão: Typ. do Paiz.
- Reis, S. (1863). Introdução. Em C. Júlio César, *Commentarios* (S. dos Reis, Trad., pp. V-XV). S. Luiz: Typ. de B. de Mattos.
- Reis, S. (1866). *Curso de litteratura portugueza e brazileira* (Vol. 1). Maranhão: Typ. de B. de Mattos.
- Relação e indice alfabetico dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* (1800-1866). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Relatorio com que o excellentissimo senhor doutor Franklin A. de Menezes Doria passou a administração desta provincia ao excellentissimo senhor doutor Antonio Epaminondas de Melo, no dia 28 de outubro de 1867*. (1867). S. Luiz do Maranhão: Typ. de B. de Mattos.
- Resenha das familias titulares do reino de Portugal*. (1838). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Revista Trimestral do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil* (1866) (Tomo XXIX, segunda parte). Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- Revue anecdotique des excentricités contemporaines: curiosités littéraires de Paris et de la Province Circuitaires rares ou bouffonnes – complaints et vaudevilles – nouvelles des librairies et des théâtres* (1862, premier semestre) (Nouvelle Série, t. V, v. 15, part 2). Paris: S'Abonne.
- Rodrigues, A. M. (1865). *O livro do povo* (4ª ed.). Maranhão: Typ. do Frias.
- Romero, S. (1888a). *Historia da litteratura brazileira* (Tomo primeiro (1500-1830)). Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- Romero, S. (1888b). *Historia da litteratura brazileira* (Tomo segundo (1830-1877)). Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- Rónai, P. (2012). *Escola de Tradutores* (7ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.

- Rosa, C. A. (2012). *História da ciência: o pensamento científico e a ciência no século XIX* (2ª ed., Vol. II, Tomo II). Brasília : FUNAG.
- Rozeaux, S. (2 de December de 2014). Un patriotisme brésilien à géométrie variable ? La renaissance des « petites patries » au prisme des Letras Pátrias (1850-1880). *Brésil(s), sciences humaines et sociales*, 6, 181-201. Acesso em 13 de Março de 2017, disponível em: <http://journals.openedition.org/bresils/1362>
- Saphir (16 de Outubro de 1861). O Parnaso Maranhense (Folhetim, Impressão de leitura, VI). *A Imprensa*, S. Luiz, anno V, n. 82, p. 1.
- Sainte-Beuve, C.-A. (1<sup>er</sup> de Septembre de 1839). De la Littérature industrielle. *Revue des Deux Mondes, Quatrième Série*(Tome XIX), 675-691.
- Sandroni, L. (1989). *De Lobato à década de 1970*. Em E. D'A. Serra. *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras* (pp. 11-26). Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil.
- Santiago, S. (Jul./Dez. de 2009). Presença da língua e da literatura francesa no Brasil (Para uma história dos afetos culturais franco-brasileiros). *Letras*, 19(2), pp. 11-25. Fonte: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/12007/7421>
- Schwarz, R. (1988). *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (3ª ed.). São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Serra, J. (1873). *Quadros*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- Silva, C. A. (2016). *Transferências culturais via tradução nas revistas O Archivo (1846) e Revista Americana (1847-1848)*. (Dissertação de mestrado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- Silva, I. F. (1858-1923). *Diccionario bibliographico portuguez: applicaveis a Portugal e ao Brazil* (Tomos 1º-23º, estudos continuados e ampliados por Brito Aranha, a partir do tomo 10º, com exceção do 23º). Lisboa: Imprensa Nacional.
- Silva, L. A. (1º de Outubro de 1845). O jornalismo. *Jornal de Instrução e Recreio*, 1(3º trimestre), pp. 125-126.
- Silva, L. A. (1862). *Historia da independencia da provincia do Maranhão (1822-1828)*. Maranhão: Typ. do Progresso.
- Silva, V. A. (Org.) (2012). *Dicionário de Luís de Camões*. Alfragide: Caminho.
- Simon, S. (Juin de 1989). Conflits de juridiction : la double signature du texte traduit. *Meta*, 34(2), pp. 195-208. doi:<https://doi.org/10.7202/004152ar>
- Sousa, J. G. (1955). *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC; INL.
- Sousa, J. G. (1960). *O teatro no Brasil: evolução do teatro no Brasil* (Tomo I). Rio de Janeiro: MEC; INL
- Souza, A. P. (2017). *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista*. (Tese de doutoramento em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

Souza, J. G. (1859). *Anthologie universelle choix des meilleures poésies lyriques de diverses nations dans les langues originales*. Leipzig: F. A. Brockhaus.

Staël, M. [Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein] (1821). De l'esprit des traductions. Em M. Staël, *Œuvres complètes de Mme la baronne de Staël* (Vol. 17, pp. 387-399). Paris: Treuttel et Würtz.

Távora, F. (1883). Estudos literarios sobre e Brasil. Escritores del Norte. V. El doctor José Coriolano de Souza Lima. (E. Quesada, Ed.) *Nueva Revista de Buenos Aires, ano III*(tomo VIII), 597-613.

Teixeira, A. (1989). *Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Teixeira, M. (1885). *Hugonianas : poesias de Victor Hugo traduzidas por poetas brasileiros* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Teixeira, U. (2005). *Dicionário de teatro*. (Coleção Geia de Temas Maranhenses, 7). São Luís: Instituto Geia..

Travassos, N. P. (1964). *Nos bastidores da literatura* (2ª ed.). São Paulo: EdArt.

Um cidadão maranhense (1867). Ao sr. dr. antonio Rego. Em É. Laboulaye, *O partido liberal* (A. H. Leal, Trad., pp. V-VIII). San'Luiz do Maranhão: Typ. de B. de Mattos.

Vasconcelos, J. M. (1868). *Selecta brasiliense: ou, Noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil*. Rio de Janeiro: Universal de Laemmert.

Veríssimo, J. (1916). *Historia da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Rio de Janeiro: F. Alves.

Veríssimo, J. (1981). Gonçalves Dias e o grupo maranhense. Em J. Veríssimo, *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* (4ª ed., Vol. 3, pp. 175-189). (C. T. Brasileiros, Trad.) Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Vieira, J. G. (2010). *Metodologia de pesquisa científica na prática*. Curitiba: Fael.

Viveiros, J. (1954a). *História do comércio do Maranhão (1612-1895)* (Vol. 1). São Luís: Associação Comercial do Maranhão.

Viveiros, J. (1954b). *História do comércio do Maranhão (1612-1895)* (Vol. 2). São Luís: Associação Comercial do Maranhão.

Voituron, P. (1863). *Estudos filosoficos e litterarios sobre os Miseraveis de Víctor Hugo*. (F. F. da Silva Vieira, Trad.). Lisboa: Typographia do Futuro.

Vovelle, M. (1991). *Ideologias e mentalidades* (2ª ed.). (M. J. Cottvasser, Trad.) São Paulo: Brasiliense.

Wolf, F. (1863). *Le Brésil Littéraire: histoire de la littérature brésilienne*. Berlin: A. Asher & Co.

Yon, J.-C. (2015). The french theatre abroad in the nineteenth century: the first signs of a globalised culture. Em M. Abreu, & A. C. Silva, *The Cultural Revolution of the Nineteenth Century: Theatre, the Book-Trade and Reading in the Transatlantic World* (pp. 219-233). New York/Londres: I. B. Tauris.

### ***Periódicos examinados***

*A Coalição* (Maranhão)  
*A Cruz* (Rio de Janeiro)  
*A Escola* (Maranhão)  
*A Fé* (Maranhão)  
*A Imprensa* (Maranhão)  
*A Manhã* (Rio de Janeiro)  
*A Noite* (Rio de Janeiro)  
*A Noticia* (Rio de Janeiro)  
*A Reforma* (Rio de Janeiro)  
*A Situação* (Maranhão)  
*Almanak administrativo da Provincia do Maranhão* (Maranhão)  
*Almanak do Povo* (Maranhão)  
*Civilização* (Maranhão)  
*Chronica Litteraria* (Rio de Janeiro)  
*Chronica Maranhense* (Maranhão)  
*Correio da Tarde* (Rio de Janeiro)  
*Correio Mercantil* (Rio de Janeiro)  
*Correio Paulistano* (São Paulo)  
*Dezenove de Dezembro* (Paraná)  
*Diario da Bahia* (Bahia)  
*Dario de Minas* (Minas Gerais)  
*Diario de Noticias* (Rio de Janeiro)  
*Diario de Pernambuco* (Pernambuco)  
*Diario de S. Luiz* (Maranhão)  
*Diario do Maranhão* (Maranhão)  
*Diario do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro)  
*Echo do Norte* (Maranhão)  
*Espelho Fluminense ou Novo Gabinete de Leitura* (Rio de Janeiro)  
*Gazeta da Bahia* (Bahia)  
*Gazeta de Noticias* (Rio de Janeiro)  
*Gazeta Official* (Ceará)  
*Jornal Caixiense* (Maranhão)  
*Jornal da Lavoura* (Maranhão)  
*Jornal da Tarde* (Rio de Janeiro)

*Jornal de Instrucção e Recreio* (Maranhão)  
*Jornal do Maranhão* (Maranhão)  
*Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro)  
*Jornal do Recife* (Pernambuco)  
*Jornal Maranhense* (Maranhão)  
*O Acayaba* (São Paulo)  
*O Archivo* (Maranhão)  
*O Artista* (Maranhão)  
*O Bem Publico, revista ecclesiastica e litteraria* (Lisboa)  
*O Cearense* (Ceará)  
*O Censor* (Maranhão)  
*O Christianismo* (Maranhão)  
*O Combate* (Maranhão)  
*O Commercio* (Maranhão)  
*O Conciliador do Maranhão* (Maranhão)  
*O Correio da Tarde* (Rio de Janeiro)  
*O Constitucional* (Maranhão)  
*O Despertador* (Rio de Janeiro)  
*O Domingo* (Maranhão)  
*O Estandarte* (Maranhão)  
*O Globo* (Maranhão)  
*O Globo* (Rio de Janeiro)  
*O Guarany* (Bahia)  
*O Imparcial* (Rio de Janeiro)  
*O Novo Mundo* (New York)  
*O Paiz* (Maranhão)  
*O Paiz* (Rio de Janeiro)  
*O Pensador* (Maranhão)  
*O Progresso* (Maranhão)  
*O Publicador Official* (Maranhão)  
*O Publicador* (Paraíba)  
*O Sexo Feminino* (Rio de Janeiro)  
*O Ytoróro* (São Paulo)  
*Pacotilha* (Maranhão)  
*Pedro II* (Ceará)  
*Porto-Franco* (Maranhão)  
*Publicador Maranhense* (Maranhão)  
*Revista Universal Lisbonense*  
*Revista Universal Maranhense* (Maranhão)  
*Semanario Maranhense* (Maranhão)

*Sites consultados*

<http://memoria.bn.br/>

<http://brasiliانا.usp.br/>

<http://www.bnportugal.pt/>

<http://pesquisa.auc.uc.pt/search>

<https://bndigital.bn.gov.br/>

<https://www.bn.gov.br/>

<https://www.nypl.org/>

<https://www.bl.uk/>

<https://www.nla.gov.au/>

<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>

<https://www.thousandwonders.net/>

<https://commons.wikimedia.org/>

<https://www.infoescola.com/>

<https://censo2010.ibge.gov.br>

<https://pt.wikipedia.org/>

Antigo prédio da Biblioteca Pública do Estado do Maranhão  
Fonte: Gaudêncio Cunha (1908).



## **ANEXOS**



ANEXO 1: Requerimento do impressor Francisco António da Silva ao rei D. João VI, solicitando passaporte para se deslocar ao Maranhão.

*Passaporte em 16 de Junho  
de 1821.*

*Seu Magestade*

*Maranhão  
1821*



*Seu Magestade  
Francisco Antonio da Silva  
Impressor de Letras, que elle pretende  
hír para o Maranhão, como nos  
tra pello de Cusmento Punte*

*Seu Magestade  
mandar lhe fazer seu  
Passaporte*

*FRANCISCO ANTONIO DA SILVA*



MANOEL MARINHO FALCAO E CASTRO,  
Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Desembar-  
gador da Relação e Casa do Porto, Intendente Ge-  
ral da Policia, &c.

**A**TTESTO que Francisco Antonio da Silva, Impresor  
de Letras, Subsirg de idade de vinte e seis annos, natural  
de Lisboa, morador no Beco das Mercarias Figueiredas,  
naõ tem impedimento pela Policia para pappare como  
pretende a Cidade de Maranhão e trabalhar pelo seu  
officio para o que se aucta e scripturado. E para con-  
tar onde elle convier, e peccialmente na Secretaria de Es-  
tado dos Negocios da Marinha, onde deve leuor e  
para conseguir o seu Papaporte, mandei pappare o pre-  
sente por meio da signa officando na Secretaria  
desta Intendencia do Governo que legiti-  
tima o recorrente. Lisboa de vinte e cinco de 1821


Manoel Marinho Falcaõ e Castro

Regat.

ANEXO 2: Requerimento do compositor de letras Francisco José Nunes Corte Real ao rei D. João VI, solicitando passaporte para se deslocar ao Maranhão

*Passaporte em 18 de Maio  
de 1821.*

*Maranhão  
(1821)*



*Seu Francisco José Nunes Corte Real  
Compositor de Letras, que elle querendo ir  
para o Maranhão, como mostra nelle do  
documento junto*

*Seu Mag. seja servido  
mandar lhe fazer seu Pass  
aporte*

*C. R. N.*



MANOEL MARINHO FALCÃO E CASTRO,  
Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Desembar-  
gador da Relação e Casa do Porto, Intendente Ge-  
ral da Policia, &c.

**A**TESTO que Francisco Jose Nunes Corte Real, Compo-  
sitor de letras, Casado, de idade de vinte e um annos, natural  
de Lisboa, morador na Rua dos Galegos, não tem impedimen-  
to pella Policia para pappare com pertença a Cidade do Mon-  
te Rabo. E par se o tal aonde se converte especialmente na  
Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, onde  
deve recorre para conseguir o seu Pappare, mandei  
pappare opoerente por se bem se pignora, ficando nella  
Secretaria de Estado Intendencia os Documentos que le-  
gitimam o recorrente. Lo.º de 16 de 1871


Manoel Marinho Falcão e Castro

Reg.

ANEXO 3: Ofício do governador e capitão-general do Maranhão, Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca, para o secretário de estado da Marinha e Ultramar, Joaquim José Monteiro Torres, sobre ser útil a criação de uma imprensa e tipografia no Maranhão.

144

M. e C. S. M. J.



Logo que esta Província abraçou o Sistema Constitucional proclamado em Portugal, hum dos seus respectivos objectos dos seus Beneficentes foi dar lugar humha Typographia, em penhasco de elle, e assignando para humha Gazeta Municipal, a vista daquelle Amabilidade e persuasão quanto humha Typographia he util, e essencial a hum Governo Liberal para esclarecer a opinião, e dirigir a opinião publica. Mandei a esse effecto humha excellentissima, que não puzer a trabalhar, na conformidade da Lei da Liberdade da Typographia, por em como n'ella não se designa o lugar a onde se hade formar o seu Tribunal Especial, e a Officina dos Types de facto nesta Província, logo a esse instantaneo dahi este objecto, para saber como ao de imprimir se da responsabilidade de credito a aquellos que abusarem da liberdade da Typographia.

Dos Queros a V. Ex.ª S. Lou. do Maranhão, Pal. do Rio de Janeiro de 1824.

M. e C. S. M. J. Joaquim José Monteiro Torres

Bernardo da Silveira Pinto

ANEXO 4: Portaria n.º 384, de 31 de Outubro de 1821.

N.º =384= Tendo chegado a esta Cidade a Imprensa, Utensilios, Operarios, e mais objectos rellativos á Typographia, que deve estabelecer-se nesta Provincia; e sendo necessario, que ella completamente se promptifique, e comece os seus respectivos exercicios por conta da Fazenda Nacional: nomeio Director da mesma Typographia a Antonio Marques da Costa Soares, Official maior da Secretaria do Governo desta Provincia: por concorrerem nelle todas as circunstancias necessarias para esta incumbencia, e encargo: a fim de que debaixo da sua immediata direcsaõ, fique a dita Typographia, Operarios, e todos os respectivos exercicios: e isto em quanto este Estabellcimento não for ordenado, e authorisado como convier. Maranhão, Palacio do Governo 31 de Outubro de 1821. = *Silveira*. =

ANEXO 5: Portaria n.º 405, de 13 de Novembro de 1821.

N.º =405= Tendo a experiencia demonstrado entre as Nasões mais cultas, que a Liberdade da Imprensa he o *Palacio* da Liberdade dos Povos; que por ella se discutem as materias, as verdades se vulgarisaõ, e a opiniaõ Publica se dirige, e retifica; vantagens, que só a Typographia póde facilitar: e tendo para obter estes saudaveis fins mandado vir huma Imprensa para serviso, e utilidade publica desta Provincia, onde este precioso invento nunca fora praticado; e sendo necessario para comesar o seu estabellecimento, e trabalhos nomear huma administrasão regullar da mesma Typographia por conta da Fasenda; em quanto não houver empresario, que se preste as necessarias despesas, e avances: tendo authorisada ja para Director o Officcial maior da Secretaria do Governo, Antonio Marques da Costa Soares, nomeio para Membros daquella Comissão ao Desembargador Jose Leandro da Silva e Sousa, que sera o Presidente; e Lasaro Antonio da Silva Guimarães, que servira de Thesoureiro, e ao mesmo Director, que servira de Secretario. Esta Comissão fara inventariar, e pôr em devida arrecadação a Imprensa, e mais objectos typographicos; e fara hum plano, que me sera apresentado, para sua devida approvasão, e que abrace as regullasões seguintes: o número de empregados, seus deveres, e salarios: o methodo dos trabalhos: a fiscalisação dos typos, e mais artigos typographicos: os pressos, que devem receber-se por qualquer impresso, ou annuncio particulares, e a preferencia destes: o modo de receita e despesa, a escripturasão, e contabilidade. A Comissão tera em vista a maior *Utilidade Publica*, partindo do principio de que a Fasenda não deseja lucrar neste nascente Estabellcimen; mas sim promover o interesse commum, e a instrucção geral, querendo sómente, se for possivel salvar as despesas da Officina. Os membros desta Administrasão reunir-se-hão todas as veses que julgarem proprio, e darão mensalmente huma conta corrente ao Governo, a quem tambem farão requisisação do que precisarem para este objecto. As pessoas acima mencionadas assim o cumprão. Maranhão, Palacio do Governo 13 de Novembro de 1821. = *Silveira.* =

ANEXO 6: Jornais maranhenses catalogados por José Ribeiro do Amaral (1821-1899)<sup>538</sup>.

Catálogo organizado por ocasião da celebração do centenário da imprensa no Rio de Janeiro:

NA CAPITAL

1821 – *O Conciliador do Maranhão*

1822 – *A Folha Medicinal do Maranhão*  
*Palmatória Semanal*  
*Gazeta da Verdade*

1823 – *Gazeta Extraordinária do Governo da Província*  
*Diário Eclesiástico Independente*

1824 – *O Amigo do Homem*

1825 – *O Argos da Lei*  
*O Censor*, mais tarde, *O Censor Maranhense*

1826 – *O Piparote*

1827 – *Minerva*  
*O Farol Maranhense*  
*A Bandurra*

1828 – *O Despertador Constitucional*

1829 – *A Estrela do Norte do Brasil*  
*A Cigarra*  
*O Maranhense*  
*O Observador Constitucional*  
*O Poraquê*  
*O Azorrague dos Corcundas*

1830 – *O Brasileiro*  
*Semanário Oficial*  
*O Almanack Mercantil*  
*O Clarim*  
*A Segunda Estrela do Norte do Brasil*

---

<sup>538</sup> Cf. Capítulo 13 (A imprensa no Maranhão: jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1821 a 1908 (pp. 97-112)) e Capítulo 14 (A imprensa no interior do Maranhão (pp. 113-119)). In Amaral, J. R. (2003). *O Maranhão histórico: artigos de jornal (1911-1912)*. São Luís: Instituto Geia.

- 1831 – *O Publicador Oficial*  
*O Constitucional*  
*O Jornal dos Anúncios*  
*A Bússola da Liberdade*  
*A Opinião*  
*Foguete da Nova Luz*  
*Jurjuba*
- 1832 – *O Brasileiro*  
*O Correio do Conselho Provincial*  
*O Mentor Liberal*  
*O Escudo da Verdade*  
*O Rondante Político*
- 1833 – *O Público Brasileiro*  
*A Sentinela Maranhense*  
*Atalaia dos Caiporas?*
- 1834 – *Eco do Norte*  
*O Berro do Norte*  
*O Correio Semanal*  
*O Publicador da Relação Reformatório*
- 1835 – *O Investigador Maranhense*  
*O Justiceiro*  
*Correio da Assembléia Provincial*
- 1836 – *Cacambo*  
*O Americano*
- 1837 – *Sete de Setembro*  
*O Momborré*  
*O Correionador dos Abusos*  
*O Paraense*  
*A Tábua de Salvação*  
*A Temperança ou O Moralista Maranhense*
- 1838 – *O Investigador Constitucional*  
*A Sentinela*  
*Crônica Maranhense*  
*O Bem-te-vi*  
*Crônica dos Cronistas*  
*Caçador de Bem-te-vis*  
*O Amigo do Povo*  
*O Despertador*  
*Correio d'Anúncios*  
*28 de Julho*  
*O Recopilador de Anedotas*

- 1839 – *A Revista*  
*O Militar*  
*O Recreio dos Maranhenses*  
*O Amigo do País*  
*Buscapé*
- 1840 – *O Moralista*  
*O Cometa*  
*O Legalista*  
*O Astro Maranhense*  
*O Jornal Maranhense*  
*O Guajajara*  
*O Raio*
- 1841 – *O Imperialista*  
*Vinte e Oito de Julho*
- 1842 – *Publicador Maranhense*  
*O Correio Maranhense*  
*O Dissidente*  
*A Opinião Maranhense*  
*O Caboclo Maranhense*  
*O Pica-pau*  
*O Museu Maranhense*
- 1843 – *O Maranhão*  
*O Diário*  
*Eco da Oposição*  
*Liberal*  
*A Figa*
- 1844 – *A Malagueta Maranhense*  
*Tapy Ouaissú*  
*Vigilante da Liberdade*  
*Foguete*
- 1845 – *Jornal da Instrução*  
*O Almazém*  
*A Rabeca*  
*O Atleta Piauiense*  
*Tribuna do Povo*
- 1846 – *O Unitário*  
*O Arquivo*  
*Jornal da Sociedade Filomática Maranhense*  
*A Palmatória*  
*A Matraca*  
*O Arre e Irra*  
*O Patusco*  
*O Azorrague*  
*O Cacete*

- 1847 – *O Homem do Povo*  
*O Estudante*  
*O Observador*  
*O Bem-te-vi*  
*O Bem-te-vi Maranhense*  
*Correio Maranhense*  
*O Barrete*  
*O Progresso*
- 1848 – *Diário Maranhense*  
*O Tribuno do Norte*  
*O Verdadeiro Patriota*  
*Voz do Bacanga*
- 1849 – *A Sentinela da Liberdade*  
*Revista Universal Maranhense*  
*O Porto Franco*  
*O Sulista*  
*A Época*  
*O Vulcão*  
*O Canela*  
*O Bem-te-vi Corcunda*  
*O Mexeriqueiro*  
*O Salvador do Povo*  
*O Salvador da Liberdade*  
*O Timbira*  
*O Luzia*  
*O Defensor do Povo*
- 1850 – *A Marmota Maranhense*
- 1851 – *Argos Maranhenses*  
*Correio dos Anúncios*  
*O Constitucional*  
*O Infante*
- 1852 – *O Novo Farol*  
*O Globo*  
*O Despertador*  
*O Eclesiástico*  
*A Marmotinha*  
*Jornal de Tímon*  
*Argos da Cena Maranhense*  
*O Propugnador Católico*  
*O Universal*
- 1853 – *O Estandarte*  
*O Conciliador*  
*O Apreciador Dramático*  
*O Bem-te-vi*

- 1854 – *O Cristianismo*  
*O Botão de Ouro*
- 1855 – *Diário do Maranhão*  
*A Sentinela*  
*O Suspiro*  
*A Saudade*
- 1856 – *A Nova Época*  
*A Conciliação*  
*Regeneração Política*  
*A Saudade*
- 1857 – *A Moderação*  
*A Imprensa*  
*A Estrela da Tarde*  
*O Espelho*  
*Jornal dos Jovens*
- 1858 – *O Iguazu*  
*O Globo*  
*Jornal do Comércio*  
*Correio Maranhense*  
*O Japi*  
*A Tentativa*  
*A Aurora do Norte*  
*Álbum Maranhense*  
*O Guaraciaba*
- 1859 – *Correio da Tarde*  
*O Século*  
*A Estrela Maranhense*  
*O Conservador*  
*Eco da Verdade*
- 1860 – *Ordem e Progresso*  
*A Verdadeira Marmota*  
*O Estudante*  
*A Jararaca*  
*A Tulipa*
- 1861 – *A Opinião Pública*  
*Clarim da Monarquia*  
*O Jardim dos Maranhenses*  
*O Comércio*  
*O Porto Livre*  
*Caldo de Boi*  
*O Pirilampo*

1862 – *Revista Jurídica*

*O Artista*  
*A Coalizão*  
*O Fórum*  
*O Insulano*  
*Heraclia*  
*O Ramalhete*

1863 – *O País*

*A Situação*  
*O Constitucional*  
*Ginásio Literário*  
*O Eco da Pátria*

1864 – *A Aurora Maranhense*

*O Trevo*  
*O Trovador*  
*A Fé*  
*O Eco da Juventude*  
*A Lanterna de Diógenes*  
*Palestra Militar*  
*A Verdade*  
*Satanás*  
*Boletim Comercial*  
*O Janota*

1865 – *A Tribuna*

*A Exposição Evangélica*  
*O Passatempo*

1866 – *O Futuro*

*O Apreciável*  
*Primavera*  
*Revista Comercial*  
*Tifon*

1867 – *Semanário Maranhense*

1868 – *O Artista*

*O Liberal*  
*A Sensitiva*

1869 – *Juvenilia*

*A Atualidade*  
*A Nação*  
*O Fantasma*  
*O Represador*

- 1870 – *O Formigão*  
*A Situação*  
*O 14 de Janeiro*  
*A Opinião Pública*  
*Monitor*  
*Vinte e Oito de Julho*  
*O Estudante*  
*A Esperança*  
*O Chicote*
- 1871 – *O Telégrafo*  
*O Forte*  
*O Represador*
- 1872 – *A Brisa*  
*O Domingo*
- 1873 – *Diário do Maranhão*
- 1874 – *A Instrução*  
*O Justo*
- 1875 – *Jornal da Lavoura*  
*A Mocidade*
- 1876 – *Revista Juvenil*  
*Gazeta do Povo*  
*Jornal para Todos*  
*A Floresta*
- 1877 – *Província*  
*Revista de Instrução e Recreio*  
*O Amigo do Povo*  
*O Telégrafo*
- 1878 – *O Tempo*  
*Escola*  
*O Timbira*  
*O Democrata*  
*O Progresso*
- 1879 – *A Flecha*  
*O Regenerador*

- 1880 – *Pacotilha*  
*O Tribuno*  
*Civilização*  
*Cartas aos Maçons do Maranhão*  
*O Pensador*  
*A Lei*  
*O Malho*  
*Idália França*
- 1881 – *Pacotilha*  
*O Futuro*  
*Antônio Pedro*
- 1882 – *Lúcia Avalor*
- 1883 – *Gazeta de Notícias*  
*O Domingo*  
*Atualidade*  
*Lidador Maranhense*
- 1884 – *O Cruzeiro*  
*O Pigmeu*  
*Aurora*  
*Carapuça*  
*Jornal da Tarde*  
*Tribuno*  
*O Abolicionista*
- 1885 – *Gazeta do Povo*  
*A Província*  
*O Repolho*  
*O Sorriso*  
*Voz do Povo*  
*O Estudante*  
*Porvir*  
*A Evolução*  
*O Abolicionista*
- 1886 – *O Liberal*  
*O Mensageiro*  
*A Luz*  
*O Eco*  
*O Protesto*  
*O Repórter*  
*A Federação*  
*O Meteoro*  
*Homenagem do Comércio a Retalho ao Dr. João Henrique*

1887 – *Revista Maranhense*  
*O Binóculo*  
*O Estudante*  
*Campeão Português*  
*A Semana*

1888 – *O Novo Brasil*  
*Eco do Norte*  
*Vibração Suave*

1889 – *O Globo*  
*A República*  
*Correio de Anúncios*  
*Luso-Brasileiro*  
*O Século*  
*A Luz*  
*O Povo*  
*Homenagem ao Presidente da República dos Estados Unidos*

1890 – *A Aurora Maranhense*  
*O Corisco*  
*O Domingo*  
*O Vulcão*  
*O Ensaio*  
*A Cruzada*  
*O Nacional*

1891 – *O Estado do Maranhão*  
*A Escola*  
*A Luta*  
*O Canudo*  
*O Cruzeiro*

1892 – *O Federalista*  
*A Cruzada (2ª. fase)*  
*28 de Julho*  
*O Operário*  
*Revista Elegante*  
*O Novidades*

1893 – *A Idéia*  
*A União Postal*  
*Diário de Notícias*  
*O Estudante*  
*O Bisturi*  
*A Infância*  
*Atenas*

1894 – *Pierrô*  
*O Mefistófeles*

1895 – *A Alvorada*  
*O Estudante*  
*O Porvir*  
*Filomatia*

1896 – *O Membi*  
*A Liberdade*  
*Camélia*  
*O Canudo*

1897 – *O Argos*  
*O Centro Caixeiral*  
*O Estudante*

1898 – *O Atenas*  
*Regeneração*  
*O Piaga*  
*O Ideal*  
*O Papagaio*  
*O Pau*  
*O Abelhudo*  
*O Filomático*  
*A Vassoura*

1899 – *O Imparcial*  
*A Sogra*  
*A Vassoura*

## A IMPRENSA NO INTERIOR DO MARANHÃO

### **Caxias**

1845 – *Brado de Caxias*

1846 – *Jornal Caxiense*  
*O Tigre de Caxias*

1847 – *Marimbondo*  
*O Telégrafo*  
*O Povo*

1848 – *O Pescador*  
*O Correio dos Municípios*  
*O Analítico*

- 1849 – *O Lidador*  
*A Água Benta*  
*O Bem-te-vi Caxiense*  
*A Aurora*
- 1850 – *O Farol*
- 1851 – *O Eco Caxiense*  
*O Pelourinho*
- 1853 – *A Crônica*
- 1854 – *O Correio Caxiense*
- 1859 – *A Imprensa Caxiense*  
*O Pugnador*
- 1862 – *O Álbum Caxiense*
- 1864 – *A Rosa*
- 1866 – *O Justiceiro*
- 1867 – *O Cabo d'Esquadra*
- 1870 – *Jornal de Caxias*
- 1871 – *Semanário Caxiense*
- 1873 – *O Lidador Caxiense*
- 1874 – *O Beija-flor*  
*A Cruz*  
*O Comércio de Caxias*
- 1876 – *A Luz*
- 1877 – *A Situação*
- 1880 – *A Tarrafa*
- 1881 – *O Observador*
- 1883 – *O Xixixi*  
*Crisálida*
- 1884 – *Eco Liberal*
- 1886 – *O Brado*

1887 – *Gazeta  
Artista Caxiense*

1891 – *O Pirilampo*

1893 – *Gazeta Caxiense* (2ª. fase)

1895 – *Jornal de Caxias*

1898 – *O Timbira  
Cidade de Caxias*

1899 – *O Lábaro*

### **Coroatá**

1867 – *Coroataense*

### **Viana**

1876 – *O Vianense  
Alavanca  
A Violeta*

1878 – *O Guanambi*

1879 – *O Domingo*

1880 – *Recreio Juvenil  
A Reforma*

1881 – *A Ordem*

1884 – *Atualidade*

### **Brejo**

1865 – *Jornal Imparcial do Brejo*

### **Alcântara**

1893 – *Gazeta Alcantareense*

### **Rosário**

1855 – *O Baluarte do Povo.*

**Picos** (atualmente, Colinas)

1895 – *O Município*

1896 – *O Carapuceiro*  
*O Republicano*

1897 – *A Estrela*

1898 – *A Época*  
*A Imprensa*

1899 – *O Juvenil*

**Barra do Corda**

1888 – *O Norte*

*O Novo Mundo*

1897 – *O Porvir*

1898 – *O Guarani*

ANEXO 7: Estudantes maranhenses na Universidade de Coimbra (1726-1898)<sup>539</sup>.**1726 (1)**

Francisco Xavier Salgado  
 Filiação: João Salgado de Barros  
 Naturalidade: São Luís  
 Cânones 1.10.1726  
 Grau de bacharel 19.6.1731  
 Formatura 26.6.1732

**1732 (1)**

Filipe Camelo de Brito  
 Filiação: João Camelo de Brito  
 Naturalidade: Maranhão  
 Cânones 1.10.1732  
 Grau de bacharel 23.6.1735  
 Formatura 17.11.1737

**1778 (1)**

José Pereira da Silva  
 Filiação: António Pereira da Silva  
 Naturalidade: São Luís  
 Filosofia 21.10.1778 (obrigado)  
 Direito 3.11.1780  
 Matemática 5.11.1781 (obrigado)  
 Grau de bacharel 25.6.1784  
 Formatura 20.6.1785

**1782 (1)**

António Gomes Pires  
 Filiação: António Gomes Pires  
 Naturalidade: Maranhão  
 Direito 31.10.1782  
 Matemática 30.10.1783 (obrigado)  
 Grau de bacharel 2.6.1786  
 Formatura 2.6.1787

---

<sup>539</sup> Dados extraídos do site <http://pesquisa.auc.uc.pt/search>; da *Relação e índice alfabético dos estudantes matriculados na Universidade de Coimbra...* (1800-1866). Coimbra: Imprensa da Universidade; e Morais, F. (1940). Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872). In *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (1942, Vol. LXII, pp. 137-335). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Ministério da Educação e Saúde.

**1783 (1)**

Gaspar Pereira de Castro  
Filiação: Bernardino José Pereira de Castro  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 3.10.1783  
Matemática 11.10.1784 (obrigado)  
Grau de bacharel 21.6.1787  
Formatura 14.6.1788

**1787 (2)**

José Joaquim Vieira Belfort  
Filiação: Leonel Fernandes Vieira  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 31.10.1787  
Matemática 11.10.1788 (obrigado)  
31.10.1792

José Nunes Soeiro  
Filiação: José Nunes Soeiro  
Naturalidade: São Luís  
Direito 30.10.1787  
Matemática 7.10.1788 (obrigado)

**1792 (1)**

Lourenço Belfort  
Filiação: Ricardo Belfort  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 18.10.1792 (ordinário)  
Filosofia 19.10.1792 (obrigado)  
Medicina 5.10.1795

**1793 (1)**

José Félix Potier Lamas  
Filiação: Bonifácio José Lamas  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 15.10.1793 (obrigado)  
Filosofia 16.10.1793 (obrigado)  
Direito 2.11.1793  
Grau de bacharel 12.7.1797

**1794 (4)**

Joaquim Xavier de Araújo  
Filiação: José Miguel de Araújo  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 17.10.1794  
Grau de bacharel 23.6.1798  
Formatura 17.7.1799

Joaquim António Vieira Belfort  
Filiação: Leonel Fernandes Vieira  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 17.10.1794  
Grau de bacharel 21.5.1798  
Formatura 13.6.1799

Joaquim Gomes da Silva Belfort  
Filiação: Felipe Marques da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 4.10.1794 (obrigado)  
Filosofia 1.10.1794 (obrigado)  
Direito 31.10.1794

José Constantino Gomes de Castro  
Filiação: Manuel António Gomes de Castro  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 4.10.1794 (ordinário)  
Filosofia 17.10.1794 (obrigado)

#### **1795 (1)**

António Gomes da Silva Belfort  
Filiação: Felipe Marques da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 10.1795

#### **1798 (2)**

Sebastião Gomes da Silva Belfort  
Filiação: Felipe Marques da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Direito (Leis) 31.10.1798

António Pedro da Costa Ferreira  
Filiação: Ascenso José da Costa Ferreira  
Naturalidade: Alcântara  
Matemática 3.10.1798 (obrigado)  
Filosofia 3.10.1798 (obrigado)  
Direito 30.10.1798  
Grau de bacharel 4.6.1802

#### **1799 (2)**

Patrício José de Almeida  
Filiação: Estevão de Almeida e Silva  
Naturalidade: Santo António de Alcântara  
Filosofia 3.10.1799  
Direito 2.10.1800

João Carlos da Costa Ferreira  
Filiação: António da Costa Ferreira  
Naturalidade: Alcântara  
Direito 3.10.1799

**1800 (2)**

Inácio Gabriel de Almeida  
Filiação: Estevão de Almeida  
Naturalidade: Alcântara  
Direito 31.10.1800

José Ascenso da Costa Ferreira Ribeiro Lima  
Filiação: Ascenso José da Costa Ferreira  
Naturalidade: Alcântara  
Matemática 2.10.1800 (obrigado)  
Filosofia 3.10.1800 (obrigado)

**1801 (2)**

José Félix Pereira de Burgos  
Filiação: José Félix Pereira  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 16.10.1801 (ordinário)  
Filosofia 16.10.1801 (obrigado)

João Inácio da Cunha  
Filiação: Bento da Cunha  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 12.10.1801 (obrigado)  
Filosofia 12.10.1801 (obrigado)  
Direito 30.10.1801  
Grau de bacharel 14.6.1805  
Formatura 12.6.1806

**1802 (2)**

José Alves de Carvalho  
Filiação: Inácio Luís Domingues  
Naturalidade: São Luís  
Filosofia 23.10.1802 (obrigado)

Raimundo Pedro da Silva e Cunha  
Filiação: António da Silva e Cunha  
Naturalidade: São Luís  
Matemática 13.10.1802 (ordinário)

**1803 (1)**

Feliciano Xavier Fernandes Nogueira  
Filiação: Francisco Xavier Fernandes Nogueira  
Naturalidade: Alcântara  
Matemática (voluntário)  
Colégio Real das Artes: Filosofia Racional e Moral 31.10.1803

**1805 (1)**

Manuel Gomes da Silva Belfort  
Filiação: Felipe Marques da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática (voluntário)  
Filosofia (voluntário)

**1806 (1)**

Antônio de Sales Nunes Belfort  
Filiação: José Marcelino Nunes  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 4.10.1806  
Filosofia 7.10.1806 (obrigado)

**1807 (1)**

Carlos Peregrino Belfort Pereira de Burgos  
Filiação: José Felix Pereira de Burgos  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 1807 (voluntário)

**1814 (1)**

João Bráulio Moniz  
Filiação: Raimundo José Moniz  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 31.10.1814  
Formatura 1.7.1819

**1816 (1)**

Manuel Odorico Mendes da Cunha  
Filiação: Francisco Raimundo da Cunha  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 1816  
Filosofia 1817

**1817 (7)**

Vital Raimundo da Costa Pinheiro  
Filiação: António da Costa Pinheiro  
Naturalidade: Alcântara  
Filosofia 12.11.1817 (obrigado)  
Matemática 2.7.1820  
Direito 31.10.1822  
Grau de bacharel 17.7.1826  
Formatura 17.7.1827

Leocádio Ferreira de Gouveia Pimentel Belleza  
Filiação: António Ferreira de Gouveia Pimentel Beleza  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 8.11.1817  
Formatura 7.6.1822?

José Vicente Freire e Bruce  
Filiação: Miguel Inácio dos Santos Freire e Bruce  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 8.11.1817  
Matemática 1818 (voluntário)  
Grau de bacharel 27.06.1821  
Formatura 7.6.1822

Joaquim Mariano Ferreira  
Filiação: pais incógnitos  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 8.11.1817

Francisco Correia Leal  
Filiação: João Francisco Leal  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 31.10.1817  
Grau de bacharel 9.6.1821  
Formatura 30.5.1822

António Marcelino da Costa Pinheiro  
Filiação: António da Costa Pinheiro  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 18.10.1817  
Grau de bacharel 28.5.1823?

Joaquim Vieira da Silva [e Souza]  
Filiação: Luís António Vieira da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 31.10.1817  
Grau de bacharel 20.6.1821  
Formatura 21.06.1822

**1818 (3)**

António Belfort Pereira de Burgos  
Filiação: João Felix Pereira de Burgos  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 1818 (voluntário)

Manuel Pereira da Cunha  
Filiação: Manuel da Cunha  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 14.10.1818 (obrigado)  
Filosofia 31.10.1817 (obrigado)  
Medicina 25.10.1820

Raimundo Felipe Lobato  
Filiação: Felipe Neri Lobato  
Naturalidade: Alcântara  
Direito 23.12.1818

**1819 (3)**

Custódio Alves da Pureza Serrão  
Filiação: José Alves Serrão  
Naturalidade: Alcântara  
Filosofia 22.10.1819 (ordinário)  
Grau de bacharel 25.6.1823  
Formatura 19.7.1823

António Bernardo da Encarnação e Silva  
Filiação: João António da Silva  
Naturalidade: Viana  
Teologia 1819

José dos Santos da Silveira  
Filiação: António da Silveira Souto  
Naturalidade: São Luís  
Matemática 26.10.1819 (obrigado)  
Filosofia 26.10.1819 (obrigado)  
Direito 24.11.1820

**1820 (1)**

António de Barros e Vasconcelos  
Filiação: Felipe de Barros e Vasconcelos  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 24.11.1820

## 1821 (2)

Felipe Jansen de Castro e Albuquerque  
Filiação: Vicente Gomes de Lemos  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 1821

Sátiro Mariano Leitão  
Filiação: António José Leitão  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 5.10.1821 (obrigado)  
Filosofia 4.10.1822 (obrigado)

## 1822 (7)

João Rodrigues Bayma  
Filiação: António Rodrigues dos Santos  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 25.10.1822 (obrigado)  
Matemática 1822 (voluntário)

José Mariano Correia de Azevedo Coutinho  
Filiação: José Teodoro Correia de Azevedo Coutinho  
Naturalidade: Alcântara  
Direito 1822 (Formatura 10.7.1827)

Brásílio da Costa Leite Dourado  
Filiação: Victor António Modesto Dourado  
Naturalidade: Alcântara  
Filosofia 30.10.1822 (obrigado)

António José Galvão  
Filiação: António Bernardino Galvão  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 25.10.1822 (obrigado)  
Matemática 1822 (voluntário)  
Direito 4.10.1823

Jorge Gromwell Guilhon  
Filiação: Jorge Gromwell  
Naturalidade: São Luís  
Filosofia 16.10.1822 (obrigado)  
Matemática 16.10.1822 (obrigado)  
Direito 2.10.1823

Leonel Fernandes Leal  
Filiação: João Francisco Leal  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 25.10.1822

José Cândido [de Moraes] da Silva  
 Filiação: Joaquim Esteves da Silva  
 Naturalidade: Maranhão  
 Matemática 1822 (voluntário)

### 1823 (3)

José Miguel Pereira Cardoso<sup>540</sup>  
 Filiação: José Pereira Cardoso  
 Naturalidade: Maranhão  
 Medicina 4.10.1823

José Pereira da Silva  
 Filiação: pais incógnitos  
 Naturalidade: Maranhão  
 Matemática 1823 (voluntário)

Gentil Augusto de Carvalho  
 Filiação: João de Carvalho Santos  
 Naturalidade: Alcântara  
 Filosofia 29.10.1823 (obrigado)  
 Direito 2.10.1824

### 1824 (1)

Filipe Gomes da Silva Belfort  
 Filiação: Sebastião Gomes da Silva Belfort  
 Naturalidade: Maranhão  
 Real Colégio das Artes 1824  
 Direito 7.10.1825  
 Grau de Bacharel 19.7.1830  
 Formatura 13.6.183

### 1825 (6)

Frederico Magno de Abranches  
 Filiação: João António Garcia de Abranches  
 Naturalidade: São Luís  
 Matemática 31.10.1825 (obrigado)

José Rodrigues Prego  
 Filiação: Manuel José Prego  
 Naturalidade: Maranhão  
 Direito 7.10.1825

---

<sup>540</sup> Riscado da Universidade, por se alistar no Batalhão Acadêmico de 1826-1827 (Aviso Régio de 28 de Março de 1829). Atuou como médico, inspetor de saúde pública, comissário vacinador, deputado em várias legislaturas (em uma delas, presidiu a Assembleia provincial). Faleceu em São Luís, a 28 de Julho de 1865. Na *Relação de todos os individuos, que compozerão o Batalhão dos Voluntarios Academicos, organizado e armado no anno lectivo de 1826 para 1827*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1828, p. 15, ele aparece no 5º ano médico.

Joaquim Mariano Franco de Sá  
Filiação: António Franco de Sá  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 7.10.1825 (obrigado) 10.3.1828 (ordinário)  
Matemática 14.10.1825 (obrigado)

Estevão Rafael de Carvalho  
Filiação: João de Carvalho Santos  
Naturalidade: Alcântara  
Matemática 1825  
Filosofia 1825

António Raimundo Franco de Sá<sup>541</sup>  
Filiação: António Franco de Sá  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 27.10.1825

José Roberto Ferreira de Sá  
Filiação: Romualdo António Franco de Sá  
Naturalidade: Alcântara  
Matemática 1825 (voluntário)

### 1826 (3)

Raimundo Nunes Cascais  
Filiação: José António Nunes dos Santos  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 1826

João Ferreira Maia  
Filiação: Joaquim Ferreira Maia  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 27.10.1826 (obrigado)  
Matemática 26.7.1827 (obrigado)

Agostinho da Silva Braga  
Filiação: António da Silva Braga  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 26.7.1826 (obrigado)  
Filosofia 6.10.1827 (obrigado)  
Direito 23.10.1827

---

<sup>541</sup> Riscado da Universidade, por se alistar no Batalhão Académico de 1826-1827 (Aviso Régio de 28.03.1829). Na *Relação de todos os individuos, que compozerão o Batalhão dos Voluntarios Academicos, organizado e armado no anno lectivo de 1826 para 1827*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1828, p. 13, ele aparece no 2º ano jurídico.

**1827 (4)**

Ernesto Adolfo de Freitas  
Filiação: José António de Freitas  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 16.10.1827  
Formou-se em 17.5.1836

Joaquim Franco de Sá  
Filiação: Romualdo António Franco de Sá  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 5.10.1827

Raimundo da Cruz e Silva  
Filiação: António da Cruz e Silva  
Naturalidade: Caxias  
Direito 1827

António Joaquim Tavares  
Filiação: Miguel Tavares  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 27.10.1827

**1829 (2)**

Eduardo José de Freitas  
Filiação: José António de Freitas  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 31.10.1829

Domingos Feliciano Marques Perdigão  
Filiação: Bento Marques Perdigão  
Naturalidade: Maranhão  
Real Colégio das Artes 1829  
Teologia 16.10.1830 (ordinário)

**1835 (5)**

Pedro Miguel Lamagneri Barradas  
Filiação: Manuel da Costa Barradas  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 29.10.1835 (obrigado)  
Matemática 10.10-1836  
Medicina 14.10.1840

Raimundo Bráulio Pires de Lima  
Filiação: João Manuel de Lima  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 16.10.1835 (obrigado)  
Matemática 13.10.1835 (obrigado)

Medicina 13.10.1838

João Duarte Lisboa Serra

Filiação: Francisco João Serra

Naturalidade: Itapicuru

Matemática 16.10.1835 (obrigado)

Filosofia 16.10.1835 (obrigado)

Medicina 3.10.1839

Formou-se em Filosofia, a 3.7.1841

Francisco Mariano de Viveiros

Filiação: Jerônimo José de Viveiros

Naturalidade: Maranhão

Matemática 16.10.1835 (ordinário)

Filosofia 1835 (obrigado)

Alexandre José de Viveiros

Filiação: Jerônimo José de Viveiros

Naturalidade: Alcântara

Matemática 1835 (voluntário)

Direito 10.10.1837

#### **1836 (4)**

José Tomaz Ferreira do Amaral

Naturalidade: Alcântara

Filosofia 5.10.1836 (obrigado)

Matemática 7.10.1836 (obrigado)

Medicina 3.10.1839

José Melitão Frazão Castelim

Filiação: Apolinário Pereira Frazao

Naturalidade: Alcântara

Matemática 1836 (voluntário)

Filosofia 18.10.1837 (obrigado)

Direito 31.10.1840

Frederico José de Novais

Filiação: Henrique José de Novais

Naturalidade: Alcântara

Direito 24.10.1836

António Rego

Filiação: António Rego

Naturalidade: São Luís

Matemática 15.10.1836 (obrigado)

Filosofia 15.10.1836 (obrigado)

Medicina 3.10.1839 (formou-se em Julho de 1844).

**1837 (2)**

Joaquim Pereira Lapa  
 Filiação: Luís Pereira Lapa  
 Naturalidade: São Luís  
 Matemática 16.10.1837(obrigado)  
 Filosofia 14.10.1837 (obrigado)  
 Medicina 3.10.1840

Francisco Leandro Mendes  
 Filiação: João Francisco Mendes  
 Naturalidade: Alcântara  
 Matemática 16.10.1837 (obrigado)  
 Filosofia 14.10.1837  
 Direito 12.10.1840

**1838 (3)**

Alexandre Teófilo de Carvalho Leal  
 Filiação: Ricardo Henriques Leal  
 Naturalidade: Maranhão  
 Filosofia 26.10.1838 (obrigado)  
 Matemática 30.10.1838 (ordinário)  
 Grau de bacharel em Matemática 8.6.1842  
 Formatura 13.6.1843

Gil Mariano Salazar  
 Filiação: Luís Francisco Salazar Padilha  
 Naturalidade: Maranhão  
 Matemática 1838

António Carneiro Homem de Souto-Maior  
 Filiação: António Carneiro Homem de Souto-Maior  
 Naturalidade: Maranhão  
 Direito 24.10.1838  
 Grau de bacharel 27.5.1842  
 Formatura 26.5.1843

**1839 (3)**

José Francisco Carneiro Junqueira  
 Filiação: João Raimundo Carneiro Junqueira  
 Naturalidade: Maranhão  
 Matemática 1839  
 Direito 27.10.1840

Marcelino Gonçalves Machado  
 Filiação: Domingos Gonçalves Machado  
 Naturalidade: Maranhão  
 Matemática 11.10.1839 (obrigado)  
 Filosofia 5.10.1839 (obrigado)

Eduardo Manuel Francisco da Silva  
Filiação: Manuel Francisco da Silva  
Naturalidade: São Luís  
Matemática 11.10.1839 (obrigado)  
Filosofia 7.10.1839 (obrigado)

**1840 (4)**

Acácio Augusto Bruce Barradas  
Filiação: Joaquim da Costa Barradas  
Naturalidade: São Luís  
Matemática 13.10.1840 (ordinário)  
Filosofia 13.10.1840

António Gonçalves Dias  
Filiação: João Manuel Gonçalves Dias  
Naturalidade: Caxias  
Direito 31.10.1840  
Bacharel 28.6.1844

Pedro Nunes Leal  
Filiação: Alexandre Henriques Leal  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 27.10.1840  
Formou-se em 9.7.1845

José Joaquim Ferreira Vale  
Filiação: Domingos José Ferreira Vale  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 12.10.1840 (obrigado)  
Filosofia 12.10.1840 (obrigado)

**1843 (1)**

Adelino de Almeida Vasconcelos Castelo-Branco  
Filiação: António de Almeida Vasconcelos Castelo-Branco  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 1843 (voluntário)  
Direito 6.10.1844

**1844 (2)**

César Augusto Marques  
Filiação: Augusto José Marques  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 15.10.1844 (obrigado)  
Filosofia 15.10.1844 (obrigado)

António Marques Rodrigues  
Filiação: Francisco Marques Rodrigues  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 15.10.1844  
Filosofia 15.10.1844 (ordinário)

**1847 (3)**

João Francisco Correia Leal  
Filiação: Francisco Correia Leal  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 25.10.1847  
Matemática 23.10.1847 (obrigado)  
Medicina 3.10.1851 (obrigado)

Candido Francisco Lopes Lobão  
Filiação: Joaquim Lopes Lobão  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 22.10.1847 (obrigado)  
Filosofia 25.10.1847 (obrigado)  
Medicina 22.10.1847 (obrigado)

Manuel José Fernandes e Silva  
Filiação: Manuel José Fernandes Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 21.10.1847 (obrigado)  
Matemática 20.10.1847 (ordinário)

**1848 (2)**

Joaquim Pereira Serva  
Filiação: José Pereira Serva  
Naturalidade: São Luís  
Teologia 23.10.1848

Manuel Tavares da Silva  
Filiação: Manuel Tavares da Silva  
Naturalidade: São Luís  
Teologia 4.10.1848

**1849 (1)**

José da Mota e Azevedo  
Filiação: João Tibério da Mota  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 4.10.1849

**1855 (1)**

Leónidas Ferreira Barbosa  
Filiação: Joaquim Ferreira Barbosa  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 1855 (voluntário)  
Filosofia 1855 (voluntário)

**1858 (1)**

José Custódio de Melo Pereira  
Filiação: Constantino de Melo Pereira  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 5.10.1858 (obrigado)  
Filosofia 5.10.1858 (obrigado)

**1860 (1)**

Raimundo Honório da Silva  
Filiação: Lourenço António da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 2.10.1860

**1867 (1)**

Raimundo da Rocha Felgueiras  
Filiação: Joaquim da Rocha Felgueiras  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 30.10.1867 (ordinário)  
Filosofia 3.10.1867 (obrigado)

**1884 (1)**

José Gonçalves Ferreira Vilas Boas  
Filiação: António Gonçalves Vilas Boas  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 2.10.1884  
Formatura 8.7.1889

**1888 (1)**

António da Costa Reis Júnior  
Filiação: António da Costa Reis  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 2.10.1888  
Bacharel 10.6.1893  
Formatura 13.6.1894

**1891 (1)**

Artur Ribeiro de Lima  
Filiação: Bernardino Maciel Rebelo de Lima  
Naturalidade: Maranhão  
Direito 26.10.1891

**1892 (1)**

José Manuel Furtado Duarte  
Filiação: José Joaquim da Silva Duarte  
Naturalidade: Alcântara  
Matemática 15.10.1892 (voluntário)  
Filosofia 3.6.1893 (obrigado)

**1897 (2)**

Manuel Lourenço Dias  
Filiação: Joaquina Bertholina de Almeida  
Naturalidade: Maranhão  
Matemática 2.10.1897 (obrigado)  
Filosofia 12.10.1897 (voluntário)

Francisco Xavier Ferrão de Castelo Branco  
Filiação: João da Silva Ferrão de Castelo Branco  
Naturalidade: Caxias  
Direito 15.10.1897  
Formatura 28.6.1902

**1898 (1)**

Carlos Balbino Dias  
Filiação: Joaquina Bertholina de Almeida  
Naturalidade: Maranhão  
Filosofia 14.10.1898 (voluntário)  
Matemática 15.10.1898 (voluntário)  
Medicina 9.10.1901

**ESTUDANTES SECUNDARISTAS****1806 (1)**

Fábio Gomes da Silva Belfort  
Filiação: Felipe Marques da Silva  
Naturalidade: Maranhão  
Colégio Real das Artes 10.10.1806

**1838 (1)**

Fernando António Ferreira do Amaral  
Filiação: Simeão Bernardo Amaral  
Naturalidade: Alcântara  
Real Colégio das Artes 1838  
Liceu Nacional de Coimbra 1840

**ESTUDANTES DE CIDADES PERTENCENTES À COMARCA DO MARANHÃO**

**1767 (1)**

António Borges Leal  
Filiação: João Borges Leal  
Naturalidade: Piaguim (Piauí)  
Cânones 1.10.1767 – 1.10.1770

**1796 (1)**

Miguel de Sousa Borges Leal  
Filiação: Félix de Sousa Nogueira  
Naturalidade: Campo Maior (Piauí)  
Filosofia 24.10.1796  
Formou-se em Direito, a 9.7.1802<sup>542</sup>

**1805 (1)**

Ovídio de Carvalho e Silva  
Filiação: António Saraiva de Carvalho  
Naturalidade: Parnaíba (Piauí)  
Direito 29.10.1805  
Formou-se em 15.6.1810

**1827 (1)**

Ângelo Custódio de Araújo Bacelar  
Filiação: António José de Araújo Bacelar  
Naturalidade: Campo Maior (Piauí)  
Direito 15.10.1827  
Doutorou-se em Leis, a 25.6.1837

---

<sup>542</sup> Lê-se no *Anuario da Universidade de Coimbra, anno lectivo de 1901-1902*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1901, pp. 38-39, a seguinte nota:

No dia 31 deste mesmo mês de julho de 1803 foi conferido o grau de doutor em *leis* a **Miguel de Sousa Borjes Leal**, Filiação: Félix de Sousa Nogueira, natural de Campo Maior, comarca do Maranhão. Não figura porém na lista dos doutores, porque lhe foi annullado o grau por decreto de 29 de agosto do mesmo anno, mandando-se-lhe riscar e trancar o respectivo assento. Foi isto motivado pelo desacato feito pelo novo doutor à sua faculdade e a toda a Universidade no próprio acto do seu doutoramento, e apenas recebido o grau, dirigindo insultos por palavras e gestos de arrogância no momento em que é costume dar graças; e isto pelo facto de ter apparecido um R na urna, quando foi julgado o seu exame privado. O referido decreto condemnou a sair dentro de três dias de Coimbra, para nunca mais cá tornar.

Anexo 8: Requerimento de Manuel Odorico Mendes ao rei D. João VI, solicitando passaporte para se deslocar ao Maranhão

Pedimento de Passaporte em  
30 de Setembro de 1824 Senhor!

Maranhão  
(1824)



Eu Manuel Odorico Mendes, Estudante de  
quatro annos Philologico, que elle D. João VI pertencendo  
para a Provincia do Maranhão, na Realidade denominada  
Imperador Alexandre, sendo igualmente em Sua  
Companhia José Manoel de Moraes Peço, Cadete do  
Regimento de Linha do Maranhão, e como  
não posso partir sem aformentar o meu Passaporte  
peço, portanto

Para a Vossa Magestade  
de Vossa Magestade  
o meu Passaporte, de  
cujá graça

E. H. M. C.

20



*J. Quilod de S. J. L.*  
*2030 Setembro 1824*  
*M. Ferraz*

**SIMAÃO DA SILVA FERRAZ DE LIMA**  
e Castro, do Conselho de Sua Magestade Fidelissi-  
ma, Moço Fidalgo com exercicio na Sua Real Ca-  
sa, Intendente Geral da Policia da Corte e Reino,  
&c. &c. &c.



**A**TESTO que Manuel Odorico Mendes, Estudante  
de quarto anno Filosofico, solteiro de vinte e cinco annos,  
natural da Maranhão, morador na Rua da Formosa, não  
tem impedimento pela Policia para viajar como per-  
tence ao Maranhão sua Patria, lleva consigo Jose Maria  
mundo de Moraes Rego, que foi Cadete natural do  
Maranhão de vinte e dois annos. E para comtencia  
de se convier, especialmente na Secretaria d'Estado  
do Negocio da Marinha onde deve recorrer para  
conseguir a sua Passaporte mandei fazer que  
nesta porraim assignada do dia 20 de Setembro  
deste Intendencia de documentos que legitima  
os referentes do 28 de Setembro de 1824

*Manoel de S. J. L.*  
*Ferraz*

*Ref*

ANEXO 9: Carta de António Ribeiro Saraiva publicada na tradução da *Illiada de Homero em verso portuguez* (1874, pp. XXXII-XXXVII).

Sobre a morte de Odorico o Sr. A. R. Saraiva escreveu o seguinte na *Nação*:

Londres, 23 de Janeiro de 1865.

«Vejo na correspondencia do Rio de Janeiro, ultimamente publicada pela *Nação*, commemorada a perda que teve o Maranhão, de tres de seus illustres filhos, sendo um delles o meu amigo, já do tempo de Coimbra, Manoel Odorico Mendes, homem de não vulgar merecimento, e a quem a litteratura portugueza da America, — irmã ou antes filha da nossa litteratura patria, — deve mui valiosos serviços. Parece-me pois não deixarão de lêr-se com seu interesse os seguintes particulares das ultimas tres ou quatro semanas da sua vida, e alguns outros que lhe tocam.

«Escreveu-me de Paris, onde tinha vindo residir ha 16 annos (e onde se deu a serios e assiduos estudos e trabalhos de litteratura clássica) dizendo-me nos fins de Julho proximo passado, que antes de voltar ao seu paiz natal, para onde tencionava partir sem demora, desejava visitar Londres; e, sendo possivel, alojar-se, pelos 15 dias que estaria aqui, na mesma casa onde eu moro, appetecendo que eu podesse em parte servir-lhe de lingua e direcção (entendendo elle a lingua ingleza escripta, mas não fallava). Respondi-lhe afirmativamente, e com effeito aqui chegou em 7 de Agosto, acompanhado de sua irmã, que ha muitos annos estava sempre com elle. Abracei-o com o prazer com que se abraça um amigo socio da mocidade ao enconral-o na idade madura; recordamos coisas e pessoas da sociedade dos *Amigos das Lettras*, de que ambos fomos sócios era Coimbra nos annos de 1822 e 1823, e outros factos e circumstancias do mesmo tempo, cujas lembranças tinha ainda muito mais frescas e exactas do que eu. Conversamos sobre a sua boa traducção de todo o Virgilio, a que deu o titulo de *Virgilio Brasileiro*; e por signal que, com franqueza e docilidade characteristic, elle mesmo accusou e admittiu a rasão, com que eu amigavelmente lho criticara duas passagens na traducção das Bucolicas. Deu-me conta da viagem que fizera ultimamente á Italia em razão principalmente do culto quasi religioso, que consagrava ao cantor da *Æneas*, cujo tumulo fora visitar em Pausilippo, com veneração e parcialiidade (sic) não menores que as de Silio Italico. Referio-me como fora presenciar em Petola (a antiga Andes, a aldêa perto do Mantua, onde nascera Virgilio) os mesmissimos logares, o mesmissimo aspecto do paiz, em que se inspirava o genio campestre do grande poeta latino. Fallou-me de Roma, de Florença, do Napoles, de Leorne, de Pisa; tendo residido principalmente nesta ultima socegada cidade; por sua facilidade para estudos, o por sua posição central, havendo feito della sua residencia principal na Italia, e dalli fazendo excursões a outros logares de interesse. Facilmente se comprehenderá como a conversação de homem tão clássico sobre coisas de taes logares não podia deixar de possuir considerável interesse.

«Com justo sentimento de merecido triumpho, me disse ter concluido e aperfeiçoado, prompto para impressão o manuscripto da sua traducção de Homero — a que dava o titulo de *Homero Brasileiro* — e que ia fazer imprimir e publicar assim que regressasse ao Brazil; tendo a assembléa provincial do Maranhão, justamente reconhecida e obsequiosa ao merito de seu compatriota, votado, e elle recebido uma somma sufficiente, para a impressão da obra.

«Durante sua estada aqui visitou os objectos mais notaveis da cidade, e não com o frivolo e superficial espirito com que a maior parte dos visitantes hoje de Paris e Londres, etc., correm

á pressa do hotel para o palácio de Crystal, ao jardim dos bichos, deste para as casas do parlamento, e abbadia de Westminster, dali para o tunnel, á noite para as figuras de cera, ou alguma *salla dançante*, e na manhã seguinte para o caminho de ferro e barco para Paris.

«Odorico quiz observar primeiro o aspecto geral da cidade, em suas principâes feições, tomando uma carruagem descoberta, e pedindo-me dirigisse eu a excursão; o que fiz, segundo seus expressados desejos; guiando-o ás mais bellas e notaveis partes da capital; ruas, praças, terraços, parques, pontes, etc., entrando mesmo, bem que de corrida, em alguns edificios, como na bella e grande cathedral catholica de S. Jorge, e no Museu das Artes Kensington. Vio depois em detalhe as coisas mais interessantes, commigo, quando podia acompanha-lo, ou com outros guias.

«Tinha finalmente determinado, com a precisão que punha em todas as suas coisas, partir de novo para França no dia 19 de Agosto, e a isso se preparara. Foi convidado a jantar, em *Norwood*, perto do palacio de Crystal, no dia 17, por Sir Alexandre Reid, seu amigo e muito conhecido já do Brazil, que também me fez o favor de convidar-me ao mesmo tempo. Fomos, com effeito, Odorico, sua irmã e eu ás horas competentes; alli passamos agradavelmente a melhor parte do dia, estando Odorico, no mais alegre humor e disposição apparente, durante o jantar e todo o mais tempo. Pelas 7 da tarde (ainda claro dia) partimos para voltar á cidade, pela ferrovia de Croydon que tinha uma estação alli perto. Teríamos andado um terço da distancia (que toda ella não chegaria a duzentos passos) quando Odorico, que ia um pouco adiante com Sir A. Reid, seguindo logo eu e a irmã, de repente começou a gemer e queixar-se, dolorosamente, de suffocação e dôr no peito, podendo apenas ter-se de pé. Demos-lhe os braços eu e Sir A. Reid, e o fomos ajudando a chegar lentamente ao fundo de uma escada por onde alli se sóbe ao plano da estação: parou um instante ao fundo da mesma escada, enquanto se lhe offerecia descanso, ou voltar à casa de sir A. Reid; mas, depois de curta hesitação, animou-se a subir a escada com certa precipitação, sustentando-lhe nós os braços. Ao chegar ao cimo mal podia ter-se, e se encostou por um pouco, gemendo, á grade de pau que guarnece o caminho até á estação, que está dez ou doze passos adiante. Ahi se assentou, esperando o trem, sempre soffrendo e gemendo; mas como outra vez lhe tinha já succedido nos mesmíssimos logares accidente e soffrimentos semelhantes, que logo depois passaram, julgámos e julgou elle também, que assim agora succederia, e que, entrado na carruagem agasalhada, voltaria como da outra vez á casa sem maior inconveniente. Nisto chegou o trem, e bem que o nosso amigo se achasse muito soffrendo, e lhe propozessemos de descansar mais, e esperar outro trem que mui breve passaria, insistiu em partir sem detença; lavantou-se e entrou na primeira carruagem que se achava na frente, e que era da terceira classe; não attendendo ao dizermos-lhe, que os nossos bilhetes de retorno eram da classe melhor, e respondendo «não importa,» porque o soffrimento o apertava muito. Moveu-se o trem, e como aquella classe não tivesse vidros nas portinholas, era mui forte e incommodo para um doente assim a corrente do ar frio que o rapido movimento do trem produzia. Aproveitei, pois, a primeira paragem, que era de coisa de dous ou três minutos depois, para chamar um dos guardas, e transferir-nos a uma carruagem de primeira classe, mui commoda e abrigada. Nesta continuamos a jornada por coisa de um quarto de hora mais, até á estação final — que bem *final* foi para o meu pobre amigo, o qual foi até alli sempre soffrendo, expectorando, e gemendo. Perguntando-lhe sua irmã, já perto do termo da jornada, se lhe doia o peito? respondeu, com certa impaciência — *Doe-me tudo* — e foram as ultimas palavras que neste mundo proferio.

«Dous minutos depois, e passadas ás oito da noite, parou o trem na estação de Londres, e D. Melitina (a irmã) me disse anciosa— «Veja se chama um dos guardas, que nos ajude a levar

meu irmão a uma sala quente, a ver se lhe passa este mal.»— Saltei da carruagem; chamei o primeiro guarda que appareceu; voltei a entrar, tudo em menos de um minuto, e achei Odorico morto, bem que encostado, como se dormisse, ao canto da carruagem! Não sabendo porém ainda se com effeito era morto, tomei-lhe o pulso, e achei que todo a movimento do sangue tinha cessado. A irmã que estava de pé na maior ancía me disse com hesitação — «Estará morto?» — Ao que respondi: — «Infelizmente creio que sim».

«Prompto chegou medico ou cirurgião, que os empregados da *Ferrovía* mandaram á pressa vir; entrou na carruagem, tomou o pulso a Odorico, e sem dizer uma palavra desatou-lhe o lenço de seda preta do pescoço, e lhe atou com elle o queixo, pondo-se também a fechar-lhe os olhos. Esta linguagem de acção do facultativo era assás expressiva; e a pobre D. Melitina a entendeu bem, ficando como fora de si, não querendo consentir que o cadaver se removesse da carruagem, e entregando-se pelo momento áquella intensa dôr em que não tem poder a rasão.

Os empregados da estação foram os mais attenciosos, e pacientes que se pôde imaginar; eu persuadi, e representei o melhor que pude; e finalmente, depois de consideravel demora, tirou-se o corpo do vehiculo, e transferindo-se a uma especie de leito portatil, levou-se a um logar proprio; onde a policia tinha de se encarregar do cadaver até se fazer o exame (*inquest*); depositando-se no emtanto na *casa dos mortos* da parochia.

«Aqui foi a grande difficuldade; pois os homens não podiam deixar sahir o cadaver senão levado pela policia; e D. Melitina não queria, no excesso de sua dôr, separar-se de modo algum do corpo de seu irmão.

«Passaram boas duas horas antes que afinal a rasão recobrasse na triste senhora o seu imperio. Fui no emtanto communicar da sua parte a Paris e a Narwood a triste noticia pelo telegrapho; e finalmente, perto das onze da noite, consentiu em deixar a estação, quiz ir levar a funesta nova ao digno secretario aqui da missão do Brazil, o cavalheiro Aguiar de Andrade, chegando á casa delle bem depois das onze. Elle e sua amavel esposa, convidaram, com a maior sympathia e bondade a D. Melitina a ficar com elles ao menos aquella noite, antes que voltar para uma casa ingleza, donde pela manhã tinha sahido alegre com seu irmão. Assim se fez, e eu voltei á minha casa, passada meia noite, como se pôde suppor, depois desta singular partida de prazer e de luto!

«No dia seguinte (18 de Agosto) fui indagar onde estava o corpo; e tive difficuldade em descobrir o sitio, d'aqui mais de uma légua e meia, n'um logar e becco o mais escuso e retirado, onde, junto de um cemiterio, estava a *casa dos mortos* d'aquella remota freguezia. A 19 fomos, eu e D. Melitina, assistir ao inquerito diante do magistrado competente (o *Coroner*.) e seu jury; e depôr, como testemunhas presenciaes, das circumstancias da morte. Estavam presentes igualmente os officiaes da *Ferrovía* que tinham removido o cadaver, e tambem o doutor que lhe atara o queixo.

«Do que eu disse, e do que disse o mesmo doutor, concluiu-se, que fôra morte natural, por moléstia asmatica do coração.

«Quiz D. Melitina ir ver o corpo de seu irmão á *casa dos mortos* que ficava a consideravel distancia do logar do inquerito; e alli com toda a cortezia nos conduzio o competente empregado da parochia. Era este deposito dos mortos uma pequena casinha terrea, de telha van, junto ao cemiterio, com uma pequena porta velha. Dentro toda a mobilia era um caixão de pau sobre uma mesa ou bancos de mámore (sic), e, se bem me lembro, um banquinho ou cadeira sobre que estava, mui bem dobrado, o fato exterior de Odorico. No caixão, sem tampa, estava em roupa branca o corpo, tão placido o rosto, e sem mudança que mais parecia dormindo que morto. Este spectaculo renovou naturalmente a dôr de D. Melitina, que alli se deteve ajoelhada junto

ao caixão por algum tempo meditando; enquanto eu rapidamente comparava no meu espirito, o Odorico de Coimbra, de Lisboa, de posições importantes e influentes na sua sua terra, nas camaras do Brazil; o litterato de Paris, de Italia, o de ante-hontem de manhã, ao jantar, á tarde com aquella massa inanimada e inerte, que ia logo apodrecer e dissolver-se, para não tornar a apparecer até ao dia de juizo? *Sic transit*, eu dizia!

«Nesse mesmo dia fizemos vir o cadaver para a competente casa funeraria, de um dos principaes armadores, que se encarregou do funeral; e no dia immediato, 20, fomos fazer o enterro ao cemiterio catholico de *Kensal Green*; acompanhando e officinando o excellente e reverendo padre *Tourget*, da capella franceza, fazendo a missão do Brazil as despezas do funeral.

«O Dr. *Cros*, genro de Odorico, e habil medico em Paris, donde chegou na manhã do mesmo dia 20, assistiu com D. Melitina, com o cavalheiro Aguiar d'Andrada, e commigo, ao enterro de seu sogro, n'um dos melhores logares do cemitério sobredito.

«Tanto D. Melitina como o Dr. *Cros*, pediram-me muito se pozesse alguma inscrição e memoria sobre a sepultara de Odorico; e a missão do Brazil generosamente se prestou a pagar a despeza.

«Fiz, pois, que se pozessem á cabeceira e aos pés do jazigo lapidas tumularias, com esta inscrição, em que me pareceu satisfazer aos desejos dos parentes do illustre defunto:

MANOEL ODORICO MENDES  
 NASCEU EM  
 S. LUIZ DO MARANHÃO,  
 A  
 24 DE JANEIRO DE 1799:  
 MORREU EM LONDRES  
 A  
 17 DE AGOSTO DE 1864.  
 —  
 SOB OS TÍTULOS DE  
 VIRGILIO BRAZILEIRO  
 E  
 HOMERO BRAZILEIRO  
 TRADUZIO EM VERSO PORTUGUEZ  
 OS DOUS GRANDES POETAS.

«Dizem-me ser muito provavel que os seus compatriotas mandem trasladar para o Maranhão os ossos de Manoel Odorico Mendes; e tambem me afirmam, que S. M. o Imperador do Brazil vai mandar imprimir á sua custa a traducção de Homero que o mesmo Odorico acabava de concluir e aperfeiçoar.

«Creio que a *Nação* dará gosto aos nossos amigos brasileiros, publicando estes authenticos particulares acerca de um homem que ao Brazil faz honra.

A. R. Saraiva.»

ANEXO 10: Anúncios de encenação de peças traduzidas por maranhenses em teatros do Rio de Janeiro e de São Luís do Maranhão.

**THEATRO PHENIX DRAMATICA**

---

**EMPRESA DO ARTISTA HELLER**

**HOJE**

**Quinta-feira 18 de Setembro de 1870**

Primeira representação da comedia em 3 actos, ornada de musica,

**LE**

**CARNAVAL D'UM MERLE BLANC**

tradução livre do distincto poeta brasileiro o Sr.

**JOAQUIM SERRA**

intitulada

**AS INAUDITAS PROEZAS**

**DE**

**UMA POMBA SEM FEL**

Personagens	Os Srs.	Personagens	Os Srs.
Gropigeon, notario.....	Ferreira	Ambrosio criado do cabel'eireiro	André
Blasinet, joven provinciano....	Vasques	Castagnette.....	D. Julia
Cabassou de Barbagnos, rico armador.....	Arêas	Condessa Anostika.....	D. Rosina
Chiffardim, medico.....	Galvão	Prinzeza Petroska.....	D. I. Porto
Pygmalião, pintor.....	Guilherme	Ginevra, mulher de Chiffardim..	D. Maria
Chopman, criado do hotel.....	Pinto	Aglaura, sua irmã.....	D. Joaquina
Giffard, cabelleireiro.....	Costa	Basquino... } Amigas de Casta-	D. Marcellina
Cavalleiro Noisy... } Amigos de	Pinto	Hortencia... } gnette.....	D. Fanny
Rastignoles..... } Pygmalão	Porto	Moulinette... }	Magalhães
Fontenouille..... }	Rangel	Cliquot, amigo do Pygmalão...	André
		Um criado.....	

Mascaras, povo e convidados de ambos os sexos.

**EPOCHA ACTUALIDADE**

**A ACCÃO PASSA-SE:**

1º acto, no gabinete de Gropigeon.—2º acto, scena dividida, de um lado o Ristaurante Giffard e do outro Giffard, cabelleireiro.

**SCENA NOVA**

3º acto, um rico salão em casa da prinzeza Petroska.

**NUMEROS DE MUSICA**

N. 1. Quinteto Oell Crevé.	N. 8. Solo original.
N. 2. Quarteto original.	N. 9. Ducto Oell Crevé.
N. 3. Solo Le guard du roi.	N. 10. Solo Grand Duchesse.
N. 4. Quinteto Fleur de Thé.	N. 11. Côro original.
N. 5. Quinteto original.	N. 12. Côro original.
N. 6. Côro a 2-4 vozes Oell Crevé.	N. 13. Terceto original.
N. 7. Côro original.	N. 14. Côro Original.

**GRANDE KAN-KAN FINAL**

**Vestuarios e accessorios todos novos e a capricho**

Terminará o espectáculo com o

**SOIRÉE DO CARNAVAL**

cantado pelo artista Vasques e Mlle. Personne.

A's 8 horas da noite.

**THEATRO S. LUIZ.**

COMPANHIA DRAMATICA PORTUGUEZA  
DIRIGIDA PELO ARTISTA  
**RODRIGUES SAMPAIO**

ALTA NOVIDADE.  
ESTRÊA DO 1º GALÃ DO THEATRO PORTUGUEZ  
**EDUARDO BRAZÃO.**

*O empresario, grato ao illustrado Publico Maranhense pelo bom acolhimento que do mesmo tem recebido, deseja apresentar as maiores novidades theatras; e assim contratou com o distincto artista EDUARDO BRAZÃO para que trabalhasse em dois unicos espectaculos.*

**Quinta-feira, 21.**

DUAS UNICAS REPRESENTAÇÕES  
*do importante drama em 5 actos e 6 quadros, de Dumas-pae, traduzido pelo distincto maranhense*  
DR. JOSÈ ANTONIO DE FREITAS

**KEAN**  
OU  
**O GENIO E DESORDEM.**

**PERSONAGENS:**

KEAN.	SR. BRAZÃO.
PRINCEPE DE GALLES.	• O'SULIVAND.
CONDE DE KAFELD.	• ALMEIDA.
SALOMÃO.	• SERGIO.
LORD NEWEL.	• SANTOS.
CANSTABLE.	• TAVEIRA.
PISTOL.	• PEDRO AUGUSTO.
JOÃO COOKS.	• ALFREDO.
PRIMEIRO FREGUEZ.	• CORDEIRO.
SEGUNDO DITO.	• FONTOURA.
PEDRO PATT.	• FLORINDO.
MORDOMO.	• CORDEIRO.
DAHO.	• FLORINDO.
CONTRA-REGRA.	• CORDEIRO.
UM CRIADO.	• FONTOURA.
ANNA DAMBY.	D. ROZA DA SILVA.
HELENA D.	• JOANNA.
ANY.	• JOSEPHA.

**COMEÇARÁ ÀS 8 HORAS.**

NB. São estes dois espectaculos seguidos porque o actor Brazão, parte parie para Lisboa no vapor «Braganza».

*Os bilhetes para estes dois espectaculos acham-se desde já á venda no bilheteiro do theatro.*

*O Paiz* (anno XVII, n. 190, Maranhão, 21 de Agosto de 1879, p. 3).

# THEATRO S. LUIZ.

Companhia dramatica portugueza do theatro Principe Real de Lisboa.

Amanhã Terça-feira, 10 de julho.

## ESTRÉA DA COMPANHIA

1.<sup>a</sup> Recita de assignatura.

Uma unica representação do sublime drama em 5 actos, intitulado:

# A morte Civil

Traducção do distincto maranhense J. A. de Freitas,

A orchestra é regida pelo maestro Raiol. Dará principio ao espectáculo a symphonia da NORMA.

*O Paiz* (anno XXVI, n. 153, Maranhão, 9 de Julho de 1888, p. 3).

# THEATRO S. LUIZ.

Empreza—MADUREIRA & FICARRA

Direcção Ficarra

Domingo, 12 de Outubro de 1890.

Granddiosa e importante representação

## COMICA-DRAMATICA.

EM BENEFICIO DA POPULAR SOCIEDADE BENEFICENTE

# 13 DE MAIO.

## UMA NOITE DE CHUVA.

Pandega comedia em 1 acto original do Commendador Ficarra  
traducção do distincto maranhense MANOEL BARROS, em que tomão  
parte: Ficarra e Rubim.

Preços e horas do costume.

*Pacotilha* (anno X, n. 276, Maranhão, 11 de Outubro de 1890, p. 1).

**THEATRO SANT'ANNA**

Companhia da Phenix Dramatica -- Empreza do artista Heller

**HOJE SEXTA-FEIRA 31 DE MARÇO HOJE**

A orchestra, regida pelo maestro brasileiro H. A. DE MESQUITA,  
executará a grande ouverture

**PIQUE DAME**

Primeira representação da espirituosa comedia em 3 actos, traducção de  
ARTHUR AZEVEDO, da comedia franceza **LES TROIS EPICIERS**, do notavel  
escriptor ANICETE BOURGEOIS

**OS TRES BOTICARIOS**

O scenario novo é devido ao habil pincel do scenographo André Coboufigue  
**MISE-EN-SCÈNE DO ARTISTA HELLER**

A orchestra executará o grande *pot-pourri* da opera

Em seguida Mlle. DELMARY cantará pela  
1.ª vez a grande  
aria com variações da opera

**LES VESPRES SICILIENNES**      **OS DIAMANTES DA COROA**

Dará fim ao espectáculo a 1.ª representação da comedia em 1 acto

**VENDI A FAMILIA**

A acção em Lisboa

Tomam parte n'este espectáculo Mlle. Delmary, Izabel Porto, Mathilde, Julia  
de Castro, A. Guerreiro, Eufrasia, Mattos, Lisboa, Pinto, André, Leal, Adelino, etc.

A'S HORAS DO COSTUME      A'S HORAS DO COSTUME

As encommendas são respeitadas até ás 2 horas.

**Amanhã, sábado 1.º de abril—O DIA E A NOITE.**

**QUARTA-FEIRA 12 DE ABRIL—Beneficio do Vasques.**

*Gazeta de Noticias* (anno VIII, n. 89, Rio de Janeiro, 31 de Março de 1882, p. 4).

**THEATRO SANT'ANNA**

**COMPANHIA DA PHENIX DRAMATICA**  
**EMPREZA DO ARTISTA HELLER**

**HOJE**

**QUINTA-FEIRA 26 DE OUTUBRO DE 1882**  
**1.ª representação**

da opera-comica em 3 actos, acomodada á scena brasileira pelos irmãos  
ARTHUR e ALUIZIO AZEVEDO, musica do notavel maestro  
LEON VASSEUR

**A FLOR DE LIZ**

Tomam parte os artistas Guilherme de Aguiar, Mattos, Arêas, Paganetto,  
Pinto, Mlle. Rosa Villiot, Mme. Henry, Isabel Porto, Julia de Castro, A. Guerreiro,  
Eufrasia, Machado, Pedro Marques, Adelino, Pedro  
Homens e mulheres do povo, soldados do alcaide-mór, soldados do capitão  
general, caçadores, pagens, etc., etc.

**A scena passa-se no Brazil e no seculo XVII**

A musica é ensaiada caprichosamente pelo maestro brasileiro H. A. de Mes-  
quita, coadjuvado pelo Sr. Normandia.

O scenario é todo novo, sendo a scena do 1.º acto devido ao habil pincel do  
Sr. André Caboufigue, e as do 2.º e 3.º actos, ao distincto e bom conhecido sceno-  
grapho Rossi. O vestuario é todo novo, feito sob a direcção do Sr. Lisboa e  
Mme Victorina Pezzane. Os adereços são igualmente novos, feitos pelo Sr. Do-  
mingos Costa.

**MISE-EN-SCÈNE DO ARTISTA HELLER**

**A'S HORAS DO COSTUME**

As encommendas são respeitadas até ao meio-dia.

*Gazeta de Noticias* (anno VIII, n. 298, Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1882, p. 4).

**THEATRO RECREIO DRAMATICO**

EMPRESA E DIRECÇÃO DE LUIZ BRAGA JUNIOR

**HOJE SABBADO 12 DE MAIO HOJE**

**A MAIOR DAS NOVIDADES**

Primeira representação do maior successo do ultimo  
inverno em Paris

**ESTRATAGEMA DE ARTHUR**

em 3 actos, traducção da peça franceza—*Truc d'Arthur*,  
dos notaveis escriptores H. Chivot e Duru, que foi á scena em Paris, no theatro  
Palais Royal, duzentas e tantas vezes seguidamente

PERSONAGENS.—Leonoldo de Pont Brisé, Sr. Colás; Benedicto, seu criado,  
Sr. Martins; o conde Ursikoff, Sr. Maia; Madoulard, curtidor de couros, Sr. Ma-  
gioli; Aristides, cabelleireiro, Sr. Teixeira; José, criado da baroneza, Sr. Peixoto  
Augusto, idem idem, Sr. Louro; Radnoskoff, russo, Sr. Silva; Bealuchokinskoff,  
idem, Sr. Barros; a baroneza Hermosa do Espirito Santo, D. Helena Cavalieri,  
Joanna, sua criada, D. Balbina; Cecilia, filha de Madoulard, D. Adelaide Pereira

Actualidade—1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> actos em Paris e o 3<sup>o</sup> em Evreux. Scenarios novos.

**MISE-EN-SCÈNE DO SR. A. A. DE FARIA**

Principiará o espectáculo pela espirituosa comedia, desempenhada pelos  
artistas Martins e Helena Cavalier

**LIÇÃO PARA MARIDOS**

Os bilhetes no escriptorio do theatro. As encomendas respeitam-se até  
ao meio-dia.

Gazeta de Noticias (anno IX, n. 132, Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1883, p. 4).

**THEATRO SANT'ANNA**

EMPRESA DO ARTISTA HELLER

**HOJE QUINTA-FEIRA 19 DE AGOSTO HOJE**

**RECITA EXTRAORDINARIA**

Primeira representação da opera comica  
em 1 acto, libreto de DELACOURT e L. MORAND, traducção do popular escriptor  
brazileiro ARTHUR AZEVEDO, musica do pranteado  
maestro J. OFFENBACH

**NÃO ENTRE!!!**

**(UN MARI Á LA PORTE)**

PERSONAGENS

Suzanna.....	D. Guira Polonio.	Florestan.....	Sr. Mattos.
Roza.....	D. Rosina Bellegrandi	Martel.....	Sr. Mesquita.

A acção passa-se em Paris.—ACTUALIDADE

Dará principio ao espectáculo a festejada opera comica em 3 actos,  
original brazileiro do festejado escriptor Arthur Azevedo, musica tambem original  
brazileira do Dr. Abdou Milanéz

**A DONZELLA THEODORA**

TOMA PARTE TODA A COMPANHIA

Scenarios, vestuarios e adereços, tudo rico e esplendido

MISE-EN-SCÈNE DO ARTISTA HELLER

Às 8 1/4 horas em ponto ----- Às 8 1/4 horas em ponto

SABBADO 21 —A CORÇA DO BOSQUE—SABBADO 21

Gazeta de Noticias (anno XII, n. 231, Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1886, p. 4).

**THEATRO LUCINDA**  
Direcção do artista **Furtado Coelho**  
ULTIMOS ESPECTACULOS N'ESTA CORTE  
Para despedida dos distinctos artistas **LUCINDA e FURTADO COELHO**  
**HOJE SEXTA-FEIRA 13 DE NOVEMBRO HOJE**  
PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO  
da celebre peça de espectáculo em 1 prologo, 4 actos e 6 quadros, original de A. D'Ennery, expressamente traduzida para esta companhia pelo distincto escriptor brasileiro Arthur Azevedo, intitulada  
**UMA CAUSA CELEBRE**  
Os papeis de Valentina de Mornis e General Duque d'Albeterre são desempenhados pelos primeiros artistas **LUCINDA e FURTADO COELHO**. Toma parte toda a companhia, comparsaria, etc.  
A distribuição da peça acha-se minuciosamente publicada no programma avisador que é distribuido no theatro.  
**Títulos dos quadros.**—1.º Roubo e assassinato! 2.º Denuncia e prisão! 3.º Pai e filha! 4.º O Conde de Mornas! 5.º A filha do assassino! 6.º A reabilitação.  
MISE-EN-SCÈNE A CAPRICHIO PELO ARTISTA FURTADO COELHO  
VESTUARIOS FEITOS PELA SRA. D. MARIA LIMA. ADEREÇOS DO ADERECISTA DOS THEATROS DA CORTE O SR. DOMINGOS COSTA  
Esta importante peça, uma das de maior successo do celebre auctor da *Volta do Mundo*, *Duas Orphãs* e *Martyr*, sóbe á scena pela primeira vez n'esta corte, com a distribuição exigida pelo auctor e com a mise-en-scène no rigor.  
Os bilhetes acham-se á venda na casa de F. Castellões e na bilheteria do theatro.  
**Preços os do costume. Comença ás 8 horas.**  
**AVISO.**— Devendo a companhia partir para S. Paulo, no dia 17 do corrente, fará a sua despedida ao publico fluminense com a importante peça *Uma causa celebre*, cujo successo no theatro Ambigu de Pariz foi colossal, attingindo a mais de 600 representações consecutivas (vide *Année Theatrale*) e toda a imprensa franceza e italiana considerou-a uma das mais importantes composições do popular auctor A. D'Ennery.

*Gazeta de Noticias* (anno XII, n. 316, Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1886, p. 6).

**THEATRO SANT'ANNA**  
EMPRESA DO ARTISTA HELLER  
**HOJE**  
Quinta-feira 18 de Novembro  
**ALTA NOVIDADE**  
1ª representação da celebre opera-comica fantastica em 3 actos divididos em 8 quadros, do illustre dramaturgo italiano Ricoveda, traducção livre de Arthur Azevedo, e musica do distincto maestro Rotoli  
**BEFANA**  
TOMA PARTE TODA A COMPANHIA  
Scenarios, vestuarios, adereços, marchas, machinismos, etc. Tudo novo e esplendido  
MISE-EN-SCÈNE DO ARTISTA HELLER  
AS 8 1/2 HORA

*O Paiz* (anno III, n. 320, Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1886, p. 4).

**THEATRO APOLLO**

---

**Sociedade Emprezararia GARRIDO & C.**

**HOJE** Terça-feira 2 de agosto **HOJE**

1.<sup>a</sup> representação da espirituosa opereta em 3 actos, de Antony Mado e Maurice Desvallieres, traducção de ARTHUR AZEVEDO, musica de GASTON SERPETTE.

# A TELEPHONISTA

---

**PERSONAGENS**

Pichard, camponez, sr. Machado; Sigismundo, sr. Corrêa; Pontares, inspector geral dos telephones, sr. Bahia; William Blackson, sr. H. Machado; Augusto, sr. Zeferino; Emilio, sr. Pedro Nunes; Sterling, sr. Mendes Braga; Esmeralda, telephonista, d. Aurelia Delorme; Olympia, cocotte, d. Maria Manarzi; mme. Pichard, d. Isabel Porto; mme. Mozambique, d. Clelia; Rosalina, telephonista, d. Julia de Castro; Alina, idem, d. Adelaide; Palmira, idem, d. A. Leopoldina; Clarinda, idem, d. Palmira.

**Telephonistas, convidados, criados**

A scena passa-se em Paris, na actualidade; o 1.<sup>o</sup> acto em uma estação telephonica (scena caracteristica), o 2.<sup>o</sup> em casa de Olympia e o 3.<sup>o</sup> em casa de Blackson, durante um baile à phantasia.

Mise-en-scène do theatro Nouveautés, de Paris, caprichosamente reproduzida pelo actor MACHADO.

A musica é instrumentada pelo proprio autor da partitura, o celebre compositor pariziense Gaston Serpette, e está cuidadosamente ensaiada pelo maestro Adolpho Linder, regente da orchestra d'este theatro.

**Scenarios, vestuarios e adereços novos**

A Telephonista, representada em Paris, sob o título — La demoiselle du Téléphone, causou alli grande enthusiasmo e deu trezantiduas representações consecutivas. Em Lisboa e em outras capitães europæas aguçada também em extraordinariamente. A peça é inédita; a empresa d'esto theatro pagou uma cópia aos autores. As encenações de bilhetes são são recomendas por meio-dia.

*Diario de Noticias* (anno IX, n. 2577, Rio de Janeiro, 2 de Agosto de 1892, p. 4).

**THEATRO RECREIO**

Companhia BRANDÃO — Empreza BRANDÃO & GUIMARÃES  
Maestro regente e ensaiador LUIZ MOREIRA

**HOJE 1.<sup>a</sup> REPRESENTAÇÃO HOJE**

da peça burlesca em 3 actos, traducção de Arthur Azevedo e Orlando Teixeira, musica de Louis Grech

---

# HERDEIRO DO THRONO

**Personagens.**—El-Rei Patarata XXXVI, Machado; Conde da Melgueira, ministro do interior, Pinto; Barão da Patota, ministro do exterior, Portugal; Príncipe Ludovico, H. Lima; Príncipe Agenor, Alberto Pires; Princesa Sophia, Augusta Massart; Baroneza da Patota, Balbina Mata; Ernestina, dama de honor, Julia Oliva, 1.<sup>o</sup> fidalgo, Oliveira, 2.<sup>o</sup> fidalgo, Baptista; Porteiro, Ribeiro; Senhores e damas da corte, membros do congresso, servas, etc., etc.

A acção passa-se n'um paiz imaginario Pataratopolis—25 numeros de musica.

Luxuoso guarda-roupa, confeccionado no atelier do theatro, sob a direcção da contra-mestre Josephina Bronda. Scenarios do distincto scenographo Carrancini. Adereços de Joaquim Costa; calçado das officinas do acreditado artista Pereira.

Mise-en-scène do 1.<sup>o</sup> actor comico MACHADO

Amanhã—2.<sup>a</sup> representação do **HERDEIRO DO THRONO**

*Gazeta de Noticias* (anno XXIV, n. 180, Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1898, p. 4).

Rua da Ajuda n. 59 THEATRO PHENIX DRAMATICA Rua da Ajuda n. 59

**EMPRESA MATTOS & LEVRERO**

**HOJE TERÇA-FEIRA 16 DE DEZEMBRO DE 1890 HOJE**

**NOVIDADE THEATRAL!!**

PRIMEIRA representação da opera comica em 3 actos, traducção livre do distincto escriptor brasileiro A. AZEVEDO, libreto dos fecundos comedigraphos francezes W. BUSNACH e A. VANLOO, musica do popular maestro EDMUNDO AUDRAN, autor da MASCOTTE e GALLO DE OURO

Estréa do distincto artista CAR OLYMPIA FIORAVANSO

PERSONAGENS -- Basquina (muller de La Hurlubiere), Karp; André Rouxinol (saltim Boisileury (tenente do musaris), (secretario do ministro da policia) aprendiz); Colás; o marquez do mar de Vieux-Pignon (seu ao de Saint Esteph (amigo de Adie (secretario de La Hurlubiere), Barros; Lust (agente de policia), como; o embaixador dos Paizes Ayres; Toinet, Marieta, um offi Cesar; 1º cabo, Carlos; 2º dito, xador, viajantes, soldados, sal licia, convidados, etc., etc.

VALHO LISBOA e das actrizes e ANNA LEOPOLDINA

Iher de André), A. Lopicolo; Es- Blanco Grau; mme. Benoit, banco), C. Lisboa; Heitor de E. Oyanguren; La Hurlubiere Mattos; Muscade (saltimbancos Vieux-Pignon, Teixeira; Alcebrinho), O. Fioravanso; Gontran mar), A. Leopoldina; Godofredo Phebo; o general Matocowski, Campos; o chanceller-mór, Ja-Baixos, Felipe; um reposteiro, cial, Emvadio; uma sentinella, Emito. Quatro filhas do embalimbancos, povo, agentes de pã-GRANDE CORPO DE COROS

A ACÇÃO PASSA-SE EM PARIS, DURANTE O PRIMEIRO IMPERIO.

DESCRIPÇÃO DOS ACTOS -- 1º O Delphin de prata -- 2º O homem da capa parda -- 3º O marquez de Cham-pignon. DESCRIPÇÃO DOS SCENARIOS -- 1º Pateo da estalagem do Delphin de prata -- 2º A praça da Bastilha -- 3º Palacio da intencencia da policia.

Musica caprichosamente ensalada pelos distinctos professores Capitani e Gravénstein. Guarda-roupa todo novo rigorosamente feito, segundo os figurinos da época sob a direcção das sras. d. Maria Lima e d. Candida Bastos. Scenarios feitos expressamente pelos distinctos scenographos Carrancini, Frederico do Barros e O. Camões. Adereços todos novos, sob a direcção do conhecido aderecista Domingos Costa. Trabalhos de carpinteiro pelo machinista do theatro Antonio da Cunha Junior. Direcção da contra regra, Frederico Aroeira. Chama-se a attenção do publico para o deslumbrante effeito da scena final do segundo acto, onde os saltimbancos em suas barracas, executam varios tra-balhos. Animação geral.

MISE-EN-SCENE DO ACTOR MATTOS.

PREÇOS E HORAS DO COSTUME.

Diario de Noticias (anno VIII, n. 1997, Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 1890, p. 4).

THEATRO PHENIX DRAMATICA

Empresa MATTOS & LEVRERO --- Companhia de opera-comica e opereta

**GRANDE NOVIDADE THEATRAL**

**HOJE Terça-feira 21 de julho de 1891 HOJE**

Deslumbrante successo parisiense -- Festa artistica do professor JOSE' LEVRERO

Primeira representação da opera-comica phantastica (primeira neste genero) em 3 actos e 5 quadros, original de H. MEILLAC, PH. GILLE e H. FARNIE musica do festejado maestro ROBERTO PLANQUETTE (Autor do SURCOUF), traduzida cuidadosamente pelo popular comedigrapho brasileiro ARTHUR AZEVEDO para esta empresa

**RIP**

**ESTRÉA** nesta capital a distincta actriz cantora **Blanche Barbe**, que ultimamente acaba de chegar da Europa onde fez um grande successo nos theatros de Lisboa e Porto. Estréa tambem da sympathica actriz caracteristica **Isabel Porto**.

**Personagens do 1º e 2º acto.** -- Rip, sr. E. Oyanguren; Derrick, sr. Mattos; Ischabod, sr. Colás; Nick, (pae), Lisboa; Hudson, Tirelli; Pickly (tenente inglez), Campos; Tom (camponez), Felipe; Kate, mme. Blanche Grau; Nelly, mme. Blanche Barbe; Jacintha, mme. Isabel Porto; Jack, (filho de Derrick), menina Elvira; Lowena, (filha de Rip), menina Julia.

**Personagens do 3º acto.** -- Rip, sr. E. Oyanguren; Derrick, sr. Mattos; Ischabod, sr. Colás; Nick, (filho), sr. Lisboa; Jack, sr. Tirelli; Kate, mme. Blanche Grau; Lowena, mme. Blanche Barbe; Jacintha, mme. Isabel Porto; Um correio, mme. Conchita.

Grande corpo de coros de ambos os sexos, camponezes e emponezas, soldados inglezes, grandeiros de Jorge III, phantasmas, eleitores, etc.

**Titulos dos quadros.** -- I. O odio do burgo-mestre. II. O thesouro escondido. III. As almes do outro mundo. IV. Vinte annos depois.

**Descrição dos scenarios.** -- Acto 1º -- 1º quadro -- uma praça na aldeia de Kaaskill; ao fundo, floresta; ponta praticavel. Scena de grande effeito, pintada pelo insigne scenographo Carrancini. Acto 2º -- 2º quadro -- Valle sombrio, floresta de grande effeito, pintada pelo distincto scenographo O. Camões. 3º quadro -- Uma garganta nas montanhas de Kaaskill; penhascos gigantescos com apparencia de figuras humanas; ballados; appareção do capitão Hendrik Hudson. Chama-se a attenção do publico para esta scena que é deslumbrante e illuminada a luz electrica, fornecida pela Companhia Brazileira de Electricidade; trabalho feito a capricho pelo applaudido scenographo O. Camões. Acto 3º -- 4º quadro -- A mesma praça do primeiro acto, mas vinte annos depois. A aldeia, que era então modesta, tem agora uma apparencia sumptuosa. Scena magistralmente pintada pelo festejado scenographo Carrancini. Toda a musica desta opera foi ensaiada pelos distinctos professores CAPITANI (regente da orchestra) e L. GRA VENSTEIN (ensaiador dos coros).

A instrumentação d'esta grande partitura de Planquette foi feita pelo conceituado professor RONCHINI.

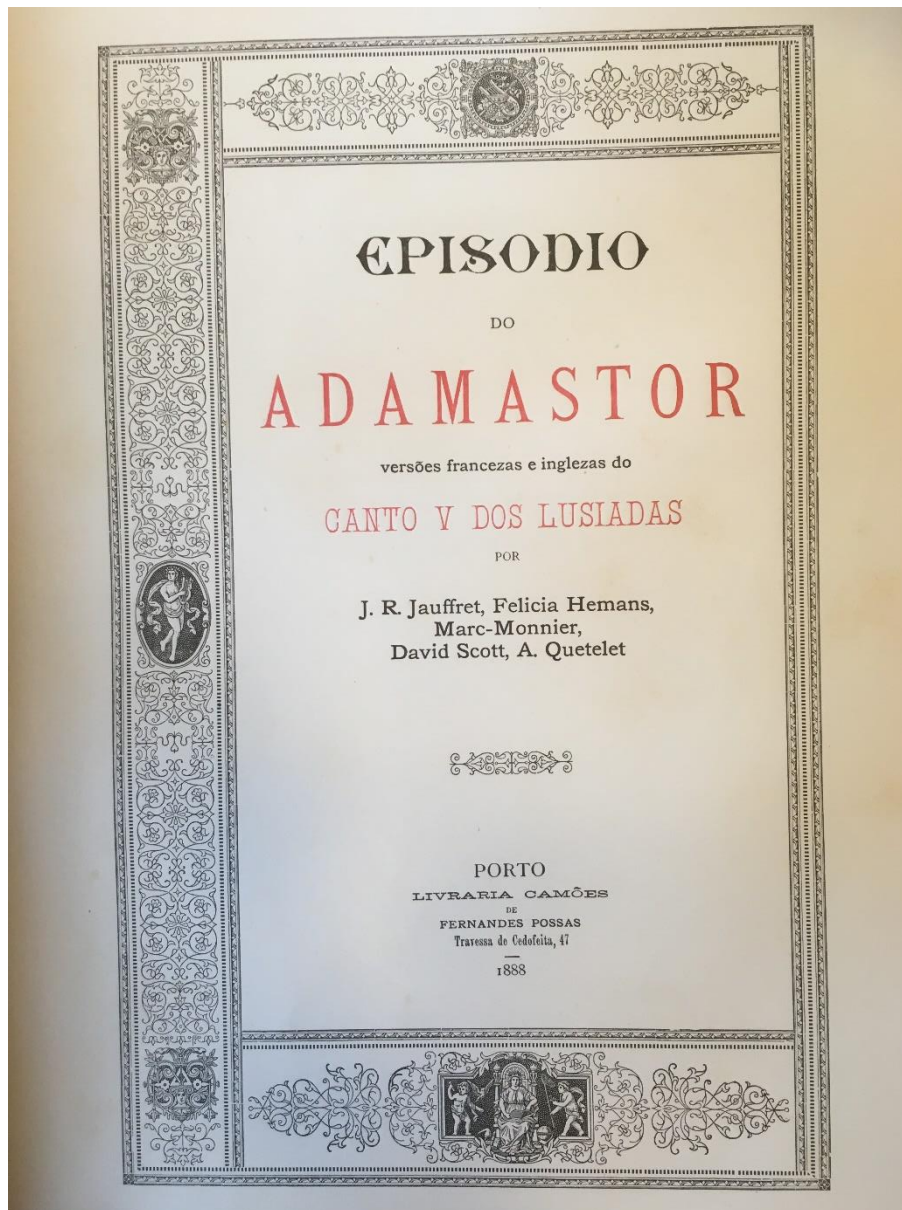
Os vestuarios são feitos, pelos figurinos vindos de Paris, nas offeinas deste theatro, sob a direcção da mestra guarda-roupa d. Zulmira Monteiro e do sr. João Frederico. Adereços todos novos e a capricho, dos aderecistas deste theatro sr. Frederico Aroeira e Vicente J. de Faria. Machinismos pelos srs. A. da Cunha Junior e João Marques Pinio, (machinistas d'este theatro). Cabelleiras do cabellereiro de theatros João Lima Campos. Esta peça foi ensaiada pelo actor **MATTOS**, que se enqio rigorosamente a toda a *mise-en-scène* com que foi representada em Paris e em Londres mais de oitocentas vezes.

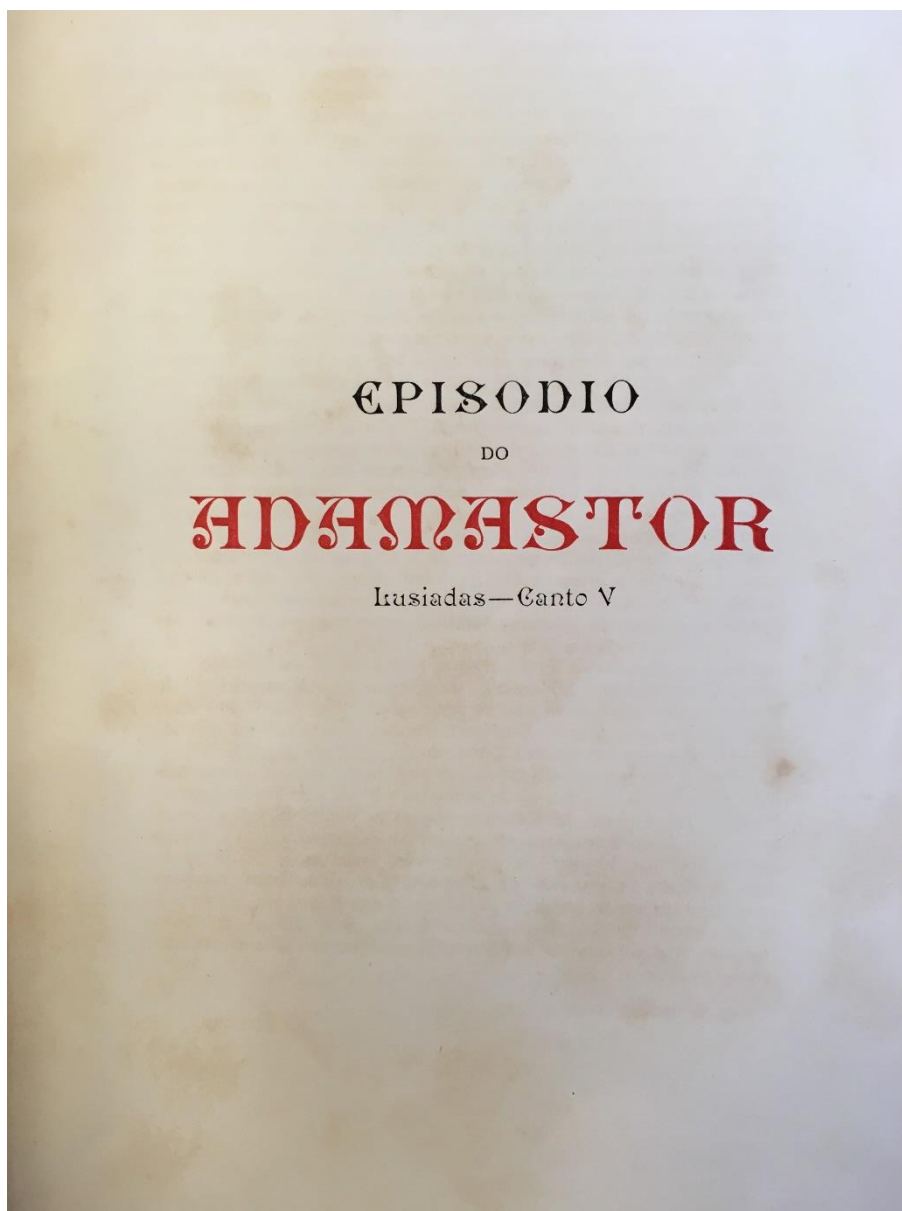
A acção passa-se na America do Norte, em Kaaskill, pequena aldeia à margem do rio Hudson, em 1769; o 3º acto vinte annos depois. A empresa participa ao respeitavel publico que não se poupou a despezas para montar esta opera-comica com todo o luxo e esplendor exigidos pelos autores.

**PREÇOS: CAMAROTES 30\$000, CADEIRAS E GALERIAS 4\$000. GERAES 1\$000**

Diario de Noticias (anno VIII, n. 2204, Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1891, p. 6).

ANEXO 11: *Florilegio Camoniano* (1888, Vol. IV) – Frontispício, abertura, «Advertencia» e «Episodio de Adamastor», por José Ricardo Jauffret (pp. 15-21).







## ADVERTENCIA



«Florilegio Camoneano», que hoje completa um anno de existencia, mais uma vez commemora o anniversario glorioso, em que o consenso geral da admiracão e do enthusiasmo vingou nobremente a obscura morte do vidente augusto dos *Lusidas*, em uma consagração unica, entre as grandes consagrações da humanidade.

Invocando essa data celebre nos annaes da historia patria, o «Florilegio» celebra-a respeitosa e reproduzindo em suas paginas cinco preciosas especies camonianas, cinco verdadeiros padrones levantados na Inglaterra, na França e no Brazil á gloria eterna do maior poeta dos modernos tempos.

As traducções de Jauffret, (1) Felicia Hemans, (2) Marc-Monnier, (3) David Scott (4) e A. Quetelet (5) que constituem o

(1) Parnaso Maranhense || collecção de poesias. || á venda: || Na Typ. do Progresso, r. de Sanct'Anna, 49. || preço: 2,000. || pag. 148 a 154.

(2) The Sceptic. || A Tale of the Secret Tribunal. || the siege of Valencia. || and other poems. || by Felicia Hemans || William Blackwood & Sons, Edinburgh; || and Thomas Cadell, London. || MDCCXXL. || pag. 123 a 126.

(3) Bibliothèque || Universelle || et || revuë suisse || 90.<sup>me</sup> année — troisième période || tome XXVI || Lausanne || Bureaux de la bibliothèque universelle, || chez Georges Bridel, place de la Louve || Paris || chez Firmin-Didot & C.<sup>ie</sup> 56, rue Jacob || Londres || chez Edw. Stanford, 55 Charing Cross, S. W. || Bale et Leipzig: H. Georg, Libraire || 1885 || tous droits réservés. || pag. 20 a 22.

(4) Memoir || of || David Scott, R. S. A. || containing || his Journal in Italy, Notes on art || and other papers: || with seven illustrations. || By William B. Scott. || Adam & Charles Black, Edinburch || MDCCCL. || pag. 266.

(5) Études et Leçons || françaises || de Littérature || et de Morale, || ou Recueil, en prose et en vers, des plus beaux Morceaux de notre Langue || dans la Littérature des 17.<sup>es</sup>, 18.<sup>es</sup> et 19.<sup>es</sup> siècles; ouvrage classique à l'usage || de tous les Établissements d'instruction, de l'un et de l'autre sexe; || par M. M. Noël et De La Place, || augmenté du Muséum Littéraire || de M. Le Brun de Cliracettes; || d'un || Supplément de pièces composées en Belgique || par des auteurs nationaux || et de nombre de morceaux qui n'ont paru dans aucun recueil. || (Lectorem delectando. pariterque morierido. || Hor. Art. poet.) || Tome Quatrième. || — || Gand, || à la Librairie d'éducation || de G. de Busscher et Fils || 1822. || 4 vol. gr. in 8.<sup>o</sup>

No 4.<sup>o</sup> volume, depois da pag. 889, está o *Supplemento* e n'este a pag. 20 a 22 encontra-se o episodio dos *Lusidas* canto V. est. 37 e seguintes (em versão franceza de A. Quetelet).

## VIII

presente volume, adicionamos a primorosa composição de David Scott, cujo assumpto deriva d'esse mesmo canto V, transplantado no todo ou em parte por tão magistraes traductores, como são os que indicamos, para os seus idiomas respectivos.

Dois insignes colleccionadores camonianistas, tão insignes que um em Lisboa, outro no Porto, não teem quem os exceda em methodo de colleccionação e em valores adquiridos, vieram em nosso auxilio, fornecendo-nos a materia prima do presente numero do «Florilegio». Gravar-lhes-emos os nomes respeitaveis, em testemunho da nossa muita gratidão. São os srs. drs. A. A. de Carvalho Monteiro e José Carlos Lopes. O primeiro obsequiou-nos com uma copia, tirada em todo o rigor bibliographico, da versão de Quetelet, encarregando-se da revisão e comprovação typographica, e o segundo facultou-nos tambem generosamente os volumes da sua collecção, que vão descriptos em notas 1 a 4. O sr. dr. Monteiro quiz ainda provar-nos a sua bondade, completando a noticia, que summariamente offereceramos aos leitores, em o numero anterior do «Florilegio», ácerca do volume de Perrodil, noticia que todavia é mais desenvolvida que a da Bibliographia Camoniana da exposição do Palacio de Christal. Para fecharmos estas linhas com verdadeira chave de oiro, damos a palavra ao illustre camonianista:

«A respeito da edição dos *Études épiques et dramatiques* &, cujo titulo vem indicado na nota (1) da pag. VII, e no qual se notam alguns lapsos de pontuação e de orthographia, devo dizer que não é de 1836 a primeira edição, como parece deduzir-se do que se diz na introducção d'este 3.º vol. do «Florilegio»; para o titulo exacto e a data da primeira edição é como segue a transcripção, feita sobre o exemplar que possuo: — *Études || épiques et dramatiques, || ou || nouvelle traduction en vers || des chants les plus célèbres || des poèmes d'Homère, de Virgile, || du Camoens et du Tasse, || avec texte en regard et des notes ||*. Par Victor de Perrodil. || Exemplaria græca || Nocturna versate manu, versate diurna. || — B. Cormon et Blanc, Libraires, || <sup>A Paris</sup> rue Maratino, 70 | <sup>A Lyon</sup> rue Roger, 1 || 1835. || in-8.º de 2 fol. innum. — VIII — 407 pag. numeradas e uma de indice innumerada; no verso do ante-rosto lê-se, a meio da pagina: Paris. — Imprimerie de Casimir, rue de la Vieille-Monnaie, 12, || entre la rue des Lombards et la place du Châtelet. ||; e no fim do indice, Paris. — Imprimerie de Casimir, || rue de la Vieille-Monnaie, N.º 12 ||. Os versos de *Horacio*, que acima ficam, tambem se encontram no frontispicio de 1836, o que faltou indicar na nota (1) citada. O Dr. Saldanha da Gama, nos *Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, em o n.º 85, tambem não falla d'esta edição de 1835.»

10 de Junho de 1888.

O EDITOR.

EPISODE  
D'ADAMASTOR

DES

Ituziades du Camões

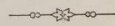
TRADUCTION PAR J. R. JAUFFRET



## EPISODE D'ADAMASTOR

(DES LUZIADES DU CAMÕES)

Traduction par J. R. JAUFFREZ



**N**OUS quittons à jamais ce rivage perfide ;  
Un vent propice et frais nous emporte et nous guide  
Sur ces flots de nul autre, avant nous, entr'ouverts,  
Lors qu'un soir, en veillant, nous vimes dans les airs  
Un nuage aux flancs noirs, présage des tempêtes,  
Se former, s'élever et croître sur nos têtes.  
Bientôt sur tout le ciel régne une affreuse nuit :  
Chacun en fut glacé ; — au loin grondait le bruit  
Des vagues en fureur, dont l'impuissante rage  
Paraissait se briser sur un lointain rivage.  
« Grand Dieu ! je m'écriai, sur ces bords inconnus,  
De quels nouveaux dangers, de quels maux imprévus  
Nous menace aujourd'hui ta volonté suprême ?  
Je crains plus que l'horreur de la tempête même ! »

Á ces mots, dans les airs, d'une immense géant  
 Parut, á nos regards, le corps vaste et puissant :  
 Monstre énorme et hideux, dont l'attitude affreuse  
 Et la barbe en désordre et la pâleur terreuse  
 Ajoutaient á l'horreur de ses yeux courroucés.  
 Sur sa tête poudreuse on voit des crins dressés,  
 De jaunes dents grinçaient dans sa bouche effroyable ;  
 Il portait jusqu'aux cieux sa tête redoutable,  
 Tel á Rhode autrefois le colosse orgueilleux  
 Etonna les humains de son port merveilleux.  
 Couvrant le bruit des flots, sa voix résonne et gronde,  
 On dirait un écho sorti du sein de l'onde.  
 Nous, la terreur dans l'âme, á son horrible aspect,  
 Tremblants, nous écoutions sa voix et notre arret.  
 « Portugais, nous dit-il, dont la valeur surpasse  
 Des plus grands des héros le genie et l'audace ;  
 Vous, que la guerre en feu, et de si grands combats,  
 N'ont suffi pour dompter et ne rebutent pas ;  
 Peuple avide de gloire, infatigable, ardent  
 C'en est trop ; aujourd'hui votre orgueil insolent  
 Ose franchir des mers les bornes defendues,  
 — Ces mers que je gardais, jusqu'a vous, inconnues !  
 Et bravant les dangers, vient surprendre en ces lieux  
 Du liquide élément les secrets merveilleux,  
 Aux plus grands des mortels voilés par la nature ;  
 Tremblez ! le sort un jour vengera mon injure !  
 Déjá, dans l'avenir, je vois couler le sang.  
 La conquête á ce prix dans l'Inde vous attend ;  
 Et surtout sur les mers, pour punir tant d'audace,  
 Apprenez de quels maux le destin vous menace.

Les fiers aventuriers, qui viendront comme vous,  
 Défier de ces mers le terrible courroux,  
 Entendront en ce lieu, noir séjour des tempêtes,  
 Tonner les aquilons déchainés sur leurs têtes,  
 Et malheur au premier, dont l'intrepide ardeur  
 Exposera sa flotte aux traits de ma fureur,  
 Soudain le châtimeut suivra de près l'offense,  
 C'est ainsi que d'un Dieu éclate la vengeance !  
 Vous expierez un jour, j'en atteste les cieux,  
 De m'avoir découvert le crime audacieux ;  
 Que dis-je ! exterminés, tous les ans, sur ma plage,  
 Vos vaisseaux trouveront la mort et le naufrage ;  
 Les plus heureux de vous, tet est l'arrêt du sort,  
 N'auront d'autre salut que la cruelle mort !  
 Envain l'illustre nom d'un fils de la victoire  
 Portera jusqu'aux cieux ses exploits et sa gloire  
 En vain du Turc féroce, heureux triomphateur,  
 Il aura ceint son front des lauriers du vainqueur ;  
 Tant d'orgueil (d'un Dieu juste insondable mystère !)  
 Trouvera sur mon sol un tombeau solitaire.  
 Déjà je vois Mombace á ses maux applaudir,  
 Et Quiloa ruinée sourit á l'avenir.  
 D'un autre infortuné dirais-je aussi l'histoire ?  
 Noble cœur, passioné par l'amour et la gloire,  
 Il m'aborde ; il emmène en ce triste sejour  
 L'amante, á ses desirs accordée par l'amour.  
 Malheureux ! du destin le courroux les entraîne  
 Sur ma grève sauvage et les livre á ma haine ;  
 Echappés au naufrage, hélas ! pour le malheur,  
 Après mille tourments, ils mourront de douleur.

Leurs enfants, de l'amour tendre et précieuse gage,  
 Mourront de faim près d'eux ; et le Cafre sauvage  
 De la beauté en pleurs, profanant les appas,  
 Osera dépouiller ses membres délicats :  
 Au froid, au feu du ciel exposée sans défense  
 La jeune et belle amante, indigne de souffrance,  
 Viendra de mes deserts, pour comble de tourment,  
 De ses pieds délicats fouler le sable ardent.  
 Bien plus, — ceux dont le sort pour surcroît de supplice  
 Peut-être épargnera les jours dans son caprice,  
 Ne vivront que pour voir le couple infortuné  
 Dans le bois triste et sombre, errant abandonné,  
 Parmi de durs rochers que ses pleurs attendrissent ;  
 Là, les échos déserts de leurs cris retentissent !  
 Enfin par la douleur consumés lentement  
 Dans les bras l'un de l'autre ils meurent en s'aimant. »  
 Ainsi de nos destins le monstre épouvantable  
 Déroulait à nos yeux le tableau déplorable :  
 « Geant ! dont m'a surpris l'affreux et vaste corps,  
 Qui es-tu ? » m'écriai-je en m'élevant ; — alors  
 Roulant de sombres yeux qu'enflammait la colère,  
 Le monstre, au souvenir poignant de sa misère,  
 Fit retentir les cieux d'un cri terrible et fort,  
 Puis d'une faible voix qu'il traîne avec effort ;  
 « Je suis, dit-il enfin, ce grand cap dont le monde  
 Ignore jusqu'à vous la retraite profonde :  
 Des tempêtes le nom par vous me fut donné ;  
 Jamais Pline, Strabon, Mella n'ont soupçonné  
 Mon promontoire altier qui vers le sud avance,  
 L'Afrique ici termine, ici la mer commence,

Là le Pole aux mortels cachait son froid séjour,  
 Qu'ose affronter ainsi votre audace en ce jour.  
 Je fus un des Géants durs enfants de la Terre;  
 Nommé Adamastor je pris part à la guerre  
 Livrée par eux jadis au souverain des Dieux,  
 Qui tient la foudre en main; et tandis que des cieus  
 Egée, le Centimane, et le fier Encelade,  
 Entassant mont sur mont préparaient l'escalade,  
 Moi seul, au loin, rêvant la conquête des mers,  
 Et du vaste Océan parcourant les déserts,  
 Du maître du Trident je poursuivais la trace;  
 L'amour seul m'inspirait ce dessein plein d'audace!  
 Je t'aimais, oh! Thetys! pour toi, reine des eaux,  
 Je dédaignai du ciel les attraits les plus beaux:  
 Au milieu de ses sœurs, un jour sa blanche image  
 Toute nue à mes yeux apparut sur la plage,  
 Soudain j'en fus épris, — un desir dévorant  
 S'alluma dans mon cœur et brule encor mon sang.  
 Cependant de mon corps l'effroyable présence  
 De lui plaire à jamais m'enlevait l'esperance.  
 Dés lors de la ravir méditant le projet  
 A Doris alarmée je contai mon secret.  
 Doris l'en instruisit; mais, hélas! la cruelle  
 Sourit en l'ecoutant, à la fois noble et belle  
 Puis repondit: «Eh! quoi! l'amour le plus ardent  
 D'une Nymphé est-il fait pour celui d'un geant!  
 Pourtant le danger presse et la guerre s'apprête,  
 S'il le faut, je saurai conjurer la tempête  
 Au prix de mon honneur.» Je reçus promptement  
 Ce message imposteur, et j'y crus aisement;

Un cœur épris croit tant ; et la douce espérance  
 De mon bonheur futur m'enivra par avance  
 Dès lors j'oubliai tout, la gloire et les combats...  
 Le jour promis, Téthys aux celestes appas  
 Seule au soir m'apparut au rendez-vous fidele.  
 De loin, les bras ouverts, je m'elancai vers elle,  
 Brûlant de posséder au gré de mes transports  
 Et l'espoir de ma vie et l'âme de mon corps.  
 Dejà ma bouche en feu dévorait son visage,  
 Ses yeux, sa chevelure... Oh ! desespoir ! oh ! rage !  
 Oh ! souvenir affreux ! Au comble du bonheur  
 Je croyais d'embrasser l'object cher à mon cœur,  
 Tout-à-coup je n'ai plus trouvé sur ma poitrine  
 Qu'un grand mont couronné par la ronce et l'épine,  
 De buissons hérissé ; — dans mon aveuglement  
 Je ne pressais, oh ciel ! sur mon sein palpitant  
 Qu'un âpre et dur rocher ; — devant lui face à face  
 Confus, anéanti je restai sur la place,  
 De rage et de douleur frémissant à la fois.  
 Comme un roc près d'un autre immobile et sans voix.  
 Oh ! toi de l'Océan la Nympe la plus belle,  
 Si ton cœur me vouait une haine éternelle,  
 Que ne me lassais-tu ma douce illusion ?  
 Ne fut-ce, hélas ! qu'un rêve, un mensonge, un vain nom !  
 La rage dans le cœur, honteux, hors de moi-même  
 Loin de ces tristes lieux, dans ma douleur extrême,  
 Je cherchai d'autres bords, où de mon deshonneur  
 Je fus cacher la honte et pleurer mon malheur.  
 Il était temps ; — déjà la colère céleste  
 De mes frères vaincus avait dompté le reste ;

Quelques'uns sous des monts gémissaient enterrés ;  
Le ciel était vainqueur, et les Dieux rassurés ;  
Et moi, pleurant, trop tard, mon aveugle impuissance,  
Las de tant de regrets, de ma vaine insolence,  
Je reçus, á la fin, le digne chatiment.  
Ma chair se change en terre, et durcit lentement,  
En rochers escarpés mes os se convertirent,  
Au loin, couvrant les mers, mes membres s'étendirent,  
Enfin ma vaste masse et mon corps monstrueux  
Furent en ce grand cap transformés par les Dieux ;  
Et pour comble de maux, de celle que j'adore  
Sans cesse autour de moi, le flot murmure encore ! »  
Il dit ; — puis tout-à-coup disparut dans les flots ;  
Au loin grondaient encor ses horribles sanglots ;  
La mer en rugissant y répond avec rage,  
Et le ciel éclairci chassa l'épais nuage.  
« Dieu puissant ! m'écriai-je au ciel levant les mains,  
Toi qui nous conduisis en ces climats lointains,  
De tant d'affreux malheurs, achevant ton ouvrage,  
Détourne loin de nous le funeste présage. »

